HASTINGS CHARLES DENT

UM ANO NO BRASIL

COM NOTAS SOBRE

A ABOLIÇÃO DA ESCRAVIDÃO, AS FINANÇAS

DO IMPÉRIO, A RELIGIÃO,

A METEREOLOGIA, A HISTÓRIA NATURAL

ETC.

Coleção MINEIRIANA
Série Clássicos

AS ESTAÇÕES DAS ESTRADAS DE FERRO

DAS

Provincias de S. Paulo, Rio de Janeiro

e Minas.

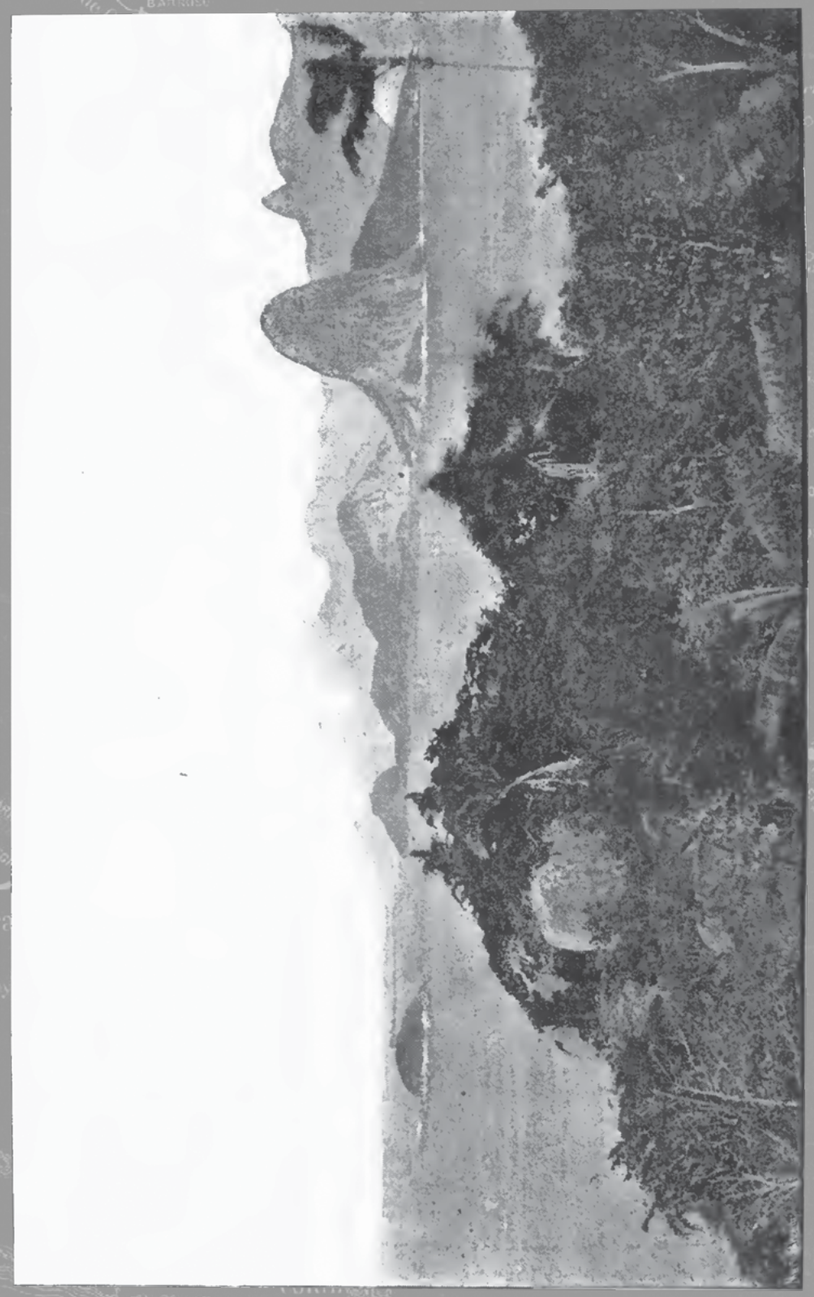
BIBLIOTECA NACIONAL Rio de Janeiro
2,1320,09 AA
1359

1880

Escala de 1:1000000.

INDICAÇÕES — *Bitola larga* — *Bitola estreita*

Estradas de Ferro da Provincia de S. Paulo
Dº Dº Rio de Janeiro e Minas
Distancia de São Paulo a Corte pela Estrada de Ferro 497
Dº Dº Santos Dº 90



Entrada da baía do Rio de Janeiro

GOVERNO DO ESTADO DE MINAS GERAIS

GOVERNADOR

Romeu Zema Neto

VICE-GOVERNADOR

Mateus Simões

SECRETÁRIA DE ESTADO DE PLANEJAMENTO E GESTÃO

Silvia Caroline Listgarten Dias

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO

Presidente

Luciana Lopes Nominato Braga

Vice-Presidente

Mônica Moreira Esteves Bernardi

DIRETORIA DE POLÍTICAS PÚBLICAS

Diretor

Mauro César da Silveira

COORDENAÇÃO DE PESQUISA EM POLÍTICAS PÚBLICAS

Luís Felipe Zilli

PROGRAMA DE PESQUISA HISTÓRICA E EDIÇÃO COLEÇÃO MINEIRIANA

Maria Marta Araújo (Coordenadora)

Renato Somberg Pfeffer

Coleção MINEIRIANA
Série Clássicos

Hastings Charles Dent

Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira

Um ano no Brasil

COM NOTAS SOBRE

A ABOLIÇÃO DA ESCRAVIDÃO, AS FINANÇAS

DO Império, A RELIGIÃO,

A METEREOLOGIA, A HISTÓRIA NATURAL

ETC.

1ª Edição
Belo Horizonte
2025

© 2025 Fundação João Pinheiro. Diretoria de Políticas Públicas.

É permitida a reprodução do conteúdo deste livro para fins didáticos e não comerciais desde que citada a fonte.

Título original: *A year in Brazil: with notes on the abolition of slavery, the finances of the empire, religion, meteorology, natural history, etc.*

Publicação original: 1886.

Fundação João Pinheiro

Alameda das Acácias, 70 – São Luiz

31.275-150 – Belo Horizonte/MG

Telefone: (31) 3448-9701

Home *page*: http://www.fjp.mg.gov.br

D414a Dent, Hastings Charles
Um ano no Brasil : com notas sobre a abolição da escravidão, as finanças do Império, a religião, a meteorologia, a história natural etc. / Hastings Charles Dent; traduzido por Solange Ribeiro de Oliveira. – Belo Horizonte: FJP, 2025.

496 p. (Coleção Mineiriana).
ISBN (versão impressa) 978-65-88757-27-7
ISBN (versão digital) 978-65-88757-26-0

1. Descrição de viagens – Brasil. I. Oliveira, Solange Ribeiro de. II. Título. III. Série.

CDU 910.4 (81)

Ficha catalográfica elaborada por Ana Paula da Silva CRB-6 / 2390

EQUIPE TÉCNICA

Coordenação Editorial
Maria Marta Araújo

Tradução
Solange Ribeiro de Oliveira

Revisão da Tradução e Redação de Notas
Friedrich Ewald Renger
Maria Marta Araújo

Estudos Introdutórios
Friedrich Ewald Renger
Maria Marta Araújo

Núcleo de Pesquisa Histórica
Maria Marta Araújo
Nathálya Aparecida Ferreira

Núcleo de Revisão
Isabella de Oliveira Andrade Guedes
Lobélia Hadassa Rodrigues Comini de Carvalho

Coordenação de Editoração
Ana Paula da Silva
Ariane Machado
Graziella Napoli Terra Caldeira
Marielle Ferreira Durães
Mariza Gabriela de Lacerda

Apoio Técnico e Administrativo
Gislene Aparecida de Andrade Cruz
Maria Helena de Miranda
Felipe Rozinholi Barros

Pesquisa iconográfica, Londres, Inglaterra
Cátia Araújo Morrall

Design Gráfico e Diagramação
Nemer Fornaciari Ltda.

A YEAR IN BRAZIL

WITH NOTES ON THE

ABOLITION OF SLAVERY, THE FINANCES OF THE EMPIRE, RELIGION, METEOROLOGY, NATURAL HISTORY,

ETC.

BY

HASTINGS CHARLES DENT

C.E., F.L.S., F.R.G.S.

MEMBER OF THE MANCHESTER LITERARY AND PHILOSOPHICAL SOCIETY

MEMBER OF THE VICTORIA INSTITUTE, ETC.

WITH TEN FULL-PAGE ILLUSTRATIONS AND TWO MAPS

TRADUÇÃO DE SOLANGE RIBEIRO DE OLIVEIRA

ENSAIOS INTRODUTÓRIOS DE FRIEDRICH E. RENGER E MARIA MARTA ARAÚJO

BELO HORIZONTE, 2025

Coleção MINEIRIANA
Série Clássicos

Coleção MINEIRIANA
Série Clássicos

CONSELHO EDITORIAL

Luciana Lopes Nominato (Presidente da Fundação João Pinheiro)

Mauro César da Silveira (Diretor de Políticas Públicas da Fundação João Pinheiro)

Carlos Alberto Arruda de Oliveira (Presidente da Fapemig)

Amílcar Vianna Martins Filho

Angelo Oswaldo de Araújo Santos

Bernardo Novais da Mata Machado

Caio César Boschi

Carlos Antônio Leite Brandão

Eleonora Santa Rosa

Eliana Regina de Freitas Dutra

Jacyntho José Lins Brandão

João Antônio de Paula

João Paulo Cunha

Lucília de Almeida Neves

Maria do Carmo Andrade Gomes

Maria Marta Martins Araújo

Renato Pinto Venâncio

Roberto Borges Martins

Roberto do Nascimento Rodrigues

Apresentação

A Fundação João Pinheiro orgulha-se de lançar mais um título de sua renomada Coleção Mineiriana, programa de pesquisa histórica e edição, cujo acervo de obras tem contribuído substancialmente para a historiografia e valorização da memória do Estado de Minas Gerais e do país. A obra *Um ano no Brasil*, de autoria do engenheiro inglês Charles Dent, foi publicada originalmente em inglês, em 1886, e se destaca em relação às outras obras de viajantes que vieram ao Brasil no século XIX pela oportunidade de residir no interior da província mineira, observando a realidade e os costumes de sua gente. O autor também descreve com maiores detalhes a corte do Rio de Janeiro durante sua estadia no país, entre 1883 e 1884. Durante esse período, ele esteve à frente dos projetos da Minas Central Railway, ferrovia a ser construída entre os municípios de São João del-Rei, Pará de Minas, Curvelo e, daí, até a ponte do Miranda, ponto inicial de navegabilidade do rio Pará e vizinho à cidade de Pitangui. Engenheiro de profissão, Dent enquadra-se, ainda, no perfil de viajante naturalista, coletando espécimes e tecendo considerações sobre a paisagem natural brasileira. Além disso, tinha profundo interesse nos assuntos relacionados à teologia e à religião, descrevendo com maior realce as práticas devocionais e religiosas no Brasil. Em função de suas ideias acerca da teoria da evolução, analisou também, a partir de um ponto de vista bem específico, a escravidão, rompendo com velhos preconceitos em relação à população negra.

Esta obra integra uma das linhas mais profícuas da Coleção Mineiriana, constituída pela edição de viajantes inéditos em português que percorreram ou residiram em Minas no século XIX. Fonte e objeto para a história há muito reconhecidas, as narrativas de viagem são testemunhos valiosos que, numa perspectiva crítica, podem evidenciar aspectos da realidade que o olhar estrangeiro não deixou passar desapercebidos.

A tradução do texto original foi realizada no final da década de 1990, na gestão de Eleonora Santa Rosa, na direção do Centro de Estudos Históricos Culturais (CEHC), e de Roberto Borges Martins, na Presidência da Fundação João Pinheiro (FJP), aos quais agradecemos, assim como à historiadora Marta Araújo, por dar continuidade ao projeto e garantir a presente edição.

Um agradecimento especial é devido ao Friedrich Ewald Renger (*in memoriam*) pela colaboração nesta e em outras obras da Coleção Mineiriana, contribuindo com seu vasto conhecimento sobre a história e cartografia de Minas Gerais para a excelência do programa. A ele, nossa profunda homenagem.

Luciana Lopes Nominato Braga
PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO

Mauro César da Silveira
DIRETOR DE POLÍTICAS PÚBLICAS

Agradecimentos

A edição desta obra só foi possível graças à tradução do texto original em inglês, realizada na gestão de Eleonora Santa Rosa à frente do Centro de Estudos Históricos e Culturais e de Roberto Borges Martins na Presidência da Fundação João Pinheiro. Por essa e outras iniciativas no âmbito do programa da Coleção Mineiriana, os mais sinceros agradecimentos.

Ao pesquisador e importante especialista em história e cartografia de Minas Gerais Friedrich Ewald Renger (1938-2022) pela relevante colaboração nesta e em outras obras da Coleção Mineiriana, o nosso agradecimento e homenagem póstuma.

À Carolina Proietti Imura, agradecemos o incentivo e a dotação de recursos que permitiram esta e outras edições da Coleção Mineiriana durante sua gestão na Diretoria de Políticas Públicas da Fundação João Pinheiro.

À Ana Paula da Silva e equipe, agradecemos pela editoração e pelo compromisso com a qualidade técnica das publicações da Coleção Mineiriana e Fundação João Pinheiro.

À historiadora Nathálya Ferreira, agradecemos pelo trabalho competente na pesquisa e nas atividades de suporte à coordenação editorial.

À Isabella Guedes e Lobélia Hadassa Carvalho, agradecemos pelo aprendizado e profissionalismo na execução das atividades de revisão dos textos.

Aos *designers* Martuse Fornaciari e Lúcia Nemer, agradecemos pela excelência gráfica desta publicação e o apreço pelo programa da Coleção Mineiriana.

À Gislene Aparecida de Andrade Cruz, agradecemos pelo apoio na gestão técnica e administrativa dos projetos da Coleção Mineiriana.

Finalmente, pela parceria na condução do programa da Coleção Mineiriana, um agradecimento especial a Renato Somberg Pfeffer.

Nota Sobre a Edição

O Programa de Pesquisa Histórica e Edição Coleção Mineiriana destaca-se por sua excelência na pesquisa, pela rigorosa seleção de seus títulos e, sobretudo, pelo seu interesse público e sua relevância no campo da pesquisa científica, contribuindo para a ampliação dos conhecimentos disponíveis sobre a história de Minas Gerais e do Brasil. A tradução e edição crítica de obras inéditas em português de viajantes que percorreram e, por vezes, residiram em Minas Gerais têm sido uma constante, como pode ser observado na relação de títulos publicados: *Explorando e viajando três mil milhas através do Brasil: do Rio de Janeiro ao Maranhão* (1995); *Seis semanas nas minas de ouro do Brasil* (1997); *Viagens na América do Sul: extrato da obra contendo relato sobre o Brasil* (2000); *Jornal do Brasil 1811-1817* ou *Relatos diversos do Brasil, coletados durante expedições científicas* (2002); *Viagens através da América do Sul*; *A canção das palmeiras: Eugenius Warming, um jovem botânico no Brasil* (2006) e *Ernst Hasenclever e sua viagem às províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais* (2015).

Para integrar esse importante acervo, o programa traz a público a presente obra, o livro *Um ano no Brasil*, de Hastings Charles Dent, publicado originalmente em inglês, em 1886. Como de praxe, além da criteriosa tradução dos textos originais para o português, foram acrescidos na nova edição dois estudos introdutórios sobre o autor e sua obra e notas explicativas que contribuem muito para a compreensão e contextualização. Para diferenciá-las das notas de rodapé elaboradoras pelo autor foram adotadas e inseridas no início de cada nota as siglas:

a) N.A.: NOTA DO AUTOR;
b) N.E.: NOTA DO EDITOR;
c) N.T.: NOTA DO TRADUTOR.

As referências bibliográficas feitas pelo autor foram mantidas como no original, mesmo que incompletas ou fora do padrão atual estabelecido pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). Isso se justificou pela dificuldade de acesso às edições citadas e para evitar, por consequência, possíveis erros. O mesmo procedimento foi adotado para os nomes científicos em latim, tendo em vista que essas denominações passaram por significativas mudanças ao longo do tempo. Dessa forma, a grafia adotada pelo autor foi preservada. As legendas das ilustrações também foram mantidas como no original, feita apenas a tradução. Por fim, o índice original da obra foi ampliado com o intuito de facilitar ainda mais a busca por palavras, principalmente em relação aos topônimos.

Referências

CALDCLEUGH, Alexander. *Viagens na América do Sul*: extrato da obra contendo relato sobre o Brasil. Tradução de Júlio Jeha. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 2000.

COURCY, Ernest de. *Seis semanas nas minas de ouro do Brasil*. Tradução de Júlio Castanõn Guimarães. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1997.

GOMES, Maria do Carmo Andrade (org.). *A canção das palmeiras*: Eugenius Warming, um jovem botânico no Brasil. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 2006.

HASENCLEVER, Ernst. *Ernst Hasenclever e sua viagem às províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Tradução de Friedrich E. Renger. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 2015.

VON ESCHWEGE, Wilhelm Ludwing. *Jornal do Brasil 1811-1817* ou *relatos diversos do Brasil, coletados durante expedições científicas* por Wilhelm Ludwing von Eschwege. Comentário crítico, revisão da tradução e notas de Friedrich E. Renger. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 2002.

VON TSCHUDI, Johann Jakob. *Viagens através da América do Sul.* Tradução de Friedrich E. Renger. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 2015.

WELLS, James W. *Explorando e viajando três mil milhas através do Brasil*: do Rio de Janeiro ao Maranhão. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1995.

Sumário Geral Da Obra

I

INTRODUÇÃO

Um engenheiro naturalista no Império do Brasil | 23

Maria Marta Araújo

***A Minas Central Railway of Brazil* – uma aventura anglo-brasileira | 41**

Friedrich Ewald Renger

II

UM ANO NO BRASIL

DE

Hastings Charles Dent

Dedicatória | 55

Prefácio | 56

CAPÍTULO I

Deixando a Inglaterra | 60

Saindo de Land's End – Sondando a profundidade da água – A Gironde – Bordeaux – Casamento civil – Luz elétrica – A baía do Carril – Vigo – Emigrantes – Lisboa – Pico de Tenerife – Rochas de São Paulo – Fernando de Noronha – Abrolhos.

CAPÍTULO II

Chegada ao Rio e viagem a Queluz | 77

A baía do Rio de Janeiro – A cidade – Jardim Botânico – Viagem de trem para Carandaí – A paisagem – Companheiros de viagem – O hotel – Passeio a Queluz – Os engenheiros – Carros de boi – Paraopeba.

CAPÍTULO III

Explorações preliminares | 88

Explorando a primeira secção – Vila da Serra – Brumado – Estrada para Suaçuí – Cânions – Fazenda da Boa Vista – Preparativos para o trabalho – De volta ao Rio – Morro de Santa Teresa – Retorno a Minas Gerais.

CAPÍTULO IV

A cavalo, rumo ao interior | 97

Um amigo em apuros – Uma carta curiosa – Delinquências postais – Atrasos – João Batista – Orioles – Pedra Branca – Um gato engraçado – Uma fazenda velha – Situação embaraçosa – Fazenda do Campo Novo – Capela Nova – Cidade do rio do Peixe – Acampamento – Pontes precárias – Fazenda à beira da estrada – Fazenda da Mata – Costumes patriarcais – Longevidade – Uma cabana bem-vinda – Cajuru – Políticas – Um domingo aprazível – Bócios – Fazenda Frutuoso – São Gonçalo do Pará – Volta a cavalo – A tortura de um tatu – O padre – Acampamento – Peixe envenenado – O coronel – Vale do rio do Peixe.

CAPÍTULO V

Eu começo a vida no acampamento | 116

Armando o acampamento – Um amigo em apuros – Explorando o divisor das águas – Cavalgando até Santo Amaro – Varíola – Abrindo caminho pela floresta – Cerimônias religiosas – Dificuldades de transporte – Chegada de Vicente – Invasão de formigas – Costumes religiosos – Procissão – A comida – Culinária nativa – Aves de rapina – Invasão de um lobo e uma onça.

CAPÍTULO VI

A primavera e o início da estação chuvosa | 128

Abelhas – Floresta virgem – Variedade da comida – Comendo formigas – Um belo pôr do sol – A partida de Vicente – A chegada do Sr. Roberts – Piqueniques – Fazenda do Curtume – Botânica – Visitantes – Chuva pesada – Começa o tráfego nas estradas principais – Morte e enterro do Major do Curtume – Missa de Réquiem – Culinária nativa – A hora do jantar – Primavera – Formigas vorazes – Noites agradáveis – Nomes pomposos – Casa Grande – A vida numa casa do interior – Serões musicais.

CAPÍTULO VII

No vale do rio Camapuã | 147

Meu cavalo cai comigo – Uma tempestade aterradora – Meu berne – Um pântano – Trabalhando na chuva – A umidade e suas consequências – Conversa com vizinhos – Mudança do acampamento – Visitantes – Natal – Frutas e legumes – A festa dos Reis Magos – Preso pela chuva – Terrível dia de trabalho – A cultura da terra – População e imigração – Um azedo e velho padre – Uma família interessante – Surpreendido pela tempestade – O último dia de trabalho – Pagando a meus trabalhadores.

CAPÍTULO VIII

A vida em Entre Rios, Minas Gerais | 167

Recepção amável – Instalando-me – Melhoras na saúde – Uma pianista talentosa – Matrimônio – João Batista e sua família – Doença na equipe de trabalho – Meu escravo – Cerimônia religiosa – O Correio – Indolência nativa – Visita de engenheiros brasileiros – Novamente a comida – A partida do Sr. Roberts – Descrição de Brumado – Horário de trens – Borboletas – Trabalho duro – Um arco-íris lunar – Cerimônias da Quaresma – Viajantes estrangeiros – Goiabas e outras frutas – Enterro de uma criança – Bronquite – Alegria pela aprovação das plantas da primeira seção – Cerimônias e procissões da Semana Santa – Meus hóspedes – Relacionamento espiritual – Uma conversa interessante sobre religião – Domingo da Páscoa – Belas borboletas – Padre Pinto – Escassez de estrelas no hemisfério sul – O mês de maio – Breve, mas aprazível excursão – A morte do Duque de Albany – Fabricação de manteiga – A colheita – Cansado desta povoação – O frio intenso – Roupas de lã – Despedida – Em Queluz – Descendo para o Rio.

CAPÍTULO IX

Nossa vida no Rio De Janeiro | 195

O Hotel Carson – O hospital – Niterói – Botafogo – Pescadores – Mascates – Horários do amanhecer e do pôr do sol – A demissão do Ministério Lafayette – Confisco de propriedades eclesiásticas – Assassinato público – Dantas forma um gabinete – Notícias das Ilhas Pitcairn – Ferrovia sob a baía – Frutas – Uma tourada – Dia de São Pedro – Vista do Morro do Castelo – A baía de Botafogo – Suborno e corrupção – Febre amarela.

CAPÍTULO X

Os últimos dias no Brasil | 212

A subida do Corcovado – A ferrovia em construção na montanha – Jantar de despedida – O teatro de São Luiz – Visita ao SS. *Cotopaxi* – Aniversário da Tomada da Bastilha – Nosso escritório – Americanos – Viagem a Petrópolis – Paisagem esplêndida – A povoação – Uma bela caminhada – A fábrica de algodão – A cachoeira – Viagem a Tijuca – Hotel Whyte – Sistemas hidráulicos e reservatórios – Segunda subida ao Corcovado – O aqueduto – Última expedição – Despedida.

Observações adicionais sobre o Rio de Janeiro

Fundação da cidade – Os bondes – Abastecimento de água – Passeio Público – Jardim do Campo da Aclamação – O carnaval – As loterias.

CAPÍTULO XI

De volta à Pátria | 240

Bahia – Cidade Alta e Cidade Baixa – O mercado – Uma cidade de negros – Pernambuco – Recife de coral – Catamarãs – Desembarque perigoso – Mercado a bordo – Estação chuvosa – São Vicente, Cabo Verde – Os mergulhadores – Saindo de Tenerife – Quarentena em Lisboa – Em Pauillac – Visita aos vinhedos – Em casa outra vez.

Registro da viagem de ida (De Liverpool ao Rio de Janeiro pelo R. M. SS. Cotopaxi)

Registro da viagem de volta (Do Rio de Janeiro a Liverpool pelo R. M. SS. Valparaiso)

APÊNDICE I

Notas sobre a província de Minas Gerais | 258

O início da colonização – Área – Cordilheiras – Rios – Indústrias – Minas – Representação política – Nomes curiosos de lugares – Divisão eclesiástica – População – Ferrovias.

Nota sobre Fernando de Noronha | 270

Posição geográfica e formação geológica – Descrição de uma visita à ilha em 1745 – Portos – Infertilidade da terra – Os habitantes – A comida – Peixes – Regulamentos severos – Visita do *Challenger*.

A religião | 273

Apelo à caridade – Eucaristia – Considerações sobre certos pontos da fé Católica – Culto dos santos no Brasil – Leitura da Bíblia – A redenção por Cristo – Unidade da cristandade – Doutrina – Caridade.

A escravidão | 278

Movimento abolicionista – Lei de 28 de setembro de 1871 – Emancipação gradual – Extratos de jornais locais (traduzidos) – Fundo de emancipação – Casos de alforria por testamento – Observações sobre a alforria – Socialismo – Assassinatos – Escravos libertos no Rio – A pregação e as práticas dos abolicionistas – Abolição da escravidão em certas províncias – Considerações sobre as dificuldades – Legislação do Gabinete Dantas – O importante projeto de lei de 15 de julho de 1884 – Opinião local – Obstrução – Queda de Dantas – Apelo à nação – Opiniões Inglesas – A volta de Dantas ao poder em março de 1885 – Segunda queda em maio de 1885 – Saraiva aceita o ministério – Apresenta um projeto de lei promissor – Resumo do projeto – Críticas do exterior – Demissão do Ministério Saraiva em 16 de agosto – O ministério conservador formado pelo Barão de Cotegipe – A aprovação do projeto de abolição em 24 de setembro – A sanção imperial em 28 de setembro de 1885.

A origem das comunidades selvagens ou tribos por degradação | 294

A família humana, um só gênero – A revelação de suas origens – Remanescentes fósseis mostram desenvolvimento avançado – Degradação – Como foi produzida.

Pesos e medidas | 296

Sistema métrico – Medidas nativas – Medidas de comprimento – Medidas de superfície – Medidas de volume – Medidas de vinho – Medidas de peso baseadas na libra – Pesos de diamantes – Pesos de ouro.

O Sistema Decimal | 298

Sistema Monetário e Moeda Corrente | 299

Escassez de prata – Descrição de moedas de cobre e prata, moedas de metal branco e notas – Uso quase exclusivo de notas bancárias e do Tesouro – Retirada de circulação de moedas antigas – Uso no interior – A grande emissão de moedas de cobre em 1829 – A desvalorização do mil-réis – Moeda em circulação no Amazonas.

A situação financeira do Brasil | 302

Um orçamento teórico – Classificação dos orçamentos do Império desde sua fundação, de 1823 a 1883, com déficits e explanações – Despesas de colonização e obras públicas – Dívida interna e externa de 56 milhões de libras – Desperdício e má administração – Despesas crescentes com funcionários – Considerações sobre a administração, com sugestões sobre reformas – O futuro do Império – Perspectivas para os investidores.

Tabela demonstrativa de empréstimos.

Pós-escrito – O orçamento de 1885-1886.

Relatório para o ministro de Finanças, 1885.

APÊNDICE II

Um rigoroso inverno em minas gerais | 316

O inverno de 1870 – A temperatura média nos planaltos – O extremo frio em Minas – Temperatura normal em outras regiões – Destruição de plantações, peixes e florestas – Rios congelados – Mortes causadas pelo frio – Explicação dos fenômenos.

Granizo, tempestades, chuva e neblina | 319

Chuvas de granizo – Grandes pedras de granizo – Raios – Diminuição das tempestades em direção ao Equador – Neblinas constantes sobre os grandes rios – Diferença entre a flora à margem dos rios e a dos campos.

Observações meteorológicas | 322

Termômetros mínimos e máximos – Leituras de barômetro – Observações sobre as condições atmosféricas.

Observações meteorológicas em Botafogo, Rio de Janeiro

Breves notas sobre animais, pássaros e réptéis | 350

Macacos – Saguis – Morcegos – Hábitos dos morcegos hematófagos e frutívoros – Capivaras – Pacas – Quatis – Onças – Etimologia indígena – Espécies diversas – Jaguatiricas – Lobo – Fruta-do-lobo – Edentados – Tamanduás – Tatus, gêneros, espécies, hábitos etc. – Bicho-preguiça – Pássaros – Nomes e sinônimos de algumas espécies observadas – Ninhos suspensos – João-de-barro – Beija-flores – Urubus e tucanos – Répteis – Lagartos – Cobras – Cobra e sapo – Cascavéis – Tratamentos para mordidas – Tartarugas – Sapo cornudo.

Lista de conchas da baía de Botafogo.

Insetos | 372

Lepidópteros – Lista das 259 borboletas colecionadas pelo autor.

Lista de sessenta e duas borboletas, descritas como provenientes de Minas Gerais, mas não da coleção do autor.

Lista das 149 mariposas colecionadas pelo autor.

A teoria da evolução | 398

A evolução segundo W.C. Hewitson – Objeção à teoria – Harmonia entre a revelação e a natureza – O motivo das opiniões conflitantes – Unidade e variedade – A insuficiência da evolução para explicar fenômenos naturais – A teoria não comprovada – A degeneração – O homem e suas capacidades – O estudo da natureza leva à veneração do Criador.

Coloração protetora e mimetismo | 402

Exemplos entre as borboletas, mariposas, besouros, gafanhotos – Fasmídeos – Teoria sobre os fenômenos observados – Apelo em favor da moderação da linguagem da controvérsia – O argumento do desígnio na natureza

Lista dos 402 besouros colecionados pelo autor.

Notas sobre alguns dos coleópteros relacionados acima | 429

Notas sobre outros insetos | 432

Abelhas e vespas – Formigas – A formiga umbrela – Térmites – Distribuição de ortópteros – Baratas – Gafanhotos – Homópteros – Cigarras – Hemípteros – Aranhas – Migala, devoradora de pássaros.

Parasitas, tormentos do Brasil | 442

Carrapatos – Descrições e observações de vários autores – Nossa experiência – Bichos-de-pé – Vários nomes – Como atacam e como podem ser extraídos – Bernes – Uma praga terrível – Seus hábitos.

Notas sobre botânica | 446

Diferenças marcantes entre a flora dos campos e dos vales – Campos – Matas – Florestas – Descrições dos dois esboços – Dificuldades em colecionar – Breve resumo dos vários gêneros, com localidades – Listas de espécimes colecionados – Descrição de uma nova orquídea – Notas sobre legumes e frutas.

Notas sobre a geologia dos distritos visitados | 458

Cavernas de rochas calcárias – A região metalífera – Formações gnáissicas – Sua ocorrência numa vasta área – Sua decomposição em escala gigantesca no Brasil – Formação de cânions por dilúvios na estação de chuvas – A erosão dos vales – Mudanças dos divisores d'água – Rochas fantásticas – O bonde do Corcovado – A ferrovia para Petrópolis – Problemas de engenharia – Causas da desintegração – A teoria glacial – A temperatura do Equador em eras primitivas – Restos de animais nas cavernas – Refutação da teoria da glaciação – A espessura de gnaisses no Brasil.

OBRAS CITADAS | 466

ÍNDICE | 470

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Entrada da baía do Rio de Janeiro

Panorama do Rio de Janeiro visto do Arsenal

Alameda de palmeiras, Jardim Botânico

Serra do Curtume vista da Casa Grande

Serra do Curtume vista do vale do Camapuã

Cenário em uma floresta tropical

Enseada de Botafogo com o Corcovado

Rua do Imperador, Petrópolis

Bahia [Salvador]

Estrada de Ferro para Petrópolis

Mapa de Minas Gerais

Mapa detalhado mostrando o trajeto da Estrada de Ferro

I

Introdução

Um engenheiro naturalista no Império do Brasil

Maria Marta Araújo

Maria Marta Araújo

O autor e a sua obra

O autor do livro *Um ano no Brasil*, publicado originalmente em inglês,[1] Hastings Charles Dent, nasceu na Inglaterra em 23 de julho de 1855 e era formado em engenharia civil, apesar de suas práticas científicas que o enquadram no perfil dos viajantes naturalistas que vieram ao país durante o século XIX, destacando-se principalmente como colecionador de espécimes entomológicos e botânicos.

Durante sua vida, Dent integrou várias instituições científicas inglesas, como *Linnean Society of London*, *Entomological Society*, *Royal Geographical Society*, *Zoological Society*, *Manchester Literary and Philosophical Society* e *Victoria Institute* — este último de orientação criacionista, corrente de pensamento que surgiu em oposição à teoria da evolução, que teve grande impacto nos meios intelectuais da época, sobretudo, a partir da publicação, em 1859, da O*rigem das Espécies*, de Charles Darwin, dividindo os meios científicos e acadêmicos, não só na Europa.

Não por acaso, Dent dedica dois textos, que constam nos apêndices de sua obra acerca desse tema, dando sua própria contribuição à controvérsia, sendo ele um homem profundamente ligado à religião anglicana, como se observa não apenas nessas passagens, mas também ao longo de todo o seu relato sobre o Brasil.

Charles Dent coletou vários espécimes em Minas Gerais e alguns no Rio de Janeiro, contribuindo com exemplares de plantas para o acervo do *Natural History Museum* da Inglaterra. Inclusive, ele foi responsável pela descoberta de uma nova espécie de orquídea durante sua residência em Minas.

Em 1886, após editar seu livro sobre o Brasil, deixou a engenharia e viajou pelo mundo com o conde de Harrowby, visitando a Colúmbia Britânica (ilha de Vancouver), no Canadá; os túmulos Ming, em Pequim e o Japão e a ilha de Java, nos quais também fez coletas, acumulando uma coleção impressionante de espécimes de Lepidóptera e Coleóptera.

Em 1888, estabeleceu-se definitivamente em uma propriedade rural em Godstone, pertencente ao condado de Surrey e ao sul de Londres, a fim de passar mais tempo trabalhando em seus

1. Dent (1886).

espécimes. Faleceu nesse mesmo local com apenas 54 anos, em 6 de março de 1909, vítima de uma doença respiratória.

A sua biografia ainda é pouco conhecida e o que se sabe é devido às informações fornecidas pelos obituários publicados em 1909 pela *Linnean Society of London*, pelo *Institution of Civil Engineers* e pelo *Britten Journal of Botany*.[2] Pelo que se depreende desses obituários, não se casou e não teve herdeiros.

Charles Dent estudou engenharia no *Owens College* de Manchester — que depois integrou a *Victoria University* — e na *Crystal Palace School of Engineering* — fundada em Londres, em 1872 —, iniciando o seu treinamento na firma de *Charles Fox and Sons*. Posteriormente, retornou à escola de engenharia *Crystal Palace*, como assistente do diretor, Joseph William Wilson e, em 1878, obteve um compromisso no *City Surveyor's Office*, em Manchester, onde trabalhou por alguns anos em várias obras municipais, inclusive na colocação da primeira linha de bonde que se instalou na cidade.

Em 1883, aos 28 anos, foi contratado pela empreiteira *Ross & Mathews*, especializada em obras públicas, para viajar ao Brasil e fazer o levantamento topográfico e o planejamento de uma nova ferrovia em Minas Gerais.

Com espírito aventureiro e bastante empolgado com sua missão, embarcou num navio em Liverpool em 6 de junho de 1883, juntamente com outros nove membros da equipe, aproveitando os dias a bordo para aprender o português. Desembarcou no Rio de Janeiro ainda no final de junho, seguindo logo para Minas Gerais pela Estrada de Ferro Dom Pedro II até a estação de Paraopeba, em Cristiano Otoni,[3] dirigindo-se para Desterro (Entre Rios de Minas).

Charles Dent permaneceu na província até o final de maio de 1884, passando cinco meses em Entre Rios de Minas, ocupado com o reconhecimento e o levantamento topográfico do trajeto da *Minas Central Railway*, que ligaria, por via férrea, a estação Cristiano Otoni da Estrada de Ferro Dom Pedro II, nas cabeceiras do rio Paraopeba, à ponte do Miranda sobre o rio Pará, perto de Pitangui.[4]

Importante esclarecer que, a partir da ponte do Miranda, o rio Pará era navegável para canoas, podendo-se atingir assim o rio São Francisco. Um dos desafios do jovem engenheiro era achar,

2. Hastings (1909); Dent ([190-]).

3. Estação que só foi inaugurada oficialmente em15 de dezembro de 1883.

4. Pitangui figura entre as primeiras vilas criadas em Minas Gerais, em 1715, e foi elevada à condição de cidade em 1855.

portanto, o melhor ponto para atravessar o divisor das águas entre os vales dos rios Paraopeba e Pará, obedecendo aos parâmetros técnicos de aclives e curvas máximas fixados no contrato da empreiteira com o governo provincial. Ainda, observa-se que a estrada de ferro, que recebeu a denominação de *Minas Central Railway*, foi a primeira ferrovia do Império a levantar capitais em Londres com garantia somente provincial.

Por sua vez, os trabalhos realizados no Brasil por Charles Dent, bem como sua narrativa, guardam muita semelhança com os de seu conterrâneo e colega de profissão, James W. Wells, que, uma década antes, fez seus estudos no vale do rio Paraopeba para a Estrada de Ferro Dom Pedro II. Contudo eles não foram aproveitados, sendo escolhido o vale do rio das Velhas para o trajeto da Ferrovia.[5]

Dent lamentava muito não ter visitado a região das minas de ouro no centro da província, o que acaba por diferenciá-lo em relação à maioria dos viajantes que passaram por Minas Gerais no século XIX.

Após sua temporada no interior de Minas, permaneceu no Rio de Janeiro entre os meses de junho e julho de 1884 ocupado com trabalhos de gabinete, mas mesmo assim encontrou tempo para fazer excursões nos arredores e viajar rapidamente a Petrópolis.

Em 28 de julho de 1884, embarcou num navio com destino à Inglaterra, levando na bagagem suas preciosas coleções de insetos, mamíferos, aves e plantas. Em Salvador, comprou ainda dois saguis que levou para a Inglaterra, mas que não sobreviveram por muito tempo, menos que um ano.

De volta a Londres, preparou seu livro, editado em 1886 e, após viajar pelo mundo, como assinalado, mudou-se para sua propriedade em Godstone, passando a se dedicar integralmente às suas coleções, com as quais montou um museu particular.

Conforme o autor, sua intenção ao publicar *Um ano no Brasil* foi a de oferecer uma pequena contribuição à bibliografia sobre o Império brasileiro, transformando em diário o conteúdo de suas cartas enviadas à Inglaterra, principalmente para sua mãe, lady Beaujolois E. C. Dent, a quem dedicou o livro. Na obra ele agradece por sua incalculável ajuda em relação ao manuscrito e à correção das provas tipográficas.

Destaca-se que Dent acrescentou ao seu relato um conjunto de textos que compõem os dois

5. Wells (1995).

apêndices, com várias anotações sobre o Estado de Minas Gerais e o Brasil, além das relações dos espécimes aqui coletados. Em alguns destes textos, o autor dá continuidade aos temas que abordou no seu diário e expõe, de forma mais assertiva, suas ideias, esperando despertar o interesse de diferentes tipos de leitores. Cabe observar, ainda, que a obra foi publicada com um extenso índice de assuntos, também traduzido, e que auxilia o pesquisador em sua busca por temas mais específicos.

Dent também acrescentou ao livro dez ilustrações de página inteira, que aparecem intercaladas em meio aos respectivos assuntos e que foram elaboradas a partir dos seus esboços. A saber: cinco vistas do Rio de Janeiro, uma de Salvador, na Bahia; o cenário de uma floresta tropical e duas ilustrações retratando a Serra do Curtume, em Minas Gerais — a descrição pormenorizada da paisagem dessa serra se encontra nas notas sobre botânica, no Apêndice II. Ainda, há dois mapas impressos, como encartes, da província de Minas Gerais, um deles elaborado por Dent com o trajeto proposto para a estrada de ferro *Minas Central*.

Ademais, a primeira parte do livro é constituída pelo diário da viagem e está escrita em linguagem quase coloquial, com interpelações ao leitor em praticamente todo o texto. Ali, ele descreve, de forma minuciosa, não só sua permanência no Brasil, especialmente no interior de Minas Gerais, mas também sua estadia no Rio de Janeiro — não deixando de expor suas impressões acerca das cidades de Salvador e Recife nas passagens rápidas que fez a esses lugares durante a viagem de retorno.

Por um lado, interessado em atingir um público mais amplo possível, evitou abordar os aspectos mais técnicos dos projetos que elaborou para a construção da linha férrea, que deveria chegar até as imediações de Pitangui, num percurso de aproximadamente 220 km. No entanto, inseriu um mapa e deu várias pistas que possibilitaram ao pesquisador Friedrich Renger juntar as peças para reconstituir a história efêmera da *Minas Central Railway* no seu ensaio, o que muito contribui para a história da ferrovia em Minas Gerais no século XIX.

Por outro lado, o relato de Charles Dent é extremamente rico no que diz respeito às inúmeras dificuldades de transporte e comunicação que ainda colocavam enormes entraves à circulação de pessoas e mercadorias no interior de Minas Gerais no final do século XIX, bem como aos conflitos de interesse entre proprietários e agentes do governo.

Como é próprio das narrativas de viagem, o autor faz questão de apresentar aspectos inusitados e divertidos que possam entreter o seu leitor. Contudo, ao caracterizar alguns hábitos e costumes da população, adota uma perspectiva quase antropológica, por exemplo, ao descrever as procissões, os cultos religiosos e a alimentação dos mineiros do interior, tanto no diário como nos apêndices.

Em muitas passagens do texto, o autor faz uso de palavras e expressões comumente utilizadas em português, com a inserção do significado logo a seguir em inglês. Nestes casos, foram mantidas as palavras e as expressões em português como no original.

Uma coisa que lhe chamou muita atenção, por seu aspecto risível, foi a toponímia das localidades mineiras, quase todas dedicadas aos santos católicos, cuja denominação inusitada fez questão de remarcar no seu primeiro apêndice sobre a província. Também relacionou várias, traduzindo-as para o inglês, como é o caso de: Três Corações de Jesus, Espírito Santo dos Coqueiros, Nossa Senhora Madre de Deus do Angu, Nossa Senhora do Patrocínio da Marmelada, Nossa Senhora da Meia Pataca ou Almas da Barra do rio das Velhas, entre outras.

No entanto, para além da comicidade em si, que realmente chama a atenção nesses nomes, o autor é a fonte relevante, por essas e outras passagens, para pensar sobre a religiosidade mineira ea sua devoção aos santos.

Nesse caso, não é infrutífero lembrar que o Barroco mineiro não foi apenas um estilo artístico, mas também uma visão de mundo envolvendo formas de pensar, sentir, representar, comportar, acreditar, criar, viver e morrer (Campos, 2006, p. 7). Essas formas, consolidadas ao longo do século XVIII, ainda se mantinham vivas no século XIX pela ação das irmandades e confrarias que tinham ainda um importante papel na vida local e nas suas celebrações.[6]

Profundamente interessado em assuntos de religião e teologia, Charles Dent dedica um texto de seus apêndices à religião no Brasil e ressalta o fato de ter tido a oportunidade de ver em Minas, em meio à vida religiosa de seu povo, "afastado das influências externas que vigoram em cidades litorâneas como o Rio de Janeiro – um povo apenas em parte civilizado, sem dúvida", um caráter "superior a muitos outros católicos romanos sul-americanos; admirando seu profundo sentimento religioso e cuidadosa observação do cerimonial exterior"(Dent, 2025, p. 276).

A obra de Charles Dent era praticamente desconhecida no Brasil até que Roberto Borges Martins a resgatou em sua tese de doutorado[7] e trouxe um exemplar para o Brasil. Deve-se a ele, inclusive, a indicação para publicação na Coleção Mineiriana e a viabilização da primeira tradução

---

6. Essas irmandades foram importantes não só para a participação social como também para a construção de identidades, inclusive, para os grupos excluídos como escravos, pardos e negros libertos (Boschi, 1986).

7. Recentemente, o autor publicou sua tese, defendida em 1980, com o acréscimo de novos textos dedicados a reafirmar ou rever pontos do trabalho anterior e a dialogar com a historiografia mais recente sobre o tema (Martins, 2018).

desse texto quando esteve à frente da presidência da Fundação João Pinheiro entre 1995 e 1999. A obra de Dent mereceu algumas citações na historiografia mineira, sendo lamentável a falta de uma tradução para o português, mas são poucas as bibliografias sobre o Brasil no período que mencionam o seu livro (Moraes; Berrien, 1998).

Por fim, cabe lembrar que a vida diária nem sempre é objeto de registro por parte dos habitantes locais, mas para o estrangeiro tudo é novidade e digno de nota. As motivações e os interesses dos autores de narrativas de viagem dão, portanto, o tom a cada obra. Para o caso mais específico de Charles Dent, há o fato de que veio a Minas a trabalho, acampando e residindo em lugares muito pouco retratados em outros textos dessa natureza. Ele contribui para um tema ainda pouco estudado as estradas de ferro que se pretendiam construir no interior da província mineira, as que foram efetivamente construídas, bem como a luta de seus habitantes contra o isolamento, clamando por melhores condições de transporte e circulação.

O engenheiro naturalista e o seu olhar sobre o Império brasileiro: a relevância dos apêndices de Um ano no Brasil

Um ano no Brasil foi publicado com o seguinte subtítulo: *com notas sobre a abolição da escravidão, as finanças do Império, a religião, a meteorologia, a história natural etc.* A segunda parte, composta por dois apêndices, é bastante substancial, tanto em número de páginas como no tocante aos variados temas abordados pelo autor.

Em outras palavras, sua leitura é tão relevante quanto à do diário que a antecede na medida em que oferece, a partir das vivências e dos posicionamentos do autor, um panorama sobre vários aspectos da realidade do Brasil à época de sua viagem e também do que conseguiu apurar durante a preparação do seu livro.

Os textos refletem uma pesquisa bibliográfica exaustiva e dialogam com alguns dos autores que escreveram sobre o país antes dele, sendo digna de nota a profusão de citações e trechos recortados dessas obras — alguns traduzidos de outras línguas para o inglês por Charles Dent.[8] Os textos resultam também da compilação de dados oficiais e informações publicadas na imprensa, como é o

8. Charles Dent reporta-se principalmente às obras de Emmanuel Liais, ainda não traduzidas do francês para o português: *Hydrographie du haut San-Francisco e du Rio das Velhas*. Paris: 1856 e *Climats, Géologie, Faune et Géographie Botanique du Brésil*, de 1872, e de Richard Francis Burton: *Explorations of the Highlands of the Brazil*, de 1869. Além de *Travels in the Interior of Brazil*, de George Gardner, 1849, *Journal in Brazil*, de Louis Agassiz, 1868, e de diversos outros autores que escreveram sobre o Brasil e que aparecem na relação elaborada por ele das obras consultadas.

caso de sua análise sobre a escravidão e a situação financeira do Império e, principalmente, de suas observações pessoais *in loco*. Do ponto de vista biográfico, ainda permitem conhecer um pouco mais sobre sua personalidade e seus interesses.

Dessa forma, o primeiro apêndice é dedicado a vários assuntos e inicia-se com as *Notas sobre a província de Minas Gerais* e com um longo trecho traduzido para o inglês da obra *Apontamentos para a geografia da província de Minas Gerais*, publicada exatamente no ano de sua chegada ao Brasil, em 1883 (Apontamentos [...], 1883).

Todavia, esse primeiro texto não é meramente uma compilação de outros autores ou de dados oficiais, pois é rico em depoimentos sobre os produtos mineiros, como neste trecho:

> A província de Minas Gerais é considerada uma das mais operosas do Brasil. A maior parte do café, conhecido como o café do Rio, é cultivada aqui e o fumo de Barbacena, Pomba e Baependi é famoso no Rio. Os outros principais produtos de exportação que vi são: aguardente, arroz, feijão preto, açúcar, algodão, carvão, couro, carne de porco salgada, farinha de mandioca, milho, maizena, farinha, queijo e tapioca (Dent, 2025, p. 263).

Uma outra passagem interessante aparece ao abordar o tema da divisão eclesiástica da província, na época dividida entre diferentes dioceses. Nesse momento, o autor descreve a vinda dos bispos do Rio de Janeiro e de Mariana, hospedados na fazenda do Curtume, e principalmente os "arcos triunfais cobertos de flores" que foram levantados no caminho por onde viajaram (Dent, 2025, p. 268). Essas e outras pequenas observações é que dão um gosto a mais em ler estas breves notas sobre a população, o estado das minas e as ferrovias na província. O texto sobre a situação do transporte ferroviário em Minas Gerais é quase um complemento ao que escreveu sobre o tema ao longo do diário e a sua leitura, por assim dizer, torna-se obrigatória.

Para mais, a ferrovia só chegou a Minas quando a Estrada de Ferro Dom Pedro II alcançou a sua fronteira e foi somente em 1871 que o governo provincial autorizou a construção da primeira linha. Em 1883, conforme sintetiza Charles Dent, "havia 256 ½ milhas de ferrovia abertas ao tráfego na província, 108 milhas estavam em construção, 172 em fase de pesquisa e 1.506 ½ autorizadas, perfazendo um total de 2.043 milhas. Ao fim de junho de 1884, 715 quilômetros ou 447 milhas estavam abertos ao tráfego" (Dent, 2025, p. 269).

No âmbito do primeiro apêndice, há ainda uma breve descrição da ilha de Fernando de Noronha e que antecede os textos que abordam temas mais gerais sobre o Brasil, como a religião e a escravidão, com uma digressão que vem, logo em seguida, acerca da origem das comunidades selvagens a partir do conceito de degradação ou degeneração, contrapondo-se à evolução ou "doutrina da produção de uma forma superior a partir de uma inferior", como denomina. Tudo isso para concluir que:

> No Brasil, encontrei homens brancos (descendentes dos portugueses), negros e alguns índios mansos; todos cristãos, vivendo juntos em condições equivalentes. Das três raças, apesar de os brancos serem a mais civilizada, os negros são fisicamente a mais bela e a mais prolífica. Encontrei alguns mulatos que eram não apenas muito inteligentes, mas também os mais bem dotados para as ciências e as línguas modernas (Dent, 2025, p. 298).

Em seguida, o autor trata dos pesos e das medidas usados no Brasil, sobre o sistema monetário e a situação financeira do país, aspectos que aborda a partir da citação de diversas fontes, além de fazer algumas considerações pessoais como:

> É uma afirmação corriqueira a de que as estatísticas podem ser utilizadas de tal forma a provar qualquer coisa; mas considero humildemente que seria necessário um homem muito inteligente para manipular os dados que citei e provar que o Brasil é um país próspero, ou mesmo que está progredindo financeiramente, à medida que receitas anuais crescentes são superadas por gastos ainda maiores. Quando se consideram os déficits anuais, e como o governo os cobre – por contínuas emissões de papel-moeda, com apólices, com empréstimos internos e externos – parece um milagre que o público confiante forneça dinheiro para financiar os déficits crescentes de um país pobre e perdulário. Certamente o Brasil ainda não deixou de honrar suas dívidas, mas o pagamento dos juros está corroendo o capital (Dent, 2025, p. 311).

O segundo apêndice é constituído também de vários textos. O primeiro, intitulado *Um rigoroso inverno em Minas Gerais*, fala a respeito das extraordinárias geadas que ocorreram na província em 1870 e sobre os nevoeiros que o autor presenciou em sua estadia na região, responsáveis pelo vigor da vegetação nas margens dos rios e ribeirões, mesmo durante a seca, cuja flora muito se aproximava à da floresta virgem.

Logo após, o autor apresenta as observações meteorológicas que fez com o uso de barômetro e termômetros em Minas, de 18 de agosto de 1883 a 27 de maio de 1884, e em Botafogo, Rio de Janeiro, de 30 de maio a 27 de julho de 1884. Segundo informa, o termômetro, exposto ao sol, ficava sempre colocado no chão, enquanto o barômetro, "um pequeno aneroide de Negretti, ficou sempre numa arca de ferro em minha barraca, colocada em troncos acima do chão para fugir da umidade" (Dent, 2025, p. 335). Esta coleta diária de dados referentes às variações climáticas nos lugares em que residiu e nos acampamentos que fez para escolha do melhor trajeto para a *Minas Central Railway* não deixa de ser uma fonte de pesquisa para se pensar, em uma perspectiva histórica, sobre o clima e as mudanças causadas pela ação do homem sobre o território de Minas Gerais.

O texto intitulado *As breves notas sobre animais, pássaros e répteis* vêm em seguida e o autor se dedica a falar, na maior parte das vezes, de sua própria experiência, destacando os espécimes que conseguiu observar principalmente em Minas, os seus hábitos e os costumes das comunidades nativas a eles relacionados, como no caso do tratamento das mordeduras de cobra. Essas notas poderiam estar no contexto de sua narrativa de viagem pelas características de depoimento pessoal que têm e pela utilização frequente dos nomes locais.

> Observei também os seguintes pássaros, dos quais, infelizmente, só tenho os nomes locais, de forma que, evidentemente, não posso classificá-los. Tordilho, semelhante a um tordo. Alma-de-gato (*cat's soul*), um pássaro grande castanho-avermelhado. O Capitão Burton diz que é uma espécie de Coprophagus(?). Tico-tico-rei, cabeça vermelha (*red head*), galo campino. Também diversos canários (Fringilidæ). Fiquei especialmente impressionado com o canto de um pássaro que nunca mais ouvi cantar, cujo nome meus homens não sabiam. Era abundante na floresta virgem perto da Serra do Curtume (de cerca de 3400 pés de altura) e só canta plenamente na primavera (outubro). Registradas com a possível exatidão, as notas são as seguintes:
>
>
>
> (Dent, 2025, p. 367).

Essa seção termina com a relação das conchas que recolheu num breve passeio pela baía de Botafogo, no Rio de Janeiro. Mas, Charles Dent menciona ainda um molusco muito comum em toda Minas Gerais.

Assim, somam-se a essa primeira relação as demais listas com os espécimes coletados pelo autor, a grande maioria em Minas Gerais. No entanto, é importante retomar algumas considerações que Charles Dent faz no prefácio de sua obra e chamar a atenção do leitor para as observações e as referências bibliográficas de interesse científico que o autor insere em meio às suas listas.

Antes de partir para o Brasil, Dent recebeu, conforme registra, várias cartas de amigos ligados aos seus círculos científicos, "dando a entender que esperavam dele extensas pesquisas, coleções e anotações sobre a maior parte dos ramos da ciência natural." (Dent, 2025, p. 58).

> Cada um dos assuntos teria sido o suficiente para ocupar todo o meu tempo; mas eu tinha um objetivo específico, fazer levantamentos topográficos para a construção de uma ferrovia, numa função de considerável responsabilidade, e deveres e preocupações imprevistas acabaram recaindo sobre mim. [...] Todos os botânicos sabem o trabalho exigido pela conservação de plantas, e compreenderão por que não me foi possível fazer o que eu desejava nessa direção.
>
> Quanto à entomologia, vali-me de todas as oportunidades para colecionar tudo o que consegui obter; e meus trabalhadores, sabendo de meu interesse, traziam-me espécimes continuamente.
>
> Devo expressar minha profunda gratidão ao Sr. Vicente de Azevedo Souza,[9] de Pitangui, Minas Gerais, que colecionou muitos insetos e pássaros enquanto esteve comigo em um acampamento perto da Serra do Curtume, em agosto e setembro de 1883; e depois enviou-me de Pitangui cerca de mil e quinhentos espécimes de coleópteros, com alguns lepidópteros e outros insetos (Dent, 2025, p. 58).

Embora os insetos fossem o seu alvo principal, deu os nomes das espécies de praticamente todas as ordens coletadas ou observadas por ele, incluindo: 23 mamíferos, 35 pássaros, 11 répteis, 25 moluscos, 408 lepidópteros (borboletas e mariposas), 530 coleópteros e outros insetos e cerca de 100 plantas, num total de 1.132 espécimes.

9. Vicente de Azevedo Souza foi designado para acompanhar os empreiteiros ingleses, entre eles L. D. Ross, sócio da firma Ross & Mathews, na viagem do Rio de Janeiro até Minas e, conforme Charles Dent, era professor no Colégio de Pitangui e tinha na época, 1883, apenas 19 anos. Como estava de férias, Vicente decidiu deixar a companhia de Ross e ficar no acampamento com Dent, a fim de aprimorar o inglês e ajudá-lo na coleta de espécimes. Durante seis semanas, foi o único companheiro de Dent, além dos trabalhadores "e, de mil formas diversas, foi muito bondoso e prestimoso" (Dent, *2025*, p. 134).

No livro, Charles Dent também agradece nominalmente a vários colegas ingleses que o ajudaram no trabalho de identificação, principalmente a James Cosmo Melvill — com quem manteve correspondência constante ao longo de sua viagem — por seus conselhos e por ter colocado à sua disposição suas ricas coleções, além de outros pesquisadores, com destaque para o Departamento de Botânica do Museu Britânico, onde dedicaram muito tempo nomeando suas plantas.

Cabe observar que, no decorrer do tempo, vários nomes científicos em latim passaram por modificações e que nesta edição foi utilizada sempre a versão dada por Charles Dent. Isso foi feito porque se perderia, numa atualização, o esforço empreendido pelo autor em seu processo de classificação, algo que lhe demandou muita pesquisa, como se percebe a partir das observações que antecedem as listas de espécimes colecionados. Essas notas do autor são o testemunho desse esforço e permitem entrever o "estado da arte" da pesquisa científica na Inglaterra e, sobretudo, as coleções provenientes de Minas Gerais.

A próxima relação que aparece, no segundo apêndice, é a dos insetos, sendo que praticamente todos foram apanhados na província de Minas Gerais, com exceção de alguns poucos coletados no Rio de Janeiro, que são diferenciados pelo autor no decorrer das suas listas por meio de um asterisco(*). Antes de listar as borboletas, Dent observa, por exemplo, que a nomenclatura por ele utilizada para os insetos foi a dos espécimes existentes no Museu Britânico e nas Coleções Hewitson, no Museu de História Natural de South Kensington, em Londres, e, também, que esta classificação foi feita pelo entomologista inglês e seu contemporâneo, William Forsell Kirby.[10]

Ao final, Dent ainda relaciona algumas borboletas descritas como sendo de Minas Gerais, mas que não estavam em sua coleção.[11] e, logo a seguir, fala sobre as mariposas que colecionou em sua viagem.

Sem aprofundar muito mais a respeito, cabe salientar novamente a importância essas listas não apenas pelos espécimes em si, mas também pelas observações e citações de outros trabalhos científicos de interesse para Minas Gerais.

10. William F. Kirby (1844-1912) publicou vários catálogos ao longo da sua vida, sendo o primeiro *Synonymic catalogue of diurnal Lepidoptera*, em 1871, com um apêndice em 1877, mencionado por Charles Dent.

11. Citadas a partir do catálogo já mencionado de Kirby e de sua outra obra: *Catalogue of the collection of diurnal Lepidoptera, formed by the late W.C. Hewitson*, de 1879, sendo que Dent destaca com um asterisco as espécimes pertencentes à Coleção Hewitson.

Após relacionar as borboletas e as mariposas, Dent faz uma pausa para retomar seus pontos de vista acerca da teoria da evolução, levantando hipóteses de explicação para os fenômenos naturais e reforçando sua crença em um deus pessoal e uma harmonia entre a criação e a natureza. Negando a existência de um conflito entre ciência e religião, ele reforça que a matemática, a física e a biologia não podiam explicar o mundo espiritual. Trata-se, portanto, de um falso dilema.

O texto na verdade tem por objetivo introduzir o tema seguinte: *Coloração protetora e mimetismo animal*, no qual apresenta sua teoria sobre esses fenômenos com base em suas observações em campo e exemplos entre borboletas, mariposas, besouros e gafanhotos. Apesar de sua defesa em favor da criação do mundo por um Ser Supremo, o autor pede moderação aos cientistas e teólogos que se opunham em controvérsias e para isso cita o próprio Darwin: "São os que sabem pouco, e não os que sabem muito, que afirmam tão categoricamente que este ou aquele problema nunca será resolvido pela natureza" (Darwin, 1874, p. 3).

Após relacionar os besouros que colecionou em Minas e alguns no Rio de Janeiro, Dent destaca especialmente os vaga-lumes (*Lampyridæ e Telephoridæ*) e o gênero Lytta (*Cantharidæ*), que são usados como remédios no Brasil, citando também outros autores que escreveram sobre o assunto.

A próxima seção é dedicada às suas breves observações sobre as abelhas e as vespas, que não colecionou; as formigas, com destaque para as chamadas "cabeçudas" ou "tanajuras"; os cupins, cujos imensos e abundantes ninhos cônicos constituíam, segundo ele, uma das principais características da paisagem nos planaltos mineiros; as baratas, das quais ele colecionou em torno de 30 espécies, assim como 20 espécies de gafanhotos e grilos. Menciona também as cigarras e se dedica a falar um pouco mais sobre as aranhas, sobretudo, as *Mygales*, algumas imensas e devoradoras de pássaros. Faz, a respeito delas, algumas observações dignas de constar em seu diário, como: "Um dia vi as crianças de uma família indígena que catava espécimes para mim com um desses monstros, amarrado por um cordão em volta da cintura, sendo conduzido pela casa como um cachorro pela coleira" (Dent, 2025, p. 408).

Em relação aos parasitas, objeto da próxima seção, ele os qualifica no título como "tormentos do Brasil". O texto inicia-se com algumas notas sobre os carrapatos e os seus hábitos, destacando que o desconforto que lhes causaram excedia muito o de qualquer outro animal, réptil ou inseto com que se depararam. Também fala dos bichos-de-pé, observando que é costume dos brasileiros chamar de "bicho" qualquer animal, desde o mais pequenino, como é o caso, até os de grande porte. Contudo, destaca que o maior tormento eram os bernes que atacavam não só os animais, mas também os homens, como foi o seu próprio caso e o de membros da sua equipe, abordando o modo de extraí-los, as dores lancinantes que causavam e os riscos de infecção. Como de hábito, Dent, além de dar o seu depoimento, reporta-se às impressões de outros viajantes.

A seção seguinte, intitulada *Notas sobre botânica*, contém um interesse especial, tendo em vista que o autor não se propõe a falar de forma generalista sobre o tema, mas se detém na descrição do que realmente conseguiu observar no âmbito do "intricado sistema das bacias hidrográficas dos rios Pará e Paraopeba" e de sua vegetação, com destaque para a serra do Curtume, da qual fez dois esboços que aparecem ilustrando o livro, como já comentado: um com a vista da serra a partir da casa grande da fazenda do Curtume e outro com a vista do vale do Camapuã.

Entretanto, o autor não teve muita sorte com a conservação dos espécimes botânicos que colecionou, pois a maioria foi destruída pela extrema umidade da estação chuvosa.

> Os temporais contínuos – durando não raro uma semana ininterrupta – na estação das chuvas são suficientemente deprimentes, mas uma barraca impermeável basta mais ou menos como proteção. Quando, entretanto, o sol termina por aparecer e toda a atmosfera se satura de um vapor quente, que penetra os recessos de todas as caixas, todos os objetos nas barracas ficam impregnados com o vapor condensado e torna-se excessivamente difícil proteger os espécimes. A estação das chuvas é a adequada para recolhê-los, mas seu trato diário e as mudanças frequentes de papel para conservá-los secos exigem um espaço de tempo do qual eu não dispunha. O resultado foi que só umas cento e cinquenta espécies chegaram à Inglaterra, muitas das quais não puderam ser identificadas (Dent, 2025, p. 449).

Apesar disso, foi acrescentado ao texto uma pequena lista das plantas que conseguiu salvar da umidade — todas elas colhidas no vale do rio Camapuã, um pequeno afluente do rio Paraopeba, em Minas Gerais —, as quais destinou ao herbário de seu amigo J. Cosmo Melvill.

Figura nesta lista a orquídea que coletou perto de Brumado, em Minas, e que ainda era desconhecida da ciência. Ela foi descrita no *Journal of Botany*, de junho de 1885,[12] por H. N. Ridley, que lhe deu a denominação de *Habenaria Melvillii*, associando o seu nome a J. Cosmo Melvill, que destinou o exemplar colhido por seu amigo Charles Dent ao herbário do Museu Britânico.

---

12. A New […] (1885).

Após dar essa notícia, o autor passa a falar sobre plantas, vegetais e frutas e seu uso entre os habitantes do país. Esse pequeno texto também poderia estar inserido em seu diário, tendo em vista a complementaridade que essas notas possuem com a sua narrativa. O fumo de Rio Pomba, produzido na região próxima de Barbacena e Rio Novo, é destacado por Dent devido à sua qualidade, sendo que ele levou uma boa reserva para consumo próprio e de seus amigos, que o consideraram "soberbo".

Destaca ainda seis tipos de bananas, apresentando-as a partir das denominações e dos usos locais: banana-ouro, banana-prata e banana-de-são-tomé, que eram comidas cruas; banana-maçã, banana-da-terra e banana-velhaca, fritas ou cozidas. Fala da cana-de-açúcar, da rapadura e dos vários tipos de cachaça. Também menciona a existência de diversos tipos de pimenta, "todas excelentes", e o fato dos mineiros fazerem largo uso delas por serem "boas para a digestão".

As demais frutas citadas no texto são o marmelo, a gabiroba e a goiaba o autor também ressalta o hábito de comer goiabada com queijo, algo que lhe fez lembrar alguns lugares da Inglaterra onde se comem tortas de maçã ou ameixa, também com queijo. Dent ainda fala de outros produtos e hábitos alimentares dos brasileiros e, em particular, dos mineiros.

Por fim, As *Notas sobre a geologia dos distritos visitados* encerram o livro e, a esse respeito, Dent é bastante sincero, evidenciando o fato de não ter conseguido ver muita coisa e restringindo-se a falar sobre as formações gnáissicas e a sua desintegração em escala gigantesca no Brasil, fazendo algumas poucas considerações pessoais em meio às citações de outros autores, particularmente, em relação à engenharia e aos problemas que essas formações trazem para construção de linhas férreas.

> Para o engenheiro, essas características geológicas são inconvenientes. As massas de rocha dura exigem curvas muito agudas seguindo o curso dos rios perto dos divisores hidrográficos, passando, especialmente, pelas frequentes cachoeiras (*cataracts ou waterfalls)*, quando o rio, após atravessar um vale plano de meia milha de largura, pode precipitar-se de repente por um desfiladeiro de vinte a cinquenta pés de largura, com paredes verticais. Depois, novamente, os xistos argiláceos são muito traiçoeiros, tanto nos cortes quando nas margens. Nos primeiros, a largura da formação tem que ser consideravelmente maior que a linha, levando em conta a grande quantidade de argila erodida nos lados durante as chuvas e isso é tão sério que chega ocasionalmente a parar o tráfego. Ao se fazer a terraplenagem, tem-se que ter muito cuidado com o material usado, sendo também obrigatórias grandes escavações laterais e precisando-se, algumas vezes, de recorrer a uma ladeira vizinha para obter-se material adequado; mas mesmo com todas as precauções, as margens podem ceder ou ser levadas durante as chuvas. Isso aconteceu com o então recém-inaugurado prolongamento da Estrada de Ferro Dom Pedro II até Queluz de Minas[13] em janeiro de 1884, e uma longa rampa teve de ser refeita, interrompendo o tráfego durante algumas semanas (Dent, 2025, p. 462).

Refutando a teoria da glaciação, Dent é partidário da explicação dada por Emannuel Liais para as causas dessa desintegração geológica, fazendo uma síntese de suas afirmações e recomendando a leitura de sua obra *Climats, Géologie, Faune et Géographie Botanique du Brésil*, de 1872, que ainda se mantém inédita em português.

Portanto, espera-se que essa breve síntese sobre os apêndices possa chamar a atenção dos leitores para um conjunto bastante rico de textos que, apesar de um pouco desconexos, apresentam conhecimentos, sobretudo, empíricos sobre o Estado de Minas Gerais e o Brasil por parte do autor, e dos que conseguiram compilar seus estudos num momento em que os métodos, as classificações, as hipóteses e as teorias científicas estavam sendo construídas e sistematizadas, apesar da ciência, em todos os tempos e enquanto construção humana, estar sempre por fazer-se e reinventar-se.

---

13. Atualmente, Conselheiro Lafaiete.

REFERÊNCIAS

A NEW habenaria from Brazil. *Journal of Botany*, v. XXIII, p. 170, jun. 1885.

APONTAMENTOS para a geografia da província de Minas Gerais. Rio de Janeiro: H. Laemmert & Ca., 1883.

BOSCHI, Caio César. *Os leigos e o poder:* irmandades leigas e política colonizadora em Minas Gerais. São Paulo: Ática, 1986.

CAMPOS, Adalgisa Arantes. *Introdução ao barroco mineiro:* cultura barroca e manifestações do rococó em Minas Gerais. Belo Horizonte: Crisálida, 2006.

DARWIN, Charles. *The descent of man.* London: J. Murray, 1874. v. 1.

DENT, Hastings Charles. *A year in Brazil:* with notes on the abolition of slavery, the finances of the empire, religion, meteorology, natural history etc. London: Kegan Paul, Trench & Co. 1886.

DENT, Hastings Charles. *Um ano no Brasil:* com notas sobre a abolição da escravidão, as finanças do Império, a religião, a meteorologia, a história natural etc. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 2025. (Coleção Mineiriana).

DENT, Hastings Charles (1855-1909). [*S.l.: s.n.*], [190-]. Disponível em: https://plants.jstor.org/stable/10.5555/al.ap.person.bm000065121. Acesso em: 22 dez. 2024.

HASTINGS Charles Dent: obtuary. [*S.l.: s.n.*], 1909. Disponível em: https://gracesguide.co.uk/Hastings_Charles_Dent. Acesso em: 22 dez. 2024.

MARTINS, Roberto Borges. *Crescendo em silêncio:* a incrível economia escravista de Minas. Gerais no século XIX. Belo Horizonte: ICAM: ABPHE, 2018. Disponível em: https://www.abphe.org.br/uploads/Crescendo%20em%20sil%C3%AAncio.pdf. Acesso em: 27 jan. 2025.

MORAES, Rubens Borba de; BERRIEN, William (org.). *Manual bibliográfico de estudos brasileiros.* Brasília: Senado Federal, 1998. 2 v. (Coleção Brasil 500 anos). Acesso em: 27 jan. 2025.

WELLS, James W. *Explorando e viajando três mil milhas através do Brasil:* do Rio de Janeiro ao Maranhão. Tradução de Myriam Ávila. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1995. 2 v. Disponível em: http://www.bibliotecadigital.mg.gov.br/consulta/consultaDetalheDocumento.php?iCodDocumento=53583. Acesso em: 27 jan. 2025.

A Minas Central Railway of Brazil – UMA AVENTURA ANGLO-BRASILEIRA

Friedrich Ewald Renger

A MINAS CENTRAL RAILWAY OF BRAZIL – UMA AVENTURA ANGLO-BRASILEIRA

Friedrich Ewald Renger

Com a invenção da locomotiva a vapor pelo engenheiro inglês Robert Stephenson, em 1829, o novo sistema de transporte terrestre espalhou-se rapidamente pelo mundo. A locomotiva e, com ela, as ferrovias tornaram-se símbolos da Revolução Industrial, possibilitando mobilidade de pessoas e mercadorias jamais imaginadas. Distâncias que antes levavam muitos dias ou até semanas para serem vencidas puderam ser percorridas em algumas horas. As estradas de ferro também contribuíram decididamente para o desenvolvimento econômico de regiões remotas e, assim, facilitaram a integração nacional.

Já em 1835, um decreto de Regente Feijó estabeleceu o primeiro plano ferroviário para o Brasil, propondo ligações de estradas de ferro da capital Rio de Janeiro à Bahia, Minas Gerais e Porto Alegre. O Decreto nº 101, de 31 de outubro de 1835, portanto, autorizava o governo imperial a conceder o privilégio de 40 anos a uma ou mais companhias que se dispusessem a construir e operar as estradas de ferro para cargas e passageiros.

Ainda assim, foi somente em 1852 que se criou a primeira empresa de transporte ferroviário, a Imperial companhia de navegação a vapor e estrada de ferro de Petrópolis, uma iniciativa do empresário Irineu Evangelista de Sousa, mais conhecido como Barão de Mauá, que inaugurou, em abril de 1854, o primeiro trecho de 15 km na Baixada Fluminense.

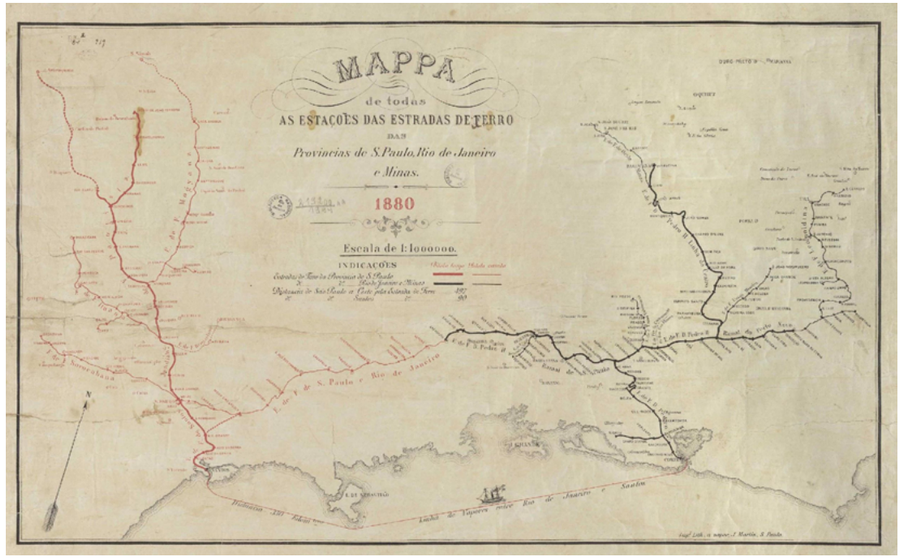
O Decreto nº 641, de 26 de junho de 1852, modificou o anterior, fixando como destinos Minas Gerais e São Paulo, além de garantir juros de até 5% sobre o capital empregado na construção da via férrea e também outras vantagens econômicas, como: facilidades de desapropriação, isenção de impostos sobre material ferroviário importado, entre outros.

Após algumas tentativas frustradas, foi criada a Companhia Estrada De Ferro Dom Pedro II (EFDP) em maio de 1855, que inaugurou seu primeiro trecho de 48 km entre Rio de Janeiro e Queimados. Depois de atravessar a Serra do Mar, essa estrada ligaria o Rio de Janeiro a São Paulo e Minas Gerais em dois ramais, ambos seguindo pelo vale do rio Paraíba do Sul, pela montante e pela jusante, respectivamente. Já em 1857, o presidente da província de Minas Gerais avisou à Assembleia Legislativa Provincial sobre a possibilidade da chegada da estrada de ferro ao território mineiro e propôs uma garantia de juros de 2% sobre o capital investido em estradas de ferro na região, adicionais à garantia de 5% do Governo Geral. Porém, levou ainda mais de uma década para os trilhos da EFDP chegarem ao solo mineiro com a inauguração das estações Santa Fé e Chiador em 1869.

Com o progresso da construção da EFDP e a legislação sobre a garantia de juros, houve uma corrida desenfreada para concessões de estradas de ferro em quase toda a região. Muitas linhas foram autorizadas, porém não existia um plano geral abrangendo o território mineiro como um todo, apesar de constantes apelos para a elaboração desse plano. Além disso, a multiplicidade de concessões com garantias de juros ou subvenção quilométrica chegou a níveis insuportáveis para o tesouro da província.

As principais vias férreas em Minas, nos anos 1880, eram, além da EFDP, a Leopoldina, que absorveu, no decorrer dos anos, uma série de estradas menores (de bitola de 1 m), e a Oeste de Minas, que usou como subterfúgio a falta de uma definição exata da "bitola estreita" e colocou trilhos de 76 cm (também chamada de bitolinha), que servia somente para trechos curtos, sem a possibilidade de um prolongamento futuro. Restou dessa histórica ferrovia o trem turístico entre São João del-Rei e Tiradentes.

Mapa 1: Rede ferroviária das províncias de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais – 1880



Fonte: Mappa [...] (1880).

Muitas concessões foram autorizadas pelo Governo da Província em atendimento a interesses locais, mas sem ter condições de sucesso econômico. O engenheiro Cristiano Otoni, primeiro presidente da companhia responsável pela EFDP, também conhecido como "pai das estradas de ferro do Brasil", chamou atenção para o problema já em 1859, quando escreveu seu livro *O futuro das estradas de ferro no Brasil*:

> Seria um grande meio de regularizar as concessões de estradas de ferro e tornar mais proveitosos os auxílios do Estado, definir desde já as grandes linhas que um dia devem compor a nossa rede, e recusar com firmeza os auxílios do Tesouro a todas aquelas que não reunirem estas duas recomendações: 1ª, ter em si mesmas; elementos de prosperidade; 2ª, entroncar-se facilmente em alguma das grandes linhas, fazendo parte do plano geral. Será isso difícil, mas certamente não é impossível (Otoni, 1859, p. 10).

Uma uniformização da outorga de concessões só foi alcançada com o Decreto nº 7.959, de 28 de dezembro de 1880, autorizando os governos provinciais a fazer concessões dentro da própria província, enquanto as autorizações para vias férreas interprovinciais e países vizinhos seriam da competência do Governo Central. Apesar de repetidas manifestações no sentido de seguir um plano nacional para a rede ferroviária, muitos trechos foram autorizados com uma viabilidade econômica questionável ou até mesmo inviável e, posteriormente, foram incorporados por ferrovias concorrentes.

Um dispositivo essencial para atrair capital para a construção das estradas de ferro no Brasil, seja nacional ou estrangeiro, era a garantia de juros dada pelos governos provinciais ou central, fato que foi estudado pelo engenheiro André Rebouças no seu livro *Garantia de juros: estudo para sua aplicação às empresas de utilidade pública no Brasil* (de 1874).

Com o esgotamento das minas de ouro na região central de Minas Gerais, a atividade econômica deslocou-se para o oeste mineiro onde se desenvolveu a agropecuária. Pitangui foi elevada a vila em 1715. Ela era a mais ocidental das vilas do ciclo do ouro e tornou-se, no século XIX, um importante polo irradiador da nova orientação da economia mineira com a criação de gado e porcos. Muitos municípios do centro-oeste de Minas se emanciparam de Pitangui: Pará de Minas, Itaúna, Carmo do Cajuru entre outros, cuja população ansiava por um escoadouro eficiente de seus produtos.

The Minas Central Railway of Brazil Limited

Nas minas, bem como nas ferrovias, a falha, a causa do fracasso, repito, está, não nos brasileiros, mas em nós (Burton, 1869, p. 217, v. 1).

A história da Minas Central Railway começou com a concessão para a construção de um trecho de ferrovia entre os municípios de São João del-Rei, Pará de Minas e Curvelo até a ponte do Miranda, ponto inicial de navegabilidade do rio Pará, vizinho à cidade de Pitangui. A concessão outorgada pela Lei Provincial nº 2.330, de 12 de julho de 1876, a uma companhia nacional ou estrangeira, a ser organizada por Francisco José Pedro Lessa e pelo engenheiro Eugênio de Lemos,

seria então um ramal da Estrada de Ferro Oeste de Minas (Efom) que ligaria a EFDP a São João del-Rei. Por ironia do destino, mais tarde a Efom se tornaria a grande rival da Estrada de Ferro de Pitangui quando essa resolveu mudar o traçado saindo direto da EFDP.

Para a E. F. de Pitangui, a lei estabeleceu um privilégio exclusivo de 60 anos para construção e gozo de uma estrada de ferro de bitola estreita e ainda concedeu uma garantia de juros de 7% ao ano sobre o capital empregado, não podendo exceder 9 mil contos. Porém, a construção das duas ferrovias teve que esperar a chegada da linha do centro da EFDP até a região de Barbacena, o que se deu somente nos anos de 1880.

A Estrada de Ferro de São João del-Rei, mais conhecida como Oeste de Minas, originou-se na concessão dada aos cidadãos José de Resende Teixeira Guimarães e Luís Augusto de Oliveira, autorizada pela Lei Provincial nº 1.982, de 11 de novembro de 1873, para a construção de uma ferrovia que ligasse a EFDP ao vale do rio Grande. A Lei Provincial nº 1.914, do ano anterior, tinha autorizado o governo da província a conceder garantias de juros de 7% sobre o capital investido ou uma subvenção quilométrica de 9 contos "a quem se propuser a construir um ramal que, partindo da linha férrea de D. Pedro II de um ponto próximo às vertentes do rio das Mortes, se dirija ao ponto navegável do rio Grande e siga até as divisas da província pelo lado Oeste" (Minas Gerais, 1872, art. 1º). O trecho inicial da Efom entre a estação Sítio (hoje Antônio Carlos) da EFDP e São João del-Rei, com 100 km de extensão, foi inaugurado em 28 de agosto de 1881 com a presença do imperador D. Pedro II.

Enquanto o projeto da linha férrea entre São João del-Rei e Pitangui não progrediu, a população da região procurava outros meios de melhoramento para o transporte local. Assim, pela Lei Provincial nº 2.614, de 7 de janeiro de 1880, Juscelino Pacheco de Sousa, comerciante em Entre Rios de Minas e fornecedor das provisões do nosso autor Charles Dent, foi autorizado a construir uma estrada de rodagem da estação de Carandaí da EFDP até a vila de Entre Rios de Minas. Essa estação, situada a 56 km ao norte de Barbacena, foi inaugurada em outubro de 1881. Porém, como muitas das concessões de vias de comunicações, esse projeto também não teve prosseguimento.

Com a proximidade da inauguração das estações de Carandaí e Cristiano Otoni (Paraopeba), Francisco Lessa, que deixou seu projeto original adormecido durante cinco anos, revisou o projeto definido na Lei Provincial nº 2.330, de 12 de julho de 1876, e conseguiu da Assembleia Legislativa Provincial, em 24 de agosto de 1881, um novo decreto "modificando o traçado de modo que, partindo do ponto mais conveniente da estrada de ferro D. Pedro II e seguindo o vale do Paraopeba, vá ter à confluência deste rio com o de São Francisco" (A actualidade [...], 1881, p. 1).

Lessa obteve uma nova concessão (Lei Provincial nº 2.796, de 3 de outubro de 1881) que modificou outra vez o trajeto da ferrovia de Pitangui. Em vez de sair de São João del-Rei, o ponto inicial foi fixado no local mais conveniente da estrada de Pedro II, no vale do Paraopeba,

até a ponte do Miranda, nas proximidades de Pitangui, e não à barra do rio Paraopeba no rio São Francisco, mantendo, porém, as demais condições, especialmente a garantia de juros de até 7% ao ano, pagáveis em dinheiro. A bitola foi fixada em 1 m. Logo em seguida, em 18 de novembro de 1881, foi firmado um contrato com o governo provincial para a construção da estrada de ferro The Minas Central Railway of Brazil[1]. Deve-se acrescentar que posteriormente, pela Lei Provincial nº 3.233, de 22 de outubro de 1884, foi alterado o ponto final, anteriormente previsto para a ponte do Miranda, para a cidade de Pitangui, com um acréscimo de cerca de 5 km.

Esse contrato incluiu também a realização de uma extensão ferroviária de Pitangui ao município de Patos, até o lugar onde o rio Paranaíba começa a ser navegável. A concessão foi feita ao engenheiro Estevão Ribeiro de Assis Resende e autorizada pela Lei Provincial nº 2.812, de 6 de outubro de 1881.

Francisco Lessa associou-se às pessoas importantes do Império para desenvolver seu projeto da E. F. de Pitangui, entre eles, Francisco de Paula Mayrink, Quintino Bocaiúva e Bernardo Caimary. Francisco de Paula Mayrink era banqueiro, diretor do Banco Comercial do Rio de Janeiro, e empresário dos ramos de navegação, viação férrea e outros empreendimentos. Em 1880 assumiu a direção da E.F. Sorocabana e tinha participação nas Estradas de Ferro Bahia e Minas, Petrópolis e Santos-Jundiaí. Quintino Bocaiuva era jornalista e político liberal, muito amigo de Mayrink. Bernardo Caimary era empresário do ramo têxtil, fundador da Companhia Petropolitana de Tecidos (Cascatinha), criada em 1873. Além deles, faziam parte da negociação: Thomas José de Aquino e Castro e Domingos Moitinho, ambos negociantes e capitalistas, residentes no Rio de Janeiro.

Por escritura de 14 de dezembro de 1882, Francisco Lessa, Estevão Ribeiro de Assis Resende e seus sócios passaram suas concessões a Carlos Theodoro Bustamante, advogado e empresário no Rio de Janeiro, pelo preço de 10 contos de réis, além de 208 contos a título de indenização de despesas preliminares, sendo 195 contos referentes à concessão da estrada de Paraopeba a Pitangui e 85 contos pela de Pitangui a Patos (Arquivo Público Mineiro,[...] fs. 158-168) Francisco Lessa conseguiu, por intermédio do empresário Carlos Theodoro Bustamante, interessar um grupo de investidores na Inglaterra que formaram a empresa Minas Central Railway, em Londres. Constituída em 25 de abril de 1883, com um capital autorizado de 732.500 libras esterlinas, a empresa tinha por finalidade adquirir as concessões e os direitos de subvenção da estrada de ferro de Pitangui, com a possibilidade de uma extensão até Patos de Minas e o ponto inicial da navegabilidade

1. Este contrato, bem como os posteriores referentes à construção da Estrada de Ferro Pitangui encontram-se no Códice SG 1109 *Termos de contrato referentes à construção de estradas de ferro* do Arquivo Público Mineiro.

do rio Paranaíba. (Arquivo Público Mineiro [...] fs. 158-168.). A inglesa Minas Central Railway of Brazil Limited foi autorizada a funcionar no Brasil pelo Decreto Imperial nº 9.030, de 29 de setembro de 1883, acompanhado pelos seus estatutos com 200 artigos.

Na mesma época, a companhia lançou uma campanha publicitária, oferecendo ações de 20 libras cada uma, com o atrativo da garantia de juros de 7% ao ano avalizados pelo governo da província e pagáveis em ouro na praça de Londres. Já em janeiro de 1883, a companhia contratou, como seu representante no Brasil, o renomado engenheiro brasileiro André Rebouças, que se notabilizou pela construção da E. F. Curitiba-Paranaguá, considerada na época uma das mais arrojadas obras de engenharia.

Figura 1: Ação de 20 libras esterlinas da Minas Central Railway of Brazil – emissão de 1885

Fonte: Minas Central Railway of Brazil Limited (1885a).

A Minas Central contratou a empreiteira de obras públicas Ross & Matthew para as obras preliminares, isto é, para seleção, reconhecimento e levantamento topográfico do traçado da nova via pelos vales dos rios Paraopeba e Pará. A empreiteira enviou uma equipe de engenheiros ingleses ao Brasil em junho de 1883, da qual fazia parte o engenheiro Hastings Charles Dent, que apro-

veitou sua experiência de um ano no interior de Minas Gerais para escrever seu livro *Um ano no Brasil*, publicado em 1886, em Londres.

Charles Dent, ao que parece, não teve conhecimento dos trabalhos executados pelo seu conterrâneo e colega de profissão, James Wells, na década anterior no vale do Paraopeba e a serviço da EFDP. Os dois publicaram seus livros em 1886 e, ao que parece, Dent não teve acesso ao livro de Wells antes de editar a sua obra. Essa pode ser, talvez, uma explicação para isso.

Mapa 2: Trajeto da Estrada de Ferro Pitangui entre os vales dos rios Paraopeba e Pará – Minas Gerais – elaborado por Charles Dent – 1886

Map of the
WATERSHEDS AND UPPER VALLEYS OF THE RIVERS
PARÁ, PARAOPEBA, AND DAS VELHAS
(Corrected according to our Surveys)
H.C. DENT.
English Miles
Kilometres
Natural Scale, 1:1,908,000.
PITANGUI
Ponte de Miranda
Concordia
Onça
Guarda
Gap.ª Luiza
Nunes
Tamandua
Pará
Anselmo
Monte do Cedro
Marianno Lessa
Sta Anna
Espirito Santo
Cajuru
Serrinho
Itatiaya-assú
Rio Manso
Porto do Joaquim
Vidalia
S.S. do Soarete
PAPE CERICA
Chapéo
Rio de Peixe
Campo Grande
Dores Tenente
OLIVEIRA
Rio Jacaré
Campinho
S. Thomé
Imparo
Bom Jesus dos Perdões
Mosaico
Rio Lavras
LAVRAS
Rosario
S.S. do Nazareth
Palmital
Ribeirão
Rio Verde
Rio das Mortes
S. Gonçalo
Sta Rita do Rio Abaixo
Sta Rita
Sta Anna do Rio Abaixo
Longitude West of Rio de Janeiro
SERRA NEGRA
SERRA DA PIEDADE
Piedade de Paraopeba
Itabira do Campo
Rio das Pedras
Gaiolas
Gaiolas
Ribeirão
Ribeirão
Ribeirão

plano geral integrando as vias férreas, as demandas e os interesses individuais sempre conseguiram se impor no âmbito dos projetos locais. Em 1885, onze ferrovias estavam executadas ou em andamento, entre elas a E. F. de Pitangui em execução pela Minas Central Railway. Além disso, havia onze empreendimentos autorizados, mas ainda não iniciados, o que resultaria em pagamentos anuais de mais de 4.500 contos, uma séria ameaça para a capacidade do tesouro provincial, de acordo com a fala do presidente José Antônio Alves de Brito, em 1° de agosto de 1885 (Fala [...], 1885, p. 40).

Esse valor chegou, em 1889, a quase 92 mil contos de réis, de acordo com a mensagem do Barão de Camargos, o então primeiro vice-presidente da província de Minas Gerais (Fala [...], 1889, p. 36-37).

Diante dos problemas financeiros, a Minas Central Railway paralisou as obras já em 1885 e tentou levantar mais capital com a emissão de debêntures em outubro daquele ano, provavelmente, devido à recusa do governo da província em desembolsar os juros garantidos. As debêntures, no valor de 600 mil libras esterlinas em cédulas de 100 libras cada, eram pagáveis até julho de 1910. Sua emissão tinha o aval dos senhores Frederick George Milner e Robert Farquharson, ambos membros do parlamento britânico.

Figura 2: Debênture de 100 libras esterlinas da Minas Central Railway of Brazil – 1885

Fonte: Minas Central Railway of Brazil Limited (1885b).

A disputa pelo pagamento dos juros garantidos arrastou-se durante dois anos, sendo amplamente documentada nos relatórios e nas mensagens da presidência da Província. Finalmente, o presidente Francisco de Faria Lemos resolveu declarar a caducidade da concessão em 18 de outubro de 1886 (Relatório [...], 1886, p. 131).

O último registro sobre a ferrovia de Pitangui, nos relatórios dos presidentes da província, é de 1888, feito pelo diretor-geral de obras públicas, José de Castro Teixeira de Gouveia:

> Tendo sido apresentadas as contas do segundo semestre de 1884, a Diretoria de Fazenda as impugnou, além de outros fundamentos, pela falta de documentos, e a Presidência julgando procedente a impugnação, negou o pagamento.
>
> Por várias vezes tem pedido a companhia a reconsideração desse despacho, até que por fim apresentou a V. Ex. em 1° do corrente mês um novo requerimento, no mesmo sentido dos outros, no qual pede lhe seja feito o pagamento dos juros, responsabilizando-se a assinar um termo em que se obrigasse a apresentar mais tarde conta corrente, não lhe sendo pago nenhum outro juro enquanto tal conta não for exibida.
>
> V. Ex. sustentou pelos mesmos fundamentos os despachos anteriores.
>
> Dos 56 km cujos estudos estão aprovados, somente estão atacados 20, e estes mesmos só no que diz respeito ao movimento de terras.
>
> Não tem uma só obra de arte, nem, ao menos, as indispensáveis para garantir os aterros.
>
> Enfim, reina uma perfeita *anarquia* nessa companhia, o que nos faz crer que são verdadeiros os boatos pouco lisonjeiros que correm a respeito de sua organização (Fala [...], 1888, p. 15, grifo nosso).

Em vista disso, a companhia foi extinta e, em 31 de dezembro de 1895, excluída do registro de companhias e ações em Londres.

As obras não passaram dos levantamentos topográficos e de alguns movimentos de terra, sem que fosse colocado qualquer trilho. Com a caducidade da concessão da Minas Central Railway, a Efom voltou sua atenção ao vale do Paraopeba e propôs uma ligação ferroviária partindo da estação de Oliveira, inaugurada em 1887, para atingir o alto São Francisco passando por Pitangui (Fala [...], 1889, p. 38).

Pitangui só recebeu uma ligação ferroviária em 1907, por meio de um pequeno ramal de apenas 3 km que partia de uma linha com bitola mista de 76 cm e de 1 m, sendo que a bitola de 76 cm era da Efom e a de 1 m da E. F. Paracatu. O trecho foi desativado em 1968.

REFERÊNCIAS

A ACTUALIDADE: órgão do Partido Liberal. Ouro Preto, 14 set. 1881.

ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Secretaria de Governo da Província. SG 1109, fs. 158-160; 168 e seg.

BURTON, Richard Francis. *Explorations of the highlands of the brazils.* London: Tinsley Brothers, 1869. 2 v.

DENT, Hastings Charles. *A year in Brazil:* with notes on the abolition of slavery, the finances of the empire, religion, meteorology, natural history etc. London: Kegan Paul, Trench & Co., 1886.

FALA dirigida à Assembleia Legislativa Provincial de Minas Gerais pelo Presidente da Província Antônio Gonçalves Chaves durante a segunda sessão da Vigésima Quarta Legislatura. Ouro Preto, 1883.

FALA que a Assembleia Legislativa Provincial de Minas Gerais dirigiu, por ocasião da instalação da 2ª sessão da 27ª Legislatura em 4 de junho de 1889, ao 1 °. Vice-Presidente da Província, Dr. Barão de Camargos. Ouro Preto, 1889.

FALA que a Assembleia Provincial de Minas Gerais dirigiu o Exmo. Sr. Dr. Luiz Eugenio Horta Barbosa ao instalar-se a primeira sessão da vigésima sétima Legislatura em 1° de junho de 1888. Ouro Preto, 1888.

FALA que o Exmo. Sr. Desembargador José Antônio Alves de Brito dirigiu à Assembleia Legislativa Provincial de Minas Gerais na 2ª sessão da 25ª Legislatura em 1 ° de agosto de 1885. Ouro Preto, 1885.

MAPPA de todas as estações das estradas de ferro das províncias de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas. São Paulo: Lith. J. Martin, 1880. Mapa. Escala: 1:1000000.

MINAS CENTRAL RAILWAY OF BRAZIL LIMITED. [Ação de 20 libras esterlinas]. London, 1885a. Disponível em: https://scripomuseum.com/the-minas-central-railway-of-brazil-limited/. Acesso em: 3 fev. 2025.

MINAS CENTRAL RAILWAY OF BRAZIL LIMITED. *First mortage debenture for £100.* London, 1885b. Disponível em: https://veissid.com/product/brazil-minas-central-railway-of-brazil-limited-100-first-mortgage-debenture-1885/. Acesso em: 3 fev. 2025.

MINAS GERAIS. Assembleia Legislativa Provincial. *Lei n° 1.914, de 19 de julho de 1872.* Autoriza o governo a conceder a garantia de juros até 7 por cento sobre o capital não inferior a 4.000:000$000 ou a subvenção de nove contos por cada quilômetro de estrada construída: 1º à companhia que se propuser a construir um ramal de estrada de ferro econômica em continuação da já garantida pela Lei n. 1.827 de 10 de outubro de 1871 e contém outras disposições a respeito. Ouro Preto, 1872.

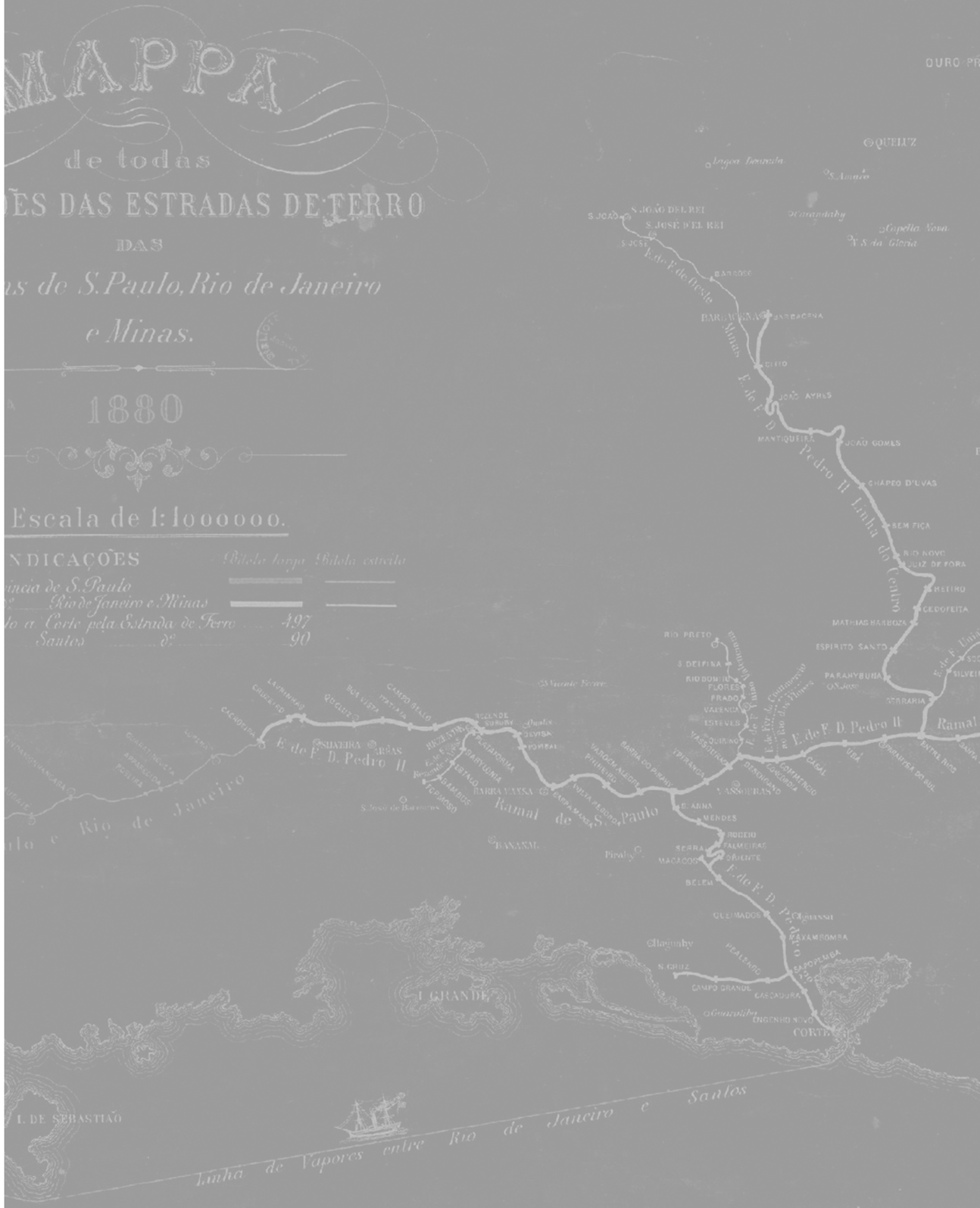
MINAS GERAIS. Diretoria Geral das Obras Públicas da Província de Minas Gerais Minas Gerais. *[Relatório] de 20 de março de 1886, dirigido ao Dr. Manoel do Nascimento Machado Portella, Presidente da Província*. Ouro Preto, 1886.

NOTICIARIO. *O Paiz,* Rio de Janeiro, p. 2, 9 mar. 1885.

OTONI, Cristiano Benedito. *O futuro das estradas de ferro no Brasil.* Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1859.

RELATÓRIO com que o Dr. Manuel do Nascimento Machado Portella, ex-presidente da Província de Minas Gerais, passou a administração ao Dr. Antônio Teixeira de Sousa Magalhães, 1 ° vice-presidente, em 13 de abril de 1886. Ouro. Preto, 1886.

THE MINAS Central Railway of Brazil limited. *Revista de Estradas de Ferro,* Rio de Janeiro, v. 1, n. 3, p. 40-42, 29 mar. 1885. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/341428/per341428_1885_00003.pdf. Acesso em: 3 fev. 2025.



II

UM ANO NO BRASIL

COM NOTAS SOBRE
A ABOLIÇÃO DA ESCRAVIDÃO, AS FINANÇAS
DO IMPÉRIO, A RELIGIÃO,
A METEREOLOGIA, A HISTÓRIA NATURAL ETC.

POR
HASTINGS CHARLES DENT
C.E., F.L.S., F.R.G.S.
MEMBRO DA MANCHESTER LITERARY AND PHILOSOPHICAL SOCIETY
MEMBRO DO VICTORIA INSTITUTE ETC.

CONTENDO DEZ ILUSTRAÇÕES DE PÁGINA INTEIRA E DOIS MAPAS

LONDRES
1886

Este volume é dedicado a

LADY BEAUJOLOIS E. C. DENT,

como tributo de

respeito, afeto e gratidão,

por seu respeitoso filho,

O AUTOR.

PREFÁCIO

Ao oferecer este livro como uma pequena contribuição para a bibliografia sobre o Brasil, eu devo pedir a indulgência por muitas imperfeições. O trabalho pretendia ser apenas um esboço; contudo, além do diário, formado quase inteiramente de cartas enviadas à Inglaterra, acrescentei breves notas sobre vários assuntos que espero despertem o interesse de diferentes tipos de leitores.

Antes de partir para o Brasil – o que fiz com aviso de apenas uma semana – recebi cartas de amigos ligados a círculos científicos dando a entender que esperavam de mim extensas pesquisas, coleções e anotações sobre a maior parte dos ramos da ciência natural. Cada um dos assuntos teria sido o suficiente para ocupar todo o meu tempo; mas eu tinha um objetivo específico: fazer levantamentos topográficos para a construção de uma ferrovia, numa função de considerável responsabilidade, e deveres e preocupações imprevistas acabaram recaindo sobre mim. A respeito desse trabalho, que exigia atenção e, evidentemente, a maior parte de meu tempo, declaro agradecido que consegui executá-lo satisfatoriamente; mas, neste livro, por muitas razões, eximi-me de tratar do assunto com detalhes.

Todos os botânicos sabem o trabalho exigido pela conservação de plantas, e compreenderão porque não me foi possível fazer o que eu desejava nessa direção.

Quanto à entomologia, vali-me de todas as oportunidades para colecionar tudo o que consegui obter; e meus trabalhadores, sabendo de meu interesse, traziam-me espécimes continuamente.

Devo expressar minha profunda gratidão ao Sr. Vicente de Azevedo Souza, de Pitangui, Minas Gerais, que colecionou muitos insetos e pássaros enquanto esteve comigo em um acampamento perto da Serra do Curtume, em agosto e setembro de 1883; e depois enviou-me de Pitangui cerca de mil e quinhentos espécimes de coleópteros, com alguns lepidópteros e outros insetos.

Espero que tenham interesse pelas notas sobre a climatologia dos distritos montanhosos, onde residi de julho de 1883 até maio de 1884, a uma altitude média de três mil pés acima do nível do mar.

Devo citar duas obras muito valiosas às quais me referi frequentemente: *Climats, géologie, faune, et géographie botanique du Brésil,* do professor Emmanuel Liais[1] (Paris, 1872), e *Explorations of the highlands of Brazil,* do capitão Richard F. Burton,[2] (Londres, 1869, 2 vols.). O primeiro é de cunho exclusivamente científico e muito importante como livro de consulta. O segundo, apesar de publicado há dezesseis anos, poderia ter sido escrito ontem no que diz respeito à vida no interior. Ambos os trabalhos são escritos num estilo extremamente encantador, e devo expressar minha grande dívida para com esses dois cavalheiros, bem como para com o Sr. H. W. Bates,[3] que generosamente me concedeu permissão especial para fazer extratos dos respectivos volumes.

O Capitão Burton, cujo conhecimento de línguas é possivelmente sem igual, que é bem conhecido pelas audazes explorações e expedições que vem executando, viajou do Rio de Janeiro, via Petrópolis, Juiz de Fora, Barbacena, São João[4] del-Rei e Olhos d'Água até Congonhas do Campo e daí pelo rio das Velhas até a confluência do rio São Francisco, que ele seguiu por cerca de mil e quinhentas milhas, até sua foz na província da Bahia.[5] A parte inicial de sua viagem muitas vezes atravessa as regiões que visitei e onde trabalhei, como demonstrará a consulta ao mapa; e por essa razão descrevo a rota com detalhes.

Tentar rivalizar com um livro como o do capitão Burton, e mais ainda com o trabalho científico do Sr. Liais, seria um despropósito; mas se meu modesto diário servir de meio para passar algumas horas agradáveis, e se minhas notas puderem acrescentar alguma coisa ao repertório de conhecimentos gerais, dar-me-ei por satisfeito.

---

1. N.A. Antigamente diretor do Observatório Imperial do Rio de Janeiro, astrônomo do Observatório de Paris etc.
N.E. Emmanuel Liais (1826–1900) era um astrônomo, geógrafo e naturalista francês que viveu no Brasil de 1858 a 1883; entre 1871 e 1881 era diretor do Observatório Astronômico no Rio de Janeiro. Em 1865 publicou os resultados do levantamento hidro topográfico do alto Rio São Francisco e Rio das Velhas.

2. N.A. Atualmente Sir Richard F. Burton, K. C. M. G. [Cavaleiro Comandante da Ordem de São Miguel e São George].
N.E. Sir Richard Francis Burton (1821–1890), explorador inglês; entre 1865 e 1868 era cônsul britânico em Santos; em 1867 fez uma viagem do Rio de Janeiro para Minas Gerais à procura de uma mina de ouro para investimento próprio; saindo de Sabará, seguiu a viagem em canoa descendo os rios das Velhas e São Francisco até as cataratas de Paulo Afonso.

3. N.E. Henry Walter Bates (1825 – 1892), naturalista inglês que fez junto com Alfred Russel Wallace (1823–1913) uma exploração científica na Amazônia nos anos de 1848 a 1859.

4. N.A. Pronuncia-se *Saong Joaong*.

5. N.E. A foz do Rio São Francisco fica na divisa entre os estados de Sergipe e Alagoas.

Embora apenas os insetos constituíssem meu alvo especial, dei os nomes das espécies de todas as várias ordens coletadas ou observadas por mim, até onde me foi possível determiná-las. Elas incluem:

	Espécies
Mamíferos	23
Pássaros	35
Répteis	11
Moluscos	25
Lepidópteros (borboletas e mariposas)	408
Coleópteros	402
Outros insetos etc.....	128
Plantas ..... ca.	100
Total	1.132

Concluindo, eu devo expressar a minha grande dívida para com minha mãe, que me proporcionou incalculável ajuda com suas sugestões sobre o manuscrito, e por sua participação na correção das provas tipográficas; para com os Srs. Ross e Mathews, meus empregadores,[6] por sua invariável gentileza e consideração durante o tempo em que trabalhei para eles; e para com o Sr. James Cosmo Melvill,[7] M. A., F. L. S.; e, também, para com outros cavalheiros cujos nomes aqui se incluem :

Para com o Sr. Melvill, com quem mantive correspondência constante; que colocou suas ricas coleções entomológicas, conchológicas e botânicas à minha disposição, e que, com sua incansável paciência, assistiu-me com seu conselho em muitas questões.

Para com o Sr. W. F. Kirby,[8] de cujos livros e generosidade pessoal auferi enorme proveito.

6. N.E. Leathom E. Ross e Edward D. Mathews, engenheiros e sócios da empreiteira encarregada da construção da nova linha férrea até Pitangui. Ambos trabalharam em 1871/1872 no levantamento topográfico do traçado da estrada de ferro Madeira-Mamoré na Bolívia e no Brasil.

7. N.E. J.C. Melvill (1845 –1929), botânico inglês.

8. N.E. William Forbell Kirby (1844 –1912), entomologista e folclorista inglês.

Para com os Srs. James Britten,[9] membro da Linnean Society, H. N. Ridley,[10] M. A., F. L. S., e W. Carruthers, F.R.S., do Departamento de Botânica do Museu Britânico, que dedicaram muito tempo nomeando as minhas plantas.[11]

E para com o Sr. C. O. Waterhouse, por sua benevolente ajuda no estudo dos coleópteros.

HASTINGS CHARLES DENT

20, Thurloe Square, London, S. W.

Março, 1886

9. N.E. James Britten (1846 –1924), membro da Sociedade Lineana, botânico e teólogo católico inglês.

10. N.E. Henry Nicholas Ridley (1855 –1956), botânico inglês e membro da Sociedade Lineana. Tornou-se famoso pela cultivação da seringueira na Malásia

11. N.T. Neste livro optou-se por não traduzir títulos ingleses, indicados por iniciais como C. E. (*Civil Engineer* = Engenheiro Civil), M. A. (*Master of Arts* = Mestre em Artes), F.L.S. (Fellow of the Linnean Society of London = Membro da Sociedade de Lineu de Londres), F. R. S. (*Fellow of the Royal Society* = Membro da Sociedade Real) etc., que, além de pouco significarem para o leitor brasileiro, algumas vezes não têm verdadeiros equivalentes em português.

CAPÍTULO I

DEIXANDO A INGLATERRA

No R. M. S. S. Cotopaxi, Canal da Mancha.[12]

8 de junho de 1883 – Chegando ao Hotel Adelphi em Liverpool, na tarde do dia 5, fui apresentado pelos chefes da firma aos demais membros da equipe (em número de dez, contando comigo) que integram a expedição para a supervisão da ferrovia. Foi-nos oferecido em seguida pela firma um excelente jantar, quando se bebeu entusiasticamente ao "sucesso da expedição", juntamente com outros brindes, tendo sido feitos alguns discursos.

Deixamos Liverpool cerca de meio-dia e meia do dia 6 do corrente, depois de nos fazerem esperar durante uma hora e meia por nosso escaler na plataforma de embarque, no meio de uma multidão heterogênea de emigrantes para a América, principalmente alemães e noruegueses. Passamos por Great Orme's Head mais ou menos às três e por Holyhead às quatro horas. Bem próximo do cabo tivemos uma esplêndida vista dos belos rochedos escarpados que desciam até o mar. Mais ou menos às oito da manhã do dia 7, vimos Land's End e passando muito perto desse lugar mais ou menos às dez horas, perdendo-o de vista à esquerda e o farol de Wolf Rock à direita.

Nosso grupo tem algumas das melhores cabines do navio, a maioria bem em frente à casa de máquinas, onde o navio quase não balança e há pouquíssimo barulho ou cheiro da maquinaria, das bombas etc. Todos os nossos homens, com uma ou duas exceções (incluindo eu próprio) já viajaram muito. Alguns acham que poderemos estar em casa até o Natal, mas é cedo demais para falar nisso.

Comecei a estudar português, e os que dominam a língua estão me dando toda a ajuda possível. Gosto bastante e espero já ter aprendido alguma coisa antes de chegarmos ao Rio.

Até agora o tempo tem estado esplêndido, embora um nevoeiro vindo de Land's End nos tenha forçado a diminuir a velocidade e a soar o apito de sinalização a cada meio minuto. O ruído bastaria para despertar um morto, e dá uma sensação desconfortável, sugerindo algo misterioso e sobrenatural. Também testamos a profundidade com o chumbo (com um pouco de sebo na

12. N.E. Navio da Companhia de Navegação a Vapor do Pacífico batizado com o nome de um vulcão no Equador (5897 m).

ponta), trazendo à superfície conchas e areia vindas de uma profundidade de cinquenta braças,[13] embora a extensão da linha fosse de setenta braças – pois vinte braças eram de corda frouxa. É interessante observar o método para a avaliação da profundidade da água. No fim da corda, logo acima do chumbo, há um tubo de latão, com uma agulha fixada em um pistão de funcionamento interno. O tubo está cheio de ar, mas quando o chumbo desce, o peso da água acima faz com que certa quantidade de água entre no tubo; isso aciona o pistão e a agulha marca a profundidade em braças, em uma escala graduada.

Próximo do meio-dia, já navegávamos no Atlântico. O navio balançava bastante e jogava um pouco, o que diminuiu o número de passageiros no convés. Ao meio-dia havíamos navegado 284 milhas (em 23 horas e meia) e estávamos a 362 milhas de Pauillac.

Temos a bordo um menininho de seis anos, que foi embarcado em Liverpool com um cachorrinho *pug*, aos cuidados da comissária. O menino está, pois, bem sozinho, e corre pelo tombadilho o dia inteiro. Nós três – isto é, o cachorro, o menino e eu – fizemos amizade. Há também um jovem padre irlandês, muito afável, indo para Bordeaux, e daí para Marselha. Não fala uma palavra de francês, que acha muito engraçado. Em vista disso temos feito companhia um ao outro, procurando aprender um pouco de português. Ele concorda comigo que, com algum conhecimento de latim e de francês, a nova língua deve ser fácil.

Você pode querer saber alguma coisa a respeito da comida. É excelente. Às sete, café com biscoitos; às nove, temos o desjejum com carnes frias e quentes, mingau de aveia, bacon e ovos, bife, salada etc.; à uma hora, vem o almoço: carne fria, queijo, salada; o jantar é às seis, incluindo sopa, peixe, entradas, carne assada, chouriço etc., queijo e sobremesa, com café; servem chá, café e biscoitos às oito e trinta; às onze, apagam-se as luzes. Fico esperando cada refeição com grande interesse e secreta ansiedade.

Passamos por Ouessant, ou Ushant, às 7:30 da noite passada; quando entrávamos na baía de Biscaia, o mar jogava consideravelmente. O pôr do sol foi esplêndido: no horizonte, três barcas contra um banco de nuvens de cor escura indefinida; sobre elas, um céu amarelo-alaranjado com faixas escuras de púrpura, franjadas de alaranjado vivo e massas flutuantes cor de damasco escuro, que se fundiam com o céu limpo, azul-claro; o mar adquiria uns laivos vermelhos, enquanto o navio subia e descia nas ondas verde-escuro. Às oito da manhã passamos pela ilha Dieu, a cerca de quatro milhas de distância e a 110 milhas de Pauillac. Quando se entra no estuário da Gironde,

13. N.E. Uma braça (*fathom)* é igual a 1,83 m.

fica muito quente. Até o dia de hoje tem feito muito frio em alto mar e o navio tem jogado muito, mas agora a água amarela está lisa como um espelho. Estamos a cerca de trinta milhas de Pauillac e, de lá, são mais quarenta milhas até Bordeaux.

9 de junho de 1883 – Preciso dar agora alguns detalhes sobre minha visita a Bordeaux. Passando a Ilha de Ré lá pelo meio-dia e quarenta, atingimos a fileira de boias na foz da Gironde às duas e trinta da tarde. A região da margem norte apresenta um litoral baixo, pontilhado de casas brancas com telhados vermelhos, belamente arborizado depois das dunas que orlam a baía de Biscaia. Na margem sul, a região é mais acidentada e muito pitoresca, cheia de vinhedos, castelos e casas. É dos primeiros que vêm os famosos vinhos *Château Margaux*, *Lafitte*, *St. Julien*, *St. Estephe*, *Latour* etc. com nomes derivados dos castelos.

Tendo chegado a Pauillac, quatro de nós embarcaram no escaler para Bordeaux. Outros dos nossos homens planejavam ir conosco, mas tinham descido à procura de um pente ou uma escova de dentes e, quando já havíamos deixado o navio, pudemos vê-los, tristonhos, olhos fixos em nós, ficando para trás. Muitos passageiros iam desembarcar em Bordeaux, mas meia dúzia, como nós, ia apenas passar a noite lá. Deixando Pauillac às seis horas aproximadamente, chegamos a Bordeaux mais ou menos às nove da noite. A cidade de Pauillac, na margem sul, vista do rio, parece insignificante; na verdade é um lugarzinho muito agradável, com uma esplanada bordejada de grama e juncos, que chega até a água, e margens barrentas na maré baixa. Uma plataforma de desembarque, feita de madeira, avança rio adentro. As casas são de altura irregular, sendo o *Grand Hôtel* uma mansão de dois andares. Além da fileira de casas em ambos os lados, encontram-se alamedas de árvores e numerosos montes de feno.

Seguindo o rio em direção a Bordeaux, a região, até certo ponto, é baixa, mas ondulada, belamente arborizada e muito verde, com inúmeras avenidas de álamos. O feno estava sendo transportado. Justamente em frente a Pauillac, há uma ilha que fica mais ou menos no meio do rio, medindo a nossa margem do rio mais ou menos três quartos de milha de largura. Um pouco mais acima, a Gironde se divide; ou melhor, juntam-se dois rios, o Dordogne vindo do norte e o Garonne do sul, recebendo o nome de Gironde.

Navegando pelo Garonne acima até Bordeaux, assistimos a um grande temporal atrás do terreno elevado, no qual se ergue uma parte da porção leste de Bordeaux, e contemplamos então cerca de meia dúzia de paisagens, sendo que cada uma delas daria um pequeno e lindo quadro. Enquanto a tempestade rugia ao leste, um esplêndido pôr do sol refulgia a oeste; no primeiro

plano, o rio era como um fio de óleo, só perturbado pelas pequenas ondas causadas por nosso escaler, e refletindo o céu de um purpúreo alaranjado; vinham depois os verdes declives gramados das margens, contra um fundo de álamos, cujos contornos negros se erguiam salientes contra o horizonte amarelado.

Hospedamo-nos no *Hôtel de France*, em quartos de tamanho, altura e decoração palacianas – e *também no preço*. Bordeaux parece ser uma cidade muito grande e bela. A parte leste é verdadeiramente rural, de terreno pedregoso e algumas vezes escarpado, ao passo que o lado ocidental, que é mais plano, é todo ladeado de cais, com grande número de embarcações de todos os tipos, desde os grandes vapores marítimos das *Messageries Maritimes* e outras companhias, até os pequenos rebocadores, brigues, escunas e barcos de pesca. Bordeaux é uma cidade limpa, e eu gostaria muito de explorá-la toda, pois há muitas antiguidades, tais como o *Grosse Cloche*.[14] Nunca vi um lugar tão cortado de bondes; eu não tinha ideia de que fossem tão numerosos, embora soubesse que aqui estão algumas famosas companhias de bondes, assunto no qual, como se sabe, tenho tido *alguma* experiência.

Depois do jantar, perambulamos pela cidade e demos uma olhada em um ou dois centros de diversão. Voltando à meia-noite, ceamos então, e depois, cama. Levantei-me às cinco e trinta, e chamei os outros. Saímos e tomamos um bonde na direção sudoeste. Passando a catedral, que tem uma bela fachada, fomos até o *Boulevard de Talence*. Ali já divisávamos as estradas para o interior, com casas de pedra isoladas, com belos jardins, cercadas de altos muros de pedra e com parreiras pendendo de alguns deles; na verdade, um *tout ensemble* extremamente pitoresco. Caminhamos pelos bulevares de Talence e do Tondu até a rua *d'Orano*, e depois voltamos à cidade pela rua *d'Alsace-Lorraine*. Já eram oito e trinta, hora do desjejum. Degustamos o *bif-ték à la bordelaise* local e outras iguarias, e, depois de uma última caminhada, voltamos a nosso escaler.

Tendo de esperar três quartos de hora antes de partir, diverti-me observando a cerimônia de um casamento civil. O feliz par chegou ao cartório no cais acompanhado de dois ou três amigos; a noiva vestida de branco e véu e o noivo de traje a rigor. Disseram algumas palavras, os noivos deram-se as mãos, entregaram um buquê ao escrivão – um homenzinho gordo de cartola – e o assunto foi encerrado em cerca de dois minutos, findos os quais o alegre par se afastou.

10 de junho – Noite passada, às sete e trinta, houve um pequeno tumulto. Eu estava no convés à ré, junto ao leme, quando de repente ouvi um barulho e um estalo, e aí uma corrente

14. N.E. Grande Sino.

do comando do leme arrebentou. Consequentemente, ficamos impossibilitados de navegar, e considerando que estávamos em águas agitadas, exatamente na foz do rio e entre as boias, o caso era sério. O capitão e uma dúzia de homens correram imediatamente para a popa e desligaram o equipamento, enquanto quatro homens foram designados para consertar a roda do leme, com os marinheiros alinhados no convés de forma a passar as ordens vindas da ponte de comando. Lá pelas nove e quinze, entretanto, tudo estava em ordem. No decorrer da noite descobri como o acidente acontecera. A direção do navio é totalmente automática, funcionando a vapor a partir da ponte de comando onde se posiciona o oficial de plantão, com o piloto se necessário. Deu-se a ordem "a estibordo" e o contramestre moveu a alavanca com velocidade excessiva; o pistão da máquina do leme foi acionado mais rápido que de costume, colocando uma pressão extra nas correntes que movem o leme e arrancando dois rebites, o que rompeu a conexão.

Tem chovido a cântaros. Houve graves enchentes em toda a extensão do Garonne durante a semana passada, causando prejuízos no valor de milhões de francos. Agora, a noite está esplêndida e a baía bastante calma. Durante todo o dia não houve terra à vista. As nuvens quando aparecem, o que é raro, projetam uma bela sombra roxa sobre o azul profundíssimo que atinge todo o círculo do horizonte.

Embarcamos alguns passageiros espanhóis e gascões, e uns poucos franceses, em Bordeaux, todos de terceira classe.

Esqueci de dizer que temos luz elétrica na primeira classe e nas cabines do convés. É um grande luxo e o *Cotopaxi* é o único navio da Companhia de Navegação a Vapor do Pacífico onde ela é utilizada.

11 de junho – Dobramos o Cabo de Finisterre mais ou menos às seis da manhã e entramos na baía do Carril às sete e trinta. Essa baía é muito pitoresca e toda pontilhada de povoações espalhadas pelas praias. Carril fica a quinze milhas acima e a baía estende-se um pouco mais além. No fundo, cadeias e cadeias de montanhas, acidentadas e nuas, elevam-se de planícies bem arborizadas e de colinas ondulantes. Na baía há muitas rochas e ilhotas rochosas, com numerosos e bonitos barquinhos que, com suas velas triangulares, navegam por ali. Ficamos em Carril cerca de duas horas, e então seguimos para Vigo (a cinquenta milhas), aonde chegamos às três.

Esta baía é ainda mais bela que a de Carril, mais estreita, com montanhas mais escarpadas. A frota do Canal, formada pelos navios *Agincourt, Sultan, Neptune, Minotaur, Northumberland, Achilles*, e o escaler *Humber* estavam ancorados aqui. A baía fervilhava de navios de guerra com os tombadilhos cobertos de marinheiros e fuzileiros navais. Um dos tenentes do *Northumberland* veio ao nosso navio.

Como tínhamos duas horas em Vigo e tínhamos ancorado a apenas cem jardas do cais, desembarquei com um italiano, um chileno, um português e alguns outros, arranjando um barqueiro que, depois de barganhar um pouco, disse que seu barco estava "*a la disposicion de V*." pela soma de duas pesetas por cabeça (isto é, mais ou menos dois xelins), ida e volta. A cidade é muito bonita por sua localização na encosta de uma colina, sendo a parte mais velha especialmente pitoresca – toda construída de pedra. As ruas são muito íngremes e estreitas, mas limpas e bem pavimentadas com grandes blocos de pedra. A parte mais nova da cidade é muito diferente da antiga, e menos interessante. E se estendeu muito desde a abertura da ferrovia para Madrid.

12 de junho – Tudo o que vi das praias pedregosas da Galícia é escarpado e grandioso, e o mesmo se pode dizer do litoral português que avistamos ontem à noite.

O tempo estava frio e nublado desde o dia em que partimos do Canal de São George até hoje; agora está muito quente, com um sol sem nuvens, o mar de um verde brilhante e (às oito da manhã) um litoral de ondulantes colinas no lado do nosso porto (à esquerda).

Recebemos muitos emigrantes a bordo, tanto no Carril como em Vigo, a maior parte com destino à região do Prata e ao Chile; é muito divertido escutar a gíria deles. Alguns são bonitos, geralmente muito morenos. Encurralados embaixo do navio como galinhas em um cesto, quase todos ficam no convés o dia inteiro.

No Atlântico

13 de junho de 1883 – Agora quero contar um pouco sobre nossa permanência ontem em Lisboa. Às nove horas passamos o Cabo da Roca e perto de Sintra, estando esta a cerca de quatorze milhas de Lisboa por terra. Entrando no Tejo às dez e trinta, vimos que a cor da água mudara numa linha bem definida, variando do azul profundo ao verde amarelado. A margem norte é baixa, desprovida de árvores e ligeiramente ondulante; a áspera cadeia de montanhas perto de Sintra ergue-se das planícies no horizonte. A margem sul é também baixa e arenosa, desinteressante e não cultivada. Há um farol construído em uma ponta de terra ao sul: e na margem norte há um belo forte, construído sobre rochas destacadas da praia que se elevam da água. A Torre de Belém na margem norte constitui a fronteira da cidade, que se estende de lá até algumas milhas ao leste.

Essa torre, um velho edifício de pedra, muito belo, foi construída por Dom João V[15] e é coberta de escudos e brasões esculpidos na pedra.

A cidade tem uma linda localização no alto, em terreno ondulante, que se eleva rapidamente; contém um número imenso de edifícios magníficos, tanto novos quanto antigos. Catedral, igrejas, mosteiros, conventos, arsenal, tudo pode ser visto do rio. Contudo, o edifício principal, no qual o olhar se detém, é o Palácio Real,[16] um grande prédio quadrado, erigido em local muito alto, elevando-se muito acima das outras casas. O céu de um azul profundo, o sol brilhante e o tempo perfeitamente claro realçavam a beleza do cenário; o branco ofuscante das casas era atenuado pelas venezianas verdes, pelas oliveiras, pelos ciprestes (nos cemitérios) e pelos vinhedos.

Fomos abordados primeiro pelos funcionários da alfândega; ancoramos mais ou menos ao meio-dia; depois, o agente da Companhia de Navegação a Vapor do Pacífico veio a bordo, trazendo cartas etc.

À uma hora, após barganhar com um barqueiro um passeio de ida e volta à terra a quinhentos réis[17] por cabeça (cerca de 2 xelins), embarcamos – um grupo de doze – e ancoramos junto à escada perto da *praça de Dom José*. Essa praça, que é muito bela, tem uma estátua equestre de Dom José, e o lugar é chamado pelo nome inglês "*Black Horse Square"* por causa da cor da estátua de bronze. Tendo conseguido um guia (por mil réis), fomos primeiro ao Correio da praça, para comprar selos e cartões postais, e depois à Posta Restante. Vistamos então os mercados e passamos por várias ruas finas, praças e jardins públicos. Há muitas linhas de bonde, sendo os carros algumas vezes fechados como nossos carros comuns, e tendo algumas vezes fileiras de lugares cobertos por um toldo, parecendo alguns dos carros de Manchester, mas todos igualmente puxados por mulas. Os cocheiros acham natural sair dos trilhos e chocalhar sobre as pedras quando encontram outro carro numa estrada de um carro só e tiverem passado do lugar apropriado para passagem. Existe também um serviço de ônibus que passa sobre os trilhos do bonde quando os carros estão longe. Quanto às lojas, o que mais me chamou a atenção foi o grande número das que exibem joias e todo tipo de adornos.

Há muitos carregadores e vendedores de água, que retiram água dos chafarizes públicos em pitorescos jarros de terracota e depois se sentam nas esquinas, ou nos mercados ou praças (*squares*), e a vendem a alguns réis o copo.

---

15. N.E. A Torre de Belém foi construída entre 1515 e 1521 por ordem de D. Manuel I.

16. N.E. Hoje mais conhecido como Palácio da Ajuda.

17. N.A. O valor do mil-réis português é o dobro do brasileiro.

Os jardins *são* lindos. Lá crescem em profusão a graciosa pimenteira, a figueira-da-índia, o cacto, o aloés e outras plantas tropicais; e também um lindo arbusto vermelho e amarelo da espécie *Borage*, de cheiro delicioso. Os gerânios e pelargônios atingem o tamanho de arbustos e árvores. Um lindo pelargônio cor-de-rosa subia por um arbusto até a altura de doze ou quinze pés, formando um monte compacto de flores. Também vi uma bela árvore da borracha (*Ficus elastica*) de cerca de vinte pés de altura e o mesmo de diâmetro, com folhas de um pé de comprimento. Bem maior do que sua irmã no escritório lá de casa! Fazia muito calor, mas fomos em frente; e depois de três quartos de hora, percorrendo ruas pitorescas e muito íngremes, algumas vezes subindo escadas com vinhedos pendentes dos muros, passando por chafarizes cercados de carregadores de água e gente dormindo na sombra sob os muros, chegamos ao prédio e aos jardins, no final do aqueduto que fornece a água de Lisboa.

Sendo essa obra de engenharia a mais importante de Lisboa, eu estava ansioso por vê-la. Normalmente, poucos viajantes se dão ao trabalho de visitá-la. O prédio é um edifício quadrado, simples e sólido, com um belo teto abobadado e de arestas apoiado sobre quatro pilares centrais. Do topo, cercado por uma muralha, há uma esplêndida vista de Lisboa, de seus jardins e casas e do Tejo. Do lado de dentro, uma passarela contorna o reservatório, no qual, da boca de um golfinho, jorra água sobre a pedra trabalhada. O frio gélido e o som borbulhante da água foram muito refrescantes depois da caminhada no calor escaldante. A área do reservatório é de trinta e dois metros quadrados, com nove metros de profundidade, de modo que a capacidade é de 1.875.000 galões. Subindo uma íngreme escada de pedra, chegamos à entrada do aqueduto, que se estende por mais ou menos trinta e seis milhas para o interior, e é totalmente coberto. O interior do aqueduto tem cerca de doze pés de altura por seis de largura, e o teto é semicircular. Há um caminho no centro, e dois canais – um de cada lado – para a água, que corre também sob o passeio, formando o caminho. Nesse ponto o aqueduto se apoia em altos arcos de pedra e se eleva a cerca de sessenta pés do solo; mas logo entra numa colina coberta de vinhedos e milho indiano.

Na caminhada de volta atravessamos uma praça chamada "*The Square of the rolling motion*". [18] A calçada é de mosaico branco e preto, colocada em curvas alternadas com formato de ondas; a praça é ligeiramente elevada no centro, e inclina-se nos lados, sendo o efeito – talvez especialmente para nós, que acabávamos de desembarcar de um navio – certamente notável. Fomos então a uma adega de teto abobadado que estava deliciosamente fresca e onde tomamos um esplêndido vinho branco doce, chamado *Abafado moscata* (a 100 réis o copo); dali fomos a um res-

---

18. N.E. Praça do Rossio ou D. Pedro IV.

taurante, onde almoçamos à *la portugaise* – presunto, linguiça, vagem de feijão branco e um bom *vin du pays* vermelho, muito parecido com clarete doce e consideravelmente encorpado. Tornamos a embarcar às quatro e trinta e levantamos âncora às seis e quarenta e cinco da tarde.

Começamos agora nossa viagem de mais de quatro mil milhas através do Atlântico e a próxima terra que esperamos tocar é o Rio de Janeiro. Esperamos passar Tenerife dia 15. A enorme montanha foi vista por nosso capitão a 110 milhas de distância, por um capitão francês (um passageiro) a cinquenta léguas e por um amigo dele a cinquenta e cinco léguas. Temos alguns companheiros de viagem muito agradáveis, incluindo um chileno voltando para Santiago, que fala inglês perfeitamente. O capitão francês (*au long cours*) vai para o Rio, para comandar um navio, cujo capitão morreu há pouco lá; e um tenor italiano que vai cantar em Valparaíso e fala bem francês e espanhol. Às refeições, ocupo a extremidade onde se assentam os estrangeiros. As línguas de conversação são o espanhol e o italiano, o francês e o português. É agradável e instrutivo.

15 de junho – O sol nasceu às cinco, exatamente quando deixávamos a extremidade norte da ilha de Tenerife, a mais importante das Canárias e a mais célebre devido ao majestoso Pico de Tenerife, que se situa na parte sul, cerca de dezessete milhas da última praia. O Pico tem 3.715 metros ou 12.188 pés de altura e se eleva de forma abrupta. É também chamado *Pico de Teyde*. Estendendo-se por toda a costa oriental da ilha há uma cadeia de montanhas sob a qual, a nordeste, encontra-se a capital, Santa Cruz. Essas montanhas surgem próximas ao Pico a uma altura de 2.862 metros ou 9.410 pés, e são aqui chamadas *Las Canadas*. Embora, vistas do mar, as montanhas pareçam elevar-se abruptamente da praia, sua altura, deste lado, parece insignificante devido ao fato de que todo o comprimento da ilha (cinquenta e três milhas) é visto de uma só vez. E as *Canadas* fazem o pico parecer um anão, já que se eleva a dezessete milhas terra adentro e está quase atrás da maior parte da cordilheira. O efeito de tudo isso é decepcionante para o observador, que esperava algo grandioso de uma ilha montanhosa com 12.000 pés de altura. Receio ter de confessar que a maioria dos passageiros que contemplou o pico pela primeira vez zombou de seu aspecto. Do outro lado da ilha, entretanto, o efeito é extremamente majestoso. O *Cotopaxi* navegou entre as ilhas de Tenerife e Canária – A Grande Canária – que estão a cerca de quarenta milhas de distância uma da outra, e a dez milhas de distância da primeira. A Canária, como se apresentou às cinco da manhã, oferecia uma silhueta alta, escarpada, áspera e recortada, elevando-se acima da neblina. Seu ponto culminante está a 1.952 metros ou 6.404 pés. O arquipélago das Canárias consiste de sete ilhas, das quais Tenerife, Canária, Fuerteventura e Lanzarote são as principais, enquanto Gomera, Palma e Hierro ou Fer são as menores. Tenerife tem cerca de cinquenta e três milhas de comprimento por trinta e cinco de largura na parte mais larga (a extremidade sul); e

Canária mede trinta e três milhas de norte a sul, por trinta e cinco de leste a oeste, com uma forma mais ou menos circular. A Canária está a dois graus a oeste da costa da África. Quando estávamos quase em frente ao pico, vimos, através da neblina, a Ilha de Gomera a sudoeste; seu ponto mais alto mede 1.342 metros ou 4.403 pés. Passamos a extremidade sul de Tenerife às oito da manhã e o cume do pico permaneceu visível até uma e meia da tarde, quando desapareceu na neblina; só o vimos a cerca de sessenta e cinco milhas de distância, mas a aparência era fantástica.

Estamos perdendo rapidamente as longas noites, o que é muito triste; hoje (15 de junho) o sol se pôs às seis e cinquenta e três, e às sete e trinta já estava bem escuro. Tenho me interessado muito em examinar os mapas do capitão francês, com suas viagens marcadas neles. Ele deu a volta ao Cabo Horn vinte e quatro vezes. Foi em um de seus mapas que obtive os detalhes sobre as Ilhas Canárias.

16 de junho – Às sete horas da manhã passamos pelo único navio que vimos após a saída de Lisboa, um vapor francês que veio da Bahia e de São Vicente. Às oito e meia da manhã atravessamos o Trópico de Câncer. O capitão francês diz que em navios que não atravessam o trópico, isto é, que vão para as Antilhas, *on fait la fête du tropique*[19]; mas, como atravessaremos a linha, a visita a Netuno será adiada até lá. Esta noite, ouvimos os espanhóis cantar em coro ao som de suas guitarras. O canto era lindo e a cena muitíssimo pitoresca à clara luz do luar, apesar dos instrumentos soarem muito metálicos. O Capitão Hayes diz que vai registrar esta viagem como a mais calma que já fez até hoje. O mar não balançou nem jogou mais desde que atingimos o Atlântico para além do Mediterrâneo, e o céu tem estado totalmente limpo.

Hoje às doze e cinquenta fizemos o um exercício para o caso de incêndio. Soou o alarme e dentro de três minutos três mangueiras estavam despejando água no suposto fogo. Então os oficiais chamaram os homens respectivos para os diversos botes (oito ao todo), os quais foram arriados etc. Tudo foi feito rapidamente e bem. Pergunto-me se tudo correria tão calmamente no caso de um incêndio de verdade.

17 de junho – Hoje vamos estar ao sul do sol! Pela manhã vimos o *caravela-portuguesa* (*Physalia pelagica*)[20] e cardumes de peixes voadores (*Exocœta volitans*). O canário do capitão quase estourou a gargantinha de tanto gorjear o dia inteiro. Hoje foi o dia mais fresco que já tivemos.

---

19. N.E. Em francês, "façamos a festa dos trópicos".

20. N.E. Caravela portuguesa ou *portuguese man-of-war*, conforme a denominação utilizada pelo autor, é um único organismo em colônia heteromorfa do grupo dos cnidários.

O médico disse que é a viagem com temperatura mais amena que já fez; contudo, o termômetro marca 78 graus Fahrenheit na minha cabine e 127 graus ao sol. Hoje de manhã o capitão leu o ofício divino no salão.

18 de junho – Passamos bem perto das Ilhas do Cabo Verde. Os peixes voadores são um espetáculo extremamente bonito. Pela manhã havia um tubarão por perto; vimos sua barbatana triangular. Ele entrou no meio de um cardume de peixes voadores, que se ergueram como um corpo único, cintilando como prata ao sol. Seu voo é muito rápido e gracioso; não voam muito alto sobre a água, mas adejam logo acima da superfície, e nem sempre em linha reta, como li algumas vezes.

19 de junho – Começamos a pegar os ventos alísios de sudeste e o navio jogou e balançou muito.

20 de junho – Conversei com o Sr. Bertrand sobre as Ilhas Falkland; ele tem lá uma grande fazenda de criação de carneiros. As ilhas estão mais ou menos na mesma latitude sul que Londres ao norte da linha, mas o clima é muito mais rigoroso que o da Inglaterra; na verdade, as latitudes sul são geralmente muito mais frias que suas correspondentes ao norte. Há duas ilhas principais – uma de noventa por cinquenta milhas, a outra de noventa por quarenta e cinco – e diversas ilhas menores. É uma colônia inglesa bastante desenvolvida e os únicos habitantes nasceram nas Ilhas Britânicas, exceto alguns empregados estrangeiros e pastores da América do Sul. A única ocupação é realmente a criação de ovelhas. Sacrificam-se os carneiros por suas peles, o sebo é derretido, mas a carne é desperdiçada; existe, pois, oportunidade para uma fábrica de carne enlatada ou para exportar a carne congelada para a Inglaterra. Os melhores pastores são quase todos escoceses, que se dão muito bem e ganham um bom dinheiro. Pagam-lhes a passagem e começam com 3 libras e 10 xelins por mês, com carne, acomodação e aquecimento; no terceiro ano o salário é aumentado para 4 libras, e, no quinto, para 5. Se ficarem cinco anos, pagam-lhes a passagem de volta. O clima é frio demais para o cultivo do trigo e o vento derruba tudo. Mas as ilhas possuem alguns dos melhores portos do mundo – e há muitos deles – enquanto alguns são portos dentro de portos, de modo que quase todo transporte é feito por água. As ilhas foram originalmente conquistadas pelos espanhóis, depois pelos franceses e, por último, pelos ingleses. Não há exército, só polícia, mas um canhoneiro da esquadra sul-americana geralmente circula por ali.

Deve ser um lugar muito desolado para se viver. Sr. Bertrand diz que quando chegar, por volta de 15 de julho, será o meio do inverno, com neve e gelo por toda parte. A distância é de

pelo menos trinta dias da Inglaterra – uma viagem ruim pode levar seis semanas. Não há árvores, trigo ou milho; há apenas dois mil habitantes espalhados por diferentes fazendas ou terras arrendadas. A única cidade chama-se Sandy e os únicos animais selvagens são os remanescentes de touros espanhóis, que agora ficaram selvagens, e são caçados a cavalo onde quer que sejam encontrados. Existem, contudo, boas oportunidades para caça a pássaros.

21 de junho – Passamos pelo arquipélago de São Pedro e São Paulo às três e quinze da tarde, mas não conseguimos vê-los, apesar de o capitão ter tentado localizá-los. Como têm apenas sessenta pés de altura, são sempre difíceis de encontrar.[21] Esta tarde o sol se pôs às seis e quinze da tarde. Às seis e vinte, estava completamente escuro, e às sete e meia atravessamos o Equador. Está muito fresco. Esta é a trigésima sétima vez que o capitão francês atravessa a linha, e terá de atravessá-la mais três vezes antes de poder voltar para sua esposa em Bordeaux, tendo que, quando deixar o Rio, dobrar o Cabo Horn e subir a Costa Ocidental até algum lugar perto do Panamá.

Acho que o hábito de sacrificar os bois no convés em meio aos emigrantes é um absurdo, embora deva admitir que a maioria das moças bonitas e as crianças ficam olhando despreocupadamente; mas pelo menos poderiam pendurar uma vela, de forma a impedir que os outros bois testemunhassem a morte dos companheiros, pois já os vi virarem as cabeças para os irmãos moribundos, com o corpo inteiro trêmulo de horror. Os carneiros e porcos são sacrificados no açougue logo acima de minha cabina. Outro dia fui acordado pelos gritos de um porco agonizante e logo depois um pouco do seu sangue escorreu pelo furo de um parafuso solto no meu teto!

23 de junho – Ontem a corrente desviou o navio da rota a trinta e três milhas de seu curso e, portanto, para mais perto da costa da América do Sul do que deveríamos ter estado; assim, às quatro e meia da tarde vimos o primeiro trecho de território brasileiro: a ilha de Fernando de Noronha, que é a colônia penal brasileira. Tem um pico muito saliente, em forma de pirâmide, que parece ser o único, embora toda a ilha seja alta. Não consegui muita informação sobre o lugar, pois pouco se sabe uma vez que o governo brasileiro guarda segredo a respeito de tudo. Entretanto, consegui descobrir o seguinte: o governador é substituído a cada seis meses e os prisioneiros, tendo

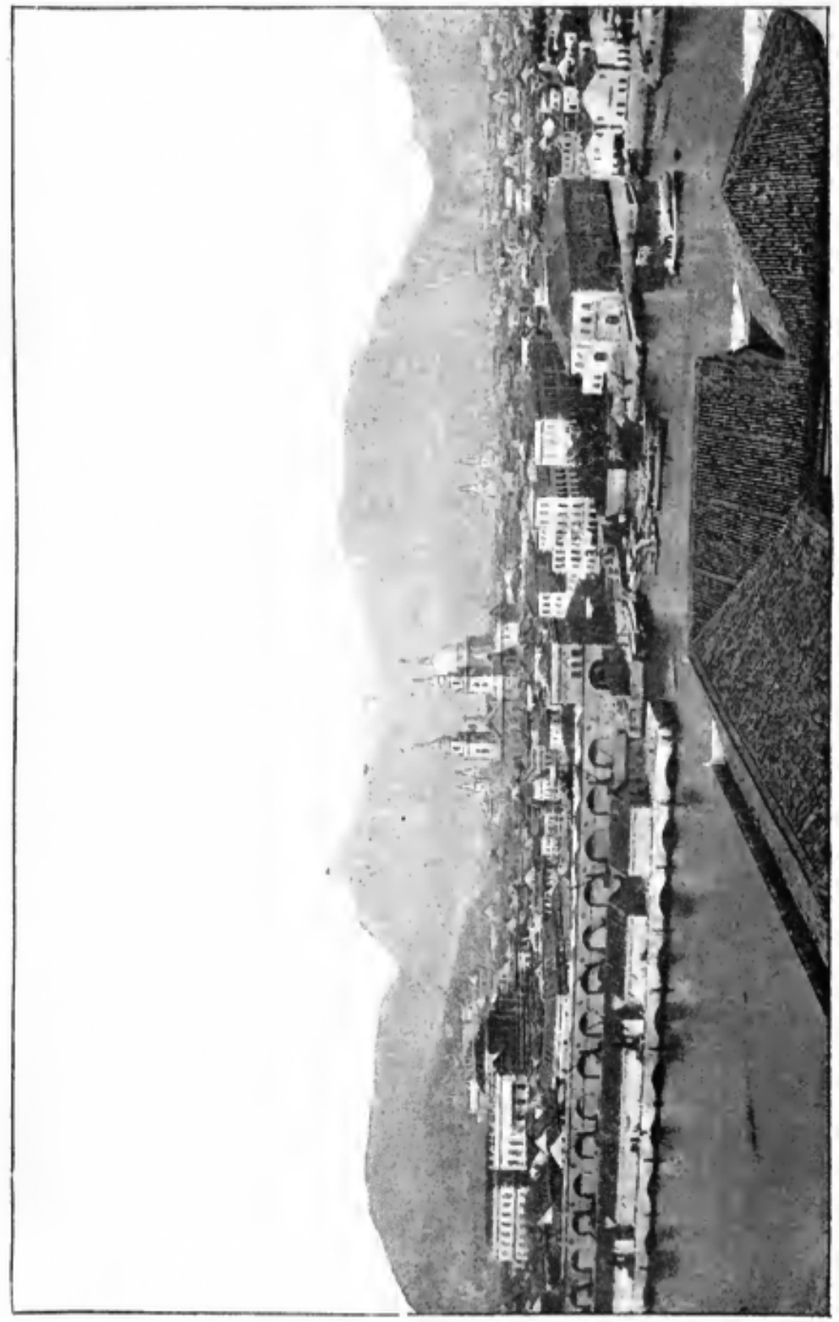
---

21. N.A. No relatório oficial da Expedição *Challenger* há três esplêndidas fotografias das Rochas de São Paulo, com uma exaustiva descrição das rochas, sua composição, características, habitantes etc. Eis o que se lê: "Durante o tempo que o navio permaneceu nessas ilhas, seu caráter perigoso ficou mais evidente do que nunca; pois, embora os picos brancos, cobertos de guanos, quando iluminados pela lua, fossem claramente visíveis do navio a cem jardas de distância, as rochas não se viam com clareza suficiente para serem reconhecidas como terra a uma distância de mais de uma milha, e, sem a lua, provavelmente não seriam vistas a mais do que um quarto de milha; em resumo, o som das ondas de arrebentação poderia ser o primeiro sinal de sua proximidade para um navio que passasse» (Narrativa vol. I, pt. I, p.202).

atestado de boa conduta, podem trazer as esposas e a família e recebem terras, ficando obrigados a se apresentarem de vez em quando, pagar certa porcentagem de suas colheitas etc.

26 de junho – Ontem às onze e meia da noite avistamos o farol de Abrolhos (isto é, *eye-opener*),[22] o primeiro ponto do continente sul americano. Estávamos em águas rasas. Às sete da noite a profundidade da água era de 150 braças, às nove, vinte braças; às onze e meia só treze braças; depois, às onze e quarenta e cinco, dezessete. Passamos o farol – a vinte milhas de distância – à meia-noite, quando fui dormir. Hoje às onze e meia da manhã vi o primeiro trecho de terra (que à noite passada parecia apenas uma luz), isto é, as montanhas à volta do Espírito Santo, a trezentas milhas do Rio, onde esperamos chegar amanhã.

22. N.A. Talvez o nome se deva à proximidade de rochedos perigosos.



Panorama do Rio de Janeiro visto do Arsenal

Alameda de palmeiras, Jardim Botânico

CAPÍTULO II

CHEGADA AO RIO E VIAGEM A QUELUZ

Rio de Janeiro

28 de junho de 1883 – Finalmente posso escrever em terra firme, mas preciso começar pelo fim de minha última carta. Ontem, 27 de junho, levantei-me às quatro horas da madrugada, exatamente quando passávamos por Cabo Frio, que aparentemente passamos bem perto; o luar estava brilhante e costa lindamente montanhosa. À medida que nos aproximávamos da baía do Rio de Janeiro, antes do amanhecer, a vista ficou mais linda ainda, montanha após montanha aparecendo através da neblina e acima das nuvens em meio à claridade crescente.

Admite-se geralmente que a *baía do Rio de Janeiro* é a mais bela do mundo, embora alguns (inclusive o capitão francês) achem que seja superada pela *baía de São Francisco*, nos Estados Unidos. Isso me parece quase impossível. A entrada nesta baía é perfeita. Passando duas ilhotas, vemos à esquerda uma série de montanhas escarpadas, irregulares, isoladas, começando com o *Pão de Açúcar* e tendo atrás o grupo do Corcovado, enquanto à direita erguem-se cadeias e mais cadeias de morros muito mais arredondados, cobertos de verde e de floresta tropical até o cume. Olhando pela entrada, a vista é atraída pelo tênue e fantástico contorno da Serra dos Órgãos, com cerca de oito mil pés de altura, elevando-se acima de um pesado cinturão de nuvens brancas como neve, a cerca de sessenta milhas de distância. Aproximamo-nos da baía e o esbelto *Pão de Açúcar* (1.363 pés), em forma de pirâmide, ergue-se sobranceiro sobre nós; as rampas laterais do imenso cone, mais suaves, estão cobertas de árvores, enquanto o lado perpendicular a nós mostra-se purpúreo e nu à primeira luz da manhã. Na base, uma listra branca indica a praia arenosa, banhada pelo tranquilo Atlântico azul. Em frente ao *Pão de Açúcar*, mas destacado dele, há uma fortaleza empoleirada em uma grande pedra que se ergue acima da baía. Há um segundo forte no centro da entrada e um terceiro do lado direito; o último é igualmente ofuscado por uma montanha, sendo muito mais arredondada que o *Pão de Açúcar*.

Entrando na baía, fica-se impressionado com a beleza da cidade do Rio. A costa é extremamente irregular de ambos os lados da baía e ela é pitorescamente interrompida por muitas baías menores, semelhantes a lagoas. Perto da cidade há algumas ilhas rochosas pontilhadas de casas e palmeiras. No meio da cidade, elevam-se diversos morros, todos mais ou menos cobertos de casas, enquanto inúmeras belas casas, igrejas e edifícios públicos atraem a atenção nas áreas

planas; atrás, eleva-se a majestosa cadeia de montanhas que, começando com o íngreme Corcovado, prossegue ao norte com o Pico do Papagaio, perto da Tijuca, até perder-se na neblina. É um cenário que a vista não abarca de uma única vez e é impossível de descrever após uma breve olhada; para uma descrição adequada, faz-se necessária uma frequente e repetida contemplação, além do conhecimento de todos os lugares em si; mas é certamente muito belo e espero ser capaz de dizer algo sobre ele e de diferentes pontos de vista em algum momento futuro. Um grande número de engenheiros e outros cavalheiros veio a bordo dar-nos as boas vindas, incluindo o Dr. Rebouças,[23] que é considerado o De Lesseps[24] do Brasil. Estavam todos usando calças brancas, sobrecasacas de casimira e chapéus de seda preta.

Ancoramos às dez e meia e desembarcamos às doze.

Não posso tentar descrever a cidade ainda, isso deve ser adiado até que tenha tempo de andar um pouco; mas estou muito impressionado com a maneira execrável como estão pavimentadas as ruas em todo o centro. Hoje foi um dia muito agitado. Depois do café no hotel e antes do desjejum, saímos para uma caminhada e andamos até uma das praças, o grande *Largo da Constituição*,[25] encontrando multidões de negros e mulatos – homens, mulheres e crianças de todas as cores e matizes, do preto mais escuro ao branco mais pálido, carregando cana-de-açúcar, bananas, laranjas, e muitas outras frutas e legumes, além de camarões e peixes de vários tipos. No meio da praça há uma estátua equestre de Dom Pedro I, sendo a base do pedestal cercada por quatro grupos em bronze, representando os indígenas típicos dos principais rios do Brasil – Amazonas, São Francisco, Paraná e Madeira; ao lado desses grupos encontram-se quatro grandes lampiões de gás. A praça, naturalmente, é cheia de árvores tropicais, palmeiras, crótons etc. e há muitos bancos à sombra, mas nada como o Passeio Público, que é realmente um jardim muitíssimo encantador, embora pequeno, no coração da cidade.

Depois do desjejum às nove horas, fomos todos juntos ao *Clube do Engenheiro*, o *New London and Brazilian Bank* e fizemos várias visitas obrigatórias, apresentando saudações, apertando mãos *ad infinitum*, fazendo reverências e fumando dúzias de cigarros. Depois fomos à Alfândega ou *Custom House*, onde ficamos detidos um tempo enorme, tendo ao todo cerca de cento e

23. N.E. André Rebouças (1838–1898), engenheiro brasileiro e amigo íntimo de D. Pedro II. Projetou a ferrovia de Curitiba a Paranaguá.

24. N.E. Ferdinand de Lesseps (1805–1894), diplomata e empresário francês. Fundou em 1854 a Companhia do Canal de Suez, que foi construído entre 1859 e 1869.

25. N.E. Hoje Praça Tiradentes, no centro do Rio de Janeiro.

cinquenta volumes, dos quais cinquenta eram instrumentos, mesas e pranchas de desenhos, papel e outras utilidades. A maior parte dessas caixas foi aberta e examinada, incluindo-se caixas soldadas de folha-de-flandres, de modo que quando chegou a vez da bagagem pessoal, estavam todos fartos da tarefa e nenhuma das minhas coisas foi revistada, tendo eu dito que continham apenas roupas e outras utilidades. Pelo menos, todos os funcionários foram muito corteses. E ao fim de algumas horas, quando tudo estava concluído, uma boa soma paga como imposto, cumprimentos mútuos, apertos de mão, saudações com os chapéus e cigarros fumados, finalmente partimos.

Há um sistema abundante e onipresente de bondes. Os vagões são puxados por uma ou duas mulas, mas os caminhos para eles na cidade são uma vergonha. Nas ruas estreitas os pedestres têm de se espremer contra as casas ou entrar em uma loja para evitar serem atropelados pelos bondes, que são geralmente abertos, com assentos nas filas de frente voltados para as mulas.

29 de junho – Fui hoje a um esporte atlético e vi o Imperador. Temos de partir amanhã no trem das cinco, por isso preciso parar por aqui.

No trem, rumo a Queluz.

30 de junho de 1883 – Devo começar com uma breve alusão aos jogos a que assisti ontem à tarde no campo inglês de críquete,[26] perto de Botafogo. Foram todos realmente muito bons. Estavam lá muitos dos principais residentes ingleses e fui apresentado a vários. As duas corridas que me interessaram mais foram: uma para meninos e, outra, para meninas, todos abaixo dos doze anos. Quando já me cansara dos jogos, tomei um carro, com outros do grupo, para o Jardim Botânico, a mais de três milhas fora da cidade. A estrada é realmente muito bonita, passando pela *baía de Botafogo* e pela *Lagoa Rodrigues de Freitas*; mas o panorama mais notável do caminho é o flanco escarpado do Corcovado visto do *Largo dos Leões*,[27] onde a pedra se eleva verticalmente a mil pés acima de uma massa de densa floresta.

Decididamente, o aspecto mais interessante desses jardins é a tríplice alameda de palmeiras majestosas (*Oreodoxa oleracea*). As avenidas estão dispostas em forma de T e a vista que envio é da ala central – a haste do T. As palmeiras têm o tronco liso e ereto, com aproximadamente oitenta pés de altura, coroado por um feixe de folhas, cada uma com o comprimento de doze pés

26. N.E. Fundado em 1872 como *Rio Cricket Club*, antecessor do atual Clube Atlético Paissandu, hoje localizado no bairro Leblon.

27. N.A. Lion Square.

ou mais. Tudo é numa escala tão grande que só depois de ver algumas pessoas a certa distância, descendo a avenida, pude realmente avaliar a altura. Em seguida, veio uma série de mangueiras e manguezais, depois umas moitas de bambus graciosos, com quarenta pés de altura; depois disso, laranjeiras carregadas, árvores da fruta-pão e milhares de plantas com folhas esplêndidas e grandes. Quase todas as árvores estavam cobertas de epífitos, orquídeas e exuberantes líquens suspensos. Observei algumas borboletas*, Papilio, Callidryas, Pieris, Ithomiæ*, algumas *Erycinidæ* e outras que não conheço.

Hoje, tendo colocado o despertador para as três da madrugada, levantei-me cedo; mas sem ter dormido bem, o que se explica facilmente. Primeiro, sendo dia de São Pedro e São Paulo, soltaram na rua muitas bombinhas e fogos de artifício de todos os tipos, o que me acordou com pequenos intervalos até a meia-noite; depois, alguns homens começaram a cantar em coro aqui perto, continuando até as quatro da manhã. Fui perseguido por um mosquito também, e foi muito desagradável, só pela manhã descobrindo de onde ele veio: despejando o resto da água do jarro na bacia, tive o prazer de ver, além de muito depósito barrento, uma dúzia de irrequietas larvas do inseto!

Tive de acordar o resto de nosso grupo, apesar de termos pedido ao servente de hotel que nos acordasse, o que ele não o fez. E mal conseguimos nos aprontar a tempo, pois às 3:30 chegaram nossas duas carruagens. Eram grandes, confortáveis e vistosas, cada uma puxada por duas mulas, com os cocheiros de cartolas enfeitadas por uma larga faixa de renda dourada. Havia também um enorme carro fechado para a bagagem, sendo que só tínhamos trinta e oito embrulhos, tendo o resto sido remetido para o interior diretamente da Alfândega. Chegando à estação às quatro e vinte, tivemos meia hora para saborear nosso café com pão. O café é sempre excelente e invariavelmente tomado *noir*, com uma grande quantidade do açúcar local, que é amarelo-claro e fino como farinha. Saímos do Rio, pontualmente, às cinco da madrugada e seguimos então pela Estrada de Ferro Dom Pedro II – a ferrovia principal – até o extremo norte da linha, que atualmente é Carandaí.

A locomotiva e os vagões são de fabricação e estilo norte-americanos – carros Pullman – equipados com todo conforto, mas, estando no princípio, eles balançam terrivelmente. Passei boa parte do dia na plataforma ao final do trem – felizmente não há lá um vagão para o guarda – olhando a linha férrea e observando a construção, as curvas, os túneis, as pontes e os aspectos gerais mais interessantes sob o ponto de vista da engenharia. O trem segue numa velocidade realmente respeitável, embora pare em todas as estações, isto é, mais ou menos a cada dezoito quilômetros.

Desde a alvorada venho podendo admirar a paisagem, que é variadíssima e linda, muito montanhosa, e em alguns trechos, densamente arborizada; mas não consigo dar uma ideia do aspecto luxuriante das florestas e de seu verde intenso. Algumas vezes ladeamos encostas escarpadas, enquanto abaixo erguem-se colinas ondulantes brotando das alvacentas névoas da madrugada, com plantações de cana-de-açúcar, bananas, café, laranjeiras cobertas de fruta dourada e inúmeras moitas de lindo bambu. Depois, mergulhamos novamente em espessas massas de floresta virgem.

A principal desvantagem da viagem é a poeira, que se levanta em nuvens, penetra em tudo e cobre o papel onde estou escrevendo. O Dr. Rebouças está conosco; ele e todos os brasileiros viajam com paletós de algodão branco que chegam aos tornozelos ou então com ponchos brancos, para se resguardarem da poeira.

Paramos às sete e tomamos uma xícara de café; depois, às oito, chegando à Barra,[28] fizemos um bom e substancial desjejum, geralmente de aparência desagradável, mas de gosto muito bom e acompanhado de um bom vinho tinto português, chamado *vinho virgem*.

A maioria das povoações e cidades pequenas pelas quais temos passado parecem bem construídas, asseadas e bonitas. O ponto mais alto da linha foi dentro de um túnel, onde o aneroide marcou cerca de mil metros acima do nível do mar; isso se deu na Serra da Mantiqueira, um dos mais importantes divisores de águas do Brasil. Em muitos lugares a ferrovia é um triunfo de habilidade da engenharia; mas é evidente que é uma linha do governo e foi construída sem poupar despesas.

Chegamos a Carandaí,[29] Minas Gerais, às cinco e meia, depois de doze horas e meia de viagem percorrendo 420 quilômetros, isto é, uma média de apenas 20 $^{1}/_{10}$ milhas por hora. Subimos depois o morro até o hotel, que fica bem perto, e estávamos prontos para o jantar, que não demorou a aparecer, depois de nada termos tomado a não ser algumas xícaras de café, desde as oito horas da manhã. O ar estava muito frio, apesar do termômetro marcar 50 graus °F. A acomodação, evidentemente, não era muito espaçosa e a chegada de uma dúzia de viajantes além da média foi algo extraordinário. No entanto, foram designados três quartos para nosso pequeno destacamento. As camas eram de ferro com tábuas para se deitar e meia polegada de palha de milho e nada além

28. N.E. Barra do Piraí, no estado do Rio de Janeiro. Importante entroncamento ferroviário entre Rio, São Paulo e Minas Gerais.

29. N.A. Carandaí é um nome indígena, derivado de *cara-andahy*, o gancho ou curva do falcão, é o nome do rio segundo Capitão Burton.

de um lençol e uma fina coberta. Dormi a modo brasileiro, com as calças, e me cobri com todos os casacos e mantas de viagem para me aquecer; o resultado foi que eu dormi muito bem, mas quando acordei fui saudado com muitos lamentos de meus vizinhos que estavam cheios de machucados e não conseguiram dormir nada por causa das duras tábuas.

1º de julho – Às nove horas, o Dr. Rebouças, seu amigo Sr. Oliveira, nosso chefe e eu partimos para Queluz,[30] a cerca de 48 quilômetros (trinta milhas). Colocando nossa resumida bagagem em um trole, nós quatro, com o engenheiro do distrito, tocamos para a frente empurrados por quatro homens durante dois ou três quilômetros até que encontramos o trem do contratante. Retiramos então nossa bagagem e fomos com ele. O veículo é ladeado por uma plataforma estreita com uma grade para impedir que as pessoas sejam jogadas para fora; à frente, entre os amortecedores, há um assento, mais confortável, porém menos agradável; pois quando a máquina para bruscamente, como aconteceu quando um rebanho de vacas surgiu na linha, você pode ser arremessado para frente e cair de cara no chão. Atingimos a estação de Paraopeba às dez, tendo viajado dezoito quilômetros em uma hora. Depois de uma curta conferência com alguns engenheiros e tendo encomendado cavalos para nos encontrar no final dos trilhos e contratado uma carreta para levar a bagagem até Queluz, saímos às onze e meia. Os últimos seis ou sete quilômetros da linha foram muito irregulares, de modo que seguimos em ritmo muito lento e sacolejamos horrivelmente. Finalmente, lá pelo meio-dia, chegando ao fim dos trilhos, montamos a cavalo, cavalgando a maior parte da linha, que está quase pronta para a colocação dos trilhos, mesmo além de Queluz. No caminho encontramos outro engenheiro do distrito nivelando a formação. Ele nos levou a sua casa, obsequiou-nos com café e nos emprestou um cavalo para substituir um dos nossos que estava cansado. Chegamos a Queluz, finalmente, logo depois das três. É um lugarejo realmente agradável, apesar de muito disperso. Tem três mil habitantes e três igrejas, mas não há padre residente. Diferentemente, tinha havido uma missa pela manhã, de modo que todo mundo compareceu, evidentemente, e houve dúzias de casamentos e batismos. Um homem foi casado com a mulher errada, pois o ritual foi lido uma vez apenas para vinte ou trinta pessoas; surgiu daí uma confusão e o homem ainda não tinha obtido resposta para sua inquietante pergunta, ou seja, se ele poderia ser liberado da mulher errada e casar com a certa. Ele segurava a mão da noiva certa, mas a certidão de casamento estava expedida com o nome errado.

Chegando a Queluz, fomos para o *Hotel Central*, onde fomos recebidos por uma meia dúzia de engenheiros; e, depois de um lanche ligeiro, tivemos uma longa reunião a respeito

30 . N.E. Hoje Conselheiro Lafaiete.

da ferrovia; comparando mapas, ouvindo experiências e detalhes sobre diferentes rotas propostas e descobrindo quão pouco – na verdade, nada – se sabe sobre a região entre este lugar e Pitangui, ponto final sugerido para nossa ferrovia. O engenheiro-chefe daqui é um Sr. Hargreaves.[31] É membro do Instituto de Engenheiros Civis, filho de pais ingleses, nascido em Lisboa, e criado no Rio. Viajou pela Inglaterra e Europa com o Dr. Rebouças há uns dez anos. É casado e tem três filhos encantadores, dois meninos e uma menina, que são todos a imagem da saúde. Sr. Hargreaves diz que o clima aqui é muito saudável, o que posso muito bem compreender. Entretanto, tive de me agasalhar depois do pôr do sol, embora a temperatura não seja realmente muito baixa; só o contraste das noites frias com os dias quentes. A temperatura mínima aqui no dia 28 de junho foi 3 graus centígrados ou 38 Fahrenheit (estamos agora no meio do inverno).

Sr. Hargreaves convidou-nos gentilmente para jantar e passamos uma noite deliciosa. Mostrou-me vários espécimes de rochas tiradas de cortes e túneis numa linha férrea que está construindo para Ouro Preto, a capital da Província. Alguns dos espécimes eram ótimos, por exemplo, um belo mármore rosa, usado para paredes, que valeria muito dinheiro se pudesse ser levado ao Rio e exportado; algumas hematitas, muito puras; alguns esplêndidos cristais de quartzo – o cristal brasileiro, tão amplamente usado para óculos, e dois belos cubos de pirita de ferro, perfeitos. Ele conta que as cascavéis são muito numerosas, chegando algumas a quatro pés de comprimento; mas não oferecem perigo algum se for injetado permanganato de potássio imediatamente após a mordida, ficando-se, então, curado em duas horas. Os tatus são também abundantes, mas só os muito pequenos, encontrando-se os maiores ao norte da província. Além disso, há pumas (o leão brasileiro), mas muito pequenos,[32] e igualmente muitos marimbondos, cuja picada pode facilmente matar um cavalo ou um homem, temos, pois, que tomar cuidado.

Estação Paraopeba[33]

2 de julho – Nossa bagagem chegou a Queluz às nove da manhã, *apenas* dezoito horas depois de nós, levando vinte e uma horas para percorrer dezenove milhas, pelo preço razoável de oitenta mil-réis (cerca de seis libras e dez xelins).

31 . N.E. Henrique Eduardo Hargraeves, engenheiro inglês. Trabalhou também na construção do ramal de Ouro Preto.

32. N.A. Durante todo o tempo em que estive fora nunca encontrei uma cascavel, e sequer *ouvi falar* de nenhum puma, embora me falassem de onças.

33 . N.E. Hoje Cristiano Otoni.

Hoje de manhã fez muito frio e ventou muito, com uma neblina densa. Contudo, ela dissipou-se quando o sol apareceu e deu um dia bonito, não muito quente, cheio de nuvens, mas sem chuva. Na verdade, durante três meses mais ou menos, não deveremos ter chuva que mereça esse nome, pois a estação chuvosa aqui vai de outubro a março; mas ninguém interrompe o trabalho por mais tempo do que o absolutamente necessário, mesmo durante a estação chuvosa.

Nosso café da manhã foi o habitual, reforçado. Geralmente, só se fazem duas refeições por dia no Brasil: desjejum e jantar. A primeira cerca das onze horas e a última às quatro aproximadamente; não há diferença entre elas, exceto que, de modo geral, não se servem doces depois do desjejum. Serve-se café ao fim de cada refeição, quando se tira o vinho da mesa. Depois do desjejum fomos aos escritórios dos engenheiros, examinamos os projetos e secções das linhas férreas e as extensões que estão sendo construídas agora; examinamos os melhores mapas disponíveis e tivemos outra longa conversa. Nosso grupo, então, se dispersou, tendo eu que voltar para Carandaí e meus três companheiros que viajar para Ouro Preto a fim de entrevistar o Presidente da Província. Ouro Preto fica a nove horas de Queluz a cavalo.

Saí de Queluz com destino à estação de Paraopeba às 12:15, sozinho com o guia e os três cavalos que estávamos levando de volta, tendo alugado animais descansados para a viagem a Ouro Preto. Achei utilíssimo meu livro, *Colloquial Portuguese*, e consegui dizer tudo que queria ao meu empregado, embora ele, superestimando minha competência, despejasse muito conversa que eu não consegui entender direito. Pegamos o mesmo caminho de ontem na maior parte da viagem, mas nas últimas milhas seguimos a trilha de mulas, o trecho que atravessamos ontem de trem. Passamos muitos carros de boi pelo caminho. De dez a dezesseis bois emparelhados em cada carro, que só leva mais ou menos uma tonelada, fazendo de duas e meia a três léguas por dia (dez ou doze milhas). As rodas são maciças e os eixos não param de chiar horrivelmente o tempo todo, o que avisa a meia milha de distância que os carros estão chegando; assim as pessoas ou qualquer outra coisa que esteja à beira da estrada têm tempo de sair para o mato. O aviso, naturalmente, é útil, porque algumas vezes o caminho afunda de seis a oito pés abaixo da superfície; como não há lugar para o carro passar, a gente teria de refazer os nossos passos, pois os bois não têm como voltar.

Chegando aqui (Paraopeba) às quatro e vinte, entreguei primeiro uma carta do Dr. Rebouças ao contratante, Sr. Trajano Machado, pedindo a ele que colocasse a máquina à minha disposição. Mas ela estava na linha e só voltaria daí à uma hora. Vim, portanto, para o hotel, a única *casa,* exceto a do engenheiro, durante milhas, e entreguei outra carta ao proprietário deste alojamento. Combinei alugar quatro quartos e uma sala de estar por cinquenta mil-réis por mês e

depois jantamos. Sopa de macarrão, cebola, linguiça ruim e feijões (*black beans*) não conseguiram me satisfazer; encomendei então meia dúzia de ovos quentes e arrematei a refeição com abacaxis em conserva e queijo – que misturada! Voltando à estação, descobri que a máquina só estaria disponível amanhã às dez horas, de modo que voltei, não lamentando dispor de uma noite livre para escrever para casa. Mas, por outro lado, é uma demora inconveniente, pois tenho, dentre outras coisas, de telegrafar para Londres.

3 de julho – Parti na locomotiva às onze para Carandaí. A meio caminho, chegamos a um lugar onde o solo estava sendo cavado sob os trilhos para colocar um bueiro seco de pedra devido à má fundação, nunca esperando que o trem fosse para lá. O agradável resultado foi que tivemos de esperar três quartos de hora, enquanto os trilhos estavam sendo calçados para torná-los seguros. De modo que só chegamos a Carandaí à uma e quinze, tendo demorado duas horas e um quarto para percorrer onze milhas e vinte e cinco horas para cobrir as trinta milhas a partir de Queluz!

5 de julho – A bagagem chegou a Carandaí ontem, tendo gasto só seis dias na vinda do Rio de Janeiro! À noite voltei a Paraopeba, tendo passado o dia inteiro procurando o engenheiro do distrito, que tinha prometido um trem para nos trazer *en masse* a este lugar com todas as bagagens; mas, depois de tudo, não consegui fazer os preparativos. Hoje gastei cinco horas numa exploração preliminar deste vale, pois estou fortemente inclinado a usá-lo para a ferrovia.[34] Fui a pé, não querendo gastar com um cavalo e me sentindo mais livre para ir onde quisesse. Obviamente, todo mundo que passava me achava louco, pois ninguém anda um palmo quando pode evitar. Uma coisa eu vejo claramente, o país não é tão fácil como foi descrito e teremos de fazer o trabalho contando conosco mesmo.

Tive hoje o meu *baptême d'insectes*, sob a forma de um agradável bichinho chamado carrapato, uma espécie de inseto que mergulha a cabeça na carne da gente e tem de ser retirado com a ponta de uma faca. Também vi uma cobra, mas rastejou para longe.

Paraopeba

7 de julho – Finalmente descobri a verdadeira causa do atraso. Consta que a máquina do contratante não tem a potência suficiente para trazer toda a nossa bagagem e há uma ponte

34. N.A. Agora a ferrovia já está construída neste vale (janeiro de 1886).

perto de Carandaí ainda não terminada, de modo que a máquina grande não pode atravessá-la; mesmo assim espero que estejamos todos juntos aqui amanhã. Dois do grupo, entretanto, cansados de esperar, quiseram vir ontem à noite, de modo que providenciei para que a máquina viesse nos buscar ontem por volta das cinco e meia. Às quatro e meia um vagão estava à espera e colocamos a bagagem leve nele; a máquina chegou às cinco e meia, mas, devido à habitual indiferença em relação aos atrasos, só saímos às sete e meia. Enrolamo-nos então em algumas esteiras que havíamos comprado, para nos aquecer, e nos deitamos sobre o lastro do vagão, mas logo antes de sair uns vinte negros subiram ao carro, de modo que ficamos apinhados. Logo, contudo, as fagulhas saídas da máquina, que só queima lenha, ficaram tão densas e contínuas que tivemos medo de nossas esteiras pegarem fogo; assim, na primeira parada – pois paramos umas doze vezes – nós as recolhemos e subimos para o assento na frente da máquina. Encontramos diversas vacas e cavalos na linha, o que é comum, e tivemos de chegar bem perto deles, tocando o apito até que se afastassem. Também paramos para pegar água e depois para apanhar lenha no meio de uma mata. Finalmente chegamos à estação às nove e meia, e, atravessando a clareira em uma neblina gelada, achamos a casa trancada e todo mundo deitado. Conseguimos acordá-los e arranjar alguma coisa para comer antes de nos recolhermos, muito satisfeitos de ter deixado Carandaí. Lá nosso quarto tinha duas janelas, ambas sem vidraça, uma dando para a estrada e outra para o estábulo, a pocilga e o galinheiro, com a fossa, onde tínhamos de jogar os excrementos, bem debaixo da janela. Nada agradável certamente e muito pouco saudável!

Agora, uma palavra sobre este "hotel". O proprietário, chamado Sr. Abailard José da Cunha, faz uns três meses comprou um pedaço de terra – cerca de um acre – junto à terraplanagem da ferrovia na estação; pagou 30 libras pela terra e imediatamente começou a trabalhar para construir esta casa. Anteriormente, trabalhava numa fazenda, a cerca de três milhas, onde cultivava cana e fazia rum, a aguardente da região. Contudo, achou que este seria um empreendimento mais rendoso.

A casa tem um andar, com a parte externa asseada e o interior limpo – *porque* é nova. A estrutura é de madeira, e, como de costume, as paredes têm uma armação de bambu recheada de barro, enquanto o teto é de bambu trançado. Como as divisórias dos quartos só chegam ao teto – sobre o qual está o telhado – cada som é evidentemente ouvido em toda a casa. Do exterior, se vê quatro portas. As duas entradas do meio abrem para o bar e a loja, onde se encontra todo tipo de artigos necessários ao brasileiro; do lado da loja está o depósito, que também tem uma porta externa, e constitui o final da casa naquela direção. A quarta porta leva a um corredor, do qual se vê dois quartos que parecem armários, um dentro do outro, sem luz ou ar, exceto a que passa pela porta do corredor. Em cada um desses quartos tem duas camas. Pelo corredor chega-se à sala de estar, para o qual dão dois pequenos quartos, cada um com apenas uma cama, que toma quase todo o espaço. Esses quartos, pelo menos, têm janelas externas. Saindo da sala, a passagem leva à sala de jantar, mobiliada com uma mesa comprida ladeada por dois bancos; e, fora desta sala, há três portas, conduzindo aos aposentos particulares do dono, à cozinha etc. A regra nas casas brasileiras parece ser colocar um número infindável de portas em cada sala de estar. O cozinheiro e criado é um negro que sempre vem correndo todas as vezes que alguém entra para cumprimentar, como se fosse o único amigo que ele tivesse no mundo. O patrão fica de pé junto à mesa ou nela apoia os cotovelos, conservando o chapéu na cabeça e fumando cigarros durante toda a refeição.

Hoje nós três fomos dar uma caminhada perto da ferrovia que vai para Queluz e subimos um morro perto da linha, a umas cinco milhas daqui. A paisagem era linda – sucessivas cadeias de montanhas em toda a volta do horizonte; as voltadas para o norte, leste, sul e oeste eram em geral densamente arborizadas, mas, do norte ao oeste, relativamente nuas (campos). Longe, a sul-sudoeste, vislumbrava-se um vago contorno, que, segundo creio, é a Serra dos Órgãos. Na volta fizemos um *détour* através de uma floresta encantadora – minha primeira caminhada em mata tropical – de que gostei muito. Não vi muitas borboletas, mas observei duas *Pyrameis myrinna*, muito semelhantes na aparência à nossa *painted lady* (*Pyrameis cardui*) e alguns belos pássaros. Um tinha as costas azuis, a cabeça branca e duas extraordinárias penas compridas saindo da cauda. Na linha férrea vimos um quati amarrado em uma árvore. Alguns trabalhadores o tinham apanhado de manhã e estava muito bravo, mas é um bonito animalzinho.

O tempo é perfeito durante o dia, geralmente um céu sem nuvens o dia inteiro, com o sol muito quente das nove às três, mas com uma brisa fresca e, depois, muito frio à noite. A diferença de temperatura, de 80 a 90 graus Fahrenheit entre o dia e a noite, é muito desagradável para o organismo de um inglês.

9 de julho – O chefe apareceu ontem à noite com o resto da equipe e toda a bagagem e, hoje, os equipamentos chegaram: cinco carregamentos trazidos em carro de boi. Algumas das barracas, que foram armadas na clareira em frente desta casa, estão ocupadas por membros da equipe, outras estão cheias com a bagagem.

CAPÍTULO III

EXPLORAÇÕES PRELIMINARES

Estação Paraopeba

13 de julho de 1883 – Ontem à noite voltei de uma expedição de três dias explorando a região para localizar a primeira secção da ferrovia que deve chegar até Brumado.[35] Segui daí para Brumado (6 léguas e meia), daí para Suaçuí (2 léguas e meia),[36] voltando via Santo Amaro (3 léguas)[37] para este lugar (3 léguas), no total quinze léguas ou cerca de sessenta e três milhas.

Saindo de Paraopeba no dia 10 do corrente mês, às 10 da manhã, com um nativo como guia, cavalguei em direção a Brumado, tomando notas durante todo o caminho, com aneroide e bússola, para, na volta, poder preparar um esboço de mapa e indicar a melhor rota (aproximada) para a ferrovia. Hospedamo-nos à noite numa povoação chamada Serra dos Olhos d'Água, a cerca de dois terços da distância para Brumado. Como é comum em todas as cidades e vilas daqui, há uma grande cruz de madeira à beira da estrada, com um galo no alto e, ao pé da cruz, uma representação do véu de Santa Verônica e uma estatueta da Santa Virgem Maria; pregados na cruz estão os instrumentos da Paixão – pregos, flagelo, martelo, torquês, lança, escada em miniatura etc.

Apeamos junto a uma cabana – não tenho como chamar de outra coisa – com uma varanda. Depois de cuidar dos cavalos e levá-los ao pasto, às seis, jantamos pedaços fritos, muito engordurados, de carne de vaca e de porco, feijão preto, farinha de mandioca – parecendo serragem – arroz e couve, regados a um vinho português branco doce. Fomos servidos por algumas negras de aparência realmente agradável, com nossa anfitriã tomando conta de tudo o tempo todo; tinha um enorme bócio e também um pedaço de fumo de mascar aparecendo num canto da boca e expectorava promiscuamente no chão da nossa sala de refeições. A casa era iluminada por lampiões de barro com formato semelhante ao tipo antigo grego e romano e de pavio embebido em óleo de mamona. Meu "camarada" e eu dormimos num pequeno quarto saindo da varanda – sem janela – tendo duas camas como única mobília; mas devo confessar que os colchões de palha foram os melhores que eu havia usado na última quinzena.

35 . N.A. Ver o mapa.
N.E. Brumado do Suaçuí, hoje Entre Rios de Minas
36 . N.E. Hoje São Brás do Suaçuí.
37 . N.E. Hoje Queluzita.

Na manhã seguinte, depois de café e cachaça[38] e de acertar nossa modesta conta, saímos às 6:30, chegando a Brumado antes das dez. Fomos à casa do Sr. João Batista de Oliveira e Souza, com quem eu travara conhecimento uns dias antes, quando ele veio a cavalo até Paraopeba para nos cumprimentar. Recebeu-nos gentilmente e me deu muita informação sobre a vizinhança e, também, uma carta de apresentação para um cavalheiro, dono de uma fazenda (*farm*) um pouco além de Suaçuí. Enquanto eu estava em Brumado, chegou um padre. Era um homem de tipo jovial, com forte dose de sangue negro e uma pequena tonsura de aproximadamente uma polegada de diâmetro; usava colarinho de renda, guarda-pó branco, grande chapéu de palha preto, luvas cinzentas e botas de cano alto – não exatamente o que se imagina de um pároco; além do mais, bebia cerveja Bass, retirando a rolha com um saca-rolha inglês.

A estrada para Suaçuí é notável pelas inumeráveis barrancas ou cânions, que, embora minúsculos se comparados com os do Colorado, são muito bonitos assim mesmo. Imagine uma trilha surgindo no alto de um campo aberto, ondulante e com ligeiro declive, quando, de repente, se chega a um lugar onde o caminho mergulha um pouco e tem apenas uma ligeira margem, numa largura total, digamos, de quatro ou cinco pés, tendo de cada lado um imenso e profundo anfiteatro, de onde a terra vermelha foi levada pelas chuvas. Vi muitas dessas barrancas em todos os estágios de formação. Começam com um rebaixamento causado por fontes que corroem o terreno; as chuvas solapam então a parte rebaixada, arrastando-a gradativamente para longe, e o cânion aumenta à medida que caem os flancos, de modo que no final tem-se uma imensa área, em alguns casos, de muitos acres, com lados mais ou menos íngremes, frequentemente com a profundidade de cem ou duzentos pés, sendo toda a área cortada por centenas de fantásticos sulcos e cristas de terra vermelha e nua em forma de faca. É notável o impacto repentino da chegada a um desses precipícios no meio de uma extensa colina coberta de relva.[39]

A fazenda onde devíamos nos hospedar ficava além de Suaçuí, à distância de meia hora a cavalo fora de nossa rota, num vale muito bonito, com numerosas moitas de lindo bambu – até agora meu tipo predileto de vegetação tropical, sem excetuar as samambaias. Chegamos à Fazenda da Boa Vista às 4:50 e cavalgamos até o pátio, onde havia dois carros de boi, cada um puxado por dez bois, carregados de milho e que alguns escravos descarregavam em um celeiro. Atravessando o pátio, chegamos à casa por meio de um pequeno jardim com palmeiras de leque, gardênias etc. e, depois, por outro jardim murado, cheio de laranjeiras e bananeiras carregadas de

38 . N.A. O rum nativo.
39 . N.E. Ver notas geológicas.

fruta. O anfitrião estava jantando e imediatamente nos convidou de forma cordial para comer com ele. Como sempre, a comida era galinha frita – cheia de ossos – carne seca (*sun-dried beef*), arroz, farinha, queijo e doce feito de milho em conserva. Acabada a refeição, tive uma longa conversa com meu anfitrião, depois da qual veio o café, e com ele a esposa. Levantei-me e cumprimentei-a; ela inclinou-se, pediu-me que me assentasse e depois retirou-se; as mulheres aqui são muito reclusas; na verdade, ainda não vi a esposa do dono do meu hotel, embora ouça a voz dela através das paredes. Um velho cavalheiro partilhou comigo o quarto na fazenda. Fomos para a cama às oito e nos levantamos às seis horas da manhã seguinte. Depois do café, de visitar nossos animais e de tomar um copo de Schiedam,[40] como despedida, deixamos o teto hospitaleiro, levando um rapaz, durante uma pequena parte do caminho, para nos mostrar a direção para a estrada principal. Ele nos deixou quando chegamos à ponte do rio Paraopeba, a partir da qual o guia disse que conhecia o caminho e eu pensei, também, ser capaz de encontrá-lo. O jovem apreciou imensamente o mil-réis que lhe dei por ter tomado conta dos cavalos e mostrado a estrada. Chegamos a Santo Amaro por volta de dez da manhã e, depois do desjejum e de uma caminhada por ali, partimos, chegando aqui, que será o nosso ponto de partida ao fim da tarde. Durante esta viagem só vi uma cobra perigosa (cobra coral), e um pássaro do tamanho de um pequeno avestruz, chamado seriema. Todas as cobras são chamadas simplesmente pelo nome genérico de cobras aqui, o que é uma decepção.

Um membro de nosso grupo foi atacado por bichos-de-pé, mas só um até agora.[41] Fui atacado por numerosos carrapatos, que acredito ter apanhado pendurando minhas roupas nos arbustos enquanto me banhava no rio, isso porque em meus três dias de cavalgada não achei um sequer.

Vindo de Santo Amaro para cá, passei por algumas florestas grandiosas margeando o rio. É um suplício cavalgar por esses lugares tão preocupado com a bússola e o barômetro, anotando direções, alturas, localidades, sobre a disposição geral do terreno e fazendo descrições, obrigado, assim, a não prestar atenção às maravilhosas plantas com flores de um roxo vivo, amarelas ou escarlates, orquídeas, trepadeiras e insetos, numerosos demais para serem mencionados. Todo o tempo que ando a cavalo, tenho na mão meu caderno de anotações, com bússola, aneroide e lápis, e vou rabiscando minhas notas.

15 de julho – Nos dois últimos dias tenho andado muito ocupado distribuindo os instrumentos, material de escritório etc. entre as quatro seções em que se divide o pessoal da nossa

40 . N.E. Um *gin* com ervas exóticas feito em Schiedam, Holanda.

41 . N.A. Ver nota sobre Parasitas: tormentos do Brasil.

equipe; temos trocado entre nós também as diferentes provisões que compramos. Eu, por exemplo, tinha duas arrobas de café (cerca de sessenta e quatro libras, que custaram nove mil-réis), a mesma quantidade de açúcar (ao preço de seis mil-réis) e vinte e cinco pacotes de velas (150 por quinze mil-réis). Troquei uma parte por arroz, feijão preto, farinha e bacalhau. Acho o último, embora necessário, um dos alimentos mais repugnantes e é muito caro. Pagamos três libras e dez xelins por um barril contendo uma grosa, e quando o barril foi aberto o cheiro foi intolerável; o peixe estava "suando" e tivemos de deixá-lo ao sol durante dois dias para secar.[42]

Três carros de boi com cinquenta bois e uma dúzia de homens chegaram antes de ontem para a expedição a Pitangui, mas são tão vagarosos que ainda não partiram. Na verdade, o decorrer do tempo passa totalmente despercebido para esses homens, como à maioria dos brasileiros. Enquanto isso, a presença dos carros torna o cenário mais pitoresco à noite, quando a lua clara brilha no céu sem nuvens e ilumina a clareira cercada pela mata escura, as barracas brancas e verdes e os carros de boi, ao mesmo tempo em que sua luz branca contrasta com a chama avermelhada das fogueiras no acampamento, cercadas pelos homens acocorados, alguns torrando e moendo café, outros preparando a ceia, outros fumando, mas *todos* falando. O espetáculo é bastante poético, mas receio que os homens não vejam muito romance quando se recolhem sob os carros de boi, para dormir ao relento frio, com muito pouca coisa para cobri-los.

Andei arrumando de novo minha bagagem, com um monte de homens e meninos à minha volta, pegando e examinando tudo, criticando, admirando ou fazendo perguntas sobre os diferentes objetos.

Cidade de Entre Rios, antigo Brumado do Suaçuí

17 de julho de 1883 – Os carros de boi com os instrumentos e a bagagem das três secções destinadas ao levantamento topográfico depois de Brumado deixaram Paraopeba dia quinze do corrente mês em direção a este lugar. Já falei como esses veículos são lentos, mas esqueci de contar que, quando perguntei aos carreiros por que não lubrificam as rodas para impedir o rangido dilacerante, responderam que os bois adoram o barulho e que sem ele não andariam; de fato, carvão em pó é colocado sobre os eixos para *aumentar o ruído*! Gosto não se discute! Nossos carros estão pesadamente carregados e se conservam sempre juntos. Quando têm de descer um morro

42 . N.A. Não consegui tolerar o bacalhau e depois dei tudo; mas ouvi dizer, em Pernambuco, que quando o peixe é lavado de forma adequada (trocando-se a água duas ou três vezes) e depois cozido em leite de coco, é delicioso.

íngreme, alguns dos bois são desatrelados e jungidos nas costas do carro, para puxá-lo na direção contrária e impedir que despenque. Na subida, por outro lado, duas juntas são atreladas num só carro para arrastá-lo morro acima; então o carro é deixado lá no alto, enquanto os bois descem para pegar outro. Você ficaria surpreso se visse a região e o que eles *chamam* de estradas. Algumas vezes um lado da carroça chega a ter mais de dois pés de altura do que o outro, daí a pouco é o contrário. E é de admirar que eles não tombem ainda mais. Embora os carreteiros pareçam ter consideração com seus animais proporcionando-lhes boa música (!), são terrivelmente cruéis. Os bois são continuamente aferroados mesmo em terreno plano, de modo que seus corpos se transformam em uma grossa camada de machucados e feridas, especialmente nos ombros; e quando puxam as carroças em direção *contrária* (morro abaixo), os carroceiros ficam na frente agitando os braços, cutucando e ferindo os pobres animais na cabeça, nos olhos e no pescoço (gritando o tempo todo), até os coitados tremerem e se encolherem de medo e dor.

Após despachar nossos equipamentos e ter obtido um número suficiente de mulas e cavalos, nós todos partimos ontem de manhã, saindo a maior parte da equipe às nove horas, enquanto eu permanecia com o chefe, detidos durante hora e meia. Foi uma cavalgada agradável, parando às três e trinta para tomar cerveja alemã de exportação com "biscoito de polvilho" – bolos feitos de glúten (ou tapioca crua) de raiz de mandioca, muito boa e nutritiva. Nossa anfitriã, a mulher do bócio, ficou feliz por nos ver novamente e nos convidou a ficar, o que era impraticável, de modo que, montando novamente, chegamos a Brumado antes das sete, descobrindo que nossos companheiros só haviam chegado um quarto de hora antes. Meu bondoso amigo João Batista nos tratou magnificamente ao jantar e colocou uma casa do lado oposto da rua à nossa disposição.

Brumado (como é geralmente chamada, embora haja diversos lugares com o mesmo nome) é uma extensa *vila* com uns mil e duzentos habitantes, com diversas casas muito boas. É chamada de *city* (cidade), à moda americana. Mas deixo para depois uma descrição mais completa. Uma coisa, contudo, me chama constantemente a atenção e tenho de mencionar, não apenas aqui, mas em todas as vilas: que se vê muito pouco cultivo e que todo mundo parece não ter coisa alguma a fazer a não ser ficar vadiando e fumando, enquanto quase todas as coisas necessárias à vida – até comida, como manteiga, vinho e cerveja – são importadas.

Terminei agora o esboço do mapa, resultado dos meus três dias de expedição, rabiscando uma sugestão de rota para a ferrovia da linha tronco do governo até este lugar.[43] E que já mostramos para diversas das pessoas mais importantes do lugar, sendo que todas aprovaram. Há,

43. N.A. A rota proposta foi a que depois vim a levantar topograficamente.

contudo, outras propostas que temos de examinar, escolhendo a que parecer melhor. Naturalmente, a extensão e o custo da linha têm de ser levados em consideração.

No trem

20 de julho – Você ficará surpreso em ver que estou, de novo, após tão pouco tempo, *en route* para o Rio de Janeiro; mas o trabalho assim exige. Deixei Brumado na tarde do dia 18 e, dormindo em um casebre em São Caetano, cheguei a Paraopeba no dia seguinte de manhã cedo. Houve os atrasos habituais na viagem para Carandaí, para onde deveria ter viajado direto se não precisasse de alguma bagagem. As duas pequenas máquinas do contratante quebraram, e só a "*granda machina*", como chamam a locomotiva norte-americana comum, estava funcionando. Esperava que, pelo menos, pudéssemos andar mais rápido, mas oh não! Primeiro paramos para descarregar uns vagões de cascalho, duas vezes paramos por causa de pedras e terra na linha e, finalmente, a três milhas de Carandaí, paramos para pegar o engenheiro da seção, que ia começar a jantar, esperando três quartos de hora por ele. Enquanto isso, nossa locomotiva foi cercada por um bando de escavadores, negros, nativos e italianos que chegaram após o fim do trabalho, alguns com panelas e caçarolas para pegar água para cozinhar, outros para fazer suas abluções, sendo muito menos trabalhoso para eles pegar água da nossa locomotiva do que andar cinco minutos até um riacho represado. Triste resultado: levamos duas horas para viajar onze milhas!

Quando paramos em Barbacena, às oito da manhã de hoje, tendo saído de Carandaí às 6:47, entrou no vagão onde eu estava uma escola de meninos, com um professor e muitos instrumentos musicais. Seu barulho estridente rompeu a atmosfera e em cada estação atacam a mesma melodia, além de praticar outras nos intervalos, quase sem uma pausa! O barulho é abominável, o tempo não é levado em conta e não há pretensão de intervalo, de fato, parecem gostar mais de desafinar do que do contrário. Graças a Deus! Às duas, depois de cerca de seis horas de tortura, cessou a música. Acho que até *eles* se fartaram e precisaram de um tempo.

Fiz duas compras depois que cheguei e que creio vão se mostrar muito úteis: um sobretudo de algodão branco, com o qual estou viajando, para evitar a poeira e um grosso poncho nativo, azul-escuro, forrado de vermelho, com gola de veludo preto. Eu acho o poncho mais útil, uso-o todas as noites e também quando estou dormindo nos casebres rurais ou andando a cavalo de manhã cedo ou tarde da noite.

Na tarde de hoje, quando o sol se pôs atrás da Serra dos Órgãos, apreciamos um espe-

táculo verdadeiramente grandioso no meio do mais lindo cenário desta linha férrea (que não pudemos ver na ida por causa da neblina). Agora, vislumbramos ocasionalmente uma vasta depressão, cheia de pequenas montanhas, todas cobertas de densas florestas e tendo ao fundo os contornos purpúreos da majestosa Serra dos Órgãos. Depois, completando as curvas fechadas da linha, os intervalos entre outras montanhas revelavam, cadeia após cadeia, cristas azuis mais distantes, ora ao sul, ora a oeste, enquanto, no minuto seguinte, todas desapareceram e nós já estávamos passando por uma floresta acidentada, com algumas cabanas cobertas de sapé, cercadas de bananeiras e de crianças pardas brincando ao redor e a partir daí no centro de uma clareira, perto de uma casa caiada com telhas marrons ou de uma cachoeira de vez em quando.

Rio de Janeiro

21 de julho – Embora o clima do interior seja, certamente, muito mais saudável que o daqui, confesso que na noite passada fiquei encantado de ver o termômetro marcar 75 graus Fahrenheit em vez de 35 e poder dormir com um *costume de nuit* civilizado em vez de calças sob um monte de cobertas. Tal é a notável diferença causada por três mil pés de altura perto do Trópico de Capricórnio, no meio do inverno, correspondente ao fim de janeiro na Inglaterra.

Esqueci de dizer que encontrei dois dos engenheiros que tinha visto em Queluz quando viajei para cá. O primeiro foi em Carandaí, aonde chegou na mesma noite que eu, com a esposa, cinco filhos e meia dúzia de escravos. A esposa jantou conosco em uma *table d'hôte*, mantendo os cotovelos na mesa o tempo todo, usando o garfo e a faca alternadamente para levar a comida à boca, pegando os ossos de frango com os dedos para chupá-los e, ao final, usando habilmente o palito, ou *toothpick*.

Tenho esperado cartas de casa ansiosamente, mas não chegou uma sequer. No dia em que estive em Paraopeba, recebi um embrulho do banco do Rio, mas o conteúdo era todo para os outros membros da equipe. Descubro agora, depois de investigar, que três pacotes de cartas, além de jornais, foram mandados para mim e que exatamente *o* que recebi era o único sem encomendas destinadas a mim. Também esperava ter notícias do ministro e do cônsul em resposta às minhas cartas de apresentação que deixei antes de partir rumo ao interior. Escrevi ao chefe do Correio em Carandaí, fui ao Correio aqui e mandei fazer várias investigações, que espero levarão a alguma coisa.[44]

44 . N.A. Algumas dessas cartas apareceram dois meses e meio depois.

As ruas estão hoje apinhadas de milhares de mendigos. É que eles têm permissão legal para mendigar aos sábados, de forma que entram atrevidos em todas as lojas, e atacam todos os transeuntes, enquanto os adros das igrejas estão, como sempre, cheios de pobres miseráveis exibindo as pavorosas feridas para inspirar piedade.

Segunda-feira, 23 de julho – Burrell, que veio no *Cotopaxi,* chegou ontem de manhã e me levou à igreja. Mais parece um galpão; mas o estipêndio, segundo creio, é de 800 libras, sendo 400 dadas pelo ministro britânico e vinte firmas e bancos contribuindo com vinte libras cada. Depois fui convidado a subir a ladeira para visitar Glover em Santa Teresa. Ele e Burrell vivem com alguns outros ingleses em uma pensão neste morro, de onde se tem uma das mais belas vistas da baía do Rio em relação a qualquer outro lugar habitado. À tarde subimos um pouco o morro, mas fazia muito calor e choveu de tal forma que aceitei com prazer a gentil oferta de uma cama, voltando hoje de manhã muito satisfeito com a minha pequena e primeira excursão por aqui.

27 de julho – Minha missão está terminada, mas tem sido muito adiada por ter de esperar a chegada de certos vapores. Contudo, parto amanhã. Já havia terminado a maior parte do que era realmente necessário no primeiro dia, mas tenho sido obrigado a gastar pelo menos uma hora ou duas por dia na cidade, embora tendo muito pouco a fazer. Isso me tem impedido de fazer excursões, mas tenho andado muito pela cidade e estou começando a me orientar com mais facilidade. Minha rotina na última semana tem sido a seguinte: levanto-me às sete, tomo café; desjejum às oito – que leva uma hora, constando de duas dúzias de ostras, *rognons sautés,* filé *à la bordelaise*, omelete, uma garrafa de vinho tinto, goiabada (geleia de goiaba), bananas, café; depois fumo e abro a correspondência. Saio das dez às cinco; janto às 5:30 ou seis – sopa, peixe, *entremet, rôti*, bananas e café; dou uma pequena caminhada, retorno cerca de 7:30, escrevo cartas de negócios e geralmente vou para a cama às 8:30. Mosquitos e pulgas me acordam duas ou três vezes durante a noite.

Uma noite fui ao Teatro Imperial Dom Pedro II – o melhor teatro do Rio, em um edifício realmente esplêndido, para ver uma nova peça, recentemente trazida da Itália e produzida sob a supervisão do autor e que está fazendo sensação aqui, chama-se *Excelsior*. É, de fato, a única pantomima *verdadeira* que já vi, pois é representada totalmente por meio da mímica. A *mise en scène* é excelente, o cenário, vestuário etc. soberbos, e a representação acima da crítica. Diz-se que representa o progresso da imaginação e da descoberta, a fada Ciência triunfando sobre os demônios da Ignorância, e consiste em uma série de quadros vivos arranjados de forma esplêndida.[45]

45 . N.A. *Excelsior* foi apresentada no Teatro Haymarket em Londres, 1885, e teve enorme sucesso.

O maior defeito que vejo nos teatros daqui é o intervalo muito longo entre os atos, vinte minutos ou mais, quando todo mundo sai e fuma nas sacadas ao ar fresco da noite; mas o resultado disso é prolongar a diversão até depois da meia-noite.

28 de julho – De novo *en route*. O trem está muito cheio. Tendo partido às cinco da manhã, dormi até depois das 7:30 e logo ao despertar fui surpreendido ao ver um homem assentado à minha frente com um olho estranho. Enquanto ele dormia, com sua cabeça apoiada na almofada, esse olho permanecia arregalado, fixo em mim. Depois que amanheceu, descobri se tratar de um olho de vidro. Após o desjejum, começamos a conversar e descobri que ele é irmão de João Batista, que foi tão gentil comigo em Brumado; vai desembarcar em Juiz de Fora, mas espera voltar breve para sua casa em Brumado.

CAPÍTULO IV

A CAVALO, RUMO AO INTERIOR

Paraopeba

29 de julho de 1883 – Chegando a Carandaí ontem à noite, fui imediatamente ao Correio, mas não tive notícias das cartas que faltavam. Depois, como os cavalos estavam esperando, vim para este lugar com meu camarada, que me encontrou no hotel – uma cavalgada longa, bem difícil, muito solitária e um tanto estranha, especialmente quando não há luar, como foi o caso da noite passada. O caminho é geralmente pela floresta, que, na quietude mortal de uma noite negra como piche, tem uma aparência extremamente sombria. Gastamos mais de três horas para cavalgar as onze milhas e chegamos aqui às nove, encontrando Sr. Bithell, que veio conosco no *Cotopaxi*, e que está agora querendo arranjar trabalho conosco, não tendo nada de especial a fazer. Espero que tenha sucesso.[46] Veio do Rio de Janeiro no dia em que fui para lá, de modo que nossos trens se cruzaram, e esteve vegetando aqui desde então, esperando minha volta a cada dia.

Vou agora seguir para o interior, como é preciso, para ver sem demora o chefe e o Sr. Bithell deve acompanhar-me, o que me alegra especialmente porque sabe falar bem a língua, tendo morado em Santa Catarina por cinco anos.

Na noite passada foi-me entregue a seguinte carta em Carandaí:

"*To Doctor Dent, Esq.*

SIR,

As I have some practise of Engeneir's emploied, for fields works, I beg you, if you please, to take me for your emploied on the exploration works, and you could see what I said by this letter I joint to it.

You may answer me for Carandahy, on the Province Telegraph's Estation.

---

46. N.A. Permaneceu conosco de setembro até deixarmos o Brasil, e foi então contratado pela Ferrovia Transandina, que vai de Buenos Aires ao Pacífico.

I am, sir, wishing you good health,

Your thank venerator,

"JOSEPH PETER OF REIS."[47]

Disse ao bom homem que não tinha possibilidade de contratá-lo no momento, mas que daria sua carta ao chefe.[48]

Tenho outra queixa das autoridades do Correio. No dia 21, escrevi do Rio a meu senhorio aqui, dizendo que não me esperasse. A carta nunca chegou. Ele mandou diariamente os cavalos a meu encontro, até que, finalmente, no dia anterior à minha saída do Rio, telegrafou para saber quando eu voltaria. Respondi por telegrama e o resultado foi que encontrei os cavalos quando cheguei.

Cajuru,[49] *Minas Gerais*

15 de agosto de 1883 – No dia 30 do mês passado, resolvemos iniciar, assim que possível, a cavalgada da semana. Contudo, minha mula fugiu durante a noite e, depois de ser procurada durante uma hora, apareceu aproximadamente às 10:30. Até agora não tenho tido sorte com meus animais. O chefe me comprou um cavalo em Brumado, que eu cavalguei de volta a Paraopeba e então ele adoeceu com uma espécie de gripe. Enquanto estive no Rio, meu camarada tratou-o com cerca de vinte remédios diferentes; mas, ou talvez por isso mesmo, ele ficou tão mal que foi impossível cavalgá-lo. Fui, portanto, obrigado a alugar uma mula. Ela foi infectada, eu temo, pelo cavalo e, depois dos mesmos sintomas preliminares, "está toda coberta de manchas, e acho que é algo contagioso" (Sloper). O pelo dela está caindo aos chumaços, a cara já está totalmente pelada. Ficou horrível. Tenho vergonha de montá-la.

Agora a descrição de nossa viagem para cá. Saindo logo que apanharam a mula, cavalgamos aquelas trinta milhas, que já estou bem conhecendo, e nos hospedamos com meu bom

47 . N.T. Como notará o leitor conhecedor da língua inglesa, trata-se de uma carta oferecendo os serviços do signatário. O efeito da leitura é um tanto cômico, devido aos inúmeros erros.

48 . N.A. Nunca mais ouvi falar no homem.

49 . N.E. Hoje Carmo do Cajuru.

amigo Sr. Batista em Brumado, que, *semper eadem,*[50] nos recebeu à *bras ouverts.* Na manhã seguinte, partindo depois do desjejum, começamos a subir até o divisor das águas dos rios Paraopeba e Pará, que correm quase paralelos, sendo ambos afluentes do São Francisco.[51]

À beira da estrada encontramos uma pequena árvore morta, em cujos galhos empoleiravam-se quinze papa-figos (*Cassicus persicus*, Linn.), sendo lindo o concerto resultante do canto de todos juntos. Como quase todos os outros pássaros daqui eles eram muito mansos e nos deixaram aproximar bastante até voarem para longe. Têm mais ou menos o tamanho de um melro, com linda plumagem amarela e preta. Às duas da tarde chegamos a um morro encimado por uma grande pedra branca nua, chamada Pedra Branca, e de onde apreciamos um esplêndido panorama dos morros e montanhas, com a Serra do Curtume (a meio caminho entre Paraopeba e Brumado) a umas vinte e cinco milhas a sudeste. Geralmente os morros perto de Pedra Branca não têm vegetação, são cobertos de grama, arredondados para baixo (campos), com barrancas aqui e ali, apesar da existência de morros cobertos de florestas perto da divisa.

Em meia hora descemos até a Fazenda da Pedra Branca, onde consumimos café e uma bandeja cheia de laranjas deliciosíssimas. Na varanda havia a cabeça de um tucano, que o proprietário me deu ao ver minha admiração, dizendo, inclusive, que são muito abundantes por aqui. A casa, que tem mais de duzentos anos, é em tudo exatamente igual a todas as outras fazendas; de fato, acredito que este pessoal do interior nada mudou desde que seus ancestrais se apossaram da terra há cerca de dois séculos. Cultivam *castor oil* (mamona), café – que cobria todo o pátio para secar ao sol – cana- de-açúcar, algodão e fumo. Havia muitos gatos por aqui, quase todos míseros bichinhos, os menores e mais macilentos que já vi. Um deles era muito ágil em dar cambalhotas; punha a cabeça entre as patas dianteiras e virava de ponta-cabeça com a cara seríssima, o que nos divertiu muito.

Depois de uma hora, partimos e atravessando uma bela floresta chegamos às 5:30 ao cume do divisor das águas, onde três estradas se encontram. Nada se via, exceto morros expostos, cobertos de grama, sem indicação da estrada certa e sem um sinal de habitação humana ou de qualquer plantação. Paramos para pensar qual seria o melhor procedimento. Estando próximo ao pôr-do-sol, estávamos bastante preocupados, pois não seria nada agradável sermos surpreendidos pela noite, sem conhecer a estrada (meu camarada nunca tinha ido além de Brumado), nada para nos proteger do frio e do espesso orvalho, e, pior ainda, sem comida. Resolvemos seguir direto

50 . N.E. Em português: como sempre.

51 . N.A. O trajeto que percorremos a cavalo está marcado no mapa.

em frente e começamos a descer. Em um quarto de hora ficamos muito aliviados ao vislumbrar uma luz rompendo a escuridão crescente, e, aproximando-nos, chegamos a uma fazendinha, numa depressão que não se via do alto do morro.

Os proprietários da Fazenda do Campo Novo (pois assim se chamava o lugar) nos receberam com as boas vindas amáveis que os hospitaleiros Mineiros[52] geralmente proporcionam aos viajantes extraviados. Enquanto preparavam o jantar, andamos pelo pátio e examinamos os depósitos de milho (*Indian corn*), onde brincavam dois cachorrinhos, e uma galinha, com pintinhos espiando por entre as asas, se acomodava para dormir. A proprietária é uma viúva, que mora aqui com os dois filhos – belos rapazes de dezesseis e dezessete anos; o mais velho administra todo o trabalho da fazenda. Cultivam cana-de-açúcar, milho e mandioca e têm também um grande pomar cheio de laranjeiras, de onde observamos um frango ser abatido – parte de nossa refeição noturna.

Essa fazenda é uma das menos extensas; mas é como todas as outras, ou seja, igualmente privadas de qualquer dos confortos ou decências da civilização. O chão é de terra batida; as janelas não têm vidraças e são fechadas à noite; os cômodos são cobertos apenas com telhas marrons que são fixadas nas ripas cruzadas dispostas sobre os caibros; as divisões entre os cômodos chegam apenas até a viga, sobre a qual se apoiam os caibros do telhado inclinado, deixando espaço suficiente para a entrada de luz e ar sob os beirais.

Fiquei sozinho num quarto, num confortabilíssimo colchão de palha de milho, como de costume. Na manhã seguinte, acordei quando o dia estava clareando; tudo estava silencioso ainda, e, abrindo a janela, vi que estava frio e nublado. Em cerca de cinco minutos, o silêncio foi interrompido pelo cantar dos galos e, em seguida, os cachorros começaram a latir, os frangos a chilrar, os porcos a grunhir, os homens a falar e tudo ficou novamente animado. Depois do café, obrigando nossos generosos anfitriões a aceitar uma pequena remuneração, saímos para Capela Nova, onde chegamos em pouco mais de duas horas. Disseram-me que quando os melros[53] cantam em coro, como ouvimos no outro dia, é sinal de chuva, o que realmente aconteceu hoje de manhã, mas, felizmente, muito ligeira. Depois de nos afastarmos do divisor das águas durante algum tempo, seguindo um riacho – um dos afluentes do Pará –, avistamos de repente, dando a volta a um morro, a vila da Capela Nova de Nossa Senhora do Desterro,[54] empoleirada no alto de uma colina vermelha, nua, e cercada de morros cobertos de florestas parcialmente derrubadas.

52. N.A. Habitantes da província de Minas Gerais.
53. N.E. No original: *orioles*.
54. N.E. Hoje Desterro de Entre Rios.

Apeando num bar de aparência pobre, pedimos o desjejum. O dono é um italiano, e encontramos lá um padre, também italiano, que tinha vindo para um casamento, homem muito desonroso, com calças de algodão azul riscado, colarinho de renda imundo e rosto sem barbear. Tomamos o desjejum todos juntos num quartinho dos fundos, muito sujo, cercado pelo bando costumeiro de nativos espiando; entre eles estava um negro muito grande, que rompeu num riso incontrolável quando nos ouviu falar entre nós em inglês.

A povoação tem a aparência mais pobre que já vi, tendo a rua apenas uns trinta pés de largura; os casebres – não há *casas* – têm apenas um andar; e há uma capelinha. Algumas palmeiras, aloés e cactos podem ser vistos nos jardins malcuidados, enquanto uma legião de cães e porcos perambula pelas ruas.

Depois do desjejum de paca assada – uma excelente carne branca –, fomos ver um espécime vivo que tinha sido apanhado com um filhote em mata vizinha, onde são abundantes. A paca é um roedor (*Cælogennus fulvus*, Cram.) com lindas listras brancas e castanho-amareladas e são do tamanho aproximado de um porco pequeno. Perseguido, mergulha no rio e é abatido a tiros quando sobe à superfície.

Tecem-se cestas muito bonitas aqui com o talo de uma trepadeira chamada "sipão", que é tingida de diversas cores vivas.

Partindo ao meio-dia, continuamos nossa viagem e atravessamos o rio Pará logo abaixo da vila; ali o rio vira abruptamente para a esquerda, e, fazendo uma curva fechada, corre para longe da estrada onde viajávamos. Atravessando uma floresta, Bithell, imaginando ser capaz de ter boa pontaria a cavalo, atirou numa árvore com o revólver e o tiro, desviando-se, atingiu meu camarada no ombro. Ele deu urros tremendos, mas – diferentemente de Rufus, tanto no nome, que era Fortunato, quanto na cor, que era escura – levou apenas um susto, não se ferindo absolutamente.

Às 5:15 da tarde chegamos à cidade do rio do Peixe[55] e, perguntando pela localização do acampamento da segunda seção, fomos informados de que estava a uma légua e meia, junto ao rio Pará. Por dois mil-réis, alugamos um guia para nos levar até lá e atravessamos a pitoresca povoação, no alto de um morro. Tem as ruas muito íngremes e há muito arenito branco por lá. Depois da igreja, a estrada apresenta um declive rápido, atravessando um desfiladeiro escavado no arenito branco, com cerca de oito pés de largura por vinte de profundidade, coberto por arbustos e grama, onde havia ninhos de beija-flores.

55. N.E. Hoje Piracema.

Do alto, perto da igreja, avistamos um belo panorama do vale do rio do Peixe até sua junção com o rio Pará, a cerca de duas léguas e meia de distância. Às 5:50 atravessamos o rio do Peixe – quinhentos pés abaixo do nível da cidade –, em seguida galgamos outro morro e, em meia hora, tínhamos atingido uma altura de apenas cem pés abaixo da cidade. Nesse ponto, já tendo o sol se posto, contemplamos uma vista esplêndida. Em toda a nossa volta, com exceção dos lugares escondidos pelo morro onde estávamos, havia gamas numerosas de montanhas, geralmente ondulantes, mas com uma que se destacava, em forma de pirâmide, muito acima das demais colinas. Continuamos ora descendo, ora subindo, atravessando brejos e caniços, campos de milho e mandioca, florestas escuras como breu até que finalmente, mais ou menos às sete horas, avistamos lá embaixo a longínqua luz bruxuleante da fogueira de um acampamento e, com mais um quarto de hora, estávamos distribuindo um grande pacote de cartas e jornais entre nossos amigos.

Regalaram-nos com cachaça e presunto e depois de uma longa conversa com o chefe da seção, recolhi-me para dormir, então, numa cadeira dobrável, coberto com meu cobertor e poncho. Depois de um excelente repouso e um pouco de carne enlatada, bolos e chá como desjejum, partimos outra vez, e logo atravessamos o rio Pará pela ponte Bombassa. Estava tão periclitante como todas as outras pontes com as quais me deparei, quase sem exceção. A construção de pontes aqui é geralmente assim: colocam-se vigas longitudinais no alto de suportes fincados no leito do rio, e nessas vigas se colocam galhos e varas – de nenhuma maneira, preparados – enquanto as fendas são atulhadas com torrões de terra. Não há parapeitos, o assoalho está sempre cheio de buracos e muitas das vigas estão podres, cedendo sob o peso do transeunte, de modo que é sempre impossível cavalgar sobre ele; tem-se que apear e conduzir os animais com muito jeito, pois têm medo de atravessar muitas das vezes. Essa ponte tem uma aparência especialmente arruinada pelo fato de não ser reta: atravessa três quartos do rio em uma direção e depois, subitamente, encurva-se até a outra margem.

Uma hora depois tornamos a atravessar o rio por outra ponte, que tinha parapeitos, mas com o assoalho tão perigoso que quase não ousamos atravessá-la. Ao meio-dia caiu uma pesada tempestade, de modo que fomos obrigados a procurar refúgio em uma fazenda à beira da estrada, onde se viam apenas mulheres e crianças, como sempre muito numerosas. Uma menina de cor, muito bonita, com uma criança atravessada nos quadris (maneira invariável de carregar crianças aqui) nos trouxe café e logo chegou um carro de boi cheio de milho, acompanhado de dois homens – o marido e *père de famille*, e seu irmão. Chegou depois um carro puxado por dez cabritos carregado de lenha. Foi o primeiro carro desses que vi, mas depois encontramos vários outros. Quando estávamos em Capela Nova, um carro puxado por dez carneiros passou por nós. Todos esses carros são usados para transportar lenha.

Depois de um jantar de legumes muito bom, tendo a chuva passado, em parte, e desejando encontrar acomodações melhores do que este pobre casebre chamado Fazenda do Sapecado, despedimo-nos, seguindo viagem por florestas encharcadas e estradas de barro – terrivelmente molhadas e escorregadias por causa da chuva – chegando à Fazenda da Mata às 4:30, após cavalgar menos de uma hora.

O proprietário, coronel[56] João Luiz de Oliveira Campos, do qual tanto ouvíramos falar vindo para cá, é um grande homem, em todos os sentidos da palavra, e lutou na guerra do Paraguai. Tem mulher e duas filhas, que só vislumbramos de relance, quando elas estavam nos espiando por uma porta quase fechada; mas seus dois filhos, que estiveram conosco a noite quase toda, são rapazes altos, agradáveis e bonitos, com cerca de dezoito anos. Vimos também seus dois netinhos, um menino e uma menina. Todos são louros e bonitos. O coronel é um homem alto, de presença imponente, muito corpulento, com uma longa barba grisalha. Tem uma extensa propriedade e muitos escravos, também contrata homens livres, tanto brancos como pretos, e dentro e em volta da casa havia bandos de negras e crianças pretas de todas as idades.

O estilo de vida aqui é muito patriarcal. Oferecem-nos água para lavarmos os pés. Os nativos são muito hospitaleiros, correndo para abater aves e preparar comida no momento em que se chega. Há também muitos outros costumes que lembram os tempos de Abraão, mas o encanto se quebra quando o seu Abraão aparece – com a barba ao vento, é verdade – mas com um par de óculos e uma grande capa escocesa!

Saboreamos um bom jantar, mas muito engordurado de carne de porco e com os legumes habituais, regado a cachaça caseira e água. Tolero bem quase todo o cardápio local, mas tenho a maior repugnância por comida com bebida alcoólica.

O primeiro tópico de conversa foi, evidentemente, a ferrovia. O coronel apresentou um enorme mapa que fizera para toda a região até a divisão hidrográfica junto a Capela Nova e no qual riscara uma linha que julgava ser a melhor rota para a ferrovia – passando por boa parte de sua propriedade e perto das fazendas de muitos de seus amigos. Prometi examiná-lo na volta.

---

56. N.A. Um dos muitos exemplos, em português, da substituição do *l* por *r*, como em *Colonel,* que vira *Coronel*, e *plata,* que aqui é *prata.*

Nosso anfitrião advertiu-nos insistentemente contra incêndios, pois os mais desastrosos são causados, algumas das vezes, por descuidos. Em 1879 houve aqui um incêndio que atingiu dois mil alqueires quadrados (um alqueire é quase doze acres), e queimou tudo. O coronel examinou minuciosamente meu capacete e botas de cano alto de couro de boto, mas falou que não eram adequadas, por causa da largura da sola. Disse que a região é muito saudável. Nunca há doença e as pessoas são longevas, atingindo frequentemente os cem anos de idade. Uma velha que mora aqui tem cento e vinte, seu marido morreu há muitos anos quase centenário.[57] O coronel tem um carpinteiro que apareceu duas ou três vezes enquanto estávamos lá; tem setenta e cinco anos, mas não aparenta mais de sessenta e trabalha melhor do que qualquer dos jovens do lugar.

Depois que terminamos o jantar, a mesa foi posta novamente e todos os escravos e trabalhadores vieram, em turnos, para a refeição noturna, com uma fraca lamparina de óleo de mamona fornecendo a única iluminação da sala. Nos levaram cedo para nosso quarto, passando por dois outros quartos cheios de trabalhadores contratados, nem limpos nem perfumados; mas logo esquecemos tudo num sono profundo.

Na manhã seguinte após o café, fomos visitar o moinho de milho; o grande barracão continha inúmeros troncos ocos de árvores cheios de raiz de mandioca mergulhadas na água e todos os outros apetrechos para extrair o veneno da raiz e preparar a farinha. Também vimos os engenhos de açúcar. E, na volta, uma porção de homens ocupados em fazer um grande chiqueiro, cercado por um forte muro de pedra e com enormes pedras no alto. Enquanto observávamos, chegaram dez bois, arrastando uma espécie de trenó, formado por duas toras amarradas em forma de "v", no qual havia duas pedras grandes e outras, menores, para calçar o chiqueiro.

Partimos antes das nove, o coronel recusando qualquer pagamento e nos agradecendo pela visita e pela conversa intelectual. Seguindo caminho, atravessamos dois belos vales, nos quais havia uma profusão de palmeiras e samambaiaçus. As pesadas nuvens se dispersaram gradativamente até que, lá pelo meio-dia, o sol ficou muito quente e o céu limpo. Chegando ao alto do morro, tivemos uma bela vista, até bem longe, do vale do Pará. Esse vale, densamente arborizado perto do rio, é amplo e tortuoso, limitado por colinas baixas, geralmente cobertas de grama ou arbustos. A essa hora, tendo tomado apenas uma xícara de café, estávamos ansiosos por encontrar algum generoso abrigo onde conseguir o desjejum, ficando felizes quando, às 12:30, encontramos uma casinha à beira da estrada.

57. N.A. Mostraram-me mais tarde o retrato de uma negra velha que mora em Pitangui, chamada Joana Maria, que tem 127 anos e ainda faz tudo sozinha.

Eu ainda não tinha visto árvores tão carregadas de laranjas como as do pomar em volta daquela fazenda, que também tinha cana-de-açúcar, mamona e abóboras. O desjejum foi de legumes, regados a água, e uma hora depois já tínhamos partido para este lugar (Cajuru). No caminho observei pendurados muitos ninhos de pássaros (*Ostinops cristatus*, Gmel.), feitos de gravetos, e também de joão-de-barro (*Furnarius rufus*, Gmel.), um pássaro castanho-claro que constrói o ninho em forma de colmeia, geralmente na forquilha de uma árvore. O ninho é sempre feito de barro, daí o nome do pássaro (barro = *mud*). Encontramos um homem a cavalo que não tinha mãos, só os cotos dos braços. Evidentemente, pedindo esmolas.[58] Não posso compreender como conseguia cavalgar, mas de algum modo conseguia manipular as rédeas com os tocos. Passamos por uma fábrica de telhas, a única que já vi, embora todas as casas e quase todos os casebres sejam cobertos de telhas. O preço na olaria é de trinta mil-réis a milha, enquanto em Paraopeba oscila entre quarenta e cinco e cinquenta mil-réis. Embora as telhas sejam cozidas no forno, não são tão resistentes como as nossas na Inglaterra; de fato, quebram e esfarelam facilmente.

Chegamos aqui (Cajuru) às cinco da tarde do dia 3 de agosto e fomos recebidos na cidade por um velho senhor, que nos convidou a nos hospedarmos com ele. Levou-nos para casa e nos apresentou à esposa e a duas bonitas filhas que se assentaram em um banco à nossa frente enquanto comíamos nosso jantar de legumes. Atrás delas estava um grupo de garotas negras risonhas. Enquanto isso o velho tirou uma faca comprida que tinha debaixo do braço e preparou um cigarro. Não contei ainda que todo homem e menino carrega uma faca comprida, com lâmina de nove a doze polegadas de comprimento, pendurada dentro do colete; os que não usam colete carregam-na no cinto. Essas facas são muito úteis e meu anfitrião, que tem uma loja de utilidades, recomendou-me comprar uma, dizendo que serve para tudo, desde matar um porco até cortar pão e queijo ou a palha (*maize leaf*) para fazer os cigarros. Os nativos fazem seus cigarros com palha de milho e sempre têm uma reserva das folhas que cercam a espiga; eles as alisam e cortam da forma desejada, guardando-as depois, ora atrás da orelha ora dentro dos chapéus, de modo que a qualquer momento estão prontos para agachar-se, sacar umas duas polegadas de fumo de rolo, cortá-lo, alisá-lo e enrolá-lo na palha, formando o cigarro.

Nosso anfitrião, que é capitão (*captain*) do exército, ficou muito entusiasmado com a ferrovia e ansioso por sua construção. Disse que, embora a exportação esteja razoável, considerando-se o custo elevado do transporte, quando a ferrovia for aberta o incentivo à produção será muito maior e as exportações serão incalculavelmente estimuladas. Todo o país é muito rico, pro-

58. N.A. Um verdadeiro "mendigo a cavalo". Conheço um exemplo na Inglaterra de um cavalheiro sem braços nem pernas, mas esplêndido cavaleiro.

duz café, açúcar, cachaça, arroz, milho, feijão, carne seca,[59] porcos, óleo de mamona e farinha de mandioca que são levados para a ferrovia em Barbacena e São João del-Rei. Cajuru é o centro de aproximadamente quarenta distritos e povoações, numa área de seis ou sete léguas, e que produzem grande parte dos produtos de exportação da Estrada de Ferro São João del-Rei. Esses distritos serão ligados por nossa ferrovia, que provavelmente tirará três quartos do tráfego da pequena linha férrea. Vai-se fazer grande economia também no custo do transporte, pois São João del-Rei está a mais de cem milhas de distância, e o preço de um carreto é muito dispendioso. Aquela ferrovia importa agora de oitenta a noventa mil sacas de sal anualmente, das quais grande parte vem para cá a um preço que é o dobro do Rio de Janeiro. O capitão ficou tão entretido com o assunto que quando nos mostrou nosso quarto entrou e ficou muito tempo falando sobre a futura ferrovia.

4 de agosto – O plangente ranger de um carro de boi que passava nos acordou às 6:30 e tomamos avidamente o nosso café com "pipoca" (*fried pop-corn*). Felizmente, nosso anfitrião perguntou se queríamos o desjejum antes de partir – o que é pouco frequente, pois se espera que o hóspede parta depois do café – e, como não tínhamos a menor ideia de onde ou quando conseguiríamos comida, aceitamos com alegria. Enquanto esperávamos, comprei meio metro de fumo, enrolado num carretel como corda em um azeiteiro inglês, e que é vendido a metro!

Nosso anfitrião, que é um liberal convicto, começou a falar de política, mencionando os nomes de Lord Palmerston, Sr. Gladstone e Lord Russell.[60] Disse-lhe que os conservadores estão muito fortes na Inglaterra, pois ele parecia pensar que formam um partido insignificante e sem importância. Foi bom que tivéssemos alguma coisa para desviar nossa atenção do desjejum, pois não foi suntuoso – ovos, carne de porco e marmelada (feita de marmelo = *quince*). A carne de porco nesta província é sempre repugnante, cortada em pedacinhos e torrada na própria gordura. Só varia o tamanho dos pedaços.

Concluída a refeição, saímos à procura do acampamento da terceira seção e depois de uma cavalgada de duas horas e meia enxergamos através de uma porteira o alto de uma das barracas que estávamos procurando. Atravessando um pasto plano, apeamos, deixando os cavalos com um homem junto às barracas, e seguimos pelas "picadas" (caminhos abertos na floresta e entre as moitas) margeando o rio Pará, até que encontramos nossos amigos trabalhando. Resolvi voltar para Cajuru devido a informações que recebi deles e, assim, deixando o acampamento logo antes do pôr do sol, voltamos a cavalo em duas horas pela escuridão, nada tendo comido desde a

59 . N.A. *Sun-dried beef*.

60 . N.E. Políticos ingleses do séc. XIX.

partida, de manhã. Ficamos bem satisfeitos, portanto, mesmo com o jantar de legumes, que foi só o que conseguimos, já que estava tarde demais para se cozinhar e, também, porque os nativos consideram que um prato de feijão preto com farinha, e talvez arroz, é mais do que suficiente para qualquer pessoa.

Hoje – 5 de agosto – sendo domingo, o pessoal do interior começou a chegar cedo, vindo de toda a redondeza para a missa. Alguns viajam dez ou doze milhas todos os domingos e a mesma distância de volta à noite. As mulheres e crianças eram muito pitorescas, com cabelos negros, belos olhos e xales de cores vivas. Uma das primeiras que vi entrar era uma mulher branca, a cavalo, usando um vestido verde, com uma criança em frente. Estava acompanhada por uma negra de vestido vermelho que montava uma mula e levava uma criança na frente e outra atrás. Os homens usavam roupas domingueiras – paletós pretos, camisas brancas limpas, sem engomar, e calças de algodão, que parecem feitas de riscado; alguns usam botas de cano alto amarelas ou pretas, outros descalços, a maioria com esporas que têm duas rosetas com polegada ou polegada e meia de diâmetro. Felizmente para os animais, não são afiadas.

Quando estávamos entrando na igreja, o padre nos fez uma reverência. A cerimônia, que foi ao meio-dia, chamava-se Missa Cantada, mas a parte cantada consistia apenas em uma banda com instrumentos de metal que tocava música de dança, com muito acompanhamento de tambores, nas partes mais solenes da liturgia. Depois do Evangelho e do Credo, o padre fez um pequeno sermão, muito bom, sobre o Bom Samaritano, com orientações práticas sobre a forma de hospedar forasteiros – suponho que se referiu especialmente a nós; devo repetir que, sem exceção, a orientação parece ser seguida fielmente, o que temo não poder dizer de nosso país.

Depois da missa, entramos em uma venda para tomar vinho. Acontece que era a casa do pai do padre e o padre imediatamente surgiu de um cômodo interno, convidou-nos para partilhar de seu modesto almoço, e nos deu um pouco mais de vinho, já que o tínhamos elogiado. Acabada a refeição, levou-nos a sua casa e me fez descansar numa rede de buriti, muito confortável, estendida em seu escritório. Tem uma boa biblioteca, embora pequena, de livros religiosos, e alguns quadros de santos. A um canto, havia um barril com um vinho especialmente bom, que, nem preciso dizer, ofereceu-nos insistentemente. Tínhamos ouvido que era um homem muito dedicado e bom, viúvo, que mantinha uma loja. Quando a esposa morreu, vendeu a loja e foi para o seminário, deixando seu único filho, uma menininha, com a sua mãe; no devido tempo, foi enviado de volta a sua antiga cidade, como padre. Falou-nos da grande luta que travara e do trabalho realizado com o povo durante alguns anos. Ele nos disse que, quando chegou, as pessoas eram muito violen-

tas, iam à igreja carregando facas compridas e outras armas, brandindo-as como selvagens. Agora são tão sossegados quanto os ingleses e muito mais contritas na igreja do que a grande maioria dos fiéis ingleses. O padre falou ainda que as pessoas desconfiavam de qualquer um, a menos que ele a recebesse, e de fato, depois de andarmos pela cidade de braço dado com o reverendo, fomos tratados com mais respeito. Tendo nosso anfitrião, o capitão, nos convidado para jantar, fomos encontrá-lo às quatro horas, e nos regalamos com canjica, ou milho cozido, e "mocata", ou arroz com pés de vaca. Depois da refeição, fomos passar a noite na casa do padre.

Paraopeba

14 de agosto – Vou concluir o relato de minha viagem pelo interior. Já falei do domingo (5 de agosto) que passamos em Cajuru, o tempo quase todo debaixo do teto do excelente padre, a quem me afeiçoei muito. É de disposição amável e bondosa, com uma expressão muito calma e agradável, embora saiba ser severo quando necessário; é muito lido, de boa conversa e não é um fanático.

6 de agosto, segunda-feira – Partimos mais ou menos às oito, indo a cavalo para São Gonçalo. Exatamente quando estávamos saindo de Cajuru, notei uma mulher levando na cabeça um pote cheio de água com o bócio maior que jamais vi; pelo menos seis polegadas dele pendiam de cada lado do pescoço dela. As pessoas aqui parecem perseguidas por esses bócios, mas, até onde pude observar, só as mulheres têm, os homens não.[61]

Em pouco menos de duas horas e meia, chegamos à Fazenda Frutuoso no final da terceira seção e não longe do acampamento que visitamos no sábado. Exatamente naquele momento, a família estava à mesa para o desjejum, e, depois do habitual convite para apearmos, fomos convidados a participar da refeição, que foi excelente; nunca saboreei uma melhor: frango, leitão, com os habituais *et cetera*, e aipim, uma espécie de inhame, que, depois de cozido, parece batata farinhenta. Havia um sapateiro presente no desjejum que ficou muito interessado em minhas botas de cano alto e solas extremamente largas; ficou especialmente surpreso quando lhe disse que eram de couro de boto, feitas da pele de um peixe (golfinho, em português); o homem nunca ouvira falar de tal coisa. O proprietário da fazenda é descendente de indígenas e dizem que é muito ambicioso,

61 . N.A. Em outros locais tenho visto bócio tanto em mulheres como em homens.

mas sua esposa é muito gentil; ele também foi muito educado e recusou qualquer pagamento pelos desjejuns de nós três e dos cavalos.

Deixando essa casa hospitaleira ao meio-dia, viajamos durante três horas, até chegar a São Gonçalo do Pará. Essa povoação tem uma localização encantadora, num morro, como de costume; mas, apesar de bastante grande, é muito pobre, composta quase totalmente de casebres de barro, com exceção de duas ou três casas. As crianças, brancas ou pretas, andam por ali quase nuas, com uma camiseta ou em trajes de Adão. O cemitério, como em Cajuru, fica num morro, cercado por dezesseis cruzes, supostamente para afastar os maus espíritos. O espetáculo é curioso, um grande lote quadrado, vazio, cercado por um muro, sem lápides, mas com essas numerosas cruzes por toda parte, cada uma com dez ou doze pés de altura.

A povoação possui quatro vendas, que são também lojas de variedades, sendo uma delas uma espécie de loja de armarinhos, e uma farmácia. Paramos na última venda na extremidade da povoação e consumimos vinho, biscoitos de polvilho e café, saindo depois para Pitangui; mas, antes de termos cavalgado meia hora, encontramos as mulas de carga, camaradas, e um cavalo sobressalente pertencente ao chefe e ouvimos que ele pretendia dormir em São Gonçalo, hospedando-se na casa do supracitado farmacêutico. Regressamos, portanto, à vila, para aguardar a chegada dele. Em quinze minutos, o quarto a nós destinado, que se abria para a rua, estava cheio, com cerca de vinte homens e meninos, todos vindos para nos examinar, como se fôssemos animais selvagens. O padre logo chegou para apresentar seus cumprimentos e, depois, retiramo-nos para um cômodo no fundo para jantar, após o qual houve mais uma *séance* para os rapazes que queriam ver os forasteiros. Às sete da noite chegou o chefe e, depois do jantar, de um breve descanso e de fazer uma pequena visita, tivemos uma longa conversa sobre o trabalho, até às três da manhã.

7 de agosto – Saímos depois do café, em um grupo de onze pessoas, para examinar uma alternativa proposta para o trajeto da linha com o objetivo de passar perto da cidade, deixando a margem do rio que fica um pouco distante. Logo depois de iniciada a cavalgada, quando atravessávamos uma ponte apodrecida, a pata dianteira esquerda do último cavalo entrou numa fenda da ponte. Ele caiu no riacho e um pau lhe entrou num dos olhos, a ponto de quase cegá-lo. Felizmente, estávamos todos a pé conduzindo os cavalos, de outra forma o cavaleiro teria provavelmente morrido. Após o ocorrido, o cavalo saiu na outra margem do rio e muito tempo se perdeu até fazê-lo voltar. Depois de cavalgar cerca de quatro milhas, em boa velocidade, para variar, chegamos a uma fazenda e engenho de açúcar à margem do rio Pará, onde tomamos café. Colhi uma

espécie de *Datura*,[62] e atravessamos o campo até um vale com uma bela cachoeira; a corrente cai cerca de cem pés sobre a face polida da pedra que fica a um ângulo de uns quarenta e cinco graus. Nas pedras, vimos um touro, que evidentemente tinha caído de um penhasco e parecia estar muito ferido; fomos, pois, ao casebre mais próximo que encontramos e relatamos o acidente aos moradores. Depois de um dia agradabilíssimo e de uma excelente cavalgada, voltamos a São Gonçalo do Pará às quatro e trinta.

Apeando, vi um tatu sendo atacado por cães na rua, do lado exatamente oposto ao lugar em que estava hospedado. Tinha sido apanhado no jardim do padre naquela tarde, e sendo da espécie cabeluda, não comestível, que remexe os túmulos com as longas garras para satisfazer o apetite macabro, estava fadado a uma morte cruel e lenta, sendo gradualmente despedaçado pelos cães. Pobre animal! Finalmente, a meu pedido, acabaram com ele, mas só depois de todos os ossos que podiam ser arrancados sob sua carapaça terem sido partidos pelos cães, enquanto o bicho sangrava por mais de cem feridas. Afinal, ao se servir das carcaças enterradas, tinha apenas seguido seus instintos. Não era capaz de distinguir entre o corpo de um cristão e a carcaça de um boi. Esperemos que, numa vida futura, o aguarde a felicidade, como tão eloquente e adequadamente sugere o Reverendo J. G. Wood,[63] em sua obra *Men and Beast, Here and Hereafter*. Meditando a respeito, lembro-me dos bois pacientes, centenas de milhares que são torturados pelos carreiros nativos, enquanto, com tanta fadiga e labuta, arrastam os pesados carros, abaixo e acima, por esses morros terríveis e nesses arremedos de estradas. Quando dão o máximo de suas forças são ainda espancados, aguilhoados e puxados como se seus sofridos pescoços carregando a cangalha fossem de ferro. Não podemos esperar que eles também, depois desta vida de interminável fadiga e sofrimento, possam gozar um futuro de repouso e paz? Esta é pelo menos uma bela reflexão e não vejo que a prerrogativa do homem como o mais elevado de todos os seres criados, tanto física quanto intelectualmente, seja diminuída, se admitirmos uma compensação futura para os animais inferiores tendo em vista seu sofrimento na vida presente – uma vida frequentemente amargurada pela crueldade incontida daqueles que se intitulam os "reis da criação".

Mas tal é a força do preconceito ou da educação, que mesmo o padre, homem de extraordinária ternura e benevolência, cuja vida constitui uma constante autoimolação pelo bem alheio, a tudo assistia sem uma palavra de reprovação, enquanto o pobre tatu tentava em vão

62 . N.E. Planta medicinal tóxica, uma *Solanaceae*. Também chamada erva-do-diabo.

63 . N.E. John George Wood (1827–1889), religioso e escritor inglês que popularizou a História Natural.

fugir dos cães, cujas mandíbulas cheiravam a seu sangue vital. Talvez o padre achasse que era um castigo justo para o animal que violara o tranquilo lugar de descanso de bons cristãos.

Logo depois que uma faca habilmente manejada privara o pobre tatu da pouca vida que ainda lhe restava, soou o sino das seis. Nosso padre tirou o chapéu e todos os presentes fizeram o mesmo, enquanto seus lábios se moviam, esboçando silenciosamente as preces designadas para aquela hora pela Igreja Romana.

Depois do jantar, o padre veio nos convidar para sua casa e nós demos uma volta no jardim na pouca luz que restava antes do pôr do sol. O pomar é grande e repleto de café, cana-de-açúcar, mamona, laranjeiras, inhames, bananas, mandioca e de ervas medicinais. Tem um viveiro de mudas para doações, com as quais ajuda constantemente e gratuitamente os membros mais pobres de seu rebanho a formar seus próprios pomares. Há muitos pequenos canais de irrigação alimentados por um riacho que atravessa o pomar e também uma fonte encanada formando uma bela bacia que – como é bom relatar – ele usa todos os dias. Deu-nos café, vinho branco e uma espécie de rocambole fermentado, além de outras iguarias. Conversamos sobre a região e as redondezas, e também de sua paróquia, que é muito extensa, com algumas povoações localizadas a quatro léguas (dezesseis milhas) de distância. A população total do povoado, ou paróquia, é de cerca de três mil pessoas. Ele falou da beleza extrema do vale do rio São Francisco, no qual deságua o rio Pará, cerca de sete léguas abaixo de Pitangui. O vale do São Francisco é muito largo, alcançando três léguas em alguns lugares; é todo coberto por matas e cheio de animais selvagens.

Esse padre me interessou muito; fiquei encantado com ele. De fato, os dois padres de Cajuru e São Gonçalo eram ambos amabilíssimos, embora de temperamentos muito diferentes; o primeiro um tanto jovial, de meia idade, viúvo, com uma gentil filhinha de quatorze anos; o segundo muito jovem, de uma quietude próxima da tristeza, e mais reticente. Ambos são muito trabalhadores e têm feito muita caridade, muito diferentes do padre italiano que conheci em Cape-la Nova, sobre quem ninguém teve uma palavra boa e de quem não gostei nem um pouco, estando sua conversação bem longe de ser proveitosa.

O padre de São Gonçalo, padre Hipólito de Oliveira Campos, possui, além do grande pomar (contendo um lago, onde rema em sua canoa), uma casa espaçosa, com uns degraus perigosos levando da varanda até o pomar. A casa tem dois andares e os cômodos são grandes e altos; a maioria não é mobiliada e os demais têm muito pouca mobília. O quarto dele tem forro e paredes caiadas, das quais pendem algumas boas oleografias de santos e outros quadros piedosos. Também

tem uma biblioteca pequena, mas abrangente de títulos religiosos. Enquanto estivemos sentados em seu quarto, nossa privacidade foi invadida por muitos homens e meninos que entraram sem ser convidados, como é costume na região, e, assentando-se, começaram a fumar em silêncio.

Na manhã seguinte, depois do desjejum, quando comemos uma deliciosa "palmita" ou *boiled cabbage-palm* e pirão, que é uma *olha podrida*[64] ou mistura indescritível, fomos dar adeus ao nosso bom padre. Estava de cama, doente, mas recebeu-nos muito gentilmente e nos desejou "boa viagem". Partimos depois às 9:45, regressando uma vez mais à Fazenda Frutuoso.

Preciso dizer que lamentei muitíssimo ter de voltar; mas havia trabalho por fazer. Lamentei não poder chegar nem mesmo a Pitangui, apenas sete léguas mais adiante, pois ouvira os relatos mais entusiastas sobre essa cidade de cerca de três mil habitantes e sobre a amabilidade de seus habitantes. Além disso, podem-se ver lá capivaras, ou *water-hog*, anacondas com vinte metros de comprimento, jiboias e onças, ou *yellow leopard*. Foi uma tortura, também, depois de ter ido tão longe, ouvir falar das regiões realmente selvagens do São Francisco – isto é, selvagens no que diz respeito a animais, pois indígenas só se encontram a mais de dez dias a cavalo – e ter de voltar para regiões sossegadas e relativamente civilizadas.

Contudo, na Fazenda Frutuoso fomos recebidos de braços abertos e a bondosa anfitriã, que ficara gostando muito de mim, fez-me uma surpresa, oferecendo cachaça com os nomes de "corneo", "samba" e "ristiro" ou "ristillo". Todos os moradores da casa, incluindo uma dúzia de escravas, ocupavam-se colhendo e joeirando milho. Nossa anfitriã nos deu algumas excelentes tangerinas da terra (*small lemons*) iguaizinhas a laranjas. Levou-me depois a um cômodo dos fundos e me deu água e "ristiri" para me lavar. Essa foi a primeira vez que usei a receita de F.M. – você deve lembrar que ele me recomendou nunca me lavar sem pôr um pouco de álcool na água. Na verdade, achei isso muito refrescante, mas o cheiro do álcool é tão desagradável que nunca consegui usá-lo rotineiramente. A anfitriã me levou depois ao aposento deles, longe dos outros, onde havia algumas senhoras e crianças. Conversamos um pouco e ela trouxe, para meu uso, uma garrafa de um licor especial, nada desprezível. Regalaram-nos então com café e bolos quentes, depois dos quais visitamos de novo o acampamento, chegando finalmente a Cajuru pelas seis horas.

Depois do jantar, fomos ver o padre. Ele estava na casa dos pais, de modo que ficamos esperando, e nos distraímos com música (guitarra, trombone e concertina) e canções acompanhadas pelo violão, passando uma noite muito agradável. Aproveitei a oportunidade para perguntar

64. N.E. Assim no original, *olla podrida* é um cozido de diversas carnes e legumes da cozinha espanhola.

ao reverendo por que não tocavam música sacra na igreja, apenas música de dança, e ele disse que o povo ainda não tinha educação suficiente para isso, mas esperava, com o tempo, introduzi-la.

Na manhã seguinte partimos aproximadamente às dez horas depois de nos despedirmos do padre e do capitão, nosso anfitrião. Viajando por uma rota diferente da que tínhamos seguido na vinda, paramos durante meia hora, às três e trinta, para descansar os cavalos e comer qualquer coisa. Paramos em frente ao casebre de um negro, onde só havia três mulheres e algumas crianças e lhes demos um pouco de queijo. U m menininho nos trouxe então uma cabaça cheia de peixes pequenos e também um grande. Demos ao menininho duzentos réis (quatro *pence*), com o que ficou muito satisfeito. Contaram-nos que seu método de apanhar peixes era derramar veneno no rio; isso mata os peixes, que então boiam na superfície. Não fiquei muito entusiasmado com a ideia de comer peixe envenenado, mas foi o que fiz e não me fez mal algum. Se fizesse algum mal, naturalmente os nativos, que só usam o veneno para conseguir comida, escolheriam algum outro método de pescar.

Em um dos belos vales cheios de palmeiras, a caminho da Fazenda da Mata, passamos por uns quatorze urubus (*Cathartes urubitinga*, Pelz., um abutre negro maior do que um peru), todos empoleirados em uma árvore morta.

Eu relutava bastante em levar um grupo tão grande – nove homens e treze animais – para pedir hospitalidade ao bravo coronel da Fazenda da Mata; mas não havendo outro lugar em que pudéssemos nos abrigar fomos obrigados a ir, onde nos recebeu com tanto *empressement* como se fôssemos seus mais velhos amigos e não pareceu de modo algum incomodado com o tamanho de nossa caravana. Naturalmente, falou longa e eloquentemente sobre sua rota para a ferrovia, que prometemos examinar no dia seguinte. O principal produto da fazenda, além de milho, é algodão, do qual todos os anos manda quatrocentas arrobas (13.094 e meia libras) para São João del-Rei, de onde vai para todas as partes, pois as regiões do sul da província não produzem muita coisa. Ele também cultiva uvas e fabrica vinho, que vende a oito mil-réis (entre 13 xelins e 4 *pence* e 14 xelins e 8 *pence*) por "barril" de vinte e um litros, incluindo o próprio barril.

A propósito, por falar em "ir a toda parte", outro dia perguntei a um homem aonde conduzia uma certa estrada e ele respondeu: "Bem, primeiro a Barbacena, depois ao mundo inteiro".

10 de agosto – Deixamos a fazenda às dez horas aproximadamente, tendo primeiro insistido para que o coronel recebesse o pagamento pelo milho que nossos animais tinham comido e apenas depois de muita insistência é que ele aceitou dez mil-réis. Em cerca de duas horas, chega-

mos ao velho acampamento da segunda seção e descobrimos que as barracas tinham sido retiradas, de modo que tivemos de cavalgar ou andar pelas "picadas" (trilhas abertas na mata) até encontrar nosso grupo às três da tarde. Depois de longa conversa, percorremos uma distância de duas léguas de volta à "cidade" de rio do Peixe, chegando ao fim do mesmo caminho onde vi o belo pôr do sol na minha primeira viagem.

Chegando à vila, hospedamo-nos em uma casinha de propriedade de um negro gigante, acomodação que nada tinha de especial, mas a comida excelente. Depois do jantar, fomos à cidade fazer visitas e recolher opiniões sobre a rota proposta pelo coronel; o sentimento geral parecia bem contrário a ela.

11 de agosto – Após conseguir um guia, partimos às dez para explorar a rota do vale do Peixe, recentemente proposta. Nosso guia era um homem maduro, grisalho, mas muito forte e resistente; estava a pé e descalço, mas saiu num passo rápido e firme, que manteve até Capela Nova. Frequentemente serve de mensageiro, levando cartas e dinheiro, e vai sempre sozinho e a pé.

Logo após sairmos de rio do Peixe, encontramos um grupo de treze homens, mulheres e crianças a cavalo, indo a um casamento; e devo confessar que a noiva não parecia muito alegre. Descansamos à beira do caminho e chupamos uns deliciosos limões vermelhos enquanto observávamos uns negros desenterrando inhames e mandioca. Em uma das matas vimos um "sagui", ou *marmoset*, uma linda criaturinha marrom. Chegamos a Capela Nova às 3:45, depois de uma cavalgada muito agradável. Como esperávamos, não achamos que a rota proposta pelo coronel fosse boa para a ferrovia. Exigiria diversos túneis, além de aclives e declives com uma inclinação muito maior do que se poderia usar, assim não foi necessário examiná-la com instrumentos.

Chegando a Capela Nova, como não havia casa de tamanho suficiente para abrigar todos nós, dividimo-nos em dois grupos. O meu grupo não apeou no italiano onde eu fiquei da última vez, mas em outra venda. Jantei em público, no balcão, e depois tive de me entender com meu hospedeiro anterior, explicando que desejava dividir minha experiência.

Deram-nos uma cabana velha para dormir. Fui vê-la e recusei ficar ali; estava horrivelmente suja. Apossei-me então de uma casa nova, sem mobília – o chefe me emprestou um colchão de cortiça – e, com os alforjes como travesseiro e meu velho cobertor e poncho para cobrir, passei uma bela noite, indo para a cama às 8:30.

Na manhã seguinte, levantamo-nos cedo, mas só saímos às dez. Vi um porco que corria pela rua com um enorme pedaço triangular de pele, de umas três polegadas de comprimento, dependurado nas costas laceradas. Suponho que se enredou nos espinhos horrivelmente grossos, abundantes por ali. Pobre animal! Às duas da tarde, depois de atravessar a divisória hidrográfica e examinar as colinas desnudas, procurando o melhor ponto para a passagem da linha férrea, atravessamos uma densa floresta e alcançamos uma fazenda, assentando-nos do lado de fora, junto a um riacho, para almoçar. Tentamos entrar na fazenda, mas os homens haviam saído e caímos no meio de milhares de abelhas que enxameavam na varanda, de modo que achamos melhor bater em retirada. Fiquei frustrado ao ver algumas imensas *Papilios (P. thoas), Erycinidæ, Pieridæ, Callidryas* e outras lindas borboletas pousando na terra úmida ao lado do rio; mas, não tendo minha rede à mão, tive de me contentar em observá-las. Cavalgamos então por uma rota diferente da que tínhamos percorrido antes e, deixando Pedra Branca à extrema direita, chegamos em Brumado às 5:45, dormindo, como de costume, na casa do Sr. João Batista, que nos recebeu com sua incessante, jovial e importuna gentileza.

No dia seguinte, 13 de agosto, cavalgamos para Paraopeba e nos hospedamos em nossos quartos no hotel ou hospedaria perto da estação.

Assim terminou minha viagem de quinze dias pelo interior, que foi agradabilíssima em todos os sentidos, tanto pelo prazer de ver a região como pela universal gentileza de todos que conhecemos, e muito tempo há de correr antes que eu a esqueça.

CAPÍTULO V

EU COMEÇO A VIDA NO ACAMPAMENTO

No acampamento, na Serra do Curtume, perto da Casa Grande.[65]

18 de agosto de 1883 – Estou afinal no acampamento. No dia 15 o carro de boi chegou para levar a *impedimenta*[66] da primeira seção a algum lugar nas redondezas, que eu tinha que escolher, e fiquei muito ocupado distribuindo toda a bagagem, instrumentos etc. em três partes – uma para ficar em nossa acomodação em Paraopeba, a segunda, para o acampamento, e a terceira, para ser levada a Brumado por carro de boi. O carro foi enviado na frente, no mesmo dia, e parti cedo na manhã seguinte, cavalgando só, pois os homens que eu contratara ou não podiam ou não queriam partir antes do dia seguinte. *En route*,[67] vi uma seriema (*Cariama cristata*) e um beija-flor, mas nada mais de extraordinário.

Depois de cerca de três horas cavalgando, Antônio, meu futuro cozinheiro, juntou-se a mim, quando já me aproximava de Casa Grande. Essa povoação é muito dispersa, consistindo de algumas casinhas miseráveis, casebres e choupanas espalhados a intervalos de cerca de um par de milhas ao lado da estrada; não há igreja ou capela e apenas uma pequena loja de utilidades. Esse arremedo de povoação termina ao lado oposto de meu acampamento, logo antes da subida para o divisor hidrográfico.

Tendo dado instruções para o carro de boi parar perto desse local, encontramo-lo ao chegar, e, escolhendo um lugar, começamos a armar o acampamento, descarregando a bagagem com a ajuda de dois aldeões e alguns meninos. Em uma hora já tínhamos acabado de armar as duas barracas. A nossa tem dez pés quadrados; a da bagagem, que nossos homens também vão usar, é circular, com vinte pés de diâmetro.

Nosso acampamento dista umas duzentas jardas da estrada, no declive relvoso de um

65. N.E. Casa Grande era um pequeno povoado no distrito de São Caetano do Paraopeba, município de Queluz (hoje Conselheiro Lafaiete); desde 1962 é sede municipal. A localidade não consta no mapa do autor.

66. N.E. Bagagens.

67. N.E. *En route*, do francês, traduz-se como "a caminho".

morro, num pequeno vale lateral. Há uma bela fonte de água pura logo abaixo. Mandei Antônio arranjar umas aves, enquanto eu buscava água e armava uma fogueira para preparar o jantar; mas às seis da tarde um dos homens que tinha ajudado a armar o acampamento veio nos convidar para jantar em sua cabana. Aceitamos e Fortunato, meu antigo camarada, juntou-se a nós, tendo chegado há pouco e agora empregado como mensageiro da equipe.

O bondoso aldeão, chamado Aleixo Tavares de Carvalho, deu-nos, disposto sobre uma cama vazia, um excelente jantar de aves etc., com a mulher e quatro filhos pequenos nos servindo. Ele recusou pagamento, dizendo ter o dever de recepcionar forasteiros. Lamentei, pois parece pobre; mas nos fornecerá aves e outras coisas. Depois do jantar, voltamos para o acampamento e um filho mais velho, outro Antônio, que estava montando guarda, foi para a casa, voltando logo, entretanto, com seu pai, para uma longa conversa, mas os deixei com os camaradas. Envolvendo-me em meu poncho e cobertor, forrei o chão com duas esteiras de junco, deixando o revólver sob a mochila que me servia de travesseiro e, num minuto, já estava dormindo.

O fogo foi aceso cedo na manhã seguinte e eu fiz um pouco de café (de extrato condensado) e sopa (de um tablete de *riz au gras julienne* e essência de *Brand*) para a sentinela, que tinha de sair cedo e para nós mesmos. Então o homem preparou o desjejum que consistia dos restos da sopa, frango, um pouco de toucinho (*salt pork*) e farinha.

Após o desjejum, saí para explorar uma das serras, mas logo depois, vendo aproximar-se uma tempestade vinda do norte, tive de voltar correndo e cheguei à barraca exatamente a tempo de evitar encharcar-me. A tempestade sobre a cordilheira arborizada da Serra do Curtume foi violenta, com um terrível aguaceiro; mas passou em uma hora e o sol brilhou novamente, com seu delicioso calor.

Desta vez, os únicos insetos que me atacaram foram inúmeras formigas vermelhas de cabeças extraordinariamente grandes e poderosas mandíbulas, chamadas cabeçudas, os carrapatos de costume; e tenho visto vários vaga-lumes.

20 de agosto – Logo após a tempestade do dia 17, o resto de minha equipe chegou, trazendo cartas e jornais da Inglaterra, até o dia 16 de julho e, os do Rio, datados de 10 de agosto. Muito tempo se perde no percurso das cartas em direção ao interior depois que deixam a ferrovia.

No dia 18 saí em missão de exploração, levando homens com machado (*axe*) e foices (*bill-hooks*) e carregando comigo um facão (*long knife*), barômetro aneroide, bússola etc. Entretan-

to, preciso explicar agora a razão de começar a trabalhar aqui, em vez de fazê-lo na outra extremidade.

Tendo decidido sobre o traçado geral da rota a ser pesquisada, começando na linha-tronco da estrada de ferro do governo (a E.F. Dom Pedro II) até Brumado e que, após cuidadoso exame e consideração de outras seis propostas anteriores, pareceu ser o mais curto e conveniente, o que preciso resolver agora é se é também o mais viável e barato, pois existe um ponto, quase a meio caminho, que pode ser trabalhoso por sermos obrigados a passar sobre uma determinada serra, chamada Serra do Curtume, integrante de uma vasta região de morros arredondados e cuja altura é de aproximadamente cinco mil pés. Vim, portanto, para este lugar a fim de descobrir se poderei conseguir inclinações de subidas e descidas viáveis.

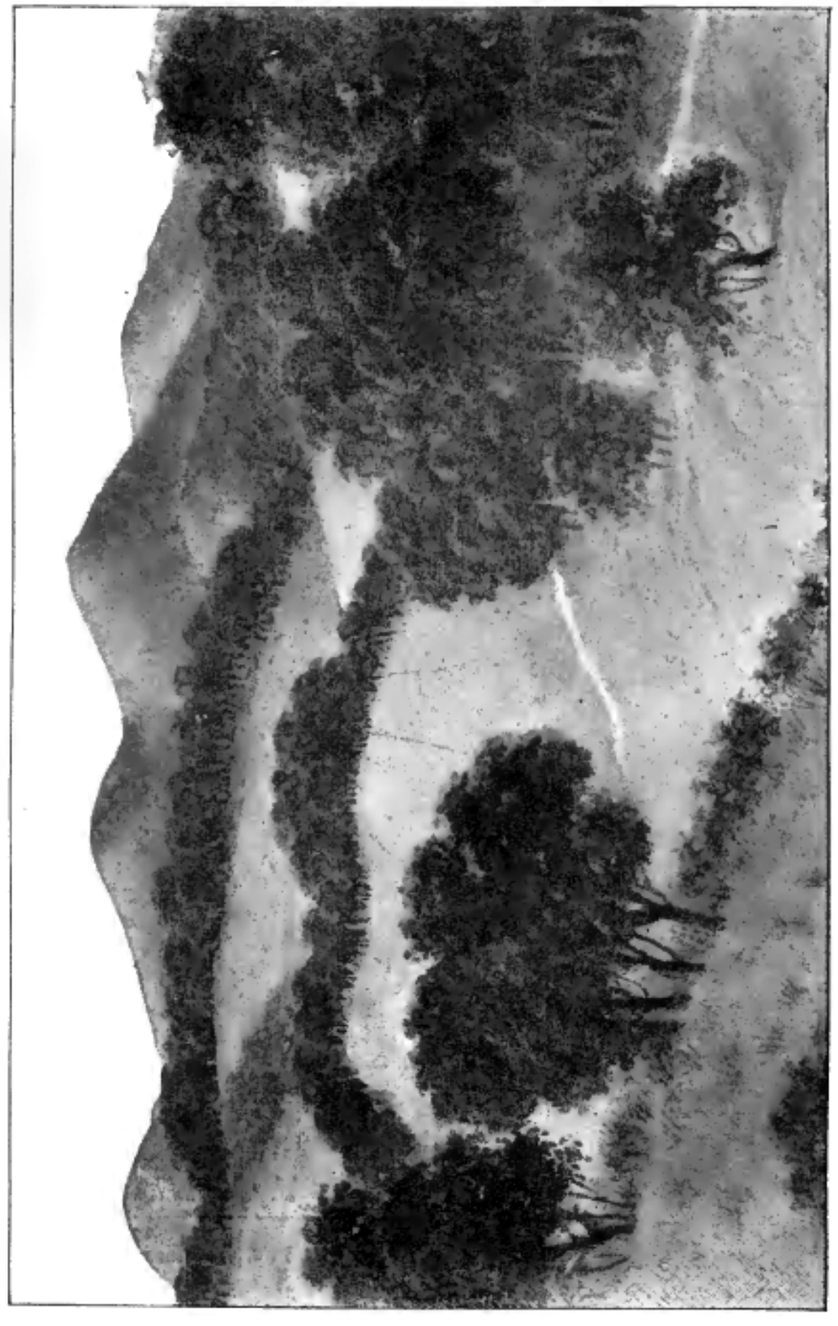
Após perambular algumas horas e muitas árvores serem derrubadas, o resultado do dia de trabalho foi que eu encontrei o ponto mais baixo da cordilheira e, voltando ao acampamento, fiz um esboço minucioso de projeto, pelo qual tive a satisfação de descobrir que o caminho assinalado em meu rascunho original do mapa é realmente o melhor; assim sendo, só resta agora repassá-lo com o nível.[68]

Como 19 de agosto foi domingo, alguns dos meus homens foram comigo a Santo Amaro, a umas oito milhas de distância, para ir à igreja a fim de iniciar auspiciosamente o trabalho regular de hoje (20 de agosto). Gostei muito da bela cavalgada; a missa foi tranquila e piedosa e o padre fez um bom sermão sobre o texto "Produzi, portanto, frutos para a penitência". A igreja estava cheia e depois do culto fomos recebidos na casa de um dos meus homens (Arturo) que mora lá.

Acampamento nº 2

26 de agosto – Completei agora uma semana de trabalho proveitoso, mas infelizmente perdemos um dia, por ter que mudar de acampamento. O motivo foi o seguinte: há alguns dias surgiu um caso de varíola num casebre a cinco minutos de caminhada daqui; a vítima foi um homem que voltara para casa, vindo de outro lugar. Achei que estivéssemos a salvo, mas, ao descobrir que as pessoas da casa lavavam roupa no rio de onde vem a nossa água de beber, mandei os homens

68. N.A. Os gradientes dos aclives e declives se mostraram satisfatórios, sem nenhum corte significativo, e os mapas e seções detalhados foram aprovados e sancionados pelo Presidente da Província no início de 1884. A construção começou em 6 de janeiro de 1886.



Serra do Curtume vista da Casa Grande

trazerem água de uma nascente mais afastada. Descobri no dia seguinte, porém, que, para poupar trabalho, continuavam usando o mesmo rio, o que gerou uma espécie de pânico. Tive assim de transferir o acampamento e, felizmente, sob todos os pontos de vista, este lugar é muito melhor – em outro pequeno vale escondido da estrada por arbustos e mais pitoresco, embora a distância, a pé não chegue a cinco minutos da borda do antigo acampamento. Agora preciso retomar meu diário.

22 de agosto – O lugar onde minha linha atravessa o divisor das águas é uma serra baixa (1.012 metros, ou 3.329 pés), contígua a Serra do Curtume, coberta, num certo trecho, por uma densa "capoeira", vegetação nascida depois de derrubada a mata virgem. Esse é um dos terrenos mais abomináveis para atravessar devido à espessa vegetação rasteira etc. Abri primeiro um atalho partindo de uma trilha para cavalos até o lugar desejado, onde, no cume, existe uma vala grande e larga, que serve de limite para a propriedade do major João Ferreira, da Fazenda do Curtume, sobre quem falarei mais adiante. Marquei depois as linhas nas duas direções e mandei abrir picadas para leste e oeste. Então, deixando três trabalhadores construir uma ponte improvisada sobre a vala, com um degrau na extremidade para impedir a passagem de gado, saí com dois homens, Joscelino e Antônio da Costa Campo, filhos de meu guia Fortunato, para traçar linhas mais na frente, atravessando pedras expostas perto do pico bem como numerosos regos de vinte ou trinta pés de profundidade, algumas vezes com um brejo nojento ao fundo.

À noite, Aleixo e a esposa vieram visitar-me trazendo um belo bolo quente para "o Senhor Doutor" (que sou eu). Falaram-me sobre a "bichiga" (varíola) nas redondezas; daí a confusão que mencionei em carta anterior.

24 de agosto – Um negro veio cedo, trazendo quatro ovos frescos como presente para o Senhor Doutor. No nevoeiro, fiquei até as onze procurando um novo lugar para as barracas. Depois levantei acampamento, com a ajuda de meus homens e quatro cavalos. Finalmente seis homens e dois rapazes trouxeram uma coberta para o rancho de palha ou *shed* que eu construíra para proteger o fogo do cozinheiro contra a chuva; sendo todo amarrado de cipó, era muito flexível e nada impedia o seu transporte. No dia seguinte, o acampamento ficou perfumado o dia inteiro por causa da queima de uma madeira chamada "camará",[69] de cheiro semelhante ao incenso.

26 de agosto – Partimos aproximadamente às 9:30 para Santo Amaro, onde houve uma reza especial na igreja para afastar a varíola. Passei, durante o caminho, por multidões de

---

69 . N.E. Em Minas mais conhecida como cambará.

pessoas. Visitei o padre, que é simpático, mas retraído. Há uma grande cruz de madeira em frente à igreja com os instrumentos da Paixão – pregos, escada, torqueses etc. – pregados nela. Todas as mulheres e alguns homens a beijam com muita reverência antes de entrar na igreja. Não há lugares para assentar, apenas uma divisória fixa entre a nave e o coro da igreja. As mulheres se acocoram ou ajoelham no corpo da igreja, ajoelhando-se homens e meninos no coro.

27 de agosto – Andei incomodado por não haver recebido minha bagagem. Quando o carro de boi chegou a Paraopeba, no dia 15, eu estava muito ocupado; assim, depois de verificar que os instrumentos etc. tinham sido embarcados, deixei minha bagagem pessoal a cargo de terceiros e o resultado foi que deu tudo errado – a bagagem nunca chegou aqui e tive de mandar buscá-la. Posteriormente, houve nova confusão e, apesar de minhas instruções muito claras, o senhorio não soube o que mandar; de modo que só na manhã de hoje bem cedo é que o "carreiro" (*ox-cart driver*) chegou, pedindo esclarecimentos, mas dizendo, ao mesmo tempo, que não voltaria a Paraopeba, pois a varíola andava forte por lá. (Bom para mim que há quinze dias usava a mesma camisa!). Depois houve outro tumulto entre os meus homens, que moram quase todos em Paraopeba. Tive que apaziguá-los, perguntando qual a utilidade de viajar dezesseis milhas num dia, para fazer orações especiais contra a varíola, se no dia seguinte já estariam apavorados, pensando que suas preces não tinham sido ouvidas? Em seguida, tive que negociar com três homens até conseguir combinar com um sujeito, após muito regatear e resmungar para ele abaixar os preços exorbitantes, para ir buscar minhas coisas. Depois disso ele se acovardou e desistiu de ir. Enfim, consegui combinar com outro homem, que, finalmente, no dia primeiro de setembro, trouxe tudo o que eu necessitava. Só então tive conforto, decorridas quase três semanas de penúria no que diz respeito ao leito e à roupa de cama.

28 de agosto – Achei minha pobre e pequena ponte destruída, duas estacas (*ranging-poles*) roubadas e três varas de ângulo arrancadas a mando do proprietário da terra.

29 de agosto – Esqueci de contar que quando o chefe voltou de Pitangui trouxe consigo um jovem, um dos professores do colégio de lá, para passar dois meses de férias no meu acampamento a fim de aprender inglês. O nome dele é Vicente de Azevedo Souza e tem dezenove anos. Gostei muito dele e, por fim, ele preferiu não andar com o chefe, ficando comigo. Hoje, abateu na picada um tipo muito bonito de pica-pau (*Celeus flavescens*, Gmel.), com uma crista amarela comprida na cabeça. Eu trouxe um jacu para o jantar, maior do que um pássaro, de carne vermelha, gorda e deliciosa. À tarde, abati alguns ortolans (rolas), que são ótimos; assim nossa despensa está bem abastecida e a despesa pouca. Nos últimos dez dias, o meu custo de vida no acampamento foi de dezesseis xelins, fora a bebida. As provisões são baratas de modo geral: o arroz é 200 réis (4 *pence*) o litro; feijão, o mesmo; farinha 3 *pence*; café, 15 *pence* o quilo; frango 4 ou 5 *pence* cada; galos e galinhas, 16; açúcar, 8 *pence*; cachaça, 4 *pence* cerca de meio litro; vinho branco português, mil-réis; "laranjinha" (licor de laranja); dois mil-réis a garrafa; carne de porco, 12 *pence* o quilo; ovos meio *penny* cada. A caixa de fósforos de segurança suecos custa 7 *pence* a caixa.

30 de agosto – Peguei um pequeno escorpião com cerca de uma polegada e meia de comprimento. À noite fiz uma descoberta agradável. Eu havia montado uma armação para minha bacia de toalete com quatro estacas fincadas na terra e quatro prateleiras para sabonete, flanela, esponja etc. Eu havia também colocado um pouco de geleia de goiaba numa prateleira inferior e, durante vários dias, observara multidões de formigas cabeçudas que subiam pelas estacas sem levar nada e desciam carregadas de doce; mas não consegui descobrir onde elas moravam. Hoje à noite, mexendo nos alforjes que me servem de travesseiro e à procura de dois pequenos bolos que ali ontem coloquei, descobri horrorizado pelo menos duzentas formigas consumindo aquelas guloseimas, com um dos bolos já pela metade! Ataquei-as e impedi que devorassem o resto dos bolos, engolindo-os eu mesmo e depois, com ácido carbólico, ensinei-as a não repetir o mau comportamento. Seguindo o cortejo de formigas, descobri que tinham feito um ninho debaixo do meu travesseiro, comido duas alças de lona dos alforjes e lá escondido outra provisão de doces. Matei toda a colônia e dormi tranquilamente com minha cabeça sobre o buraco do antigo formigueiro. Agora, retiro a esteira todos os dias para examiná-la.

Felizmente, essas formigas são inofensivas, pois formam enxames e duas delas acabam de atravessar este papel com suas mandíbulas estendidas para examinar o que eu estava escrevendo sobre os seus finados parentes.

1º de setembro – O chefe chegou ontem à noite e hoje andei lhe mostrando o trabalho. Está satisfeito e elogiou de forma especial as condições do acampamento e os trabalhadores, afirmando que eu os fizera trabalhar e, mais ainda, deixando-os contentes e satisfeitos.

2 de setembro – Fui a cavalo até Brumado com Vicente para entregar a João Batista um pequeno presente meu e do chefe. Era um chicote com enfeites de prata, esporas e arreio para um cavalo.

13 de setembro – Os nativos são realmente um povo excelente. Talvez o maior defeito que encontro neles é que não tomam, absolutamente, conhecimento do tempo e não compreendem o que seja pressa, o que algumas vezes é exasperante. São muito religiosos e nunca se despedem sem dizer "Fique com Deus". Quando se pergunta como vão, respondem: "Muito bem, graças a Deus" ou "Pela graça de Deus". Quando falam sobre algum ato futuro, dizem: "Farei isso, se Deus quiser" ou "Permita Deus". Cavalgam duas ou três léguas para ir à missa todos os domingos ou, mais frequentemente, vão a pé e estão sempre dispostos a fazer qualquer coisa por você "pelo amor de Deus". São simples, honestos, afetuosos e hospitaleiros, e, se são supersticiosos demais, é devido à educação.

Falei sobre minha ida a Brumado, dia dois deste mês. Na estrada passei por um boi morto que estava sendo devorado por oito urubus; o mau cheiro da carcaça foi agradavelmente contrabalançado mais adiante por um pomar de laranjeiras floridas. A estação de laranjas está quase terminada, mas há algumas árvores carregadas, tanto de flores como de frutas.

Em Brumado, houve uma grande procissão, com ladainhas e uma missa especial ao meio-dia para afastar a varíola. O espetáculo foi muito pitoresco. O crucifixo vinha na frente; depois uns objetos semelhantes a abrigos verdes cercando as imagens de São Sebastião (o protetor contra doenças) e de Nosso Senhor; havia também uma bandeira representando Cristo com os braços abertos num gesto de benção; a seguir, a imagem da Virgem acompanhada por um bando de menininhas de branco, de véus e coroas; depois todos os homens da redondeza formando filas indianas. O padre fechava a procissão usando uma capa branca e dourada sob um dossel carregado por seis homens, e atrás dele vinha uma enorme massa confusa de mulheres e crianças. Passaram duas vezes pela povoação, da cruz em uma das extremidades até a da outra extremidade, enquanto os sinos da igreja faziam o tempo todo uma barulhada terrível.

Durante os últimos dez dias o tempo tem-se mantido continuamente bom, sem nuvens, e terrivelmente quente de dez da manhã às quatro da tarde (de 100 a 120 graus Fahrenheit ao sol), embora, com as brisas frescas e o grande frio da noite, o termômetro caia a 36 ou 37 graus.

4 de setembro – Logo antes do desjejum, um velho negro e uma mulher negra apareceram sorrindo à porta de minha barraca e tiraram um belo tatu (*armadillo*) da sacola, que me pediram para aceitar. Recebi-o com prazer; mas, evidentemente, dei-lhes algum dinheiro e também um gole de cachaça ao velho. É um costume invariável, quando se vai visitar algum fazendeiro, convidarem você para "matar o bicho" – literalmente, "*kill the worm*" –, que significa tomar um trago de cachaça. Esse é geralmente o segundo convite que é feito a quem viaja a cavalo e para em uma casa, vindo primeiro, sempre, a saudação "apeia", isto é, "*alight*".

Ao jantar, comemos o tatu. A carne é branca e muito delicada, mas substanciosa e preferível à carne de porco. Também acrescentamos algumas rolas à nossa despensa e inhambu, uma espécie de ave galinácea, de carne branca e biscoitos de polvilho, broas (*cakes made from* "fubá" *or ground maize*) e cará ou inhame. Posso mencionar aqui o estilo estereotipado da culinária, tanto quanto eu vi. O cozinheiro pega primeiro um pouco de toucinho (*salted fat pork*) e põe numa panela ao fogo para derreter; então, depois de misturar água com a gordura derretida, despeja um pouco dela em outras três ou quatro panelas, numa das quais está o frango, tatu, inhambu, rola – qualquer deles ou todos juntos; numa segunda panela estará o arroz, numa terceira, feijão, e assim por diante. Quando a refeição está pronta, as panelas pretas são trazidas à minha barraca e eu me sirvo da comida gordurosa, lavando-a com vinho branco, muito doce. Se conseguir pão, tanto melhor; se não, para tentar retirar um pouco do excesso de gordura tenho de contentar-me com farinha, semelhante a serragem branca.

7 de setembro – Descobri que uma grande casa de marimbondo (*wasp*) feita no meio da minha picada tinha sido devorada por um tatu durante a noite e pelo menos quase todos os habitantes tinham sido mortos, e a casa reduzida a migalhas, o que muito me alegrou, pois, sendo grandes covardes, meus homens tinham muito medo dos marimbondos.

Às duas da tarde, um homem veio dizer-me que Dr. Rebouças tinha chegado, de modo que tive de voltar imediatamente ao acampamento, onde encontrei o Dr. Rebouças, o Dr. Américo dos Santos e outros visitantes. Após longa conversa e o exame dos projetos rascunhados, saímos todos juntos para inspecionar tudo que fosse possível ver a cavalo e depois acompanhamos o grupo durante algumas milhas, a caminho de Brumado.

8 de setembro – Tive que ir a Brumado para ver o chefe e atrapalhei uma vasta reunião de cinquenta e seis urubus ou abutres e um gavião (*hawk*) que estavam se empanturrando do boi que já mencionei. Meu bondoso chefe,[70] para variar a monotonia da cozinha do acampamento, regalou-me com uma *omelette aux pointes d'asperges, entrecôte à la bordelaise*, e *mayonnaise* de frango. Era um cozinheiro maravilho, e essas iguarias foram preparadas sob sua supervisão.

---

70. N.A. Senhor George Ransom. Depois de nos deixar, empregou-se na construção de ferrovias na República da Argentina. Infelizmente morreu cumprindo seu dever na estação de Vipos, em Tucumán, na Ferrovia Centro-Norte, em 11 de novembro de 1885.

Quando voltei, sozinho, os urubus tinham sido substituídos por quinze gaviões, alguns deles pousados dentro da carcaça.

Mudei o acampamento para este lugar no dia onze e, novamente, os comestíveis em conserva se mostraram utilíssimos. Disseram-me que havia um lobo na vizinhança e todas as galinhas tiveram o cuidado de se empoleirar no alto de uma árvore grande, sob a qual está nosso rancho, usado como cozinha. Às onze horas fui despertado pelos latidos de dois cães e alguns minutos depois ouvi um terrível grito de Vicente, cuja tenda está a cerca de doze pés da minha: "O lobo está na minha barraca" ("*The wolf is in my tent*"). Dei um salto, agarrei a espingarda e corri para fora, mas o animal já tinha partido. Suas pegadas molhadas estavam claras ao lado da barraca onde tinha tentado entrar. Chamando alguns homens para me acompanhar, fui ver se conseguia encontrar alguma pegada do lobo, mas voltei cerca de um quarto de hora depois, nada tendo visto. Os homens estavam todos acocorados em volta das brasas prestes a se apagarem na fogueira e disseram que era muito perigoso sair sozinho atrás de lobo. Eu disse que a culpa era deles, por não me acompanharem. Na noite seguinte, o lobo voltou às sete horas e saímos atrás dele; mas ele desapareceu e desde então não o vimos mais.[71] Suspeito que tenha vindo por causa das galinhas.

12 de setembro – Este foi meu pior dia no que diz respeito a carrapatos. Voltando do trabalho, retirei, ou tiraram de mim, 279 e durante a noite livrei-me de mais trinta e cinco. Eu estava cansado de me lavar com ácido carbólico diluído; mas, de um modo geral, tomando as precauções adequadas, nunca tive de tirar mais de cinquenta, embora minha camisa de flanela esteja sempre vermelha em alguns lugares, com uma porção dos malditos carrapatos em volta da cintura e sob os braços.

13 de setembro – Saí atrás de um tucano antes do desjejum, mas não consegui atraí-lo ao alcance do tiro de minha arma. Este acampamento situa-se em terreno muito mais selvagem que o outro e no declive abrupto de um campo ou morro gramado que constitui um dos lados de um pequeno vale em *cul-de-sac*, estendendo-se até o rio Camapuã. Há um riacho que brota de uma nascente logo abaixo do acampamento e, do outro lado do riacho, uma densa floresta, de onde sai a algaravia dos macacos, o guincho dos papagaios e o áspero e desafinado crocitar dos tucanos; também ouvimos o suave canto da seriema e de muitos outros pássaros. Nossa despensa agora contém também carne de papagaio.

---

71 . N.A. O Capitão R. F. Burton refere-se a ele como o lobo guará (*Canis mexicanus*) de Cuvier. Diz ele: "Já vi de perto um único espécime, que se parecia muito com o lobo francês, exceto pelo fato de ter o pelo mais vermelho. Este carnívoro frequenta especialmente as terras onde se encontram ou se misturam floresta e campos. Nunca ouvi falar que atacasse o homem; e, por outro lado, aqui não há neve para torna-lo voraz." – *Highlands of Brazil*, vol. II, p. 54.

Hoje, Vicente achou três ninhos de diferentes espécies de abelhas nos troncos das árvores; o mel estava delicioso e recendia a feno recém-ceifado.

14 de setembro – Às quatro da madrugada tivemos outra excitante visita; desta vez foi uma onça, ou *ounce*, que tem fama de ser mais perigosa e mais feroz do que o lobo, ou *wolf*. Ela, ai, também escapou antes que pudesse vê-la; mas um dos homens disse que era a "onça-suçuarana". Encontra-se, também, na vizinhança outra espécie, a "onça-pintada".[72]

À noite a temperatura neste acampamento é de 10 graus Fahrenheit, mais alta do que em meu acampamento anterior, e a mínima não inferior a 48; o local não é muito mais baixo, mas, estando ao norte do divisor das águas, fica abrigado dos frios ventos austrais.

---

72 . N.A. O Capitão Burton escreve: "Sem dúvida, nos primeiros dias da colonização, quando estes grandes gatos não conheciam armas de fogo, eram bastante perigosos; no momento, entretanto, sua coragem parece ter abrandado, e o "Matador de Onças" – *tueur d'onces* –, tão celebrado no Brasil, está agora sem função. Muitos viajantes nada têm visto deste rei dos felinos, exceto nos lugares onde afia suas garras. Tive experiência com um espécime vivo, e esta, também, à noite. As pessoas ainda têm medo delas, especialmente à noite, e contam muitas histórias tradicionais a respeito de seus malfeitos. São ainda muito perigosas para os cachorros e macacos, subindo para caçá-los, para as capivaras, que apreciam especialmente, e para os filhotes do gado preto."

CAPÍTULO VI

A PRIMAVERA E O INÍCIO DA ESTAÇÃO CHUVOSA

29 de setembro de 1883 – Eu estou ouvindo dizer há algum tempo que começaria a chover dia 15 de setembro e, hoje, com maravilhosa pontualidade, caíram as primeiras chuvas durante a cinzenta madrugada. À noite, a temperatura mínima foi 56 graus. O dia foi uma mistura de primavera e de outono na Inglaterra. Lá pelas 3:30 da tarde, a chuva estava tão forte que fui obrigado a parar de trabalhar.

O que você acha que acontece com todos os selos de suas cartas e jornais? Vão para uma Missão na China, pela qual Vicente se interessa. Lá, como se sabe, as pessoas frequentemente abandonam os filhos para morrer nas ruas. E aí os padres compram as crianças dos pais por cem selos de qualquer tipo que as pessoas valorizam como curiosidades. De modo que, com o tempo, pode-se juntar o bastante para comprar uma criança.

Outro dia, ganhei uma batata de presente, a primeira desde que deixei o Rio em julho: apreciei-a muito, cortei-a e fritei, eu mesmo.

Vicente matou um lagarto chamado papa-vento (isto é, *wind-eater*), considerado perigoso. Conservei-o em álcool. Achamos, também, mais algumas colmeias. As abelhas muito pequenas e amarelas são chamadas de "jataí" (um nome indígena); no começo do inverno, elas lacram a entrada dos ninhos com resina (que é muito pura e usada para violinos). Trancam-se lá dentro e comem o mel. A resina é para impedir pica-paus e outros pássaros de entrar no ninho.

Estou agora abrindo caminho pela mata virgem, ou *virgin forest*, que é insignificante comparada com as do litoral ou mais perto do Equador, mas bela mesmo assim. Nosso chefe, contudo, nunca se cansa de falar das florestas realmente grandiosas e imensas das Honduras espanholas, segundo ele, o lugar mais esplêndido do mundo. Mas descreverei brevemente minhas florestas. Na noite passada (26 de setembro), chegamos às margens do rio Camapuã e devemos acompanhar esse vale até chegar a Brumado. O riacho que vimos seguindo desde o divisor hidrográfico passa por uma garganta cada vez mais estreita, com flancos íngremes cobertos de florestas, chegando, finalmente, a uma bela cascata onde a água desce cerca de sessenta pés pelas rochas desnudas até cair dentro de um poço limpo e profundo na base dessas pedras. O riacho entra então no vale do

Camapuã e logo deságua naquele rio; ali o vale é amplo, plano e pantanoso, com alguns trechos esparsos de capoeiras e arbustos. Atravessei o Camapuã em um lugar onde seu amplo vale se estreita, formando um desfiladeiro. O rio lá tem cerca de cinquenta pés de largura e é raso, com fluxo suave e regular. De um lado, há uma margem escarpada com aproximadamente trinta pés de altura coberta de matas e após as quais há um campo; do outro lado, uma ampla faixa de bambuzais, alagada no período das enchentes. Além desse matagal ergue-se um morro com cerca de quinhentos ou seiscentos pés de altura, escondido na floresta virgem, do qual se ouve a algaravia distante dos macacos, o melancólico crocitar dos tucanos e o canto de mil pássaros. A margem do rio está franjada de árvores, algumas formando um bolo de flores brancas, amarelas, roxas ou azul escuras; belas leguminosas (*ingá* e *mimosa*) com botões cor-de-rosa semelhantes a cistos – árvores com folhas frescas e novas e botões explodindo ao início da primavera, daphnes e laranjas selvagens, madeira boa para fins decorativos (como descobri ao derrubá-la), sucupira, que lembra muito o pau-rosa, cambará, uma madeira branca rosada, e salgueiro de um tom vermelho–escuro.[73] Há também árvores altas e esbeltas, com folhas medindo aproximadamente dezoito polegadas de comprimento por seis de largura, cor de chocolate escuro do lado inferior, com duas nervuras extras margeando a extremidade da folha (*Melastomaceæ*); begônias floridas, orquídeas e outras parasitas; samambaiaçu, além de muitas outras samambaias e inumeráveis trepadeiras. Havia uma muito bonita, com folhas verde claro e inúmeros tufos de delicadas flores rosa claro, de tamanho e forma semelhantes à azálea (*Jacaranda tomentosa*). Algumas lianas têm hastes finas como um fio de algodão verde; outras parecem massas de corda torcida dependuradas, resistentes, mas flexíveis. Ouve-se o incessante murmúrio de centenas de dípteros, sedentos por sangue, e de cigarras, cujos sons vão do soprano mais agudo ao baixo mais profundo. Algumas borboletas de cores sóbrias, marrom, cinzentas ou brancas (*Euptychia, Taygetis, Leucidia, Eurema* etc.), bem como pequenas mariposas que saltam e esvoaçam entre as árvores e arbustos rasteiros enquanto, vez por outra, um brilhante *Morpha* flutua preguiçosamente e uma *Papilio* de asas fortes ou uma alegre *Callidryas* perpassam voando velozmente. E então, sob nossos pés, estende-se um tapete de folhas secas, entre as quais rastejam inúmeras formigas vermelhas, amarelas e pretas, de todos os tamanhos, das menores, quase invisíveis, às de aparência selvagem, criaturas cabeludas, douradas ou negras, com meia polegada de comprimento. Eis um débil esboço de meu ambiente atual.

Há alguns dias Vicente alvejou um grande *lizard*, ou lagarto; tinha três pés e oito polegadas de comprimento e foi morto enquanto dormia, aproveitando o sol junto a uma pequena

---

73. N.A. Estou copiando de um manuscrito *Catálogo das Madeiras do Brasil*, organizado em ordem alfabética pelos nomes vernáculos etc., por John Liers, F.R.S. O trabalho encontra-se na Biblioteca de Botânica do Museu Britânico, South Kensington.

lagoa perto de nosso acampamento. Nós o esfolamos e cozinhamos seguindo a receita de um livro que comprei no Rio de Janeiro, chamado *Cozinheiro nacional* (ou *National Cookery*), e que dá instruções sobre como preparar e cozinhar onça, paca, macaco, capivara, cobras, rãs, tatus, tucanos e inúmeras outras aves, caracóis, formigas, e, na verdade, tudo o que se possa imaginar. O resultado da experiência com o lagarto foi muitíssimo satisfatório, sendo a carne delicada, branca e deliciosa, bem semelhante à de porco no paladar, com um toque do sabor de cavala, sem o gosto de peixe. Comemos também tatus (*armadillos*) e uma paca que apanhamos recentemente. Outro dia, à tarde, quando regressava ladeando o rio, uma paca surgiu da margem e mergulhou para atravessá-lo a nado, quando um de meus homens acertou-a com a foice (*billhook*), cortando-lhe a cabeça ao meio. Preparamos a paca, primeiro escaldando-a e, em seguida, raspando-lhe o pelo, de modo que ficou tal qual um leitão; no dia seguinte a assamos no espeto. O crepitar do fogo e a bela carne branca estavam excelentes.

Estou sempre ganhando pequenos presentes dos nativos. Hoje recebi uma garrafa de laranjinha, uma garrafa de leite, um pouco de fumo e umas laranjas; tudo de pessoas diferentes.

Não posso mais dormir no chão por causa da chuva e dos insetos, por isso mandei procurar uma rede em Brumado. O Sr. João Batista me mandou de presente uma muito boa. É feita da fibra de um tipo de palmeira chamada buriti e é muito forte.

3 de outubro – Hoje abri caminho em um pântano – maravilhoso para um naturalista, desagradável para um engenheiro – com densas moitas de samambaias que começam a desfraldar suas folhagens. São de todas as cores, do vermelho-claro ao marrom ou verde e há uma luxuriosa massa de samambaiaçus com folhas de seis a oito pés de comprimento e arbustos com flores brancas perfumadíssimas, sendo abundantes as *Morphos* (*M. Achillæna*) e *Heliconius.*

Tendo lido em meu livro de cozinha uma receita para tanajuras fritas, uma espécie de formiga, fiquei ansioso por encontrar o inseto e experimentar o prato. Dia 30 de setembro houve um grande enxame delas voando em nosso acampamento. Eram criaturas de aparência temível, não diferentes de um vespão, só que inteiramente marrons, com três polegadas de envergadura e mais de uma polegada de comprimento. Já tendo guardado um número suficiente para minha coleção, esforçava-me agora para apanhá-las como comida, usando minha rede de borboletas. Dentro de alguns minutos tinha mais de cem e aí executei a receita, que diz: "Tome algumas tanajuras e escalde-as em água fervendo, depois arranque os abdomens, que devem ser fritos em gordura, salpicando-as com sal e pimenta. Quando estiverem bem cozidas, sirva-as como prato surpresa. Seu gosto parece com o do camarão". Só se usam as fêmeas, pois são cheias de ovos. Confesso que experimentei minha primeira tanajura com muita reserva, mas, achando-a excelente, comi meia dúzia e, finalmente, dei cabo de todas.

Preciso agora contar algo mais interessante sobre elas, pois, sendo domingo, tive tempo de observá-las. Nada notei de interessante nos machos, mas observei cuidadosamente as fêmeas. Voam rápido e finalmente pousam no chão; depois, em menos tempo do que levo para escrever, levantam a perna do meio e quebram as asas, primeiro de um lado, depois do outro; em seguida, arrastam-se pelo chão, procurando um lugar para cavar – algumas vezes andando de um lado para o outro durante quinze minutos antes de decidir. Quando resolvem, cortam a grama em redor, removendo-a cuidadosamente, e começam a cavar a terra com as mandíbulas. Enquanto a tanajura se postava desse jeito, apoiando-se algumas vezes em duas patas traseiras e algumas vezes em quatro, e cavando com as mandíbulas, as patas dianteiras faziam bolinhas com a terra ou então raspavam a poeira. Uma vez formada a bolinha, a tanajura saía de seu buraco com a terra nas mandíbulas e então, dando uma volta, depositava-a a mais ou menos a duas ou três polegadas da cova, no declive de um montinho de terra, de modo que a chuva não pudesse fazê-la retroceder. Os insetos invariavelmente cavavam covas de quatro ou cinco polegadas de profundidade. Foi o que observei, no entanto me disseram que se cavarmos as covas em janeiro lá encontraremos a tanajura, cercada por sua jovem ninhada.

Na mesma tarde, dei com outro fenômeno interessante, dessa vez pela natureza inanimada. Tivemos um pôr do sol soberbo; o sol se pôs logo antes das seis, e então, de um maravilhoso horizonte dourado, surgiram raios de escarlate vivo que começaram a dardejar em direção ao pálido céu azul acima, iluminando, com fulgor ardente, os flancos de nossa ravina bordejada de florestas que segue na direção leste-norte-leste até o amplo vale fértil do rio Camapuã; de um purpúreo profundo, o perfil do terreno do lado oposto do vale fundia-se aos contornos das sucessivas serras suavemente onduladas e com o grupo mais distante salientando-se com ousado recorte contra o céu dourado. Dando uma volta, vimos a floresta, o solo vermelho, os tufos de grama e os arbustos, todos iluminados com o maravilhoso rubor encarnado, e os galhos de algumas árvores mortas iluminados proporcionando um maravilhoso efeito de distanciamento em relação ao céu mais adiante de um intenso azul profundo.

Lá pelas 6:20 ficou muito escuro e a luz desapareceu, vindo depois o lindo fulgor que se segue ao pôr do sol e em que tudo aparece, uma vez mais, recortado em alto relevo e com um belo tom rosado ao poente; desvanecendo novamente em alguns minutos ao cair da noite. E aí o

Cruzeiro do Sul, a Via Láctea, a Coroa Austral, o Escorpião, a Grande Nuvem de Magalhães e todas as outras brilhantes constelações do hemisfério sul – infelizmente, desconhecidas por mim – cintilaram no céu sem lua, com a luz vacilante de inúmeros vaga-lumes pairando sobre os arbustos do vale, rompendo o silêncio apenas o alegre chilrear das cigarras e dos grilos que dura a noite inteira. Logo um pálido fulgor surgiu a sudeste e, em pouco tempo, a brilhante rainha da noite surgiu atrás da floresta, ofuscando a luz mais fraca das estrelas e inundando o vale com seu brilho surpreendente, ao mesmo tempo em que um raio suave de luz prateada esgueirava-se por nossa barraca adentro.

Os insetos já se tornam mais abundantes e as árvores que antes pareciam varas mortas irrompem com maravilhosas folhas de um verde avermelhado. Mesmo aqui, onde, no inverno, se vê tanta folhagem, depois de poucos dias de chuva, a natureza parece vestir seu traje de primavera e a grama, até então seca e murcha, começa a brotar.[74]

As tempestades, cá e em outros lugares, refrescam o ar e a temperatura ao sol está pelo menos 30 graus mais fresca, ao passo que o tempo, nublado, mas lindo, torna o trabalho mais aprazível do que era possível com o termômetro marcando 138 graus Fahrenheit.

Vicente saiu hoje para voltar a Pitangui. Vou sentir muita falta dele. Durante seis semanas foi o meu único companheiro além dos trabalhadores e, de mil formas diversas, foi muito bondoso e prestimoso. Exatamente quando estava montando, foi mordido no ouvido esquerdo por um marimbondo grande, que penetrou tão fundo que não conseguimos sequer tocá-lo por um bom tempo. Foi morto com um pouco de cachaça derramada dentro do ouvido e só então conseguimos retirá-lo. A dor deve ter sido muito grande.

No dia 8, de manhã cedo, fui despertado por uma grande tempestade. Em poucos minutos a vala em volta da barraca estava inundada e torrentes caíam sobre o chão. Tive de me levantar e afastar tudo que pude da área molhada.

O número dos nossos foi aumentado no dia de São Miguel (29 de setembro) com a chegada de Sr. Roberts e desde então temos mudado um pouco nossa rotina. Em vez de tomar o desjejum antes de sair, fazemos geralmente o seguinte: levantamos ao amanhecer e tomamos dois ou três ovos crus, batidos com um pouco de cachaça e água, e um pouco de café com pão; depois saímos para o trabalho até o meio-dia, quando nos trazem o desjejum, que é composto de ave

74. N.A. Nos campos, muitas das árvores perdem as folhas e é só no vale, perto de riachos e rios, nesta altitude, que as folhas não caem no inverno.

cozida ou assada com arroz, feijão, e pão; após uma hora de descanso, trabalhamos novamente, voltando ao acampamento a tempo de mudar de roupa, lavar-nos e catar carrapatos antes do jantar, logo depois do pôr do sol.

Rotineiramente, ao me recolher para a noite, ponho uma esteira na rede, depois um lençol impermeável e um cobertor, arejado ou seco durante o dia; então, após uma caçada final aos carrapatos e de usar uma esponja com ácido carbólico diluído, borrifo com ele todas as cobertas necessárias, examino o revólver e a espingarda, tomo uma bebida para dar sono e, finalmente, apago a luz.

Ultimamente temos tomado o almoço nos lugares mais pitorescos na beira do riacho que tem, aproximadamente, seis ou oito pés de largura e corre entre margens cobertas de musgo, por vezes, pontilhadas de samambaias (especialmente avenca-cabelo-de-vênus), além de numerosas outras arvorezinhas e arbustos e, com intervalos de poucas jardas, enormes samambaiaçus atingindo uma altura de dez a quinze pés. Tudo contribui para compor um agradável *tout ensemble* – a deliciosa sombra quando o sol está a 130 graus, o delicioso murmúrio do riacho e a verdura; sem falar do desjejum, a primeira refeição do dia, quando se está realmente com fome, depois do trabalho duro. Essa luxuriante vegetação tropical é maravilhosa e, até agora, livre da enervante umidade e do calor das regiões mais baixas ao longo do litoral.

Uma noite, enquanto passávamos pela Fazenda do Curtume, um dos filhos nos convidou para apear e tomar café. Recebeu-nos a velha senhora, Dona Gertrude, esposa do major; cercavam-na um bando de filhos e filhas com os cônjuges, os netos dela e dois bisnetos, os últimos correndo por ali em trajes de Adão. A sala onde estávamos – *hall* de entrada e sala de jantar – tem três portas; uma delas estava cheia de escravas e seus filhos, muitos deles nus. É uma casa bastante patriarcal e gostaria muito de saber quantas pessoas vivem ali – provavelmente cinquenta, no mínimo. Nós dois gostamos muito da velha senhora; é corpulenta e tem grande presença, mas está muito triste devido à doença do marido, que vai mal de saúde há mais de três anos.

Tivemos cinco dias (de 12 a 16 de outubro) de um chuvisco frio, mas sem chuva forte; tem feito tanto frio que envergamos sobretudos e nos vestimos com todas as roupas durante o dia, enquanto, durante a noite, usamos todas as cobertas que possuímos.

Hoje (18 de outubro) tomamos o desjejum junto à cachoeira, em um local bem comparável ao estreito vale de Betws-y-Coed, mas se acrescentarmos moitas oscilantes de trepadeiras, avencas cabelo-de-vênus, samambaiaçus e bambus. Para compreender a extrema graciosidade dos bambus, é preciso vê-los.

Estou extremamente frustrado por não ter tempo de praticar botânica. Há agora centenas de flores primaveris desabrochando nos morros: escarlates, azul-celeste, amarelas, brancas, roxas, arbustos com flores brancas deliciosamente perfumadas e dezenas de folhas maravilhosas. Os poucos espécimes que tentei secar foram quase todos estragados pelo calor. Gostaria muitíssimo de vir aqui com um grupo de naturalistas, cada um voltado para um ramo diferente da botânica, com todo o tempo dedicado a colecionar espécimes. Seria interessantíssimo.

Ai! Minha leitura mínima do barômetro já não pode ser feita, pois meu cachorro o quebrou na noite passada.

Incluo uma cópia do jornal de Pitangui. Chama-se *O Pitangui, Órgão Crítico*, tem seis polegadas por quatro e meia e quatro páginas.

No dia seguinte à nossa visita à Fazenda do Curtume, Capitão Sidney, da fazenda vizinha, Boa Vista, veio ao acampamento. Ele é genro do major e se fez acompanhar por um dos cunhados e também pelo filho, um menino de dez anos, parecendo muito inteligente. Mais tarde fui agraciado com a visita de dois negros pertencentes ao major; eles riram a valer, não falaram muito, mas fumaram cigarros do meu *Latakia*,[75] enrolados em papel de jornal, achando-os muito fortes.

22 de outubro – Depois de passar dois dias em Brumado, estamos outra vez na solidão de nosso acampamento na serra. Os trezentos pés de diferença de altitude entre este lugar e Brumado fazem uma grande diferença de temperatura! Lá estava muito quente e abafado, por isso a volta para esta atmosfera fresca e leve foi muito agradável.

23 de outubro – Ontem à noite tivemos outro dilúvio. Acordamos com o barulho de um aguaceiro no alto da barraca. Acendendo uma vela, verifiquei se a chuva invadia o interior da barraca, e havia só um fio de água do lado do morro. Entrei de novo, mas não para dormir. O tamborilar da chuva na barraca era forte demais, acrescido do precipitar das águas dentro do fosso profundo em volta da barraca. Logo senti um curioso movimento sob minha rede, uma espécie de cambalhota; era o cachorro arrastando-se por ali, pois sempre dorme junto a meus pés. Concluí que a chuva estava entrando, e, abaixando a mão, senti a água. Acendendo a luz, vimos um espetáculo curioso. Entre a cama de campanha de Roberts e minha rede, corria água com cerca de duas polegadas de profundidade e nela nadavam xícaras, panelas, chinelos etc. e, balançando abaixo e acima do lado inferior da barraca, o estojo de minha espingarda e meus alforjes desviaram uma parte da água sob minha rede, enquanto a força das águas lá fora impedia que eu ouvisse o barulho da água cá dentro. Salvamos nossos chinelos e agarramos outros objetos flutuantes, e então, do ponto privilegiado de minha rede, assisti, meio divertido, ao espetáculo inusitado de um rio, com mais de uma jarda de largura, correndo entre nossas duas camas. A chuva descia em torrentes tais que o fosso, embora fosse muito profundo, não era suficientemente largo para afastá-la; consequentemente, mandamos alargá-lo na manhã seguinte, e agora só se pode atravessá-lo dando um salto.

75 . N.E. Um tabaco muito aromático para cachimbo, procedente da Síria.

A estação das chuvas começou e igualmente o tráfego. Enquanto dura a estação da seca, as horríveis trilhas, apelidadas de estradas, são pelo menos toleráveis; mas não há pasto para o gado que puxa os carros ou para as mulas de carga; por isso, com o rebrotar do capim, recomeçam os negócios. 16 de outubro foi o primeiro dia em que notei um aumento de atividade. Alcançando a estrada principal a caminho do trabalho, passamos por dois carros, cada um deles puxado por vinte bois, e depois cerca de cem mulas, todas descendo sob a guarda de alguns negros para Carandaí, onde receberiam cargas de sal e outras mercadorias. Agora, de nosso local de trabalho nos morros, enxergamos todos os dias, a mais ou menos uma milha da estrada, uma fila contínua de três, quatro ou mais carros de boi seguindo a passo de caracol, com aquele rangido plangente, agravado pelos gritos dos cruéis carreiros, que já mencionei. Há também parelhas de doze ou mais animais de carga, a primeira mula com a cabeça usualmente ajaezada de bela prata ou outro metal reluzente, enfeitada com muitos sinos, borlas alegremente coloridas e, geralmente, entre as orelhas, uma boneca toda empetecada representando a Santíssima Virgem Maria. Os sinos bimbalham agradavelmente e esses vários sons são ampliados pelo canto alegre dos carreiros e tropeiros negros, intercalados com imprecações e ordens para os animais se conservarem na estrada, pegarem a trilha de baixo ou de cima, irem para a esquerda ou para a direita etc. As canções dos negros são uma espécie de uivo estranho, selvagem, dissonante; mas como os bois não andariam sem a *música* das rodas, segundo dizem, suponho que achem que as mulas também não prosseguiriam sem suas comoventes melodias.

27 de outubro – O Major João Ferreira do Curtume, a cuja doença de mais de três anos já me referi, morreu hoje, e fui convidado para o enterro amanhã, do qual mandarei uma descrição no meu próximo registro.

28 de outubro – O major possuía uma vasta região de terra por aqui, incluindo o terreno onde estou agora acampado. A família detesta a ideia de nossa ferrovia atravessar sua propriedade, e, de fato, como já disse, derrubou uma ponte e algumas de nossas estacas; mas agora estão bem amistosos, conosco pessoalmente, como também já disse. Enviei assim um portador com um cartão para a viúva, "com muita solidariedade e pêsames". O resultado foi uma carta de um dos genros, com os dizeres:

Exmo Sr. Dr. Hastings Charles Dent

MEU AMIGO E SENHOR (=CARO SENHOR)

Meu pai morreu hoje às duas da madrugada. Se o senhor nos fizesse o caridoso favor de comparecer ao enterro, amanhã, ao meio-dia, em Olhos d'Água, ficaríamos agradecidos.

Seu amigo penhorado,

ANTÔNIO TORQUATO DE FONSECA

A carta foi escrita com tinta roxa e selada com lacre roxo. A pessoa que a escreveu viu meu mensageiro e disse que esperava que eu pudesse ir à casa deles às seis da manhã. Senti-me obrigado a fazê-lo como uma forma de cortesia, pois é bom agradar as pessoas, especialmente quando não veem nosso trabalho com bons olhos.

Portanto, hoje de manhã, acompanhado por um camarada, fui à fazenda, chegando às 6:30 e recebido por alguns dos filhos e genros. Depois de trocar algumas palavras, fui levado a um cômodo lá dentro para tomar café com bolo. Alguns minutos mais tarde, chegou a viúva acompanhada por duas filhas e tive de lhes apresentar minhas condolências. Todos pareciam realmente muito tristes e a velha senhora desolada, embora pouco mais que da última vez em que a vira, quando já sabia que o marido estava morrendo. Conversamos um pouco e ela me disse que um de seus filhos – outro Antônio – estava de cama, doente. Tive de ir e vê-lo durante algum tempo e depois voltei e me assentei com a boa senhora, uma cunhada, filhas e netas, em silêncio, enquanto ela suspirava. Finalmente, usando a desculpa de tomar conta dos cavalos, saí. Às oito horas tomamos um farto desjejum brasileiro; a mesa foi posta três vezes e cerca de vinte pessoas, todos homens, se assentaram, um de cada vez. Às nove houve um pequeno movimento e todo mundo disse "Já vem". Perguntei-me o que seria. Verifiquei que era o caixão, pendurado a um pau comprido, carregado por dois homens. A tampa fora adaptada de forma a poder ser aberta como um tríptico; o exterior fora forrado com um pano preto, guarnecido com um cadarço dourado, e o interior era branco, com a mesma guarnição dourada. Foi então levado para dentro e esperou-se mais. Os enterros ingleses já são bem ruins no que diz respeito à demora, de modo que creio dever esperar que os enterros brasileiros sejam ainda mais prolongados.

Mais ou menos às dez horas, chegou o padre de Santo Amaro, que era o confessor do major. Apertou a mão dos filhos, a minha e a de outros, depois, em vez de entrar para consolar as demais pessoas enlutadas, começou a cortar fumo e fazer um cigarro. Preparou-se a seguir o féretro fúnebre, que consistia de dois longos paus com cinco menores cruzados e amarrados com cordas.

Finalmente, às 10:45, saímos. As duas filhas e alguns netos acompanharam o caixão até a entrada, bem silenciosos, mas chorando muito. O caixão foi colocado e amarrado na carreta fúnebre e coberto com um pálio de damasco amarelo e vermelho, sobre o qual jogaram uma toalha de mesa vermelha e branca; depois quatro negros, levando nos ombros as extremidades dos paus, começaram a caminhar. Havia cerca de vinte e cinco escravos e empregados da propriedade que foram a pé e se alternavam em carregar a carreta, e também uns trinta a cavalo. Todos descobriram a cabeça ao sair de casa e um estranho canto foi entoado pelos homens durante duzentas ou trezentas jardas.

Cavalgamos cerca de oito milhas até a capela em Olhos d' Água com a procissão engrossando em número de participantes à medida que prosseguíamos até, finalmente, completar uns quarenta pedestres e setenta cavaleiros, sendo que, enquanto isso, outros amigos de Brumado se encontraram conosco perto do cemitério. Dois incidentes ocorreram durante a marcha: um, a morte de uma cobra (jararacuçu); outro, uma mula que caiu duas vezes sobre seu cavaleiro, o qual não pareceu machucar-se.

Quando chegamos ao rio Camapuã, descobrimos que estava extremamente cheio com as fortes chuvas da noite anterior. A ponte danificada tinha sido consertada para a ocasião com o assentamento de alguma terra e algumas varas novas; mas, naturalmente, apeamos, guiando os cavalos na travessia, pois era o mais seguro. Finalmente chegamos ao cemitério às 1:30. Eu tinha sido tratado amavelmente por todos durante o trajeto e fui saudado com dezenas de apertos de mão e cortesias quando cheguei. Fiquei no adro da igreja, como todos, exceto a família, que entrou em uma casa ao lado da igreja. O caixão foi colocado em uma alcova, desataram-se as duas fitas que, sozinhas, seguravam a tampa; o caixão foi aberto e o defunto exposto à vista. O falecido major usava uma longa roupa negra que lhe chegava aos tornozelos, meias brancas, sapatos pretos e uma capa branca; a cabeça descansava num travesseiro coberto com renda local. À cabeceira do caixão havia um crucifixo e duas velas acesas. Durante o velório, a família (só os homens tinham ido) recebeu os amigos na casa. Em pouco tempo, um bando de quinze homens que já estava se afinando há algum tempo executou uma música melancólica, muito fora de sintonia, mas com ritmo tolerável.

Finalmente, os três padres que iam tomar parte na cerimônia entraram na igreja para pôr as vestimentas. Eram os padres de Santo Amaro (Padre Antônio), Olhos d'Água (Padre Francisco), e Lagoa Dourada (lugar a uma légua e meia de distância). Suas vestimentas eram sotaina e sobrepeliz. O padre de Lagoa Dourada, que leu o texto, usava também uma estola negra. A cerimô-

nia começou na câmara ardente; enquanto a família desembrulhava uma grande caixa e distribuía as velas, com cerca de três pés de comprimento. Eu vira chegar a mencionada caixa com o caixão e sair da fazenda na cabeça de um negro meia hora antes de nossa partida. Tive um trabalho infindável para manter acesa minha vela, pois o vento a apagava a cada instante. Tendo terminado a parte preliminar da cerimônia, os filhos carregaram o caixão, que foi fechado, para dentro da igreja, onde foi colocado no centro da nave e aberto outra vez com os pés virados para o altar. Eu estava no meio da família à cabeceira do cadáver e depois de algum tempo o cheiro se tornou enjoativo, com as moscas pousando no rosto já descolorido. A cerimônia me parecia interminável, incluindo sete Padre-Nossos rezados com longos intervalos, sendo que em cada um dos quais, o padre borrifava o corpo com água benta. No meio da cerimônia, os padres pareciam incomodados pelo cheiro, quando um deles, sacando a caixa de rapé, sorveu uma larga pitada e a passou aos outros dois, que fizeram o mesmo! O caixão foi então fechado outra vez, para só ser reaberto quando colocado ao lado do túmulo, que estava em frente ao altar, com a terra vermelha que tinha sido escavada empilhada sobre as lajes, de ambos os lados. Depois de mais algumas orações, os pobres filhos tiveram de fechar o caixão pela última vez (sem amarrar as fitas) e baixá-lo até o lugar do descanso final, quando a tampa mais uma vez se abriu e cada passante jogou terra, literalmente, no rosto do morto! Os filhos imediatamente se regalaram com um cigarro – nada surpreendente. Montei no meu cavalo e fui embora. Tudo aquilo me pareceu repulsivo e as repetições durante a cerimônia, no mínimo, desnecessárias; ao passo que a conduta nada piedosa dos padres, curvando-se e sorrindo um para o outro, entre pitadas de rapé, foi escandalosa.

O major era um grande homem naquelas terras, como se pode imaginar pelo número de pessoas presentes ao enterro. A fazenda estava cheia de visitas que tinham vindo após um aviso tão breve – de doze horas no máximo; pois dormiram lá na noite de sábado e continuaram a surgir dos quartos depois que cheguei. Quatro desses quartos abrem para o saguão onde fui recebido e onde tomamos o desjejum. Havia uns senhores idosos de boa aparência que a princípio se mantiveram distantes de mim por ser um estranho; mas, quando os filhos explicaram que eu era o "doutor" engenheiro-chefe do distrito, vieram gradativamente conversar comigo. Um perguntou se era possível ir à Inglaterra por terra. Outro disse que acreditava que a viagem para a Inglaterra durava seis meses. Quando, depois de lhes responder, eu informei que depois da inauguração da ferrovia, seria possível chegar ao Rio de Janeiro em um dia, eles acharam que eu estava fantasiando. Tal é a mentalidade nativa; mas talvez não seja inferior à de muitos ingleses que nunca estiveram em Londres.

3 de novembro – Hoje, por convite especial, fui à missa do sétimo dia na capela particular da Fazenda do Curtume. A cerimônia estava marcada para as dez horas. Cheguei alguns minutos antes, e, como de costume, fui recebido com grande cortesia. O padre de Santo Amaro chegou mais ou menos às 10:30 e Padre Francisco um quarto de hora depois. O ofício começou às onze. Todos os homens da família estavam vestidos de luto, mais ou menos decentes, com camisas novas de algodão preto sem engomar, e tinham uma aparência realmente muito fúnebre devido à pele morena e seus cabelos lisos e negros. Havia também uma multidão de vizinhos e amigos com seus escravos do sexo masculino, a maioria vestidos como de costume. Entretanto, logo antes do início da cerimônia, chegou a ala feminina dos fiéis, vinda de um aposento interior.

A capela é um pequeno nicho saindo do *hall*, com espaço suficiente para apenas meia dúzia de pessoas, de modo que as portas foram abertas e os fiéis se aglomeraram na entrada. A viúva, filhas e noras não apareceram; mas vieram muitas netas, algumas moças realmente bonitas, todas descalças, mas usando caprichados vestidos de algodão negro. Havia muitas outras jovens e mulheres presentes, com peles de todos os tons, vestidas com as cores mais vivas e alegres e com flores nos cabelos brilhantes, bem untados e caprichosamente trançados. Durante a cerimônia, crianças negras usando apenas uma camisa e numerosos cachorros vagueavam entre a multidão ajoelhada durante, sendo que o ofício foi celebrado em tom bem baixo pelo confessor do major e por Padre Francisco como diácono. O cálice do Santíssimo era roxo, mas a casula não combinava – suponho que fosse a única da fazenda – sendo de uma seda branca encorpada, ornada de flores escarlates.

A vista era pitoresca e tocante. A pequena capela escura, com toscas e bárbaras esculturas, quadros e ornamentos dourados de ouropel iluminados por seis altas velas de sebo no altar; o padre com sua casula branca e vermelha; o *hall* sombrio, sujo e dilapidado, com seu chão de terra coberto de fiéis; as mulheres em volta da capela, com alguns trajes de luto contrastando com outros de cores vivas; o bando de homens enchendo o resto do aposento, a maioria rude, maltratada, suja, com roupas de muitos estilos, alguns com botas de montaria de cano alto, outros com esporas nos pés nus, com uma diversidade de raças e níveis sociais, uns ricos, outros pobres, uns escravos, outros livres; mas todos ajoelhados piedosamente – todos, pelo menos externamente, reverentes, alertas, atentos à cerimônia, a qual, segundo confiavam, seria uma fonte de alívio e ajuda para seu defunto dono ou amigo.

4 de novembro – Fomos passar o dia em Brumado para visitar um dos sócios da firma,[76] que chegou com Roberts dia 29 de setembro. Ele também trouxe consigo meu velho amigo Bithell, que, como se lembra, acompanhou-me na viagem ao interior. Acabaram de voltar de uma

76. N.A. Senhor Leathom Earle Ross.

cavalgada por toda a rota projetada e de visitas aos diferentes membros da equipe. Quando voltaram ao meu acampamento e deixaram Roberts aqui, eu estava trabalhando a umas três milhas de distância; e apesar de ter vindo o mais rápido possível quando o mensageiro me chamou, não consegui voltar a tempo de vê-los, pois queriam chegar a Brumado antes de anoitecer.

7 de novembro – Não posso estender-me muito em descrições da vida no acampamento, para não ser cansativo; mas, tendo feito algumas referências à culinária, devo agora dizer que, via de regra, nosso único alimento é frango, cozido de duas formas apenas: "refogado" ou *stew*, ou "assado" ou *roast*. Já expliquei como preparar o refogado; preciso agora tratar do assado, que por acaso observei um dia, quando chovia muito e eu estava marcando um trabalho na barraca. Nosso cozinheiro moreno trespassou o frango embrulhado com uma vara comprida à guisa de espeto e depois, agachado, girava-o na chama rubicunda. Quando a ave começava a ficar ressecada, retorcia-a em volta de um eixo imaginário, mergulhava as mãos numa cabaça de gordura de porco e, retirando um pouco dessa substância semelhante a uma pomada, lambuzava com os dedos o frango que tostava!

Há agora voos ocasionais de miríades de formigas brancas aladas (*Termites*) e grandes besouros parecidos com escaravelhos (*Capris*). Nossa barraca oferece um bom abrigo seco para todos. Eu queria que pudesse nos ver no jantar à noite, por exemplo, à luz de duas velas, uma fincada numa garrafa de cerveja, outra numa caixa de fósforos; Roberts assentado em sua cadeira dobradiça, eu em minha rede; meus pratos esmaltados com a comida habitual em nossos colos, sobre guardanapos; a nossos pés, vários potes e panelas pretas, tiradas do fogo, contendo galinha, cebolas, feijão, arroz, repolho etc.; perto da porta nosso cozinheiro negro, acocorado, aguardando ordens; ao lado dele, com olhos famintos, nossos dois cães, um dos quais tem o rosto mais intelectual e pensativo que já vi, (os dois pobres animais estão sofrendo de ataques de insetos – bernes – que fazem nódulos em todo o corpo.) A cena se completa com um chuvisco frio lá fora, ao mesmo tempo em que continuamente, sobre nossas cabeças, enormes besouros zumbem como máquinas de debulhar e, a todo momento, esbarram nos rostos, nas velas ou no forro, para acabar caindo em uma das caçarolas!

Ainda continua frio e com muita chuva; não há aguaceiros, apenas um chuvisco gelado. As temperaturas médias oscilam entre 60 graus depois do pôr do sol e de 70 a 120 durante o dia.

13 de novembro – Está começando a esquentar muito e o sol ao meio-dia aparece quase no zênite, sem projetar sombras; estamos a apenas dois graus aproximadamente do Rio, que está quase no Trópico de Capricórnio, onde o sol só chegará dia 21 de dezembro; assim podemos agora esperar três meses de temperaturas realmente quentes. A nova vegetação está nascendo rápido e mal reconheço algumas de minhas antigas picadas, não tendo passado por elas durante cerca de seis semanas. Ninhos de pássaros e filhotes andam ultimamente muito mais abundantes e os girinos estão bastante grandes. Os carrapatos estão diminuindo, mas outros insetos os substituem. A formiga cabeçuda, também chamada de carregadeira (*umbrela ant*), é muito irritante. À noite sempre uso um boné e algumas vezes também enrolo a cabeça toda num lenço para me livrar dos insetos. Essas formigas gostam de cortar o cabelo da gente bem curto, e algumas vezes – certamente por engano – tiram um pedacinho de pele também. Não conseguem pegar-me agora em minha rede nova; mas como as pobres coitadas querem tornar seus ninhos confortáveis, tomaram muito gosto por minhas boas e novas camisas de flanela. A manga de uma foi deixada uma noite mal tocando o chão e na manhã seguinte a metade sumira. Por fragmentos deixados num caminho batido, descobri o ninho, recentemente construído sob o toldo da barraca.

Outra noite, enquanto dormia, chutei uma segunda camisa, jogando-a no chão e quando acordei estava furada numa dúzia de lugares. Novamente a parte traseira que tocava o chão foi destruída em uma noite, de modo que está agora cinco polegadas mais curta do que a frente. Minha flanela de banho teve o mesmo destino. Devo confessar, contudo, que, embora gostem de cortar camisas de flanela como se fossem folhas verdes, que é mais ou menos a única coisa onde tiveram a oportunidade de exercitar as mandíbulas antes de minha chegada, e que frequentemente subam em mim, não me mordem nem machucam, mas, se assustadas, conseguem morder e tirar sangue com as mandíbulas fortes.

Nos últimos dois dias outra criatura tem aparecido com relativa abundância – as pequenas lacraias. Estão em toda parte; caem das toalhas quando nos lavamos e, com as formigas, besouros e carrapatos, dividem o lugar onde dependuramos as roupas. No momento, as pulgas também estão fervilhando. De onde surgem não sei, mas é *tão* agradável acordar e senti-las apostando corrida no corpo inteiro, quando se está sonolento demais para levantar e dar-lhes caça.

Os papagaios são absolutamente abundantes por aqui e os tucanos numerosos, como também os papafigos. Quisera poder levar alguns para casa.[77]

---

77. N.A. Ao deixar o Rio de Janeiro, em julho de 1884, comprei dois periquitos verdes, dois sanhaços escarlates, *Tanagra brasilia*, e dois verdes, *Calliste* ou *Tanagra tricolor* (*Tanagrinæ*, *Fringillidæ*). Um periquito morreu antes de chegarmos a Pernambuco, onde comprei mais dois; mas todos morreram antes de chegarmos a São Vicente. Um pássaro vermelho matou o irmão a bicadas, e outro morreu antes de completar um mês na Inglaterra. Os sanhaços verdes – que, segundo ouvi, são os pássaros mais delicados que já tive – sobreviveram, e embora um tenha morrido passado um mês na Inglaterra, o outro sobreviveu até 1º de novembro de 1884, quando expirou, depois de longa e penosa doença; os pés ficaram cobertos de bolhas brancas, que pareciam causar muita dor.

Esta noite o tempo está perfeito; pode-se ler à luz clara da lua cheia, com o céu sem nuvens e os contornos das montanhas – fila sobre fila – suavizadas por seus raios suaves, enquanto o silêncio só é perturbado pelo chilrear incessante dos grilos e pelo coaxar rouco das rãs gigantes. Essas noites amenas compensam as fadigas do dia, mas é muito forte a tentação de sentar ou ficar ocioso para apreciá-las.

Pode ser de seu interesse ouvir os nomes sonantes de meus trabalhadores. Os três filhos de meu primeiro guia, Fortunato da Costa Campo, são Joscelino, Antônio, e Lino Camille Lellis. Além deles há Francisco José Ramaes e seu filho Francisco da Cunha Ramaes, Aleixo Tavares de Carvalho (o cozinheiro), José Antônio Ferreira, Cândido José Quirino, e Antônio José Brumo de Carvalho. Como é costume chamar todo mundo pelo nome de batismo, geralmente uso este, exceto quando há dois com o mesmo prenome.

Acampamento perto de Casa Grande

18 de novembro de 1883 – Voltamos novamente a esta vizinhança por uns dias. Como é importante terminar o trabalho de campo desta seção, se possível antes do Natal, a equipe da próxima divisão vai terminar a inspeção de onde eu a interromper até a ferrovia já existente. Chegaram à noite do dia 14 do corrente mês em nosso último acampamento e dormiram lá, arranjando-se com nossas modestas acomodações. Na manhã seguinte cedo, parti com eles para mostrar a rota proposta por mim e, depois de passar todo o dia na sela, deixei-os quando apareceu o carro de boi trazendo os equipamentos e eles ficaram escolhendo um terreno para acampar. Dei uma longa e solitária cavalgada de volta, preparando-me para mudar no dia seguinte. Nesses dois dias de viagem, fazia um calor intenso; na verdade, desde o dia 10 não choveu, mas está abafado e com nuvens ameaçadoras entre os intervalos de sol escaldante. Conseguimos um quarto na cabana de Aleixo, e tendo tirado os carregamentos de feijão, milho, toucinho etc., que lá estavam, usamos o cômodo como moradia e refeitório, enquanto Roberts dorme lá. Tenho assim a barraca só para mim outra vez, já que desejava ficar com os trabalhadores. Fui convocado naquela noite pelo chefe do outro grupo, pois havia algum problema referente à rota. No dia seguinte, fui lá e depois de outro dia agradável a cavalo, resolvemos tudo muito satisfatoriamente, voltando ao cair do sol.

Os membros da outra divisão, além de horrivelmente atormentados pelos carrapatos, têm sofrido com os bernes que diante dos quais os carrapatos são de somenos importância. Falarei sobre isso em outro lugar.

Eu daria tudo para saber desenhar. Poderia então enviar dezenas de instantâneos de nossa vida, da vida local, do cenário de nosso trajeto etc., o que seria interessantíssimo, achando eu até que o *Graphic* os publicaria. Isso ajudaria, talvez, a trazer a ferrovia antes da subscrição pública na Inglaterra e poderia ser útil. Mas, ai de mim! Não sei desenhar.

22 de novembro – Acho este tempo extremamente irritante.

A casa em que vivemos iria te divertir se pudesse vê-la, mesmo que brevemente. Tem cinco ou seis cômodos, mas só uma janela (no fundo); o resultado é uma escuridão total quando as portas estão fechadas. Meu hospedeiro (Aleixo) tem quatro filhos da atual esposa (a última, Maria, nasceu na última vez que estive aqui), e dois da primeira. As crianças estão sempre entrando e saindo, correndo para dentro meia dúzia de vezes por dia, tirando os chapéus e estendendo as mãos para pedir a benção (dizendo "Sua benção" ou "Seu crisma"). Esta é uma expressão de respeito, repetida por Aleixo todas as vezes que o sogro, seu *father-in-law*, vem cá. Este é um velhinho com uma cabeça extraordinariamente boa e olhos penetrantes. Tem cinco filhas e três filhos. Por aqui as pessoas geralmente têm famílias grandes.

Aleixo, pelos padrões locais, está razoavelmente bem de vida – e, na verdade, não tenho encontrado pobreza abjeta – mas você talvez se lembre que, como nosso cozinheiro, ele não prima pelo asseio; contudo, não sei de ninguém por estes lugares que o seja. Desconheço totalmente os provérbios brasileiros, mas certamente *Cleanliness is next to godliness*"[78] não deve ser um deles.

A única forma de calcular a riqueza da população local é à moda de Abraão – pelo número de escravos, gado, bois, cavalos, mulas e porcos, e de pastos para mantê-los. Aleixo tem diversos cavalos, vacas e bois, muitos porcos e cachorros. Ninguém jamais menciona dinheiro ao falar sobre as posses de um homem.

Aleixo, sua mulher e filhos nos servem às refeições e se acocoram no chão, observando cada bocado que pomos na boca, ao passo que a porta fica cercada por uma multidão heterogênea de galinhas e porcos, cachorros e gatos. Do outro lado, no morro relvado, veem-se o gado e os cavalos pastando e, do lado de fora da porta, um ou dois escravos e jovenzinhos negros brincando por ali. Ocasionalmente, meu cachorro corre atrás de algum porco impertinente, que entra grunhindo para apanhar umas migalhas, que o cachorro considera dele por direito.

---

78 . N.T. "A limpeza é vizinha da devoção" (Provérbio inglês).

Fico agradecido por dormir lá fora na barraca, pois as crianças não ficam quietas durante a noite e os cachorros e porcos dão constantes sinais de sua proximidade, latindo e uivando, grunhindo e guinchando.

Aos domingos, temos uma multidão constante de visitas na sala, e uma senhora teve a generosidade de cortar o cabelo de Roberts, serviço pelo qual não recusou um mil-réis! A última vez que meu cabelo foi cortado foi em Brumado, por um açougueiro e muito bem cortado, à escovinha (lit. *a little brush*), isto é, à *la française*, tão curto que não se poderia levantar um fio com as unhas.

Ao meio-dia, havia uma multidão assistindo a nosso almoço, os nativos acocorados em volta da mesa (uma prancha de desenho), admirando e apalpando minha toalha de mesa de damasco. O mesmo ocorreu ao jantar, formando um esquisito quadro que se poderia chamar "Estudo de um interior": os nativos acocorados no chão de terra, num cômodo com paredes feitas de armações de bambu com enchimento de barro; as paredes atingindo a viga do teto (conhecido em arquitetura como frechal); em cima, o telhado – telhas colocadas sobre caibros (estacas compridas), com as vigas cruzadas (ou terças) amarradas com cipós, as telhas enegrecidas pela fumaça da cozinha sem chaminé; no próximo cômodo, claramente audíveis sobre os tabiques, uma dúzia de vozes e línguas loquazes femininas, falando sobre os "doutores" ingleses; do lado de fora, a multidão costumeira – e o barulho infalível – de crianças, cachorros e porcos. Nossa toalha de mesa estava coberta de besouros cor de ocre, que emitiam uma luz fosforescente dos dois lados do tórax,[79] enquanto as incontáveis manchas cor de esmeralda, nas telhas enegrecidas lá em cima, revelavam inúmeras quantidades dos mesmos besouros, que lá tinham encontrado um lugar de repouso temporário.

24 de novembro – O sogro – pai da esposa de Aleixo – chegou ao escurecer com a mulher e quatro filhas para nos fazer uma serenata com o violão. Aleixo saiu ao encontro deles e, beijando as mãos dos velhos, pediu-lhes a benção. O velho é um fiapo de homem, com um exterior muito sujo e com o queixo sempre coberto por uma barba sem fazer; o lábio superior está cronicamente sujo de pedaços indesejáveis de rapé, que ele está sempre enfiando pelas narinas. Mas é um conservador convicto, o que inclui uma multidão de pecados. Tem agora setenta e seis anos.

Gostaria que você tivesse visto nossa "festa". Reunimo-nos na sala – o cômodo contíguo ao nosso – igualmente com chão e paredes de barro, e abrindo para o quarto de dormir de

79 . N.A. *Pyrophorus noctilucus, Elateridæ* (João Teimoso).

nosso anfitrião, que não tem janela nem porta externa. A única mobília da sala é uma cama com armação de madeira e um banco. Um couro de boi pregado na primeira serve de forro, sobre o qual se coloca o colchão, o que é comum – uma capa cheia de palha de milho. Para a festa, deixaram descoberto o couro de boi, lembrando o couro de um grande tambor com uma mecha ocasional de pelo ainda aderente a ele. Nessa cama, com as costas contra a parede, sentava-se a velha, descansando o queixo nos joelhos. Em frente a ela encontravam-se três donzelas, suas filhas, que iriam se apresentar na serenata. Roberts e eu estávamos no banco, tentando nos apoiar contra a parede sem tocar as esporas e cinturões de algumas selas pendurados acima de nós. Oferecemos duas velas em garrafas de cerveja para iluminar a recepção, colocando as luzes no meio do assoalho; o espaço restante estava ocupado por meu anfitrião e sua esposa, seus seis filhos, os dois irmãos dela, uma irmã, um cunhado, e alguns vizinhos com os filhos. Nossos homens ficaram todos à porta, do lado de fora. O "violão" (*guitar*) foi então afinado e as três irmãs cantaram em coro.

Uma coisa me chamou a atenção: enquanto na conversação os nativos usam gestos tão enfáticos que quase se pode entender tudo o que querem dizer, apenas observando seus movimentos, as moças cantaram quase imóveis, sem animação e de forma anasalada; o violão tinha um som metálico, mas as cantoras mantinham o ritmo e foi um agradável divertimento. Naturalmente, eram todas canções de amor, algumas bem divertidas.

Nos intervalos eu conversava com o velho, que, entre os estamentos mais baixos, é a pessoa mais inteligente que já conheci, e, tendo sido professor, é lido em muitos assuntos. Falamos da escravidão; ele é a favor do plano de abolição gradativa. Um tio dele, ao morrer, alforriou por testamento seus trinta e quatro escravos. Contou que, ocasionalmente, com intervalos de dezesseis a dezoito anos, neva na Casa Grande, atingindo a espessura de um dedo; mas, naturalmente, a neve derrete durante o dia. Ele falou sobre a Inglaterra e sobre a "Lady Victoria" com grande respeito; tem grande estima pela Rainha. Queria saber tudo sobre nossos fazendeiros ou *farmers* ingleses, pois ouviu dizer que são muito ricos. Contei-lhe alguma coisa sobre nossos fazendeiros e proprietários rurais e suas crescentes dificuldades, especialmente devido à disseminação dos princípios democráticos, e expliquei algo sobre a riqueza dos industriais, proprietários de siderúrgicas, de minas de carvão etc.

Há anos a esposa do velho ficou totalmente cega por causa de uma catarata. Ele a levou ao Rio, onde foi operada e agora enxerga razoavelmente, mas apenas com o uso de um enorme par de óculos com grossas lentes que, em seu velho rosto murcho, a faz ficar igualzinha a uma coruja velha. Todas as mulheres daqui envelhecem e enfeiam relativamente cedo; e, com seus rostos

excessivamente enrugados e murchos envolvidos em lenços, parecem fac-símiles das mulheres dos antigos pintores da escola alemã.

Falei sobre os cegos na Inglaterra, que não só têm livros que conseguem ler com os dedos, mas também uma escrita constituída por furinhos no papel, de forma que um cego pode escrever a outro, que consegue ler a mensagem. Ele respondeu: "Que país maravilhoso deve ser a Inglaterra! Aqui os cegos não têm nada para fazer e são excluídos de tudo".

26 de novembro – O canto em coro dos negros, enquanto trabalham capinando as novas plantações de milho, do outro lado do vale, era muito bonito, suavizado pela distância. Esses negros trabalham cerca de onze horas por dia e recebem um mil-réis; na maioria, são escravos alforriados. Aleixo tem onze trabalhando em suas plantações, quatro dos quais pertenciam a um velho padre que os libertou ao morrer e deixou vinte e cinco alqueires de terra para se estabelecerem, construírem cabanas e cultivarem a terra em proveito próprio. São belos negros atléticos e de puro sangue.

À noite ouvimos uma última serenata, cantada pelas mesmas *artistes* do dia 24, acrescida de alguma dança. Roberts procedeu adequadamente e tirou para dançar as moças mais bonitas que ele pode escolher enquanto eu ficava olhando. Na verdade, não havia muito espaço para aquilo; mas era agradável ver os movimentos do gracioso balanço e inclinação do corpo e os pequenos pés nus deslizando lindamente sobre o chão de terra desnivelado, ao som de um agitado violão, tocado por um homem que parecia nunca se cansar, tocando sem parar com a cabeça profundamente inclinada sobre o instrumento, parecendo ansioso por aproveitar ao máximo sua própria música.

CAPÍTULO VII

NO VALE DO RIO CAMAPUÃ

Acampamento perto de Olhos d'Água.

28 de novembro de 1883 – Parece estranho estar escrevendo no fim de novembro com o termômetro marcando 75 graus Fahrenheit ao ar livre, duas horas e meia depois do pôr do sol; mas assim é o hemisfério sul nos trópicos.

Nosso novo acampamento está construído em uma nesga pontuda do campo (*prairie*), bem acima dos brejos do amplo vale que nos circunda por três lados. Nada mais majestoso do que a relva baixa deste cume, enquanto a vista se estende sobre milhas, para leste e oeste, e aproveitamos todo o ar que existe no mundo. A paisagem é extremamente bonita.

Recebi duas visitas do Doutor Rebouças em Casa Grande, nos dias 24 e 26. Ele veio ver o andamento dos projetos e o trecho em experimentação, com os quais ficou satisfeito, e se mostrou muito cordial.

Ontem à tarde meu cavalo caiu comigo pela primeira vez, mas não foi culpa dele. Eu estava tentando atravessar um terreno molhado, quando o cavalo afundou quase até as ancas e depois caiu deitado, prendendo minha perna esquerda sob o corpo dele. Felizmente a terra estava muito mole, de modo que retirei a perna e ajudei a levantá-lo, conduzindo-o a terreno mais firme. Nenhum de nós se machucou e partimos de novo, encontrando uma rota mais transitável, antes mesmo que qualquer dos homens pudesse vir em nosso socorro.

Informo com extrema gratidão que, agora, o tormento dos carrapatos praticamente cessou. Desde que as chuvas começaram de fato, há cerca de três semanas, só ocasionalmente tenho encontrado uns insetos desgarrados; mas estes são de uma espécie maior que, contudo, podem ser percebidos ao primeiro ataque e apanhados antes que tenham nos enterrado a cabeça no corpo. Ademais, estou agora cortando minhas unhas de forma pontuda, à moda local, para poder extraí-los melhor.

30 de novembro – À noite, sentimos nossa posição mais exposta aos ventos, que sacodem todas as cordas da barraca. Na noite de nossa chegada fomos acordados às 11:30 pela mais

terrível tempestade que Roberts disse já ter presenciado, mesmo tendo passado muito tempo na Índia e na América tropical. O vento sacudia tanto a barraca que pulamos da cama e nos precipitamos para um de seus esteios, para impedir que entortasse ou quebrasse. Algumas cordas cederam e o envoltório exterior ficou balançando. O barulho da chuva no alto e nos lados da barraca, colocada como estava no solo nu, era um bramido contínuo; mas o clímax foram os raios, que a cada momento trespassavam a escuridão de breu, revelando tudo claro como o dia e seguido de um tremendíssimo trovão, como se mil balas de canhões de calibre 81 explodissem, rolando depois umas sobre as outras, como fossem bolinhas de brincar.[80]

Desde ontem, uma chuva contínua vem nos prendendo dentro das barracas, assim temos podido cuidar de muitos assuntos e traçar um pouco de nosso trabalho, até onde permite o espaço muito exíguo.

1 de dezembro – Na noite passada extraí um grande berne da perna, que lá estava há um mês. Era uma larva de varejeira, com três quartos de polegada de comprimento e um quarto de diâmetro.

3 de dezembro – Agora o calor do verão começou para valer, com o termômetro registrando 139 graus Fahrenheit, tornando extenuante continuar marcando as linhas e abrir caminho pela mata e a capoeira. Tenho recebido cartas de dois ou três amigos da Inglaterra, muito ansiosos por notícias sobre a geologia da região e estimulando-me a colecionar borboletas, besouros, na verdade, todo inseto que encontrar; também recebi cartas longas e interessantíssimas sobre botânica, informando-me sobre os gêneros que, especialmente, devo colecionar. Temo, por mais que eu faça, que as plantas estejam fora de questão devido ao tempo e ao cuidado que exigem. Colecionei algumas, mas já foram estragadas pelas chuvas e pela umidade que penetraram em toda parte.

É extremamente frustrante estar no meio de tanto beleza e não ter tempo algum, exceto aos domingos, quando geralmente descanso e leio; a importância e a responsabilidade do trabalho relegam tudo o mais a um segundo plano e, agora, está ficando quente demais para fazer muito esforço além do trabalho diário.

---

80. N.A. Pode interessar aos membros da Sociedade de Pesquisas Psíquicas [*Society for Psychical Research*, fundada em 1882 em Londres] saber que, naquela mesma noite, minha mãe e a esposa de Roberts sonharam (?) que estávamos em perigo, como ficamos sabendo pelas próximas cartas que nos recebemos, vindas de partes diferentes de Londres. As duas senhoras não se conheciam.

Estamos indo muito bem, mas não me importaria de trocar um pouco do sol por uma geada ligeira; não obstante há com frequência uma brisa refrescante e a temperatura parece bastante fresca: 75 graus Fahrenheit, duas horas depois do pôr do sol.

4 de dezembro – Está ventando nesta noite depois de um dia muito chuvoso, que, seguindo-se ao grande calor que estamos tendo ultimamente, parece frio, gelado, embora o termômetro marque 66 graus Fahrenheit. Estou assentado, envolto no meu poncho grosso para me aquecer.

Domingo passado, que foi Domingo do Advento, fui à igreja, onde eu não ia há dois meses. Embora tudo seja tão diferente daquilo a que se está acostumado, desgosta-me muito a ideia de, durante tantos meses, nunca entrar na casa de Deus. Não há alternativa: além do mais, é um bom exemplo para meus homens e as pessoas gostam de me encontrar na igreja, pois todos a frequentam com grande assiduidade.

Aproveitei a longa cavalgada, sobretudo pelo vale do Camapuã, para explorar a melhor rota para a minha linha e descobri que terei de atravessar o rio diversas vezes. A terceira travessia é num lugar desagradável. Primeiro há um brejo, muito desajeitado de se atravessar, com uns sessenta pés de largura. Tentei atravessá-lo, mas, por causa das botas de cano alto, afundei e me encharquei; então mandei cortar uma porção de galhos e colocá-los lá dentro, até que finalmente se podia atravessar com apenas algumas polegadas de água. Do outro lado do brejo há um cinturão de capoeira espessa de uns oitenta pés de largura; depois chegamos ao rio, mas tão engrossado pelas chuvas que tive que andar duas milhas até o lugar onde o tronco de uma árvore, atravessado entre as margens, permite a passagem.

A chuva, como nos avisaram, retarda o prosseguimento do trabalho e, embora fosse possível *tentar* trabalhar debaixo da chuva forte, isso é, na verdade, impraticável. O retículo de um dos nossos instrumentos de nível se rompeu depois que insistimos em trabalhar debaixo da garoa. Também não se pode fazer picadas sem se gelar até os ossos, pois sente-se muito frio quando a temperatura cai abaixo de 70 graus Fahrenheit. Hoje, apesar das nuvens ameaçadoras, começamos a trabalhar; mas logo começou um chuvisco; depois, às nove, caiu uma chuva forte; às dez, começou a chover para valer, a cântaros, verticalmente. Assim, depois de insistir um pouco mais, fomos obrigados a voltar perto das onze horas, molhados como ratos para as barracas. Até agora (8 de dezembro), foram três dias de chuva quase ininterrupta.

12 de dezembro – Ontem à noite tivemos outra terrível tempestade. Muitas das cor-

das que seguram a barraca cederam, deixando soltar as cavilhas, enquanto as estacas oscilavam para frente e para trás. A chuva entrou pelas abas da entrada atingindo nossas camas e esparramando-se pelo chão. Ficamos de pé, firmando o teto da barraca com os braços, para amortecer a queda, se as estacas cedessem. Depois de um quarto de hora, passado o pequeno furacão, fui ver os homens em sua barraca; mandei dois deles cortar cavilhas novas e, à luz irregular, mas ainda intensa dos relâmpagos, recolocar nossas cordas, enquanto outros cuidavam de sua própria barraca. São tão preguiçosos que deixariam a barraca lhes cair na cabeça antes de pensar em consertar as cordas arrebentadas ou as cavilhas deslocadas.

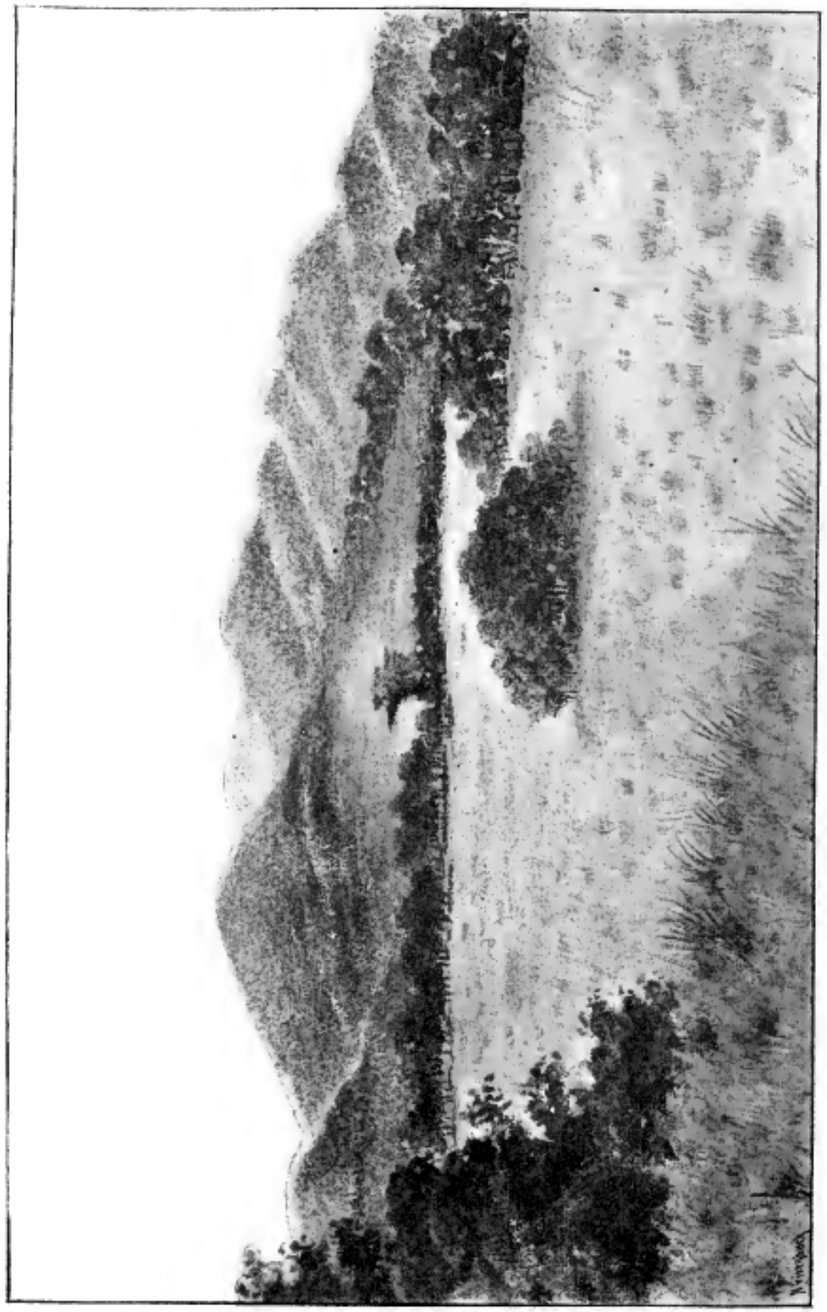
Quando a chuva passa, faz um calor úmido e opressivo durante o dia, especialmente perto dos brejos às margens do rio. A umidade carregada de vapor é muitíssimo enervante, e, até certo ponto, sinto seu efeito, pois a tendência é não se querer fazer coisa alguma além do indispensável. Se isso continuasse por muito tempo e eu tivesse que permanecer no acampamento, não tenho dúvida de que minha correspondência para casa se reduziria a proporções insignificantes. Uma coisa é estar nos trópicos, abrigado o dia inteiro numa casa fresca, escura e bem ventilada e outra, muito diferente, é levantar cedo e trabalhar continuamente no campo, sob um sol que gradativamente se arrasta pelo céu, até que se torna invisível, atingindo o zênite. À volta, mil insetos, mosquitos e vespas; anseia-se por um gole de água, mas os rios, além de mornos, são da cor que deve ter o Mar Vermelho. Não me importo de engolir uns gramas de barro em meio litro de água, mas não tolero beber água morna.

Acampamento perto do povoado de Camapuã

23 de dezembro – No dia 20 transferimos o acampamento para este lugar, umas oito milhas mais perto de Brumado. Preciso contar primeiro um ou dois incidentes ocorridos antes de abandonarmos o acampamento anterior.

Num desses domingos recebemos a visita de um certo Senhor Sidney, da Fazenda da Boa Vista, e um cunhado, Antônio, da Fazenda do Curtume. Conversamos sobre a Inglaterra, seu comércio, máquinas, *coal*, ferro etc. Não os consegui fazer entender o que é o *coal*;[81] nunca o viram e eu dificilmente conseguiria dar uma aula de geologia em português!

81. N.A. Carvão de pedra (português). Carvão é *charcoal*.



Serra do Curtume vista do vale do Camapuã

Disse ao Capitão Sidney que não deveriam deixar tanta terra sem cultivar. Ele respondeu que os brasileiros não são ativos ou empreendedores; é preciso ser inglês para isso; disse ainda que plantam café e semeiam algodão, feijão, milho, açúcar etc. para consumo próprio ou o suficiente para sobreviverem, e criam cavalos e mulas e gado. Eles são muito preguiçosos e preferem ficar assentados de cócoras fumando, parecendo achar que o trabalho é só para escravos ou mulheres.

Outro dia encontrei o capitão a cavalo, exatamente quando voltava de Queluz, onde tinha ido participar de um tribunal do júri. Disse-me que o júri, que consiste de doze homens, é escolhido em uma lista de quarenta nomes; que os membros não são remunerados e sua participação obrigatória, sob pena de uma multa de cinquenta mil-réis. Quanto à criminalidade, disse-me que não há assassinos, assaltantes ou ladrões entre os nativos ou negros, embora um ou dois frangos possam ser furtados de vez em quando; mas, ocasionalmente, alguns italianos ou outros estrangeiros, que geralmente vêm trabalhar na ferrovia – embora alguns sejam mascates ou músicos itinerantes – podem cometer um assassinato ou outro crime, visando a um assalto. Não existe pena de morte; a punição mais severa é a prisão perpétua ou deportação para a ilha de Fernando de Noronha.

O capitão informa que Queluz está se povoando rapidamente, constroem-se casas por toda parte, já prevendo a inauguração da ferrovia, que chega lá até o dia 10 de janeiro próximo.

Em sua roça há dez alqueires e meio de milho,[82] que está brotando muito bem. A colheita será provavelmente de oitenta carros de boi (*ox-carts*), cada um levando de vinte e cinco a vinte e sete alqueires de espigas, o que é um resultado muito bom.

Na tarde do dia 17, tivemos de dar uma longa cavalgada para encontrar alguns homens a negócio; choveu quase o tempo todo, e a viagem de volta, de duas horas e meia, foi em meio a um aguaceiro interminável. Tendo passado por um brejo, cheio do brilho de vaga-lumes e fogos-fátuos, vadeamos um riacho que havia transbordado muito, com a água atingindo a cilha dos cavalos, e chegamos ao acampamento às oito, encharcados.

20 de dezembro – Tínhamos encomendado o carro de boi para hoje de manhã cedo a fim de transferirmos o acampamento. Era apenas uma milha – um voo de gralha – do ponto

82 . N.A. Um alqueire de terra é a área que pode comportar um alqueire de sementes.

de partida do carro de boi, no outro lado do vale, até nosso acampamento. Entretanto, devido à quantidade de água no rio, tiveram de dar uma volta de cerca de seis milhas; mesmo assim, quando chegaram ao ponto onde se podia passar a vau, não dava para o carro, de modo que os bois foram desemparelhados, o carro ficou do outro lado, e arranjaram um jeito de trazer os animais. Do lado de cá, tomamos outro carro emprestado, chegando aqui finalmente às 12:30.

Como a manhã estivera muito chuvosa, não tínhamos desarmado as barracas, todavia, em três quartos de hora tudo estava embalado; as galinhas foram empurradas para dentro de uma cesta de vime em forma de chaminé e algumas delas, com as pernas amarradas, foram dependuradas do lado do carro, de cabeça para baixo. O galo, empoleirado no alto, cantou pela última vez, e partimos num belo grupo – nós dois, oito homens, o carro de boi com dez bois e quatro homens e meninos como carreiros.

Logo acima do antigo acampamento, à beira de um imenso barranco, havia um terreno horrivelmente acidentado. As rodas de um lado afundaram numa espécie de trilha; o carro já estava com uma inclinação de quase vinte graus e parecia prestes a dar uma cambalhota; os bois não queriam se mexer. Começaram então os berros e urros. Alguns dos meus homens subiram no carro para impedi-lo de virar, outros ferroavam os pobres bois e lhes torciam as caudas. Finalmente, mexeram-se e, decorrido algum tempo, subiram a ladeira. Um quarto de hora depois, chegamos ao brejo do fogo-fátuo, e aí os homens acharam que os bois não eram suficientes, um impasse que já tínhamos previsto quando vimos que só havia dez animais no carro. Novamente foram desemparelhados e deixados a pastar por ali, enquanto dois homens saíram à procura de mais bois. Esse atraso adicional foi demais; por isso, entregando a tarefa a nossos homens, com ordens de não abandonarem o carro até se juntarem a nós, seguimos viagem à procura de acomodação para a noite no armazém geral da vila perto do novo acampamento: evidentemente, não havia mais esperança de o carro chegar naquele dia. O galo nos cantou uma despedida e ficou muito animado ao ser atendido por um corvo de uma cabana por perto.

Passamos por duas cobras na estrada, uma jararacuçu e outra, comprida e estreita, com uma cor semelhante à ardósia azul.

Chegando à vila de Camapuã, hospedamo-nos na única casa disponível, onde não só nos receberam com a maior amabilidade, como também nos proporcionaram todos os luxos disponíveis. Nossa anfitriã era uma encantadora senhora de noventa anos. É a líder, muito ativa e falante. Um filho e três netos adultos – um deles uma viúva com uma filha – encarregam-se do trabalho. Deram-nos um excelente jantar, à luz das lamparinas de óleo de mamona; um bom quarto, com a porta abrindo para uma varanda na frente da casa, e camas muito macias, com colchões de palha; retiramo-nos às 8:30, exaustos, e dormimos em lençóis pela primeira vez em quatro meses!

O carro de boi só chegou ao local de nosso novo acampamento às 11:30 do dia seguinte, tendo gasto vinte e duas horas para fazer umas oito milhas! Assim são as viagens em Minas Gerais no período das chuvas. Logo armamos as barracas e depois voltamos para o desjejum no abrigo da noite anterior. Depois da refeição, diante de um pedido especial, mostrei minha coleção de besouros, os que havia capturado nas últimas vinte e quatro horas; e depois ouvi um conhecido, Joaquim Gonçalves de Souza, explicar para nossa anfitriã (a senhora de noventa anos, que é sua tia-avó) que eu costumava comprar tudo – beija-flores, borboletas e besouros – a fim de mandar para casa, no meu país. Grande exagero. Jantamos no acampamento; um dos frangos, que havia sido trancado durante vinte e oito horas sem comida nem água, foi retirado do cesto de vime, e preparado para nós.

Começando a me adaptar à vida do acampamento, convenci-me de que meus baús de lata representavam uma ilusão e uma armadilha. Tinham sido tão estragados na viagem pelo mau tratamento, que tive a maior dificuldade em abri-los e fechá-los. Contudo, passei a duvidar seriamente disso quando examinei o estado do conteúdo. No dia 22 de dezembro, desembalando todas as minhas roupas para serem arejadas e colocadas ao sol, descobri que as que não tinham sido tocadas desde que foram embaladas em Londres, em junho último, estavam secas como osso. Inversamente, as de Sr. Roberts, que tinham sido trazidas em malas de couro novas e arejadas uma dúzia de vezes depois de sua chegada em 29 de setembro, estavam inteiramente mofadas, com o interior das malas igualmente úmido. Estou, pois, preocupado com meu compêndio e a mala de couro que deixei em Paraopeba em agosto. Deixei-as para trás, achando que voltaria em breve, mas os dias têm sido curtos demais para fazer o trabalho indispensável, e agora a estrada para lá está intransitável devido às enchentes e às pontes que ninguém consegue atravessar.[83]

24 de dezembro – Como nosso acampamento está no meio de uma capoeira, desmatamos uma área de uns cem pés quadrados em toda a volta, deixando apenas alguns pés de gabiroba, que estão dando frutas (muito deliciosas, parecidas com groselha espinhosa), e uma árvore onde amarrar os cavalos. Ali recebem milho pela manhã e à tarde. Entre os pássaros que vêm apanhar o milho derramado, contam-se meia dúzia de lindos canários.

---

83 . N.A. A bagagem chegou finalmente a Brumado em março de 1884 e as roupas tinham sofrido realmente com a umidade, estando uma sobrecasaca de casimira toda verde de mofo. Tudo que foi desembalado até agora (outubro de 1885), cheira a ranço, bolor e ossuário, especialmente os documentos.

Recebemos hoje, de um jardim vizinho, um bonito ramalhete de dálias dobradas, rosas, esporinhas, *nasturtiums*, jasmins e áster da China.

Domingo à tarde, tivemos seis ou oito visitas. Entre elas, um menino de nove anos que veio com o pai e fumou muito, apesar de preferir um cachimbo a um cigarro!

Dia de Natal – Hoje deveríamos ter ido a Brumado, pois recebemos do chefe[84] um convite especial para jantar. Teríamos sido uns oito ingleses, mas começou a chover novamente, de modo que achamos melhor ficar aqui e passar um dia tranquilo no acampamento. Contudo, para variar nossa refeição habitual, preparei para o jantar uma sopa excelente, feita de um pacote de *riz au gras Julienne* e um pouco de essência de Brand,[85] temperado com essência de aipo. O *riz au gras* deveria ser mantido sempre seco, mas não conseguimos fazer isso; consequentemente, está agora verde como grama e se deixa amassar como uma bala de leite macia em vez de continuar duro como pedra.

Nos últimos dez dias tenho sofrido um pouco, primeiro com "brotoeja" que, entretanto, melhorou imediatamente e sarou em três dias, depois que tomei sal de Carlsbad; estou também com uns arranhões na mão direita que inflamaram desagradavelmente.

Estamos agora fazendo nossos planos para Brumado, uma vez que esperamos terminar o trabalho externo desta seção, se o tempo estiver favorável, em dez ou quinze dias. A vida na cidade será muito diferente da vida na barraca; tem vantagens e desvantagens, mas será muito mais dispendiosa.

Existe aqui um hábito semelhante ao de Lancashire que não creio ter mencionado antes, que é o de chamar os homens pelo termo local de "moço" ou "rapaz", equivalente ao nosso *lad*. Os homens se dirigem uns aos outros dessa forma e falam sobre os ausentes do mesmo jeito, como na América do Norte, onde se usa *boys*.

1º de janeiro de 1884 – Há certo prazer em ficar, como no nosso acampamento anterior, sem enxergar vivalma; de fato, passei seis semanas sem ver um membro do belo sexo ou qualquer pessoa além dos meus homens, com uma ou duas raras exceções. Há também algumas compensações em estar acampado perto de um vilarejo como Camapuã. Os pêssegos estão no ponto de começar a amadurecer e podemos comer quantos quisermos em troca do simples trabalho de apanhá-los. No momento estão bastante duros, mas são excelentes para doce em calda. Tivemos uma bela mesa hoje ao desjejum, dado que, sendo um dia santo importante, não pudemos trabalhar – legumes tenros, aipim (*a kind of yam*), arroz, feijão, salada de tomates, pepino, cebola, pão, pêssegos em calda, melão, sem esquecer a galinha de sempre. Mas, com toda essa boa comida, a refeição não foi o que deveria ser devido ao péssimo preparo, sem óleo ou vinagre, só um pouco de pimenta (o resto da que trouxe da Inglaterra) e sal do tipo usado pelos nativos, de cor cinza e cada grão do tamanho de uma pedra de granizo.

84. N.A. Senhor Leathom Earle Ross.

85. N.E. Um concentrado de caldo de galinha.

À tarde recebemos a divertida visita de quatro meninos entre dez e dezesseis anos de idade; um deles era um jovem janota, com camisa de punhos longos, um anel e três botões, parecendo prata, na camisa. Fumava sem parar. Todos tinham uma aparência viva e inteligente, vestidos com suas roupas domingueiras, carregando pequenos chicotes, embora sem meias ou sapatos. O menor era realmente muito bonito e todos eram muito conversados, observando e admirando tudo, fazendo perguntas e comentários, muito felizes com nosso oferecimento de um copo de vinho virgem. Ao final, ao partirem, apertaram nossas mãos, fizeram uma reverência, saudando-nos com o chapéu, desejando que Deus ficasse conosco.

Compramos muitas raízes de aipim, cada uma com cerca de um pé de comprimento e duas ou três polegadas de diâmetro. A casca é marrom e quando retirada deixa ver uma raiz branca; são muito boas para comer, cozidas, parecendo batatas farinhentas.

À noite recebemos a visita de uma banda de uns doze homens e meninos, brancos e negros, com três violões e um tambor. Vieram celebrar a Festa dos Três Reis Magos (*Epiphany*). Disse-lhes que chegavam uma semana adiantada, mas não entenderam. Enfiaram pela porta do rancho uma bandeira de algodão branco. Na parte inferior estavam representados dois reis brancos, com longas barbas negras e amplos trajes; à sua frente, do lado direito, estava um rei negro – todos com vistosas coroas douradas; acima, havia a figura alegórica de uma mulher, de pé sobre um globo (que, suponho, representava o verso "ela esmagará a tua cabeça").[86] Da extremidade superior direita do estandarte saía um cometa amarelo brilhante. Cantaram diversos hinos e canções de Natal, geralmente com refrões, com ritmo e harmonia excelentes. Esta serenata, em uma noite escura e chuvosa, foi um *passe-temps* muito agradável. Após receberem mil-réis e um pouco de bebida, foram embora e apresentaram seu espetáculo novamente na barraca dos homens, de modo que tivemos uma repetição das canções, suavizada pela distância.

86. N.A. "Ipsa conteret caput tuum", Gen. III, 15, Vulgata.

No dia seguinte, compramos cerca de três libras de uvas por quatro *pence,* as quais, embora não muito maduras, foram muito refrescantes. Também compramos dezoito pepinos por seis *pence*, e duas dúzias de limas verdes por três.

À noite, nossos homens nos alegraram com hinos da Epifania e canções litúrgicas em coro em honra à Santíssima Virgem Maria.

3 de janeiro – Há três dias estamos presos pela chuva, de modo que, tendo adiantado na medida do possível o trabalho interno que era necessário, apelamos para os documentos e livrinhos, bem como exemplares da *Graphics* etc. que vocês mandaram e que se revelaram uma dádiva dos céus. Um gentil amigo de Manchester também me enviou a edição de natal da *Illustrated*, de modo que tínhamos bastante material de leitura e vocês não imaginam que benção isto representa para nós.

Realmente, trabalhamos muito na semana passada, apesar do Natal, mas, nesta semana, pudemos fazer muito pouco até agora. Terça-feira (Ano Novo) foi feriado. Na quarta saímos para longe, trabalhamos quinze minutos e voltamos encharcados. Hoje, ficamos na barraca o dia inteiro. É o mais prolongado período de chuva que já tivemos, e é tão deprimente.

5 de janeiro – Hoje foi nosso primeiro dia de trabalho verdadeiro no novo ano e preciso dar-lhe uma ideia de como foi.

Às 6:30 da manhã o tempo parecia bem melhor, com algumas nuvens isoladas, mas o céu não estava azul. Às sete chovia, mas, ansiosos por sair novamente, resolvemos partir. As pancadas de chuva logo viraram chuva contínua que caiu quase sem parar o dia inteiro. Foi um trabalho horrível. Ocupamo-nos marcando linhas em densas florestas, matas virgens, capoeiras e bosques de arbustos em terreno inclinado e íngreme. Depois de uma longa manhã gasta na luta para abrir caminho, arranhado por espinhos, encharcado, não só da chuva, mas dos pingos que caíam das árvores, senti-me um tanto esfalfado. Como o desjejum foi muito tarde, vi-me obrigado a deixar o trabalho e sentar-me para descansar às 12:15. Quando a comida finalmente chegou, o homem tinha esquecido de trazer qualquer coisa para bebermos, embora tivéssemos meu cantil, que sempre carrego cheio de água com um gole de cachaça. Não havia água potável, pois todos os rios e córregos estavam vermelhos de barro e grossos como sopa de ervilha. Tomamos o desjejum na picada e tentamos nos abrigar um pouco da chuva, mantendo um guarda-chuva aberto sobre nós, mas pequenos fios de água continuavam escorrendo dele por nossos pescoços abaixo ou nos nossos pratos.

Cenário em uma floresta tropical

À tarde chegamos à mata virgem. Aqui há bem menos arbustos que na capoeira, onde passei a manhã a derrubá-los, algumas vezes passando por lindos vales estreitos, atapetados de samambaias diversas, entre as quais apareciam samambaiaçus com meia dúzia de ramagens verde-claro e plantas de belas folhas; algumas como dracæna, outras com longas folhas verde-claro ovaladas, e cicadáceas, todas engrinaldadas e entremeadas de uma rede de inúmeras trepadeiras espinhentas; umas muito espessas, sem folhas, mas com grandes espinhos, fortes e curvos, espaçados umas três polegadas, e com meia polegada de comprimento, semelhantes, acredito, aos espinhos africanos chamados de "espera-um-pouco",[87] além de muitos outros menores. Havia também muitas árvores e arbustos cujos troncos e galhos eram totalmente marchetados de inúmeros espinhos compridos e pontudos, alguns deles saindo dos troncos em pencas, ramificando-se como a extremidade de um para-raios, com cerca de três ou quatro polegadas de comprimento e seis de largura. Também achei espessos tufos de grama comprida, nodosa, semelhante a caniços, ou densas moitas de bambus emplumados, através do qual é impossível enxergar uma jarda à frente. Assim fui andando, levando na mão esquerda, no mínimo, um bastão de sondagem e, na direita, o facão (*long knife*). Minha capa de chuva tinha uma dúzia de rasgões, pingando água da chuva a cada passo; cada centímetro de meu corpo estava ensopado: acima da cintura, de suor, abaixo, de chuva; as mãos, arranhadas e pontilhadas de espinhos; as botas de cano alto, feitas de couro de toninha, chiando e rangendo por causa da água dentro delas; os pés escorregavam a cada passo no terreno encharcado e íngreme ou em algum tronco escondido coberto de musgo; ou então tropeçavam em alguma imensa árvore apodrecida e morta, derrubada, mas ainda parcialmente segura por trepadeiras.

Chegando à floresta virgem, tivemos de mandar cortar diversas árvores grandes, algumas com quarenta ou sessenta pés de altura, sem se contarem os galhos. Com grande barulho, provocado pelo dilacerar de trepadeiras e pelo rompimento de galhos de outras árvores, elas caíam de quarenta ou cinquenta pés de altura dentro rio Camapuã. Mal se distinguia o próprio curso do rio, exceto por causa de uma corrente redemoinhando mais forte, pois a inundação formava um lago vermelho de cerca de meia milha de largura, revelando, até onde a vista alcançava, um pântano submerso, com ilhotas de arbustos e algumas cercas despontando sobre as águas.

Era uma estranha mistura de pitoresco, grandioso e estranho, num momento do mais intenso desconforto pessoal.

Passei boa parte do dia seguinte (domingo) de uma forma que, embora absolutamen-

87 . N.E. No original *"wait-a-bit" thornes*.

te necessária, era a mais distanciada possível de uma atividade adequada para mim, isto é, secando ao sol indeciso minhas roupas encharcadas do dia anterior. Vinte ou mais vezes tive de recolhê-las todas por causa das ameaças de pancadas de chuva, e depois pendurá-las de novo (nas varas que tínhamos colocado para esse fim) quando a chuva passava. Não conheço coisa mais irritante e aborrecida do que esse tipo de ocupação quando se está tentando ler ou escrever; mas o resultado foi que na segunda-feira tínhamos roupas secas para usar.

7 de janeiro – Hoje foi o enterro de um homem pobre que viveu ou, antes, morreu num casebre aqui perto. A procissão de homens e mulheres saiu da casa cantando, como no outro enterro que descrevi. Usavam roupas de todo dia, sendo, acredito, pobres demais para ter outras; de fato, pediram que os ajudássemos ontem à noite, o que fizemos. O morto foi colocado simplesmente numa armação de bambu e coberto com um lençol, e o esquife carregado por quatro homens. Como conseguiram andar pela estrada não consigo imaginar. Deve ter sido duro carregar aquela carga, pois nunca se viu uma estrada no presente estado; de fato, todo o trânsito, mesmo a cavalo, está interrompido. Só se pode andar a pé, arriscando afundar na lama até a cintura ou abrir caminho, à força, pelos arbustos à margem do caminho. O Capitão Burton conta que, conforme lhe disseram uns brasileiros, os homens que viajam por essas estradas maçantes não precisam de qualquer outra forma de castigo.

Preciso agora mencionar as várias frutas e verduras cultivadas neste lugar, e que comi, ou, pelo menos, vi nas hortas.

Fumo	Abacaxi	Goiaba	Repolho
Café	Laranja	Amora	Feijão preto
Algodão	Lima	Fruta-do-conde	Vagem
Uva	Limão	Melão	Ervilha
Banana	Figo	Pepino	Cebola
Banana-da-terra	Pêssego	Abóbora	Rabanete
Milho	Maçã	Batata	Arroz
Cana	Marmelo	Batata doce	Tomate
Mamona	Groselha espinhosa	Mandioca	Alface
Pimenta	Amora preta	Yam (Aipim)	

A lista parece provar que, aqui, quase tudo pode dar. Quando vejo os pequenos trechos de terra cultivada, em contraste com a abundância produzida, e depois varro com os olhos

este vale amplo e fértil, com tão poucos sinais visíveis de cultivo, e lembro que é apenas um entre milhares, faço uma ligeira ideia das possibilidades quase inesgotáveis de produção do país.

Longe das estradas principais, não há população, nem energia nos poucos habitantes existentes; a facilidade com que podem satisfazer suas necessidades básicas explica porque continuam numa pobreza contínua, talvez imutável. O custo do transporte, a distância dos mercados externos, bem como a enorme competição, impediria, provavelmente, a exportação em grande escala; mas há, pelo menos, espaço para imigração em escala gigantesca, sendo este um dos climas mais saudáveis do mundo, como prova o sucesso da colônia alemã em Petrópolis.

Não existem plantações de café por aqui. Plantam-se poucas uvas, o mesmo ocorrendo com o algodão, a cana-de-açúcar, as laranjas e o arroz, destinados geralmente apenas ao consumo do proprietário; mas, como o produto é sempre excelente, não há razão para que não vicejassem em plantações grandes, como ocorre em pedaços de terra de um ou dois acres. Só o milho é plantado com abundância, e o Senhor Roberts, que tem tido experiência no mundo inteiro, diz que o cultivo aqui é o mais extenso que já viu. O cereal é amplamente usado para fazer farinha (uma espécie de *sawdust*, do tipo também feito com a raiz de mandioca), e *flour*, chamado de fubá, para mingau. Canjica ou milho picado cozido no leite é um dos pratos prediletos. Usa-se milho também para fazer pão, bolos e biscoitos, sendo ainda usada como alimento para o gado, cavalos e mulas.

Passando com frequência pelas muitas plantações de milho, temos a impressão de que as plantas quase crescem sob as nossas vistas; e são muito vigorosas e saudáveis. A semeadura foi só há dez semanas e os pés de milho já têm oito pés de altura, com caules de duas polegadas de espessura e folhas de três ou quatro polegadas de largura. Tudo o mais é verde, viçoso e bonito. Mas enquanto descem os aguaceiros e as plantas regalam-se com eles, sobe simultaneamente dos vales e florestas uma contínua névoa que forma nuvens; e então, depois de ter cumprido sua função aqui, a chuva é levada nas asas do vento, renovando seu poder fertilizador, para descer novamente em outro lugar, dando alhures força, viço e vigor à vegetação.

8 de janeiro – A cerca de duas milhas daqui, junto do vale, mora um velho pároco, Padre Pinto, que nutre a mais violenta antipatia pela ferrovia, levando-me a cultivar a esperança de manter-me à distância dele; mas, infelizmente, a posição mais adequada para a linha é paralela à sua fazenda, a vinte pés de distância dela. Na primeira vez que lá passamos, a casa parecia toda trancada; mas hoje, quando chegamos, o velho padre esticou o rosto macabro e barbado,

em resposta a nossa reverência. Como o desjejum acabara de chegar, pensamos que poderia nos ter convidado para comer à sombra, pois o sol estava escaldante e fazia um calor tremendo; mas ele não fez qualquer gesto de hospitalidade; assim, tivemos de assentar à margem da estrada em pleno sol, fazendo com que segurassem um guarda-sol sobre nossas cabeças para atenuar o efeito dos raios perpendiculares. Rejeitados pelo proprietário, recebemos a compaixão dos escravos, que, enquanto eu cortava umas fatias de pepino e cebola, veio nos trazer três *cucumbers* ("pepinos") recém-colhidos, deliciosamente frescos, além de mais novos do que o nosso. Enquanto o escravo falava conosco, virava-se frequentemente, preocupado, para ver se o senhor não estava olhando.

Depois do desjejum, continuamos a trabalhar pelas picadas com o teodolito e o nível, e assim acabou aquele sábado agitado (5 de janeiro), do qual já dei uma descrição completa. A paisagem era muito diferente e a floresta linda, mas, desta vez, o problema foi a tortura dos mosquitos.

10 de janeiro – Ontem à noite, quando voltava do trabalho para casa, a cavalo, encontrei meu amigo Joaquim Gonçalves de Souza; contou-me que, dias antes, um carro de boi (*ox-cart*) tinha descarregado a carga em sua fazenda, pois, devido às chuvas, era impossível continuar até Brumado, que era o destino do carro. No meio da mercadoria, informou, que há uma caixa com o meu nome aos cuidados de um Sr. Joscelino Pacheco, em Brumado. Achei que fosse a caixa que eu esperava da Inglaterra, despachada de Londres dia 16 de novembro. Portanto, hoje de manhã fui a cavalo até lá e descobri que era o que eu esperava. Tomei providências para mandar trazer a caixa num "carrinho", um pequeno carro puxado por quatro bois, pois este conseguiria atravessar a ponte precária; e, de fato, à tarde, chegou ao acampamento.

A Fazenda do Engenho – tal é o nome desta fazenda – é uma grande propriedade e, a julgar pelo número de casebres para escravos em volta, parece ser, na verdade, uma pequena vila. Situa-se num terreno que sai da estrada principal, próximo à ponte, às margens do rio Camapuã. Os proprietários são seis irmãos, donos de diversas fazendas; mas dois ou três moram aqui com a mãe. Todos têm uma aptidão especial para carpintaria, trabalho com ferro e mecânica. Têm uma carpintaria e uma forja, com muita energia hidráulica, que aproveitam, entre outras funções, para fornecer força para os moinhos de milho, fazer funcionar o "monjolo" ou moinho d'água que, com seu rangido e pancadas monótonas, está quase perpetuamente em movimento. Os proprietários foram muito gentis, mostraram muitos trabalhos seus, que são realmente bem feitos. Examinei martelos, facas etc. ficando especialmente bem impressionado com algumas plainas, feitas de uma madeira perfumada, e com uma mesa de gavetas, bem-acabada, feita de diferentes madeiras coloridas nacionais. Depois de café e ovos quentes, voltei ao trabalho.

No dia seguinte, o mais moço dos irmãos, chamado Carolino, veio pedir emprego. Como houve uma vaga, tive prazer em atendê-lo. Deu um bom trabalhador, além de ter muito boa vontade e ser muito prestativo.

Naquela manhã vimos um tatu atravessar o rio a nado; meus homens o mataram, mas não servia para comer. Essa espécie tem a cauda curta, mas não tem casco.

12 de janeiro – Almoçamos numa cabana em Camapuã cheia de mulheres e crianças. Todas as mulheres estavam ocupadas, fiando e tecendo. Compramos alguns cintos, que os nativos usam na cintura; são fortes e bem feitos, de algodão tingido de várias cores vivas.

Depois das quatro horas, vimos aproximar-se uma forte tempestade, de modo que terminamos o trabalho depressa. Tínhamos andado só até a casa do Padre Pinto quando a tempestade caiu de verdade. A casa parecia toda trancada, de modo que fomos nos abrigar no pátio, debaixo de uma coberta grande. Soubemos que Padre Pinto tinha ido a Brumado; mas logo um grande número de mulheres e crianças apareceu na varanda; mandaram-nos uma cesta com uns cem pêssegos, que começamos imediatamente a destroçar. A tempestade continuava, com toda a sua fúria; e como os cavalos, que tínhamos mandado buscar, não apareciam, entramos na varanda e fomos recebidos pela governanta do padre. Entre as moças havia uma muito bonita, que, segundo fomos informados, era a sobrinha dele. Logo ficamos amigos; conversamos agradavelmente, e ouvimos toda a história da família, com a qual, contudo, não vou cansar você. Finalmente, como os cavalos não chegavam, muito relutantemente nos despedimos, Roberts e eu, para voltar e jantar; encontrando os cavalos na vila e não precisando andar a pé pelos mares de lama, na estrada principal, abaixo de nosso acampamento.

Notamos que os porcos e cavalos de Padre Pinto estavam sendo regalados com pêssegos, o que prova a relativa abundância da fruta.

Enviamos um homem a Brumado para comprar arroz e um bom suprimento de batatas; ele voltou à noite, dizendo que não havia arroz à venda, e oito *pence* de batatas foi a única coisa que conseguiu comprar na cidade. No dia seguinte, dois dos bons meninos que nos tinham visitado alguns dias antes trouxeram dois saquinhos de batatas minúsculas, pelos quais lhes demos oito *pence* e com os quais ficaram bem satisfeitos.

Dia 15 tivemos de cavalgar algumas milhas até certo local no outro lado do rio para ajudar a inspecionar um trecho da ferrovia construído a partir de Brumado, e assim completar o

trabalho de campo da primeira seção. Eu já tinha estado lá antes e cuidado de todos os detalhes, mas tivemos um dia de trabalho pesado para completar tudo. Para chegar a uma ponte de pedestres, que era o único meio de atravessar o rio, tivemos de atravessar um brejo inundado. Quando alcançamos a ponte, retiramos a sela e tudo mais, passando a carregá-las para o outro lado; foi preciso um homem ir para um lugar na parte inferior do rio, que podia ser passado a vau, e lá guiar os cavalos para que, nadando, chegassem à outra margem. Tendo feito isso, conseguimos cavalgar até bem perto do ponto onde começava nosso trabalho. Felizmente, o tempo estava favorável e só sofremos com os mosquitos. Estávamos na *thick forest* (mata virgem) e ouvíamos os gritos dos papagaios e o tagarelar dos macacos, vimos também algumas *Heliconidæ* de cores vivas. Trabalhando com todas as nossas forças cumprimos nossa missão, e – devo confessar, com pesar de minha parte – voltamos ao acampamento para não mais retomar o trabalho ao ar livre.

16 de janeiro – Hoje passamos um dia muito agitado, limpando e guardando nossos instrumentos, embalando e arrumando a bagagem, recebendo muitas visitas de toda a vizinhança, que, tendo ouvido falar em nossa partida, vieram despedir-se; um dos homens queria troco para uma nota grande, outro queria só parte do salário hoje e receber o resto amanhã; pagamos e dispensamos todos os outros trabalhadores, perturbados por um visitante que queria vender uvas, outro com ovos, enquanto um terceiro trazia pepinos e tomates para vender.

Nosso acampamento apresentava um aspecto animado, com uma interminável algazarra de vozes, da manhã à noite.

CAPÍTULO VIII

A VIDA EM ENTRE RIOS, MINAS GERAIS

Cidade de Entre Rios (antiga Brumado do Suaçuí)[88]

22 de janeiro de 1884 – Estamos na cidade há cinco dias. Chegamos dia 16, depois de finalmente nos despedirmos de todos. Nosso cozinheiro, Aleixo, ficou muito emocionado quando nos disse adeus e nos deu um abraço apertado; seus olhos se encheram de lágrimas, soluçava, sem conseguir falar. Logo que chegamos aqui, fomos à casa chamada Hotel Entre Riano e pedimos o desjejum. Em seguida fizemos uma visita ao Sr. João Batista, que insistiu em nos preparar o desjejum imediatamente. Fomos então ao escritório, e, depois de algumas conversas de negócio, voltamos a João Batista. Após a dieta do acampamento, apreciamos duplamente a excelente comida e a acolhida gentil, o que me reanimou depois da influência depressiva das últimas semanas.

Receio ter esquecido de mencionar que dois dias depois do Natal, esse homem bondoso foi nos visitar no acampamento, trazendo pão e bolos e três ou quatro garrafas de vinho.

Voltando ao hotel, providenciamos para alugar a casa em que moramos agora; é na rua principal, em frente ao hotel, perto das residências melhores. Da última vez que estive aqui era sede do Correio.

O aluguel é cem mil-réis por ano. A casa tem só um andar, com um grande aposento de uns trinta pés quadrados, à direita e à esquerda do qual há dois quartos pequenos – sendo um o nosso quarto e o outro o quarto de vestir de Roberts – ambos de frente para a rua. Eu também tenho um quarto de vestir e há ainda dois quartos de despejo, uma cozinha grande, um cômodo para se fazer assados e uma coberta. Os cômodos principais têm mais ou menos quinze pés de altura e um forro de bambu trançado; e a casa inteira tem apenas um piso desigual de terra, exceto nosso quartinho, que tem piso de madeira. Temos duas janelas com vidraças dando para a rua. Nosso quarto tem três portas, mas nenhuma janela; e os outros não têm batentes, apenas as costumeiras janelas de folha.

Mal havíamos acabado de negociar o aluguel da casa quando chegou nosso carro de boi; e, depois de guardar todos os nossos pertences, concluímos que seria aconselhável ter alguma mobília, pois a casa só tinha dois grandes bancos no aposento principal, de modo que, depois de

88. N.E. O município de Brumado do Suaçuí foi criado em 1875, mudou o nome para Entre Rios em 1878. Desde 1953 é Entre Rios de Minas.

algumas indagações, compramos uma cama para mim e uma mesinha que usamos para as refeições e também como prancha de desenho no horário de trabalho.

Minha saúde melhorou extraordinariamente, mesmo neste pouco tempo em que estou aqui. Há duas semanas, falei das duas feridas na minha mão direita, que julgava serem arranhões infeccionados; melhoraram; mas logo depois, todos os arranhões ou mordidas que tivesse nas mãos, ou pernas, ou rosto, inflamavam igualmente. Um risco inflamado, vermelho vivo, subia-me em cada braço, e a perna direita estava tão inchada que mal conseguia andar. Sob outros aspectos eu ia muito bem; mas como nunca tinha tido uma ferida antes, ficava imaginando qual seria a causa, e acho que era falta de carne de açougue, pois, logo que pude consegui-la, comecei a melhorar rapidamente. Esse sofrimento foi muito pior que o dos carrapatos, além de terrivelmente deformante; e minha aparência, quando apareci na cidade com as duas mãos enfaixadas e com tipoias, despertou a piedade de todos.

25 de janeiro – Ontem à noite vi um belo cometa, exatamente no oeste. Pôs-se às 9:30. O tempo tem estado magnífico, sem uma nuvem nos dois últimos dias, mas maravilhosamente fresco dentro de casa – só 78 graus Fahrenheit.

1º de fevereiro – Os moradores da cidade são muito cordiais, mas o Sr. João Batista é o mais bondoso de todos. Na semana passada, ele nos enviou, de manhã bem cedo, uma grande bandeja com bolos, biscoitos, pão e compota de damascos, "pedindo perdão por lembrança tão insignificante".

Já descrevi nossa casa. Preciso agora dizer uma ou duas palavras sobre o jardim, que é limitado por muros de pedra em três lados e, no quarto, por uma porção de imensos cactos (*Cereus sp.*) de trinta pés de altura, que está florescendo. Têm algumas laranjeiras e muitos pés de café (*Coffea arabica*), que estão agora com flores e frutos, mas em estado selvagem e sem trato. Os muros estão cobertos por imensas folhas de uma plantação de bananas (*Musa*) do pomar vizinho.

Um pouco mais acima, do outro lado da rua, há uma casa muito grande, mas com apenas um andar. De acordo com o invariável costume, todas as residências maiores destacam-se por terem na frente uma loja de variedades, com uma ou duas salas de estar grandes, adjacentes. A casa mencionada pertence ao Sr. Joaquim Ribeiro de Oliveira. Esse senhor tem dois ou três meninos, duas meninas e uma filha adulta, musicista de talento. O Sr. Ribeiro nos fez outro dia uma visita, convidou-nos para ouvi-la tocar, o que fizemos na mesma noite, e passamos umas três horas muito agradáveis, ouvindo sua maravilhosa execução. Todas as manhãs ela ensaia duas horas, além de tocar todas as noites, e quando as janelas estão abertas, conseguimos escutar cada nota. A moça é muito magra, tem mãos minúsculas e olhos magníficos e é certamente a mais bonita da cidade. Toca brilhantemente, *con amore e espressione*, e é uma pena ela viver enterrada aqui. Gosto muito do pai dela, embora não tenha muito a ver com João Batista e seu grupo; a política é muito importante aqui, e o Sr. Ribeiro pertence ao grupo dos radicais, enquanto João Batista é conservador.

Assusta aqui o número de casamentos de pessoas consanguíneas, mesmo com os graus de parentesco proibidos, resultado de uma condenável condescendência da Santa Sé ou por ignorância de suas determinações; talvez mais frequentemente a última, pois alguns homens mais sensatos e ponderados não se mostram cegos aos muitos erros da Igreja Católica. Quanto à triste consequência de um desses casamentos, um cavalheiro aqui, com uma família de dois filhos e duas filhas, tem um filho e as duas filhas surdos-mudos! A filha mais nova é uma menina inteligente, de treze anos.

Domingo fui visitar o Sr. Batista depois do desjejum e fiquei conhecendo seus dois filhos, que acabavam de voltar de uma viagem a Portugal e à França. A caminho do Brasil pararam em Southampton, mas não desembarcaram. Disse-lhes que cometeram um grande erro em não visitar pelo menos Londres. O filho mais velho é muito agradável, falante e inteligente; mora em Juiz de Fora, algumas horas de trem depois de Barbacena. O mais jovem, que é surdo-mudo, veio à noite retribuir minha visita, e, embora eu consiga comunicar-me com brasileiros capazes de manter uma conversação, achei difícil falar português com um mudo. Contudo, ele estava muito animado e amável, explicou-me o alfabeto dos surdos-mudos, com uma das mãos apenas, e perguntou por minha saúde. Então, por escrito, falamos de Paris e Lisboa, e finalmente mostrei-lhe alguns números da *Graphics*, dos quais gostou.

Um de nossos homens partiu daqui hoje (primeiro de fevereiro) para a Inglaterra. Era o chefe da terceira seção e sofreu muito com febres às margens do rio Pará. Logo que chegamos, apareceu aqui muito doente e sem apetite. Dei-lhe da tintura de Warburg[89] e o resultado foi maravilhoso; voltou o apetite, e quando partiu era outro homem.

---

89 . N.A. A tintura de Warburg é certamente um remédio maravilhoso. Nunca falhou. Uma vez meio vidro foi suficiente para curar uma crise séria de disenteria. Este, com quinino e as pílulas de *Cockle*, foi o único remédio que administrei. Quando ficaram sabendo disso, comecei a ser continuamente solicitado a fornecer os remédios e tive o prazer de descobrir que não estavam estragados, mesmo a caixa tendo ficado aberta algum tempo, e, no acampamento, exposta à umidade penetrante, que amoleceu bastante as pílulas.

N.E. Um xarope fitoterápico a base de quinina. – A pílula de *Cockle* é um remédio para doenças de bile e fígado.

Ontem chegou o engenheiro assistente da quarta seção, pronto a voltar para a Inglaterra, incapacitado por problemas de saúde. Teve dois graves ataques de febre[90] e esteve quatro dias atacado de delírio em Pitangui. Agora está sofrendo muito com os bernes, tendo extraído sete ontem e dois hoje. As feridas estavam seriamente inflamadas e a viagem a cavalo, de cem milhas até este lugar, agravou, evidentemente, o mal. Ele e o companheiro, chefe da seção, também foram atacados por muitos *jiggers* ("bichos-de-pé", como são chamados aqui), tendo dois ou três em cada unha do pé. Hospedaram-se frequentemente em casebres e choupanas, onde sempre se encontram esses insetos. Até agora, escapei deles.

Findo o trabalho diário, depois do jantar e ao pôr do sol, assentamos do lado de fora, numa plataforma elevada, da qual saem quatro degraus de cada lado para a rua e de onde observamos o que está acontecendo, e apreciamos o céu claro, e o ar embalsamado. Há um extraordinário silêncio; algumas vezes passam pessoas de várias cores, mas, estando todas descalças, ou, às vezes, de chinelos, têm um andar silencioso. Durante o dia passam cavalos, mulas, viajantes, carros de boi; mas à noite tudo é quieto, e as luzes se apagam às 8:30. Às sete da manhã, todas as lojas estão abertas e o tráfego é intenso. Mesmo às seis da manhã já há meninos vendendo pão e leite, mulheres carregando água e todo mundo parece estar em atividade.

Como mudança e provisoriamente, a vida aqui não é desagradável, com um calor delicioso. Creio já ter contado que não há lareira ou fogão em nenhum dos cômodos. Nossa grelha da cozinha não passa de três pedras no meio do chão que mantêm a lenha no lugar; a fumaça sai pela porta ou pelos interstícios das telhas; enquanto nossa bruxa velha, a cozinheira preta, que tem dois dentes protuberantes na frente, assenta-se no chão para preparar a comida, afastando-se de vez em quando para sua roca ou indo à casa dos fundos para cuidar de um corante azul que está preparando, mergulhando-o na água para tingir o algodão, com o qual tece cobre-leitos na roca de mão.[91] Seus dois filhos caçulas brincam no jardim, o mais velho saindo ocasionalmente para levar recados. A velha, embora "feia como o pecado", é muito útil – torra e mói o café, traz água, cozinha e faz tudo de que precisamos, pelo que lhe pagamos dez mil-réis por mês.

Pela primeira vez este ano, no domingo passado, fui à missa. A igreja é um prédio bem construído, com um interior imponente, embora espalhafatoso, e tem três altares. Há tam-

90. N.E. Provavelmente era malária.

91. N.A. "O anil cresce aqui por toda parte, em estado selvagem, dando aquele belo brilho arroxeado que rivaliza com os produtos do Hindustão". Capitão Burton.

bém uma capela, com uma boa fachada, mas com o interior bem menos enfeitado. A cerimônia foi piedosa, mas não gostei de um fato relacionado com os hinos. Iniciaram-se dois ou três, com intervalos, algumas vezes cantados pelos homens, outras, pelas mulheres, e muito bem cantados, afinados, sem acompanhamento; mas os cânticos incomodavam, primeiro, porque se dirigiam geralmente à Virgem, e, segundo, desviavam a atenção do culto principal, abafando a voz do padre. A não ser pelas genuflexões e o soar da campainha, era difícil distinguir qual parte da liturgia estava acontecendo. Não houve sermão. Como anseio pelo mesmo serviço em nossa igreja, onde pelo menos se fica silencioso, sem interromper os próprios pensamentos!

5 de fevereiro – Houve várias mudanças ultimamente. Sr. Large, chefe da segunda seção, que morava com dois outros membros da equipe, numa casa na outra extremidade da cidade, veio morar no hotel em frente. Meu bom companheiro Roberts vai partir em breve, mas pretendo continuar sozinho nesta casa, pois é grande e arejada; além do mais, privacidade e sossego são algo muito importante a considerar. Na casinha em frente, chamada de hotel, não há privacidade. Sendo sede do Correio, os carteiros chegam à noite, em dias alternados, partindo no dia seguinte pela manhã, entre sete e oito horas. Quando chega a correspondência, a vila inteira começa a entrar e a sair do hotel, onde os três únicos quartos dão para o espaço principal – seja qual for o nome dele, correio, entrada ou sala de recepção.

O funcionamento postal é o mais simples e o menos satisfatório. Os sacos com a correspondência chegam em lombo de mula; são trazidos para a sala e abertos no chão de terra, no meio de uma multidão que aparece ansiosa por cartas etc. O chefe do Correio tem uma mesa onde se coloca uma vela, algumas vezes num castiçal, mais frequentemente apoiada em algum outro suporte; as cartas e jornais são distribuídos em diversos montes para as principais pessoas da cidade; o resto, para as pessoas sem importância, é colocado numa trouxa, separando-se o que tiver de ser mandado para lugares diferentes. Então todo mundo pega seu próprio pacote. Como se pode imaginar, algumas vezes há confusão.[92]

Comprei hoje um vidro de seis *pence* de Pink's Oxford e molho Cambridge por 1.280 réis, que equivale a dois xelins e um e meio *pence*! Queria o molho Worcester,[93] mas não consegui encontrar. Precisa-se realmente de um molho para disfarçar a deficiência da culinária.

92. N.A. Devido a nossas reclamações, e depois que escrevemos à chefia do Correio no Rio de Janeiro, houve uma ligeira melhora, e, pelo menos, as cartas vieram carimbadas, mostrando a data da chegada, procedimento que, antes de nosso protesto, não era observado.

93. N.E. Também conhecido como "molho inglês".

Nossa cozinheira sempre vai para casa logo depois do jantar. Hoje, ela e os filhos saíram, estendendo as mãos, como de costume, pedindo nossa benção, enquanto ouvimos a deliciosa música de *Semiramide*, seguida de Écoutez-*moi* e outras peças escolhidas, tocadas ao piano pela gentil e talentosa jovem do outro lado da rua.

O dia da Purificação (*Candlemas Day*, 2 de fevereiro) foi uma grande festa aqui. A cidade se encheu de multidões alegres e os sinos das igrejas não deixaram de tocar o dia inteiro. À noite, houve um grande baile, a que compareceram alguns membros da equipe. Foi até à meia-noite.

Nosso escritório está na casa do chefe, a cinco minutos de caminhada. Tem um jardim grande, onde há muitos pés de damasco vergando, agora, sob o peso das frutas; mas, como de costume, as árvores estão em estado praticamente selvagem, não sendo jamais tratadas e mal se conseguindo apanhar um damasco que não tenha pelo menos um verme ou larva. Esta é apenas uma das demonstrações, entre dúzias de outras, da indolência da população local.

Domingo à tarde (9 de fevereiro), fui ver João Batista e descobri que o engenheiro fiscal da província, Dr. Américo Brandão, tinha chegado de Ouro Preto. Fui apresentado a ele e mantivemos uma longa conversa sobre a ferrovia. No dia seguinte, inspecionou todo o trabalho que fizemos e, na terça-feira, acompanhado pelo Dr. Rebouças e pelo promotor público, voltou e examinou os projetos. Eles se mostraram satisfeitos com a rota escolhida e também com todos os outros detalhes.

14 de fevereiro – Já lhe disse que conseguimos comprar carne de açougue aqui. A carne de boi é chamada "carne de vaca", isto é, *cow's flesh*. Nunca matam bezerros ou mesmo vacas até que estejam muito extenuados, por isso a carne não é das melhores, estando sempre cheia de músculos, mas, ainda assim, é carne; custa três *pence* a libra. A carne de cabrito é excelente. Um cabrito custa de mil a mil-réis e meio, equivalente à de carneiro. Um dia desses comemos meio cabrito, que durou dois dias para mim e Roberts, isto é, quatro refeições. Foi assado para nós na casa do chefe e, com o molho de hortelã e batatas novas, estava delicioso. Também saboreamos, por gentileza do chefe, o quarto dianteiro de um leitão, assado com recheio de salva e cebolas, que estava soberbo.

A carne é assada em fornos locais, de forma semicircular, feitos de blocos tirados de imensos cupins, que são duros como pedras. A população transforma frequentemente seus próprios cupinzeiros em fornos.

Por falar em comida, devo mencionar que nosso "*chutar hasri*", (desjejum matutino em Hindustani) consiste de bananas, pêssegos, damascos ou abacaxis (que custam dois ou três *pence* cada) com café, leite e pão. Depois de trabalhar até as onze, tomamos um desjejum de carne, com vinho.

18 de fevereiro – Hoje de manhã, cedo, meu colega e companheiro, Sr. Roberts, partiu para a Inglaterra, de modo que agora estou sozinho. Receio que, sem ele, eu estivesse em situação deplorável, forçado, talvez, a engrossar a lista dos doentes, pois, devido ao trabalho urgente e à responsabilidade, eu vinha desconsiderando totalmente meu bem-estar pessoal, esquecido de que é preciso cuidar de muitas coisas cansativas para conservar a saúde. Não é grande elogio ou retribuição para Roberts dizer que foi agradável ter um companheiro inglês; pois, além da forma cortês como estava sempre pronto a acolher minhas ideias sobre o trabalho, sua longa experiência foi inestimável na difícil tarefa de orientar os trabalhadores, embora, tendo estado há mais tempo no país, e, portanto, falando a língua melhor, eu geralmente fosse o porta-voz. Os quatro meses e meio durante os quais trabalhamos juntos serão uma parte agradável de minhas lembranças da temporada brasileira.

Ainda não descrevi Brumado, de modo que preciso agora dizer uma palavra a respeito. A cidade está no alto de um morro, dominando um amplo vale, que se projeta para o norte em direção ao rio Paraopeba. Um olhar de relance ao mapa revela sua posição majestosa, perto da cabeceira do Pará e do Paraopeba. A cidade está a uns três mil pés acima do nível do mar e todas as casas principais estão numa única rua traçada na direção norte-sul. Na extremidade sul, situam-se a capela, a casa da guarda, a prisão, a escola pública, além de casas e casebres particulares. Logo abaixo da minha casa está a primeira loja, administrada por Joscelino Pacheco de Souza, cunhado de João Batista, onde compro meus mantimentos, velas etc.; depois vem o hotel. Uma pequena capela ou oratório, sempre fechado, separa o hotel da casa de Joaquim Ribeiro, em frente da qual, junto à minha, reside a irmã do Padre Pinto com a família. O marido dela é coletor de impostos rurais. Vizinho a Joaquim Ribeiro, mora Francisco, o homem do olho de vidro, irmão de João Batista. Passando outra grande loja, onde mora o Sr. Espiridião Ribeiro de Oliveira, e uma casa nova em construção, chegamos ao "Juiz de Direito" (*the judge*), Dr. Amador; em frente a ele, mora o advogado Randolpho Fabrino. Chegamos então à igreja, situada no terreno mais alto, sendo que a rua que começa na minha casa sobe até lá. Do cemitério, cercado por um muro baixo, como de costume, tem-se uma vista magnífica do vale, estendendo-se sobre milhas, com a Serra de Ouro Branco à distância. A casa de João Batista, de dois andares, é das melhores da vila, fica em frente à igreja; no outro lado da rua, que, perto da igreja, alcança a largura de umas cem jardas, onde mora

João, irmão de Joaquim Ribeiro. Mais adiante, mora o promotor público. Além desse ponto, a rua vai se abaixando e ficando gradativamente mais estreita; todas as casas (com exceção da pregada à de João Ribeiro, onde mora um simpático senhor idoso, Comendador José Joaquim d'Oliveira Pena) são insignificantes, de um andar apenas, a maioria simples casebres. Nosso chefe reside em uma grande e espaçosa casa mais adiante. Na extremidade norte da cidade, perto do cemitério, há quatro ou cinco belas casas, atualmente desocupadas. Quando cheguei aqui pela primeira vez, em julho do ano passado, estavam em muito mau estado, mas João Batista as está consertando agora, pretendendo transformar uma delas num Grande Hotel, quando se inaugurar a ferrovia.

Depois de passar essas últimas casas, a estrada desce rapidamente para uma terra vermelha inaproveitável até o rio Brumado, em cujas margens estará nossa estação, a cerca de meia milha da cidade. O Dr. Rebouças estava me contando outro dia sobre seus preparativos para o tráfego de passageiros na linha, os quais são os seguintes:

O trem expresso, que para em todas as estações, sai do Rio de Janeiro às cinco da manhã e deve chegar à estação de Paraopeba antes das 6 da tarde (esse nome mudou agora para Cristiano Otoni). Os passageiros com destino a Pitangui deixarão então a bitola larga (de metro e meio)[94] da linha-tronco do governo e, pegando no trem de bitola estreita (de um metro), seguirão até aqui, chegando às 7:30 da noite. Cristiano Otoni está no meio de uma terra desabitada, no meio de florestas, lugar não muito agradável para se parar. A viagem para Pitangui será retomada na manhã seguinte. Tal é a proposta. Quando será executada?[95]

Em minha breve descrição de Brumado só mencionei a rua principal, onde muitas casas têm dois andares. A rua está no alto de um morro com declives de ambos os lados, formando bonitos vales laterais, densamente pontilhados pelas cabanas da população mais pobre, de todas as cores. Boa parte da terra está sendo cultivada e há uma rede de atalhos e becos entre as bananeiras viçosas e outras plantas. É uma parte da cidade muito mais interessante e pitoresca do que a rua principal; em certo lugar há um excelente campo para a caça de borboletas, especialmente *Ithomia, Heliconius, Anartia, Heterochroa, Colœnis,* que são as mais abundantes, embora existam várias outras. Nem preciso dizer que volto do escritório, muitas vezes, por esses caminhos laterais.

3 de março – Temos trabalhado quase tão duramente como no decorrer das sessões

94. N.E. A bitola da E.F. Dom Pedro II (depois E.F. Central do Brasil) era de 1,60 m.

95. N.E. Ver a respeito o estudo crítico *A Minas Central Railway of Brazil – uma aventura anglo-brasileira* que consta desta edição.

do Parlamento na Inglaterra (embora, nunca, depois do pôr do sol, o que é mais do que suficiente para os trópicos quando se trabalha sob pressão) para completar e despachar todo o trabalho da primeira seção até primeiro de março. O trabalho incluiu a planta e a seção, estimativas e quantidades, desenhos da estrada permanente, tipos de pontes, aquedutos, tabelas das curvas e retas, gradientes e nivelamentos etc. E tudo em duplicata. Tínhamos acabado de encerrar o trabalho na noite de 29 de fevereiro, quando chegou uma carta, por mensageiro especial, do engenheiro fiscal em Ouro Preto, exigindo informações adicionais, o que significava mais um dia de trabalho. Mas, finalmente, mandamos tudo para o presidente da província em 2 de março.

10 de março – Hoje à noite houve um curioso e extraordinário fenômeno atmosférico – um arco-íris lunar, o primeiro que jamais vi. Era muito brilhante, um semicírculo completo, contra o fundo de um montão de nuvens negras como tinta, iluminadas por relâmpagos a cada momento.

Ontem, sendo domingo, fui convidado a tomar o desjejum com o senhor Joaquim Ribeiro, para ser apresentado ao Padre Francisco de Olhos d'Água, às onze horas. Ele recebera uma carta de um parente que é funcionário do governo em Ouro Preto, informando que o presidente da província estava inclinado a rejeitar meus projetos para a primeira seção, preferindo um traçado pelo vale do Paraopeba. Evidentemente, isso é resultado da influência da Companhia Ferroviária de São João del-Rei,[96] a que me refiro em outro lugar. Diante disso, fui ao escritório, debaixo de uma chuva que caía a cântaros e voltei de lá com o mapa. Também mostrei a carta de concessão e citei os relatórios oficiais do governo sobre o assunto. Depois de uma longa discussão, convenci meus ouvintes – pois, nessa altura, vários outros haviam aparecido – de que a rota que eu selecionara, além de inteiramente de acordo com a concessão, não era somente a mais curta para a Corte (Rio de Janeiro), o que é importante, tendo em vista o tráfego direto e as extensões depois de Pitangui, além das autorizadas para Santo Antônio dos Patos;[97] era também a melhor e a única que poderia convenientemente passar por esta cidade, a mais importante da redondeza.

Fui então a João Batista e ele me obrigou a jantar *en famille* às três horas, para o que eu mal estava preparado, depois do substancial desjejum tomado pouco antes. Falei da dificuldade que surgira e recapitulei a justificativa de minha rota, com a qual ele concordou totalmente, de-

96. N.E. Trata-se da Estrada de Ferro Oeste de Minas (EFOM), cujo trecho de Sítio (hoje Antônio Carlos) a São João del-Rei foi concluído em agosto de 1881, portanto já estava em funcionamento à época dos trabalhos de campo do autor.

97. N.E. Hoje Patos de Minas, MG.

clarando que não duvidava que o Presidente tivesse sido influenciado pela oposição da companhia a que me referi. O Sr. João Batista tem um grande interesse pessoal no rumo da ferrovia, pois, seguindo a rota proposta por mim, ela, deixando esta cidade, passará ao longo de umas três milhas ou mais por um vale que é de sua propriedade e está todo cultivado; mas, com verdadeiro espírito de sacrifício, está de acordo que sua terra seja desapropriada, se necessário, em benefício do bem público. Ao deixá-lo fui ao escritório e relatei minhas entrevistas ao chefe.

Depois do início da Quaresma, duas ou três pessoas comungaram todos os domingos na missa das dez. É a primeira vez que vejo pessoas receberem a comunhão no Brasil; mas os membros da igreja católica são menos cuidadosos nesse aspecto do que os devotos de nossa Igreja. Será por causa da confissão obrigatória, preliminar? Antes da Quarta-feira de Cinzas o padre anunciou que, durante a Quaresma, só se pode comer carne uma vez por dia e duas ou três vezes aos domingos, se necessário.

20 de março – Ocasionalmente, estrangeiros errantes passam por esta cidade. Há um mês dois bandidos com cara de assassinos se hospedaram por uma noite no hotel, num quarto do lado de fora. Foram acolhidos gratuitamente pela proprietária, pois disseram que eram vendedores de "quadros santos" e eram muito pobres. Mais tarde, entretanto, foram surpreendidos contando maços de notas bancárias. Dois dias depois foram embora; mas, enquanto permaneciam assentados à porta de seu quarto, observavam-me fora da minha casa, sabendo que estava sozinho, de modo que achei de bom aviso limpar ostensivamente meu grande revólver niquelado – o modelo oficial do exército – carregando-o bem à vista deles. Hoje, dois bonitos meninos italianos vaguearam pela cidade com um violino e uma harpa, tocando e cantando. Acredito que tiveram um bom ganho; mas o pai, que ficava nos bastidores, recebeu o dinheiro.

As goiabas estão abundantes agora; começaram a amadurecer há dez dias. Achei uma ou duas maduras perto do rio há uma semana e, estando com muita sede, depois de uma tarde de sábado caçando lepidópteros, comi-as. Cruas, estão longe de ser agradáveis ao paladar e têm um cheiro particularmente desagradável; o sabor delicado e delicioso só aparece depois de cozidas, e são ainda mais suculentas quando a fruta fresca é simplesmente descascada, picada, fervida com um pouco de açúcar e transformada em geleia ou doce. O último chama-se goiabada e é excelente, sendo feito, aqui, muito frequentemente.[98]

98 . N.A. Ao deixar o Rio de Janeiro, de partida para a Europa, comprei grande quantidade do doce, que foi muito apreciado na Inglaterra.

Esta semana começaram a capinar a rua e consertá-la, preparando-a para as multidões de visitantes que vêm para a Semana Santa.

Só hoje pude mandar fazer os pastéis com a carne moída que você mandou na caixa que chegou dia 10 de janeiro. Estava perfeitamente conservada e todos a apreciaram muito, embora um tanto fora de época.

23 de março – Hoje, Aleixo, nosso ex-cozinheiro, veio visitar-me e pediu que o hospedasse, com a esposa e um ou dois cunhados, para a "festa" que vai começar. Não gostei nada da ideia, mas fui obrigado a concordar da melhor forma que pude. À tarde jantei com João Batista, como faço frequentemente. O pároco, Padre Antônio, estava lá e fez a oração de agradecimento ao fim do jantar, depois do que um escravo trouxe uma bacia, derramando água morna sobre nossas mãos. Após essa cerimônia, é costume passar à sala de visitas, que é muito grande e alta, com uma vista magnífica, para dois lados. A única mobília da sala consiste em duas mesinhas e dois bancos, com várias cadeiras austríacas de madeira.[99] Na parede há algumas fotografias, um retrato de Pio IX, e duas pequenas litografias inglesas coloridas, que há muito tempo conheço e aprecio; uma representando uma criança sorridente, de cabelos claros e olhos azuis, brincando com uma grinalda de margaridas; e outra, uma menina adormecida.

Ao pôr do sol houve um bonito enterro de criança. À frente ia um homem carregando uma cruz, com outro levando uma vela acesa de cada lado; depois vinha o padre, com uma capa dourada e branca; depois o caixão, coberto com um pano rosa e renda prateada, carregado por seis meninos, enquanto dos dois lados havia quatro meninas (*anjinhos*) vestidas de branco, usando véus e levando velas. A banda da vila encerrava a procissão.

Quase todo mundo na vila está sofrendo de tosse e resfriados, que aqui chamam de bronquite-asmática. Nós todos mais ou menos a tivemos, enquanto Sr. Large teve uma bronquite realmente grave.

30 de março – Hoje, pelo fato de ser Domingo da Paixão, houve uma cerimônia especial. Todas as imagens foram retiradas; o vistoso altar-mor, com todos os seus ornamentos, ficou escondido por uma cortina cor de malva; o crucifixo também foi coberto e as cortinas do tabernáculo de seda cor de malva. Apenas seis velas foram acesas durante a missa, em vez das vinte ou trinta habituais, e nenhum ornamento. Só uma pessoa comungou.

99 . N.E. As chamadas cadeiras Thonet de madeira de faia encurvada, fabricadas desde os anos 1830 na Áustria.

Dois escravos passaram o dia inteiro rebocando o exterior da casa de Joaquim Ribeiro, sem parar sequer para ir à Missa; entretanto, acharam horrível que nós tivéssemos trabalhado no escritório no dia da Anunciação de Nossa Senhora!

31 de março – Esta noite chegaram notícias da aprovação dos projetos da primeira seção pelo presidente da província e houve grande regozijo. Uma multidão, precedida pela banda, percorreu a cidade e desceu até o escritório, onde foi feito um discurso em homenagem ao nosso chefe. Eu estava na loja de Joaquim Ribeiro quando a multidão chegou lá e em um dos discursos propôs-se um brinde à minha saúde. Joaquim respondeu e abriu as portas da loja a qualquer pessoa que quisesse entrar e tomar uma bebida, e eu recebi muitas felicitações. Padre Pinto, que estava passando uns tempos com sua irmã, enviou-me um recado especial para ir vê-lo para falarmos sobre a questão de a ferrovia atravessar suas terras; mas só no dia seguinte pude ir.

6 de abril, Domingo de Ramos – Fiquei decepcionado de que aqui, no país das palmeiras, não se tomasse conhecimento do dia de hoje, assinalando-o com ritos especiais; a única diferença verificada foi que os paramentos vermelhos substituíram os verdes e amarelos que vinham sendo usados durante a Quaresma e o ritual foi aquele arremedo de Missa Cantada observado aqui, isto é, uma série de músicos voluntários tocando de forma perturbadora o harmônio durante toda a missa, impossibilitando a compreensão de uma única palavra. Você sabe como é longo o Evangelho do Domingo de Ramos e pode imaginar o quanto deve ser edificante para as pessoas quando lido pelo padre em latim, em voz baixa, virado para o altar, com o órgão tocando alto! A única pista que tive sobre a extensão do texto lido foi quando o padre parou de ler um minuto e se prostrou diante do altar, com as palavras *Iterum clamans voce magna, emisit spiritum*.[100] Certamente, uma das primeiras reformas que a Igreja Romana deveria fazer é a introdução do vernáculo na missa ou pelo menos na parte das escrituras.

Durante esta semana terá cinco procissões na cidade. Terça- feira: a de "Nosso Senhor do Depósito" (*the Way of the Cross*); quarta- feira: a do "O Encontro" (*the Meeting*); quinta- feira: a de "Nossa Senhora dos Dores" (*Our Lady of Sorrows*); Sexta- Feira Santa: a do "O Enterro" (*the Burial*); e Sábado de Aleluia, a do "O Triunfo" (*the Triumph*).

8 de abril. – Esta noite teve a primeira procissão que iniciou às sete da noite. Era a de "*The Way of the Cross*". Os sinos da igreja começaram a tocar às cinco da tarde e continuaram com intervalos até que tudo tinha terminado. A cerimônia começou com corais e algumas músicas tocadas pela banda na capela localizada no extremo sul da cidade: o padre com uma sobrepeliz púrpura balançando um turíbulo com incenso, do qual saíram nuvens de fumaça, em frente de uma figura em tamanho natural de Nosso Senhor ajoelhado sob o peso da Sua cruz, com um manto preto cobrindo-lhe da cabeça aos pés e amarrado na cintura com uma corda branca. Um crucifixo com as ferramentas da paixão era carregado à frente da procissão e seguido por um grande número de homens andando em duas filas indianas, cada um carregando uma vela acesa. No meio da procissão vinha a imagem de Cristo – agora velado de roxo, de modo que só se via parte da cruz – carregada por quatro homens, precedido de um turiferário balançando o turíbulo; vinha a seguir o Padre Antônio usando manto roxo, com dois outros padres de sotaina, sobrepeliz e barrete. Quando chegaram à igreja, todas as velas foram apagadas, um véu de gaze pendurado à frente do presbitério foi rasgado e a imagem de Cristo foi colocada em uma plataforma em frente ao altar; o coro etc. foi repetido como na capela e, no fim da missa, a maior parte dos participantes avançou ansiosamente, com o objetivo de ajoelhar e beijar a extremidade de uma das cordas.

Foi, com certeza, uma cerimônia impressionante. A noite estando escura, a luz de centenas de lampiões, pendurados do lado de fora de todas as janelas, além das velas tremulando na procissão, tornavam a cena pitoresca, enquanto uma pesada tempestade logo antes e contínuos relâmpagos durante a cerimônia, aumentavam sua solenidade. Tudo foi conduzido com grande reverência e decoro durante todo o tempo, embora houvesse multidões na rua, a maior parte dela se manteve ajoelhada no chão úmido, enquanto passava a procissão.

9 de abril – Desde o domingo passado vem chegando gente de toda a redondeza, cada dia em maior número e toda a cidade está agora apinhada. Passaram hoje em frente ao escritório dois veículos estranhíssimos, o único tipo de transporte, exceto os carros de boi, carneiros, ou cabritos, que vi desde minha saída do Rio – há oito meses e meio. Imagine o corpo de uma carruagem, sem a boleia, molas ou rodas, com dois barrotes fixados ao lado das portas, carregado por duas mulas, uma à frente e outra atrás! Dentro iam as mulheres e filhos de alguns dos fazendeiros mais aristocráticos; mas os veículos pareciam escurecidos pelo tempo e pelo uso das gerações passadas.

Espalhados ao longo da rua principal havia seis oratórios pequenos, com capacidade para meia dúzia de pessoas. Todos foram limpos e enfeitados para esta semana e a entrada decorada com uma imensa folha de palmeira de cada lado. Cada capela tem um pequeno altar, com seis velas, e uma pintura de maior ou menor mérito artístico.

100 . N.A. "Depois de clamar novamente em voz alta, entregou o espírito".

Imagine minha surpresa ao voltar do escritório e ser recebido na entrada por um anjinho – o caçula da minha cozinheira. Eu nunca o vira de outra forma senão como um menino sujo, cujo único traje era uma camisa esfarrapada; mas agora estava limpo e ataviado, sem levar em conta a despesa. Na cabeça tinha uma coroa de rosas vermelhas e folhas artificiais, atadas atrás com duas largas fitas azuis que lhe chegavam aos pés; uma túnica de musselina branca, decorada com renda de ouropel dourado e rosas vermelhas; duas asas com penas roxas e brancas, calças brancas compridas, trabalhadas e com babados; meias brancas e um belo par de botas brancas. Que mudança! A princípio não o reconheci. Ia tomar parte, como anjinho, ou "*little angel*", na Procissão do Encontro, ou "*Meeting*", isto é, encontro de Nosso Senhor com Sua Mãe.

Pelas cinco e meia, rios de gente caminhavam para a igreja, incluindo muitas meninas vestidas de branco, com longos véus de tule e coroas de rosas brancas e folhas artificiais, todas carregando lenços brancos. A primeira procissão foi igual à que descrevi ontem à noite, a qual, deixando a igreja, subia a vila pelas capelas até o Calvário, ou a grande cruz, no extremo norte da cidade. Foi precedida por um homem usando uma grande capa negra, com uma barba preta postiça até a cintura, chapéu de copa alta, como a de um bobo da corte. Passou produzindo horríveis sons desafinados com uma corneta, e, pretensamente, representava Judas! Entrementes, tudo estava sendo preparado na igreja para a segunda procissão – a de Nossa Senhora dos Passos. Essa era composta de vários homens levando velas que, com um bando de sessenta meninas e meu menino, foram da igreja principal até a de Santo Antônio, levando para lá a imagem de Nossa Senhora. Quase todas as meninas estavam de branco, mas algumas usavam vestidos estranhíssimos de várias cores, de brocado dourado ou prateado, com asas de cisnes, verdadeiras, nas costas. Duas eram as filhinhas de Joaquim Ribeiro. As duas procissões se encontraram – vindas de lados diferentes da cidade – bem em frente à igreja, quando foi pregado um sermão ao ar livre do alto de um púlpito que havia sido erigido para esta finalidade. O pregador foi muito eloquente e, o sermão, comovente. Cantaram uma litania, com todo mundo ajoelhado; após isso, as duas procissões se juntaram, formando uma única e desceram pela vila, parando em uma capela, e depois voltaram à igreja na seguinte ordem: um turiferário balançando um turíbulo, de onde saíam nuvens de incenso; depois a imagem de Cristo, seguida pela Virgem, usando um vestido de seda roxa e uma capa azul, ambos de damasco; a seguir vinham as sessenta meninas; depois a hóstia, levada por um padre, debaixo de um dossel carregado por seis homens. A procissão era muito comprida, com uma fileira de cerca de trezentos homens de cada lado da rua, todos com velas acesas. Atrás deles vinha um enorme destacamento de mulheres e crianças.

Voltando à igreja, a hóstia recebeu incenso e foi recolocada no tabernáculo; as sessenta meninas assentaram-se nos degraus do altar, recebendo cada uma um pacote de doces. A igreja estava cheia – mulheres na nave, homens no presbitério – e aí Padre Antônio, galgando o púlpito por uma escada do lado de fora, pregou outro sermão. Esbravejava e falava com tal ardor que mal pude entender uma palavra do que dizia, mas o sermão terminou com uma cena que, visivelmente, comoveu muito a multidão. Falando sobre as cenas do julgamento de Cristo, o pregador perguntou: "Isso foi o princípio. Qual foi o fim?" e, enquanto apontava com o dedo para o altar, abriu-se uma cortina roxa, revelando uma cruz com a imagem de Nosso Senhor em tamanho natural, com a Virgem ao pé da cruz. Acho que esse tipo de apelo aos sentidos pode atuar sobre as mentes de pessoas incultas, da mesma forma que desenhos podem ser úteis para transmitir ideias às crianças, mais vividamente do que por meio de descrições verbais; mas, claro, há muito de censurável nessas procissões e atividades, de acordo com nossas ideias mais esclarecidas. A cerimônia se encerrou com outra litania.

10 de abril – Hoje à noite foi a procissão de Nossa Senhora das Dores, composta das sessenta meninas, a Virgem carregada por quatro homens, a hóstia e uma banda, seguida pelas multidões habituais. Depois de percorrerem a cidade toda, houve um sermão na igreja, e, às 10:30, a imagem da Virgem, que havia permanecido três horas na igreja, foi escoltada em procissão até a capela de Santo Antônio.

O pessoal da cidade fica muito perturbado pelo fato de trabalharmos na Semana Santa todos os dias, exceto Sexta-feira da Paixão; mas, embora lamente muito parecer fazer qualquer coisa que os ofenda, não consigo ver a diferença entre nós trabalharmos no escritório, e eles manterem as lojas abertas o dia inteiro. Contudo, *nolens volens*,[101] a vida continua.

Nos últimos dois dias tenho vivido com a espada de Dâmocles sobre a cabeça, esperando, quando voltar à noite, encontrar em casa, instalados, meus hóspedes que se auto convidaram. Guardei provisões para eles – arroz, *beans* (*feijões*), ovos e *salt cod* (*bacalhau*). Relutantemente, dei permissão para três dos quatro homens dormirem em um quarto – o quarto de vestir de Roberts – mas disse que não tinha acomodação para as senhoras. Nesta cidade de gente faladeira, já se tinha espalhado que "o doutor ia ficar com a casa cheia, e várias moças!" Ando, portanto, num estado de febril preocupação, que hoje a noite se transformou em certeza. Voltando do escritório, vi três mulheres e um rapaz assentados à porta, e, ao entrar, descobri que cinco mulheres e esse rapaz já estavam instalados, e me disseram que outros ainda iam chegar. Três das senhoras eram irmãs da esposa de Aleixo, as quais, como já mencionei, foram as que nos entretiveram na Casa

101 . N.E. Bom grado, mau grado.

Grande com música e canto; as outras duas eram moças que eu conhecia de vista, da mesma vila – uma delas bem bonita. Entregaram-me uma carta de Aleixo dizendo que ele e a esposa lamentavam muito não poder vir, mas que suas cunhadas, cunhado e alguns "compadres",[102] isto é, *relations*, aceitariam minha hospitalidade. Logo depois chegaram os outros, somando meus hóspedes em dez ao todo – três homens, cinco mulheres e dois escravos. Oh! Não foi maravilhoso? As cinco mulheres tomaram posse do quartinho de vestir de Roberts, os dois escravos ficaram na despensa do meu grande aposento, e os três homens dormiram no cômodo principal. Trouxeram grande quantidade de esteiras e roupas de cama, e doze cavalos e mulas. Felizmente, providenciaram pasto para os animais de modo que não tive trabalho com isso. Todas as selas e arreios de cavalos ficaram guardados na despensa onde dormiram os dois escravos – com minha adega, entretanto, cheia apenas de garrafas vazias.

Além do estoque de mantimentos que mencionei ter armazenado, também juntei duas garrafas de cachaça, que foram mais tarde esvaziadas por minhas hóspedes, as damas, antes de eu ter tido o prazer de conhecê-las.

11 de abril, Sexta-feira da Paixão – Eu havia combinado com minha cozinheira que as visitas prepararia sua própria comida, de modo que, pelo menos, ela não tivesse trabalho extra; e mostrei a eles uma cozinha externa, onde havia um forno à sua disposição; mas, embora preparassem a própria comida, preferiram usar o meu, combinando tudo com minha velha feiticeira, com a qual passaram imediatamente a conviver nos melhores termos possíveis. Eu havia combinado também que fariam as refeições onde bem entendessem, mas que eu faria as minhas em separado. Com isso não concordaram e disseram que hoje de manhã eu tinha de tomar o desjejum com eles, no que, evidentemente, fui obrigado a consentir. Comeram um refogado horrível, fedendo a alho, composto de bacalhau (*salt coldfish*), arroz e feijão. Você não tem ideia de como é nojenta a aparência desse feijão preto, antes de nos acostumarmos. Havia também "repolhos", ou *greens*, e farinha. Eu não tinha pensado em lhes fornecer vinho, mas, como estava com eles, não pude ficar com a garrafa só para mim. Felizmente, apenas cinco participaram do desjejum, de modo que

102. N.A. Preciso agora dizer uma palavra sobre o termo "compadre". No sentido estrito, é uma expressão religiosa, e refere-se ao parentesco espiritual que o padrinho e a madrinha adquirem com os pais de seu afilhado. É seu "afilhado" ou "afilhada", dependendo do sexo; são "padrinhos" da criança, e "compadre" e "comadre" de seus pais. Mas os dois últimos termos são empregados em sentido muito amplo a outros amigos que não os ligados por esse relacionamento espiritual. Por exemplo, a mulher algumas vezes chama o marido de "compadre", e *vice-versa*. Prezam-se muito, entretanto, os laços criados por esse parentesco espiritual – na verdade, tanto quanto os laços do casamento; e homem que aceita ser padrinho nestas paragens assume uma porção de deveres e um grau de responsabilidade desconhecido entre nós.

só tomamos uma garrafa de vinho tinto, que era a única que eu tinha em casa, e que apreciaram muito. Oh, como foi repugnante aquela refeição, especialmente quando a mente queria se deter na tragédia que então celebrávamos! – comendo com garfo, ou colher, ou com os dedos, cuspindo os espinhos etc., no chão; quando, finalmente, ao término da refeição, veio a gota final e todos foram à moringa de água a um canto do cômodo, pegaram meio copo, bochecharam e cuspiram tudo no chão de terra – em qualquer lugar, ali mesmo onde estivessem.

Às onze horas saíram todos e tive um agradável período de tranquilidade até às 2:30, quando começaram a voltar, em grupos de dois ou três, e jantamos juntos às 5:30.

Não houve missa hoje aqui, o que considero extraordinário, especialmente porque, agora, há quatro padres na cidade. Perguntei a Padre Antônio por que não celebrou a missa dos Pré-Santificados, e ele deu de ombros. À noite realizou-se a Procissão do Enterro (*Procession of the Burrial*). As características gerais foram semelhantes às que venho mencionando – homens com velas, e multidões de mulheres e crianças atrás. A cruz com os instrumentos da Paixão seguia na frente; em seguida vinham as sessenta meninas; depois o turiferário; a seguir, sob um dossel, um ataúde com uma imagem velada de Cristo, carregada por oito homens, em turnos de quatro, todos de branco, com capuzes brancos amarrados sob o queixo. Vinha depois a imagem da Virgem, carregada por oito senhoras, que se alternavam em grupos de quatro, todas de preto, com longos véus negros. A cada lado do ataúde vinha um padre, e um terceiro padre encerrava a procissão, que tinha cerca de meia milha de comprimento. Atravessou a vila inteira, e havia duas senhoras vestidas de Santa Verônica e Santa Maria Madalena. De vez em quando, Santa Verônica exibia um pano com uma representação da cabeça de Nosso Senhor e todo mundo caía de joelhos enquanto ela cantava um recitativo.

À noite tive uma conversa interessante com os homens, especialmente com o cunhado (*brother-in-law*) de Aleixo. Tinha-lhe dado antes um Evangelho de São João; e algum tempo depois – um domingo – ele andou duas léguas até meu acampamento, disse que eu lhe contara possuir um exemplar completo do Novo Testamento, e que ele gostaria muito de dar uma olhada. Naturalmente eu o emprestei; ele pegou o livro, e, acocorado do lado de fora de minha barraca, leu durante muito tempo. Hoje à noite dei-lhe um Novo Testamento, com o qual ficou muito satisfeito, e eu disse que o mandara buscar na Inglaterra especialmente para ele. Ele assentou ali mesmo e leu todo o São Lucas XXII e XXIII, alto, o que levou algum tempo, pois chamava continuamente a atenção dos amigos para certas passagens de seu especial interesse. Tivemos então uma longa conversa sobre esses assuntos, e eu lhe mostrei muitos trechos, todos lidos alto por ele, e interessou-se

muito pela Revelação de São João – livro do qual nunca ouvira falar. Naturalmente, sua mente era muito rude, e meu português teológico nada de especial; mas quando indiquei as passagens ele entendeu alguma coisa e declarou que estudaria o livro cuidadosamente.

Disse-lhe que, naturalmente, não entenderia tudo, que o próprio Papa não poderia fazê-lo; mas que, pelo menos, nos Evangelhos e nos Atos dos Apóstolos, aprenderia muita coisa que não conhecia sobre a história dos fundadores da fé católica; depois, passando de São João XIV a XVII, a última fala e prece de Nosso Senhor, disse-lhe que ali encontraríamos mais palavras autênticas de nosso Salvador do que tinha talvez ouvido toda a sua vida. Ele ficaria ali a noite inteira, mas achei melhor não instruí-lo demais e marquei algumas páginas para sua especial consideração.

Levou consigo cinco Evangelhos de São João para distribuir; de modo que talvez essa desagradabilíssima visita possa fazer algum bem, embora eu talvez nunca mais ouça falar disso neste mundo.

Assim foi a Sexta-feira da Paixão em Minas Gerais. No Rio de Janeiro o imperador comutou as sentenças de dezoito criminosos.

12 de abril, véspera da Páscoa – Hoje à tarde, saí à procura de insetos, mas o tempo estava tão frio e ventava tanto que nada consegui. À noite, foi a Procissão do Triunfo, mas como estava ocupado, jantando com nosso chefe, não a vi.

13 de abril, domingo da Páscoa – Hoje, às três da manhã, houve uma missa na igreja; todos os meus hóspedes compareceram, a igreja estava cheia e a cerimônia foi discreta, piedosa, e muito reconfortante. Só duas pessoas comungaram – o bom velho pai de João Batista, a quem sou muito afeiçoado, e outro homem. Às seis da manhã, houve uma procissão, encabeçada por uma bela imagem de Nosso Senhor, seguida pela hóstia, trazida por Padre Antônio, o pároco, usando um manto branco e dourado, sob um dossel. À frente da procissão ia um menino tocando um sino, e todo mundo na rua ajoelhava quando a hóstia passava. Meus hóspedes, depois de um breve sono, estavam todos de pé, preparando-se para partir. Eu tinha preparado meus bois e animais cevados para um farto desjejum; contudo, não quiseram esperar por isso e insistiram para que eu tomasse o desjejum com eles. Depois vieram todos os cavalos e mulas, e também muitos de seus amigos, homens e mulheres, que iam viajar na mesma direção, e tive de recebê-los todos e conversar com eles. Nunca se viu um grupo tão heterogêneo; mal se tinha lugar para ficar de pé, mesmo na minha sala grande. Finalmente, depois de muitos abraços e cumprimentos, agradecimentos etc., um grupo de uns trinta cavaleiros, acompanhados de escravos e mulas levando bagagem, partiu de minha mansão. Uma vez mais, às nove da manhã, estava sozinho e tranquilo.

Mas, de maneira geral, a experiência dos últimos dias, apesar de muito inconveniente, não deixou de incluir recordações agradáveis e acho que me lembrarei dela com prazer.

Para reforçar minha nota na página anterior, preciso dizer que todos os meus hóspedes se despediram afetuosamente de minha Hebe,[103] chamando-a de "comadre".

Passei o dia quase todo com o engenheiro-chefe da quarta seção, que chegou há dois dias, com o pulso esquerdo quebrado em um acidente e o braço direito inutilizável.

Todos os numerosos visitantes que vieram à cidade para a festa – e devem ter somado três mil – partiram na passagem do domingo da Páscoa para a segunda-feira, quando a cidade retomou sua aparência habitual.

17 de abril – Hoje à tarde, indo para casa, encontrei quatro negros carregando o corpo de um homem colocado num caixão raso, de apenas cerca de seis polegadas de profundidade. Vestido com um terno muito bom e um par de botas novas de verniz; o rosto estava coberto por um lenço. Os negros estavam rindo, como se estivessem indo a um piquenique.

Depois do jantar, o filho mais velho de Joscelino trouxe-me uma grande folha, de cujo lado inferior pendiam as mais lindas crisálidas que já vi. Eram do tamanho aproximado das larvas da borboleta branca (*Pieris brassicæ*), mas pareciam cobertas de lâminas de prata ou aço polido. Quatro dias depois, na manhã do dia 21, quando estava me vestindo, vi as crisálidas mudarem de cor, ficando manchadas de vermelho, amarelo e marrom. Uma hora mais tarde emergiram as borboletas, que se revelaram *Mechanitis polymnia*, abundantes aqui. Todo o brilho desapareceu então dos envoltórios das larvas, que ficaram transparentes e incolores.

Tivemos então outro incidente no Correio, devido ao fato de nosso chefe ter escrito para o Rio de Janeiro sobre certas irregularidades, com o que se enraiveceram as autoridades, que geralmente assumem a atitude de deixa-como-está-para-ver-como-fica. Algumas pessoas da cidade estão encantadas, pois há muito tempo vêm sofrendo com o descuido reinante; mas, sendo conservadores, enquanto os governantes são liberais, tinham medo de tomar providências, que seriam atribuídas a ressentimento político.

Disse-lhe há algum tempo que Padre Pinto desejava conversar comigo sobre a ferrovia, após nos ter tratado com pouca cortesia em minhas várias passagens por sua fazenda. É um

---

103. N.E. A cozinheira do autor.

pobre e infeliz aleijado, com o lado esquerdo paralisado, de forma que mal consegue arrastar-se, e a doença parece estar aos poucos passando para o outro lado. Está sempre sentindo dor, tem o rosto horrivelmente cadavérico, com olhos tristes, que nos encaram do fundo das órbitas cavernosas; não consegue ficar assentado quieto um momento, e torce e contorce o rosto, fazendo feiíssimas caretas, gemendo, e exclamando "Ai, minhas costas; ai, meu estômago, Santa Maria" etc. Tem a maior oposição contra a ferrovia, dizendo que irá destruir completamente sua *pig-breeding* (*criação de porcos*). Tentei argumentar com ele, mas não se deixou convencer e insistiu que a ferrovia deve ser mudada para o outro lado do vale, que é, diz ele, um lugar muito melhor. Na verdade, contudo, essa seria a rota *mais* inconveniente possível. Entretanto, disse que iria ver o que poderia ser feito para mudar um pouco a posição da linha. Também falei sobre o assunto com o engenheiro fiscal, que recentemente esteve aqui de novo. Domingo visitei Padre Pinto e disse-lhe que havia feito tudo que podia e que havia combinado com o engenheiro fiscal para ver quais mudanças poderiam ser feitas na construção, no caso de eu não estar aqui. O pobre padre ficou muito emocionado, chorou, e quando saí mandou dois sobrinhos com duas garrafas de vinho virgem para mim. Agora quer que eu vá vê-lo todos os dias uma ou duas vezes para tomar café e está se tornando uma inconveniência, por sua bem-intencionada bondade.

20 de abril – Esta noite todos os membros remanescentes da equipe vieram à minha casa e Bithell permaneceu comigo depois de os outros terem partido. Cerca de meia-noite ouvimos um grupo fazendo serenata lá fora; tinham andado por aqui nas últimas duas ou três noites e na noite passada o engenheiro fiscal estava com eles. Hoje o grupo incluía o promotor público e mais duas ou três pessoas. Entraram, tocaram e cantaram ao som da guitarra até quase uma da manhã; de modo que já estava farto deles. Esgotaram minha provisão de bebida.

Aqui a aparência do céu numa noite sem lua é muito diferente do hemisfério norte; as estrelas distribuem-se de forma relativamente esparsa. As principais constelações estão na vizinhança da Via Láctea, e é mais estreita que a nossa. No meio dela está o Cruzeiro do Sul, e perto dele, a sudeste, um extraordinário negrume, incompreensível para mim. Admiro muito as Nuvens de Magalhães, e gostaria de vê-las pelo telescópio. Há também as lindas α e ß do Centauro e, um pouco mais adiante, Canopos dos Argonautas, que, em brilho, só perde para o Sírio.

4 de maio – Começou o "Mês de Maria", *the month of Mary*, que é o mês de maio, e agora todas as noites há uma cerimônia na igreja em honra a Nossa Senhora. Diversos amigos disseram-me que devo ir ver, mas ainda não tinha ido. Hoje, entretanto, sendo domingo, fui à igreja pela manhã e fiquei chocado com o que vi diante de meus olhos. O altar estava todo coberto de

branco, todos os vários ornamentos e imagens tinham sido retirados do imponente retábulo, também coberto de branco, e, no alto, estava uma imagem alta da Virgem, inteiramente de branco, com uma coroa de flores frescas na cabeça. Ouvi dizer que todas as noites essa coroa é trocada por uma menina. Em volta da cintura da imagem há uma fita azul, que cai sobre o altar, e essa fita foi beijada por muitos, antes de saírem da igreja. Depois do Evangelho, o Padre Antônio pregou um bom e curto sermão sobre a pureza; ao término da cerimônia foi cantada a ladainha da Santíssima Virgem, e outras preces dirigidas a ela.

7 de maio – Ontem, depois de quase quatro meses de trabalho confinado no escritório, resumindo-se a minha caminhada diária a subir e descer a vila duas vezes por dia, saí com Large para uma exploração a cavalo e o trabalho foi muito interessante. Segundo nosso projeto, a ferrovia vai começar nas cabeceiras do rio Paraopeba para, tomando o caminho mais curto e acompanhando seus vários afluentes, chegar às cabeceiras do rio Pará. Fazendo assim, atravessaremos quatro divisores de águas: os dois primeiros entre a estação de Paraopeba e Brumado, um perto de São Caetano, outro na Serra do Curtume, já descrito; os outros dois estão na segunda seção, o primeiro separando o rio da Cachoeira do rio Caiuaba e o segundo os afluentes dos rios Paraopeba e Pará. Todos esses divisores situam-se a 3.000 e 3.200 pés acima do nível do mar. A localização da linha entre essa cidade e Caiuaba precisou de alguma alteração, de modo que tivemos de revê-la. Oh, que alívio, depois de quatro meses de trabalho de escritório, conseguir montar a cavalo e trotar por estas descidas, ou mesmo percorrer lentamente as trilhas, pela floresta densa! Mas também tive o prazer de ver alguns insetos novos, mesmo tendo a aflição de ser obrigado a passar por eles sem capturá-los. Um esplêndido espécime de *Morpho* branca opalescente (*Morpho laertes)* atravessou voando nosso caminho.

A partir das observações que fizemos, delineei uma linha de seções aperfeiçoada, que pareceu bastante satisfatória.

Uma mudança resultante de minha saída, embora apenas por alguns dias, é algo que venho desejando há muito. Já há algum tempo ando nauseado, devido à minha medonha cozinheira negra e sua imundície extrema. Não posso cansá-lo com detalhes; basta um exemplo. Imagine entrar na cozinha por causa de uma ou outra insignificância e ver a cozinheira preparar o jantar, aproveitando os momentos de folga catando piolhos na cabeça da filha! Enquanto a filha, que é minha lavadeira, realiza a mesma agradável operação em um dos irmãos. No momento seguinte a horrorosa velha está descascando minhas batatas ou lavando meu arroz.

Com a desculpa de passar o dia inteiro fora, portanto, tenho tomado as refeições com Large no hotel e, assim, a negra maldita vem apenas trazer água todas as noites após minha chegada e duas vezes por semana para varrer a casa. Estou, pois, livre agora da presença dessa feiticeira e seus pirralhos seminus.

Recebi hoje os sete jornais mandados por você. Naturalmente ainda não tive tempo de ler nenhum, exceto o que traz a descrição completa do funeral do Duque de Albany.[104] A primeira notícia que tive desse triste acontecimento foi um telegrama no *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro, de 31 de março, que nos chegou a 3 de abril: "O Duque de Albany morreu de acidente em Cannes". Fiquei chocado, mal podendo acreditar. Que pena tenho da pobre Rainha, mas especialmente da Duquesa! Na noite em que li a notícia, fiquei acordado muito tempo, pensando nelas. Mas sei que esta será uma ocasião em que a compaixão, amplamente difundida entre tantas pessoas pelo coração maternal da nossa Rainha, tocará uma corda solidária em milhões de outros, não apenas de seus súditos, mas do mundo inteiro. Quanto a mim, tenho a certeza de que o velho professor em Casa Grande ficaria muito sentido, se soubesse da nova dor da "*Lady* Victoria".

12 de maio – Terminamos agora a parte externa deste trabalho extra. Nossa rota incluiu cerca de duas milhas de um vale pertencente a João Batista, ao qual já me referi. Essa foi a parte principal de plantação que supervisionamos. Aqui os negros estavam ocupados, em ambos os lados do vale, colhendo milho e colocando-o nos carros de boi para ser levado para a cidade. Vi esses negros ao desjejum rodeando uma panela de ferro contendo angu, que é uma espécie de mingau feito de farelo de milho, ou fubá.[105]

Um dia desses, de manhã cedo, encontrei João Batista a cavalo em suas plantações; vinha embuçado num grande xale, como se costuma fazer aqui durante a fria e penetrante neblina da madrugada, embora agora os dias estejam claros e magníficos.

Ele tem duas fazendas neste vale, além de um belo lago onde ele e a família vêm frequentemente se banhar. Encontramos inúmeras vacas e bezerros seus, e paramos para o desjejum em um ou outro de seus ranchos. Importou recentemente da França um equipamento de fazer

104. N.E. Principe Leopold (1853 –1884), filho da rainha Victoria.

105. N.A. Por gentileza, o nosso chefe, que é escocês, me deu um pouco de aveia da Escócia, muitas vezes tomei mingau ao desjejum. A aveia é desconhecida aqui. Eu a chamava de "angu de aveia"; depois da primeira aula, minha velha a preparava com perfeição.

manteiga. O processo me foi explicado outro dia por seu filho mudo. Também provamos um pouco da manteiga – a primeira experiência – e estava deliciosa; na verdade, perfeita.[106]

A última vez que estive no milharal lhe escrevi sobre os viçosos pés e a folhagem verde – isso foi em janeiro; agora está tudo marrom e murcho, e o milho completamente maduro. Aqui há uma vasta plantação rasteira de algodão, com suas lindas flores amarelas, e mamona madura pronta para ser colhida. Da última, comi alguns grãos de lindas listras brancas e pretas, que não têm gosto ruim. Há também favas brancas e pretas, já maduras, parecendo vagem. Uma enorme quantidade de cabaceiros de todos os tamanhos e feitios mistura-se com as outras plantas; estas, também, estão maduras e prontas para se transformarem nas cabaças tão universalmente usadas. O algodão que mencionei é uma segunda safra, pois a primeira já foi colhida, e a penugem branca como neve está agora sendo tecida em todos os casebres da cidade.

Entre as borboletas vi muitas *Papilios*, além de *Colœnis dido*, de um lindo verde, que tenho encontrado habitualmente, até nas ruas do Rio de Janeiro, e diversas *Hesperidæ* etc., e também muitos pássaros. O vale do Caiuaba é coberto por uma densa floresta; o rio, muito tortuoso, tem apenas uns seis pés de largura, e é bordejado por tufos de bambu; por outro lado, muitos troncos, caídos perpendicularmente ao rio, formam pontes naturais para se atravessar um paraíso de musgo, avenca-cabelo-de-vênus, samambaiaçus e outras belas plantas, árvores e arbustos. Nesse vale consegui capturar quatro belos espécimes de uma borboleta, *Callicore eluina*, que Hewitson descreve como a mais bela espécie desse gênero encantador.

Com o fim das chuvas, os carrapatos estavam começando a aparecer e, em alguns lugares, os arbustos estavam cobertos de miríades desses bichinhos recém-chocados. Eram muito pequenos, semelhantes aos *harvest-bugs*, e igualmente irritantes; pois evidentemente, como de costume, atacaram-me horrivelmente. Os homens os chamaram de "carrapatinhos miudinhozinhos", algo como minute carrapatos.

Está agora definitivamente acertado que sairemos todos daqui com destino ao Rio de Janeiro no dia 27, o chefe já tendo ido no dia 11, e esperamos ansiosos o grande prazer de trocar o vegetar numa cidadezinha pela vida na capital. Pode imaginar como estamos cansados, depois de quatro meses e meio de existência monótona, que pode ser resumida da seguinte forma: caminhar

106. N.A. Antes de sair do Rio ouvi dizer que ele estava mandando manteiga para aquela cidade, onde encontrou um mercado ávido, estando toda encomendada já antes de chegar, de modo que não pude comprar nem um pouco dela.

até o escritório às oito ou 8:30, voltar às cinco ou 5:30, tendo ido em casa para o almoço cerca de meio-dia; ver invariavelmente o Francisco de um só olho assentado à porta da casa, cuidando eternamente de algum de sua meia dúzia de gatos ou filhotes, e conversando às vezes com um ou mais vizinhos; passar geralmente pelo Padre Pinto em sua sacada, que sempre me convida a entrar e tomar café, o que sou obrigado a fazer de vez em quando para não afrontar o pobre velho, cujo único tema de conversa é a "criação de porcos" ou *breeding of pigs*; encontrar continuamente os mesmos rostos familiares, fazendo sempre as mesmas eternas reverências, e dizendo as mesmas palavras. Depois, aos domingos, espera-se que eu faça sempre as mesmas visitas, e João Batista sente-se ofendido se eu não for lá, geralmente para jantar, o que, sendo às três horas, estraga o apetite para meu próprio jantar às 6:30, e eu não consigo comer nada depois. De manhã, o frio, com a neblina penetrante, é tão grande que não tenho vontade de sair cedo, mesmo se tiver energia, e, como o sol se põe logo que saio do escritório, não posso caminhar nessa hora; ademais, cansado do trabalho, a gente tem prazer em descansar até o jantar ficar pronto, e passa-se a noite escrevendo, lendo, ou conversando com os vários membros da equipe, ou com todos, que vêm chegando. Ocasionalmente quebramos a rotina com algum jogo agradável, usando grãos de café ou de milho como fichas. Viver esta vida pouco difere de vegetar.

Outra razão para desejar ir embora é o frio, de manhã cedo e ao fim do dia. O termômetro, por umas cinco ou seis noites consecutivas, tem estado abaixo de zero, algumas vezes, marca cinco ou seis graus. Hoje, apesar do sol sem nuvens, sopraram umas frias brisas do sul, e todo mundo anda com pesados sobretudos, as cabeças enterradas nas golas. Ficaram admirados por eu, do norte da Europa, sentir frio; mas expliquei que, apesar de na Inglaterra o frio ser frequentemente muito maior em novembro, que corresponde ao mês de maio aqui, lá sempre faz pelo menos um pouco de frio em qualquer época, de modo que a gente se acostuma com o frio, nunca tendo em nosso clima um sol tropical ardente, com céu claro, no meio do inverno, e, à noite, pelo contrário, muito frio, com uma diferença de uns oitenta graus Fahrenheit, entre as temperaturas do meio-dia e da meia-noite. Hoje à noite, depois do jantar, assentado em minha grande sala nua, com o chão e as paredes de barro, minhas mãos e pés estavam frios como gelo, e às 6:30 o termômetro do jardim marcava 37 graus Fahrenheit, com um vento gelado; na sala a temperatura era de 50 graus. Como anseio por um bom fogo vermelho junto do qual me assentar e colocar os pés por perto!

Li com grande interesse a carta de Sr. Hammond sobre as ferrovias brasileiras no *Times* do dia 19 de abril. Seu ponto de vista é certamente pessimista e ele parece ter alguma queixa pessoal, pois "*toute verité n'est pas bonne à dire*";[107] pelo menos não de forma tão incisiva.

---

107 . N.E. Toda verdade não é coisa boa a se dizer.

Sendo dia da Ascensão, não fiz muita coisa no escritório, mas fui à missa e observei o povo aqui pela última vez. As mulheres e moças acorrem todas à igreja muito antes da hora da missa e logo enchem a nave, enquanto os homens só entram no último momento. Há sempre um fluxo contínuo do sexo frágil sob minha janela – belas jovens negras, com lenços de cores vivas na cabeça, vestidas de amarelo, vermelho, azul ou verde vivo, com trajes estampados ou de musselina; algumas usam xales também, de cores vivamente contrastantes. A maioria das mulheres e moças brancas ou quase brancas anda com a cabeça descoberta, mas seus brilhantes cabelos negros estão caprichosamente trançados e presos em coques, enfeitados de flores. Algumas matronas mais ricas usam pitorescas mantilhas de renda preta, e algumas moças aparecem com as modas parisienses mais recentes, com chapeuzinhos garbosos, penas e botas de salto alto. Para falar dos homens basta uma breve frase. Os escravos e os mais pobres vestem-se com uma variedade de tecidos: pano de saco, algodão e lã. Os mais abastados usam geralmente sobrecasacas pretas, calças brancas e gravatas pretas, cartolas ou chapéus de feltro preto macio. Nunca vi um chapéu de seda por aqui.

26 de maio – O grande trabalho de embalar está terminado. Tínhamos combinado a vinda de dois carros de boi hoje às nove da manhã, mas só chegaram às 11:30. O trabalho de carregar as coisas não foi brincadeira, pois, devido ao fato de ter ficado primeiro no escritório, grande parte da bagagem teve de ser retirada e rearranjada. Os nativos não compreendem que é recomendável deixar toda a bagagem pesada no fundo dos carros, não apenas para impedir que amassem os pacotes mais leves, mas também para impedir que os veículos virem quando, nestas estradas admiráveis, um lado chega a ser uma jarda mais alto do que o outro.

Tendo despachado tudo, menos o que íamos levar conosco, realizamos todos juntos uma série de visitas de despedida. Sempre me desagrada dizer adeus, e desta vez não disfarcei a impressão de que isso poderia ocorrer por muito tempo; na verdade, de minha parte, para sempre. Padre Pinto chegou a derramar lágrimas.

Às seis da tarde vi um fenômeno atmosférico magnífico. Houve um soberbo arrebol vespertino, quando, no meio da luz carmesim, apareceu a lua nova, num fraco crescente de um branco brilhante, enquanto a refração da terra revelava toda a superfície da luz num matiz verde-escuro.

27 de maio – De pé às cinco horas. Do lado de fora, o termômetro a 37 graus Fahrenheit; temperatura mais baixa à noite, 31 graus. Muito úmida e fria; naturalmente, escuridão de breu. Perto das seis formou-se uma neblina pesada, penetrante, gelada. Depois do café etc., tive de

despedir-me pela última vez de alguns amigos, dar umas roupas velhas, dizer adeus à minha horrível e velha cozinheira e à meia-dúzia de pessoas de sua família que apareceram na hora, embalar os cobertores etc., chegando ao escritório lá pelas sete horas.

Posso mencionar aqui, quanto aos cobertores, que, durante todo o tempo que morei no acampamento e também durante todo o tempo que morei em Brumado, sempre dormi apenas com roupas de flanela e com lençóis, sendo a fronha a única peça de algodão na cama. No acampamento, sempre trabalhei com uma camisa de flanela e saía para minhas excursões de sábado à tarde perto de Brumado vestido da mesma forma, embora, quando trabalhava no escritório, usasse camisas de algodão – nunca de linho. Isso é muito importante para evitar o frio matinal e vespertino e é muito provável que, se eu tivesse sempre usado uma camisa de flanela, não tivesse os fortes resfriados e princípio de bronquite que me atacaram há pouco tempo.[108]

Chegando ao escritório, houve outros atrasos. Um dos dois "médicos" da cidade estava lá negociando algumas coisas das quais desejávamos dispor, de modo que eram 8:30 quando foram pronunciadas as palavras: "Para os cavalos". Éramos cinco, levando dois empregados para nos acompanhar até Queluz e uma mula de carga. Eu usava meu pesado poncho local, de uma espécie grosseira de fazenda azul, forrada de escarlate. Meu cavalo era bom e, não tendo trabalhado durante vários dias, estava toleravelmente descansado. Depois de pôr o pé esquerdo no estribo e de agarrar a crina, joguei para trás o poncho para poder montar. Suponho que isso assustou o cavalo; de qualquer forma, ele partiu a galope pela rua acima, através da neblina gelada. Meu capacete saltou fora, o ar frio arrancava lágrimas que me cegavam e subi até a igreja tentando terminar de montar, passando a outra perna para o outro lado do arreio. Quando consegui, puxei o cavalo e o fiz voltar, depois de umas trezentas jardas, achando que poderia matar muitas crianças que, com os pais, tinham saído para ver nossa partida, unindo-se a meus acompanhantes que estouravam de rir do meu aperto. Um de nossos empregados tinha montado e cavalgado até mim, mas só me alcançou quando eu já estava voltando. Vinguei-me do cavalo durante o dia, galopando na frente e esperando pelos outros, e, antes de terminarmos a cavalgada, tive de esporeá-lo para fazê-lo andar.

Deixando Brumado às 8:30, chegamos a Suaçuí às 11:15. Durante a primeira parte

108 . N.A. Ao visitar a Exposição de Vida Saudável depois de minha volta à Inglaterra, examinei especialmente a roupa do Dr. Jaeger. Sua teoria é que só tecidos de origem animal deveriam ser usados junto à pele. Naquela exposição ele mostrou até lençóis e fronhas de casimira e faixas de lã para forrar chapéus. Meu relato foi escrito meses antes de eu ouvir falar no Dr. Jaeger. Posso lembrar também o caso de meu irmão no noroeste de Iowa, que trabalha na fazenda usando flanela durante o calor de todo o verão, fazendo o maior esforço físico, tal como o exigido, por exemplo, para empilhar feno.

da viagem a neblina escondeu tudo e passamos por terra não cultivada, que só se fazia notar pelos cânions ou "barrancadas" que já mencionei, quando passei pelo mesmo terreno, há quase onze meses. Devido a mais uma estação chuvosa, tinham aumentado muito e, em alguns casos, o caminho estava realmente perigoso, tendo cedido uma ou duas jardas. A neblina, contudo, desapareceu como que a um passe de mágica e durante algum tempo deliciei-me apreciando o céu limpo, belas vistas dos vales e as serras da Boa Morte e de Ouro Branco. Chegamos à ponte sobre o rio Paraopeba às 12:30, descansamos ali uma hora para o almoço, que tínhamos trazido conosco, e depois cavalgamos por florestas, capoeiras e moitas de arbustos, ocasionalmente por alguma terra cultivada, até a estação de Lafaiete (Queluz), onde chegamos, em etapas fáceis, às 4:45. Mais ou menos a meio do caminho, junto de um valezinho encantador, encontramos o carteiro levando a correspondência para Brumado.

Preciso dizer que a distância toda é de cerca de vinte e seis ou vinte e oito milhas.

Houve grandes mudanças no lugar depois que estive aqui em primeiro de julho do ano passado. A cidade de Queluz está no alto de um morro; a estação de Lafaiete (assim chamada, bem como as duas estações seguintes, linha abaixo – Buarque Macedo e Cristiano Otoni[109] – em honra a estadistas de renome), que em julho passado estava sendo construída e sendo um prédio isolado é agora o centro de um grande conjunto de casas, hospedarias, armazéns, isto é, vendas de secos e molhados (literalmente *dry goods and moist goods*) etc. O prédio principal é o hotel onde nos hospedamos, dirigido pelos irmãos Martinelli, proprietários também do hotel de Carandaí, do qual dizem: "Neste vasto estabelecimento você pode" etc, "*In this vast establishment you can get*", e assim por diante. Esse hotel só foi inaugurado recentemente (em março) e realmente oferece todo conforto – mobiliado com abundante mobília austríaca, tendo até castiçais baixos, com quebra-luzes de vidro circulares!

28 de maio – Fomos ter uma longa conversa com Sr. Hargreaves sobre nossa ferrovia, a construção da linha de Ouro Preto, o prolongamento da Pedro II etc. Ele nos recebeu cordialmente e foi muito gentil. Também fomos visitar um italiano e um austríaco, de nomes Fenili e Negri, que tinham feito breve visita a Brumado, procurando trabalho como subcontratadores na construção de nossa linha.

109 . N.E. Manuel Buarque de Macedo (1837–1881) engenheiro e político, ministro de Transportes em 1881; Cristiano Benedito Otoni (1811–1896), engenheiro e político, presidente da companhia de Estrada de Ferro D. Pedro II (EFDPII) de 1858 a 1865. Era costume de a ferrovia batizar novas estações com nomes do quadro de seus engenheiros.

29 de maio – Levantamos às 3:45, tomamos café e nosso trem saiu lentamente da estação às 5:05, um apito alto da locomotiva a vapor tocando uma hora antes para acordar os passageiros. Chegando à estação de Paraopeba ao amanhecer, a névoa estava começando a se formar naquela hora, mas às nove já se tinha dispersado.

O vale do Paraibuna tinha uma aparência magnífica – os flancos majestosos cobertos de cafezais e o largo e tortuoso rio correndo sobre o leito de pedra pontilhada por inúmeros seixos, ou fervilhando e borbulhando em seu curso escarpado por numerosas cachoeiras. Essas belezas alcançam seu clímax no imenso precipício perpendicular chamado Pedra da Fortaleza (*the stone of the stronghold or fortress*), que tem uns quinhentos pés de altura, uma face nua de rocha, com uma floresta no alto, e as árvores parecendo arbustos de mirtilo devido à altura. Essa rocha está perto da estação de Paraibuna, formando aí a divisa entre Minas Gerais e o Rio de Janeiro. Foi palco de uma grande batalha, quando os mineiros lutavam por sua independência,[110] sendo a passagem às margens do Paraibuna uma das entradas mais acessíveis para quem vem da província do Rio de Janeiro. O Paraibuna, correndo para o sul, deságua no Paraíba do Sul, que corre para leste, desembocando então no Atlântico, a umas 150 milhas a leste da confluência.[111] Descendo o vale do Paraibuna em longo percurso, depois de passar Entre Rios, a ferrovia sobe o vale do Paraíba até a Barra do Piraí, onde existe uma junção, não só de rios, mas de ferrovias (ver o mapa). Essa parte do vale do Paraíba é muito mais larga, embora menos majestosa que a do Paraibuna, mas uma dúzia de vistas pitorescas e lindas atrai o olhar em cada curva da via. As horas passadas na travessia destes dois vales são as mais aprazíveis da viagem. O panorama, ao pôr do sol, logo antes do último grande ziguezague – quando descemos rapidamente e, em certos trechos, vemos nossa picada mil pés abaixo – foi ainda mais belo que da última vez que desci a estrada; depois a escuridão escondeu tudo da vista. Finalmente, avistam-se as luzes dos arredores do Rio de Janeiro, e, às 7:12, depois de mais de quatorze horas de trem, chegamos à estação, sendo recebidos por nosso chefe e um amigo, e levados rapidamente ao Hotel Carson.

110. N.E. Refere-se à revolução liberal de 1842.

111. N.A. "Paraibuna parece ser corruptela de *Parayuna*, 'rio de ondas negras' – ao mesmo tempo um nome pitoresco e uma descrição notavelmente correta". O Paraíba do Sul tem esse nome para distingui-lo da província do mesmo nome, ao norte de Pernambuco. A derivação do nome, vinda de *Pará*, nome de um rio, e *Ayba*, ruim, "seria um excelente nome descritivo. É um dos rios mais perigosos do Brasil. Muitos dos que trabalharam na ferrovia perderam nele suas vidas" Capitão Burton.

CAPÍTULO IX

NOSSA VIDA NO RIO DE JANEIRO

O Hotel Carson

30 de maio de 1884 – O hotel está tão cheio que, para não ficar no último andar, tomei posse do único quarto desocupado que dá para o jardim. Esse anexo tem uma ala com cerca de doze quartos, saindo do fundo do hotel em ângulo reto, ao lado do jardim. Em frente aos quartos há uma varanda que isola tanto o calor quanto a chuva – e decididamente prefiro esses quartos àqueles no hotel, pois são tão silenciosos – e, voltando-se para o jardim, o olhar descansa em um canteiro verde bem cuidado, plantado com uma espécie de sanguinária[112] (*Spergula*), que aqui substitui o gramado. Esse trecho é cercado de palmeiras majestosas, enquanto o jardim está repleto de palmeiras de leque e outros tipos, cicadáceas, orquídeas, bananas-da-terra, dracæna, crótons e outras plantas muito variadas. Depois dessas há uma horta inglesa comum e, atrás de tudo, eleva-se o majestoso Morro da Nova Cintra (de 813 pés),[113] pontilhado de casas até o meio.

Antes do desjejum, desci uma bela rua em frente ao hotel até o aterro ou praia do Flamengo que contorna a baía. Em um lado da rua larga há uma mureta baixa banhada pelas águas; do outro, uma fileira de casas imponentes, alegres, pitorescas, de cores vivas – como são todas as casas mais novas no Rio – com artísticos enfeites de estuque e *bas relief* em infindáveis matizes de azul, vermelho, amarelo e verde. Esse aterro prolonga-se por meia milha, e é limitado à esquerda pelo Morro da Glória, à direita pelo Morro da Viúva, além do qual fica a entrada para a baía de Botafogo. Esses "morros" arredondados, ou *hills*, e essas colinas, cobertas de casas e de uma igreja ou duas, elevando-se do chão e projetando-se em direção à baía, formam um dos traços da cidade do Rio de Janeiro.

A vista parecia um quadro de Turner.[114] Acima, o céu limpo e o sol brilhante, enquanto sobre a baía pendia uma neblina através da qual podiam ver-se a cidade e os morros de

112. N.E. No original inglês *knot-grass*.

113. N.E. Este morro fica entre os bairros de Laranjeiras e Catumbi, hoje é atravessado pelo túnel Santa Bárbara.

114. N.E. William Turner (1775–1851), pintor de paisagens inglês, famoso por explorar os efeitos da luz em seus quadros.

Niterói, mais nitidamente em alguns lugares que em outros e, do nosso lado da baía, o pico do Pão de Açúcar elevava-se muito além da neblina que lhe cercava a base, alteando-se em magnífico relevo contra o céu azul.

Depois do desjejum fomos à cidade a negócios, e, à tarde, tendo recebido recomendações de duas pensões, tomamos um bonde para Botafogo e examinamos uma delas, de onde caminhamos até Laranjeiras para ver a outra.

A casa de Laranjeiras parecia muito mais abafada que a de Botafogo, de modo que, na manhã seguinte, o Sr. Large e eu, com outro membro da equipe, caminhamos até Botafogo e alugamos quartos na primeira casa que havíamos visto. Voltamos a pé, passando pela Santa Casa da Misericórdia, prédio muito imponente, com uma cúpula branca circular que constitui um belo marco na paisagem. Esse hospital, onde há escolas de medicina e anatomia, forma, juntamente com vários outros prédios, um belo conjunto, digno da capital do Brasil. Dali fomos até as barcas e atravessamos a baía para Niterói. Essa cidade parece ter com o Rio de Janeiro[115] a mesma relação que Birkenhead tem com Liverpool, e é igualmente morta. O calor ali, embora estivéssemos quase no meio do inverno, era muito pior do que no Rio; mas disseram-me que geralmente não é assim. Depois de vaguear por Niterói, chegamos a Porto da Areia, uma das três bonitas baías muito próximas umas das outras, do outro lado. Há aí um estaleiro para construção e reparo de navios, mas nossa atenção foi especialmente atraída para um barco leve na baía, ancorado um pouco afastado da praia, cujos únicos tripulantes pareciam ser um grande macaco acorrentado à popa, que se movia incessantemente de um lado para o outro, como que irritado por seu confinamento, e três macaquinhos, que saltavam pelo cordame e sobre o convés, e a seguir, correndo pelo pau da bujarrona, divertiam-se ao sol causticante. Fizemos um lanche leve em uma pequena taberna, onde a fruta e a cerveja do Rio estavam tão boas quanto baratas.

A vista da cidade do Rio de Janeiro, contemplada de Niterói, onde ficamos assentados esperando a barca para voltar, era muito linda; o Corcovado e o fantástico contorno da cadeia de montanhas formavam o fundo; abaixo estava a cidade com seus numerosos morros; depois o Pão de Açúcar, além do qual se desdobravam o Atlântico, os portos, as ilhas, a multidão de embarcações e um amplo cinturão da baía, de um azul profundo; enquanto, no primeiro plano, dos nossos dois lados, estavam os braços curvos, apinhados de casas, desta pequena baía. O conjunto formava um belo quadro, sob um céu quase dolorosamente claro, que, uma vez visto, deve permanecer muito tempo gravado na mente.

115. N.A. A capital é geralmente conhecida com o nome de Rio de Janeiro, mas o verdadeiro nome é São Sebastião do Rio de Janeiro. Os descobridores entraram na baía no mês de janeiro, e, antes de explorá-la, julgaram tratar-se do estuário de um rio, que chamaram de Rio de Janeiro, e, ao construir a cidade, escolheram o nome em honra a São Sebastião. Naturalmente, a baía é uma baía e nada mais, embora de extensão tão vasta que poderia abrigar todas as frotas do mundo. Contém umas trezentas ilhas, uma das quais, a Ilha do Governador, tem 24 milhas de comprimento.

Rua Farani, 12, Botafogo

2 de junho – Mudamos para cá hoje e estou realmente encantado com a casa. Está no fim de uma rua de aproximadamente trezentas jardas de comprimento, situada em ângulo reto em relação à baía de Botafogo,[116] tendo do lado direito um morro, o Morro da Boa Vista (de 485 pés), que faz parte do maciço do Corcovado. Esta casa era um hotel,[117] tem um andar, com uma saída de três lances de degraus para a rua. Há dois terraços de cada lado do prédio, com jardins e chafarizes em cada um, laranjeiras e hortas no mais baixo, imensas palmeiras, arbustos e flores exóticas no mais alto, que está no mesmo nível da casa. No último há também grutas e bancos, verdadeiramente à moda de Pompeia, enquanto, acima e atrás da casa, ergue-se o morro, coberto por uma esplêndida floresta virgem, onde brincam lindos saguis, sendo que o jardim está sempre cheio de lindas borboletas, algumas (*Ageronia feronia*) com um maravilhoso colorido protetor, inimaginável, até que a gente as veja levantando voo e estendendo as asas ao sol, nos grandes troncos cobertos de líquens das enormes palmeiras. Em frente à casa há duas imensas mangueiras, os galhos formando grandes tufos de líquens, especialmente de um tipo suspenso (*Ramalina implecta*), algumas vezes com dois ou três pés de comprimento, de um verde acinzentado. É curioso que, apesar de tão abundantes e tão grandes, as mangueiras dão muito pouca fruta no Rio de Janeiro.

Agora, uma palavra sobre a casa. Ao entrar, encontramo-nos em uma galeria de uns setenta pés de comprimento por vinte de largura e quatorze de altura, com um quarto de dormir em cada extremidade. A sala de visitas é um belo aposento que sai da galeria, sem iluminação exceto pelas cinco janelas externas da dita galeria, de modo que está sempre fresca. Há passagens dos dois lados, dando para diversos quartos bons, um banheiro com chuveiro etc. Do lado direito

116. N.A. A palavra significa "jogado no fogo" e alude aos terríveis *autos da fé*, quando os pobres índios, recusando converter-se à religião católica, eram jogados na fogueira pelos padres.
N.E. Era a alcunha do galeão São João Batista, equipado com uma artilharia muito forte cujo chefe era João Pereira de Souza que herdou este nome, estabeleceu-se no Brasil em 1590, comprando terras no Rio de Janeiro que perpetuam seu nome.

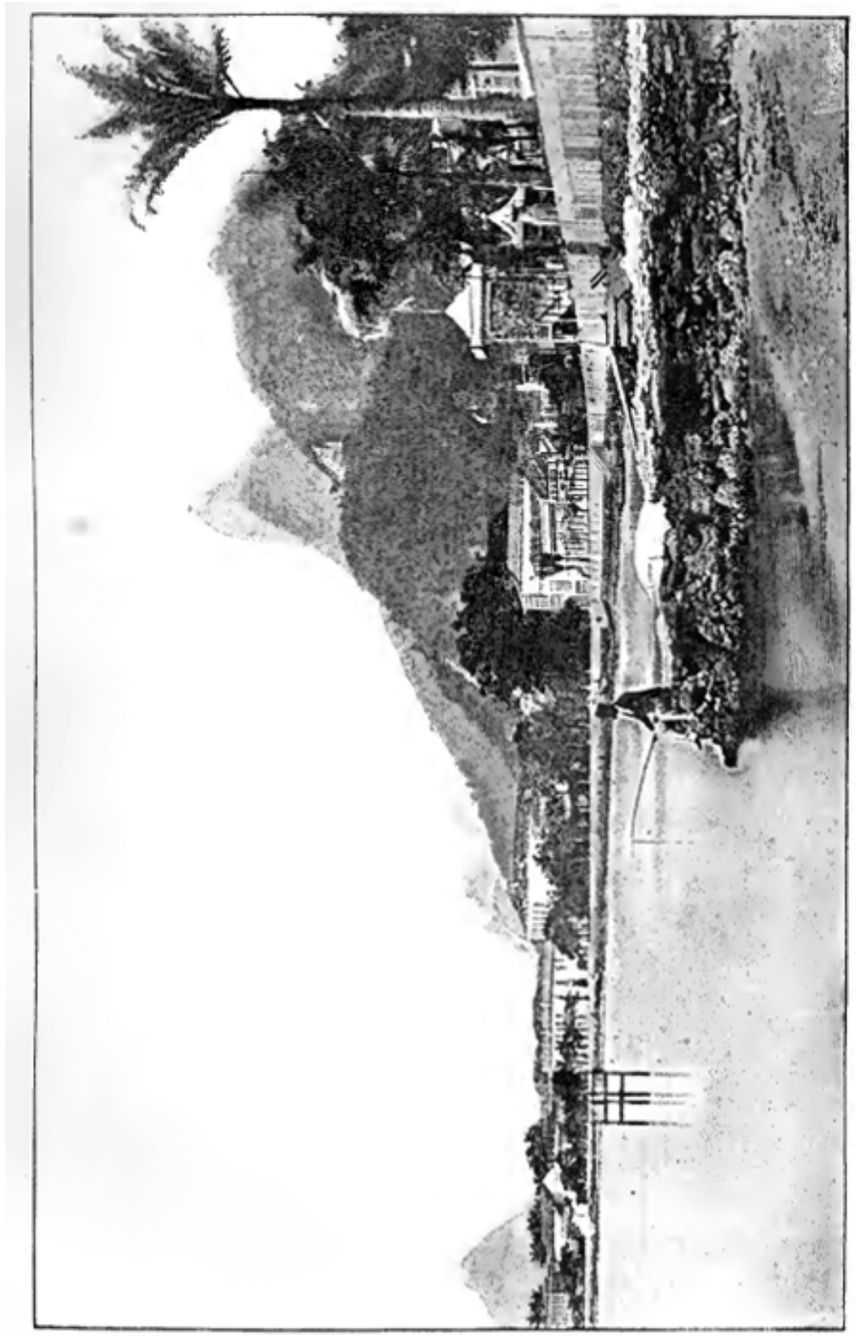
117. N.A. Agora (janeiro de 1886) é novamente um hotel.

há uma ala contendo mais quartos, uma majestosa sala de jantar, com cerca de setenta por trinta pés, que abre para um lindo jardim, e também os aposentos dos donos da mansão. A casa é, com certeza, muitíssimo confortável e arejada, e tem tudo que é necessário para o maior luxo e conforto pessoal, tão importantes neste clima.

Depois do jantar desci à rua e me assentei no muro baixo que cerca esta parte da baía. A vista era encantadora. Nesse ponto a baía assemelha-se a um lago, pois o Morro da Viúva parece tocar a base do Pão de Açúcar, ao passo que os morros, um com cerca de 200 e outro com 1.283 pés, lembram sentinelas à entrada, que tem meia milha de largura. A vasta pirâmide do Pão de Açúcar projeta-se magnificamente; à direita aparecem os contornos brancos do Colégio Militar e do Asilo dos Lunáticos; a fileira de lampiões de gás, semelhantes a estrelas, que formam três quartos de círculo, refletiam-se nas águas pouco onduladas, enquanto eu observava os pescadores trabalhando. Descalços, com uma grande pedra na cabeça e uma rede na mão esquerda, entram na água até a cintura, e, quando veem um lugar propício, jogam a pedra uns doze pés para frente, seguindo-a, lançando a rede habilmente de modo a abranger a maior área possível, e, ao puxar a rede, geralmente apanham pelo menos um peixe bom. Repetem esse processo com grande perseverança, às vezes em vão, até que tenham apanhado uma provisão razoável dos habitantes barbatanados da baía, suficientemente imprudentes para se aproximar da praia; ao observá-los, surpreendi-me com seu sucesso. Há, naturalmente, muitos outros que pescam nos barcos pela baía, e também se aventuram até o alto mar; mas são de um tipo de homem independente, muito diferentes dos nossos operosos pescadores;[118] algumas vezes o suprimento de peixes escasseia na cidade porque os homens, devido ao mau tempo, não foram pescar.

Falar de peixes me lembra que preciso mencionar os vendedores ambulantes, que existem em número infinito. Alguns vendem peixes e camarões – "Peixe!" (*fish*) e "Camarões!" (*prawns*) são os gritos mais frequentes que se ouvem –, outros, frutas e legumes. Esses ambulantes carregam uma vara comprida de bambu atravessada no ombro, de cuja extremidade pende uma cesta carregada e o peso dos legumes é, às vezes, tão grande que é surpreendente conseguirem andar tão rápido. Há também vendedores de tecidos, roupas, enfeites etc., que são geralmente levados em uma série de baús de lata, alegremente pintados, presos com uma correia às costas do mascate. Todos carregam dois pedaços de madeira ligados por uma correia de couro, e, quando caminham, trombam continuamente. Muitos vendedores de peixe são chineses, remanescentes de um grupo de centenas que foram importados há vários anos; abandonaram os rabichos e a roupa oriental e usam o cabelo liso e negro muito maltratado, trajando roupa ocidental comum.

118. N.A. Depois que voltei li alguns detalhes interessantíssimos sobre os sofrimentos dos pescadores do Mar do Norte, na agradabilíssima obra de Senhor R.M. Ballantyne, "*The Young Trawler*".



Enseada de Botafogo com o Corcovado

Com a entrada do inverno passou a febre amarela, embora neste verão, em fevereiro, tenha atacado muito; há algum tempo não se registram casos. Pois mais gente morre de "moléstias pulmonares" (*chest diseases*) no Rio do que de febre amarela. Verifica-se isso facilmente, dado o hábito de se publicar sempre a causa da morte nas notícias. O tempo está maravilhoso e eu me regalo com o calor das noites, depois do frio de Minas; mas o maior defeito que encontro nos trópicos é a falta do crepúsculo e o pôr do sol precoce. Segue abaixo uma tabela com as horas do amanhecer e do anoitecer no Rio de Janeiro, que pode ser interessante:

		Nascer do sol	Pôr-do-sol				Nascer do sol	Pôr-do-sol
		a.m.	p.m.				a.m.	p.m.
Jan	1	5:19	6:41		Jul	1	6:42	5:18
"	15	5:22	6:38		"	15	6:39	5:21
Fev	1	5:33	6:29		Ago	1	6:31	5:29
"	15	5:38	6:22		"	15	6:24	5:36
Mar	1	5:47	6:13		Set	1	6:14	5:46
"	15	5:56	6:40		"	15	6:06	5:54
Abr	1	6:07	5:52		Out	1	5:55	6:05
"	15	6:15 5:44			"	15	5:45	6:15
Mai	1	6:26	5:33		Nov	1	5:34	6:19
"	15	6:33	5:27		"	15	5:27	6:29
Jun	1	6:39	5:21		Dez	1	5:21	6:39
"	15	6:42	5:18		"	15	5:18	6:42

Hoje à noite tivemos a importante notícia política da queda do presente Ministério (republicano) de Lafayette.[119] Administraram grosseiramente mal a política interna e já há algum tempo vêm cambaleando. Acredito que a última gota, que os fez cair, foi o ato ilegal de confiscarem todas as propriedades dos conventos, avaliada em cerca de dois milhões de libras. Há mais de dez anos foi aprovada uma lei autorizando o governo a, dentro de dez anos, confiscar essas propriedades, concedendo apólices e sua renda integral vitalícia aos atuais membros e proprietários, devendo, uma vez falecidos estes, reverter tudo para o governo. Essa lei permaneceu letra morta e deu em nada. De repente, há uns quatro meses, o governo, sem saber onde buscar dinheiro, resolveu

119. N.E. Lafayette Rodrigues Pereira (1834 –1934), advogado, jornalista e político mineiro; na época era presidente do Conselho de Ministros do Império e Ministro de Finanças.

sequestrar aquelas propriedades. Um dos ministros nomeou uma comissão, cujos membros foram na manhã seguinte a cerca de cento e oitenta casas pertencentes a alguns conventos no Rio. Essas casas estão alugadas a diversas pessoas, do país e do exterior; um dos locatários, um escocês, contou-me a história. A comissão visitou sua casa e ordenou que pagasse o aluguel do mês, bem como todos os aluguéis futuros, ao governo, e não aos frades. O locatário recusou-se a fazê-lo e recebeu o prazo de um ou dois dias para se decidir. Seu advogado informou que todo o procedimento era totalmente irregular, e ele então reuniu alguns outros – brasileiros, portugueses e alemães – que estavam na mesma situação. Eles resolveram não se apressar. Mas nesse meio tempo os proprietários do convento tinham solicitado uma ordem a um dos juízes e orientaram todos os inquilinos para que fizessem os pagamentos a *eles*, sob pena de ação judicial; mas a comissão do governo tinha dito: "paguem-nos dentro de vinte e quatro horas, ou mandaremos soldados ocuparem as casas". Os inquilinos foram apresentar queixa aos juízes e pediram permissão para pagar os aluguéis ao Tesouro em seu próprio nome, mas como propriedade daqueles a quem a justiça determinasse, deixando o dinheiro depositado até que se resolvesse a questão. Isso foi concedido e o dinheiro depositado. Depois veio a luta. A comissão dizia que os juízes estavam errados e eram incompetentes; os juízes e os advogados que o ato do governo era ilegal e inconstitucional. Um caso foi a julgamento e os juízes deram sentença *favorável* aos conventos, mas, mesmo depois disso, o ministro foi ao Tesouro e retirou todos os aluguéis depositados lá e que o tribunal tinha declarado pertencer às ordens religiosas.

Este é apenas um breve relato de um assunto muito sério; mas ele e um assassinato público que foi permitido pelo governo mostram o deplorável estado das coisas por aqui.

O assassinato público ocorreu em janeiro do ano passado e os fatos são os seguintes. O redator de um dos jornais daqui tinha publicado certas observações contra alguns oficiais do exército e, ouvindo dizer que eles preparavam seu assassinato, foi ao chefe de polícia e pediu proteção. Esse cavalheiro o acolheu por algumas horas e depois disse que, como o perigo tinha passado, ele poderia voltar para casa. O homem relutava em fazê-lo; mas o chefe de polícia trouxe uma carruagem, colocou-o nela e o fez sair. O redator só tinha se afastado algumas jardas quando a carruagem foi cercada e detida; o infeliz foi apunhalado no coração e arrastado para fora da carruagem por um bando de homens à paisana (oficiais do – –), que então descarregaram os revólveres no cadáver, jogaram o corpo à porta da Delegacia de Polícia e se afastaram silenciosamente. Sabia-se que a ação tinha sido combinada com antecedência, todos os policiais tinham sido enviados a partes distantes da cidade para permitir que o crime fosse consumado. Houve um grande tumulto na cidade e multidões foram para o edifício onde os ministros estavam reunidos em conferência.

Eles fugiram pelas portas dos fundos, com alguns embarcando em navios que estavam na baía, conforme se relatou. Todos os oficiais daquele regimento envolvidos no ato foram rapidamente mandados para vários lugares distantes. Esses oficiais devem a uma única firma oito mil libras e não há chance de se receber o dinheiro.[120]

No Brasil, considera-se vergonhoso pertencer ao exército, o que mostra o tipo de consideração que recebe, mas, segundo creio, a marinha está numa posição um tanto melhor.

7 de junho – Tendo o Imperador convidado um homem conhecido e bom para formar um gabinete e ele ter sido recusado, foi chamado o senhor Dantas, que afinal conseguiu, ontem, formar um ministério de liberais. São todos homens desconhecidos, porém espero que tenham êxito; mas dizem que a diferença está apenas no grau de corrupção. O Imperador foi aconselhado a dissolver o parlamento, mas há muito pressão a ser enfrentada, e um novo parlamento não poderia se reunir antes de dois ou três meses, provavelmente mais, de modo que Sua Majestade não concordou com essa medida. O último ministério caiu ao pedir um voto de confiança; obteve uma maioria de dois; mas como votaram quatro ministros, houve na verdade uma minoria de dois, de modo que tiveram de ceder.

Nosso escritório fica a quase quatro milhas daqui e, algumas vezes, vou e volto a pé, o que não poderia ter feito em Brumado, mesmo com o ar da montanha. Tudo por causa da boa comida e da cerveja Guinness, que aqui consigo perfeita por seiscentos réis (um xelim) a garrafa pequena.

Os insetos de Minas relutam em me deixar, pois trouxe dois bichos-de-pé na sola do pé esquerdo, que só descobri há uns dias. Aqui tenho o prazer dos mosquitos, que me atormentam "some", como os *yankees* dizem. O capitão de um veleiro, que acaba de aportar no Rio para reparos, indo para casa com uma carga de salitre de Antofagasta, veio, uma noite dessas, visitar um de nossos companheiros de pensão. Tinha recentemente ouvido falar nos habitantes da ilha Pitcairn, que visitara anos atrás. Os descendentes de John Adams morreram todos, mas os de Christian ainda vivem.[121] A população é de setenta e seis, e todos casam entre si, disso resultando que a insanidade aumenta na ilha a cada ano.

---

120 . N.A. O jornal *Rio News,* de 24 de janeiro de 1884, comentando o assassinato, diz "A punição de um criminoso que tenha qualquer grau de influência está se tornando um fato esquecido".

121 . N.E. John Adams, Fletcher e Christian eram sobreviventes do motim do navio inglês *Bounty* em 1789 e foram deixados na ilha Pitcairn no Pacifico. Seus descendentes ainda vivem nesta ilha, sendo a população em 2011 de 68 habitantes.

Falaram-me ontem à noite sobre a proposta de se construir um túnel ferroviário sob a baía desta cidade até Niterói. O Sr. Barlow, de Westminster, é o engenheiro. Propõe-se colocar umas duas milhas de tubos de ferro nos sedimentos da baía, a um custo de dois milhões de libras. O projeto é bem pensado, especialmente porque canos de água poderiam ser colocados no túnel, pois Niterói precisa muito de água bem tratada. A renda bruta anual das barcas é de quarenta e cinco contos e o túnel possibilitaria a comunicação ferroviária direta com Santos, tornando mais acessível uma rica região produtora de café. O governo, contudo, não garantiria os juros, pois não considera o projeto necessário; entretanto, fizeram uma concessão por um longo período.[122]

Como quisera poder mandar para a Inglaterra um caixote com laranjas da Bahia! Mas não resistiriam à viagem. Essas laranjas têm cerca de seis polegadas de diâmetro, casca fina, sem sementes, são muito doces e suculentas; são deliciosas. Por falar em frutas, posso dizer que, pelo menos, nesta cidade de vida cara, meu lanche é barato, pois consigo um copo de bom vinho tinto, um pão e meia dúzia de bananas por seis *pence.*

Devo agora descrever uma tourada, a que assisti com o Sr. Large, dia 12 de junho. A temporada começou no Domingo de Pentecostes (1º de junho), havendo touradas aqui todos os domingos ou nos dias santos. Estava ansioso para ver uma, pois são um dos principais divertimentos daqui, fora, naturalmente, os teatros. Embora me tivessem dito que as touradas brasileiras são muito brandas, se comparadas com as da Espanha, não estava preparado para o fiasco total que presenciei. Ouvindo que o lugar não era longe do escritório, Sr. Large e eu resolvemos não tomar o bonde e caminhar até lá; como as informações não eram exatas, perdemos algum tempo até achar o lugar. A entrada estava apinhada e havia uma grande faixa dependurada sobre a rua, onde havia a figura de um touro, com a cabeça baixa e abanando a cauda, e os dizeres "Hoje, uma tourada com touros grandes e selvagens". Havia também uma grande exposição de bandeiras. Entramos por uma passagem subterrânea e passamos a um campo, onde se tinha construído um anfiteatro de madeira ou circo. Havia dois tipos de entrada, com preços diferentes: "sol" (*sunshine*), de dois mil-réis, e "sombra" (*shade*), de três. Escolhemos a sombra e então nos preparamos para o espetáculo sanguinário com uma garrafa de excelente cerveja nacional, pagando apenas duas vezes e meia o preço normal. Chegamos às 4:20 e a tourada devia começar às 4:30, mas a banda já estava tocando.

Ao entrar, achamos fileiras de bancos de madeira em toda a volta do circo, com uma barreira a meio caminho, que chegava ao círculo interior. De um lado da barreira estavam os lugares de dois mil-réis e, do outro, os de três. Como a metade dos lugares de dois mil-réis estava na sombra, vimos que poderíamos ter economizado um mil-réis cada um, o que muito lamentamos não ter feito. No meio dos lugares de dois mil-réis havia uma plataforma, com um buraco circundado por uma grade, rodeado de homens com ferrões, que levantaram certas portas internas; depois abriram outras, que davam para a arena, a fim de deixar passar os selvagens (?) animais. Esse espaço, que, evidentemente, tinha sido coberto de areia, estava cercado de tábuas que nos chegavam ao peito; fora, havia uma arena de quatro pés de largura, onde os homens deveriam pular quando perseguidos.

Precisamente às 4:30 – o único fato digno de louvor foi a pontualidade – abriram-se umas portas de madeira perto da entrada dos touros e apareceu um cavaleiro, anunciado por uma grande fanfarra de trombetas, seguido por oito toureiros com roupas fantásticas e pitorescas, de capas roxas. Depois de avançar e fazer reverência para dois ou três figurões, ocupantes do único camarote, o galante cavaleiro cavalgou em volta da arena, de frente para a plateia, que eu calculei de uns quinhentos ou seiscentos entre homens, mulheres e crianças, de todas as idades. Depois disso, quatro toureadores pularam no círculo exterior, enquanto os outros permaneciam com o cavaleiro na arena. O "cabalheiro" retirou-se então, voltando imediatamente, em outro cavalo. Com nova fanfarra de trombetas a porta foi aberta e o touro *furioso* saiu. Andando tranquilamente, viu de repente o cavalo e partiu em direção a ele, abaixando os chifres bem acolchoados. Mas o cavalo não gostou, e, corcoveando, recuou nas patas traseiras. O cavaleiro foi jogado para fora da sela e imediatamente pulou sobre as tábuas; então os quatro toureiros correram atrás do cavalo, que corria em círculo, enquanto o touro permanecia tranquilamente no meio, encarando a plateia. O intrépido cavaleiro montou outra vez, o touro repetiu a arremetida, o cavalo rolou com o homem debaixo dele e o touro pulou sobre ambos. O homem novamente saltou para o círculo e o touro e o cavalo jogaram um joguinho entre si, correndo a plena velocidade em volta da arena. Esse divertimento foi interrompido por um toureiro balançando sua capa roxa desbotada em frente do touro. O cavaleiro montou pela terceira vez, e saiu cavalgando. Assim se encerrou a primeira cena do primeiro ato.

Depois veio o engraçado truque de colocação das bandeiras – varas com cerca de um pé de comprimento, decoradas com fitas de várias cores – na corcova do touro. Um toureiro pegou uma bandeira (guarnecida com uma pequena seta imperceptível) em cada mão e, mantendo os braços estendidos, brandiu as varas com as fitas tremulando na frente do touro, tentando induzi-lo a avançar. A expectativa é que o touro invista no homem, e, quando ele abaixar a cabeça, o

122. N.A. Por notícias recebidas no fim de outubro (1884), parece que o presidente da Província do Rio de Janeiro concedeu uma garantia de seis por cento, sobre um capital de meio milhão, a uma companhia que deverá fornecer água para Niterói.

toureador enterre as duas bandeiras em suas costas, virando-se agilmente a seguir, para evitar ser atingido. Esse truque deu mais ou menos certo – geralmente *menos* – com o touro número 1. O touro já conhecia o golpe há muito tempo, e, embora mais ou menos se dispusesse a colaborar, também era esperto, e nem sempre correspondia à expectativa. Não se incomodava, contudo, com a meia dúzia de setas nas costas, enquanto alguns dos outros touros dançavam por ali, tentando se livrar das suas.

Depois veio o pequeno "truque da capa" – sacudir a capa roxa em frente do touro, esperando o ataque dele, e depois dar um passo de lado, deixando o boi atingir a capa. Então os oito toureiros avançaram, e um deles, investindo contra o touro, pulou entre os chifres. O touro sacudiu a cabeça para cima e para baixo, mas o homem, firmemente enganchado entre os chifres, não saía do lugar. Os outros sete homens cercaram o touro, forçaram para baixo a cabeça dele, torceram a cauda como a manivela de um realejo, e finalmente retiraram o homem. Abriu-se então a porta, dois bezerros mansos, com sinos em volta dos pescoços, entraram, e o touro número um recolheu-se graciosamente entre seus irmãos.

Entrou a seguir, o touro número dois, um animal branco e brincalhão. Os golpes da seta e da capa funcionaram durante algum tempo; depois as duas criaturas mansas apareceram de novo, e o número dois saiu da mesma forma que o número um.

Seguiu-se o touro número três. Foram aplicados os mesmos truques usados com os animais anteriores, com a diferença de que algumas bandeiras tinham bombinhas amarradas nelas. As duas primeiras tinham sido habilmente presas, e o pobre touro se retorcia no meio do fogo e da fumaça, acompanhado de um barulho terrível. As duas bombinhas seguintes falharam, e, quando começaram a explodir, o homem as atirou no chão e fugiu para a arena. Isso ele fez três vezes, por entre as vaias dos espectadores. Esse boi não entendeu o truque da capa roxa, e, em vez de investir contra ela, recuou. Logo seguiu o rumo dos outros.

Veio então o número 4, que era preto e travesso. Quando apareceu, todos os toureiros saltaram na arena, e o boi correu durante algum tempo. Enquanto isso, três homens da plateia, animados com a promessa de um bilhete de dez contos para a próxima loteria, ofereceram-se para agarrá-lo. Tirando chapéus e paletós, entraram na arena; um deles foi para o meio, logo atrás do animal, que de repente se virou para ele. O homem não teve a presença de espírito de se esquivar, mas começou a correr sem rumo pela arena, em direção a nós, com os olhos esbugalhados, o terror no rosto, e o touro atrás dele; saltando para fora da arena e, por fim, o homem sentou-se, arquejante e ofegante, entre estrondosas gargalhadas. Um dos outros amadores tentou então saltar entre os chifres do touro, mas não atingiu o alvo. O touro abaixou a cabeça até o chão, colocando-a no estômago do homem, e queria esmagá-lo; mas os ajudantes acudiram e o libertaram, quando ele também fugiu e saltou para fora, pálido e trêmulo. Reboaram novos gritos e gargalhadas.

O terceiro amador tentou o truque da bandeira, quase conseguindo, e foi aplaudido. O touro número quatro foi então embora.

Seguiu-se o touro número cinco. As primeiras seis setas foram bem colocadas, depois duas bombinhas, depois mais quatro setas. O truque da capa foi bem executado, mas o salto entre os chifres fracassou, e ele se retirou.

O número seis foi um fracasso. Não quis fazer coisa alguma e afastou-se desonrado.

O sétimo e último touro foi mais ou menos como o número seis. Os animais mansos foram logo levados embora, e assim terminou a luta sanguinária com os "grandes e selvagens touros". Foi um verdadeiro fiasco, e embora eu risse de vez em quando, não valeu os cinco xelins, exceto pela experiência; por isso, não terei pressa de assistir ao espetáculo novamente. Não consigo ver onde está a graça e surpreendi-me ao observar muitas senhoras bem vestidas entre os espectadores. A julgar pelas notícias dos jornais sobre as diferentes touradas, parece que aquela a que assisti foi excepcionalmente boa. Então como devem ser as outras?

Eu preferiria mil vezes ser um desses touros, que não sofrem muita dor – geralmente não se via sangue saindo das picadas das setas – a ser um boi de canga, trabalhando duro o dia inteiro, coberto de feridas pelo brutal tratamento dos carreteiros; um espetáculo de cortar o coração, que vi diariamente no interior, quando estava perto da estrada principal.

29 de junho – Como é dia de São Pedro, há uma grande festa e a principal diversão parece ser soltar fogos de artifício. É detestável sair a pé ou de carruagem nessas ocasiões por causa das inúmeras bombinhas e outros explosivos atirados ao ar; fico surpreendido com o fato de os cavalos não se assustarem, mas não parecem se perturbar. O céu fica cheio de balões e foguetes sibilantes e esperamos a cada momento que a vareta de um foguete nos penetre o crânio.

Hoje, depois de ir à igreja, subi o Morro do Castelo, numa caminhada de um quarto de hora. A vista do alto (275 pés acima do nível do mar) é encantadora, abrangendo desde a Ilha das Cobras (*Isle of Snakes*) até a Serra dos Órgãos, ao norte. Niterói, a leste da baía, parece muito

próxima e muito pitoresca com seus morros escarpados e ondulantes ao fundo. Ao pé do morro estão os telhados marrons da cidade e, deste local, pode-se ter uma ideia de sua vasta área; inúmeras torres, pináculos e cúpulas das inúmeras igrejas quebram a monotonia, elevando-se acima do nível dos telhados. O panorama, tal como o vi hoje, é realmente grandioso para o lado da Serra dos Órgãos. Acima, um céu claro; embaixo, a baía lisa como vidro, quase sem uma onda, pontilhada de navios e ilhas, e, aparentemente, se estendendo em todas as direções. Ao norte, além da Ilha do Governador, a baía é delimitada por cumes de montanhas enevoadas que se elevam muito acima delas e, projetando-se de uma guirlanda de nuvens brancas e felpudas estendida em linha recortada por toda a serra, avistam-se os extraordinários, fantásticos e denteados picos cor de anil da dita Serra dos Órgãos, a umas cinquenta ou sessenta milhas de distância, as quais, embora nebulosas na base e parcialmente escondidas pela camada de nuvens, destacam seu marcante relevo contra o céu branco-azulado, carregado de vapor.

Foi simplesmente perfeito ficar assentado contemplando a linda paisagem, com o sol dardejando seus raios quentes, e uma suave brisa do Atlântico a me bafejar. Fiquei assentado meia hora, em êxtase, lançando de vez em quando um olhar para as manchinhas de gente na praça Dom Pedro II, lá embaixo (perto do palácio, do mercado e das barcas), vendo as barcas de Niterói deslizar para frente e para trás e ouvindo os infindáveis fogos e foguetes que se soltam dia e noite. Depois, dei uma volta até o lado sul das velhas muralhas que coroam o alto da montanha para apreciar a vista em direção à entrada da baía. É bonita, mas não se compara com a outra linda paisagem. Veem-se os vários morros espalhados sobre a parte mais nova e aristocrática da cidade que é a extremidade sul, indo para Botafogo; o pitoresco Morro da Glória; o Corcovado, com seus braços majestosos, que parecem um polvo ou uma estrela do mar cobertos de florestas; o Pão de Açúcar; em seguida, os fortes lavados pelas águas profundamente azuis da baía, orlada pela espuma das ondas sobre as rochas; as ondas com suas bordas brancas, agitando-se nas ilhas ou penínsulas que ali se formam; e, depois delas todas, as águas infinitas do oceano. Enquanto olhava, ocorreu-me que essa água se estende até as pequenas ondas do Tâmisa, encrespando-se às margens do Parque Battersea e de Cheyne Walk, a uma milha de casa. Isso levou a reflexões que você pode imaginar melhor do que eu posso descrever.

Relutante, forcei-me a voltar para casa em Botafogo, fazendo, *en route*, uma pequena visita a meu lugar predileto, o Passeio Público, chegando a nossa casa às 2:15. Depois do almoço fui com Sr. Large dar uma volta pela baía do Botafogo. Em minha opinião esta é a mais bela de todas as baías cercadas de residências. Do Morro da Viúva, onde existe um reservatório, uma fileira contínua de casas bordeja a rua larga, toda calçada de paralelepípedos, com uma dupla linha de trilhos de bondes. Um muro baixo, como já disse, estende-se ao longo da baía, ladeando o caminho, em cuja extremidade há uma ala de árvores umbrosas. Do outro lado da rua, num passeio junto às casas, crescem belas palmeiras majestosas e muitas outras árvores. As casas são todas pitorescas e bem construídas, no meio de jardins bem tratados e cheios de fontes, ricos em muitas espécies de lindas plantas e flores tropicais, além de rosas, cravos etc. Essas casas, entre as quais estão os grandes prédios denominados Hôtel d'Angleterre e Royal Hotel, estendem-se uns três quartos de milha em volta da baía, onde a rua, com seu bonde, vira em ângulo reto em direção ao Jardim Botânico. Continuamos nossa caminhada em volta da baía por uma rua acidentada, passando por um enorme morro, com uma grande pedreira para extração de pedras de construção. Examinamos a pedra já preparada sob as cobertas, uma espécie de granito cinza, e admiramos a grande habilidade com que é esculpida em molduras elaboradas. Chegamos então a um belo prédio, o Hospício Pedro II (asilo de lunáticos), onde três deles gritaram conosco pelas janelas gradeadas, que dão para um jardim bem cuidado, cercado por belas grades de ferro trabalhado. Prosseguimos então até a *military school* (Escola Militar), situada num lugar arenoso, entre o Morro da Babilônia e os morros imponentes que terminam no Pão de Açúcar. De cada lado da Escola Militar há um muro de concreto que nos impediu de chegar ao Atlântico, que banha a praia dali para frente. Pela entrada da baía, enxergamos então uma bela vista da Serra dos Órgãos e, na direção contrária, da curiosa Pedra da Gávea ou Montanha da Mesa, que termina em forma de quadrado, depois do Corcovado. Pela primeira vez, antes de voltar, dedicamos algum tempo ao estudo das conchas, catando bonitos exemplares na praia arenosa.

"No crepúsculo" assentei-me sozinho na alcova semelhante às de Pompeia do terraço superior, fora da nossa casa, e contemplei o colorido intenso do Pão de Açúcar, parecendo um vulcão, vislumbrado através das folhas farfalhantes das palmeiras em leque, e entre os troncos das imponentes palmeiras *Oreodoxa*, apreciei a brisa embalsamada e ouvi o murmúrio das pequenas ondas sobre a praia, maravilhado com a beleza da paisagem e a lembrança das experiências do dia. Só por um dia assim quase valeria a pena vir aqui.

2 de julho – Preciso mencionar a corrupção e o suborno reinantes em todos os escritórios do governo e os exorbitantes impostos e taxas de armazenamento cobrados pela alfândega ou *custom house*. É uma política suicida: na verdade, como meu informante revelou, trata-se do "sistema de uma gente miseravelmente fraca, que quer dinheiro vivo a qualquer preço, sem pensar no futuro". É oportuno lembrar aqui que o câmbio está agora muito baixo, $19^{7}/_{8}$ *pence* por mil-réis (o câmbio ao par sendo 27 *pence*). Como devo partir pelo *Valparaíso,* da Companhia de Navegação a Vapor do Pacífico, no dia 26 do corrente mês, isso significa que terei que trocar meu dinheiro

e perderei cerca de dez por cento. Descobri que este belo, mas insolvente, país tem o agradável costume de abaixar o câmbio na hora de pagar dividendos, com o objetivo, suponho, de recuperar um pouco as finanças.

Tenho ouvido, ultimamente, falar muito sobre a febre amarela por intermédio de um velho amigo que, no verão passado, teve seis casos em casa, um dos quais terminou em morte. Essa foi a história muito triste de um jovem norte-americano, que estava para voltar a seu país e já tinha enviado a bagagem: morava em Niterói e tinha o hábito de ficar andando no meio da névoa de manhã cedo, perto das lagoas pantanosas, sem tomar café ou qualquer alimento, o que constitui não apenas imprudência, mas um quase suicídio. Adoecendo, foi tratado de uma febre intermitente durante três dias e teve alta. Quando se descobriu sua verdadeira doença colocaram-no de cama, mas nada pôde salvá-lo, devido a sua extrema imprudência. Uma noite, pediu à pessoa que o assistia que lhe trouxesse água com gás gelada, que o médico tinha recomendado; ao voltar, o homem encontrou o paciente encostado à janela, com o corpo para fora, em meio a uma chuva torrencial. Dezoito horas antes de sua agonia começar, o corpo perdeu a cor do pescoço para baixo. O doente morreu às nove da manhã do dia seguinte e o enterro devia ser às quatro da tarde. O caixão foi parafusado, mas formaram-se gases com tal rapidez que, ao ser levantado para ser colocado no carro fúnebre, os parafusos do caixão cederam e o efeito sobre os nervos do olfato durante o trajeto até o cemitério foi tenebroso. Como deve ter sido terrível o choque para a família, que esperava o breve retorno do pobre homem e, em vez disso, recebeu a notícia de sua morte e das penosas circunstâncias a ela associadas!

Parece-me, por tudo que ouvi, que essa febre deve ser ainda mais repugnante para todos os que têm de entrar em contato com os pobres doentes. Mas não é necessariamente perigosa, pois a própria Sra. Fairall, proprietária desta casa, que mora no Rio há vinte anos e teve duas pensões em Laranjeiras, já teve a febre, assim como a maior parte de sua família, e tratou de muitíssimos pacientes sem nunca perder um caso; de modo que os médicos sempre fazem questão, se possível, de consegui-la como enfermeira.

Recebi algumas informações sobre o tratamento que eu posso bem mencionar, embora espere nunca ter de pô-las em prática. Um conhecido meu, que teve a febre muito forte no verão, recuperou-se e parece estar melhor de saúde do que antes. É muito importante tratar da febre logo no princípio – nos primeiros dois ou três dias; os sintomas iniciais são dor de cabeça, dor nas costas, com náusea e febre. Inicia-se o tratamento tomando duas colheres de sopa de óleo de rícino, leite gelado e água gasosa gelada ou soda, *ad libitum*; mas não se deve comer nada de

carne. A doença envenena o sangue, o melhor remédio é um certo ácido. É muito importante manter a cama sempre quente e evitar resfriados. Os pacientes podem se curar mesmo depois de começados os vômitos negros ou quando sangue pútrido escorre da pele, mas aí o caso já é muito grave. Contudo, a varíola é mais temida que a febre amarela, pois, embora a última ataque mais os europeus, particularmente os que bebem ou que têm qualquer medo dela, geralmente, entre os brasileiros só afeta aos que tenham vindo do interior. Há um antídoto anunciado diariamente no jornal chamado *Vacinação contra a Febre Amarela*; mas ouvi dizer que é tudo uma farsa,[123] e que a teoria de Pasteur ainda não foi suficientemente pesquisada contra essa febre. Precisa-se urgentemente de uma descoberta assim, e não há dúvida de que a doença é um terrível flagelo. Um capitão holandês, chegando ao porto quando a febre estava no auge, ficou muito nervoso por causa disso, e dentro de três dias ele, sua mulher, seu sobrinho e mais uma ou duas pessoas estavam mortos; toda a tripulação fugiu e custou algum tempo encontrar um capitão e tripulação para levar o navio de volta à Holanda.[124]

Disseram-me que o Dr. Bento (brasileiro) e o Dr. King (inglês) são os melhores médicos para tratar da febre amarela; o último já tem vinte anos no Brasil, tem uma grande clínica, mas informou-me outro dia que ainda há espaço para dois bons cirurgiões ingleses no Rio.

---

123. N.A. Vale a pena notar que o Dr. Maximiano Carvalho anuncia no *Jornal do Comércio* do dia 13 deste que alguns dos casos recentes de febre amarela são de pessoas vacinadas com os micróbios do Dr. Freire. – *Rio News*, 15 de janeiro de 1884.

124. N.A. A febre de 1882 foi muito grave. De janeiro a março, dez ou doze mil morreram; algumas vezes, cento e cinquenta pessoas por dia.

CAPÍTULO X

OS ÚLTIMOS DIAS NO BRASIL

A subida do Corcovado

6 de julho – Depois da igreja, fui tomar uma xícara de café com um pãozinho no Café Carioca e, em seguida, peguei um bonde de Laranjeiras para o Corcovado. Alguns brasileiros disseram-me, depois, que ninguém, além de um inglês louco, pensaria em empreender essa expedição; primeiro, a pé, quando se poderia alugar um cavalo; segundo, na hora do calor; terceiro, de cartola, fraque e roupa domingueira. Contudo, foi o que fiz. Durante umas duas milhas, os vagões, partindo do centro, seguem em direção ao sul na Estrada do Botafogo, depois viram à direita numa praça chamada Duque de Caxias,[125] onde há belas avenidas de palmeiras muito altas. Daí os vagões sobem a rua das Laranjeiras, que é muito bonita, com casas bem construídas, de cores alegres e no meio de belos jardins; a estrada é ladeada por imensas e amplas árvores, cobertas de líquens pendentes; à esquerda da estrada corre um riacho raso, atravessado por pequenas pontes de madeira, até os portões dos jardins das várias casas. À medida que se avança, a estrada vai serpenteando e sobe ligeiramente por um vale que gradativamente se estreita, cercado por dois cumes descendo do Corcovado, totalmente coberto por florestas e de chácaras (*country houses*) que espreitam por entre bosques de palmeiras e por moitas de bananeiras nas clareiras da floresta. Deixando o bonde no ponto final, a 40 metros (131 pés) acima do nível do mar, às 1:45 da tarde iniciei a subida e, seguindo por uma estrada muito escarpada, em ziguezague, atingi a bela e larga estrada principal, levando ao morro de Santa Teresa, à altura de 220 metros (621 pés); nesse ponto cheguei à ferrovia em construção,[126] que está sendo feita por uma companhia particular de Laranjeiras até o alto do Corcovado, com o sistema da roda dentada – também empregado na ferrovia de Petrópolis, que espero descrever depois de visitá-la. No lugar onde alcancei a ferrovia, ela atravessa um viaduto muito alto, numa inclinação muito íngreme; as bases dos pilares são de pedra e a superestrutura de ferros angulares e em T, em que se apoiam as vigas (de três vãos, com armação em treliça), levando as vigas-mestras e os trilhos, com um corrimão colocado de cada lado. Visto do alto ou, na verdade, de ambas as extremidades, esse viaduto parece muito desajeitado, com os trilhos fazendo

125. N.E. Hoje Largo do Machado.

126. N.E. Foi inaugurada em 9 de outubro de 1884, logo após a visita do autor.

uma curva em S muito feia – as vigas-mestras cruzadas também, repetindo a mesma curva – o que é certamente indesejável. Neste ponto, as características da engenharia são a parte mais saliente da linha, pois a ferrovia, depois de atravessar o viaduto sobre uma garganta profunda, entra num tremendo corte numa curva com gradiente ainda mais apertado – de talvez um em cinco – o corte tendo pelo menos cem pés de profundidade. Deixando o viaduto, subi por esse corte e prossegui – em parte sobre as margens e pelos cortes da ferrovia, e em parte pela estrada – ocasionalmente, cortando caminho pelos atalhos íngremes, inspecionando, ao passar, as obras da ferrovia e os bem construídos encontros de pedra, às margens de gargantas profundas, que deverão ser atravessados por vigas-mestras. A estrada inteira atravessava uma densa floresta, com a exuberância habitual; mas são mais frequentes as palmeiras, cicadáceas etc., e as árvores grandes; as orquídeas parasitas e outros epífitos são mais viçosos do que na região de Minas onde estive. Há menos pássaros, entretanto, e não há papagaios ou macacos, exceto alguns saguis, o que não é de se admirar, tão perto da metrópole. De vez em quando, em meio à floresta, vislumbravam-se trechos encantadores da cidade e da Serra dos Órgãos. Finalmente, cheguei a Paineiras, onde se encontram uma chácara e alguns outros prédios.

Esse lugar situa-se a 439 metros (1.430 pés) acima do nível do mar. Os concessionários da ferrovia pretendem construir um grande hotel aqui e fundar uma colônia, para induzir os cidadãos e os estrangeiros a morar neste lugar durante o verão em vez de ir para Petrópolis, pois o lugar estará a uma hora de trem ou bonde do centro da cidade, ao passo que Petrópolis está a muito mais de duas horas de viagem. É certamente um lugar encantador com magníficas vistas do Atlântico que se descortinam a alguns minutos de caminhada.

Chegando-se à encosta principal da montanha, o Atlântico irrompe bruscamente à vista, e aí começou a parte mais penosa da subida. Cheguei ao cume uma hora e sete minutos depois de sair do trem, incluindo as paradas – bastante rápido, uma vez que o cume está a 712 metros (2.196 pés),[127] o que significa mais de dois mil pés de subida por hora. Uma dura estirada, pois, embora grande parte do caminho seja sombreada pelas majestosas árvores da floresta e pelos tufos emaranhados das trepadeiras, estive o tempo todo sob um calor intenso. Cada centímetro do corpo escorria suor e eu teria apreciado uma capa para me proteger do vento gelado que soprava no alto.

O cume consiste de dois montes redondos de rocha nua, com uma amurada para impedir acidentes que ocorreriam com toda a probabilidade, pois, de um lado, a montanha tem uma descida vertical de mais de mil pés. No alto há vários degraus talhados na rocha, sem os quais

127. N.E. Atualmente a altitude do Corcovado é dada com 710 m ou 2329 pés.

seria difícil não escorregar. Quando cheguei, havia três nativos em mangas de camisa e com longas bengalas. Pensei como lhes seria fácil me assaltarem, esvaziar-me os bolsos e jogar-me sobre a muralha, a uns mil pés, mata virgem abaixo. Contudo, não perpetraram esse ato vil, ou eu não poderia ter escrito estas linhas.

Como poderei descrever a vista? É quase impossível. Com um céu perfeitamente limpo, o olhar abrangia da Serra dos Órgãos, ao norte, a umas cinquenta milhas de distância, até Cabo Frio, setenta e cinco milhas a leste, chegando a um cabo além da Ilha Grande, perto de Parati, a umas setenta milhas ou mais a oeste, enquanto ao sul estendia-se o vasto Atlântico, cujas ondas se irrompiam em fios prateados sobre as praias arenosas ou arrebentavam contra as rochas escarpadas. As montanhas do lado de Niterói pareciam uma massa promíscua de morrinhos verde-escuro. Descortinava-se toda a baía do Rio de Janeiro, com suas inúmeras ilhas. A extensa cidade estava a uma profundidade estonteante, lá embaixo; seus inúmeros morros mal pareciam elevar-se da planície. O Pão de Açúcar (1.383 pés) parecia um pino de boliche. A oeste – vislumbrado através das selvagens montanhas revestidas de florestas, entre as quais a Pedra da Gávea com seu cume quadrado e o Morro dos Dois Irmãos – viam-se lindos retalhos do Atlântico e o cabo à distância, na divisa com a província de São Paulo. O horizonte do Atlântico perdia-se na neblina; mas, no seu seio azul, viam-se, como minúsculos pontos brancos, navios navegando a pleno vapor e um ou dois vapores. Observei um desses, o *Advance,* que vinha de Nova York. Ele entrou na baía logo, com uma baforada de fumaça branca subindo da proa, seguida, alguns segundos depois, pelo reboar do canhão, anunciando a chegada. Logo abaixo estavam o Jardim Botânico e as viscosas águas verde-escuro da Lagoa Rodrigues de Freitas, as águas sujas e insalubres contrastando extraordinariamente com o azul limpo da baía e do Atlântico, do qual são separadas por uma faixa de praia de areia branca. Conseguia ouvir distintamente o agradável tilintar dos sinos nas mulas do bonde a uns dois mil pés lá embaixo e até as pisadas no calçamento áspero, e ainda via os carros se arrastando, como partículas rastejantes na longa estrada branca e reta; entretanto as mulas eram quase invisíveis, bem como as pessoas, a menos que usassem guarda-sóis abertos.

Permaneci no alto do Corcovado três quartos de hora, e depois desci com relutância pelas florestas frescas, onde o sol já se escondera entre as montanhas. Ouvi os riachos impetuosos, vi a linda cachoeira, e uma hora depois estava no bonde. Nunca esquecerei este dia, e espero subir lá outra vez antes de deixar o Rio.

10 de julho – Nosso chefe parte para a Inglaterra dentro de três dias, por isso deu um jantar de despedida para a equipe e alguns amigos hoje à noite, no restaurante do Hotel Novo Mundo. A sala onde jantamos é muito grande, magnificamente decorada, e tem uma profusão de flores e plantas. O jantar e os vinhos estavam impecáveis; foi o único jantar de cerimônia de que participei durante minha permanência no Rio, pois, estando o ministro na Inglaterra, não pude usar minha apresentação de um ano atrás para visitá-lo, e não tive tempo de fazer amigos. O chefe tinha alugado um camarote no Teatro São Luiz para a estreia de uma companhia inglesa itinerante e fomos para lá depois do jantar. As peças foram *Pigmaleão e Galatea* e uma paródia chamada *Ali Babá,*[128] muito bem representadas. A casa estava cheia de ingleses, que aplaudiam ruidosamente, fazendo o mesmo os brasileiros presentes. Encontrei todos os meus conhecidos do Rio e passei uma noite muito agradável, embora geralmente não aprecie teatros, chegando finalmente a Botafogo cerca de 1:45 da manhã, pois a peça só terminou muito depois da meia-noite.

11 de julho – Nosso bom e velho navio, o *Cotopaxi*, chegou hoje, e à tarde alguns dos nossos remaram até ele. Infelizmente para nós, o Capitão Hayes estava em terra e alguns oficiais mudaram; mas vimos o primeiro oficial e também o primeiro e terceiro maquinistas, e conversamos agradavelmente com eles, contando alguns detalhes de nossas experiências no interior de Minas Gerais. Fiz uma brincadeira com um dos comissários de salão, puxando um rolo de notas brasileiras e pedindo o troco, que naturalmente ele não pôde dar. Pedi-lhe então que me explicasse o dinheiro inglês, o que ele começou a fazer, tomando-me por brasileiro. Meus companheiros se divertiram muito.

14 de julho – Hoje é o aniversário da queda da Bastilha e houve uma grande reunião de residentes franceses, que são muito numerosos, em uma das grandes instituições da cidade, generosamente decorada com plantas e palmeiras no exterior e brilhantemente iluminada por festões de lâmpadas atravessando a rua em todas as direções. Por uma coincidência curiosíssima, exatamente ontem à noite estive lendo a história do acontecimento – completamente esquecido de que o aniversário estivesse tão perto – na "Miranda" de Percy St. John.[129] Enquanto, assentado em meu quarto no Novo Mundo, lia outra vez a história daquela terrível revolução no Velho, eu pensei no progresso (?) do pensamento e naquilo que leva os homens à revolução, e como possivelmente haverá uma revolução branda no Brasil quando morrer o Imperador atual (que ele reine por muito tempo, pois é o único homem que consegue manter alguma ordem nas coisas), imaginando a possível desintegração do Império numa confederação de províncias, tais como as existentes nos Estados Unidos etc.

---

128. N.A. Os brasileiros insistem em dizer "Ali Babá e os Trinta e Nove Ladrões", coisa que não consigo entender, pois Ali Babá não era um deles.

129. N.E. Percy St. John (1821–1889): *The Countess Miranda*, sobre a Revolução Francesa de 1848.

Estamos chegando ao fim de nossa permanência aqui, e lembro-me de que nunca descrevi a paisagem das janelas de nosso escritório. Ele está situado no centro dos grandes armazéns de café, e cada libra de café que sai do Rio passa em carroças pelo caminho à nossa porta, ao longo dos trilhos dos bondes em direção às docas, por isso o tráfego é considerável. Nossa vista é na verdade diferente de tudo que milhares de ingleses na velha pátria veem das janelas de seus escritórios ou armazéns, onde passam o dia, muitas vezes – demasiadas, infelizmente – sem vista de qualquer coisa. Este escritório é um belo aposento no primeiro andar, espaçoso, de frente para o sul, mas sempre fresco; daí, passando por um corredor até o fundo da casa, que está no cais junto à baía, temos uma vista magnífica, bordejada pela Serra dos Órgãos. As janelas fronteiriças do escritório dão para um espaço triangular, totalmente pavimentado, que, da madrugada até às três da tarde, fica entulhado de tendas cobertas, para onde se dirigem, para tomar refeições, os homens empregados no transporte do café dos vários armazéns. Do lado oposto do espaço triangular, há cerca de uma dúzia de casas, lojas e cafés – sendo uma delas um restaurante inglês para marinheiros – com um, dois, ou três andares, só havendo duas casas da mesma altura; são pintados de vermelho, azul, amarelo ou marrom ou então a fachada é revestida de azulejos formando desenhos. Algumas das casas têm varandas, de onde ocasionalmente belas donzelas, ou, pelo menos, belas por cortesia – já que algumas são negras como Érebo – se debruçam, tomando a fresca.[130] Atrás dessa fileira de residências eleva-se o Morro da Conceição (154 pés), coberto de casas mais ou menos pitorescas, construídas de forma irregular e coroadas por um muro fortificado que cerca o palácio episcopal e as câmaras eclesiásticas. Algumas bananas e árvores de folhas vermelhas pontilham a vizinhança, cerca de vinte fios de telégrafo e telefone atravessam nosso triângulo, muitos varais de roupas aparecem no alto das casas, enquanto enxames de crianças – brancas, pretas e mulatas, ora vestidas, ora quase nuas – brincam por toda parte, cercadas por uma multidão de cães e gatos que rosnam e brigam sobre os telhados de telhas marrons.

18 de julho – Hoje à noite, nosso companheiro de alojamento, Sr. Hector, com quem travamos grande amizade, trouxe dois cavalheiros para se hospedarem aqui, senhores Hoffman e Lattman, de Nova York. Chegaram pelo *Advance*, cuja entrada na baía mencionei ter observado do alto do Corcovado. São muito agradáveis e conversadores e contaram com detalhes algumas experiências da viagem. Desembarcando no Maranhão (Maranham), visitaram o mercado, que descreveram como abominável. Sr. Hoffman disse que viu lá o cão mais magro que jamais existiu, observando: "Seria possível ler um jornal de letras miúdas através do corpo dele". Lamentava não

130. N.T. No original, a expressão "*fair damsels*" significa ao mesmo tempo "belas donzelas" e "louras donzelas", o que dá origem a um trocadilho, contrastando com a cor negra das moças. Na tradução, foi impossível conservar a duplicidade de sentido da palavra "*fair*", perdendo-se, portanto, o trocadilho.

o ter fotografado como curiosidade. A alimentação nos vapores norte-americanos é ruim e parece que o comissário é proibido, via de regra, de comprar comida durante o trajeto; contudo, recebendo reclamações, comprou umas galinhas, que foram preparadas. Algumas tinham a pele escura, do tipo que muitas vezes vi no interior. Têm um aspecto repelente, embora a carne seja tão boa como a das outras. Nosso amigo, entretanto, ficou incomodado, e disse ao comissário: "Não sei onde essas aves foram criadas e educadas, mas imagino que têm umas gotas de sangue negro. Acho que vou sair."

20 de julho – Depois da igreja subi novamente o Morro do Castelo; a Serra dos Órgãos estava totalmente escondida por nuvens. Voltei então para Botafogo e subi a pé com Sr. Large na direção do Corcovado, pelo mesmo caminho do dia 6, seguindo até o viaduto um pouco além da picada. A colocação de trilhos etc. tinha avançado muito nas duas últimas semanas. Voltamos acompanhando a linha da ferrovia até a rua Cosme Velho, na extremidade superior de Laranjeiras, tendo a locomotiva passado por nós puxando um vagão aonde, entre muitos outros, iam dois amigos,[131] que nos cumprimentaram. Examinamos a estação, as locomotivas e os vagões de passageiros. Um novo trecho adicional da linha acabara de ser inaugurado e parece que essa cerimônia ridícula ocorre toda vez que se termina a colocação de algumas jardas de trilhos.

Viagem a Petrópolis

22 de julho – Como resolvi ir a Petrópolis na barca da tarde, às 12:30, saí do escritório correndo para fazer um lanche e ir a Botafogo buscar alguns objetos. O vapor saiu às 3:30. O preço da passagem de ida foi 7.500 réis; não pude comprar passagem de ida e volta que só é vendida aos domingos, quando há uma viagem barata – 8 mil-réis, ida e volta na primeira classe – saindo da Prainha às sete da manhã e voltando de Petrópolis às quatro da tarde. Antes da partida do vapor, interessei-me em observar diversas canoas do conhecido formato de caixão que trafegam entre os navios, guiadas por um ou dois homens com remos de pá larga fixados na popa.

Como o dia estava claro, a vista era perfeita. Quando já nos tínhamos afastado bastante da margem, olhando para trás, vimos a pitoresca cidade, sobre a qual pendia uma faixa raiada de névoa fumacenta e, mais à frente, subindo até o céu, o ousado contorno da Serra da Tijuca. Logo nos aproximamos da Ilha do Governador e estávamos passando pelas numerosas

131. N.A. Sr. Colin Mackenzie e Sr. W.H. Glover.

ilhas; algumas, meros montes de pedra ou de pedregulhos, ou mesmo simples rochas solitárias mal emergindo da água; outras, com um pouco de grama e alguns arbustos, e outras ainda com uma vegetação exuberante, chegando até a beira da água. Algumas ilhas tinham uma ou duas casas ou bangalôs. A Ilha do Governador, com uma circunferência de vinte milhas, é muito acidentada, densamente arborizada e com numerosas baías pitorescas e, segundo creio, pouco povoada. Perto de Mauá, onde desembarcamos, a água parecia óleo e as ondas produzidas pela passagem do vapor chamavam a atenção, consistindo de uma série de ondulações regulares, sem qualquer agitação, já que não havia um sopro de vento. A vista para trás, em direção ao Rio, era muito linda – com a água curiosamente ondulada no primeiro plano; a Ilha do Governador, com sua vegetação de um verde profundo, a uma distância média; e, mais adiante, elevando-se claramente no céu sem nuvens, a pirâmide do Pão de Açúcar, bem como grande parte do Corcovado e da cadeia de Tijuca, o primeiro parecendo insignificante. Fazendo meia-volta, vemos que estamos nos aproximando rapidamente da margem, maravilhosamente verde, em forma de crescente, coberta de arbustos até a beira da água, sem sinal de qualquer habitação e evidentemente nada própria para o desembarque. Em alguns minutos, vemos um tablado sendo montado na baía e, deixando o vapor, depois de viajar uma hora e cinco minutos, encontramo-nos na plataforma onde espera o trem que nos levará a Petrópolis. Esta ferrovia, com a bitola de um metro, foi a primeira construída no Império; mas durante muitos anos só chegava até a Raiz da Serra (*foot of the hill*), de onde, para chegar a Petrópolis, era necessário ir de diligência por uma estrada ziguezagueante, larga e bem-feita. O trem se compunha de um vagão de primeira classe e um de segunda, que rapidamente ficaram bem cheios. Os lugares e os encostos eram de palhinha estreitamente tecida, sendo os encostos reversíveis, não proporcionando muito espaço, já que estão a uma distância de apenas cerca de dois pés e seis polegadas[132] um do outro. Em cada banco cabem cinco pessoas e cada vagão leva sessenta. Deixando a plataforma, seguimos por um terreno baixo, atravessando uma região plana, arenosa, coberta de bosques e cheia de arbustos viçosos, emaranhados e entretecidos de espinhos e trepadeiras, com a vegetação monocromática às vezes variada por cachos de flores de cores vivas. Às cinco da tarde, chegando à segunda estação, nossa locomotiva, que estivera na frente, foi mudada por uma provida de uma roda dentada central colocada à retaguarda do trem e aí iniciamos rapidamente uma subida que às vezes tinha um grau de subida de um em cinco, mais ou menos, de modo que eu era capaz de *enxergar* a agulha de meu barômetro baixando. Passamos por esplêndida paisagem montanhosa, imensos blocos perpendiculares de rochas, cobertas de árvores no alto, brotando da densa floresta virgem que cobria os lados montanhosos do vale. Depois de um quarto de hora de subida, descortinou-se uma vista soberba. Conseguíamos ver toda a extensão da capoeira plana até

132. N.E. ca. de 35 cm.

Mauá; a nossos pés, uma linha branca e reta, indicando a estrada que acabáramos de atravessar, cercada por bosques cheios de morros; depois a baía, a Ilha do Governador, as montanhas em volta do Rio, a entrada da baía e o vasto Atlântico mais além, a cerca de trinta milhas. Às 5:30 atravessamos a Grota Funda, que, como o nome sugere, é uma garganta de tremenda profundidade, encimada por um viaduto construído de forma semelhante à que já descrevi para a ferrovia do Corcovado. Estamos aqui na mais impressionante paisagem desta linha, no meio de um grande anfiteatro, de três quartos de círculo, cercado de uma floresta virgem emoldurada por fantásticas e majestosíssimas montanhas de rochas perpendiculares, enquanto, depois da saída desse imponente anfiteatro, desenha-se, claramente delineada com todos os detalhes, a pitoresca baía. Logo após a Grota Funda, encontra-se uma obra-prima de engenharia, tanto pela ousada concepção quanto pela admirável execução, embora o espetáculo quase nos faça estremecer. A ferrovia é levada em pleno ar por cantiléveres,[133] ou vigas-mestras fixadas na face de uma rocha vertical, de modo que se pode olhar pela janela e tocar a rocha enquanto se contempla a floresta virgem a uma profundidade vertiginosa lá embaixo.

Às 5:35 tínhamos chegado ao alto; e novamente, trocando de locomotiva, deixamos a linha de roda dentada e seguimos, vendo casas espalhadas, até a estação de Petrópolis, aonde chegamos às 5:40, tendo gasto, portanto, duas horas e dez minutos de viagem. O barômetro marcava 27’50 e, como marcava 30’ quando partimos, registrava uma subida de aproximadamente 2.500 pés. O ponto mais alto da ferrovia, onde se junta à linha de roda dentada, é de 100 pés (por aneroide) acima de Petrópolis. O ar estava agora muito frio e, embora o termômetro marcasse 65 graus Fahrenheit (e eram 60 às dez da noite), meus pés ficaram quase tão frios como gelo. É curioso ter-se essa sensação de frio com o termômetro registrando uma temperatura que, na Inglaterra – e ultimamente até no Rio, de manhã cedo – é agradável. Na Inglaterra, uma temperatura dessas é quente; no Rio, é fresca e estimulante. Suponho que essa sensação de frio se deva à mudança rápida do relativo calor do Rio para o ar mais rarefeito e para as gélidas brisas da montanha.

Tomando a carruagem do hotel, rumei em cinco minutos para o Hotel MacDowel, agora dirigido por Sr. Mills, um inglês, onde saboreei um bom jantar, na companhia de uma senhora brasileira, sua filha, e de um engenheiro inglês, Sr. A. Welby, que, como fiquei sabendo depois, está trabalhando num prolongamento projetado para esta ferrovia, que deve se estender por mais umas cinquenta milhas. Nossa mesa parecia desolada, pois era “muito comprida” (*very long*), e trabalhosamente decorada, mas com apenas uma lâmpada ou duas numa extremidade,

133. N.E. Vigas em balanço.

para os quatro hóspedes alojados aqui no momento. Petrópolis está bem vazia agora, pois estamos em pleno inverno.

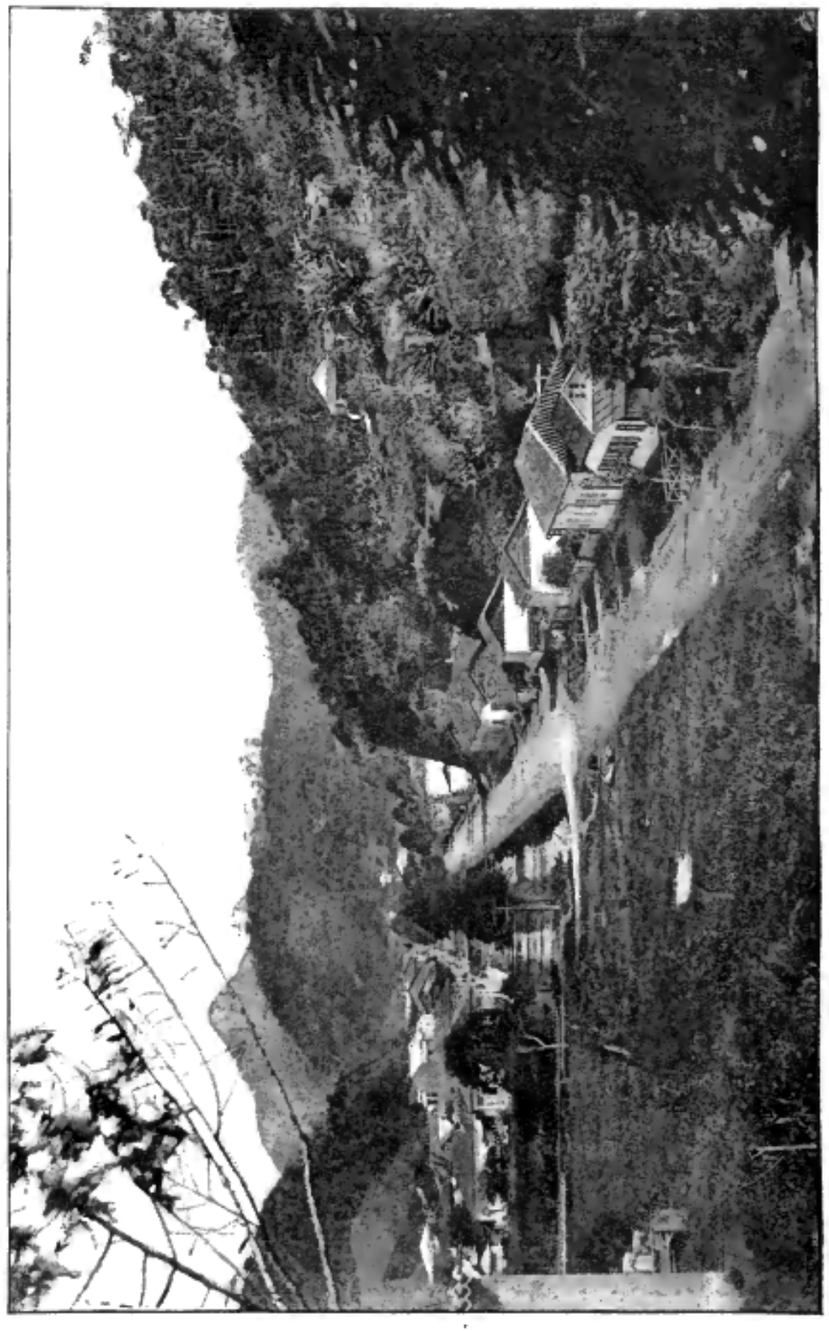
23 de julho – Uma manhã nublada, mas quente e agradável, de modo que fui dar uma volta pela cidade antes do desjejum, e depois pelo jardim do hotel, onde camélias, azaleias, copos-de-leite, rosas e gerânios se misturavam com cactos e outras plantas e flores tropicais.

Antes de descrever as caminhadas do dia, preciso dizer algumas palavras sobre a cidade. Petrópolis ou *the city of Peter* chama-se assim porque deve sua fundação e progresso ao Imperador Pedro II. Está situada a 803 metros (2.634 pés) acima do nível do mar e é a residência de verão do Imperador, da Imperatriz e da família Real, e das representações diplomáticas estrangeiras. Possui cinco hotéis, além de restaurantes, seis colégios e escolas, três clubes musicais e numerosos outros prédios notáveis, além de ter um sistema completo de telégrafo e telefones; publica dois jornais, um bi-semanário, *O Mercantil*, um semanal, *O Arauto*, que custam 100 réis ou 2 *pence,* cada.

Depois que a ferrovia Príncipe do Grão-Pará foi inaugurada, muitos comerciantes e outros profissionais moram aqui, indo e voltando ao Rio de Janeiro diariamente. Essa ferrovia foi iniciada em 1º de agosto de 1881 e inaugurada em 1883.

Acredita-se que Petrópolis seja uma das localidades mais saudáveis do mundo e certamente é um lugar belo e único, tendo uma paisagem muito variada. Três rios principais atravessam a cidade, o rio Quitandinha, o Córrego Seco (*dry stream*) e o rio Piabanha; os dois primeiros descem pela rua principal, a rua do Imperador, em direções contrárias, encontrando-se na praça (*square*) Dom Pedro II, de onde as águas correm unidas cortando a rua da Imperatriz em ângulo reto, para além do Palácio Imperial, que está no meio de belos jardins. Depois de atravessar várias ruas durante certa distância, vão juntar-se ao Piabanha, que, algumas léguas mais adiante, deságua no Paraíba do Sul, na divisa da Província de Minas Gerais.

A estação ferroviária está no final noroeste da rua do Imperador, junto do Córrego Seco. Essa rua é extremamente pitoresca. Os dois riachos, embora corram em direções opostas, formam uma linha reta. Correm a alguns pés abaixo do nível da estrada, contidos por muros, atravessados por numerosas pontes de madeira. Em ambas as margens há gramados e árvores, uma estrada larga, caminho para pedestres, e uma fileira de boas lojas, pintadas de várias cores e agradavelmente enfeitadas. Uma caminhada de cinco minutos da estação – acompanhando a rua em direção sudoeste – leva o viajante até a praça Dom Pedro II, onde, há dois jardins pequenos, mas bonitos, com inúmeros bancos à sombra das árvores; e com mais dois minutos chega-se à rua da Princesa Dona Januária, onde está meu hotel.



Rua do Imperador, Petrópolis

De Petrópolis sai a excelente e importantíssima estrada da Companhia União e Indústria que, começando na extremidade da rua Westfália (a que me referirei mais tarde) na extremidade sul da cidade, segue até Juiz de Fora, passando por Entre Rios,[134] com um comprimento total de 232 quilômetros (145 milhas). Depois de passar pelas margens do rio Piabanha, a estrada acompanha os magníficos vales do Paraíba e do Paraibuna, que mencionei previamente, até o término. Um serviço de carruagens funciona diariamente entre Petrópolis e Entre Rios, sob a direção de Sr. John M. Morritt; as carruagens vão por esta estrada, na qual há muitas barreiras de pedágio, atingindo uma renda mensal de cerca de cinquenta contos de réis ($50.000) ou 4.200 libras. Nossos dois amigos americanos fizeram essa viagem nos últimos dias e afirmam que nada pode ser mais bonito ou mais gratificante do que esse passeio delicioso.

Agora, *revenons à nos moutons*, ou antes, à minha caminhada. Depois do desjejum saí a pé para visitar a Cascatinha, uma famosa cachoeira a umas quatro milhas daqui, tendo antes recebido instruções sobre o caminho. Felizmente, como descobri, perdi a direção, de modo que tive o prazer de ir por uma estrada e voltar por outra. A rota que segui evidentemente não é muito frequentada, mas é de longe a mais interessante e a mais selvagem das duas. Depois de passar o palácio, continuei subindo direto até o fim da rua da Imperatriz, quando deveria ter dobrado à esquerda, seguindo o Quitandinha que fornece uma parte das águas que caem na cachoeira; entretanto, virei à direita e logo deixei para trás todos os vestígios da civilização e, atravessando uma pequena divisa, entrei numa garganta estreita, chamada Gruta das Saudades (*Grotto of Earnest Longings*), linda e densamente arborizada, com algumas clareiras e choupanas. Logo a ravina se alargou consideravelmente, lembrando vivamente os vales laterais de Les Ormonts e Champéry, do vale do Reno na Suíça;[135] mais adiante, a paisagem de Perthshire ou Pen-y-gwryd perto de Snowdon me veio à lembrança; só que aqui há á rvores nos picos das rochas mais altas. Depois de algum tempo, a estrada, chamada Antigo Caminho de Minas (*old road to* Minas), desapareceu completamente e tive de atravessar um córrego largo, o Rio Itamarati, cheio de pedras cobertas de líquens, para, finalmente, seguindo esse riacho, uma hora e quarenta e cinco minutos depois de deixar o hotel, chegar à grande fábrica de algodão chamada Petropolitana,[136] situada em um descampado agreste

---

134. N.E. Hoje Três Rios, RJ.

135. N.E. O Rio Rhone começa no Lago de Genebra na Suíça e passa logo para a França em direção ao Mar Mediterrâneo.

136. N.E. “Cia. Petropolitana de Fiação e Tecidos”, fundada em 1872 pelo empresário cubano Bernardo Caymari.

de um vasto vale, na confluência do Itamarati com o Piabanha, abaixo da cachoeira formada pelo último, e cercado de montanhas quase despidas de vegetação, exceto grama seca. Visitei o gerente, mas, não trazendo uma apresentação, não tive permissão para examinar a fábrica; contudo, vi alguma coisa, pois tive de passar por várias oficinas para encontrar o gerente, e também olhei por uma porta que dava para um grande galpão onde havia duzentos ou trezentos homens e mulheres trabalhando nas máquinas de fiar. Todo esse maquinário funciona com a energia tirada da Cascatinha, onde o Piabanha – que, depois de deixar Petrópolis, segue um declive muito suave – subitamente se precipita por uns seiscentos pés de rocha, logo acima da fábrica de algodão.

Saindo da fábrica, subi por uma estrada particular até a estrada principal e então examinei o equipamento de aproveitamento da queda d'água. A cachoeira estava reduzida – sendo agora o período da seca – a um fio tênue pingando sobre a face lisa da rocha, a principal massa d'água sendo levada por cerca de duzentas ou trezentas jardas, para depois passar por um tubo quase vertical, de uns dois pés e seis polegadas de diâmetro, até as turbinas da fábrica. Cheguei assim à estrada que vai de Petrópolis a Entre Rios – e que estrada maravilhosa! – ampla, bem feita, bem conservada, com grandes montes de brita de granito partido à beira da estrada em intervalos de poucas jardas e conforme com o melhor sistema de macadame inglês. Logo depois de alcançar a estrada, cheguei a uma pedra marcada com um "9 K" e fiquei muito surpreso, pois não tinha ideia de que estava a uma distância tão grande de Petrópolis, nove quilômetros, ou cinco milhas e meia. Continuando a subir cerca de um quilômetro e passando por belas cachoeiras (Cascata do Retiro do Bulhões, isto é, *Cascade of the Retreat of the Source*), cheguei a uma barreira de pedágio. Desse ponto, o terreno parece plano, e segue o Piabanha até Petrópolis, serpenteando entre altos morros arredondados, nos quais a floresta vai rareando e a terra é cultivada, com algumas casas e jardins salpicados por ali. A partir da pedra do "6 K", as casas ficam mais numerosas e a primeira tinha um rótulo com as palavras "Rua Westphália". Passei depois por uma tabuleta incrustada numa rocha à beira da estrada, informando que esta estrada foi iniciada pela Companhia União e Indústria em 12 de abril de 1856, sob os auspícios do Imperador e na presença de Sua Majestade e da Imperatriz. Depois de mais alguns minutos de caminhada eu estava de novo em frente ao palácio; de forma que agora não sei a que localidade se referem as distâncias marcadas nas pedras, nem consegui esclarecimento de ninguém. A viagem de volta foi muito mais curta e fácil do que a da ida e gastou uma hora e um quarto; assim, cheguei logo depois das duas da tarde e passei o resto do dia vagueando pela cidade.

Petrópolis é uma colônia alemã e as ruas ficam cheias de crianças encantadoras, com bochechas cheias e rosadas, cabelo louro e olhos azuis, sendo que a cada momento se ouve sua

língua pátria e os lindos rostos são como um encantamento depois das crianças brancas magras, amareladas, de aspecto doentio, que tenho visto neste ano. Comprei como lembrança de meu passeio uma bonita bengalinha feita de pé de café por um certo Carlos Sprangenberg.

Como cheguei muito apressado, não tive tempo, como desejaria, de ser apresentado a alguns cavalheiros aqui residentes, dos quais um tem uma esplêndida coleção de orquídeas e, outro, grande número de borboletas. Contudo, meu longo passeio quase bastou por um dia e, como eu não tinha mais tempo, tive de me contentar com o pouco que fiz. Pelo menos, estou encantado de ter tido a oportunidade, no único dia disponível, de dar um vislumbre nesta linda vila alpina que permanecerá em minha memória por muito tempo como algo muito pouco brasileiro devido à comunidade alemã protestante e à ausência de negros.

24 de julho – Deixei Petrópolis pelo trem das 7:30 da manhã, tendo Sr. Mills e sua filhinha loura me acompanhado até a estação, o que me deu a oportunidade de expressar minha extrema satisfação por minha breve visita e sua gentil recepção.

A manhã estava fresca e o céu cheio de nuvens, com muita neblina, de forma que não se podia ver bem a Grota Funda, nem distinguir as águas da baía das camadas de nuvens. Da própria baía só se avistava a princípio o cume do Pão de Açúcar, e, quando nos aproximamos do Rio, até ele foi escondido pelas nuvens. Lá pelas 9:45 eu estava no escritório e passei o resto do dia embalando coisas.

Preciso concluir este relato com a breve descrição da viagem pelas montanhas até Petrópolis antes da época da ferrovia, citando palavras, como as usadas por brasileiros, muito mais poéticas do que as que julgo ser capaz de produzir. "A subida da Serra da Estrela (*Mountain of the Star*) é, em si mesma, um passeio agradabilíssimo, onde se apreciam as mais puras brisas do mundo. Há muito que admirar – cachoeiras, cascatas, grutas, rochas enormes, árvores de mil formas encantadoras e esplêndidas paisagens da baía que se veem a cada momento – de forma que o viajante, tranquilizado e encantado por espetáculos tão magníficos e animados da pródiga natureza intertropical, passa mais de duas horas sem sentir, recebendo a cada momento as mais agradáveis impressões, nunca antes experimentadas."[137]

Infelizmente deixei para trás, em Petrópolis, minha bengalinha de madeira de café, mas, a bordo do vapor, escrevi a Sr. Mills, pedindo-lhe que a enviasse; e dois dias depois tive o pra-

137 . N.A. *Guia do Viajante no Rio de Janeiro*, 1882.

zer de recuperar sua posse quando fui ao escritório no Rio. É maravilhoso relatar que, nesta cidade de tanta exploração, chegou gratuitamente!

25 de julho – O *Valparaíso*, cuja chegada está prevista para amanhã, ainda não telegrafou; e assim, tendo acabado de embalar minhas coisas, esperando deixar o Brasil amanhã, fui com Bithell à Tijuca, outro lugar perto do Rio que todos deveriam visitar. Fomos de bonde até onde foi possível, por uma estrada pitoresca embora perfeitamente plana, ladeada de muitas belas casas com jardins independentes ou grandes pastagens com bosques de majestosas mangueiras de vastas copas. Uma hora de viagem nos permitiu chegar a Andaraí à uma da tarde, ao sopé da montanha onde se situa a Tijuca; e, não havendo diligência para a vila a essa hora do dia, subimos a pé debaixo de um sol causticante por uma estrada muito pitoresca, mas, infelizmente, sem muita sombra, até, finalmente, chegarmos ao alto, onde há uma pedra marcando o nível de 350.01 metros (1.148 pés). Passando pela linda vila, deitamos âncora, agradecidíssimos, no Hotel Whyte, mais ou menos às duas da tarde. Depois de refrescos de limonada com uma dose de uísque, telefonamos para o escritório na cidade e ouvimos que não havia ainda notícias de nosso navio; assim, enquanto o almoço estava sendo preparado, saímos por um passeio pelos lindos arredores. O calor estava tão forte e o tempo à nossa disposição era tão pouco que não nos sentimos tentados a subir a sedutora montanha do Bico do Papagaio, assim chamada por causa de seus dois picos que dão a impressão de um bico de papagaio, e que se elevava no céu limpo à nossa direita; assim vagueamos pelo riacho acima, visitando os bem-cuidados tanques de banhos para homens e mulheres. No tanque masculino, morreu há algum tempo um escocês. Tinha acabado de chegar da Inglaterra e estava hospedado no Hotel, quando um dia pela manhã, depois de tomar um remédio, cometeu a tolice de ir nadar e foi descoberto morto por apoplexia. Sobre os tanques de banho há lindas moitas de meu bambu predileto; a água do riacho corre pelos diversos tanques cimentados, com degraus que levam aos vestiários. No lado das senhoras, mais acima no riacho, há um pequeno tanque raso para crianças. Voltamos então, apanhando violetas perfumadas pelo caminho, até o hotel, onde no momento não há hóspedes e nos divertimos folheando o livro de visitantes, onde li o seguinte registro: "Janeiro, 1879. Queensbury; Capitão Brough, R.M.S. *Britannia* (Pacific); Sir Beaumont e Lady Florence Dixie, Bosworth Park, Leicestershire; Lord James Douglas".

Admirei a paisagem daqui ainda mais que a de Petrópolis e desejei muito poder ficar mais tempo; mas não podia ser, de modo que, depois do almoço, pegamos uma diligência e voltamos para o bonde. Estávamos, naturalmente, do lado aberto do veículo, e tão acima das mulas, que galopavam muito rapidamente, que, nas curvas abruptas da estrada ziguezagueante, foi com alguma dificuldade que nos mantivemos nos lugares.

O ponto mais alto da serra da Tijuca tem 1.025 metros (3.362 pés). Há uns vinte lugares interessantes e que precisam ser visitados, entre eles a famosa Vista Chinesa, de onde se tem uma bela vista panorâmica do Corcovado, do Pão de Açúcar e da entrada da baía do Rio. Dessas vizinhanças também se vê muito bem a Pedra da Gávea; que por causa de sua forma inusitada constitui objeto de interesse, qualquer que seja o ângulo.

26 de julho – Visitamos o sistema hidráulico chamado Reservatório Pedro II, situado no Morro do Pedregulho (*Hill of Gravel*), chegando até lá num bonde que segue a estrada São Cristóvão (St. Christopher) durante três quartos de hora e depois pela estrada da Tijuca. Foi outro dia tórrido e sem nuvens, de modo que, dos terrenos do Reservatório, que são bem cuidados, apreciamos uma linda vista da parte ocidental da baía do Rio, com suas inúmeras e belas ilhotas, e ilhas maiores, todas verdes e cobertas de árvores. Já vi, agora, a baía de muitos lugares e em cada um deles encontro novas belezas, com um primeiro plano sempre variável, embora o fundo seja sempre o da maravilhosa e gigantesca Serra dos Órgãos. Seria verdadeiramente agradável passar um mês fazendo um cruzeiro pela baía, que tem cerca de cem milhas de circunferência, visitando as diferentes ilhas e escalando algumas das muitas colinas.

O grande reservatório coberto, usado para distribuição das águas, tinha sido esvaziado para ser lavado, de modo que conseguimos vê-lo. Foi iniciado em dezembro de 1876 e concluído em maio de 1880. Tem 102 (334 pés) por 82 metros (311 pés), com 5 metros (16 pés) de profundidade e capacidade para 8.800.000 galões.[138] É coberto por uma série de vinte arcos de tijolos segmentários. Situado a 147 pés acima do mar, é alimentado pelas águas dos rios Ouro e Santo Antônio, que vêm de uma distância de 32 milhas, e são levadas por sifões para dentro do pequeno reservatório a 180 pés acima do nível do mar. Um novo reservatório, de tamanho aproximado do existente, está sendo construído; todos os pilares que apoiam os arcos de tijolo do teto são de pedra maciça.

27 de julho – Subi pela segunda vez o Corcovado; desta vez não estava só, mas acompanhado por Sr. Large, Sr. Hector e os dois cavalheiros americanos. Em vez de ir pela estrada de Laranjeiras, fomos à cidade e daí passamos sob o famoso aqueduto, pela rua do Riachuelo até o Plano Inclinado, uma íngreme linha de bonde, subindo o Morro de Santa Teresa.

O comprimento dessa linha é de 561 jardas e o aclive mais forte é de cerca de 1 em 7. Além de numerosas outras pontes, há um arco de leve construção em treliça com um vão de 120

138 . N.A. Dados do *Guia do Viajante no Rio de Janeiro*.

pés. A linha foi inaugurada em 1884. Mais de dois terços da pista é dupla e os carros, um dos quais sobe enquanto o outro desce, são ligados por um cabo de ferro, manobrado por uma máquina fixa na extremidade superior da linha.[139]

Deixando o Plano Inclinado a 85 metros (279 pés), entramos num bonde que seguiu durante uma milha por uma estrada íngreme e muito tortuosa, ao lado do grande aqueduto, até o reservatório de Santa Teresa a 158 metros (511 pés), apreciando, durante todo o percurso, belas paisagens ao norte, sobre o bairro de São Cristóvão, e aquela parte da baía que vimos ontem do reservatório. Como a linha de bonde para por ali, caminhamos depois pela rua do Aqueduto. Sempre margeando o aqueduto, que é inteiramente coberto em toda sua extensão, mas com vários respiradouros para entrada de ar, chegamos finalmente ao lugar chamado Mãe d'Água (*Mother of the Water*), a 306 metros (1.004 pés) acima do nível do mar. Estes são os reservatórios mais antigos da cidade. É um pequeno paraíso no meio da floresta. Um soldado, evidentemente de sentinela, olhou-nos carrancudo quando entramos num jardim pequeno, mas bem tratado, resplendente de plantas e flores; e, subindo alguns degraus, chegamos a cinco tanques, para os quais correm as águas frias e cristalinas do rio Carioca. Esse rio, nascendo na floresta entre os morros da Tijuca e Paineiras, passa daí a um pequeno prédio na entrada do aqueduto. O ar fresco, a água impetuosa, a música das cachoeiras e as lindas flores eram realmente deliciosos, depois da caminhada de duas milhas sob o céu limpo, ao sol do meio-dia; apesar de a estrada larga e bem conservada ficar em sua maior parte debaixo da sombra da floresta. "É extremamente poético e encantador ver as águas desse famoso rio murmurando através da imponente floresta, correndo para os reservatórios e daí precipitando-se para o aqueduto."

Os primeiros habitantes procuraram as águas do rio Carioca, que gozava de grande reputação entre os nativos, para o abastecimento da população. Os primeiros canais para levar o rio até a cidade foram construídos em 1657; o magnífico aqueduto, tal como agora existe, foi concluído em 1750.[140] Tem umas oito milhas de comprimento, e passa sobre a rua do Riachuelo em uma fileira de duas séries de arcos, uma sobre a outra, com quarenta e duas parelhas, a uma altura de cerca de cem pés acima da rua,[141] estendendo-se do Morro de Santa Teresa até o Morro de Santo

139. N.A. Dados do *Guia do Viajante*.

140. N.E. Os primeiros estudos para trazer as águas do Rio Carioca para a cidade remontam a 1602, por determinação do então governador da Capitania do Rio de Janeiro, Martim Correia de Sá (1602-1608). O aqueduto da Carioca é hoje conhecido pela denominação de Arcos da Lapa.

141. N.E. A altura dos Arcos da Lapa é de ca. de 18 m = ca. 60 pés.

Antônio. Com exceção da substituição feita há alguns anos pela Companhia de Melhoramentos da Cidade da dupla série de arcos, onde o aqueduto atravessa a rua, por um único arco imponente, nenhuma reforma e pouquíssimos consertos foram necessários durante os 154 anos de sua existência.[142] O aqueduto termina no Largo da Carioca, a praça que é o principal ponto de partida dos bondes para Laranjeiras, Botafogo e Jardim Botânico. Aqui há um grande chafariz construído de granito, o maior da cidade; mas, infelizmente, sua arquitetura não está à altura do belo aqueduto.

Há muito, desde 1537, as águas do rio Carioca têm sido louvadas por Gabriel Souza, segundo quem os tamoios, os indígenas nativos que habitavam as margens da baía, tinham uma tradição de que suas águas possuíam o dom de inspirar seus poetas e músicos. Supunha-se que também pudessem curar a melancolia e a hipocondria. A palavra "carioca" tem muitas interpretações, das quais a mais provável parece ser derivar de *kaa-ry-og*, "casa do rio da floresta".[143]

Deixando a linda Mãe d'Água, logo chegamos à estrada de Laranjeiras e levei nossos amigos para examinarmos o viaduto da ferrovia. Subimos então tranquilamente o Corcovado, pelo mesmo caminho que descrevi anteriormente, e novamente fomos favorecidos por uma vista clara do esplêndido panorama, com o qual todos ficaram tão encantados quanto eu em ambas as ocasiões. Finalmente, já estando o sol baixo no horizonte, fomos forçados a nos afastar dali, e, descendo na fresca, tomamos o bonde de volta a nossa pensão em Botafogo.

28 de julho – Depois de nos mantermos em expectativa durante os últimos dois dias, aguardando a chegada do *Valparaíso*, ele realmente veio esta manhã; mas como não devia partir até amanhã, eu contava passar a tarde fazendo visitas de despedida, o que as excursões dos últimos dias – quando, finalmente, libertei-me da rotina do escritório – naturalmente impediram. Contudo, fomos informados de que devíamos embarcar às três da tarde, pois o vapor deveria zarpar às quatro; consequentemente, com a maior relutância, fui obrigado a renunciar a dizer adeus aos poucos amigos que tenho aqui, pois moram um pouco longe, e, em vez disso, fui ao mercado comprar alguns pássaros.

Embora encantado com a ideia de me encaminhar tão brevemente para casa, não pude dar uma última volta pela cidade sem sentimentos contraditórios. Felizmente o dia estava feio – pesadas nuvens encobriam as montanhas, a baía tinha um tom verde sujo e tudo parecia

142. N.E. Este arco único foi posteriormente retirado, assim os Arcos da Lapa ganharam seu aspecto original de fileira de arcos dupla.

143. N.E. Segundo outras fontes, significa "casa do homem branco" ou também "casa do [índio] carijó".

triste e escuro – de modo que não senti a tristeza adicional de ver a linda paisagem em seus aspectos mais atraentes. Mas por que demorar-me e prolongar minha agonia? Uma lancha a vapor veio nos buscar logo depois das três; guardamos a volumosa bagagem a bordo e, na companhia dos senhores Dantas e Freitas, que se mostraram muito bons amigos, e do Sr. Bithell, deixamos o cais e, outra vez, depois de treze meses no Brasil, estávamos a bordo. Adeus, lindo Rio! Passei muitas horas agradáveis em tua linda cidade. Será que voltarei a pisar nas tuas praias?

Observações adicionais sobre o Rio de Janeiro

Durante os dois meses que passei no Rio, estando diariamente ocupado no escritório das dez às cinco, com exceção dos sábados, depois das duas, dos domingos e dos últimos dias, não pude visitar um centésimo dos lugares que gostaria de explorar, por isso não posso dar uma descrição pessoal mais minuciosa da cidade e suas redondezas, embora deva brevemente referir-me aos percursos de bondes e um ou dois outros pontos que me chamaram a atenção. Mas primeiro, já que isso pode interessar, darei uma breve notícia de sua história.

Fundação da cidade [144]

O huguenote francês, Nicholas Durand Villegaignon, Cavaleiro de Malta e Vice-Almirante da Bretanha, que já foi muito festejado por seus feitos, desejando propagar o calvinismo no Novo Mundo, concebeu a ideia de fundar no Brasil – cujas riquezas naturais diziam-se maravilhosas na França – uma espécie de reino independente, que pudesse servir de refúgio para os seguidores de Calvino, cujas opiniões ele professava.

Villegaignon partiu de Le Havre em 12 de julho de 1555, no comando de dois navios bem armados que a Corte da França confiara a seus cuidados e, em 10 de novembro de 1555, entrou na baía da Guanabara (Rio), cujas praias ainda não eram habitadas, exceto pelos indígenas. Desembarcou primeiro na Ilha da Laje, à entrada da baía, onde existe hoje um forte; mas, achando a ilha coberta de ondas durante tempestades, mudou para uma ilha maior, que agora tem seu nome e na qual existe uma fortaleza. Aí construiu um forte, chamando-o de Coligny em honra do Almirante Gaspar de Coligny, protetor da colônia planejada. Villegaignon mal se tinha instalado quando enviou um navio à Europa, relatando o feliz resultado de sua expedição e pedindo reforços. Em 16 de março de 1557, chegou a frota, comandada por Bois le Comte, sobrinho de Villegaignon. Tinha chegado ao Espírito Santo em 26 de fevereiro, tendo deixado Honfleur em 19 de novembro do ano anterior, e consistia em três belos navios, armados com dezoito canhões de bronze e tripulados por quase trezentos homens, todos equipados às expensas da Corte francesa. Dois pastores calvinistas acompanhavam Bois le Comte, um deles, Jean de Lery, um genovês,[145] a quem devemos uma obra importante, *Histoire d'un voyage fait en la Terre du Brésil*, publicada em Rochelle em 1578, na qual trata da expedição e faz curiosos relatos sobre os indígenas entre os quais viveu.

144 . N.A. Condensado do *Guia do Viajante*.

Villegaignon recebeu a nova expedição com a maior alegria, estabeleceu um sistema eclesiástico, pediu aos pastores que fizessem duas pregações aos domingos e uma durante a semana, e orações todas as noites. Assim os franceses se apoderaram da baía do Rio de Janeiro e logo conquistaram a afeição e a amizade dos indígenas tamoios e tupinambás que povoavam suas praias.

Mas o Rei D. João IV, tomando conhecimento dessa colônia numa terra que pertencia a sua coroa, embora não a tivesse colonizado ou dela tomado posse, ordenou a Duarte da Costa, governador-geral da Bahia, que se informasse pessoalmente sobre a situação dos protestantes franceses. Nessa época, o monarca morreu. Contudo, à medida que chegavam notícias à Corte de que aumentava o número de colonos franceses e de que esses conquistavam mais força e mais terras, a Rainha Regente ordenou a Mem de Sá, sucessor de Duarte da Costa, que os expulsassem, enviando dois navios de guerra para esse fim. O governador ampliou a esquadra com outros navios, que, por acaso, estavam no porto, e embarcou em 10 de janeiro de 1560, recolhendo voluntários em sua viagem pela costa abaixo.

Villegaignon, tendo reprimido graves discórdias em sua colônia, tinha embarcado apressadamente para a França em outubro de 1559 e o governador-geral da Bahia entrou na baía do Rio em 21 de fevereiro. No dia 15 de março atacou a fortaleza de Villegaignon e lutou o dia inteiro, continuando a luta, com intervalos, durante a noite. No dia seguinte, a despeito do fogo pesado que vinha do forte, Mem de Sá resolveu conquistar a ilha, e, desembarcando do lado do Morro das Palmas, tomou-a pela força bruta. A luta durou dois dias e duas noites, com muitos atos de bravura de ambas as partes. Finalmente os franceses, sem pólvora e sem água, foram vencidos e

145 . N.E. Assim no original, porém genovês é de Gênova/Itália. Ele era francês e pastor da igreja reformada de Genebra/Suíça,

partiram para o continente, retirando-se, à noite, em suas canoas. Mais de mil indígenas tinham se aliado aos franceses, enquanto os portugueses eram somente cento e vinte, com cento e quarenta indígenas. “Se essa vitória não estivesse tão diretamente ligada a mim”, disse Mem de Sá, “eu afirmaria que muitos anos se passarão antes que haja algo igual entre cristãos.” Mem de Sá, entretanto, não conseguindo manter a ilha, demoliu a fortaleza e partiu para a Bahia.

Tendo a armada portuguesa se retirado, os franceses voltaram para a ilha, reconstruíram o forte e continuaram a residir ali. E, logo que chegaram outros navios com mais gente, já não havendo mais quem impedisse novas edificações, fortificaram-se em *terra firma* com mais segurança do que antes. Quando essa notícia chegou a Portugal, sabendo como seria conveniente para a Coroa fortificar e povoar o porto, Estácio de Sá foi enviado com dois galeões até seu tio, Mem de Sá, que recebeu ordens de ajudá-lo com todas as forças que conseguisse reunir para fundar uma colônia no Rio de Janeiro e expulsar os franceses.

Estácio de Sá chegou à Bahia no início de 1564 e ficou lá durante aquele ano enquanto o governador preparava a expedição. No início de 1565, Estácio de Sá deixou a Bahia com sua frota e chegou à entrada da baía do Rio em 6 de fevereiro; mas foi obrigado a voltar até Santos em busca de reforços, deixando finalmente o porto de Buriquioka (que resultou na corruptela Bertioga) em 26 de janeiro de 1566 e chegando à baía no início de março. O capitão-chefe desembarcou os soldados e estabeleceu seu quartel perto do Pão de Açúcar, no terreno agora chamado de Praia Vermelha. As tropas derrubaram a floresta e construíram fortificações. Durante todo o ano de 1566, os portugueses mal puderam se manter em seus fortes, pois as forças inimigas eram superiores, e no dia 15 de outubro os franceses, ajudados pelos tamoios, atacaram a vanguarda de Estácio de Sá, mas foram repelidos.

Estácio de Sá fez uma proclamação, transformando a colônia em cidade, dedicando-a a São Sebastião, em homenagem ao jovem Rei de Portugal.

Mem de Sá, tendo tido notícias da difícil situação do sobrinho e de sua necessidade de ajuda urgente, preparou uma nova expedição e saiu com ela da Bahia em novembro de 1566. Ao passar pelo Espírito Santo, reuniu duzentos indígenas comandados pelo famoso Arariboia que, depois de batizado, passou a chamar-se Martim Afonso de Souza e chegou ao Rio em 18 de janeiro de 1567. Sua presença deu grande esperança às forças comandadas por Estácio de Sá, que estavam com falta de munição e comida. No dia 20 de janeiro, festa do santo patrono da cidade, Mem de Sá iniciou suas operações.

Nesse dia, tomou a fortaleza de Urusumirim, mas durante a batalha uma flecha envenenada atingiu o rosto de Estácio, que morreu da ferida um mês depois. “Assim perdeu ele a vida”, diz Varnhagen,[146] “da mesma forma que o santo padroeiro da cidade que fundou, em cujo dia foi ferido, tendo os símbolos de seu martírio se tornado suas insígnias.”

Depois da primeira vitória, seguiu-se o ataque à Ilha de Paranapukuy (agora do Governador), que foi também conquistada; os portugueses ocuparam então toda a baía, os franceses fugiram a bordo de seus navios e os tamoios perderam a liberdade e sossegaram. “Nunca houve uma guerra”, diz Southey, “da qual, com tão pequenas forças engajadas de cada lado, tão importantes consequências resultassem. Se Mem de Sá ou Nóbrega (um de seus capitães) tivessem sido menos competentes, esta cidade, hoje capital do Brasil, seria francesa, e não portuguesa”. Depois desse heroico feito de armas, o governador-geral mudou o núcleo da cidade das vizinhanças do Pão de Açúcar para o Morro do Castelo, ainda sob o padroado de São Sebastião, mas acrescentou a esse nome “do Rio de Janeiro”. Nomeou outro sobrinho, Salvador Corrêa de Sá, capitão da nova colônia, pois tomara grande parte na sua conquista. O chefe indígena, Arariboia, que igualmente se distinguira na expedição, foi colocado com seu povo do outro lado perto de Niterói, e Mem de Sá, tendo tomado todas essas providências, retornou à sede de seu governo na Bahia.

A cidade conserva até hoje uma série de oito dias santos em memória da vitória obtida em 20 de janeiro de 1567, quando os edifícios públicos, conventos, igrejas e casas particulares se iluminam e se disparam salvas às oito e às dez da noite, nos dias 17, 18 e 19 de janeiro. No dia 20, a imagem do santo é carregada em procissão da capela imperial à igreja no Morro do Castelo e as fortalezas disparam uma salva na saída e outra na chegada da procissão, repetindo-se essa cerimônia no oitavo dia.

Em 1583, os restos mortais de Estácio de Sá foram transladados das cercanias do Pão de Açúcar para a Igreja de São Sebastião. No centro da capela principal dessa igreja existe uma laje de granito, trazendo as armas da casa dos de Sá, com esta inscrição: “Aqui jaz Estácio de Sá, Capitão e Conquistador desta terra e cidade. Salvador Corrêa de Sá, seu primo em primeiro grau, segundo Capitão e Governador, erigiu esta lápide. A capela foi terminada em 1583”.[147] No dia 16 de novembro de 1862, os ossos de Estácio foram retirados de seu antigo jazigo, na presença

---

146. N.E. Varnhagen, Francisco Adolfo de (1816 -1878): *Historia geral do Brasil, isto é, do descobrimento, colonização ...*, 2 vol. Madrid (1854/57).

147. N.E. A capela original estava no Morro do Castelo até a sua demolição em 1921; o túmulo de Estácio de Sá encontra-se hoje da igreja dos capuchinos no bairro da Tijuca.

de Sua Majestade o Imperador e de membros do Instituto de História;[148] e, no dia 20 de janeiro do ano seguinte, foram solenemente colocados em uma urna de pau-brasil, que foi colocada num cofre de chumbo, este sendo depositado em um sarcófago de pedra, e com ele a certidão da exumação, jornais do dia, moedas de ouro e prata, e medalhas. A entrada foi fechada com uma pedra portadora da inscrição: "Os restos mortais de Estácio de Sá, exumados de seu sepulcro no dia 16 de novembro de 1862, e a ele devolvidos no dia 20 de janeiro de 1863".

Os franceses, entretanto, não estavam preparados para renunciar a toda ideia de ganhar uma base no Rio, pois em agosto de 1710 uma expedição de cinco navios e mil homens tentou entrar na baía; mas, sendo repelidos, desembarcaram em Guaratiba, marcharam sobre aquela cidade, e chegaram ao palácio do governador na rua Direita, no centro da cidade. Novamente repelidos, entrincheiraram-se em um armazém, que foi bombardeado, e os franceses obrigados a se entregarem como prisioneiros de guerra em 19 de setembro. Seu chefe foi assassinado por dois bandidos embuçados no dia 18 de março de 1711. Tendo a notícia chegada à França, o famoso general Duguay-Trouin foi enviado para vingá-lo com dezoito navios que entraram na baía depois de perder trezentos homens. O covarde governador fugiu da cidade, com algumas de suas tropas, e a população, em pânico, igualmente fugiu de suas casas para a floresta. Os franceses entraram na cidade e ocuparam os principais pontos estratégicos. Finalmente o governador consentiu em pagar a Duguay-Trouin 610.000 cruzados (54.900 libras) e quinhentas caixas de açúcar e, tendo recebido isso, a famosa expedição francesa retirou-se vitoriosa.

Em 1762, a cidade foi declarada capital do Estado do Brasil.[149]

Em 7 de março de 1808, a Família Real de Bragança chegou de Portugal. Aos que se interessam pela história do Brasil, desse período até a abdicação do Imperador Pedro I, em 1831, recomendo os dois exaustivos volumes de John Armitage, *The History of Brazil from 1808-1831*, obra publicada por Smith, Elder & Co., 1836.

Em 1822, foi proclamada a independência do Brasil e, desde então, é um Império constitucional, governado nos últimos 53 anos[150] por um imperador irrepreensível, amável e benevolente, Pedro II, que queira Deus preservar durante muito tempo para o país, a cujo bem é tão necessário.

148. N.E. Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

149. N.E. A transferência da capital do Brasil de Salvador para Rio de Janeiro foi em 27 de junho de 1763.

150. N.E. Na época da publicação do livro, D Pedro II completava um reinado de 46 anos.

O sistema ubíquo de bondes do Rio de Janeiro, e seu serviço frequente, é tão excelente que seria mais fácil sugerir melhoramentos para os meios de locomoção existentes em Londres que para os do Rio. Em quase toda rua ou praça encontram-se bondes de uma ou mais das quatro companhias, por meio dos quais qualquer um pode ir de um a outro extremo da cidade ou do centro para os mais distantes arredores.

A primeira linha aberta na cidade foi a Companhia Ferro-Carril do Jardim Botânico, inaugurada no fim de 1868. Os carros são geralmente chamados "bondes", expressão que não consegui entender até que me informaram que o nome surgiu com o lançamento simultâneo de bônus (*bonds*) de um empréstimo nacional e das passagens dessa companhia, que mais tarde foram usados como moeda corrente para pequenos pagamentos. Essa linha se estende da rua do Ouvidor (a *Regent Street* do Rio) até Laranjeiras, Botafogo e o Jardim Botânico; e a extensão total da linha não pode ser inferior – mas pode ser superior – a quinze milhas. A companhia começou com um capital de 40.000 libras e logo teve enormes lucros. Ouvi de um acionista que, tendo originalmente investido 1.000 libras, recebeu em treze anos entre 6.000 e 7.000 de dividendos; e quando a companhia vendeu a empresa por 750.000 libras, seu capital, somado aos juros, atingiu a soma de 24.000 libras! Essa é a história que me contaram. Não se ganha dinheiro tão facilmente agora, mas creio que as diferentes companhias deem bons lucros, o que não é de se admirar. Não são cerceadas pelas restrições de uma Câmara de Comércio e o custo de materiais e de construção deve ser pequeno em comparação com o que é na Inglaterra, pois a prática geral parece ser o emprego de um pequeno trilho com um sulco, com o peso de talvez vinte libras por jarda, fixado com parafusos a dormentes longitudinais de madeira. As ruas são conservadas em bom estado, exceto no centro da cidade, onde a pavimentação permanece cronicamente danificada e cheia de buracos.

As duas companhias de São Cristóvão e Vila Isabel têm um sistema igualmente extenso de linhas principais e ramais, indo da cidade para a usina hidráulica na Tijuca; e para os subúrbios, cujos nomes são os das linhas. Essas três companhias são todas de bitola larga.

A quarta é a dos Carris Urbanos[151] ou *City Rails*, que tem uma rede de linhas de bitola estreita em toda a cidade, conectando cada uma de suas partes com as outras três rotas nomeadas acima, mas não se estendendo aos subúrbios. Há também a linha Sta. Theresa, operada pelos proprietários do plano inclinado.

151. N.E. O nome dessa companhia era "Empresa de Carris de Ferro de Santa Teresa".

Os carros são todos abertos, o que é muitíssimo inconveniente quando chove. São equipados com fileiras de assentos, com os encostos reversíveis, aos quais se chega subindo em um estribo contínuo em cada lado, protegidos do sol por uma cobertura. Há alguns carros fechados, semelhantes aos usados na Inglaterra, mas levam o rótulo "Descalços e Bagagem" e destinam-se a mercadorias e pessoas descalças. Neles, a passagem custa a metade. Os pobres e pretos não podem entrar nos carros comuns a menos que estejam calçados. Parece que aí se traçou a linha divisória: *têm* de usar sapatos, mesmo que as roupas estejam em farrapos. Os carros são sempre puxados por mulas de uma raça excepcionalmente boa e veloz. Não se tem notícias de passagens para trajetos curtos. A passagem comum é de 200 réis (4 *pence*).

Abastecimento de água

Além do importante abastecimento feito pelo aqueduto do rio da Carioca, há quatro grandes reservatórios: o de Dom Pedro II (que visitei e descrevi), com capacidade para 8.800.000 galões; o do Morro da Viúva, de 1.386.000 galões; o do rio de Ouro, de 3.300.000 galões; e o de Santa Teresa, com 660.000 galões; além desses, há nove reservatórios menores. Há nove chafarizes públicos espalhados pela cidade, todos com cerca de um século de existência ou mais. São bem frequentados pelos habitantes da cidade, como também pelos carregadores que trafegam pela cidade com grandes barris de água, que vendem a um vintém (meio *penny)* por balde. Há também muitos chafarizes ornamentais em construção, com grandes bacias de granito e estátuas; mas quando parti ainda não estavam sendo usados.

Passeio Público

Esse jardim, eu nunca me cansei de visitar. Foi inaugurado em 1783 e contém muitas árvores e plantas nativas e exóticas raras. Por mais de cem anos tem sido o mais agradável lugar de descanso no Rio e, na minha opinião, supera o Jardim Botânico (embora este tenha extensão muito maior), com a vantagem de estar a apenas alguns minutos a pé da rua do Ouvidor, no centro da cidade. O jardim é coberto de arbustos viçosíssimos e de uma massa densa de árvores imponentes, plantas e trepadeiras; estas, unindo-se no alto, dão uma sombra contínua aos vários caminhos serpenteantes que atravessam o jardim. Muitos bancos espalhados pelas alamedas proporcionam encantadores lugares de descanso onde se pode assentar e ler protegido do sol, mesmo nos dias

mais quentes. Há também gramados extensos e bem cuidados, de grama sanguinária[152] (*Spergula sp.*) muito usada, onde crescem várias palmeiras solitárias de muitas espécies. Vivem no jardim uma família de pacas (um roedor acastanhado, do tamanho de um porco pequeno) e um emu (semelhante a um casuar[153]), sendo o último muito manso, deixando-se acariciar, enquanto vivem, em vários lagos, muitos patos e gansos; e aparecem, voando entre as árvores ou pairando preguiçosamente ao longo das alamedas, muitas belas borboletas. Na extremidade do parque, bordejando a baía, há um belo e amplo terraço com piso de mármore, com uma vista encantadora, e onde há uma fonte com água potável, formada pela figura de um menino, que joga água em um tonel de pedra; abaixo da figura pode-se ler um lema, "Sou útil embora brincando" ("*I am useful although playing*"). Esse delicioso parque permanece aberto diariamente a partir das seis da manhã. À noite as alamedas são iluminadas a gás. Há também um restaurante; e uma banda alemã toca todas as terças, quintas, sábados e domingos.

Jardim do Campo da Aclamação[154]

Esta é outra praça que merece uma breve menção. É muito maior do que o Passeio Público, mas só foi iniciada em 1873 e inaugurada em 1880, tendo sido, antes dessa época, um lavatório público. É um lugar lindo, com vários lagos, ilhas e gramados verdes, que me lembrou muito o Battersea Park, embora evidentemente, sendo tão recente, a vegetação ainda não tenha atingido grande altura. Além dos lagos, cobertos por centenas de aves aquáticas, há num canto uma imitação muito pitoresca de cavernas calcárias, com cachoeira, estalagmites, estalactites e um teto gotejante.

O carnaval

É bem festejado e dura três dias, começando no Domingo da Quinquagésima. Há bailes de máscaras em todos os teatros; todo mundo parece ter perdido o juízo e receio que os comportamentos sejam bacânticos e pagãos. Há desfiles organizados por três clubes carnavalescos:

---

152. N.E. No original *knot-grass*.

153. N.E. Designação comum às grandes aves da família dos casuariídeos, não voadoras, que possuem uma grande crista óssea na fronte, cabeça e pescoço nus, de cor azul ou púrpura.

154. N.E. Hoje Campo de Santana, no centro do Rio de Janeiro.

os Fenianos, os Democratas e os *Lieutenants of the Devil* (Tenentes do diabo). Envolvem-se com todo tipo de brincadeira grosseira. Numerosos mulatos, chamados capoeiros, dançam "como que enlouquecidos", com navalhas desembainhadas presas às mãos, brincando de ferir as pessoas. A polícia está sempre de olho nesses senhores e se joga contra eles com as espadas desembainhadas! Como o carnaval é no verão, frequentemente chove muito. Vi uma das revistas cômicas este ano, que foi mandada a Brumado – a *Revista Ilustrada*[155] – publicação que ridiculariza, infelizmente com frequência, a religião. Ela publicou uma série de bem desenhados esboços do desfile. Entre eles havia um representando o desfile abrindo caminho por um mar agitado; abaixo, uma observação sobre a semelhança do espetáculo com a entrada das hostes do faraó no Mar Vermelho. O último desenho era de um menino ajoelhado, com uma expressão sério-cômica, agarrando um enorme bacalhau, sob o qual estava escrito: "Começou a Quaresma. Temos agora de dar as boas-vindas ao bacalhau (*salt cod*) católico e apostólico!".[156] Em Brumado, onde eu estava na época, não houve carnaval e o padre teria certamente cortado qualquer comportamento que minimamente se aproximasse da blasfêmia.

As loterias

Não devo concluir estas notas sem uma palavra sobre as loterias públicas que constituem uma parte muito importante da diversão popular. São bastante frequentes. Em junho de 1884, por exemplo, houve "sorteios" nos seguintes dias: 4, 7, 9, 11, 14, 16, 18, 20, 21, 25, 28, 30, isto é, cerca de três por semana. O prêmio maior fica entre 20 e 15 contos (isto é, calculando-se 24 *pence* por mil-réis, entre 2.000 a 2.500 libras). Há também prêmios variáveis de dez, cinco, quatro, dois e de um conto, de 800, 500, 200, 100 e 40 mil-réis, e de 1.800 a 1.900 prêmios de 20 mil-réis. O objetivo é beneficiar a província ou a cidade, algum hospital ou instituição monástica, ou ainda o fundo de emancipação de escravos. Creio que um terço do rendimento vá para a causa. O preço do bilhete é 20 mil-réis; mas vendem-se frações até de um vigésimo, que custa um mil-réis. O sorteio parece ser feito honestamente. Ouvi falar em muitos indivíduos premiados, entre eles um contínuo de escritório, que, tendo comprado um bilhete de mil-réis, ganhou um prêmio de cinquenta libras; e de um capitão inglês que, tendo chegado ao Rio naquele mesmo dia, ganhou um prêmio de 200 libras! Os bilhetes podem ser comprados em todos os quiosques, que

155. N. E. A *Revista Ilustrada*, fundada por Angelo Agostini na Corte do Rio de Janeiro, circulou entre 1876 e 1898.

156. N.E. Refere-se à proibição de comer carne durante a Quaresma.

vendem café e jornais, e também em muitas lojas, existindo ainda muitos escritórios unicamente para vendê-los; e não se pode andar cem jardas sem ver pequenos cartazes tremulando ao vento, "Hoje anda a roda" – "*Today the wheel goes*" – ou amanhã ou qualquer que seja o dia. Há também anúncios com os dizeres "Aqui foi vendido o bilhete de número tal, premiado com tal ou qual quantia". Os pequenos jornaleiros, que vendem o vespertino *Gazeta da Tarde*, nunca se cansam de dar os "resultados da loteria". Como isso acontece três vezes por semana, logo se torna cansativo.

Pode-se criticar o sistema, pois induz ao jogo de azar; mas o governo o apoia pois traz muito dinheiro para o desfalcado Tesouro.

CAPÍTULO XI

DE VOLTA À PÁTRIA

18 *de julho* de 1884 – O *Valparaíso* partiu às 5:50 da tarde e nossos amigos nos acompanharam na lancha a vapor até que ficou escuro demais para se enxergar; então, com as palavras "Deus guarde as Vossas Senhorias", despedimo-nos do Rio.

30 de julho – Assisti a um esplêndido e desanuviado nascer do sol. Primeiro, apareceu uma mancha vermelha opaca a leste do horizonte que, tão ligeiro como o fio na luz elétrica incandescente, transformou-se num ponto branco ofuscante; depois o sol surgiu tão rápido que, cerca de dez minutos após o aparecimento inicial, todo seu globo inflamado aparecia acima do horizonte. Às oito horas, avistamos, a bombordo, o vapor francês *La France*, que partira do Rio três ou quatro horas antes de nós; ultrapassamos o navio mais ou menos ao meio-dia e lá pelas quatro da tarde o perdemos de vista de nossa proa. Esse foi o principal passatempo de hoje, embora tenhamos visto duas baleias, e, ao pôr do sol, diversas pequenas cadeias de colinas e picos de montanhas.

31 de julho – Subi ao tombadilho às seis; manhã muito sem interesse. Uma linha baixa da costa, próxima a estibordo, mostrava que estávamos nos aproximando da Bahia, e lá pelas 8:15 tínhamos ancorado na enseada. A entrada dessa baía é muito mais ampla que a do Rio de Janeiro, e a costa é cercada de colinas baixas, muitas delas cobertas por florestas. Infelizmente, não conseguimos uma boa vista da baía, que é muito ampla; as várias partes da costa só eram visíveis ocasionalmente quando havia um intervalo entre as pesadas chuvas que, varrendo o país, caíram incessantemente até o meio-dia.

A cidade tem uma linda localização, e consiste de uma parte alta e uma baixa, comunicando-se as duas principalmente por um elevador,[157] ou por uma bem construída estrada inclinada, apoiada na sua maior extensão por arcos, de frente de uma rocha vertical, de cima a baixo. A parte principal da cidade de baixo é comercial, muito suja e malcheirosa. Edifícios altos – armazéns, depósitos e lojas – e ruas estreitas são a regra geral, embora haja algumas vias públicas respeitáveis.

Subindo a rua inclinada, chegamos à cidade alta e lá encontramos um bonde cheio de outros passageiros do *Valparaíso*, de modo que nos juntamos a eles, e rumamos para Vitória por

157. N.E. O elevador Lacerda foi inaugurado em 1873, na época o mais alto do mundo.

estradas largas, realmente boas e bem pavimentadas, margeadas por casas ajardinadas, bem cuidadas e algumas vezes até imponentes, à moda de Botafogo; mas, ai de nós! não conseguimos ver nada da bela paisagem do alto de Vitória, devido à chuva torrencial. Voltando desse subúrbio à parte alta da cidade propriamente dita, chegamos a um ou dois lugares onde o aclive era tão inclinado que as mulas foram retiradas do carro e descemos por gravidade, com o condutor controlando a velocidade pelo freio; outras mulas estavam prontas ao pé do declive para nos levar daí para adiante. Fiquei impressionado com a aparência dilapidada das igrejas, e finalmente chegamos a uma praça chamada Praça do Conde D'Eu, sendo impossível imaginar um lugar antigo mais arruinado. Há três velhas igrejas lá, e o resto dos prédios são casas em ruínas, geralmente de dois andares, com grama e várias ervas crescendo promiscuamente nos tetos e beirais, brotando de centenas de cantos e fendas. Há uma fileira de grandes árvores nos quatro lados internos do pátio coberto de cascalho, mas o lugar tem o nome *Ichabod* claramente escrito nele. Durante a tarde cessou a chuva, mas como *estava* quente! Descemos até a cidade de baixo por uma das numerosas ruas estreitas e muito inclinadas, e acabamos por achar o caminho para os mercados.

As mulheres negras do mercado da Bahia têm a reputação de ser das mais belas de sua raça, mas, embora visse várias belas mulheres e algumas de volume respeitável, eu *não vi* nenhum ponto especial de superioridade sobre as belezas morenas do Rio, tanto nos mercados propriamente ditos quanto no mercado promíscuo formado pela fila contínua de mulheres carregando cestos em toda a extensão do cais. Fiquei certamente impressionado com a grande predominância de negros sobre brancos na Bahia, mas disseram-me que é chamada de *a cidade dos pretos* (*the city of the blacks*), e que, em uma população de cerca de 230.000, há apenas uns 50.000 brancos. Observei uma espécie particular de transporte que é feita assim: uma cadeira comum, com estrutura de madeira, fundo de junco e apoio para os pés, é encaixada numa armação forte, coberta; da cobertura saem duas longas estacas curvas, que são carregadas por negros como um palanquim; uma cortina de cada lado completa a guarnição dessa espécie superior de carruagem de aluguel. Quando eu vi o elegante equipamento, estava parado sob uma árvore, com quatro carregadores negros enroscados, adormecidos ao lado dele.

Havia uma esplêndida variedade de pássaros e macacos à venda nos mercados; mas uma gaiola de boas dimensões com cerca de vinte tucanos verdes (*Ramphastos ariel*) era, talvez, o objeto mais notável e que bem valia a pena ver. Investi em dois saguis, que espero levar vivos para casa. São comuns nas matas ao redor do Corcovado, e no fundo de nossa velha casa em Botafogo, mas nunca tinha sequer tido tempo de pensar em pegar algum.[158]

158. N.A. Os macacos sobreviveram ao inverno, mas os membros inferiores gradualmente se paralisaram, e um morreu no início de junho de 1885, tendo o outro expirado no dia do solstício do verão.

Quando estive no mercado, observei a bonita senhora francesa (viúva) com sua filhinha, que tínhamos encontrado em nosso vapor vindo do Chile. Tínhamos muitas vezes notado que ela parecia ter cativado com seus encantos um passageiro, também francês; de qualquer forma, estavam juntos ali, ele ocupado em comprar o que ela pedia. Eles chegaram a bordo com meia dúzia de macacos e mais de uma dúzia de pássaros.

Levantamos âncora às 6:45 da tarde, sendo que o *La France*, que chegou algumas horas depois de nós, já tinha partido às seis. Perguntando, descobri que trazíamos a bordo uma carga razoável de açúcar, fibras (para esteiras etc.), fumo e óleo de baleia, que foi estocada por vários negros belos e robustos, quase todos nus até a cintura.

1 de agosto – Tendo acordado com alguns litros de água no rosto, julguei que chegara minha hora; mas era só um pouco de espuma que, concentrada pelo ventilador, entrara pela vigia. A cabine estava toda molhada.

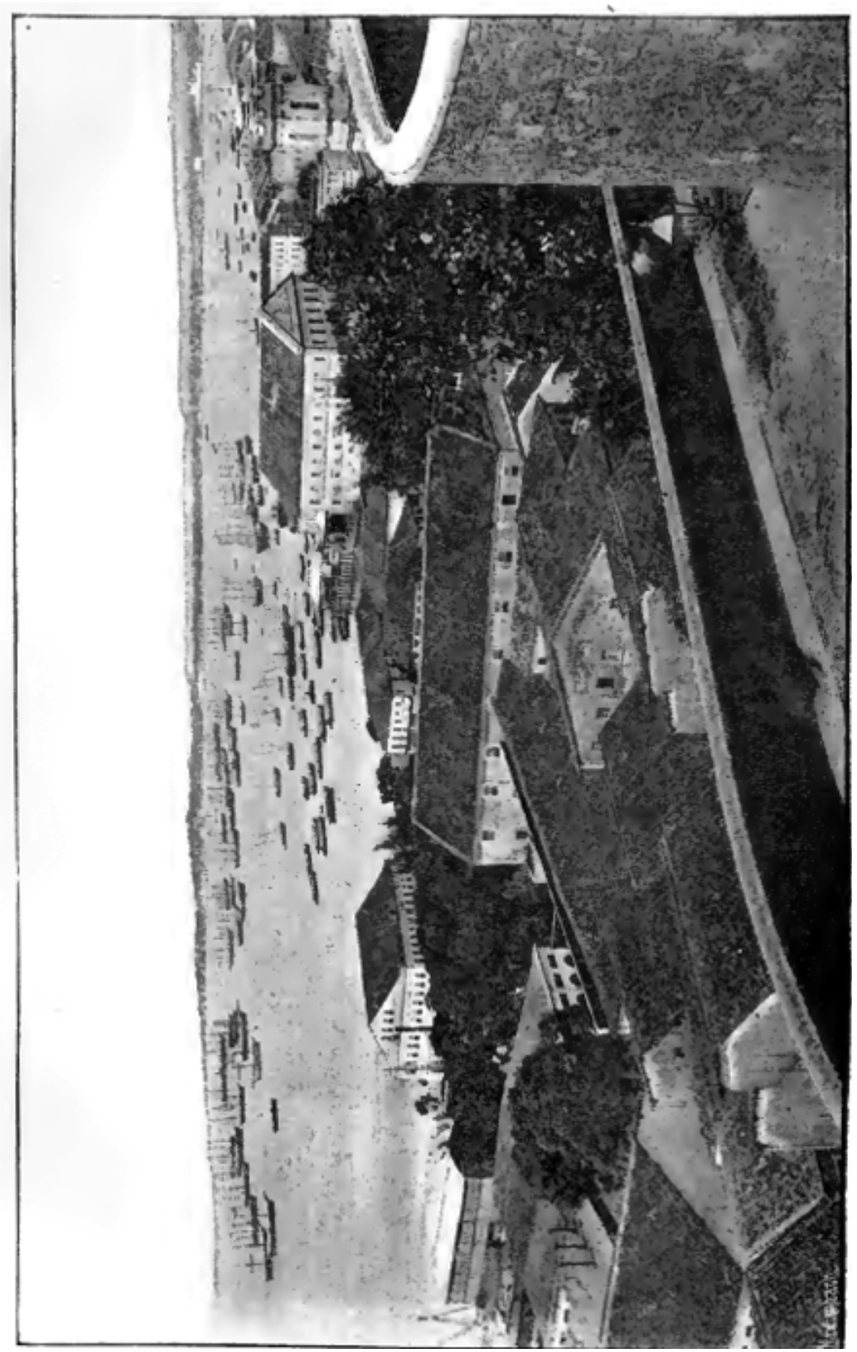
2 de agosto – Depois de uma noite chuvosa e com o mar meio agitado, chegamos a Recife ou Pernambuco às 6:30, e ancoramos a uma milha do porto natural, formado por um recife que se estende da foz do rio ao longo de toda a extensão da cidade.[159] Há um farol ao fim do recife, enquanto um quebra-mar construído a partir da praia deixa uma pequena entrada para os navios penetrarem no porto tranquilo. O mar tempestuoso impediu meu desembarque, de modo que não pude formar uma opinião da cidade; mas deu para ver muitos bons prédios e igrejas na costa plana, e a praia a noroeste se estendendo por duas ou três milhas até um ponto bem arborizado, onde está a cidade de Olinda; desse ponto a costa plana estende-se até o Ceará e Pará (Belém), perto da foz do Amazonas.

Interessei-me ao ver algumas embarcações, chamada jangada (port.) ou *catamaran*. São formadas por uma armação de tábuas, nas quais se fixam três ou quatro bancos e um mastro com uma vela triangular, sendo a última arriada quando os homens estão pescando. Essas embarcações frágeis podem aguentar qualquer tempo, tendo sido encontradas a duzentas milhas da praia.[160]

---

159. N.A. Senhor Charles Darwin, em seu livro *Estrutura e distribuição dos recifes de coral*, tem uma nota especial (p. 266, segunda edição) sobre "A notável barreira de arenito no litoral de Pernambuco". (originalmente publicado no *Philosophical Magazine*, outubro de 1841). Afirma que se trata de um "rochedo liso, com a parte superior nivelada, com trinta a sessenta jardas de largura, tendo sete lados, e permanecendo numa linha perfeitamente reta durante diversas milhas, paralelamente à praia". Consiste, em sua maior parte, de arenito e conglomerados, e *não* é um banco de coral.

160. N.A. Jangadas pequenas são as únicas embarcações permitidas na ilha de Fernando de Noronha.



Bahia, vista da estrada para a cidade alta [Salvador]

O mar bravio causou grande agitação no embarcar e desembarcar de passageiros. O representante da companhia (que teve de pagar três libras para ser trazido por um barco de seis remos, embora rebocado por um escaler da companhia) foi içado a bordo numa cadeira enlaçada por serviolas, o mesmo acontecendo com os três passageiros que embarcaram aqui. O processo nada tinha de agradável, pois os barcos estavam ora juntos, ora a vinte pés de distância; num momento, quase ao nível do tombadilho principal, e no seguinte, dez pés abaixo. A maior agitação, entretanto, foi causada pelo desembarque de três homens e duas mulheres, que desceram ao barco pelos degraus comuns. Porque não desceram pela cadeira de mergulho, como foi chamada, não sei dizer. O barco dançava continuamente, para cima e para baixo, e cada um dos homens, aproveitando um momento favorável, saltou. Mas as mulheres! Era de se prender o fôlego. A primeira tentou uma dúzia de vezes, mas falhou. Finalmente, segurando o corrimão da escada e quando estava sendo agarrada pelos braços de um homem na proa do barco, com uma guinada brusca, o barco se afastou e ela ficou dependurada entre duas ondas durante alguns segundos que pareciam uma eternidade; então o barco voltou, e ela foi apanhada pela cintura. Só teve tempo de persignar-se devotamente três vezes e depois caiu no fundo do bote, quase desmaiada. Os fatos se repetiram com a outra mulher, mas afinal todos desembarcaram a salvo, e espero que tenham aportado bem, pois ouvi falar mais tarde de um bote que chegou hoje, com cinco passageiros, e capotou quando dava a volta ao farol; felizmente, havia outro bote por perto, que os apanhou antes que os tubarões pudessem atingi-los.

Passei algum tempo observando a longa linha de ondas arrebentando sobre os recifes e algumas vezes quase atingindo o alto do farol; era tão curioso enxergar, através da espuma, a água calma do outro lado. Tentamos pescar tubarão; mas, embora víssemos vários peixes-pilotos, que mordiscaram a isca, o Senhor Tubarão era esperto demais para ser apanhado pelo anzol. Algumas vezes, quando matam um bezerro por aqui, e se jogam ao mar as partes inaproveitáveis, quatro ou cinco tubarões se precipitam para disputar o petisco.

Antes de ancorarmos por uma hora, oito botes chegaram de fora, e logo se instalou um mercado; gaiolas, sacolas e cestos tinham sido trazidos, e havia uma bela exposição de abacaxis, laranjas, cocos, cana-de-açúcar, peles de ocelote, e cerca de uma centena de papagaios, três tipos de periquitos, muitos saguis, e um quati. Os vendedores, que sabiam cobrar, falavam espanhol, francês, inglês e brasileiro, estavam dispostos a receber dinheiro de todos os países onde se falam essas línguas, bem como os das repúblicas da Costa Ocidental.

Alguém que residia ali há dez anos (e que se juntou a nós) contou-me que o açúcar é o principal produto de exportação; são abundantes os coqueiros; o fumo é cultivado sobretudo

para o consumo doméstico, embora se envie um pouco para o Rio, mas não há café. É possível dar uns belos passeios de carro pela vizinhança. Pernambuco é o lugar mais saudável do litoral; e há oito anos não há febre amarela. O Ceará também é muito bom; mas Pará, Natal e Maranhão são cada um mais insalubre que o outro.

Pernambuco é o ponto extremo, ao norte do Brasil, em que se usa o telefone.

A castanha brasileira (tão conhecida na Inglaterra) é importada do Pará. Lá custam quatro mil-réis por centena, cada uma das quais contém setenta ou oitenta nozes pequenas;[161] muitas vezes, por divertimento, dão uma dessas nozes grandes a um forasteiro e prometem lhe uma certa quantia se ele conseguir retirar e depois recolocar todas as pequenas nozes. Dizem que é impossível.

Deixamos Pernambuco às 1:30 da tarde, numa chuva de encharcar, a estação chuvosa nesse lugar vai de maio ao fim de agosto; mas algumas vezes começa em março, ou mesmo em fevereiro.

3 de agosto – Fernando de Noronha à vista, das onze às quatro.

4 de agosto – Atravessamos o equador mais ou menos às 5:15 da manhã.

7 de agosto – Ao meio-dia de hoje, o sol nos atingia verticalmente, sendo o dia mais quente da viagem, apesar de estarmos na latitude de 14 graus ao norte. Meus dois macacos fugiram hoje. Vários entre nós que têm papagaios e outros bichinhos tem o hábito de passar muito tempo com eles, amansando-os. Levei hoje um dos macacos ao *deck*, amarrado por um longo pedaço de fita; soltei-o por acidente e ele fugiu. Tive medo de que subisse pela armação ou saltasse ao mar. Meia dúzia de homens saiu logo para caçá-lo e ele foi capturado. Cinco minutos mais tarde, chegou a notícia de que meu outro macaco tinha fugido. Desci e o achei confortavelmente instalado no *deck* principal, perto das escotilhas da proa, atrás de uma porção de sacos com algumas toneladas de batatas etc. Não houve como fazê-lo sair de lá; tive simplesmente de assentar e ficar observando – só duas horas e meia. Afinal foi tentado a sair por uma banana, e, depois, descobrindo que eu lhe cortara a retirada, correu para a passagem que conduz ao salão, onde foi apanhado.

8 de agosto – Acordei às seis, preguiçosamente. Deitado em meu beliche enxergava

161 . N.E. O fruto da *Bertholletia excelsa*, semelhante a um coco tem 10 a 15 cm de diâmetro e contém de 8 a 24 sementes, que são as nozes.

bem perto, a estibordo, as maravilhosas rochas nuas de São Vicente.[162] Chegando ao deck principal, vi *La France* se abastecendo de carvão. Às 7:15 o *Ruby* nos trouxe as primeiras barcaças de carvão, e começou o trabalho sujo, sendo o primeiro saco jogado no tubo com uma observação: "Lá vai o primeiro, como disse o demônio depois de pegar o pároco". Nesse meio tempo, chegaram os funcionários da alfândega, e, embora estivéssemos com nossos certificados de saúde em ordem, nos puseram em quarentena, por estarmos vindo do Brasil, e mandaram um bote com três jovens escuros remando a nossa volta, com uma bandeira amarela desfraldada; ninguém, portanto, pôde desembarcar, e o agente também não teve permissão de vir a bordo.

Apareceram dois ou três barcos com algumas conchas muito caras, dois macacos africanos (a *apenas* uma libra cada um) uns periquitos pequenos muito bonitinhos (verdes, com as faces vermelhas), bananas, capachos de folhas, sestas e uns trabalhos de madeira marchetada, de má qualidade; mas os vendedores não tiveram muita clientela. Apareceram também dois rapazes que mergulhavam muito bem por seis *pence* e nadavam debaixo do navio até quase o meio dele, por um xelim e seis *pence*. Esses gritavam sem parar "Atira prata" ("*Throw out some silver*"), e acho que, juntos, conseguiram uns dez xelins. O comissário de bordo comprou de um pescador dois grandes baldes cheios de peixes, de uma maravilhosa e linda variedade de formas, tamanhos e cores. Encantaram-me, como naturalista, e quisera ter comigo um amigo ictiologista para me informar os nomes deles.[163]

São Vicente, cidadezinha de casas brancas, situa-se num vale entre pequenos morros, cercada por planícies arenosas e montanhas nuas escarpadas, com precipícios e cadeia após cadeia de penhascos recortados. A ilha com certeza tem uma aparência estranhíssima, com o aspecto de montanha-da-lua. Só havia um pequeno recorte de verde numa planície perto da cidade, enquanto a certa distância, no meio de um terreno baldio plano e arenoso, via-se o leprosário ao pé de outra desolada cordilheira. Meia dúzia de passageiros embarcou ali, a maioria deles ligada à Companhia de Construção e Manutenção do Telégrafo; alguns espécimes de rochas que um desses cavalheiros me mostrou eram certamente vulcânicos; mas, olhando-se as montanhas da baía, veem-se os mais evidentes indícios de estratificação.

A ilha vizinha de Santo Antônio, que parece estar à distância de uma pedrada, devido a suas imponentes montanhas, é fértil, mas tem muito poucos habitantes. De lá vêm frutas etc., e também toda a água, não apenas para consumo dos vapores, mas até para a cidade de São Vicente.

162 . N.E. Cidade da Ilha da Madeira.

163 . N.A. Custaram oito moedas de oito dólares peruanos, no valor de três xelins e quatro *pence* cada.

A água, vinda dos istmos, é trazida em barcaças e vendida a um *penny* por galão. Um navio teve recentemente de pagar 10 libras por 1.600 galões.

Finalmente, ao meio-dia, com tudo e todo mundo preto de pó de carvão, levantamos âncora, deixando atrás *La France*, para não mais vê-lo, já que seu destino é o Mediterrâneo e não conseguirá nos alcançar. Lançamos um último olhar para a curiosa baía e para o vapor alemão que afundou aqui em um abalroamento ocorrido há algum tempo (só conseguimos ver os mastros projetando-se para fora da água, embora eu creia que o navio vá ser içado), e depois passamos pelo pitoresco farol, colocado no alto de uma rocha mais ou menos no meio da baía. O diário de bordo registrava um percurso de dez milhas quando passamos a extremidade de Santo Antônio, mas a altura das montanhas e a claridade da atmosfera faziam parecer que não havíamos percorrido a metade dessa distância. O arquipélago de Cabo Verde consta de sete ilhas, com os nomes de Santo Antônio, São Nicolau, Sal, Boa Vista, Maio, Santiago e Fogo, além de outras menores. Ocupam um espaço de 150 milhas de norte a sul, e 180 de leste a oeste.

10 de agosto – Atravessamos o Trópico de Câncer (um ano e cinquenta e cinco dias nos trópicos). Vimos um grande bando de toninhas.

11 de agosto – Vimos o alto do Tenerife acima de massas de nuvens ao meio-dia e trinta. Às 3:30, logo após ter passado a extremidade sul da ilha, avistamos um vapor francês próximo à praia, e nos aproximamos dele, pois parecia não se mexer; finalmente, quando nos emparelhamos com ele, talvez a três milhas de distância, o navio desfraldou a bandeira tricolor e começou a enviar sinais. Movemos o leme para bombordo, partimos em direção a ele. O vapor enviou os sinais "Em dificuldade. As máquinas pararam". Respondemos "Precisa de ajuda?" Respondeu: "Qual é seu destino?". Replicamos, pedindo o nome do navio, que não o deu, mas saudou-nos cortês, abaixando a bandeira três vezes, e assim nos separamos. O capitão viu que tudo estava bem, e que, estando o vapor ancorado e na direção do vento em relação à ilha, não havia perigo. Essa pequena aventura teve a vantagem de nos fazer aproximar da praia, de modo que conseguimos distinguir duas povoações consideráveis, e duas ou três fazendas aninhadas no flanco da colina, embora estivessem a umas cinco milhas de distância. O contorno imponente e alongado da cordilheira, que gradativamente se eleva do mar, lembrou-me um pouco os Glydrs, quando vistos da estrada entre Pen-y-gwryd e Capel Curig, só que tomando a estrada como sendo a praia, e supondo-se que as encostas para os Gyldrs tenham de sete a nove mil pés em vez de mil a mil duzentos pés de altura. Às 7:45 passamos o farol na extremidade norte de Canária, e agora singramos numa atmosfera tempestuosa, escura como breu, em direção à Europa, que será a próxima terra à vista.

No Rio de Janeiro notei alguns anúncios requisitando emigrantes para as Ilhas Canárias. Realmente, isso parecia uma excelente piada, pedir a um país com três ou quatro habitantes por milha quadrada que envie emigrantes. Nada sei do lugar e de sua produção, exceto um determinado vinho antigo das Canárias que se obtém no Brasil e que se chama vinho das Canárias Indianas, porque das Canárias vai até as Índias Orientais e daí para a Inglaterra, de onde é enviado ao Brasil.

14 de agosto – Pela primeira vez, avistamos a costa portuguesa às 10:30; ao meio-dia, as Colinas de Sintra se projetavam distintamente, e logo nos encontramos entre numerosos barcos de pesca, com encantadoras velas em forma de quarto de carneiro, além de duas ou três bem diminutas e incompreensíveis velas triangulares no gurupés e na popa.

Deitamos âncora além de Belém no lugar da quarentena às 2:30, fora do porto e da cidade propriamente dita. O dia estava como aquele em que desembarcamos em Lisboa em 12 de junho do ano passado; mas agora temos aquela agourenta bandeira amarela, indicando a quarentena, desfraldada no mastro dianteiro.

O bote oficial chegou, jogou alguns papéis a bordo, recebeu os nossos da mesma forma e depois se desviou para examiná-los. Estávamos, evidentemente, em quarentena, como é de regra para os que vêm do Brasil, sendo enviados dois guardas a bordo para nos vigiar.

Logo se iniciou o carregamento de carvão, pois só tínhamos carregado duzentas toneladas em São Vicente; mas dessa vez foi trazido das barcaças em cestos e atirado diretamente nas calhas sob os beliches nos flancos do navio, de modo que deu muito menos pó. Depois alguns passageiros da segunda e terceira classe foram para o hospital de quarentena passar oito dias – felizardos! – antes de se poder misturar com o resto do mundo. O hospital fica ao sul do Tejo, um conjunto de belas casas, agradavelmente situadas em terreno elevado; mas eu preferiria não ser obrigado a visitá-lo. Fomos informados que uma quarentena de cinco dias é atualmente imposta a todos os navios vindos da Inglaterra, devido a uma notícia sobre a epidemia de cólera em Liverpool.

Durante cinco horas fomos obrigados a permanecer aqui, muito irritados com a ridícula proibição de desembarcar, pois não havia febre amarela no Rio de Janeiro quando partimos, e tínhamos passado dezessete dias sem doença a bordo. Finalmente, quando um belo pôr do sol banhava a cidade e as povoações com milhares de cálidos matizes, formando um quadro ainda mais bonito do que tínhamos visto durante o dia, levantamos âncora em direção a Pauillac.

16 de agosto – Durante a noite, enquanto chegávamos à baía de Biscaia, entramos numa faixa de neblina, de modo que diminuímos a velocidade e o apito foi tocado durante duas horas, para grande conforto (?) dos passageiros.

A baía de Biscaia é lisa como óleo.

Dois pequenos pássaros, algo semelhante a carriças, só que com peitos brancos, vêm voando pelo navio e se empoleirando nos corrimãos e botes desde a noite passada. Muitas mariposas pequenas, evidentemente *Pyralides*, voavam pelo tombadilho hoje à tarde, contudo, não há terra à vista.

17 de agosto – Entramos na Gironde às oito horas e apostamos corrida com dois vapores (um sueco e um holandês) até Pauillac, onde ancoramos ao meio-dia. Os oficiais, depois de jogar um pó desinfetante sobre nossos papéis, os examinaram e *não* nos puseram em quarentena.

Vários de nossos companheiros de bordo desembarcaram aqui, incluindo a encantadora viúva francesa. No momento em que entrou no escaler, descobriu que dois de seus macacos (sozinhos numa caixa) tinham fugido ou sido roubados. Acho que alguém tinha pregado uma peça no francês que os tinha comprado para ela; de qualquer forma, o francês correu de um lado para o outro, fez uma barulhada, enfureceu-se, precipitou-se de volta ao navio, jogando o chapéu contra a porta, o que o fez piorar, voltando finalmente, depois de uma caça infrutífera, e sacudindo o punho em direção ao navio, vermelho de ódio – e de sol – com os olhos saltando das órbitas, e berrou que todo mundo a bordo, do capitão para baixo, era um patife.

Tendo visto um pouco de Bordeaux em junho passado, dessa vez quis visitar Pauillac, de modo que fomos lá com mais algumas pessoas, parando primeiro para uma refeição ligeira no Grand Hotel, onde alugamos um pequeno ônibus para explorar as redondezas. Dividimo-nos então em dois ou três grupinhos, e eu fui com o ônibus. Que diferença do Brasil! Aqui tudo é cultivado, com casas e estradas – sem uma polegada desperdiçada. Prosseguimos por uma boa estrada através de vinhedos intermináveis e uma povoação caprichada até o *Château Lafitte*, atingindo-o por uma bela alameda de choupos e outras árvores. O *château* é no estilo habitual dos castelos franceses, com torres redondas e telhados pontudos, e tem um encantador jardim à moda antiga, cheio de flores. Fiquei realmente encantado com o jeito aconchegante do lugar; o mesmo aconteceu com um idoso cavalheiro inglês[164]

164 . N.A. O falecido Senhor William Morritt, de Petrópolis; morreu no mar a bordo do *Galicia*, em viagem de volta ao Brasil, em 29 de janeiro de 1885.

que estava comigo e que tinha morado trinta e um anos no Brasil sem voltar à Europa. Parecia imensamente impressionado, e fazia constantes observações sobre o cultivo e a beleza tranquila do lugar e da vizinhança, sobre a limpeza da cidade, das povoações e casas. Não conseguimos ver a economia interna do castelo e a preparação do vinho, pois todos os homens estavam ausentes, de modo que fomos a um vinhedo que ficava exatamente em frente, chamado *Château Rolland*, onde fomos recebidos pelo proprietário do modo mais hospitaleiro. Visitamos primeiro as adegas, debaixo da casa, e ele nos deu algumas garrafas de vinho; subimos depois para a cozinha, mas a boa dona da casa insistiu em que fôssemos à sala de visitas. Uma parte do vinho era certamente de primeira (da safra de 1875), mas dessa nada estava à venda; não gostamos muito da safra de 1880, embora o anfitrião dissesse que mandara vinte barris dele para o mordomo do rei da Suécia, cuja fotografia nos mostrou, e que é um excelente freguês. Seu preço era de 450 francos por barril de trezentas garrafas, incluindo rolhas, rótulos e garrafas. O bom homem tinha voltado recentemente da Austrália, onde tinha ido por motivo de saúde; e, depois de uma permanência de três anos, voltara recuperado. Com certeza parecia robusto e cheio de saúde. Mas fiquei de fato muito desconfortável quando, depois de termos bebido meia dúzia de seu vinho, além dos biscoitos, ele recusou qualquer pagamento. Voltamos então ao hotel para o jantar às quatro. Depois demos uma volta pela cidade; comprei um boné basco, e meu companheiro, uns tamancos para jardinagem. As casas e lojas são todas feitas ou pelo menos revestidas de uma pedra que me pareceu uma espécie de calcário oolítico; isso dá à cidade uma aparência extremamente limpa. Foi um prazer ver tantas mocinhas bonitas, sorridentes, com suas faces rosadas, chapéus assentados e lenços alegres, depois de um ano sem ver uma cor saudável, exceto nos alemães de Petrópolis. Partindo no bote das 7:30, levantamos âncora mais ou menos às dez.

18 de agosto – A baía de Biscaia continua lisa como um óleo. Passamos Bel Île ao meio-dia e Ushant às dez da noite.

19 de agosto – Passamos pela costa inglesa às seis da manhã. O navio balançou muito o dia inteiro – muito mais do que em qualquer momento depois que saímos do Rio. Às 7:30 da noite vimos novamente as colinas de Wicklow contra o céu escarlate.

20 de agosto – Acordamos cerca de cinco horas. Ficamos esperando fora da barra do Mersey; após meia hora, estávamos cercados por uma dúzia de vapores e outros navios, todos esperando como nós. A costa galega parecia encantadora no início da alvorada. Finalmente, lá pelas 7:30, havíamos passado New Brighton, e o escaler chegou. Acima de nós, o céu estava limpo; mas uma horrível neblina fumacenta pairava sobre Liverpool e Birkenhead como um manto, o que era deprimente, depois de voltarmos de uma terra onde, quaisquer que fossem os seus desprazeres,

pelos menos não havia aquela escuridão sulfurosa. Tivemos de enfrentar ainda outra coisa antes de pôr pé em solo inglês, isto é, a Alfândega. Passamos duas longas horas naquela cobertura da plataforma de desembarque, onde abriram todas as caixas e embrulhos, revistando-as minuciosamente, à busca de dinamite. Meus espécimes geológicos atraíram um pouco de atenção, mas uma caixa de goiabada foi *arrebatada*. "É exatamente da cor de dinamite", disse o funcionário da alfândega, que teve de prová-la para se convencer de que não se tratava da temível mistura.

Estamos em casa outra vez. Nada resta a ser narrado. Devo, pois, terminar esta parte de meu diário e passar para aquela outra parte, que, embora talvez não constitua leitura leve, deve ser, ou pelo menos considero que seja mais importante, apesar de eu não poder esperar que todos os que vêm penosamente acompanhando minhas experiências diárias leiam até o fim do livro.

Contudo, antes de encerrar, devo expressar meu agradecimento – e sei que seria apoiado por toda a nossa equipe, se soubessem o que estou escrevendo – ao Capitão Hayes do *Cotopaxi*, ao Capitão Friend do *Valparaíso* e a todos os seus oficiais, por sua invariável gentileza e sociabilidade. Não é em qualquer lugar que se encontram capitães e oficiais assim; e espero que, se estas linhas algum dia caírem sob seus olhos, recebam nossos sinceros agradecimentos pelas muitas horas agradáveis que nos permitiram passar em sua companhia – horas que, por dias a fio, será um prazer relembrar.

VIAGEM DE IDA
DE LIVERPOOL AO RIO DE JANEIRO PELO R.M.SS. *COTOPAXI*

PARTIDA: 6 de junho de 1883 às 12.30 da tarde

Data	Hora	Lat.	Long.	Distância percorrida	Direção percorrida	Observações
6 junho	12.30	53º 24'N	2º 59'W	.....	.....	Partida de Liverpool
7 "	12h	49º 51'N	5º 44'W	284 milhas	várias	362 milhas para Pauillac
8 "	"	46º 2'N	1º 49'W	292 "	"	70 " " "
8 "	17.45	45º 13'N	0º 43'W	70 "	"	Em Pauillac
9 "	16.00	.....	.....	.....	.....	
10 "	12h	44º 47'N	5º 41' W	237 "	várias	
11 "	8.30 às 10h	.....	.....	263 "	"	
11 "	13.30 às 15.30	42º 14'N	8º 44'W	40 "	"	
12 "	12h às 18.45	38º 42'N	9º 8'W	240 "	"	
13 "	12h	35º 49'N	11º 31'W	210 "	"	
14 "	"	31º 26'N	14º 9'W	294 "	S 27º W	
		Passamos entre as Canárias				
15 "	"	27º 7'N	16º 45'W	292 "	S 28º W	
16 "	"	22º 46'N	18º 18'W	284 "	S 23º W	
17 "	"	18º 26'N	21º 0'W	288 "	S 26º W	
18 "	"	14º 13'N	23º 25'W	288 "	S 29º W	
		Passamos para o leste das Ilhas do Cabo Verde				
19 "	"	9º 56'N	25º 30'W	284 "	S 25º 36'W	
20 "	"	5º 40'N	27º 35'W	284 "	S 26º W	
21 "	"	1º 27'N	29º 9'W	270 "	S 20º W	
		Passamos entre as Rochas de São Paulo				
22 "	"	2º 33'S	32º 10'W	300 "	S 37º W	
	A corrente levou o navio a N 76º W, 33 milhas. Passamos por Fernando de Noronha					
23 "	12h	6º 50'S	33º 48'W	275 "	S 20º W	
24 "	"	11º 13'S	35º 9'W	274 "	S 16½º W	
25 "	"	15º 49'S	37º 13'W	295 "	S 23½º W	
26 "	"	20º 19'S	39º 30'W	300 "	S 26º W	
27 "	10.30	22º 54'S	43º 20'W	288 "	.....	

De Liverpool a Pauillac.....	646 milhas	em 2 dias	5 horas e	15 minutos
Da Pauillac a Carril.....	500 milhas	em 1 dia	16 horas e	30 minutos
De Carril a Vigo.....	40 milhas	em 0 dias	3 horas e	30 minutos
De Vigo a Lisboa.....	240 milhas	em 0 dias	20 horas e	30 minutos
De Lisboa ao Rio de Janeiro.....	4.226 milhas	em 14 dias	15 horas e	45 minutos
	5.652 milhas	em 19 dias	13 horas e	30 minutos
	Paradas	1 dia	8 horas e	30 minutos
	Total	em 20 dias	22 horas	

VIAGEM DE VOLTA

DO RIO DE JANEIRO A LIVERPOOL PELO R.M.SS. VALPARAISO

PARTIDA: 28 de julho de 1884 às 17.30 da tarde

Data	Hora	Lat.	Long.	Distância percorrida	Direção percorrida	Observações
28 julho	17.50	22º 54'S	43º 20'W	.....	.....	
29 ”	12h	21º 44'S	40º 5'W	202 milhas	várias	
30 ”	”	17º 9'S	38º 26'W	294 ”	”	
31 ”	8.15 às 18.45	12º 57'S	38º 27'W	252 ”	”	
1 agosto	12h	10º 58'S	36º 31'W	196 ”	”	
2 ”	6.30 às 13.30	8º 3'S	34º 51'W	210 ”	”	
3 ”	12h	4º 4'S	33º 0'W	268 ”	”	
		Passamos por Fernando de Noronha				
4 ”	”	0º 27'N	30º 53'W	299 ”	N 25º E	
5 ”	”	5º 10'N	29º 19'W	298 ”	N 19º E	
6 ”	”	9º 50'N	27º 26'W	302 ”	N 22º E	
7 ”	”	14º 9'N	25º 56'W	274 ”	N 19º E	
8 ”	6 às 12.30	17º 0'N	24º 0'W	171 ”	.....	
9 ”	12h	20º 0'N	22º 44'W	235 ”	N 34º E	
10 ”	”	23º 47'N	20º 11'W	261 ”	N 33º E	
11 ”	”	27º 21'N	17º 18'W	265 ”	N 36º E	
12 ”	”	30º 50'N	14º 41'W	252 ”	várias	
13 ”	”	34º 39'N	12º 16'W	259 ”	N 28º E	
14 ”	”	38º 23'N	9º 44'W	253 ”	N 28º E	
14 ”	14.30 às 19.45	38º 42'N	9º 8'W	27 ”	.....	
15 ”	12h	41º 15'N	9º 35'W	172 ”	várias	
16 ”	”	44º 22'N	6º 15'W	269 ”	”	
17 ”	11 às 22h	45º 13'N	0º 43'W	274 ”	.....	
18 ”	12h	46º 56'N	3º 9'W	150 ”	várias	
19 ”	”	50º 59'N	5º 54'W	279 ”	”	
20 ”	8h	53º 24'N	2º 59'W	217 ”	”	

Do Rio de Janeiro à Bahia.....	748 milhas	em 2 dias	14 horas e	25 minutos
Da Bahia a Pernambuco.....	406 milhas	em 1 dia	9 horas e	45 minutos
De Pernambuco a São Vicente....	1.612 milhas	em 5 dias	16 horas e	30 minutos
De São Vicente a Lisboa.....	1.552 milhas	em 7 dias	2 horas e	0 minutos
De Lisboa a Pauillac.....	713 milhas	em 2 dias	14 horas e	15 minutos
De Pauillac a Liverpool.....	646 milhas	em 2 dias	10 horas e	0 minutos
	5.779 milhas	em 21 dias	18 horas e	55 minutos
	Paradas	1 dia	16 horas e	15 minutos
	Total	em 23 dias	11 horas e	10 minutos

RIO NOVO
JUIZ DE FORA
RETIRO
CEDOFEITA
MATHIAS BARBOZA
ESPIRITO SANTO
PARAHYBUNA
S. José
SERRARIA
E. de F. do Centro
E. de F. União Mineira
S. JOÃO NEPOMUCENO
ROÇA GRANDE
BICAS
S. HELENA
S. PEDRO
SOCEGO
SILVEIRA LOBO
MAR DE HESPANHA
CATACUAZES
VISTA ALEGRE
LEOPOLDINA
CAMPO LIMPO
REGREIO
PROVIDENCIA
S. ISABEL
S. LUIZ
MAIA
MONHOS
VOLTA GRANDE
PANTANO
PORTO NOVO DO CUNHA
CONCEIÇÃO
OURO FINO
SAPUCAIA
ANTA
CHIADOR
SANTA FE
ENTRE RIOS
PARAHYBA DO SUL
UBÁ
CASAL
COMMERCIO
CONCORDIA
DESENGANO
VASSOURAS
S. ANNA
MENDES
RODEIO
PALMEIRAS
ORIENTE
SERRA
MACACOS
BELEM
QUEIMADOS
Olinassa
MAXAMBOMBA
SAPOPEMBA
PEALENGO
S. CRUZ
CAMPO GRANDE
CASCADURA
ENGENHO NOVO
CORTE
Ilhaguaby
Guaratiba
RIO PRETO
S. DELFINA
RIO BONITO
FLORES
PRADO
VALENCA
ESTEVES
QUIRINO
VASSOURAS
E. de F. Valenciana
E. de F. do Commercio ao Rio das Flores
E. de F. D. Pedro II
Ramal do Porto Novo
Ramal de S. Paulo
RESENDE
SUBURBY
Quatis
DEVISA
POMBAL
PLATAFORMA
BABYLONIA
ESTALO
BARRA MANSA
VARGEM ALEGRE
PINHEIRO
BARRA DO PIRAHY
YPIRANGA
BANANAL
Piraby
RANDE
Vicente Ferrer

APÊNDICE I

NOTAS SOBRE A PROVÍNCIA DE MINAS GERAIS[1]

Devido a sua posição no centro do país, a província de Minas Gerais permaneceu despovoada por muito tempo, a não ser pelos nativos.

No século dezesseis, Sebastian Tourinho e Antônio Dias Adorno chegaram à província subindo as margens do rio. Mais adiante, no mesmo século, Marcos de Azeredo Coutinho chegou até lá, partindo do Espírito Santo.

Entretanto, só no fim do século dezessete e no fim do século passado aventureiros, sobretudo vindos da Bahia e de São Paulo, e alguns descendo pelo Paraíba, e outros pelo São Francisco, exploraram esse imenso território, atraídos, primeiro, pela ambição de escravizar índios, e depois, pelas abundantes riquezas minerais que deram seu nome à província.

Inicialmente, o território era parte de São Paulo, do Rio de Janeiro, ou mesmo da Bahia, dependendo da parte na qual vivia cada um dos exploradores.

De acordo com o Conselho Ultramarino de 23 de setembro de 1709, foi unida a São Paulo e com isso a província foi elevada à posição de estado principal. Por outra determinação de 2 de dezembro de 1720, foi separada de São Paulo e elevada à condição de estado independente. Seu primeiro governador foi Dom Lourenço de Almeida, que tomou posse em 28 de agosto.

Foi extremamente agitado o período inicial de sua existência. As rivalidades raciais assumiram um caráter grave, e produziram os episódios sanguinários conhecidos com o nome de Guerra dos Emboabas. Os direitos fiscais da metrópole, as repetidas leis criadas para elevar os impostos (não décimos, mas quintos) e as diferentes formas de taxação originaram também distúrbios, que muitas vezes terminaram, tragicamente, no patíbulo.

Os últimos anos do século passado foram entristecidos pela conspiração de Tiradentes; nela, planos generosos e palavras imprudentes levaram à forca aquele herói patriota, e causaram o banimento de muitos homens de distinção.

A conspiração tentada por Tiradentes – pois não passou de tentativa – foi a última ameaça dos povos de Minas durante o período colonial. Desde então estabeleceram-se lá a paz, a tranquilidade e o contentamento, e só em 1842 irrompeu um movimento revolucionário, que foi podado pela raiz.

---

1 . N.A. Parcialmente traduzidas de *Apontamentos para a geografia da província de Minas Gerais*. H. Laemmert e Ca., Rio de Janeiro, 1883.

Minas Gerais é hoje uma das províncias mais pacíficas do Brasil, além de ter a maior população e, seguindo o exemplo dado pelo país, desde que, em 1850, terminou o período revolucionário, começou a aumentar sua importância pela agricultura e pela indústria, lançando as bases de seu progresso.

É a quarta em tamanho das vinte províncias que formam o Império do Brasil, sendo as outras três: Amazonas, Pará e Mato Grosso.

Minas Gerais estende-se, no comprimento, de 14° a 20° de latitude sul, e, na largura, de 3° 24' a leste e a 8° a oeste do Rio de Janeiro, tendo, portanto, o enorme comprimento de 621 milhas, e a largura de 786, com uma área de 888.600 quilômetros quadrados. É assim maior que as Ilhas Britânicas e a França, juntas; tendo as Ilhas Britânicas 300.000 e a França 543.000 quilômetros quadrados, respectivamente.

É a província mais montanhosa do Brasil e é atravessada por dois grupos principais de cordilheiras.

O primeiro é o grupo do Espinhaço, que, surgindo na Serra do Mar em São Paulo, estende-se até as alturas de Barbacena, com o nome de Serra da Mantiqueira, e daí, voltando-se para o norte, atinge Diamantina, de onde passa para a Bahia.

O segundo grupo é o das Vertentes, estendendo-se aproximadamente de leste a oeste, e passando para Goiás.

O grupo da Serra do Espinhaço inclui quatro cordilheiras e quatorze séries de ramificações de montanhas. Em termos amplos, começa nos limites de São Paulo, daí passando em direção a Barbacena, perto de onde se junta ao grupo das Vertentes; separa os afluentes do Paraíba do Sul dos do rio Grande, de onde, correndo para o norte, constitui a grande fronteira entre o São Francisco, cujos afluentes correm em direção ao oeste, e os rios Doce, Jequitinhonha e Pardo, que, correndo para o leste, passam para o Espírito Santo e a Bahia.

O grupo da Serra das Vertentes inclui quatro cordilheiras e onze séries de ramificações. Esse grupo é a grande divisória, separando todas as águas que correm de oeste ou do sul para o Paraná dos rios que correm para o leste ou norte para o São Francisco.

A província é regada por sete rios principais: São Francisco, Paraná ou rio Grande, Doce, Jequitinhonha, Paraíba, Pardo e Mucuri.

De acordo com Gerber,[2] a distribuição das bacias hidrográficas da província é a seguinte:

---

2 . N.E. O texto referido foi traduzido pela Fundação João Pinheiro: GERBER, Henrique. *Noções geográficas e administrativas da Província de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 2013.

	léguas quadradas	quilômetros quadrados
São Francisco	8.800	390.984
Paraná ou rio Grande	4.900	217.707
Paraíba	700	31.101
Itabapoana	80	3.554
Doce	2.300	102.189
São Mateus	100	4.443
Mucuri	400	17.772
Rios diversos que deságuam no mar entre Porto Seguro e Porto Alegre	100	4.443
Jequitinhonha	2.200	97.746
Pardo	420	18.661
Total	**20.000**	**888.600**

O rio Grande ou Paraná é um dos afluentes do rio Prata. Depois de um curso de 205 léguas a partir da nascente, encontra-se com o Paranaíba, recebendo então o nome de Paraná. Não é navegável em grande parte de seu curso, devido a cachoeiras.

O rio São Francisco é o terceiro do Brasil em extensão e o décimo-sexto entre os grandes rios do mundo. Na Europa é superado apenas pelo Volga. O rio, que nasce do lado norte da bacia do grande planalto central de Minas Gerais, na Serra da Canastra e em parte da cordilheira das Vertentes entre 20° e 21° de latitude sul, corre do sul para o norte, como também fazem seus afluentes Pará, Paraopeba e rio das Velhas, o último dos quais ele recebe à latitude sul de 17°11'54" e longitude 1°43'35" a oeste do Rio de Janeiro. Depois de um percurso de 187 léguas ou 748 milhas, o São Francisco entra na província da Bahia; daí corre pelas províncias de Pernambuco, Sergipe e Alagoas, durante 950 milhas, até a maravilhosa cachoeira de Paulo Afonso, e, depois de mais 150 milhas, deságua no Oceano Atlântico, em Penedo, a cerca de 10 ½° de latitude sul.[3]

Seus principais afluentes na província de Minas Gerais são nove rios da margem esquerda; e os rios Pará, Paraopeba, rio das Velhas, Jequitaí, Mangaí e Verde Grande, na direita.

O rio Jequitinhonha nasce na Serra do Espinhaço, perto de Diamantina, e corre 130 milhas em direção nordeste, depois para o leste e o sudeste, finalmente para o nordeste, até o mar. Na ponta extrema a nordeste de Minas encontra-se uma magnífica série de cachoeiras a uns trezentos pés de altura, de onde o Jequitinhonha corre pelas planícies.[4]

3 . N.A. *Hydrographie du Haut San Francisco, et du Rio das Velhas.* Emmanuel Liais, Paris, 1865.

4 . N.A. *Geology and physical geography of Brazil*. Harts, p. 137.

O rio Doce nasce na Serra da Mantiqueira e, depois de um curso caprichoso, entra no Espírito Santo.

A província de Minas Gerais é considerada uma das mais operosas do Brasil. A maior parte do café, conhecido como o café do Rio, é cultivada aqui e o fumo de Barbacena, Pomba e Baependi é famoso no Rio. Os outros principais produtos de exportação que vi são: aguardente, arroz, feijão preto, açúcar, algodão, carvão, couro, carne de porco salgada, farinha de mandioca, milho, maizena, farinha, queijo e tapioca.

AS MINAS

O Capitão Burton escreveu tão exaustivamente sobre as minas de ouro[5] que seria presunçoso dizer mais do que uma breve palavra sobre elas, sobretudo porque, infelizmente, meu trabalho me impediu de visitar as regiões das minas, embora eu estivesse a cinquenta milhas de Ouro Preto. Os primeiros diamantes foram encontrados em Diamantina, em 1729, sendo o famoso diamante da coroa de Portugal originário dessa localidade em Minas Gerais.[6]

Hoje em dia a mineração não tem a importância que tinha há cem anos. Dr. Crispiniano Soares diz que:

> O ouro acabou para a população negra e para os velhos proprietários de minas que, ignorantes dos grandes progressos na ciência e na arte de trabalhar as minas, encontram-se incapazes de extrair as riquezas existentes. A prova é que, em 1879, quatro companhias de mineração equipadas regularmente, mas sem todo o instrumental que poderiam ter, extraíram 483.606 oitavas de ouro, ao passo que em 1814, setenta e nove proprietários de lavras, no riquíssimo município de Ouro Preto, obtiveram apenas 30.814 oitavas.

Ele conclui:

> A província de Minas é um vasto e soberbo território, que, ainda em sua juventude, oferece-se à indústria da extração do ouro... O futuro não muito distante produzirá espíritos empreendedores, novas com-

5 . N.A. *Highlands of Brazil*, 1869.

6 . N.A. *Brazil, its provinces and chief cities, etc.,* Wm Scully. Trübner, 1872.

> panhias se organizarão, e fervorosamente creio que esta bela província surpreenderá o mundo ao provar o que eu prevejo em relação à sua longamente adiada prosperidade.[7]

O Capitão Burton atribui todo o ônus da falta de sucesso das companhias de mineração ao fato de serem apenas empresas espúrias, fundadas com o mero objetivo de ações fraudulentas, e diz: "O resultado mais lamentável é a falsa convicção na Europa de que a semente do capital não pode ser lucrativamente semeada no Brasil, quando não há país onde, adequadamente administrado, daria maiores resultados".[8]

M. Emmanuel Liais, ao fim de uma descrição muito elaborada das características geológicas e mineralógicas do país, observa:

> No momento a exploração das minas no Brasil está quase inteiramente restrita ao ouro, diamantes, e a algumas dessas pedras que acompanham os últimos e que se encontram nos mesmos estratos, tais como topázios amarelos, crisoberilos ou águas-marinhas, e certas turmalinas verdes também denominadas esmeraldas brasileiras. Os altos preços dessas pedras possibilitam sua extração no interior do Império, mas a ausência de estradas que permitam transporte barato impede a lavra da maior parte de outros minérios, especialmente o ferro (tão abundante no Brasil), o chumbo e o cobre.[9]

Quanto ao ferro, o professor Gorceix diz que há cento e dez siderúrgicas no Brasil, produzindo três mil toneladas por ano – o que não é muito.

M. Liais refere-se especialmente ao enorme número de veios auríferos que abundam em Minas e na vizinhança de Pitangui, e insiste na escolha de veios pirídicos para exploração adicional.

> A principal questão é reduzir economicamente uma grande quantidade da matriz, pois se a produção por metro cúbico não for tão grande como a de certos veios na Califórnia e na Austrália, o volume é incomparavelmente maior, o que compensará aquela desvantagem. O uso de motores hidráulicos deveria ser preferido a todos os outros, por ser o

7 . N.A. *Revista de Engenharia,* 28 de fevereiro de 1883.

8 . N.A. *Highlands of Brazil*, vol. I, p. 218.

9 .N.A. *Climats, géologie, etc. du Brésil*, p. 291.

> mais econômico. Esses podem ser utilizados também para comprimir o ar. Se forem usados, a produção de cinco gramas de ouro por metro cúbico cobrirá a despesa de exploração de um veio pirítico, exceto em grandes profundidades, e a experência mostra que a maior parte dos veios produz o dobro daquela quantidade, ao aflorar, algumas vezes mais; e geralmente oito ou dez vezes mais, quando a profundidade é pequena. Há ainda muitas minas inexploradas, onde existem rios suficientes para grandes lavras. Essas são as mais valiosas... Mas nunca, pelo menos em Minas Gerais, precisa-se ir longe da mina para se acharem rios suficientes para fornecer grande força motriz. Para concluir, não houve ainda fracasso nas minas de ouro do Brasil, a não ser por descuido na administração, má direção dos trabalhos e falta de um estudo apropriado sobre a inclinação dos veios.

A qualquer pessoa interessada em saber mais sobre o assunto eu recomendaria a leitura dos livros de Liais e do Capitão Burton, que analisam a questão exaustivamente e a partir de diferentes pontos de vista. Concluirei esta breve nota sobre as minas com outro resumo.

> A opinião geralmente propagada de que as minas de ouro do Brasil estão esgotadas constitui um erro grave. Existem ainda depósitos superficiais de grande extensão que, com equipamentos modernos, podem ser trabalhados com êxito. A riqueza subterrânea do país está quase intocada, e se o público minerador da América conhecesse o Brasil melhor, tenho a convicção de que os campos de ouro daquele país não seriam negligenciados pelos capitalistas americanos.[10]

REPRESENTAÇÃO POLÍTICA

A província elege dez senadores, vinte deputados federais e quarenta deputados provinciais. Pelo censo de 1881 a província tem 24.141 eleitores. Há 87 câmaras municipais e 139 distritos, com vinte distritos eleitorais, contendo ao todo 482 freguesias. Certos nomes dessas freguesias chamam tanto a atenção que transcrevo alguns.

Nomes atuais:

10 . *Geology ahd physical geography of Brazil.* Hartt, p. 146.

Senhor Bom Jesus do Rio Pardo
Senhor Bom Jesus do Campo Místico
Senhor Bom Jesus de Mattosinhos
Três Corações de Jesus
Espírito Santo dos Coqueiros
Espírito Santo da Forquilha
Nossa Senhora Madre de Deus do Angu
Nossa Senhora do Patrocínio da Marmelada
Nossa Senhora da Meia Pataca
Nossa Senhora da Conceição do Laranjal
Nossa Senhora das Dores do Monte Alegre
Nossa Senhora da Assunção do Chapéu d'Uvas
Nossa Senhora da Abadia do Porto Real de São Francisco
Nossa Senhora da Conceição do Capivari
Nossa Senhora da Conceição do rio Verde
Nossa Senhora do Bom Conselho dos Serranos
Nossa Senhora Aparecida da Estiva
Nossa Senhora do Rosário da Pimenta
Nossa Senhora Mãe dos Homens da Bagagem
Nossa Senhora Mãe dos Homens de Turvo
Nossa Senhora dos Prazeres do Milho Verde
Nossa Senhora das Necessidades do rio do Peixe
Nossa Senhora da Cachoeira do Brumado
Nossa Senhora do Rosário do Sumidouro
Nossa Senhora da Conceição das Catas Altas do Matto Dentro
Nossa Senhora da Conceição das Raposas
Nossa Senhora da Boa Viagem do Curral d'El Rei
Nossa Senhora da Venda Nova
Santa Ana de Capivari
Santo Antônio da Olaria
Santa Barbara do Monte Verde
Santo Francisco de Assis do Capivara
São Sebastião da Cachoeira Alegre
Santo Sebastião dos Lenções
Santo Francisco das Chagas do Monte Alegre
Santo Gonçalo de Catas Altas da Noruega
Barra do Espírito Santo
Almas da Barra do rio das Velhas

Tradução para o inglês:

The Good Lord Jesus of the Dark River.
The Good Open Fields.
The Good Small Bushes.
The Three Hearts of Jesus.
The Holy Ghost of the Cocoa-nut Tree.
The Holy Ghost of the Pitchfork.
Our Lady Mother of God of Porridge.
Our Lady Patroness of Marmalade.
Our Lady of Fourpence.
Our Lady Conception of the Orange Garden.
Our Lady Sorrows of the Joyful Mountain.
Our Lady Assumption of the Hat of Grapes.
Our Lady Abbey of the Royal Gate of S. Francis.
Our Lady Consolation of the Water-hog.
Our Lady Conception of the Green River.
Our Lady Good Council of the People of the Hills.
Our Lady who appeared as the Trimmer of a Ship.
Our Lady of the Rosary of the Pepper Tree.
Our Lady the Mother of Porters.
Our Lady the Men of Mud.
Our Lady of Pleasure of Green Corn.
Our Lady Necessities of the River of Fish.
Our Lady the Rapids of the Foggy Place.
Our Lady the Rosary of the Gutter Sink.
Our Lady Conception of the High View of the Backwoods.
Our Lady the Foxes.
Our Lady the Good Voyage of the King's Pigsty.

Our Lady the New Grog-shop.
St. Anna of the Water-hog.
St. Anthony of the Potter's Shop.
St. Barbara of the Green Mountain.
St. Francis of Assisi of the Water-hog.
St. Sebastian of the Joyful Rapids.
St. Sebastian of the Bed-sheets.
St. Francis of the Ulcers of the Happy Mountain.
St. Gonçalves of the High Views of Norway.
The Sandbank of the Holy Ghost.
The Souls of the Sandbank of the River of Old Women.

DIVISÃO ECLESIÁSTICA

Nos primeiros tempos, Minas Gerais pertencia em parte à diocese do Rio de Janeiro e em parte ao arcebispado da Bahia ou ao bispado de Pernambuco. Em 1745, Benedito XIV, a pedido de Dom João V, criou o bispado de Mariana. Em 1853, o governo foi autorizado a pedir à Santa Sé uma bula criando uma nova diocese, tendo Diamantina como sede. Apesar desses vários decretos, Minas está sujeita, com os dois bispados que possui, à diocese do Rio de Janeiro a leste, a São Paulo ao sul e a Goiás a oeste.

Vi os bispos do Rio de Janeiro e de Mariana quando se hospedaram na Fazenda do Curtume; estavam fazendo uma visitação para ministrar, especialmente, o sacramento do Crisma, e arcos triunfais cobertos de flores foram levantados no caminho por onde viajaram.

A POPULAÇÃO

A falta de estatísticas confiáveis e recentes impede que se dê o número exato de habitantes. O censo de 1872 deu 1.669.276 homens livres, 370.459 escravos; total, 2.039.735 ou cerca de seis pessoas por milha quadrada. Desse número, 2.036.589 eram católicos, 3.146 sendo descritos como não católicos. Averiguou-se que 145.396 homens e 78.317 mulheres sabiam ler e escrever, ao passo que 901.630 homens e 914.392 mulheres não tinham sequer esse conhecimento elementar. Havia cerca de 1.084 escolas espalhadas entre as várias cidades e povoações; mas não posso dar informação sobre sua eficiência, embora haja uns 34.000 estudantes matriculados. Ouvi falar de uma queixa dada contra o inspetor que tinha sido recentemente nomeado pelo governo, baseada no fato de que ele não sabia nem ler nem escrever.

FERROVIAS EM MINAS GERAIS

Na abertura da Assembleia Provincial de Minas, em 1 de agosto de 1882, o Senhor Doutor Teófilo Otoni, falando desse assunto, disse:

> Enterrada entre suas montanhas, separada do oceano pelos territórios dos estados em suas fronteiras, Minas não pôde iniciar uma ferrovia até que a locomotiva da Estrada de Ferro Dom Pedro II chegasse à sua fronteira. Foi só em 1871 que o governo provincial autorizou a construção de nossa primeira ferrovia.[11]

Em maio de 1871, a Assembleia Geral sancionou o prolongamento da Linha Tronco do Governo, Estrada de Ferro Dom Pedro II, e abriu um crédito de 20.000 contos de réis (dois milhões de libras esterlinas, a 24 *pence* por contos) para esse objetivo.

Em 1883, havia 256 ½ milhas de ferrovia abertas ao tráfego na província, 108 milhas estavam em construção, 172 em fase de pesquisa e 1.506 ½ autorizadas, perfazendo um total de 2.043 milhas. Ao fim de junho de 1884, 715 quilômetros ou 447 milhas estavam abertos ao tráfego.

A Estrada de Ferro Dom Pedro II - O Capitão Burton, falando dessa ferrovia em 1867,[12] diz que três vales chamam a si a honra de serem considerados para a seleção de uma rota: os do Pará, do Paraopeba e do rio das Velhas. Foi escolhido o último. Essa ferrovia tem uma bitola de 1 ½ metros. Entra na província perto da estação de Paraibuna, a cerca de 262 quilômetros do Rio de Janeiro. Quando cheguei, em junho de 1883, o tráfego chegava até Carandaí (420 quilômetros); mas, em janeiro de 1884, depois de uma boa interrupção no transporte de mercadorias, devido aos estragos causados nas margens e nas picadas durante a estação das chuvas, a linha foi inaugurada até Lafaiete (Queluz), a 468 quilômetros do Rio. As obras estão agora em progresso no que diz respeito ao prolongamento, passando por Sabará até Santa Luzia, que está no vale do rio das Velhas.[13] Essa ferrovia tem um extenso sistema de linhas e ramais na província do Rio de Janeiro, mas, por enquanto, em Minas, o único ramal é o da linha de São João del-Rei.

Essa ferrovia Dom Pedro II é uma linha do governo e ninguém realmente sabe quanto custou. Uma coisa é certa: todo mundo que teve alguma coisa a ver com ela enriqueceu. Todo o trabalho é feito da maneira mais dispendiosa, incorrendo-se em enorme despesa, tal como con-

---

11 . N.E. O autor não acrescentou maior informação sobre a fonte.

12 . N.A. *Highlands of Brazil*, vol. I, p. 153.

13 . N.A. Recentemente, foi resolvido que o prolongamento da ferrovia além de Lafaiete vai ser com bitola de um metro, e o trecho já construído será refeito e reassentado (janeiro de 1886).

servar paredes com cinco pés de espessura, quando são desnecessárias. O assentamento de trilhos, por exemplo, custou cinco vezes o habitual. Os construtores fornecem a alimentação dos trabalhadores, deduzindo, por esse motivo, uma parte de seus salários. Mas os salários não são pagos; e os homens ouvem dos contratadores que o governo não lhes pagou e o resultado são longos atrasos. Finalmente, alguns homens, cansados de esperar, afastam-se desgostosos e são obrigados a ceder aos vendeiros os salários que lhes são devidos, com enormes descontos.

Os lucros publicados parecem muito satisfatórios. Por exemplo, para outubro de 1883 a receita da linha inteira foi declarada de 1.169.903 mil-réis e os gastos de 633.939 mil-réis; para novembro de 1833, a receita foi de 1.054.307 mil-réis e os gastos de 505.076 contos; e para fevereiro de 1884, a receita foi de 861.454, a despesa de 478.053 mil-réis; mas nada se diz quanto à liquidação, sobre os juros e o custo da construção. Os dividendos, segundo creio, são de cerca de cinco por cento ao ano.

A Estrada de Ferro Oeste de Minas - Essa linha foi inaugurada em 28 de agosto de 1881. Estende-se de Sítio, na Estrada de Ferro Dom Pedro II (a 364 quilômetros do Rio), até a cidade de São João dei Rei; e a maior parte dos objetos importados de ou exportados para o vale do Pará e vizinhanças são transportados por essa ferrovia. A extensão da linha é de 100 quilômetros (62 ½ milhas) e a bitola é de apenas 0.76 metros ou de 2 pés e 6 polegadas. Propõe-se prolongar essa linha até as águas navegáveis do rio Grande, que deságua no Rio Paraná, que vai até Buenos Aires. Durante treze meses a receita dessa ferrovia foi de 160.585 mil-réis e o gasto de 127.219 mil-réis. Comportou 10.454 passageiros.

É divertido ver, quando a gigantesca locomotiva americana que puxa os carros saídos do Rio entra fumegando na estação do Sítio, a locomotiva microscópica dessa ferrovia, com seu trem de vagões minúsculos, esperando do outro lado da plataforma.

Estrada de Ferro Ouro Pretana - Está sendo construído esse ramal da Estrada de Ferro Dom Pedro II, perto de Sabará até Ouro Preto. Terá cinquenta quilômetros (trinta e uma milhas) de comprimento, com bitola de um metro. As dificuldades de engenharia a serem superadas são enormes e haverá muitos túneis. Devido à presença abundante de minério magnético, a bússola não funciona para a construção dos túneis.

A Linha *Leopoldina* tem um metro de bitola e 203 quilômetros de extensão. Estende-se de Porto Novo (Estrada de Ferro Dom Pedro II), junto ao rio Paraíba, até Presídio. Essa ferrovia foi inaugurada em julho de 1877. Em meio ano sua receita foi de 430.077 mil-réis e o gasto de 287.055 mil-réis; nos seis meses seguintes as receitas atingiram 836.047 mil-réis e o gasto 316.188 mil-réis.

A *Ferrovia Minas e Rio* foi construída por James Brunlees (então engenheiro-chefe em exercício) como engenheiro, sendo contratadores os senhores Waring Brothers. A linha foi inaugurada pelo Imperador em uma cerimônia pomposa em que percorreu toda a linha, juntamente com a imperatriz e o Conde d'Eu, em 22 e 23 de junho de 1884. Uma coluna e meia apareceu no *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro, descrevendo sua viagem triunfal e detalhando todas as particularidades da linha. A ferrovia estende-se de Cruzeiro, na linha de São Paulo, perto de Queluz, na província do Rio, até Três Corações, no rio Verde, afluente do rio Grande. A extensão total até Três Corações é de 170 quilômetros (132 milhas). A bitola é de um metro. A obra mais importante é um túnel através da Serra da Mantiqueira, com 997 metros (1.080 jardas) de comprimento. Há também nove túneis pequenos. Essa linha tem dado pretexto a uma longa, e um tanto azeda, correspondência, tanto no exterior como no Brasil, sobre as ferrovias e finanças do país. Mas não é minha intenção acrescentar uma quota própria ao assunto em disputa, pois minhas declarações sobre as finanças brasileiras serão encontradas em nota posterior.

É desnecessário dizer qualquer coisa relativa a outras ferrovias propostas, embora ainda não iniciadas; mas devo fazer uma breve referência à linha incluída na supervisão na qual estive envolvido. Essa ferrovia, a Minas Central, deverá estender-se de Cristiano Ottoni (Estrada de Ferro Dom Pedro II, a 438 quilômetros do Rio de Janeiro) até Pitangui, com um comprimento de cerca de 250 quilômetros e bitola de um metro. Tem uma extensão autorizada até Santo Antônio dos Patos, de onde deve prosseguir pela província de Goiás, no momento, totalmente isolada de todos esses meios de civilização e comunicação. Partindo do rio Paraopeba, que lá é um mero riacho, passará pela parte superior daquele rio até a importante cidade de Entre Rios, onde passei cinco meses, e de onde, ganhando o vale do Pará (um dos inicialmente propostos para a Linha Tronco do governo), seguirá por esse vale até a cidade de Pitangui. Um breve olhar ao mapa mostrará a importância dessa ferrovia, especialmente quando se tem em mente os depósitos de ouro de Pitangui. Pitangui dista pelo menos vinte léguas (oitenta milhas) de Sabará e do rio das Velhas, além do que há duas cadeias de montanhas a serem transpostas; a primeira, dividindo o Pará do Paraopeba, e a segunda, separando o Paraopeba do rio das Velhas. O vale do Pará é amplo, belo, e muito fértil, populoso para aquelas regiões, e capaz de um desenvolvimento incalculável. Nossa linha da ferrovia será da maior utilidade, pois, no momento, uma mercadoria enviada de ou para Pitangui enfrenta, no mínimo, umas trinta e seis léguas de viagem até a Estrada de Ferro Dom Pedro II; e, desde a abertura da linha até Queluz, está mais perto do que a Estrada de Ferro São João del-Rei. A Minas Central opôs-se fortemente à última mencionada, o que é facilmente compreensível, pois atingirá os distritos de onde tiram muito de seu movimento; e as ações daquela linha caíram drasticamente quando se publicou a notícia da chegada de nossa equipe ao Rio de Janeiro. As autoridades da Estrada de Ferro São João del-Rei apresentaram uma petição ao governo provincial no fim de 1883, protestando contra a Minas Central por violar seus privilégios; mas o governo, tendo

estudado o pedido, recusou-se a atendê-lo. Todos os proprietários de terra com quem conversei sobre o assunto disseram invariavelmente que a linha de São João del-Rei acabou (*was done for*), agora que nossa ferrovia estava garantida. Certamente a linha até Pitangui é uma necessidade – iria de fato aumentar muito a lavoura e a população, como aconteceu no ano passado às margens da recentemente inaugurada Linha Tronco; e a linha deve ser construída, se o Brasil mantiver a opinião favorável que hoje detém, por investidores ingleses. Tem o interesse do governo garantido e deve ser pelo menos tão rendosa quanto as muitas outras, podendo, com o tempo, ultrapassá-las. *Che sará, sará;* o futuro desse projeto, da província, do Império, está felizmente em mãos mais capazes do que as minhas, e presumo que nenhuma afirmação que tenha tido a oportunidade de fazer em minhas notas sobre as finanças do Brasil possa contribuir para retardar a construção da ferrovia de Pitangui. Pessoalmente, e pelo bem dos muitos e excelentes residentes daqueles lugares que se demonstraram meus verdadeiros amigos e que desejam aquela linha, espero que possa dentro em breve ser aberta ao tráfego.[14]

Ao concluir estas notas sobre as ferrovias de Minas Gerais, devo observar que parece uma pena que tenha havido tanta variação nas bitolas usadas. O Brasil está longe ainda de uma "batalha das bitolas", que criou tantos problemas na Inglaterra; mas em alguma época futura pode-se descobrir que se cometeu um erro.

NOTAS SOBRE FERNANDO DE NORONHA

Atualmente, como já disse, sabe-se pouco sobre este lugar e os navios geralmente o evitam. Pertence à província de Pernambuco e situa-se a 3°50', latitude sul, e 32°25' a oeste de Greenwich. Dista cerca de 200 milhas da costa e consiste de uma grande ilha e diversas outras menores, tendo o conjunto, segundo Darwin,[15] nove milhas de comprimento por três de largura. Darwin considera que é toda de origem vulcânica: "o traço mais notável é uma colina cônica, de cerca de mil pés de altura".

Pode ser interessante transcrever uma descrição resumida da tradução de *Viagem à América do Sul, empreendida, por ordem de Sua Majestade o Rei da Espanha, por Don George Juan e Don Antonio de Ulloa, ambos capitães da marinha espanhola, membros das reais sociedades de Londres e de*

14. N.A. A construção começou em 6 de janeiro de 1885.

15. N.A. *Geology and physical geography of Brazil.* Hartt, p. 478.

Berlin etc.[16] É uma obra interessantíssima. Esses exploradores aportaram nas ilhas em 21 de maio de 1745. Dizem:

> Ao chegar, fomos informados de que a Companhia Francesa das Índias Ocidentais tinha fundado uma colônia ali, sendo um lugar conveniente para descanso dos navios; mas as cortes de Portugal, não desejando que franceses ou qualquer outra nação tivessem uma colônia tão próxima à costa do Brasil, obrigaram-lhes a evacuá-la.
>
> Essa resolução foi tomada há cerca de sete anos, e desde então... fortes foram erigidos e uma colônia fundada na ilha... Esta ilha tem dois portos capazes de receber navios da maior tonelagem: um situa-se ao norte, e outro a sudoeste... A aridez da ilha não provém de nenhum defeito do solo, que produz muitos tipos de grãos e frutas comuns em climas quentes, como a experiência já demonstrou amplamente, mas da falta de umidade; pois, além de frequentemente se passarem dois ou três anos sem chuvas, não se encontra uma gota de água em toda a ilha, exceto em alguns riachos...
>
> Caíram violentas chuvas no dia 19 de março, e continuaram durante todo o tempo em que permanecemos na ilha. Os habitantes usam a água que guardam em poços semelhantes a cisternas; mas esta, bem como a água dos riachos, quando começa a chover, fica espessa e salobra. Na verdade, os portugueses dizem que, nas partes interiores da ilha, onde se originam os riachos, nunca falta água, que é limpa e potável.
>
> Na parte interior da ilha existe uma cidade portuguesa, na qual mora o pároco e um governador, que, tendo qualquer aviso de navios à vista, recolhem-se aos fortes, que são todos bem guarnecidos de tropas, havendo, só no Forte Remédios, enquanto estivemos lá, quase mil homens – em parte soldados regulares enviados de Pernambuco, que são rendidos a cada seis meses; e em parte deportados, vindos de todo o litoral brasileiro; e alguns, embora poucos, que se fixaram lá com suas famílias – sendo todos gente pobre e mestiços (descendentes de espanhóis e índios). Há também alguns índios que são enviados para trabalhar nas fortificações, servindo igualmente ao governador e a outras autoridades da ilha.

16. N.A. Publicada em Londres em 1753.

O alimento comum de todos os habitantes, de todas as classes, tanto aqui como em todo o Brasil, é a farinha de pau, consumida universalmente, em vez de pão... Estão tão habituados a ela que, à mesa, mesmo quando têm pão de trigo à disposição, comem um pouco dessa farinha com cada bocado. Além dessa farinha que, na verdade, nada mais é que serragem, no gosto como no cheiro, consomem muito arroz e cana-de-açúcar, trazidos de Pernambuco...

Depois da segunda colônia dos portugueses aqui, além das pequenas plantações, que foram uma de suas primeiras preocupações, também trouxeram vacas, porcos e carneiros, para fazer criações desses úteis animais. E, como uma pequena quantidade de carne basta aos portugueses, eles, mesmo neste solo estéril, têm se multiplicado tanto que durante toda a permanência aqui tivemos o prazer de abastecer nossas tripulações com provisões frescas, e ao partir trouxemos a bordo quantidade suficiente para durar vários dias.

Esses portos, ou enseadas, abundam em peixes de cinco ou seis espécies diferentes, entre as quais lampreias e morenos. Os últimos são enormes, mas nenhum é comestível. No fundo desse porto pesca-se um peixe chamado *cope* por causa de seu corpo triangular... Durante a estação em que as tartarugas põem os ovos, isto é, de dezembro a abril, as praias de toda a ilha ficam cobertas com elas. Depois disso, retiram-se para o mar e desaparecem...

Apesar de toda a civilidade e amizade do governador, em todos os aspectos, ficamos na ilha, sob o ponto de vista de distração e divertimento, exatamente como se estivéssemos em alto-mar. Como mal tínhamos permissão de desembarcar, os portugueses, com sua natural desconfiança e ciúme, obedeceram a suas ordens com tão exato rigor, que caminhar da praia até o forte principal onde reside o governador era o único passeio permitido; e, para isso, o que desembarcava era acompanhado por três ou quatro soldados, que nunca o deixavam até que voltasse ao barco, o qual recebia ordens imediatas de se afastar. Foram colocados guardas em todos os pontos do porto; e, ao avistar qualquer navio, imediatamente corriam até o lugar onde supunham que desembarcaria, para acompanhar os passageiros.

Dr. Darwin diz: "Toda a ilha está coberta de florestas. Mas, por causa da aridez do clima, não parece luxuriante. A alguma altura, grandes massas de rocha colunar, sombreada de loureiros, e ornamentada com uma árvore coberta de belas flores cor-de-rosa,[17] como as da dedaleira, mas sem uma única folha, tinham um efeito agradável sobre as partes mais próximas da paisagem".[18]

No relatório oficial sobre a expedição do *Challenger,* lê-se:

> A intenção era ter permanecido na ilha de uma semana a dez dias para observá-la e explorá-la totalmente; mas, como não se havia previamente avisado o governo brasileiro, o comandante de modo algum assumiria a responsabilidade de permitir que se colhessem coisas em terra ou que se fizessem sondagens adjacentes à costa, embora a princípio parecesse disposto a permiti-lo... Havia na ilha aproximadamente 1.400 prisioneiros, 160 soldados e quatro oficiais, além do comandante ou governador... Os prisioneiros não ficam confinados em prédios grandes, mas cada homem ergue uma cabana para si com barro e sarrafos, de modo que a colônia ocupa uma área considerável. Todos os prisioneiros são reunidos para uma parada matinal e outra noturna e são despachados de manhã para o trabalho que lhes é designado para o dia – alguns para cuidar dos carneiros ou cabras, outros para trabalhar nos campos e outros para pescar.

Os pescadores usam um catamarã. "Há plantações de açúcar, cana, milho, mandioca, batata-doce, bananas, abóboras e melões na ilha. Os últimos, tanto da água como de pântano, são excepcionalmente bons, tanto no tamanho como no sabor; custam aproximadamente três *pence* cada, e compramos grande quantidade."[19] O relatório contém uma imponente vista do pico.

A RELIGIÃO

Tendo vivido alguns meses bem no interior e tendo tido muitas oportunidades de ver a vida religiosa do povo afastado das influências externas que vigoram em cidades litorâneas como o Rio de Janeiro – um povo apenas em parte civilizado, sem dúvida, mas ainda assim superior a

---

17 . N.A. *Jatropha gossipyfolia. Challenger Report,* 1873-76.

18 . N.A. *Narrative of the surveying voyages of H.M.'s ships Adventure and Beagle between the years 1826 and 1836*, vol. III, p. 11.

19 . N.A. *Narrative*, vol. I, pt. 1, pp. 210, 211. London, 1885.

muitos outros católicos romanos sul-americanos; admirando seu profundo sentimento religioso e cuidadosa observação do cerimonial exterior; e tendo também, durante alguns anos, dedicado considerável estudo a questões teológicas – vejo-me levado a expressar algumas reflexões sobre o assunto da religião. Apesar de não expressar meus pontos de vista individuais, não me desculpo pelos sentimentos que exprimo, embora tema que cinquenta em cada cem leitores vão tirar algumas sentenças, até que, destes parágrafos, só restará um esqueleto. Escrevo como membro da Igreja Anglicana, que anseia por conseguir – o que receio ser quase impossível, pois o que se considera verdade essencial para um é julgado heresia e erro por outro – por um *modus vivendi* entre os vários ramos da Igreja Cristã. Se, contudo, qualquer pessoa for levada por estas linhas a se tornar mais tolerante com aqueles que dela discordam, o objeto destas observações terá sido atingido.

Para aqueles que foram, desde a infância, educados na Igreja Católica, e que, não os conhecendo, olham com olhos preconceituosos os outros ramos do Cristianismo, compreende-se que lhes baste a fé católica. Mas não posso compreender qualquer pessoa que, tendo sido criada dentro da liberdade e do superior esclarecimento da Igreja Anglicana, se submeta a Roma. Seus erros, tanto na teoria como na prática, parecem tão evidentes!

Quanto a um ritual, o único ordenado pelo Divino Fundador de nossa santa religião, e, portanto, obrigatório para todos os cristãos, chamado de Sagrada Comunhão, a Eucaristia (sacrifício de ação de graças), a Missa, a Última Ceia, o Partir do Pão, vi todas as semanas centenas de pessoas frequentando essa cerimônia. Era, naturalmente, em latim. Só se ouvia a voz do padre; os participantes não davam uma palavra. Persignavam-se na hora do Evangelho, batiam no peito na hora do *non sum dignus,* e seu comportamento, no conjunto, era respeitoso; mas quase nunca comungavam, mesmo na Páscoa. Que Comunhão é essa? A ideia, nobre em si mesma, talvez, de uma única língua universal para a celebração dos Santos Mistérios é um erro. Embora, naturalmente, o primeiro objetivo da Eucaristia seja o culto a Deus e a representação de um Sacrifício Único em favor da humanidade, ainda assim a edificação dos fiéis assistentes deveria também ser levada em consideração; mas, com a cerimônia em língua desconhecida, o bem maior para o número maior de pessoas não é, nem pode ser, atingido. As pessoas comparecem por obrigação, mas não podem beneficiar-se muito; e descobri que a frequência à missa é considerada uma espécie de fetiche ou magia!

O celibato dos padres é obrigatório. Quão poucos observam seus votos! É bem conhecido o número de filhos que muitos padres têm, e muitos outros vivem sabidamente em pecado! Como poderia ser de outra forma? O número de homens capazes de viver em castidade é relativamente pequeno. Uma graça sobrenatural altíssima é necessária para resistir ao impulso natural, e à influência de hábitos e costumes daqueles com os quais o padre tem de conviver continuamente,

especialmente em climas mais quentes ou tropicais; e esse altíssimo nível não pode ser esperado de muitos milhares de homens que, invariavelmente, não aderiram ao sacerdócio pelos motivos mais elevados. São Paulo, que foi celibatário, embora proclamasse a virgindade como o estado mais elevado possível para a humanidade, quando abraçada sob a verdadeira perspectiva, disse: "O casamento deve ser honrado em tudo"[20] e "é melhor casar que arder."[21] Nosso Divino Mestre também, quando seus discípulos disseram "Não é bom casar", assim respondeu: "Nem todos os homens podem receber este preceito, exceto aqueles a quem é dado."[22]

A veneração aos santos degenerou na usurpação, por parte deles, da posição do Único Mediador, e os nativos também invocam nomes especiais de Nosso Senhor, da Santa Virgem Maria e dos santos, parecendo considerar, por exemplo, que o Bom Senhor Jesus do Bom Jardim e Nossa Senhora da Junção dos Rios, são intercessores mais imediatos.

Esse culto aos santos é praticado de uma forma que parece digna de nota. Os exemplos que vou detalhar abaixo bem podem ter correspondentes em outros países católicos, mas, no mínimo, não tenho conhecimento deles.

O posto militar de Santo Antônio no exército brasileiro é de considerável importância e de funções diversificadas. De acordo com uma declaração do Deputado Aristides Spinola, em 13 de junho de 1884, dia do eminente santo, sua carreira no serviço militar brasileiro tem sido a seguinte: por carta real de 7 de abril de 1707, a patente de capitão foi concedida à imagem de São Antônio da Barra, da Bahia. Essa imagem foi promovida a major da infantaria por decreto de 13 de setembro de 1810, e por um aviso de 29 de julho de 1859. Seu soldo foi colocado na folha normal de pagamentos do departamento da guerra. A patente da imagem de Santo Antônio do Rio de Janeiro, entretanto, supera a de seu correspondente na Bahia e parece ter tido lá uma carreira militar mais brilhante. A patente de capitão remonta a uma carta real de 21 de março de 1711 e lhe foi conferida pelo Governador Antônio de Albuquerque Coelho e Carvalho, em reconhecimento por seus feitos gloriosos ao resistir à invasão francesa comandada por Duclerc. Foi promovido a major da infantaria por um decreto de 14 de julho de 1810, e a tenente-coronel em 26 de julho de 1814... Foi condecorado

---

20 . N.A. Heb., XIII, 4.
21 . N.A. 1 Cor., VII, 9.
22 . N.A. Mat., XIX, 10, 11.

com a Grã-Cruz da Ordem de Cristo por decreto de 13 de agosto de 1814, e determinou-se que seu soldo de tenente-coronel fosse permanentemente debitado da lista militar por um aviso de 13 de agosto de 1833... A imagem de Santo Antônio de Ouro Preto, Minas Gerais, atingiu a posição e o soldo de capitão por um aviso de 26 de fevereiro de 1799. Sua carreira foi discreta, limitando-se principalmente à tarefa nada desagradável de receber do tesouro público 480 réis por mês. Os salários de todas essas imagens marciais são recebidos por procuradores devidamente habilitados e usados para consertos e ornamentos exigidos pelo desgaste de suas campanhas anuais. O saldo remanescente é gasto com as despesas permanentes de suas casas.[23]

Persiste a iniquidade das indulgências. Já me referi em outro lugar ao pecado flagrante de autorizar casamentos de parentes em graus proibidos. Outras indulgências, como a permissão de comer carne mais que um dia durante a Quaresma, são relativamente comuns, pois com isso não se permite demasiada liberdade para pecar; mas, se, como dizem alguns brasileiros, alguma coisa é errada, o pagamento em dinheiro não a torna certa. Se uma questão de consciência, ou doença, ou fraqueza, obriga alguém a deixar de lado os mandamentos da Igreja, certamente o padre deveria autorizar, sem cobrar por isso.

A proibição da leitura da Bíblia, inicialmente devido à tendência de seitas e indivíduos a distorcer as Escrituras de acordo com suas próprias ideias, terminou tendo más consequências, e hoje a Igreja Católica teme principalmente que leigos se peguem à Bíblia e descubram, assim, quanta coisa lhes foi ensinada que não encontra fundamento na Escritura. Falei com muitos homens inteligentes no Brasil que, tendo lido a Bíblia, descobriram isso, e não conseguem compreender a contínua promulgação de doutrinas novas como artigos de fé; mas disseram: "Todos os sistemas humanos contêm erros maiores ou menores, e não conhecemos outro melhor".

Também conheci muitos que ansiavam por ler a Bíblia, recebendo com gratidão e lendo cuidadosamente os Evangelhos ou Novos Testamentos que lhes dei. Embora haja tanta coisa que precisa ser reformada, nunca tentei desestabilizar suas mentes ou torná-los insatisfeitos com sua fé, mas apenas, explicando minha religião pessoal, dar-lhes um conhecimento mais amplo e uma opinião mais clara sobre a história da vida, morte e ressurreição de nosso Divino Redentor.

Infelizmente, muitos de nossa própria Igreja e protestantes que trabalham entre os católicos mostram-se intessados, frequentemente e demasiado, em instruí-los, começando com ataques virulentos contra a Igreja Romana, em vez de educar seus ouvintes, discutindo as verdades que

23. N.A. *Rio News* 5 de julho de 1884.

lhes foram ensinadas e instilando as doutrinas do Evangelho, deixando atuar a Verdade, como fez Elias com Naamã. Como resultado, esses líderes são atacados pelas autoridades eclesiásticas e as pessoas recusam-se a ouvi-los. Eu não poderia ter distribuído um único Evangelho com proveito sem primeiro estudar a situação com o maior cuidado.

Um ponto merece louvor em todos os sermões que ouvi: os padres nunca se cansam de enfatizar a expiação feita por nosso Divino Redentor como único sacrifício inefável, necessário à satisfação da justiça divina, válido para cada alma individual, e só por intermédio dele que o pecador pode ser aceito por Deus; embora na verdade ensinem que as preces aos santos – que deveriam ser invocados, bem como as dos parentes e amigos vivos, são úteis para se obter as graças de Deus.

A doutrina da expiação dos pecados, no entanto, é uma das que frequentemente são perdidas de vista em nossos púlpitos; os homens recusam-se a acreditar na hediondez do pecado e a crer que a justiça de um Deus perfeitamente santo exige plena reparação do pecado, e, por argumentos racionalistas, derivados da razão humana decaída, só se detêm na benevolência e amor divino pela humanidade. Há também duas rochas, Sila e Caríbdes, contra as quais pode naufragar a fé de todos os cristãos – cada uma em uma extremidade oposta dessa linha de pensamento intelectual. A primeira é o Formalismo, a segunda, o Racionalismo. A primeira resulta de uma espécie de religião parasítica, que delega a consciência à orientação de outra pessoa e considera que o indivíduo não tem o direito de pensar por si mesmo e examinar as doutrinas para ver se vêm de Deus, ou pensar que bastam uma fraca aquiescência em certos dogmas e a execução de certas formalidades e cerimônias. A segunda resulta da repulsa de sentimentos do outro extremo, não apenas recusando-se a ouvir a voz da Igreja, as orientações da Bíblia e os ditames da consciência, mas ainda erigindo seu insignificante e corrupto intelecto como suprema corte – recusando-se a acreditar em tudo que parece contrário a suas ideias individuais de justiça ou conveniência. O último erro talvez seja o mais terrível, pois, por meio dele, o finito comete a suprema blasfêmia de ousar ditar seus termos ao Infinito.

Dever-se-ia refletir muito sobre o fato de que frequentemente se perde de vista o último apelo de Nosso Senhor em favor da união. União de propósitos, variedade na execução, é a lei universal no mundo natural; antes fosse mais amplamente reconhecida pela Igreja Cristã! Em qualquer árvore, é difícil haver duas folhas absolutamente iguais; da mesma forma, há poucos homens com a mesma mentalidade e temperamento. Todos os ramos da Igreja podem ser considerados como dispostos em torno de um círculo, com Cristo no centro; quanto mais se aproximarem d'Ele, mais intimamente serão ligados uns aos outros.

Certas doutrinas, com certeza, devem ser enfatizadas, tais como a Trindade, a divindade do Filho do Homem e sua expiação de nossos pecados, bem como a salvação n'Ele e por Ele ape-

nas. Devemos igualmente lembrar a incapacidade do homem de se tornar aceitável a Deus, que a prece é a vida da alma, que a vida cristã é luta que só conseguimos empreender pela ajuda espiritual por intermédio da inspiração do Espírito Santo, e que os sacramentos também são meios divinamente instituídos para aquele fim.

Certamente, esse é um alicerce em torno do qual deveriam unir-se todos os cristãos e os detalhes, embora importantes em si mesmos, em segundo plano. Um homem pode acreditar que uma cerimônia pobre em ritual, mas partindo do coração, é mais aceitável a Deus; outro, que um ritual elaborado, com paramentos e incenso, assemelha-se mais à etema adoração no Paraíso, conforme a revelação do Apocalipse: "Quem és tu para julgares o servo de outro homem? Ele triunfa ou falha diante de seu próprio Senhor". "Que todo homem esteja plenamente convicto em seu próprio coração".[24] Se todos exercessem mais o divino dom da caridade e se dispusessem a reconhecer e apreciar mais o bem nos outros, em vez de se concentrarem naquilo que consideram suas faltas ou erros, um grande passo em direção à união teria sido dado. O fanatismo e a falta de caridade entre cristãos é o fato que fornece – talvez mais que qualquer outro – a base para os argumentos do ateísmo contra a Igreja de nosso divino e bendito Redentor.

A ESCRAVIDÃO

Pode-se afirmar com segurança, devido ao grande movimento que cresce a cada dia em seriedade e que absorve as mentes de cada um entre todos os quadrantes do Império, que dentro em breve a escravidão terá deixado de existir no Brasil.

A lei Rio Branco ou Lei do Ventre Livre foi promulgada em 28 de setembro de 1871. Determina que sejam livres os filhos de todos os escravos nascidos após aquela data; e é também apoiada pelo Fundo de Emancipação. A lei foi proposta pelo Visconde do Rio Branco, então Presidente do Conselho, e Diretor da Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Ele é um firme conservador. A lei passou pelas duas Câmaras durante uma das visitas do Imperador à Europa, quando a Princesa Isabel era regente. Ela é esposa do Conde Luiz Filipe Gastão de Orleans e Conde d'Eu.

Desde aquela data a abolição da escravatura tem avançado firmemente, por meio do Fundo de Emancipação e por atos privados de libertação dos escravos, ainda em vida ou após a morte de seus proprietários, como descreverei oportunamente.

24. N.A. Não se nega, virtualmente, que a caridade é a maior das três virtudes teologais (I Cor., XIII, 13), quando uma Igreja, por exemplo, a católica, excomunga todas as outras, chamando-as de heréticas ou quando os protestantes consideram idólatras e sujeitas ao mais severo julgamento todas as outras igrejas cristãs e, portanto, embora recusando estender-lhes o direito de igualdade, preferem até seitas ou religiões anticristãs, tais como as dos judeus ou dos unitários? Refiro-me apenas ao *odium theologicum* entre igrejas ou seitas *per se*, e não a indivíduos de qualquer outra denominação religiosa.

Pode-se ainda comprar escravos, mas há um imposto de um conto de réis[25] para importá-los de outras províncias. O preço de escravos entre quinze e vinte e cinco anos de idade é de quatrocentos ou quinhentos contos a um ou dois contos. Desde 1831 já não se pode trazer escravos ao país; mas essa lei tem sido burlada, pois muitos têm sido importados da África de tempos em tempos. Em suas *Viagens*, Gardner[26] menciona que, em 1841, viu, perto de Petrópolis, vinte jovens negros recentemente importados, de dez a quinze anos de idade, nenhum dos quais sabia falar português ainda.

Dr. Pedro Ferreira Vianna, em um artigo sobre a abolição,[27] aconselha o emprego da prudência e da lei. Diz ele:

> A escravidão é uma instituição de nossa lei civil. Mas há também em nosso código civil a lei de 7 de novembro de 1831, que diz, no Artigo Primeiro: "Todos os escravos que entrarem no território ou nos portos do Brasil, vindos do exterior, estão livres;" e no Artigo Segundo, "As pessoas que conscientemente comprarem como escravos os que são declarados livres no artigo primeiro são incluídos no termo importadores; esses importadores, entretanto, só subsidiariamente ficam comprometidos com as despesas da reexportação, sujeitos ademais a todas as outras penalidades". Uma dessas penalidades é a do Artigo 179 do Código Criminal, para aqueles que escravizam pessoas livres... A nação está, pois, obrigada a pagar indenização por esses escravos que estão libertos se chegaram antes daquela lei, e a devolver a liberdade daqueles que chegaram depois dela. Os juízes não podem, sem injustiça, deixar de indenizar os senhores. Abraham Lincoln e os americanos não tinham tais leis como a de 1831 e por isso falavam em nome de Deus e da humanidade... *Fiat justicia pereat nec pereat mundus*.[28] Espero que ninguém lealmente venha a dizer que a lei caiu em desuso... A lei sendo conhecida, nada mais fácil que cumpri-la. O Governo Imperial não pode

25. N.A. Um conto é um milhão de réis = aproximadamente de oitenta a cem libras.
26. N.A. *Travels in the interior of Brazil*, Gardner, p. 536.
27. N.A. *Gazeta da Tarde*, 30 de junho de 1884.
28. N.E. Faça-se justiça, mesmo que o mundo pereça.

> e não deve liberar pelo Fundo de Emancipação os escravos que já estão livres por força da lei de 1831. Sabem – pelos livros, pelas faturas das vendas, pelos registros batismais dos descendentes desses africanos, e por outros documentos – quem está compreendido naquela categoria... A lei civil declara que existem centenas de milhares de homens livres reduzidos à escravidão (cerca de metade da população)... Nenhuma indenização deve ser concedida para esses homens. A voz da lei civil não será abafada, porque será ouvida nos recessos de cada consciência. Em minhas palavras, não é apenas questão de caridade, mas o desejo de que vos reconcilieis com Deus, com a humanidade, com o instinto natural, com a lei civil, com o escravo, e essa reconciliação significa a liberdade.

Em seguida o autor diz que em toda parte deveria haver organizações para impedir que escravos libertos fossem continuamente ameaçados, sendo as prisões invadidas e escravos capturados assassinados, e finalmente, para assegurar a justiça. Ele conclui estendendo a mão da amizade a todos os partidários da abolição, e oferece "uma oração para que os mortos não nos esqueçam em suas preces por esses infelizes".

O *Rio News*,[29] comentando essa carta, diz:

> O proprietário de escravos brasileiro nunca obedeceu à lei de 1831, porque ela antagonizava o que ele acreditava ser seu interesse particular – o fornecimento ininterrupto de mão-de-obra escrava barata... Durante uns vinte e cinco anos, importou mais de meio milhão de africanos depois de 1831 e foi só depois de legislação adicional e da enérgica intervenção de potências estrangeiras que finalmente desistiu do tráfico. Desde a promulgação da lei de 1871, tem seguido uma política semelhante para evitar suas exigências. Nunca houve um registro honesto de escravos, nem uma observância rigorosa da disposição que garante a liberdade aos filhos de mães escravas... Nenhum homem pode com justiça pedir a proteção de leis que ele habitual e abertamente viola. Se uma lei merece ser imposta, merece ser cumprida.

O Fundo de Emancipação é dividido, com certos intervalos, entre os diferentes municípios pelo governo de cada província. Todos os dias, lê-se no jornal sobre alguns escravos alforriados por esse fundo. Os administradores escolhem cuidadosamente os candidatos. Por exemplo, preferem emancipar um escravo cuja esposa ou marido já se encontra livre. Por outro lado, os fazendeiros dão terra a alguns de seus escravos e permitem-lhes cultivá-la aos domingos e dias santos; ou, se alugam os escravos, os salários desses dias lhes pertencem. Os escravos podem assim ganhar dinheiro para ajudá-los a comprar a liberdade; e estes também são preferidos como beneficiários do Fundo de Emancipação. Quando chega a hora da libertação, escravos e senhores comparecem diante do juíz municipal e seu valor é repassado ao proprietário.

29 . N.A. 5 de junho de 1884.

Posso citar, entre os muitos exemplos de que tive notícia, um cavalheiro de Pitangui, que possui um escravo que é pedreiro. De cada 2.500 réis recebidos como salários, o senhor dá ao escravo 1.200, ficando com 1.300. Outro homem tem um cozinheiro negro que residiu por cinco anos no Rio, três destes numa casa francesa, e obteve sua liberdade em 1870. Fala um pouco de francês e, embora não saiba ler, sabe um pouco de geografia, e, olhando o mapa, sabe apontar os nomes dos países, cidades principais, rios etc.

Darei agora alguns exemplos das libertações de escravos que ocorrem a cada dia.[30] "O presidente da província do Rio de Janeiro atribuiu as quotas do Fundo de Emancipação da última distribuição aos vários municípios da província. O valor total distribuído é de 370.000 mil-réis e o número total da população escrava é calculado em 263.339. O município com o menor número de escravos é o de Petrópolis." Três escravos foram recentemente libertados em Monte Verde, Goiás, através do Fundo de Emancipação, ao custo total de 2.970 mil-réis, para os quais os escravos contribuíram com um total de 1.052 contos de suas economias particulares. Entre-Rios libertou um escravo por 1.000 mil-réis, tendo o escravo contribuído com 350 mil-réis. Dos cento e poucos escravos que ajudaram a reprimir uma revolta na Casa de Detenção em 14 de dezembro, o governo assegurou a libertação de cerca de oitenta, em parte por compra e em parte por doação particular.[31] *O Provinciano,* jornal da Paraíba do Sul, dá a seguinte lista dos que têm libertado seus escravos:

> Dona Anna S. José, 16 escravos libertos e uma fazenda doada a eles para seu próprio uso.
>
> Dona Maria de Caula, 16 escravos libertos, com a condição de trabalharem cinco anos nas obras da Casa de Caridade.
>
> Condessa do Rio Novo, 200 escravos libertos por testamento, com doação da plantação do Cantagalo para sua moradia.
>
> José Eunes Baganha, português, morto em Lisboa, deixou 100.000 mil-réis para a libertação de seus escravos velhos.

30 . N.A. *Rio News*, 15 de janeiro de 1884.

31 . N.A. *Ibid.*, 24 de janeiro de 1884.

Barão de Simão Dias, 163 escravos libertos, que permanecem sediados em sua plantação como trabalhadores.
Barão de Santo Antônio, 168 escravos libertos por testamento, sendo-lhes doadas duas plantações para seu próprio uso.

Na carta do Dr. Viana, que citei, ele nega o direito de recorrer ao Fundo de Emancipação aos escravos que já têm direito à liberdade; a teoria é impecável, mas seria provavelmente impossível de praticar. Os advogados da abolição imediata deveriam considerar que: (1) como seria legalmente impossível determinar quem deve ser libertado e quem ainda é legalmente escravo, (2) a questão do trabalho obrigatório para escravos libertados é muito difícil e (3) como o efeito da libertação de 1834 nas Índias Ocidentais causou um mal incalculável à prosperidade daquelas ilhas, talvez a maneira mais prática de extinguir a escravatura seja, afinal, permitir a continuidade dos movimentos, atualmente muito fortes, em favor da abolição e não forçar a abolição compulsória. Os interesses dos próprios escravos, como também os dos senhores, serão assim garantidos com mais segurança. A dificuldade de administrar a lei de 1831 seria muito grande, pois os escravos ou seus descendentes, que deveriam ser livres, de acordo com aquela lei, foram vendidos tantas vezes ou já mudaram de mãos por outras formas – não se preservando registro de sua idade, tendo os próprios registros sido falsificados – que seria enorme o prejuízo imposto aos atuais proprietários pela libertação compulsória.

Vi diversas cartas no *Times,* uma no fim de dezembro de 1884, detalhando práticas terríveis que vitimam os escravos, mas nem uma palavra sobre os horríveis ultrajes cometidos pelos membros socialistas do movimento abolicionista. Posso mencionar, *en parenthèse,* que tive, certamente, a oportunidade de ver alguma coisa do tratamento dispensado aos escravos, tendo passado treze meses no país; mas não vi nada a não ser um tratamento bondoso dos proprietários aos escravos, algumas vezes até mais benevolente que o dispensado aos empregados em nosso próprio país, que tanto alardeia sua liberdade.[32] Ouvi falar só de um caso, mas não tive oportunidade de investigá-lo, segundo o qual ouviam-se gritos de uma fazenda vizinha, numa manhã de domingo, quando o proprietário estava evidentemente castigando um infeliz; se merecidamente ou não, não posso dizer. Tenho que dar dois exemplos do resultado da pregação socialista que, conforme sei, não são, infelizmente, raros.

32. N.E. Importante lembrar que a vivência do autor acerca da escravidão no Brasil se restringe a Minas Gerais e Rio de Janeiro.

Um jovem, possuidor de trinta mil libras, comprou uma fazenda para casa de campo e, com ela, os escravos da propriedade. Tratou os escravos com grande bondade e melhorou suas moradias. Certa vez, viu num vizinho um escravo que tinha sido posto no tronco, por causa de algum delito de menor importância, e o escravo lhe suplicou que o comprasse. Ele assim fez, e o escravo tornou-se seu atendente pessoal. Algum tempo depois, acompanhou o dono ao Rio, onde teve ampla liberdade de movimento. Compareceu a algumas reuniões socialistas da classe mais baixa de abolicionistas, que proclamam a guerra contra os senhores e aconselham seu assassinato, bem como o estupro de suas mulheres e filhas. As lições recebidas deram resultado. No devido tempo, o patrão voltou com o seu camareiro à propriedade. Um dia, às seis horas da manhã, quando da porta observava os escravos saindo para o trabalho, perguntando por seu bem-estar e tomando providências sobre os que estavam doentes ou incapazes de trabalhar, esse jovem ingrato admitiu dois assassinos contratados por uma porta dos fundos, os quais caíram sobre o proprietário, abriram-lhe a cabeça com uma machadinha, reduzindo-lhe depois o corpo a uma geléia, esmagando-o com um enorme pilão de café (um bloco de madeira dura, de uns seis pés de comprimento). Os três homens foram agarrados pelos outros escravos, que compreendiam como o senhor era bom, e foram colocados num calabouço. Houve grande comoção entre os fazendeiros vizinhos. Sabendo que a pena da lei nunca seria aplicada, reuniram quinhentos acompanhantes, com líderes mascarados, cavalgaram até a prisão de manhã cedo, desarmaram os guardas, exigiram as chaves, arrastaram os três assassinos para fora e os lincharam.

Esse excelente jovem, mártir da causa da benevolência, estava, poucos dias antes de sua morte (abril de 1884), contando no Rio como um parente dele tinha sido salvo de tiros de assassinos. Esse homem também era um bondoso senhor de escravos. Uma noite, um pequeno negro contou-lhe que tinham decidido matá-lo. Ele tinha o hábito de cavalgar todas as noites até a cidade para fazer umas visitas; os assassinos iriam esperá-lo num certo ponto da estrada, escondidos na floresta. Ele trancou o menino e ordenou a um escravo, um dos envolvidos, que o acompanhasse na jornada. Na estrada, disse que estava com frio e, tirando seu guarda-pó branco, mandou que o escravo lhe desse o grosso poncho azul que o último usava e que vestisse o guarda-pó. O escravo recusou. O patrão sacou o revólver e fez a troca à força. Depois ordenou ao escravo que cavalgasse na frente, o que, tendo o revólver apontado para a cabeça, ele fez com relutância. Aproximando-se o lugar da emboscada, o fazendeiro disse: "Vá galopando na frente, que eu vou depois". Passando pelo lugar onde os assassinos estavam escondidos, atiraram uma descarga no homem de guarda-pó branco, que caiu morto; o senhor fez então o cavalo levantar as patas, e saiu galopando por outra estrada.

Esses abolicionistas, de acordo com tudo o que tenho ouvido, são os socialistas e niilistas do Brasil e é muito grande sua influência sobre a população escrava. Se houvesse uma revolta geral dos escravos, o resultado poderia ser o mais desastroso, já que a maior parte dos soldados rasos do exército é formada por negros ou mulatos e a maioria dos negros libertos, pelo menos no Rio, forma sabidamente a escória da população; e, como provavelmente esses todos adeririam à revolta, nenhuma casa ou propriedade estaria garantida. Um homem de raça anglófona, chamado Clapp, é um dos principais líderes do partido abolicionista no Rio: ele abusa da lei de 1831. Há algum tempo, por exemplo, raptou consecutivamente dois escravos, que eram mandados diariamente ao Rio para vender frutas. Na primeira vez, mandou um bilhete para o proprietário, dizendo que o escravo desejava ser livre, que seu preço estava avaliado em duzentos mil-réis e que esta soma tinha sido paga ao Tesouro. Surgiram muitas dificuldades, houve um grande atraso, e finalmente o proprietário foi obrigado a ceder sem ter recebido o dinheiro, ficando o escravo retido. Pouco depois, o segundo escravo foi raptado, em circunstâncias semelhantes, e abriu-se um processo criminal contra o proprietário, por manter escravo um homem livre. O proprietário foi preso e defendeu-se alegando que o escravo lhe fora deixado em testamento, e provando a alegação. O julgamento foi revertido pelos tribunais, mas o escravo foi solto, e a compensação de duzentos contos nunca foi paga, nos dois casos.

No dia 25 de março de 1884, a escravatura foi abolida na província do Ceará. O *Rio News*[33] diz: "O movimento começou há quinze meses apenas, tendo o primeiro município libertado os escravos no dia primeiro de janeiro de 1883. A nova lei fiscal de novembro passado acelerou muito esse progresso, pois tornou impossível a manutenção de escravos, cujo valor ficou sendo menor que o do imposto." No Rio de Janeiro realizou-se um festival de uma semana, comemorando a emancipação no Ceará. "Largas somas em dinheiro foram obtidas por meio de doações e da realização de bazares, vários escravos foram libertados e iniciou-se um movimento em favor da abolição completa no município da capital imperial."

Em setembro de 1883 fui informado de que havia então oito ou dez municípios sem escravos no Ceará, tendo sido Fortaleza, a capital, libertada em 24 de maio de 1883. Em um dia a Sociedade Libertadora liberou 122 escravos nas cidades de Baturité, Acarapi e São Francisco. Há umas duzentas ou trezentas dessas sociedades no Brasil.

A emancipação gradual do Ceará vinha ocorrendo, como em outros lugares, antes que se acordasse a abolição total; e ouvi falar em um proprietário de escravos, que morreu há quatro

33. N.A. 5 de abril de 1884.

anos, e orientou seu herdeiro legal para libertar quatrocentos de seus escravos em quatro anos, o que se completou em 1883.[34]

Em 10 de julho de 1884, a vasta província do Amazonas declarou que todos os seus escravos estavam livres; e no dia 24, na primeira página da *Gazeta da Tarde,* apareceram, em letras de mais de uma polegada de comprimento, as palavras AMAZONAS LIVRE. Em um artigo de fundo, o jornal dizia: "A abolição, considerada do mais elevado ponto de vista moral, é a expiação da escravatura; é a restauração da dignidade nacional, a conclusão da independência do povo brasileiro". *A Gazeta de Notícias* de 22 de julho dizia:

> Sem violência, sem perturbação da ordem econômica e social, a província do Amazonas pagou galantemente seu nobre tributo à liberdade e à civilização, que logo compensará, pela prosperidade e riqueza, o pequeno sacrifício feito... É ao Dr. Teodureto Souto que essa província deve, em grande parte, a vantagem que conseguiu... A libertação do Amazonas, que em si mesma seria um dos fatos mais importantes da história contemporânea, tem hoje um significado de importância muito maior; é mais um testemunho irrefutável de que, em relação ao elemento servil, não é mais possível adiar ou recuar.

Deve-se, entretanto, lembrar que, quando as províncias do norte se gabam de estar avançadas em relação às do sul na questão da abolição, há alguns anos uns cem mil escravos foram exportados pelo norte e vendidos no sul.

A grande dificuldade da abolição total, onde há muitos escravos, é assegurar a continuidade da mão-de-obra nas plantações. Quando os escravos são escolhidos e libertados gradativamente ou vêem sendo educados para a liberdade, permanecem depois como trabalhadores nas velhas propriedades, e o trabalho não fica prejudicado. Mas quando cessa repentinamente o trabalho compulsório, prevalece a natural indolência dos nativos; e, descobrindo que o trabalho de um dia ou dois proporciona dinheiro suficiente para a sobrevivência, o negro livre torna-se independente, e prefere ficar de cócoras, fumando, conversando ou dormindo. Há uma enorme diferença entre o

34. N.A. O *Rio News*, de 24 de fevereiro de 1886, referindo-se ao *Jornal do Comércio* de 21 de fevereiro, declara que, para "a infinita vergonha" da província do Ceará, e "amarga humilhação para todo abolicionista honesto, parece agora que se praticou uma fraude grosseira, e que o Ceará não merece as honras que lhe foram concedidas" por ocasião da entusiástica recepção da notícia de que o Ceará foi a primeira província livre do Império. "Segundo o *Jornal,* a municipalidade de Milagres possuía então 320 escravos que não foram libertados, e dos quais 298 permanecem até hoje na escravidão... Com essa fraude à vista", mesmo que esses escravos fossem libertados, "não poderemos nos livrar do medo de que ainda haja lá homens cujos grilhões servis nunca tenham sido rompidos". Os habitantes do Ceará não só "se desmoralizaram perante o mundo, mas fizeram algo que não pode deixar de desacreditar ainda mais a sinceridade e a confiabilidade do povo brasileiro".

negro puro e o mestiço. Pelo que tenho visto, consideraria quase um milagre, nas circunstâncias e lugares atuais, que o negro demonstre possuir qualquer espírito apropriado; a coisa é diferente com os que têm um pouco de sangue branco, seu intelecto parece muito maior e têm alguma ambição de progredir na vida.

O novo Gabinete, que aceitou as pastas dia 6 de junho de 1884, não perdeu tempo em tratar da questão da escravidão. No dia 25 de junho, houve uma reunião do Gabinete, sob a presidência do primeiro-ministro, o Senhor Souza Dantas. Os pontos considerados podem ser resumidos em cinco: (1) A localização do comércio de escravos; (2) O aumento do Fundo de Emancipação; (3) A classificação e arbitragem do preço; (4) A libertação dos escravos idosos; (5) O trabalho dos escravos libertos.

No dia 15 de junho, o Senhor Souza Dantas apresentou seu projeto à Assembleia Legislativa. O projeto foi divido em cinco tópicos. O primeiro tratava dos escravos idosos, propondo que "o escravo de sessenta anos, completos antes ou depois desta lei, passa a adquirir *ipso facto* sua liberdade". O segundo tratava do registro, exigindo a "declaração do nome, cor, idade, condição, natureza, filiação, capacidade para o trabalho, profissão e valor", concedendo o prazo de um ano para esse registro, "sendo considerados livres os escravos não registrados durante esse período". O terceiro tópico tratava do Fundo de Emancipação, concedendo-se o valor de oitocentos contos por escravos de menos de trinta anos de idade, setecentos contos de trinta a trinta e nove anos, seiscentos contos de quarenta a quarenta e nove, e quatrocentos contos por quinquagenários. Esse item também tratava do imposto a ser pago por beneficiários de testamentos que herdassem escravos, assim variando de dez por cento para herdeiros diretos, vinte por cento para irmãos e até cinquenta por cento para estranhos, sendo a metade desses impostos cobrados por transações efetuadas por proprietários vivos. O quarto tópico tratava da localização dos escravos, determinando que o escravo não pode ser transferido da província onde vive ou onde deverá ser libertado. O quinto tópico tratava dos termos de contrato para o trabalho de negros livres.

A sessão daquele dia foi, como se poderia esperar, tempestuosa, e, no decorrer do debate, Sua Excelência, o Primeiro Ministro, declarou que votaria a favor de um projeto de total e imediata abolição, caso a idéia fosse lançada.

Na manhã seguinte apareceu um artigo no *Jornal do Comércio*, do qual transcrevo o seguinte extrato:

> Mais um grande passo a caminho do progresso e da civilização. O dia 15 de julho de 1884 será inscrito entre os mais gloriosos da história brasileira: para o Senhor Dantas, é a data de obtenção de sua imortalidade. Aos dois eminentes estadistas baianos da história do país caberá uma antítese: obteve o Visconde do Rio Branco que ninguém mais *nasça* escravo no Brasil; a Dantas caberá a glória de que ninguém *morrerá* escravo depois de meio século de trabalho. Resta apenas completar a evolução da abolição, para que ninguém mais *viva* escravo. Aos que consideram o Brasil uma grande plantação de café, que veem no escravo apenas um instrumento de produzir café; aos que não têm lágrimas pelos sofrimentos de seus irmãos; – a todos esses parecerá pouco a esperança de não morrer na escravidão, de não arrastar até a morte os grilhões do cativo... Mas aos que aspiram a ver seu país regenerado, nobre e grandioso, situado entre as primeiras nações do mundo; aos que estão convencidos da injustiça da escravidão – pois, apesar de tudo, não se pode tomar do escravo a condição de ser homem; a todos que têm compaixão – e caridade; – para todos esses há grande compensação na certeza de não morrer velho e ainda escravo... Em boa hora o Senador Dantas assumiu o poder, e logo teve a coragem de empreender sua gloriosa missão. Ontem, redimiu-se bem de seu compromisso para com seu país e com a humanidade. Assim a evolução da emancipação segue majestosamente seu caminho – *Rursus et ultra* (cada vez mais e melhor).

A *Gazeta de Notícias* de 20 de julho dizia:

> Quanto aos nossos amigos no governo, é desnecessário dizer que é de seu interesse que a questão da confiança se apoie neste único ponto do programa ministerial, que constitui a *raison d'être* do Ministério e que foi a razão da subida ao poder do Senhor Dantas. Esta é, de fato, a ideia com a qual o Partido Liberal pretende candidatar-se nas futuras eleições, para ganhar ou perder; e tornou-se o centro da agitação nacional no Parlamento sustentá-la e pressionar por todos os meios a iminente reorganização do país, até sua realização ou, então, ser derrotado.

O Dr. J. Nabuco, abolicionista ardente, escrevendo ao *Le Brésil* de Paris, em 22 de julho, diz:

> A conduta do Senhor Dantas tem sido digna e leal. O projeto de lei para a emancipação dos escravos de mais de sessenta anos de idade é

> uma concessão muito pequena, mas somos forçados a aceitá-la porque significa a emancipação de africanos importados depois de 1831, que foram fraudulentamente registrados como sendo mais velhos do que realmente eram.

Enquanto esse interessante assunto estava sendo debatido, deixei o Brasil (em 28 de julho); mas vejo pelo *Anglo-Brazilian Times*, de 1º de agosto, que:

> Uma crise ministerial ocorreu no dia 28 de julho. Depois da apresentação do projeto de lei do governo sobre a escravidão, os quarenta e seis deputados conservadores e a minoria liberal dissidente por causa do projeto... descobrindo que tinham a maioria... vinham de vez em quando derrotando o governo em assuntos de pouca importância, que os ministros e os que os apoiavam deixavam de considerar questões ministeriais, declarando que aceitariam o desafio apenas no concernente à medida governamental sobre a escravidão. No dia 28, entretanto, a oposição liberal solicitou diretamente um voto de confiança, antes que o projeto sobre a escravidão pudesse ser apresentado para discussão no dia 1 de agosto, sendo objetivo evidente dessa antecipação do debate de evitar referência direta ao cerne da questão, que é a escravidão.

Depois de rodear o assunto:

> O Senhor Lourenço de Albuquerque, embora admitindo francamente que a medida governamental sobre a escravidão fosse a única razão da dissidência dos liberais, pediu um voto geral de confiança, sem mencionar a escravidão. Mas o Senhor Penido, outro membro da oposição liberal, imediatamente completou a moção com outra, declarando que a Câmara desaprovava o projeto e, portanto, negava o voto de confiança ao governo, sendo a última proposta aprovada por cinquenta e nove contra cinquenta e dois votos. Como consequência desse voto, o presidente do Conselho obteve, na mesma tarde, uma audiência com Sua Majestade, o Imperador, e recebeu ordens para convocar o Conselho de Estado para uma reunião no palácio às 8 da noite, com o objetivo de discutir a conveniência de uma dissolução. Dos onze conselheiros presentes, apenas três foram a favor da dissolução; mas, como se esperava, Sua Majestade decidiu não permitir que o Ministério se retirasse e em conceder-lhe um decreto de dissolução da Câmara dos Deputados. No dia 30, o presidente do Conselho informou à Câmara dos Deputados que, como Sua Majestade acedera ao pedido do ministro pela dissolução da Câmara, depois de aprovar o orçamento do corrente ano, esperava que as medidas administrativas fossem votadas com o menor adiamento possível. O líder conservador não se recusou e os líderes da oposição liberal declararam que o governo podia contar com seus votos.

A dissolução ocorreu dia 3 de setembro, e a eleição ia ser travada em torno da grande questão ora enfrentada pelo país, a saber "se a política de emancipação do Ministério Dantas, conforme sua formulação no projeto de abolição da escravatura do governo, deverá ser adequadamente endossada."[35] Pouco depois, o *Anglo-Brazilian Times* declarou:

> Qual será o resultado desse apelo ao eleitorado ainda é cedo para vaticinar, sobretudo porque parece certo que, na luta iminente, as velhas linhas divisórias entre conservadores e liberais serão em grande parte eliminadas e a questão praticamente girará em torno da simpatia ou da hostilidade para com o projeto da abolição.

O *Times*, de 8 de setembro de 1884, publicou um artigo de fundo sobre a questão da emancipação, mas partiu de um ponto de vista totalmente equivocado sobre os dois partidos – abolicionistas e emancipacionistas – afirmando que os primeiros desejam garantir a gradativa mas plena liberdade do escravo, com proteção eficiente no que diz respeito a sua alforria definitiva; e os últimos, embora concedendo liberdade nominal, manteriam-no em grilhões habilmente forjados. O *Times* recusa crer nas declarações contidas em uma carta muito competente e longa de Walter J. Hammond, que apareceu em suas páginas de 3 de setembro, e, tomando como texto o jubileu

35 . N.A. *The South American Journal,* 6 de setembro de 1884.

então recentemente celebrado pela abolição da escravatura nos domínios britânicos, fala da escravidão e na atual crise do Brasil de uma forma que denota ou absoluta ignorância ou caprichoso desconhecimento da real posição dos vários interesses em jogo.

O resultado das eleições foi o retorno ao poder do Partido Liberal, com o Senhor Dantas como primeiro-ministro, que tinha declarado, em fevereiro, que, antes de aceitar o cargo, suas opiniões sobre a instituição da escravidão haviam sido compatibilizadas com as do imperador. O novo Parlamento se reuniu dia 8 de março de 1885. O discurso do imperador anunciou a apresentação de um projeto do governo para facilitar a emancipação dos escravos e recomendou a medida à atenta consideração dos representantes do povo.

Em um artigo de fundo, o *South American Journal*[36] disse:

> Como em todos os assuntos, há duas opiniões a respeito disso. Embora praticamente todos concordem sobre o desejo de se remover a mancha da escravidão... alguns se mostram mais ansiosos em apressar seu desaparecimento e estão mesmo prontos a votar pela abolição imediata; enquanto outros, especialmente os proprietários das grandes plantações, mostram-se, talvez naturalmente, avessos a qualquer súbito deslocamento ou alteração da atual ordem das coisas, mostrando-se no conjunto satisfeitos com os resultados da Lei do Ventre Livre. Os conservadores, quase unanimemente, são partidários da emancipação gradativa, enquanto os liberais situam-se no campo oposto, argumentando que não se deveria permitir simplesmente à escravidão morrer de velhice. Pedem uma legislação que elimine mais depressa essa afronta de seu meio. Mas não são unânimes. Interesses arraigados inseriram uma cunha em seu meio e destruíram a unidade da ação partidária. O bolso trava sua antiga batalha contra o princípio, assumindo posições que criam muitas perversões políticas. Não é, portanto, surpreendente que os estudiosos da natureza humana saibam que as recentes eleições no Brasil ressaltaram esse fato e que um número apreciável de deputados liberais tenha voltado a votar contra a política do Ministério Dantas, pelo que se apelou à razão do país.

Não se esperava, portanto, que o Ministério Dantas permanecesse muito tempo no poder, como ocorreu logo depois com o Ministério Gladstone na Inglaterra, e foi derrubado por uma

36 . N.A. 21 de março de 1885.

questão insignificante – um voto de censura ou falta de confiança por causa de uma questão isolada. O resultado da votação foi de cinquenta e dois contra cinquenta votos. O *South American Journal*,[37] em um artigo que mostra a similaridade entre as duas derrotas, declara: "Em ambos os casos, entretanto, é evidente que as verdadeiras causas da derrota devem ser encontradas na existência de uma profunda insatisfação por parte da maioria dos membros dos respectivos parlamentos do Brasil e do Reino Unido."

Quanto ao Brasil: "O voto no Rio de Janeiro realmente significou que os representantes do povo brasileiro não estão preparados para endossar a enérgica política de emancipação do Ministério Dantas."

Aqui se encerra o paralelismo, pois o governo liberal de Dantas foi sucedido por outro governo liberal, com o Senador Saraiva como primeiro-ministro. Os conservadores fizeram uma reunião no dia 6 de maio e resolveram receber propostas do governo Saraiva – *com moderação.*

No dia 12 de maio, o novo Ministério apresentou seu projeto para a gradativa extinção da escravidão. Segue-se um resumo de suas cláusulas principais:[38]

I. Um novo registro de todos os escravos com menos de sessenta anos de idade (cerca de um milhão) incluindo idade, ocupação etc.

II. Avaliações fixas máximas para as diversas classes, agrupadas de acordo com a idade – concedendo-se $ 1.000 por escravos de quinze a vinte anos (não há escravos com menos de quatorze anos) e $ 200 por sexagenários, os outros valores sendo os mesmos que no projeto do Senhor Dantas; o valor das mulheres será 25% menor. Os escravos devem parar de trabalhar depois de sessenta e cinco anos. Os libertos com mais de sessenta anos devem ser sustentados pelos senhores.

III. A emancipação dos escravos pelo Fundo e com suas próprias economias.

IV. Formação do Fundo de Emancipação a) com recursos existentes; b) pelo aumento de cinco por cento em todos os impostos e taxas gerais, exceto de exportação; c) por emissão anual do bônus do governo no valor de $ 6.000.000, a cinco por cento.

V-VII. A aplicação e distribuição do Fundo de Emancipação.

VIII. A localização dos escravos.

IX-X. Domicílio e trabalho dos libertos.

XIII. A emancipação por meio de testamento é declarada absolutamente válida.

37 . N.A. 13 de junho de 1885.

38 . N.A. Condensado da tradução do texto da lei. *South American Journal*, 11 de julho de 1885.

No *Times* de 19 de junho apareceu uma carta do Cavalheiro A. de Souza Corrêa, secretário da missão diplomática brasileira, sobre o projeto Saraiva, que foi comentado de forma deplorável num artigo principal, revolucionário e injusto. Foi escrita na mesma linha que o artigo anterior, de 8 de setembro, apresentando o assunto através das lentes preconceituosas da Sociedade Britânica e Estrangeira contra a Escravidão, cujo secretário, Charles H. Allen, tinha, nos dias 4 e 5 de junho, escrito algumas linhas, em pânico, que apareceram no *Times*. O Cavalheiro de Souza Corrêa, depois de apresentar um resumo do projeto, e referindo-se particularmente aos Fundos de Emancipação, conclui:

> Dessa forma, e ajudado por numerosas alforrias, concedidas gratuitamente, o Senhor Saraiva espera apressar a emancipação no Brasil, de tal modo que em 1892 já não haja mais escravos em nosso país; e nesse ínterim a grande revolução industrial terá ocorrido com o mínimo de fricção possível.

A *Gazeta de Notícias* declara que se calcula o número de escravos no Brasil ao início do ano (1885) em 1.177.022, dos quais 623.274 homens e 553.748 mulheres e 87.492 com mais de sessenta anos de idade.[39]

Encerrando-se em 19 de maio a sessão extraordinária do Legislativo Brasileiro, a sessão ordinária iniciou-se no dia seguinte, quando o imperador, referindo-se em seu discurso à questão da emancipação, disse:

> A gradativa extinção da escravidão, que foi objeto especial da sessão extraordinária, deve continuar a merecer de vossa parte a maior solicitude. Essa questão, que se liga com os interesses mais profundos do Brasil, exige uma solução que tranquilize nossas classes agricultoras. Confio-a, portanto, a vossa sabedoria e patriotismo.

O Dr. Ernesto Ferreira França, membro do Conselho de Estado, em carta datada de 22 de agosto, no Rio de Janeiro, mostra as diferenças entre os projetos de Dantas e de Saraiva. Diz ele:

39. N.A. Para maiores detalhes sobre os números em cada província, ver *South American Journal*, 16 de maio de 1885.

"O Ministério do Senhor Dantas concedeu a indenização como um favor e o do Senhor Saraiva como um direito".

É desnecessário mencionar com detalhes os acontecimentos que se seguiram. Bastarão os seguintes telegramas:

> Rio de Janeiro, 15 de agosto.
> O primeiro-ministro, Senhor Saraiva, e os outros membros do Ministério apresentaram sua renúncia conjunta ao imperador, devido à hostilidade demonstrada contra sua política geral pela maioria da Câmara dos Deputados.
>
> Rio de Janeiro, 19 de agosto.
> O Barão de Cotegipe, um dos líderes conservadores, foi encarregado pelo Imperador da formação de um novo Ministério, e aceitou a tarefa.
>
> Rio de Janeiro, 20 de agosto.
> O Barão de Cotegipe conseguiu formar um Ministério conservador. O Barão é o primeiro-ministro e o ministro das Relações Exteriores.

O Dr. Ferreira França conclui a carta acima referida como se segue:

> Enquanto escrevo, ocorreu uma mudança política. O Barão de Cotegipe chefia um novo Ministério pertencente ao partido conservador depois de administrações liberais que duraram entre sete e oito anos. O Senhor Saraiva, tendo passado o projeto sobre a escravidão na Câmara, ajudado por uma coligação de liberais e conservadores, considera impróprio, sendo liberal, permanecer no poder, não havendo uma maioria liberal na Câmara e sendo certo que o projeto não encontraria resistência no Senado.

[Telegrama da Reuter]

> Rio de Janeiro, 25 de setembro.
> O projeto do governo para a gradativa abolição da escravidão foi aprovado (dia 24) tanto pelo Senado como pela Câmara dos Deputados.

Em 28 de setembro de 1885, no décimo quarto aniversário de aprovação da lei de Rio Branco, a Lei da Emancipação dos Escravos recebeu a sanção imperial; é conhecida como a Lei Saraiva, cujos itens principais já transcrevi. Dentro de dez anos supõe-se que a escravidão terá deixado de existir no Brasil. Ver-se-á em breve que se obteve uma grande vitória; e embora a lei não seja perfeita, e não se possa esperar que os abolicionistas fiquem satisfeitos com todos os seus detalhes, evitou-se uma revolução súbita ou um deslocamento total da presente ordem das coisas, e o tão ansiado objetivo de libertar este vasto Império o mais rapidamente possível da praga da escravidão está agora garantido por um processo gradativo e pacífico. *Deo gratias.*

Rio de Janeiro, 15 de janeiro de 1886.

O resultado das eleições para a Câmara dos Deputados no Brasil foi muito favorável aos conservadores, que terão maioria na nova Câmara. Inverteu-se assim a posição dos partidos, tendo os conservadores estado em minoria na Câmara anterior.

A volta ao poder de um Ministério conservador em setembro restabeleceu a confiança e estou informado de que o estado geral de coisas melhorou muito desde então; por outro lado, com uma maioria conservadora na Câmara, as perspectivas para o futuro são muito satisfatórias.

A ORIGEM DE COMUNIDADES SELVAGENS OU TRIBOS PELA DEGRADAÇÃO

Há algum tempo, estudando a evolução do ponto de vista da religião cristã, fui especialmente levado a considerar quão mais numerosos são os exemplos de degeneração e degradação do que os que sugerem evolução ou a doutrina da produção de uma forma superior a partir de uma inferior.

Dessa generalização, desci a detalhes, e tomei uma família, a dos crustáceos, na qual descobri que as conclusões gerais a que chegara se confirmavam da maneira mais convincente dentro daquela família.

Nesta breve nota, é impossível fazer mais do que dar alguns exemplos da aplicação da teoria da degradação à espécie humana.

Sustento que o homem é uma família com um único gênero – *Homo.* Em algumas regiões da ciência natural, pelo menos, há certa margem para especulação; mas, a menos que abandonemos uma das mais importantes afirmações da religião revelada, teremos que acreditar que Deus criou o homem ereto. Portanto, as tribos ou comunidades de seres humanos numa situação inferior quanto a seu desenvolvimento físico e espiritual, ou quanto às ideias morais ou religiosas, representam forçosamente uma degradação. O Duque de Argyll, em *Unidade da Natureza*, diz que, como os primeiros homens não poderiam ter sido canibais nem praticado o infanticídio, do contrário a espécie não teria se propagado, a simples existência desses dois costumes prova a degeneração.

Os restos humanos fósseis mais antigos já encontrados exibem tipo muito alto, tanto de desenvolvimento físico quanto de capacidade intelectual. Não há no momento restos que exibam tipos tão baixos da raça humana como os que agora existem na Austrália, na Terra do Fogo[40] ou os habitantes da África, que são degenerados Hotentotes. Os crânios fósseis, encontrados em cavernas calcáreas[41] perto do vale do rio Paraopeba, em Minas Gerais, são do mesmo tipo que os indígenas de hoje, que agora, devido à colonização portuguesa, estão sendo empurrados para áreas restritas e afastadas. Um alto desenvolvimento mental, que os homens fósseis apresentam, não representa necessariamente um grau correspondentemente adiantado de civilização, refinamento ou progresso nas artes e nas ciências. Denota apenas a posse de uma vontade inteligente, capaz de desenvolvimento e habilitada a aproveitar da experiência.

Sustento que o homem foi criado nobre e puro, com vastas e incontáveis potencialidades. Desde sua criação, o homem, abandonado a si mesmo, pouco fez além de degenerar. Logo ocorreu aquela misteriosa catástrofe que denominamos de Queda; e, simultaneamente, a promessa de uma redenção maravilhosa, que, com o decorrer do tempo, se realizou. Após a queda veio a degeneração – a degradação do mundo antediluviano; a degradação dos israelitas, conforme descrita no Velho Testamento; a degradação dos hindus a partir do nível original de sua religião, com elevadas aspirações e ideais; a degradação do maometismo etc; a degradação do cristianismo.

A mesma verdade nos confronta no testemunho das rochas. Descobrimos sempre que formas novas foram introduzidas em seu estado mais elevado, cheias de vida e força. Alcançaram o objetivo de sua criação, e depois, ou se extinguiram com o aparecimento de formas superiores, ou permanecem até hoje degradadas, degeneradas, depauperadas, e representadas de forma relativamente escassa.

Essa é a origem de todas as tribos selvagens. À medida que aumenta o esforço pela conquista do necessário à simples subsistência, o homem degenera. Expulsas por tribos mais fortes, as

---

40. N.A. Que mesmo os habitantes da Terra do Fogo possam ser resgatados, como têm sido, pelo trabalho de missionários, Darwin reconheceu livremente. O nome Terra do Fogo foi dado pelos descobridores, que, ao se aproximar, viram diversas fogueiras nos acampamentos nativos. Isso em si mesmo mostra um certo grau de desenvolvimento muito superior ao dos animais inteligentes.

41. N.A. Alguns dos restos de ossos encontrados nessas cavernas podem ser vistos no Museu de História Natural, em South Kinsington, Londres.

mais fracas são obrigadas a viver nas condições mais adversas, como os esquimós, os australianos, os africanos, os habitantes da Terra do Fogo. Esses vivem agora nas regiões mais desfavoráveis, em ambientes menos propícios à existência, para nem se falar de progresso.

Drummond, em *A lei natural e o mundo espiritual,* comenta que a morte significa "a falta de harmonia com o ambiente", e que "o organismo é apenas uma parte, a natureza é o complemento". As nações das zonas temperadas têm, pelo menos, um ambiente propício ao progresso – vegetações que produzem alimento, como, por exemplo, o trigo; animais domesticáveis; um clima onde o excesso de trabalho é possível, pelo menos durante um período prolongado. Os quatro povos a que me referi não possuem nenhuma dessas vantagens, e o mesmo acontece com os índios do Amazonas.

Quanto à introdução de uma comunidade civilizada no meio de nações selvagens, as últimas não podem harmonizar-se com seu ambiente; ou se extinguem, como no caso dos índios norte-americanos, que são uma raça de caçadores guerreiros, sem literatura, mas com uma língua bela e complexa, ou sobrevivem e constituem uma raça servil e subjugada, como os negros ou os malaios.

No Brasil, encontrei homens brancos (descendentes dos Portugueses), negros e alguns índios mansos; todos cristãos, vivendo juntos em condições equivalentes. Das três raças, apesar de os brancos serem a mais civilizada, os negros são fisicamente a mais bela e a mais prolífica. Encontrei alguns mulatos que eram não apenas muito inteligentes, mas também os mais bem-dotados para as ciências e as línguas modernas.

PESOS E MEDIDAS

No Rio de Janeiro, e em outros lugares, mais ou menos conectados com países estrangeiros, prevalece o uso do quilo e do litro; mas no interior, como já mencionei repetidas vezes, usam-se ainda os velhos pesos e medidas. Para pequenos pesos usam-se o quilo e suas divisões, mas para quantidades maiores emprega-se a arroba. Para medidas de capacidade, usa-se ocasionalmente o litro, mas, em geral, outras medidas, detalhadas no quadro abaixo. Nas lojas, tecidos e outros produtos se medem em metros; mas as distâncias são sempre descritas em léguas, meias, metades ou quartos de léguas. Para medidas de terra, usam-se alqueires, braças e palmas.[42]

42 . N.A. Devo a George Maunders, C.E., de Ouro Preto, as notas das quais compilei a maior parte destas tabelas.

MEDIDAS DE COMPRIMENTO		
1 palma	9 polegadas	
1 covado	0.66 metros	2 pés 1 ¼ polegadas
1 braça	2'20 metros	7 pés 2 ½ polegadas
1 légua	6.666'66 metros	4 milhas 246 jardas

MEDIDAS DE VOLUME				
0'048 m²	1 palma			
0'4356 m²	1 covado			
0'7744 m²	1 jarda			
1'21 m²	25 palmas	1 vara		
4'84 m²	100 palmas	4 varas		
1.089 m²	22.500 palmas	900 varas	225 braças	1 prata
1.936 m²	40.000 palmas	1.600 varas	4 braças	1 geira
48.000 m²	1.000.000 palmas	10.000 varas	25 geiras	1 alqueire
150.000 m²	312.500.000 palmas	12.500.000 varas	3.125.000 braças	7812'5 geiras
	312'5 alqueires	1 sesmaria	1 légua quadrada	

MEDIDAS CÚBICAS				
09'9976 quartas inglesas				
0'2494 galões imperiais ingleses	1.10 litros	1 prato		
1.9 quartas inglesas	2'13 litros	1'94 pratos	1 medida	
1 celamin inglês	90.675 litros	8'24 pratos	4'25 medidas	1 quarto
1 alqueire inglês, quase	36'27 litros	32'96 pratos	17 medidas	1 alqueire

MEDIDAS PARA VINHO		
1 barril	21 litros	4'63 galões

LIBRAS BRASILEIRAS E INGLESAS		
1 brasil brasileira	1’03 libras inglesas	
1 arroba	16 quilos	35’2 libras inglesas
65 toneladas	65.000 quilos	64 toneladas inglesas

PESOS PARA DIAMANTES			
4 grãos	1 quilate		
24 grãos	6 quilates	1 escrúpulo	
72 grãos	18 quilates	3 escrúpulos	1 oitava
1 oitava	1/16 dracmas inglesas		
104 oitavas	1 libra Troy		

O Capitão Burton[43] dá uma lista das velhas medidas para peso de ouro, ainda conservadas. São usadas na mineração do ouro.

2 ½ grãos	1 vintém	
5 vinténs	1 tostão	
32 vinténs	1 oitava	(= 11/16 dracma de libra inglesa)
8 oitavas	1 onça	
8 onças	1 marco	
2 marcos	1 libra	

Será observada uma ligeira discrepância entre esta tabela e a precedente, pois na primeira, 72 grãos formam uma oitava, enquanto, na última, exigem-se 80 grãos. Pode ser que a palavra *grains* não seja a mesma que *grãos*; mas não tenho informação quanto a isso.

O SISTEMA DECIMAL

Debate-se muito se a Inglaterra deveria introduzir ou não o sistema decimal ou métrico. Afirma-se que nossa forma atual de efetuar cálculos é flagrantemente não científica. Não tenho

43 . N.A. *Highlands of Brazil*, vol. I, p. 205.

condição de tratar do assunto com detalhes, mas posso afirmar que considero o metro um padrão demasiado grande. O pé é muito mais conveniente.

Depois usar o sistema métrico durante um ano no Brasil, já que todos os meus cálculos e estimativas tinham de ser submetidos ao governo, não considero que o sistema seja adequado, especialmente para quantidades pequenas, mas sou de opinião que nosso método duodecimal leva vantagem tanto no que diz respeito à facilidade de expressão quanto à simplicidade de funcionamento.

A facilidade com a qual as frações ordinárias podem ser calculadas mentalmente é uma vantagem que o sistema decimal não possui. Ainda não conheci quem possa realizar com o sistema decimal os mesmos feitos de aritmética mental que podem ser executados com frações.

Fiquei satisfeito em verificar, pelas observações de Sir Frederick Bramwell (presidente), numa reunião da Instituição de Engenheiros Civis, de janeiro de 1885, que ele é a favor de que conservemos nosso sistema fracional. Assim sendo, minhas modestas conclusões são endossadas por um homem não só da maior experiência, mas detentor de uma mente científica, abrangente e de longo alcance.

SISTEMA MONETÁRIO E MOEDA CORRENTE

Pode-se afirmar como fato que as únicas moedas em circulação no Brasil são de cobre. No Rio, o dinheiro consiste em moedas de cem e de duzentos réis, algumas peças recentemente cunhadas no valor de quarenta e de vinte réis, e notas de valor superior a quinhentos réis. No interior há uma abundância das velhas moedas de cobre de oitenta e quarenta réis, lançadas em 1829, às quais voltarei depois. O Capitão Burton observa: “Os viajantes mais antigos eram obrigados a ter uma mula para o transporte dessa moeda espartana.” Fazem-me lembrar os velhos tempos, quando Naaman “embalou dois talentos de prata em dois sacos... e os depositou sobre dois de seus servos”.[44]

A moeda em circulação pode ser descrita como se segue: as velhas peças de cobre de oitenta e quarenta réis (com $1\,^{5}/_{8}$ e $1\,^{3}/_{8}$ de polegada de diâmetro), a maior parte recarimbada com os valores atuais, de quarenta e vinte réis, respectivamente, as caprichadas moedas modernas de quarenta e vinte réis, do tamanho aproximado do nosso *penny* e meio-*penny*; moedas de cem e duzentos réis (de $1\,^{1}/_{16}$ de 1 e $^{5}/_{16}$ polegadas de diâmetro); a prata é representada por moedas de duzentos e quinhentos réis, com a dimensão e o peso aproximados de nossas moedas de seis *pence* e de xelim.

44 . N.A. *Livro dos reis*, 2, v. 23.

Das últimas, só tive em meu poder, durante todo o tempo em que estive no Brasil, oito moedas de duzentos réis e três de quinhentos réis, que guardo como curiosidades. Vi também uma moeda de mil-réis e uma de dois mil-réis, de prata, mas só uma de cada, que eram guardadas pelo proprietário como algo extraordinário. As notas de papel vão de quinhentos réis a quinhentos mil- réis (quinhentos réis, 1 mil-réis, 2, 5, 10, 20, 25, 30, 50, 100, 200 mil-réis etc.). A sujeira dessas notas engorduradas, normalmente até o valor de dez mil-réis, desafia a descrição.

O governo e o Banco do Brasil, que emite suas próprias notas, estão recolhendo constantemente as emissões mais antigas; tais e tais séries, tais ou tais estampas, de papel verde, papel branco etc. Se as notas não são apresentadas até certa data, cinco ou dez por cento, ou mais, são deduzidos de seu valor e, depois de um dado período, perdem o valor. As questões de dinheiro tornam-se consequentemente muito complicadas, especialmente no interior, onde pode acontecer que nunca se tome conhecimento de determinada chamada até que já esteja na hora de devolver as notas. Sofri muitos inconvenientes ao pagar aos meus homens, devido a esse costume abominável, método que tem sido usado para reforçar os cofres de um Tesouro sem recursos.

Esse papel-moeda não pode ser resgatado, qualquer um que vá ao banco ou ao Tesouro com um saco de notas recebe outras notas recentemente emitidas.

A nomenclatura do dinheiro no interior é diferente do Rio. As moedas de quarenta réis, novas e velhas, são chamadas de "cobres". "Pataca" é também um nome muito comum; o valor é de 320 réis. Lá, toda soma pequena se conta em cobres, patacas ou tostões (um tostão é cem réis). O mil-réis é frequentemente chamado de "deztões" (isto é, dez tostões). No Rio, somas pequenas são frequentemente calculadas em vinténs (um vintém é 20 réis).

John Armitage, em sua *História do Brasil*,[45] refere-se à desvalorização da moeda em 1829 e à "enorme emissão de moedas de cobre" (moedas, como já expliquei, constituem o grosso do dinheiro no interior). Diz ele:

> Este dinheiro de cobre, mesmo em 1829, circulava com um valor nominal até três vezes superior ao de seu valor intrínseco, e circulava livremente em todas as várias províncias do Império. Os habitantes olhavam apenas o valor gravado, sem refletir que, se fundidas, as moedas corresponderiam a um terço da soma pela qual tinham sido recebidas. Evidentemente, era impossível que esse engodo persistisse para sempre, no entanto foi um expediente para ajudar o governo a superar as dificuldades existentes... Durante os anos de 1828 e 1829, quase seis mil contos (isto é, cinco milhões de mil-réis) desse cobre vil foram cunhados e postos em circulação.

45 . N.A. *The history of Brazil from 1808 to 1831*, 2 volumes. Smith, Elder and Co., 1836.

O governo estava então em dificuldades, e nunca deixou de estar. É em vão que pessoas interessadas lutem contra os fatos e afirmem que a prosperidade do Brasil está aumentando. Há cinquenta anos as despesas ultrapassavam os rendimentos - o que persiste até hoje; e novos empréstimos são continuamente renovados, no exterior e no interior, para pagar juros de antigas dívidas, e de empreendimentos garantidos pelo governo, como ferrovias, usinas de açúcar etc.

O valor do mil-réis vem caindo continuamente. Quando cheguei ao Rio de Janeiro em junho de 1883, eu o troquei por 21 $^{5}/_{8}$ *pennies.* Em janeiro de 1884, subiu para 22 $^{1}/_{8}$ durante um curto período; mas em junho e julho tinha baixado para 20 *pennies*; em 26 de abril de 1885, estava em 17 5/8 *pennies*. "Os viajantes garantem que, em 1801, este mil-réis, a unidade prática de valor, valia 5 xelins 7 ½ *pennies.* Em 1815 representava cinco francos e vinte e cinco cêntimos. Em 1835-1836 valia de 30 a 32 *pennies*." Gardner afirma que em 1838 valia 30 *pennies.* O Capitão Burton diz: "Quando desembarquei em Pernambuco em junho de 1865, estava ao par – 27 *pennies.* Em 1867 caiu para 13 ½ (devido à guerra do Paraguai); e nas circunstâncias atuais nada impede que baixe o valor, como o dólar das repúblicas sul-americanas, até dois *pennies*".[46] H. W. Bates afirma que a moeda corrente no Amazonas variou muito durante os onze anos de sua permanência.[47]

> A princípio, nada se via além de moedas de cobre e notas do Tesouro brasileiro, a menor representando um mil-réis (2 xelins e 3 *pennies).* Depois (1852-1856), com o aumento do comércio da borracha, muito dinheiro foi importado – moedas de ouro norte-americanas, dólares espanhóis e mexicanos, e soberanos ingleses. Essas eram a moeda de troca mais comum no Pará e no Baixo Amazonas, até que o preço da borracha caiu subitamente em 1855, quando o ouro rapidamente desapareceu de novo. Lá pelo ano de 1857, uma nova moeda de prata, emitida pelo governo brasileiro, foi introduzida – peças elegantes, com valores adequados, correspondentes aproximadamente às nossas moedas de seis *pennies,* de um e de dois xelins.

46 . N.A. Capitão Burton, *Highlands of Brazil*, vol. I, p. 91.

47 . N.A. *The naturalist on the River Amazons*, vol. II, p. 75.

Ao ler estatísticas sobre dinheiro estrangeiro é sempre difícil verificar, de relance, o que as somas representam em moeda inglesa. Para o dinheiro brasileiro a dificuldade pode ser reduzida ao mínimo tomando-se o mil-réis ($) ao valor de 24 *pennies,* de modo que o equivalente em libras inglesas será aproximadamente um décimo do valor em mil-réis.

As poucas observações que gostaria de tecer a respeito serão adiadas até o fim desta nota e, portanto, sem maiores preâmbulos, mergulharei imediatamente *in medias res*,[48] para dar alguns extratos de um panfleto, "Sobre o orçamento do Império desde sua fundação", publicado no Rio por um senador.[49] No prefácio, ele declara que:

> (...) a previsão é a base fundamental da vida do homem e das nações; sem ordem no regulamento das despesas, a confusão será inevitável, e não haverá harmonia na administração das rendas. O primeiro cuidado, portanto, ao fazer um orçamento, é verificar as *receitas,* e depois distribuir as *despesas...* Infelizmente, este não tem sido o procedimento adotado desde a fundação do Império, o que, embora não tenha recebido o valor de pesados sacrifícios em vida e dinheiro, tem – não tomando conhecimento destes – causado despesas extraordinárias, que não apenas pesam no orçamento, mas também no futuro da nação, além de exigir que se estenda a mão a um credor para se cumprirem compromissos... Questionarei a verdade desses orçamentos, muitas vezes louvados nos programas ministeriais, e sempre burlados em sua execução.

Depois de brevemente rever as condições financeiras da Inglaterra, dos Estados Unidos, da França e da Rússia, o Senhor Carreira chega ao Brasil. Em sua comparação de estimativas, calcula o valor do mil-réis em 27 *pennies.* Começando com uma descrição resumida da proclamação da independência, os primeiros dias do Império, as finanças e alguns dos brilhantes estadistas financeiros, passa então a classificar os orçamentos a partir de 1823.

Desejo especialmente chamar a atenção para as receitas cada vez maiores, bem como para o rápido crescimento das despesas.

48 . N.E. *In media(s) res* (latim para "no meio das coisas") é uma técnica literária onde a narrativa começa no meio da história, em vez de no início (*ab ovo* ou *ab initio*).

49 . N.A. *O orçamento do Império desde sua fundação,* colecionada pelo Senador Liberato de Castro Carreira. Rio de Janeiro, 1883.

	Receitas em mil-réis	**Déficit em mil-réis**
Em 1823	3.802.434	900.000
” 1827	11.025.427	816.863
” 1829	13.808.928	5.462.717

O Senhor Carreira detalha então as diversas alterações ocorridas, os empréstimos concedidos etc. No final deste artigo encontra-se uma tabela dos vários empréstimos internos e externos.

	Receitas em mil-réis	Déficit em mil-réis	Saldo em mil-réis
Jan 1830 a Junho 1831 (1 ano ½)	17.644.322	3.535.793	
Junho 1831 a 1835 (4 anos)	60.826.064		12.362.732
1835 – 1840 (5 anos)	72.202.733	18.137.131	
1840 – 1845 ” ”	94.277.747	36.672.586	
1845 – 1850 ” ”	32.922.434		625.428
1850 – 1855 ” ”	176.376.689	6.230.993	
1855 – 1860 ” ”	228.265.099	8.766.521	
1860 – 1865 ” ”	262.957.589	39.291.244	

> Todos os orçamentos desse último quinquênio foram liquidados por déficits e, embora pouco louvável, especialmente por ser ocorrência normal, tal prática foi pelo menos justificada pela terrível e desastrosa guerra que, durante cinco anos, foi travada com o Paraguai, consumindo vidas preciosas, e vasto capital, que se aplicado ao melhoramento do país teria apoiado seu progresso e aperfeiçoamento enormemente. As despesas com a Guerra do Paraguai atingiram a 613.183.262 mil-réis, que, constituindo uma dívida a ser paga por aquela nação, exigirá muito tempo para ser saldada.[50] Para cobrir esses déficits, abriram-se empréstimos no total de 23.995.849 mil réis, além da emissão de papel-moeda.

1865 -1870	Receitas ... 376.891.018 contos	Déficit ... 324.308.486 mil réis

50 . N.A. Em 1885, a dívida está reduzida a 256.049 mil-réis.

Além dos empréstimos extraordinários de 297.901.467 mil-réis, o papel-moeda foi novamente emitido no valor de 23.389.505 mil réis.

1870 – 75	Receitas ... 514.253.712 contos	Déficit ... 56.612.024 mil-réis
1875 – 80	” ... 537.447.569 ”	” ... 208.226.626 ”

> Este orçamento foi novamente encerrado com “déficits”, para cuja cobertura o Tesouro emitiu créditos extraordinários de 194.252.405 mil-réis, que foram compensados por uma nova emissão de papel-moeda, apólices da dívida pública e abriu-se um novo empréstimo nacional, com o pagamento em ouro, pelo decreto de 19 de julho de 1879, no total de 50.000.000 mil-réis. Em 1875, outro empréstimo de £5.000.000 tinha sido contratado em Londres, ao preço de 96 ½, com os juros de cinco por cento, dando um valor nominal de £5.301.200, produzindo 47.122.366 contos.

Mais ou menos à época de publicação do panfleto, outro empréstimo (1883) de £4.000.000 foi concedido, com os juros de quatro e meio por cento. Outro empréstimo de £6.000.000, com bônus de cinco por cento, ao preço de 95, saiu em março de 1886.

Prossegue o Senhor Carreira:

> Nesses cinco anos (1875-1880), duas causas principais influíram para o aumento das despesas. Primeiro, o período calamitoso sofrido pelas províncias do norte, castigadas por três anos de seca, que, além do infortúnio da perda de milhares de vidas, arrancou 61.552.915 dos cofres públicos; dessa quantia, 30.814.136 contos foram gastos na província do Ceará, que foi também assistida em grande escala pela caridade pública. A segunda causa foi o empreendimento de obras públicas, entre as quais a da ampliação do canal para transportar água do rio do Ouro, autorizada pelo decreto de 22 de setembro de 1875; e outras, para o suprimento de água para a capital do Império, na qual se gastaram 23.524.637 mil-réis, obra ainda não concluída, e que sem dúvida exigirá maiores gastos de futuros orçamentos.[51]

51. N.A. Já me referi ao novo reservatório, que vi sendo construído.

Depois de descrever as várias formas como o dinheiro gasto com os colonos entrou no orçamento, o Senhor Carreira afirma que o gasto total desse item até 1880 atinge 49.683.521 contos:

> sacrifício do qual não resultaram as vantagens esperadas pelo país. Diversos métodos foram tentados – todos infrutíferos – para produzir o que se desejava, de modo que o governo finalmente se convenceu da inutilidade da colonização oficial ou paga, limitando-se a favorecer a colonização espontânea com uma ajuda durante período limitado, e facilitando a emigração ou assentamento (*internação ou colocação*).[52]

Depois de entrar em detalhes sobre as dívidas externa e interna, o Senhor Carreira declara que:

> O déficit é representado pela dívida geral do Império no total de 660.366.200 mil-réis e o papel-moeda, *que também é uma dívida,* no total de 189.199.591 mil-réis. Sem dúvida uma dívida dessas, de 560.000.000 contos (£ 56.000.000), que pressiona o Tesouro, é suficiente para deixar qualquer um intranquilo; é dinheiro que tem de ser devolvido àqueles que o emprestaram sob certas condições, e segundo as quais foi recebido... Confiando no crescimento anual das receitas,

52. N.A. Imigração. O sistema adotado até agora pelo Ministério da Agricultura parece ser imprevidente. Há, sem dúvida, um enorme campo para imigrantes; mas seria no mínimo aconselhável que os governos dos vários países desejosos de encorajar alguns de seus cidadãos a emigrarem para o Brasil se unissem para exigir certos direitos legais, tais como, por exemplo, os mencionados no *Rio News*, de 5 de outubro de 1885:

I. A concessão de todos os direitos civis e políticos usufruídos pelos brasileiros.
II. Completa liberdade de religião.
III. Governo local, taxação uniforme e isenção da competição desleal do trabalho escravo.
IV. Sistema definido de inspeção de terra, escolha irrestrita na seleção das terras, preços baixos, registro dos títulos, abolição da taxa de seis por cento sobre transferências e plena proteção legal a todos os direitos de propriedade.
V. Abolição de taxas de exportação e um imposto uniforme sobre a terra.
VI. Redução nos custos de transportes, junto com um sistema de rodovias públicas, para facilitar a comercialização lucrativa de produtos agrícolas.
VII. Um sistema de ensino público eficiente.

Que se faça saber aos povos emigrantes da Europa que há bons lares a serem encontrados no Brasil em condições fáceis, que sua vida e propriedade aqui têm proteção contra toda e qualquer usurpação, que meios de manutenção podem ser facilmente encontrados e que seus filhos terão todas as oportunidades e educação e progresso que podem ser encontradas em qualquer outro país novo, que isso seja divulgado, e os emigrantes virão espontaneamente.

anulado pelos gastos crescentes, os orçamentos deficitários são sobrecarregados com créditos além das expectativas e recursos extraordinários do Tesouro, tais como depósitos de créditos, dinheiro de órfãos e, não raro, o pernicioso hábito do papel-moeda, e o crédito para levantar empréstimos no país e no exterior. O estado do orçamento torna-se, portanto, merecedor da atenção dos estadistas, quando se sabe que, da quantia gasta, o país não tem um capital superior a 300.000.000 contos empregados em obras produtivas, os gastos tendo sido feitos com a administração ou com despesas improdutivas.

Ninguém ignora a necessidade de sacrifícios para o desenvolvimento de um país novo. Podem e devem ser feitos; mas é necessário buscar o desenvolvimento na órbita do possível, sem por em risco um futuro que, com seu potencial de prosperidade, é comprometido. Quem corre, cansa; quem anda, chega ao objetivo.

Para mostrar que esse dever não tem sido esquecido, basta notar as progressivas concessões ao ministro da Agricultura, cujos gastos evidenciam obras públicas pertencentes ao Estado ou ancilares a suas operações, que representam o progresso do país... Os recursos concedidos a empreendimentos industriais atingem anualmente 1.763.420 contos; os concedidos a companhias de navegação são estimados em 3.299.600 mil-réis. Telégrafos, ferrovias e outros melhoramentos mostram interesse e empenho em acompanhar o progresso de outras nações; *mas não se deveria perder de vista o fato de que um quarto das receitas do orçamento destina-se ao pagamento da dívida do Estado.*

Recorrer a empréstimos é o ponto nevrálgico das finanças, e, portanto, quando aparece algum embaraço, não se tenta resolvê-lo com medidas econômicas, cortando despesas ou adiando despesas que possam ser postergadas; preferem resolvê-lo com um empréstimo; portanto, diz Laveleye, o crédito (que nos acostumamos a abençoar como uma fada benfazeja, que aumenta o bem-estar da humanidade) torna-se um flagelo pior para as nações do que a peste e a fome da Idade Média; porque estes eram passageiros, e o outro é permanente.[53]

53 . N.A. Os itálicos são meus.

Qualquer um que prestar atenção ao aumento das previsões orçamentárias logo se defronta com o aumento do funcionalismo. Esse é um câncer que devora e destroi o poder do país, prejudicial não apenas pelo crescente aumento dos gastos, mas pela desorganização do serviço. Quanto maior o número dos contratados, menor a quantidade de trabalho útil. Os poucos que trabalham são interrompidos pelos muitos que atrapalham. Antigamente, simplificava-se o trabalho dispensando o excesso de funcionários; hoje, ele é aumentado pela complicação acrescentada ao serviço.[54] Entretanto, não é só isso. Não existe um empregado que não se considere mal pago; todos resmungam e clamam por aumento de vencimentos e, quanto menos fazem, mais se queixam.

Aos funcionários acrescenta-se a classe dos parasitas, que se beneficia abusivamente com a garantia concedida pela lei ao empregado incapacitado pelo trabalho ou que envelheceu em serviço; a importância reclamada pelos parasitas é maior do que a destinada ao pagamento de todos os empregados das repartições imperiais... A classe de pensionistas não merece menor atenção; consome 1.793.915 mil-réis.

Questões importantes de economia administrativa ocupam a atenção de diversas comissões, constituídas pelo governo para estudá-las. Acostumamo-nos a ver os resultados guardados em arquivos, pouco servindo para assistir com suas luzes aos que têm a curiosidade de consultá-los. Fazemos votos para que os novos estudos não sejam do mesmo tipo que os anteriores.

Há, porém, duas questões que não nos parecem poder ser adiadas, pelo Parlamento ou pelo governo.

O senhor Carreira entra então nas questões: (1) da retirada da circulação e redução da cobrança das apólices de cinco ou seis por cento e (2) do Banco do Brasil, que tem o poder para emitir notas privadas. E demonstra quanta revisão e aperfeiçoamento são necessários nestes assuntos.

Ele conclui seu panfleto assim:

54 . N.A. O Brasil, com uma população inferior a 10.000.000, tem 88.000 funcionários públicos!

Ao terminar este trabalho, que é apenas um ensaio sobre as condições gerais das previsões orçamentárias, reuni... informações para a compreensão da história financeira do país, fornecendo as bases para seu estudo detalhado; mas não terminarei sem uma reflexão resultante deste estudo.

Nos cinquenta e quatro orçamentos executados, isto é, depois de conhecer todas as receitas e gastos, não chegam a dez os que revelam algum saldo, e este é tão pequeno em relação aos grandes déficits que desaparece inteiramente. O fato é tão convincente que só não o nota quem deseja enganar-se a si próprio. Não se pode, pois, dizer que este é um Estado próspero; e, a menos que sejamos tão egoístas que finjamos nos regozijar com os recursos do futuro, apesar dos fatos atuais, continuando, simultaneamente, com estes gastos extraordinários, devemos parar durante algum tempo, ocupando-nos em recompor nossas forças depauperadas. As câmaras e o governo deveriam concordar em não criar obras que dependam de novos gastos, permanentes ou temporários, e deveriam atender às necessidades do país, com o critério necessário de manter apenas o indispensável.

O espírito do Congresso brasileiro tem alguma semelhança com o da França, quanto ao entusiasmo com que encara os recursos do país, e votando despesas sem nunca avaliar a situação real. Entre a França, entretanto, superabundante em comércio e indústria, e o Brasil, rico em recursos naturais, mas pobre em indústria, com os olhos fixos em uma economia empenhada no sacrifício forçado pela grande mudança na transformação de seu trabalho escravo, e sem grande esperança de resolvê-la sem crise, a diferença é extraordinária. Grandes problemas sociais e econômicos não se resolvem com simples entusiasmo; exigem calma, prudência e reflexão, que são elementos constitutivos do bem-estar das nações.

Assinado: Senador Castro Carreira. Rio, 26 de abril de 1883.

Considero desnecessário desculpar-me por citar tão longamente as opiniões de outra pessoa, dadas com a autoridade de alguém que conhece as minúcias do assunto. É uma afirmação corriqueira a de que as estatísticas podem ser utilizadas de tal forma a provar qualquer coisa; mas considero humildemente que seria necessário um homem muito inteligente para manipular os dados que citei e provar que o Brasil é um país próspero, ou mesmo que está progredindo financeiramente, à medida que receitas anuais crescentes são superadas por gastos ainda maiores. Quando se consideram os déficits anuais, e como o governo os cobre – por contínuas emissões de papel-moeda, com apólices, com empréstimos internos e externos – parece um milagre que o público confiante forneça dinheiro para financiar os déficits crescentes de um país pobre e perdulário. Certamente o Brasil ainda não deixou de honrar suas dívidas, mas o pagamento dos juros está corroendo o capital.

No Brasil, muitos consideram que a existência do Império depende da vida de um único homem – o atual imperador, homem perspicaz e admirável, com pendores intelectuais e científicos, cujos relacionamentos pessoais e domésticos enquanto pai e marido são irrepreensíveis. Mas, quando morrer, o futuro do Império parece longe de ser tranquilo. Surge, pois, a pergunta: que segurança as apólices brasileiras oferecem? Serão boas as perspectivas para os investidores? A resposta dada por todos os ingleses conscienciosos no Brasil é um enfático *não*. O sistema atual vem sendo inegavelmente sustentado de forma artificial, não importando quem o faça; basta chamar a atenção para as páginas precedentes para provar a verdade dessa afirmação. Por que são tão caras as apólices brasileiras, tendo o país apenas papel-moeda, enquanto as repúblicas ao norte, entre as quais Uruguai, Argentina e Chile, todas com prata como moeda corrente, não gozam de tão alta consideração? Todo o tecido das finanças brasileiras repousa numa base frágil; e se não surgir logo uma alteração substanciosa e radical na política do Império, os que investirem em suas ações podem breve encontrar-se – embora eu espere que esse dia esteja longe – numa situação deplorável.

TABELA DEMONSTRATIVA DOS EMPRÉSTIMOS REALIZADOS

Data dos decretos que autorizaram os empréstimos	Valor real	Preço	Juros	Valor Nominal	Moeda do País
Dívida Externa	**£**		**%**	**£**	*
Decreto de 5 de janeiro de 1824	2.999.940	80	5	3.686.200	32.766:631 $ 800
Convenção de 29 de agosto de 1825	1.400.000	...	...	1.400.000	12.444: 600 $ 000
Decreto de 27 de dezembro de 1828	400.000	52	5	769.200	6.837: 418 $ 800
Decreto de 26 de outubro de 1838	312.512	76	5	411.200	3.655: 156 $ 800
Convenção de 22 de julho de 1842	622.702	85	5	732.600	6.512: 081 $ 400
Decreto de 13 de março de 1852	954.250	95	4 ½	1.040.600	9.249: 893 $ 400
Decreto de 11 de fevereiro de 1858	1.425.000	95	4 ½	1.526.500	13.569: 058 $ 500
Lei de 23 de setembro de 1857 e 1859	508.000	ao par	5	508.000	4.515: 612 $ 000
Decreto de 24 de agosto de 1858 e 1860	1.210.000	90	4 ½	1.373.000	12.204: 597 $ 000
Lei de 27 de setembro de 1860 e 1863	3.300.000	88	4 ½	3.855.300	34.269: 761 $ 700
Lei de 26 e 27 de junho de 1865	5.000.000	74	5	6.963.000	61.899: 440 $ 400
Lei de 28 de junho de 1870 e 1871	3.000.000	89	5	3.423.200	30.428 :824 $ 800
Lei de 17 de junho de 1871 e 1875	5.000.000	96	5	5.301.200	47.122: 366 $ 800
Lei de 30 de outubro de 1882 e 1883	4.000.000	89 ½	4 ½	4.596.600	40.885: 844 $ 400
Dívida Interna					
Decreto de 15 de setembro de 1868	30.000: 000 $ 000	90	6	.....	33.334: 600 $ 500
Decreto de 19 de julho de 1879	50.000: 000 $ 000	96	4 ½	.....	51.885: 000 $ 600
Decreto de 15 de novembro de 1827	Notas do	....	6	.....	339.069: 100 $ 000
	Tesouro de {	....	5	.....	2.158: 000 $ 000
		....	4	.....	119: 600 $ 000
Dívidas inscritas	.....	....	.....	.....	143: 022 $ 424

* Nestes itens, por exemplo, 32.766: 637 $ 800 o sinal de **:** (dois pontos) representa *contos de réis*. Como na Índia as rúpias se contam em *lakks*, assim também no Brasil mil-réis se calculam por contos. Um conto é 1 000 mil-réis ou 1 000 000 de réis.

Seguem-se extratos de um artigo sobre o "Orçamento brasileiro", que apareceram no *Statist* de 8 de agosto de 1885.

> O orçamento do ministro das Finanças brasileiro, apresentado ao Congresso em maio último, é um documento esmerado de mais de 400 páginas em formato de quarto e tabelas adicionais, com extensão aproximadamente igual. A mistura de rendas ordinárias e extraordinárias, balanços de orçamentos anteriores, depósitos e matéria estranha nas previsões extraordinárias é algo extremamente desorientador; mas, calculando-se em conjunto os itens ordinários e extraordinários, os déficits podem ser definidos, em média, como tendo atingido cerca de 26.000.000 contos em cada um dos três anos fiscais encerrados em 30 de junho de 1885. O resultado de 1883-1884 exibiu um déficit de 23.762.967 mil-réis. O déficit previsto para 1884-1885 foi de 29.824.000 mil-réis, e o ministro, em suas explicações, em data tão recente como o mês passado, disse que confirmava as previsões de receitas. O excesso estimado de gastos em relação à receita em 1885-86 ficou em 19.362.000 mil-réis, e para 1886-87, a previsão é de um déficit de 17.869.000 mil-réis. As previsões foram relativizadas quando feitas na suposição de que as receitas não excederiam, nem as despesas seriam reduzidas, em função das previsões. De acordo com o relatório de Sandford, mencionado no *Statist* de 4 de abril passado, entre 1873-74 e 1882-83 inclusive, os déficits tinham atingido cerca de 288.000.000 mil-réis, ou uma média de 28.800.000 mil-réis, e tinham sido compensados pela emissão de cerca de 71.000.000 contos em notas do Tesouro, 129.000.000 contos em empréstimos internos, 80.000.000 contos em empréstimos no exterior, e 40.000.000 contos pela emissão de notas. Os déficits mais recentes têm sido compensados pela emissão adicional de notas do Tesouro, e pensa-se no aumento de notas em circulação. Têm-se feito esforços para economizar nos gastos, mas os resultados não são tão expressivos como seria de se desejar.

O cotejo de receita e despesa para 1881-1882, com as previsões orçamentárias de 1885-1886 e 1886-1887, resulta no seguinte:

	1881-82 contos	1885-86 contos	1886-87 contos
Receitas....	128.937.620	131.663.400	132.881.600
Despesas....	156.749.546	151.025.977	150.751.017

Afirma-se que o Senado e os deputados aprovaram o projeto de lei que autoriza a emissão de 25.000.000 contos em notas. Os bancos, em seus balancetes de 30 de junho, mostram que o governo lhes deve exatamente 60.000.000 contos, a saber:

	Contos
Notas do Tesouro (emissões antigas e novas).....	55.524.000
Conta Corrente com o Banco do Brasil.....	4.198.638
	59.722.638

As notas descontadas e os empréstimos sem prazo no banco tendem a diminuir, pois as exigências do comércio não podem enfrentar um adversário tão poderoso como o Tesouro. O dinheiro em espécie nos sete bancos é 11.214.587 contos. Esse dinheiro é uma garantia para os depósitos à vista, e com um vencimento fixo de uma soma que atinge 127.667.000 contos.

O *Rio News* diz: "O Tesouro do Império do Brasil atingiu um ponto que só poderá ser aliviado por algo próximo a um milagre, se as autoridades continuarem a seguir os mesmos caminhos trilhados até agora".

RELATÓRIO DO MINISTRO DAS FINANÇAS BRASILEIRO

O *Rio News* dá alguns extratos interessantes do último relatório do ministro de Finanças do Império,[55] do qual extraio as seguintes notas: O ministro propõe impostos adicionais: 1) sobre terras servidas por ferrovias e navegação fluvial; (2) sobre agentes, diretores ou gerentes de companhias, corretores, negociantes de escravos, vendedores de bilhetes de loteria, e várias outras ocupações e sobre certas fábricas; (3) sobre o fumo; (4) um aumento de 40 a 50 por cento sobre impostos em selo e companhias privilegiadas por carta patente.

55. N.A. *South American Journal*, 25 de julho de 1885.

O ministro não concorda com o aumento proposto de dez por cento nos impostos sobre vinhos importados etc. que já são pesados, e *porque o aumento proposto estimularia ainda mais a fabricação de vinhos artificiais, bebidas alcóolicas etc. que já vêm inundando os mercados da capital e províncias com flagrante prejuízo para a saúde pública*.[56] Portanto, o que se deveria fazer é impor uma taxa de cem réis por litro sobre o produto dessas fábricas, que, com fiscalização cuidadosa, daria uma soma anual superior a um milhão de contos para o Tesouro.

O relatório inclui os seguintes detalhes sobre a situação atual da dívida externa e interna:

DÍVIDA EXTERNA		
		£
Empréstimo de 1860		137.900
Empréstimo de 1863		1.108.400
Empréstimo de 1865		4.978.600
Empréstimo de 1871		2.865.800
Empréstimo de 1875		4.795.400
Empréstimo de 1883		4.543.800
	Total	£ 18.419.900

DÍVIDA INTERNA		
		Contos
Apólices a 6 por cento		336.003.100
Apólices a 5 por cento		1.997.200
Apólices a 4 por cento		119.200
Empréstimo de ouro de 1868, 6 por cento		22.443.500
Empréstimo de ouro de 1879, 4 ½ por cento		42.777.500
	Total	403.340.900

56. N.A. Os itálicos são meus. Quisera que todos os estadistas ingleses reconhecessem o crescimento desse mal em nosso meio, com prejuízo para os legítimos comerciantes de vinhos e bebidas alcoólicas, bem como o mal para a saúde e vitalidade da nação.

Fundo de órfãos	15.831.303
Espólios de pessoas falecidas e ausentes	3.842.591
Fundo de Emancipação	2.735.355
Bancos de poupança	18.478.818
Montepio	790.287
Depósitos vários	11.161.108
Notas do Tesouro	50.075.500
Promissórias do Tesouro	10.728.000
Pepel-moeda	187.343.725
Exercícios findos	411.671

Os bens do Tesouro são:

Impostos por receber	14.976.300
Dívida do Uruguai	17.007.036
Dívida do Paraguai	256.049

APÊNDICE II

UM RIGOROSO INVERNO EM MINAS GERAIS

Já contei que os moradores de Brumado, em Minas Gerais, falaram-me a respeito das extraordinárias geadas do ano de 1870. Dou agora alguns detalhes, traduzidos, com especial permissão do autor, do valiosíssimo livro de Emmanuel Liais.[1]

> Nos elevados planaltos de Minas Gerais, entre São Paulo, Barbacena e as extensas montanhas nas vizinhanças de Ouro Preto, cujos picos alcançam entre novecentos e mil e cem metros, a temperatura média é de cinco graus centígrados abaixo do litoral no mesmo paralelo e, devido à diferença de latitude, cerca de quatro graus centígrados abaixo da do Rio de Janeiro. Em Atalaia, perto dessa cidade, a temperatura mais baixa registrada em meu termômetro, em boas condições de ventilação e protegido da radiação, vem sendo de 10.8 graus centígrados, e isso em apenas um ano. Geralmente, a média anual nunca foi inferior a 12.5 graus centígrados.
>
> A verdadeira geada foi sempre desconhecida nos planaltos, de forma que nonagenários nunca se lembravam de tê-la visto e ficaram atônitos quando, no mês de junho de 1870, esse fenômeno ocorreu, com extraordinária intensidade para aquelas regiões. Dessa vez, a geada foi muito persistente e durou cinco ou seis dias, de Barbacena até as serras de Ouro Branco, em todos os limites orientais dos planaltos centrais de Minas. Esse fenômeno foi local, limitado, desacompanhado de temperaturas anormais em outras regiões não muito distantes do Brasil. Eu estava então no centro da província da Bahia, onde a temperatura era alta, como de costume, e depois de minha volta ao Rio de Janeiro descobri, no mês de agosto seguinte, que meu termômetro de temperaturas mínimas indicava 12.5 graus centígrados acima de zero, exibindo assim a temperatura mínima no Rio de Janeiro durante um ano (depois de minha partida), o que me garantiu também, que no Rio nada de anormal ocorrera com a temperatura durante o extraordinário frio em Minas Gerais.

1. N.A. *Climats, géologie, faune et géographie botanique du Brésil,* p. 584. *et seq*.
N.E. Essa obra de Emmanuel Liais continua inédita em português.

> Contudo, o frio em Barbacena fora suficientemente intenso e prolongado para atingir o interior das casas, onde a água congelava. Neste país, é verdade, as casas não têm paredes tão espessas como nos países frios, as chaminés são totalmente desconhecidas e cozinha-se em fornos. Essas condições bastam para os invernos comuns, pois as temperaturas baixas de 3 a 4 graus centígrados acima de 0 (32 graus Farenheit) só ocorrem perto do amanhecer, e não têm tempo de penetrar nas casas. Depois do raiar do sol, a temperatura eleva-se novamente com rapidez e estas circunstâncias explicam a ausência e inutilidade das chaminés nos quartos. Mas, ao mesmo tempo, mostram o quanto foi anormal o fenômeno de que agora nos ocupamos e explicam a facilidade com que a geada pode penetrar nas habitações. O visconde de Prados[2] esteve no Rio à época do fenômeno; mas, ao voltar a Barbacena no mês de agosto, descobriu que o termômetro de temperaturas mínimas situado em sua sala de visitas (que permanecera fechada) registrava 29.5 graus Farenheit, isto é, 1.5 graus centígrados abaixo de zero. Isso indica como o frio do lado de fora deve ter sido intenso e prolongado. Sr. Renault,[3] o vice-cônsul em Barbacena, disse-me que no último dia o termômetro desceu a quase seis graus centígrados abaixo de zero, no exterior; mas essa temperatura durou apenas um período muito curto. Contudo, a temperatura deve ter ficado algum tempo entre 2 e 3 graus centígrados abaixo de zero durante essa última noite, do contrário o termômetro não poderia ter descido a 1.4 graus centígrados negativo dentro de um espaço fechado, o que já ocorrera durante vários dias, quando, nas noites anteriores, o termômetro tinha estado um pouco abaixo de zero (32 graus Farenheit). Algumas plantações de cana-de-açúcar foram destruídas, os rios congelaram e observaram-se muitos peixes mortos. Algumas florestas ficaram inteiramente congeladas, como se tivessem sido chamuscadas pelo fogo e muitas árvores novas morreram. Muitas pessoas também foram vitimadas pelo frio, em campo aberto, onde os

2. N.E. Camilo Maria Ferreira Armond, barão, depois visconde e conde de Prados. Filho de Marcelino José Ferreira Armond, Barão de Pitanguy. Nasceu na cidade de Barbacena (MG), em 7 de agosto de 1815 e faleceu no Rio de Janeiro em 14 de agosto de 1882.

3. N.E. Pierre Victor Renault (1811-1892), emigrado da França para o Brasil, exerceu aqui o cargo de engenheiro de minas e foi grande educador, fundando em Barbacena, o colégio Victor Renault.

tropeiros, ou *mule-drivers*, mal se cobrem com uma roupa de algodão, e muitas vezes dormem em abrigos abertos, ou mesmo ao ar livre.

À primeira vista, a explicação para esse fenômeno anormal é difícil, pois as correntes inferiores de ar *(vents inférieures),* vindas do extremo sul, não conseguem alcançar estas latitudes em baixa temperatura, aquecidas no caminho pelo contato com o solo sob a influência da radiação solar. A descida direta de ar frio vindo das regiões superiores é impossível sem um aumento considerável na temperatura do ar, por causa da compressão que ele sofre *(compression éprouvée)*, e, consequentemente não se pode recorrer à hipótese pura e simples de uma corrente atmosférica descendente, especialmente porque o fenômeno aqui discutido teria então de ser frequente. A única explicação possível é, portanto, admitir que, numa latitude muito mais ao sul, onde, consequentemente, o inverno poderia ser muito severo *(pouvait sévir avec rigueur)* – pois, no hemisfério sul, é inverno em junho – uma grande massa de ar frio, em temperatura muito inferior a zero (centígrado) devido à fortíssima radiação da superfície da terra e aos ventos vindos do sul, foi levada, por razões que logo examinaremos, até uma grande altura acima da superfície do solo. Por expansão, devido a essa elevação, a temperatura depois desceu muito; mas atingiria outra vez sua condição normal se a massa de ar também descesse ao nível anterior. Então, impelida para o norte em sua altitude anormal, a corrente de ar aproximou-se do Equador sem se aquecer muito, o contrário do que teria ocorrido se tivesse passado sobre a superfície do solo, pois os raios solares elevam a temperatura do ar ao passar, e sabemos que, sobretudo, o ar é aquecido ao passar sobre o solo, e pelas correntes ascendentes ocasionadas por sua passagem. Mas, ao aproximar-se da latitude dos planaltos de Minas Gerais, essa massa de ar frio desceu ao nível do antiplano; o aquecimento resultante dessa descida só poderia trazer de volta a temperatura original, e assim mesmo supondo-se que não veio primordialmente de um nível mais baixo que do antiplano. Portanto, poderia ter levado a uma temperatura ainda mais baixa do que a original, a não ser pelo pequeno aquecimento causado pela passagem dos raios solares, e também a uma ligeira mistura com camadas de ar menos frias.

Isso posto, compreende-se facilmente que, na extremidade da América do Sul, em latitudes onde as temperaturas de 12, 15 ou mesmo 20 graus abaixo de zero (centígrados) são ocasionalmente possíveis no inverno à superfície do solo e perto do nível do mar, um vento forte, isto é, uma grande massa de ar movendo-se de oeste-sul-oeste para leste-norte-leste atingiu os Andes sulinos, onde, com a velocidade adquirida, subiu, conservando a direção leste-norte-leste... Depois, a corrente mais alta reteve o movimento em direção ao norte, e, com a rotação terrestre, gradualmente perdeu a orientação para o leste, até que, depois de um longo movimento para oeste, finalmente tornou-se um vento austral. Para que esse vento gelado atingisse imediatamente a latitude e o nível do planalto de Barbacena, basta agora... encontrar circunstâncias favoráveis para estender-se em direção ao norte... Vemos assim que, para a manifestação desse fenômeno, foi necessária uma combinação de numerosas e fortuitas circunstâncias durante um considerável percurso.

Traduzirei agora alguns extratos relativos a outros fenômenos metereológicos; mas o espaço me impede de dar mais que alguns breves resumos, e exclui o detalhamento das causas, para as quais remeto os interessados ao trabalho exaustivo de Liais.

GRANIZO

As pedras de granizo são grandes, muito duras e já as vi demorarem de três a quatro minutos para derreter. Em 1862, observei quatro precipitações de granizo em novembro. De acordo com os moradores, há uma média de vinte por ano. No Rio de Janeiro é raro cair granizo. Só soube de quatro dessas quedas, das quais vi três entre 1858 e 1864; e houve duas outras entre 1865 e 1871. A primeira foi em 22 de fevereiro de 1859, quando houve apenas algumas pedras de granizo misturadas com uma forte tempestade. Duas outras foram nos dias 22 e 30 de outubro de 1863, durante fortes tempestades, acompanhadas de trovões. As pedras tinham a forma de lentilhas. Medi algumas, observando dezoito milímetros de diâmetro e um milímetro de espessura. Causaram surpresa geral: vi pessoas de sessenta anos de idade que não se lembravam

de jamais ter visto coisa igual. Mas a quarta queda de granizo foi a mais notável. Ocorreu em 10 de outubro de 1864, durante um terrível furacão, cinco dias depois do grande furacão de Calcutá, e depois do extraordinário frio na França de 2 a 4 de outubro de 1864, portanto durante uma extraordinária perturbação atmosférica, cuja ação atingiu várias regiões distantes do globo. A queda de granizo foi extraordinária, acompanhada de uma tempestade violenta e de um vento que, em certos lugares, arrancou árvores veneráveis. Nessa época eu não estava no Rio, mas soube que caíram pedras de granizo da grossura de um polegar. Desde essa época não houve mais quedas fortes de granizo (até 1871), só duas quedas de pedras pequenas em algumas tempestades. O granizo pode ser considerado fenômeno excepcional no Rio de Janeiro, embora habitual no planalto de Minas Gerais. No norte do Império, quedas de granizo são quase desconhecidas.[4]

CHUVA E TEMPESTADES

As tempestades são excessivamente frequentes durante o verão no Rio de Janeiro e na província de Minas Gerais. Algumas vezes há relâmpagos magníficos, não apenas bifurcados, mas com um número considerável de ramificações; e ocasionalmente as descargas se repetem, no mesmo lugar, sete ou oito vezes por segundo. À medida que nos aproximamos do norte, a frequência das tempestades diminui consideravelmente. Em Pernambuco, durante oito meses, só vi relâmpagos duas vezes; e nunca ouvi uma trovoada.

No Rio de Janeiro, e na costa do Espírito Santo, chove todas as estações do ano; mas, ordinariamente, muito mais no verão, e menos no inverno. Geralmente, os meses mais secos são junho, julho e agosto. Via de regra, no interior do Brasil, esses meses são invariavelmente de seca, e as estações se limitam a duas: a estação chuvosa, de outubro a março,

4. N.A. Durante os dez meses que passei em Minas, nunca observei nenhum granizo acompanhando os tremendos temporais.

e a seca, de abril a setembro... Na costa de Pernambuco, as chuvas são especialmente abundantes nos meses de junho, julho e agosto, que são os meses de seca no sul.

M. Liais entra finalmente numa explicação dessa curiosa inversão climática, que, em resumo, é a seguinte: dos imponentes planaltos do interior, quando aquecidos pelo sol a pino de alto verão, surgem correntes de ar quente, e as correntes úmidas do mar precipitam-se para lhes tomar o lugar, passando sobre as planícies e se descarregando em tempestades sobre os planaltos elevados, que se localizam perto do mar no Rio, e longe dele em Pernambuco. No inverno, inverte-se a situação.

NEVOEIROS

"Nevoeiros" (*brouillards*) – não posso chamá-los de *fogs,* pois estes estão tão associados a nossas neblinas esfumaçadas – são uma constante matinal sobre os grandes rios do interior, e igualmente frequentes pela manhã, durante o inverno, perto do litoral, especialmente nos vales e baías, como na baía do Rio de Janeiro. As das margens dos rios no interior ocorrem na estação das secas bem como na das chuvas, e devem-se aos grandes excessos na temperatura da água, superior à do ar matinal em cerca de três ou quatro graus centígrados, sendo que a primeira atinge algumas vezes os 60 graus centígrados. Esses nevoeiros mantêm o vigor da vegetação nas margens durante a seca e as árvores retêm suas folhas. Perdem-nas, pelo contrário, longe das margens do rio, devido à aridez, e esta circunstância chega a ocasionar uma espécie de flora ribeirinha, de características quase semelhantes às das florestas virgens.

OBSERVAÇÕES METEOROLÓGICAS

Em Minas Gerais, de 18 de agosto de 1883 a 27 de maio de 1884. Em Botafogo, Rio de Janeiro, de 30 de maio a 27 de julho de 1884.

Colhidas por H.C.DENT[5]

Data	Fahrenheit-Term. de temp.		Barômetro/ Polegadas.	Observações
	Mínima	Máxima		
18 ago.	...	...	7h, 26'72	Em Casa Grande, cerca de 3.200 pés acima do mar. Chuva muito pesada à noite inteira. Belo dia.
21 ago.	...	...	7h, 26'90	
22 ago.	...	...	7h, 26'95	Às 18h, 26'90. Serra do Curtume enevoada até 11h; depois, belo dia ensolarado. As nuvens começaram a descer às 17h; às 18h, a montanha estava totalmente escondida.
23 ago.	...	...	.....	Cedo, nuvens muito baixas, mas bom tempo às 11h.
24 ago.	...	...	.....	Cedo, muito frio. Cerração densa. Belo dia.
25 ago.	...	...	.....	*Idem*, *Idem*, *Idem*.
27 ago.	...	...	.....	*Idem*, *Idem*, *Idem*.
28 ago.	...	...	.....	Chuva leve durante a noite. Frio, manhã nublada.
30 ago.	...	...	.....	Frio, manhã nublada.
4 set.	38º	110º	.....	Às 7h30, 42º. Às 17h30, 76º. Às 20h, 56º. Dia claro.
5 set.	36º	120º	.....	Às 7h45, 42º. Dia claro. Às 18h30, 66º.
6 set.	37º	...	7h, 26'90	Às 8h, 46º. Às 10h, 86º.
7 set.	37º	110º	7h, 26'73	Às 7h, 40º. Às 9h, 86º.
8 set.	39º	...	.....	Às 6h, 42º. Às 8h, 60º.
13 set.	...	106º	.....	Acampamento perto da Serra de Olhos d' Água (cerca de 3.200 pés acima do nível do mar). Às 17h, 78º. Às 18h, 69º.
14 set.	48º	...	.....	Às 8h, 56º. Às 9h, 76º.
15 set.	56º	71º	.....	Pés-d'água a partir das 6h30. Às 7h30, 60º. Ausência de sol. Muita chuva, especialmente depois das 15h30. Às 20h30, 60º.
16 set.	54º	62º	.....	Dia frio e nublado.

5 . N.A. A grande pressão do trabalho profissional e outras circunstâncias impediram observações regulares antes do início de outubro.

17 set.	52º	128º	.....	Às 7h, 56º. Toda manhã nublada. Bela tarde.
18 set.	52º	92º à sombra	.....	Dia muito quente, mas com brisas.
19 set.	55º	...	.....	Pés-d'água a noite inteira. Chuvas contínuas das 9h às 14h20h
20 set.	...	...	.....	Dia muito bonito
21 set.	48º	129º	.....	Dia muito bonito.
22 set.	48º	128º	.....	*Idem*.
23 set.	52º	106º	26'85	Lindo dia.
24 set.	44º	125º	.....	Dia totalmente claro.
25 set.	...	...	.....	Muito quente e abafado.
26 set.	...	...	.....	Vento forte.
27 set.	52º	125º	.....	Dia perfeitamente claro até às 17h. Fortes pés-d' água das 17 às 18h.
1 out.	52º	139º	.....	Dia claro, magnífico.

Relâmpagos e trovões todas as noites.

Data	Fahrenheit-Term. de temp.		Barômetro/ Polegadas.	Observações
	Mínima	Máxima		
2 out.	49º	134º	.....	Dia claro ao alvorecer. Tórrido das 10 às 14h, depois algumas nuvens e brisa fresca.
3 out.	55º	136º	.....	Dia claro. 86º na barraca às 11h.
4 out.	...	116º	.....	Manhã nublada e muito fria. Sol das 12 às 14h; depois, tarde fria. 67º às 22h. Relâmpagos, como de costume.
5 out.	58º	110º	26'77	Às 16h, 78º na barraca. Tempo frio de nebuloso.
6 out.	56º	132º	21h30, 26'85	Frio e nebuloso. Ligeira chuva, com trovões. Cerca de uma hora de sol durante o dia.
7 out.	52º	Às 11h, 132º	26'84	104º às 8h30, 88º na barraca ao meio-dia, 70º na barraca às 20h30, mas frio. Forte chuva com trovoadas e enxurradas durante a noite.
8 out.	...	131º	.....	Muito abafado. Brisa ligeira.
9 out.	...	122º	.....	
10 out.	62º	105º	.....	Dia feio, chuviscos, com sol a intervalos. Às 18h, 65º. Frio.
11 out.	58º	104º	.....	Manhã muito fria. Mistura de neblina e chuvisco. A partir das 10h, bem mais quente. Brisa forte, sol intermitente o dia inteiro. Muitos relâmpagos e trovoadas, chuva a noite inteira. 62º às 17h.

12 out.	62º	86º	.....	Manhã feia, com céu toldado, chuvosa. Frio.
13 out.	...	69º	26'75	Muita chuva, dia e noite. Média de 64º. Muito vento, tempo frio e deprimente.
14 out.	54º	73º	26'85	Dia frio e nublado. Sem sol. Às 20h30, 60º.
15 out.	51º	59º	7h, 26'85 21h, 26'80	54º às 7h. Dia feio, frio, ventoso. Chuviscos o dia inteiro. Às 18h, 54º.
16 out.	50º	66º	26'84	Chuva a noite inteira, com chuviscos frios nos intervalos. Forte pé-d'água às 16h30.
17 out.	54º	74º	19h, 26'285	Dia frio, nebuloso, com forte brisa. Pé d'-d'água e sol à tarde. Bela noite, estrelada e enluarada, muito orvalho.
18 out.	48º	104º	26'85	Sol quente, muitas nuvens, sem chuva, brisa forte. Às 19h30, 67º. Ameaça de chuva, Luar claro.
19 out.	52º	86º	19h, 26'70	Bela manhã. Tempo totalmente nublado a partir das 14h. Brisa. Luar.
20 out.	...	...	26'75	Dia bonito. Pés-d'água a partir das 14h30.
21 out.	...	...	.....	(Em Brumado) Sol muito quente o dia inteiro.
22 out.	...	...	26'64	Quente, ensolarado. Lindo pôr do sol. Terríveis tempestades com trovoadas e enxurradas a noite inteira.
23 out.	7h30, 56º	96º	7h, 26'78	Manhã nebulosa e encoberta. Sol intermitente. Noite tempestuosa.
24 out.	6h30, 68º	...	7h, 26'85	Manhã encoberta e nebulosa. Nuvens cerradas até as 15h; depois, sol. Brisa fresca. Noite nublada e tempestuosa. Às 22h, 58º.
25 out.	6h30, 59º	118º	7h, 26'875	Muitos pés-d'água nas vizinhanças. Tempo nublado. Chuva a cântaros das 16 às 21h. Chuva também à noite.
26 out.	6h30, 66º	100º	7h, 26'81	Pés-d'água e trovões à distância. Muitas trovoadas e relâmpagos após o pôr do sol, mas sem chuva. Dia e noite inteira abafados.
27 out.	7h30, 74º	97º	7h30, 26'675	Dia abafado e opressivo, pouco sol. Às 16h, chuva forte com trovoadas e vento tempestuoso. Temporais frequentes com muitos trovões e relâmpagos toda a noite.
Data	**Fahrenheit-Term. de temp.** **Mínima**	**Máxima.**	**Barômetro/ Polegadas.**	**Observações**

28 out.	...	76º	7h, 26'675	Terrível tempestade durante a noite, durante duas horas. Belo dia. Nuvens cerradas, sem chuva.
29 out.	7h, 64º	110º	.....	Muito frio às 3 da madrugada. Dia quente e abafado, sem chuva. Às 17h, 83º.
30 out.	6h30, 66º	84º	6h30, 26'775	Nublado todo o dia, com temporais, chuviscos, chuva forte. Noite estrelada. Às 18h, 65º.
31 out.	6h30, 64º	110º	6h30, 26'725	Neblina cerrada ao amanhecer. Dia abafado, muito pouco sol.
1 nov.	7h30, 83º	82º	7h30, 26'725. Às 18h, 26'68.	Dia nebuloso, mas bonito até o meio-dia. Chuvas pesadas com vento borrascoso e trovoadas após o meio-dia.
* O termômetro de temperaturas mínimas foi destruído por um cachorro.				
2 nov.	7h, 65º	...	7h, 26'725	Chuva contínua. Chuva fina das 8 às 12h30, forte, com intervalos, durante a tarde e a noite, com relâmpagos e trovoadas.
3 nov.	6h30, 56º	93º	6h30, 20'80	Manhã encoberta. Bela tarde. Chuva começa às 17h30.
4 nov.	5h, 55º	...	5h, 26'86	Belo dia, com nuvens, sem chuva. Lindo pôr do sol.
5 nov.	...	120º	....	Manhã fria, nebulosa, depois com nuvens, sol ocasional. Bela tarde, com muito vento. Pôr do sol magnífico. Auréola em torno da lua.
6 nov.	6h15, 61º	84º	6h15, 26'80	Dia encoberto. Às 11h, começou uma chuva fina e ininterrupta, que continuou toda a tarde e noite. Fresco e agradável.
7 nov.	6h30, 56º	75º	6h30, 26'76	Céu cor de chumbo, chuvisco frio. Chuva pesada entre 11 e 12h.; sol brando; depois, tarde e noite nublados, chuvisco ocasional.
8 nov.	6h15, 62º	...	6h15, 26'73	Manhã encoberta, cheia de nuvens. Às 11h, calor escaldante, céu claro. Das 16 às 17h, chuva pesada. Belo pôr do sol.
9 nov.	6h, 65º	95º	6h, 26'72	Chuva das 9 às 11h. Depois, nublado e abafado. Tarde quente a partir das 14h30. Lua brilhante, com auréola às 19h. Fortes trovoadas e relâmpagos em todo o horizonte. Às 21h, tempestade com trovões.
10 nov.	6h, 65º	116º	6h, 26'70	Muito abafado. Nas matas, todo o dia escaldante e úmido. Ao pôr do sol, zênite limpo. Reflexos brilhantes do sol posto. Noite clara, com luar soberbo. Às 19h15, 65º.

11 nov.	7h, 80º	120º	6h30, 26’78	Neblina espessa às 6h30. Lindo dia, com alguns cúmulos, brisas suaves. Pôr do sol muito tumultuoso, sem chuva.
12 nov.	6h, 67º	105º	6h, 26’80	Dia ensolarado, com nuvens ocasionais, muita brisa. Não choveu. Lua clara, magnífica, quase cheia. Mas poucas estrelas visíveis.
13 nov.	6h, 65º	115º	6h, 26’775	Dia claro. À tarde, alguns cúmulos e estratos-cúmulos. Luar magnífico, brisas perfumadas.
14 nov.	6h15, 72º	...	6h15h, 26’775	Manhã clara. Ao meio-dia, nuvens espessas. Depois, chuva forte.
15 nov.	6h30, 65º	112º	6h30, 26’75	Dia magnífico, muito quente e abafado.
16 nov.	6h15, 73º	...	6h15, 26’75	Belo dia, sem chuva, muito quente e abafado.
17 nov.	...	...	26’575	Dia nublado, abafado, com trovões, sol intermitente, escaldante.
18 nov.	8h, 80º	100º	8h, 26’55	Dia ensolarado, com trovões e relâmpagos à noitinha.

Data	Fahrenheit-Term. de temp.		Barômetro/ Polegadas.	Observações
	Mínima	Máxima		
19 nov.	6h30, 80º	112º	6h30, 26’60	Chuva pesada à noite. Muita névoa, cedo. Manhã encoberta, nublada, abafada. Ao meio-dia, sol quente, poucas nuvens. Após as 14h30, pés-d’água fortes e contínuos.
20 nov.	6h30, 67º	...	6h30, 26’625	Chuva muito forte à noite. De manhã cedo, muita neblina. Dia nublado, fechado, manhã abafada. Depois do meio-dia, chuvas ligeiras. Sufocante.
21 nov.	7h, 63º	87º	7h, 26’60 15h, 26’50	Cedo, muita neblina. Dia nublado, fresco. Chuva nas redondezas. Noite enluarada, lua tardia.
22 nov.	7h, 76º	120º	7h, 26’58 21h, 57º.[6]	Dia magnífico. Algumas nuvens antes do meio dia. Tarde clara, sol escaldante. Noite clara. Sem chuva. Muito orvalho.
23 nov.	6h45, 67º	120º	6h45, 26’59	Manhã quente e clara. Meio-dia nublado. À tarde, chuva forte. Noite estrelada.

6. Uma forte luz amarela circulando o sol claro é sinal de chuva, que veio no dia 23.

24 nov.	6h30, 57º	119º	6h30, 26’59	Muito frio antes do amanhecer. Muito orvalho. Céu claro até às 14h30. Depois, forte tempestade, com vento. Muitas trovoadas e relâmpagos.
25 nov.	7h, 65º	120º	7h, 26’65	Cedo, muito frio. Dia esplêndido, com cúmulos, sem chuva.
26 nov.	7h, 70º	121º	7h, 26’50	Muito quente até o meio-dia. Depois, temporal. Tarde fria e nublada.
27 nov.	7h, 75º	109º	7h, 26’60	Dia magnífico, brisa fresca. Às 18h, densas nuvens cercando o horizonte. Às 22h30, tempestade com trovões, a mais violenta que já vi, com ventos.
28 nov.	6h, 65º	116º	6h, 26’70	Manhã encoberta, com muitas nuvens. Sol intermitente. Muito quente entre as 12 e 13h. Tempestade com trovões entre as 17 e às 19h.
29 nov.	6h15, 67º	75º	6h15, 26’675	Às 6h, dia abafado, encoberto, sem vento. Chuvas contínuas, com enxurradas, a partir das 9h. Noite fria, chuvosa, turbulenta.
30 nov.	6h30, 54º	65º	6h30, 26’70	Manhã cinzenta, fria, encoberta. Neblina ou chuva contínua a partir das 7h30 até as 14h quando o vento aumentou e cessou a chuva.
1 dez.	6h15, 62º	121º	6h15, 26’75	Às 6h15, dispersar de nuvens. Manhã nebulosa. Sem chuva. Ao meio-dia, claro, com poucas nuvens. Bela tarde. Tardinha com brisa. Pôr do sol perto das 18h45.
2 dez.	7h45, 68º	139º	7h45, 26’75	Dia magnífico, vento fresco, nuvens esparsas, muito quente. Às 16h, 26’65. Soberbo pôr do sol, com reflexos posteriores. Noite estrelada. Luz no horizonte em direção N.N.O.
3 dez.	5h45, 60º	125º	5h45, 26’73 17h30, 26’65 22h, 26’73	Nascer do sol às 5h. Névoa espessa às 5h45, que se dispersou às 8h. Manhã nebulosa. Ocasionalmente, sol quente. Escaldante a partir das 11h30, com céu quase limpo à tarde. Às 16h30, pé-d’água brusco, nuvens e trovões. Às 21h, céu estrelado, relâmpagos na direção N.N.O.
4 dez.	6h45, 73º	95º	6h45, 26’70 18h, 26’65	Fortes pés-d’água à noite e de manhã cedo. Nuvens espessas e pés-d’água o dia inteiro, com trovões. Grande tempestade, vento e chuva às 18h.

Data	Fahrenheit-Term. de temp.		Barômetro/ Polegadas.	Observações
	Mínima	Máxima		
5 dez.	6h, 58º	90º	21h, 26'75 6h, 26'75 16h30, 26'65 21h, 26'73	Muita chuva durante a noite. Às 6h, tempo frio, deprimente. Forte neblina das 7h30 às 8h. Dia fresco, brisas. Às 21h, 69º.
6 dez.	6h30, 66º	85º	6h30, 26'73 11h30, 26'77 17h, 26'79 21h, 26'80	Manhã amena, com nuvens. Neblina fina das 7h30 às 8h. Chuva com enxurradas contínuas das 10 às 13h. Tarde fria, encoberta, com nuvens. Noite úmida, triste, cheia de vento, com intervalos de muita chuva e vento.
7 dez.	7h, 57º	67º	7h, 26'85 16h, 26'75 21h, 26'80	Chuva contínua, variando entre fina e forte, até as 10h30. Depois, dia nublado, encoberto, cheio de vento, frio, com chuviscos ocasionais. Chuva contínua e vento tempestuoso a noite inteira.
8 dez.	7h, 58º	64º	7h, 26'85 16h, 26'80 21h, 26'82	Vento frio e tempestuoso, chuvisco interminável quase o dia inteiro. Noite tormentosa, com vento e muita chuva.
9 dez.	7h30, 63º	98º	7h30, 26'83 18h, 26'775 21h, 26'80	Nublado, com sol e pés-d'água ocasionais. Belo luar. Poucas nuvens felpudas.
10 dez.	6h, 63º 17h30, 70º 21h, 69º	110º	6h, 26'80 17h30, 26'75 21h, 26'81	Dia nublado e fresco. Sol ocasional, especialmente à tarde. Sem chuva. Às 17h30, céu totalmente encoberto. Luar, com cirros e muita névoa.
11 dez.	6h, 65º 17h, 77º	136º	6h, 26'78 17h, 26'70 22h, 26'775	Cedo, encoberto. Sol nublado. Manhã abafada, nuvens, algum sol. Tarde quente, alguns cúmulos, estratos-cúmulos no horizonte. Às 17h, trovões, nuvens espessas. Às 20h, terrível tempestade com trovões, inundação, pequeno furacão.
12 dez.	6h30, 66º 18h, 69º	96º	6h, 26'775 18h, 26'70	Manhã fechada, cheia de vapor. Às 14h30, pesada chuva com trovões.
13 dez.	6h, 62º 17h, 66º	132º	6h, 26'76 17h, 26'675	Às 6h, sol brilhante. Névoa com vapor. Das 7.30 às 8h, chuva pesada. Muito quente até o meio-dia. Das 14.15 às 16h, violenta chuva com trovões. Claro às 17h30, neblina nas montanhas. Lindo luar, noite fria, clara, com neblinas.

14 dez.	6h, 63º 17h30, 78º 24h, 71'5º	126º	6h, 26'72 17h30, 26'64 22h, 26'57	Às 6h, densa neblina. Céu limpo pelas 7h30 escaldante, com brisas austrais. Às 14h30, forte pé-d'água toda a tarde, um pouco de sol. Às 21h, fechado, relâmpagos, sem brisa.
15 dez.	6h, 68º 17h, 80º 21h, 75º	126º	6h, 26'71 17h, 26'60 21h, 26'675	Tempo fechado, nublado. Manhã quente e abafada. Vento nos morros. Trovões e relâmpagos distantes. Tempestades com trovões e muita chuva toda a noite.
16 dez.	7h30, 65º 21h, 68º	106º	7h30, 26'70 12h, 26'65 13h30, 26'60 15h30, 26'50 18h, 26'60	Chuva torrencial a manhã inteira. Céu limpo ao meio-dia. Bela tarde, sol ligeiro, vento austral forte e quente. Às 15h30, 80º no rancho. Tendência a trovoadas. Das 16h30 às 18h, forte tempestade com vento forte e turbulento. Choveu depois das 21h.
17 dez.	6h30, 66 22h, 66º	116º	6h, 26'65 22h, 26'65	Manhã fechada, com nuvens, tendências a trovões, sem vento, pouco sol. Neblina e chuva forte a tarde e à noitinha.
18 dez.	6h30, 66º 17h, 73º 20h, 72º	...	7h, 26'70 17h, 26'65	Manhã fria com vento e forte vento. Tarde ensolarada e abafada. Às 20h, forte chuvisco. Às 20h30, começou pé-d'água ininterrupto.

Data	Fahrenheit-Term. de temp.		Barômetro/ Polegadas.	Observações
	Mínima	Máxima		
19 dez.	6h, 61º 17h, 69º	114º	6h, 26'70 17h, 26'60 21h, 20'65	Cedo, tempo fechado. Chuvisco das 7 às 7h30, depois sol até às 13h. Intervalos de chuva toda a tarde.[7] À noite, trovoadas por toda parte.
20 dez.	6h30, 66º	...	6h30, 26'70 20h, 26'80	*Mudei o acampamento para a vila do Camapuã.* Fortes temporais, vento austral; depois, chuva fina. Tarde sem chuva. Forte chuva durante a noite.
21 dez.	7h, 70º	100º	7h, 26'85 21h, 26'80	Muita chuva cedo. Manhã abafada, sem vento e sem chuva. Inundação entre 12h30 e 15h30; depois, temporais. Forte tempestade com trovões ás 18h30.
22 dez.	6h, 67º	106º	4h30, 26'70 6h30, 26'70	Às 6h, neblina densa. Intervalos de sol. Manhã.

7. Como de costume, a chuva vem primeiro do sul, depois do norte.

23 dez.	7h, 70’ 16h30, 80º	118º	7h, 26’80 16h30, 26’70	Manhã belíssima. Cirros e cúmulos. Chuva ao meio dia. Trovões toda a tarde, mas sem chuva.
24 dez.	6h30, 69º 18h30, 66º	116º	6h30, 26’70 18h30, 26’65 21h30, 26’70	Cedo, tempo fechado. Nuvens ao horizonte. Manhã quente e clara. Nuvens ocasionais e chuva nos arredores. Ao meio-dia, chuva muito forte, com trovões. Pôr do sol claro, amarelado. Noite estrelada.
25 dez.	7h, 73º	105º	7h, 26’70 21h, 26’70	Cedo, bom tempo. Nevoeiros leves. Fortes pés-d’água e chuvas toda a tarde. Noite estrelada.
26 dez.	6h, 71º 17h, 84º 10h30, 72º	109º	6h, 26’73 17h, 26’65 21h, 26’70	Bela manhã, depois nublada, com trovões, intervalos de sol. Fortes tempestades com trovões às 19h30. Às 21h, muita chuva, com trovões por toda parte.
27 dez.	6h, 65º 18h, 76º 21h, 73º	116º	6h, 26’70 18h, 26’65 21h30, 26’75	Cedo, tempo muito bom. Fios esparsos de névoa nos morros. Tempo limpo e escaldante até meio-dia, depois temporal. Trovões nos arredores à tarde. Noite turbulenta, com muitos trovões e raios. Às 21h30, forte tempestade.
28 dez.	6h, 67º 17h, 76º 21h30, 70º	109º	6h, 26’70 17h, 26’61 21h30, 26’70	Cedo, tempo nublado. Sol esplêndido, céu com cirros e cúmulos, cúmulos no horizonte. Ao meio-dia, chuva ligeira. Frescas brisas à tarde. Às 17h, pé-d’água com trovões. Entre 19h30 e 21h30, forte tempestade, com chuva, vento, trovões.
29 dez.	6h30, 68º 15h, 78º 17h, 73º 21h30, 70º	112º	6h30, 26’70 15h, 26’60 21h30, 26’70 17h, 26’60	Nuvens ligeiras. Manhã fresca, nublada, com brisas. Ao meio-dia, 77º no rancho. Pés-d’água nas redondezas, umas gotas para nós. Às 17h, fortes trovoadas, pés-d’água com vento. Entre 19.30 e 21h30, chuva torrencial.
30 dez.	7h, 75º 13h30, 103º 21h, 73º	105º	7h, 26’70 13h30, 26’65 21h, 26’70	Bela manhã, bem nublada, com brisas. Breve pé-d’água ao meio-dia. Chuva forte nas redondezas. 78º no rancho. Fresco vento austral. Linda tarde, suaves brisas austrais, sol, nuvens.
31dez.	6h15, 68º 17h15, 72º 22h30, 68º	108º	6h15, 26’70 17h15, 26’65 23h30, 26’75	Cedo, tempo fechado. Muita neblina e vapor nos morros. Manhã muito quente, abafada, cheia de vapor. Trovões às 13h30. Às 14h, forte temporal, depois tempo nublado. Às 18h, começou uma chuva que continuou quase sem parar a noite inteira.

Data	Fahrenheit-Term. de temp. Mínima	Máxima	Barômetro/ Polegadas.	Observações
		1884		
1 jan.	8h, 75º 17h30, 68º	88º	8h, 26’70 15h30, 26’675	Chuva cedo. Às 11h30, chuva muito forte. Às 16h, chuvisco, que durou toda a tarde e toda a noite.
2 jan.	6h15, 68º 12h, 64º	75º	6h15, 26’75 18h, 26’75	A chuva continua. Choveu o dia inteiro, com enxurradas nos intervalos.
3 jan.	18h, 66º 8h, 65º 14h, 66º	70º	21h30, 26’80 8h, 26’80 14h, 26’80	Chuva torrencial toda a noite. Chuva forte e contínua toda a tarde. Chuva fina à tarde, com fortes temporais, que continuaram pela noite adentro.
4 jan.	19h, 65º 6h30, 63º 12h, 71º 16h15, 65º 18h30, 63º	71º	18h, 26’80 6h30, 26’76 12h, 26’80 16h15, 26’75 18h30, 26’76	Chuva moderada à noite. Entre 7 e 9h30, temporais, depois chuva contínua. Às 13h30, brisa fresca, direção nordeste. Chuva tarde e noite, especialmente às 21h30.
5 jan.	6h30, 67º 9h30, 65º 21h30, 64º	75º	6h30, 26’78 17h30, 26’75 21h30, 26’75	Nuvens esparsas às 6h30, mas sem céu azul. Das 7h10 às 10h, temporais; depois chuva, quase incessante, o dia inteiro e a noite inteira.[8]
6 jan.	7h, 65º 15h30, 76º 18h, 66º	95º	7h, 26’80 15h30, 26’70 18h, 26’725 20h, 26’75	Às 7h, aguaceiro persistente. Durante o dia, pés-d’água espaçados, com sol quente intercalado. Brisas austrais, leves e suaves. Às 17h45, tremenda chuva. Às 20h, luar vacilante, visto através de cirros, ou cúmulos, ou nimbos. Neblina sobre o vale. Relâmpagos ao norte.
7 jan.	6h, 67º 17h, 68º 21h15, 67º	114º	6h, 26’75 17h, 26’65 21h15, 26’75	Fortes pés-d’água durante a noite. Às 6h, chuva, com muita neblina fumegante. Tempo fechado até as 11h. Entre 11 e 12h, muito calor, depois, um aguaceiro. Fortes trovoadas e chuva intermitente a tarde inteira, e chuva à tardinha. Às 21h, luar embuçado em nimbos. Às 21h15, forte temporal.

8. Nota do Rio de Janeiro, do dia 5 de janeiro: “Tem chovido incessantemente desde o dia primeiro do mês.” *Rio News*.

Data	Fahrenheit-Term. de temp. Mínima	Máxima	Barômetro/ Polegadas.	Observações
8 jan.	6h, 67º 18h, 70º 20h, 65º	115º	6h, 26’715 18h, 26’675 22h, 26’75	Fortes pés-d’água durante a noite. Tempo bom, com sol, céu azul, densa neblina sobre as florestas. O dia inteiro, cúmulos, com intervalos de sol quente. Belo pôr do sol alaranjado; o primeiro, após longo intervalo. Dia sem chuva. Às 20h, lua nublada, com pequeno halo. Leves brisas sudoeste. Reflexos de relâmpagos a noroeste. Às 22h, tempo borrascoso.
9 jan.	6h30, 61º 18h30, 66º 22h, 64º	86º	6h30, 26’75 18h30, 26’75 22h, 26’80	Tempo totalmente fechado, frio, com brisas e gotas esparsas de chuva. Noite enluarada, embaçada e nublada.
10 jan.	6h30, 64º 18h30, 67º	100º	6h30, 20’80 18h30, 26’80 21h30, 26’80	Às 6h30, tempo totalmente encoberto. Diversos chuviscos, com sol indeciso durante o dia. Chuva entre 21.30 e 22h30.
11 jan.	6h, 65º 18h, 65º	105º	6h, 26’675 18h, 26’775 22h, 26’80	Às 6h, céu encoberto, com névoas ligeiras. Entre 11 e 12h30, forte pé-d’água. Entre 13.30 e 16h, pesada chuva.
12 jan.	6h30, 70º 18h30, 65º 21h, 63º	115º	6h30, 26’80 18h30, 26’775 21h30, 26’825	Às 6h30, tempo muito bom, com céu azul, com névoa densa. Pela manhã, sol quase sem nuvens, com brisas frescas. Temporal às 12h30. Tarde nublada e abafada. Às 15h15, forte temporal. Às 16h15, tempestade muito forte, com vento e trovões. Chuva intermitente até a noite. Às 21h30, belo luar, com cirros, névoas sobre as florestas, relâmpagos incessantes a leste.
13 jan.	7h, 80º 15h, 68º 18h, 63º 21h, 63º	86º	7h, 26’80 15h, 26’79 18h, 26’80 21h, 26’83	Às 7h, tempo bom, ensolarado, com algumas nuvens. Manhã abafada e nublada; à distância, fortes trovões. Pé-d’água às 13h30. Das 17.30 às 20h, chuva pesada, fortes trovoadas a leste. Às 21h, tempo sem chuva, fechado, nebuloso.
14 jan.	6h15, 64º 17h, 70º	100º	6h15, 26’90 17h, 26’825	Às 6h15, tempo fechado. Sol intermitente. Tempo fechado, cheio de vapor. Tarde nublada, fria, sem brisas, mesmo nos morros. Noite nublada. Dia sem chuva.
15 jan.	6h30, 64º 18h, 66º 21h, 62º	86º	6h30, 26’925 18h, 26’90 21h, 26’90	Às 6h30, tempo totalmente encoberto. Manhã fria, nublada. Chuvisco entre 11 e 11h30. Ligeiro sol à tarde. Sem chuva.

16 jan.	6h45, 70º 17h, 68º	104º	6h45, 26’90 15h, 26’82 17h, 26’85 20h, 26’90	Manhã com brisas, nublada, muito pouco sol. Trovões distantes toda tarde. Pé-d’água às 15 e às 17h30.
17 jan.*	...	...	6h, 26’85 22h30, 26’80 6h30, 26’80	Mudança para Brumado. Às 6h, tempo nublado, com neblina vaporosa. Às 15h, tempestade com trovões. Noite enluarada.

*As leituras de temperaturas máximas parecem baixas se comparadas com o grande calor sentido ultimamente. O termômetro, exposto ao sol, ficava sempre colocado no chão, e presumo que a umidade evaporada pelo sol depois das fortes chuvas tenha afetado o registro da temperatura. O barômetro, um pequeno aneroide de Negretti, ficou sempre numa arca de ferro em minha barraca, colocada em troncos acima do chão para fugir da umidade.

Ultimamente os números registrados pelo barômetro têm sido bem mais altos. Desejo, contudo, chamar a atenção para as pequenas variações que ocorrem. A chuva, o vento etc. parecem não afetá-lo. Observar-se-á que, não importando o tempo, há sempre uma queda invariável logo após o meio-dia; às 15 ou 16h, alcança-se o número mais baixo, quando o barômetro sobe novamente, e às 10 ou 21h, os números são quase os mesmos que às 6 ou 7h da manhã seguinte. Evidentemente, quase não há variação da pressão durante a noite.

Desta data até meados de março não tive termômetro em minha casa em Brumado. Por empréstimo, consegui então um termômetro que registra temperaturas mínimas, mas não podia deixa-lo à vista durante o dia, por medo de ser roubado, o que ocorria ocasionalmente, mas eu o recuperava.

18 jan.	...	...	6h30, 26’80	Às 6h30, névoa densa. Dia magnífico, sem nuvens, até às 14h. Depois, nuvens, temporal, trovões e relâmpagos ao oeste.
19 jan.	0h15, 65º	116º	0h15, 26’75 6h, 26’80 12h, 26’80 14h, 26’75 23h, 26’80	À meia, noite tempo bom, limpo, estrelado. Às 6h, névoa densa. Manhã magnífica. Ao meio-dia, fortes trovões. Tarde abafada, com muitos nimbos. Forte tempestade entre 15.30 e 17h30.
20 jan.	...	...	...	Às 7h, 26’80. Às 7h, névoa densa. Forte tempestade entre 15 e 17h.
21 jan.	...	...	...	Às 7h, 26’80. Às 7h, névoa densa. Dia lindo. Às 17h, forte tempestade, choveu toda a noite.
22 jan.	7h, 66º	...	7h, 26’85	Dia lindo. Grande tempestade às 16h e enxurradas a noite inteira.

Data	Fahrenheit-Term. de temp. Mínima	Máxima	Barômetro/ Polegadas.	Observações
23 jan.	7h, 65º 22h, 65º	...	7h, 26’875 22h, 26’90	Manhã nublada. Dia abafado e nebuloso. Fortes trovões, chuva ligeira, muitos nimbos toda a tarde. Tarde nublada, sem chuva. Noite estrelada.

24 jan.	6h30, 64º	...	6h30, 26'85 22h30, 26'80	Tempo limpo às 6h30, ligeira névoa sobre as montanhas. Dia magnífico, cúmulos, trovões distantes depois do meio-dia. Muito calor. Majestoso pôr do sol. Noite estrelada. Relâmpagos a oeste. *Vi o cometa pela primeira vez*.
25 jan.	...	...	7h, 26'83	Às 7h, névoa densa. Dia magnífico, quase sem nuvens. Muito quente. Dentro de casa, temperatura máxima 78º. Magnífico pôr do sol. Noite estrelada. *Cometa muito visível.*
26 jan.	...	120º ao meio dia.	6h30, 26'85 12h, 26'80 18h, 26'75 23h, 26'80	Cedo, neblina ligeira. Dia claro. Atmosfera muito limpa. Calor escaldante. Noite esplêndida.
27 jan.	8h, 64º	...	8h, 26'80 22h, 26'90	Dia sem nuvens.
28 jan.	...	...	6h30, 26'80 12h, 26'75 17h, 26'70 21h, 26'75	Cedo, névoa ligeira. Dia quase sem nuvens. Depois das 16h, nebuloso, muito abafado. Relâmpagos contínuos a sudoeste. Não choveu à tarde e à noite.
29 jan.	...	...	7h, 26'75	Cedo, tempo bom, sem orvalho ou névoa. Bom tempo o dia inteiro. Tarde nublada. Sem chuva. Forte tempestade a sudeste.
30 jan.	...	...	1h, 26'70 7h, 26'75	Às 7h, céu inteiramente coberto. Névoa nos vales. Cedo, frio. Bela manhã, quente. À tarde, ameaça de trovões. Gotas de chuva às 14h.
31 jan.	...	...	7h, 26'75 18h30, 26'75	Dia magnífico. Tarde abafada. Às 17h30, forte tempestade, Chuvas a toda a volta. Umas gotas por aqui.
1 fev.	...	...	8h, 26'675 18h, 26'55 21h, 26'60	Manhã encoberta. Dia muito abafado. Muitos nimbos, sol ocasional. Ligeiros pés-d'água à tarde.
2 fev.	...	...	6h30, 26'60 18h, 26'55	Manhã encoberta. Chuva às 14h. Depois, durante toda a tarde, intervalos de chuva.
3 fev.	...	...	7h, 26'65 12h, 26'575 18h, 26'65	Dia claro. Ao meio-dia, 80º dentro de casa. Magnífico pôr do sol. Noite estrelada.
4 fev.	...	120º ao meio-dia.	6h30, 26'65 23h, 26'675	Cedo, névoa densa. Dia escaldante. Estratos-cúmulos. Luar claro.
5 fev.	...	...	6h30, 26'70 21h30, 26'70	Cedo, sem névoas. Às 8h, nublado. À tarde, chuva ligeira. Belo luar, com alguns cirros.

6 fev.	...	...	6h30, 26'75 12h, 26'73 18h, 26'70 21h30, 26'775	Cedo, tempo fechado. Dia muito bonito. Nuvens ocasionais. Sem chuva. Magnífico pôr do sol. Luar sem nuvens.
7 fev.	...	122º ao meio-dia.	6h30, 26'79 12h, 26'70 23h, 26'75	Manhã sem nuvens. Densa névoa nos vales. Dia esplêndido. Ligeiros estratos-cúmulos. Belo luar.

Data	**Fahrenheit-Term. de temp.**		**Barômetro/ Polegadas.**	**Observações**
	Mínima	**Máxima**		
8 fev.	...	110º ao meio-dia.	6h30, 26'75 12h, 26'70 22h30, 26'70	Cedo, tempo fechado. Às 7h30, limpo. Dia muito quente. A partir das 16h, muitos nimbos, trovões e relâmpagos a todo o tempo. Forte pé-d'água às 14h30. Às 22h30, tempo bom.
9 fev.	...	120º ao meio-dia.	7h, 26'70 12h, 26'70 18h, 26'75 22h, 26'75	Cedo, tempo nublado. Às 9h, limpo, muito quente. Às 11h, contínuas trovoadas à distância. Às 12h30, *tremendíssima trovoada, sem chuva, com o sol brilhando, densa escuridão a uma milha em direção ao norte*. Às 14h, tempestade fortíssima. Choveu a tarde e a noite inteira. Madrugada nebulosa, sem chuva.
10 fev.	8h, 60º 12h, 60º	66º	8h, 26'80 12h, 26'775	Dia muito frio, nebuloso, inteiramente fechado, Dia com tendência a temporais, frio.
11 fev.	6h30, 58º	...	6h30, 26'775 21h30, 26'70	A partir das 7.20h, chuviscou toda a manhã. Choveu a cântaros, mais ou menos forte a tarde e a noite inteiras. A chuva parou às 21h30.
12 fev.	...	...	6h30, 26'70	Cedo, tempo bom. Dia esplêndido. Chuva forte, corante e breve ao meio-dia. Chuva muito forte à tarde e à noite.
13 fev.	...	...	6h, 26'70 18h, 26'65	Às 6h, tempo bom. Chuva às 6h30. Fortes temporais, chuva violenta, com muito vento nos intervalos. Fora disso, belo dia, dela noite.
14 fev.	...	...	7h, 26'675 10h30, 26'675 22h, 26'70	Às 7h, chuvisco. Gradativamente, clareou. Tarde magnífica. Belo pôr do sol. Noite muito abafada, ligeiros trovões, céu estrelado.
15 fev.	...	...	6h30, 26'70 12h, 26'60 18h, 26'65 21h15, 26'70	Tempo fechado. Ligeiro pé-d'água ao meio dia. Tarde esplêndida. Pés-d'água muito fortes à noite.

16 fev.	...	...	7h30, 26’70 18h, 26’65	Cedo, chuva forte. Bela manhã. Tarde cheia de temporais.
17 fev.	...	...	7h, 26’70	Cedo, muito chuvoso. Belo dia, com frequentes e fortes temporais.
18 fev.	...	...	7h, 26’65 18h, 26’575 21h, 26’65	Chuva cedo. Dia muito quente. À tarde, fortes pés-d’água até após as 17h. Noite nebulosa. Fortes torrentes durante a noite e de manhã cedo.
19 fev.	...	...	6h, 26’65 12h, 26’675 21h, 26’675	Bom tempo até as 10h. Dia com muitos temporais quase sem sol, mas quente e com brisas. Chuva muito forte a noite inteira.
20 fev.	...	...	6h30, 26’70 12h, 26’71 21h30, 26’70	Névoa densa até as 11h. Ao meio-dia, 68º dentro de casa. Às 21h, 65º, muito abafado.
21 fev.	...	107º às 11h30	6h, 26’71 23h, 26’70	Cedo, névoa densa. Às 10h, tempo muito bom. À tarde e à noite, chuva constante, com trovões. *Uma trovoada terrível.*
22 fev.	...	...	6h, 26’70	Cedo, chuva pesa. Chuvisco tendendo a chuva pesada até às 11h; depois tendência a pés-d’água até às 13h. Tarde magnífica. Noite sufocante, muito abafada.

Data	Fahrenheit-Term. de temp.		Barômetro/ Polegadas.	Observações
	Mínima	Máxima		
23 fev.	...	...	6h, 26’70 12h, 26’70 20h30, 26’70	Cedo, tempo muito bom. Abafado, com tendência a trovoadas e sol quente até as 13h. Alguns trovões, *uma terrível trovoada*. Lindo pôr do sol. Relâmpagos a leste e oeste às 19h30. Estrelas.
24 fev.	...	...	6h, 26’70 21h, 26’70	Grossas cintas de névoa, cedo, nos vales. Dia sem nuvens, muito quente. Forte tempestade com trovões às 17h. Trovoadas a noite inteira. Às 20h30, tempestade muito forte com trovões.
25 fev.	...	...	6h, 26’70 17h, 26’70 22h, 26’70	Cedo, tempo bom; depois, nuvens, sol nublado até as 11h30; muito calor depois. À tarde, trovões, com pés-d’água e brisas frescas. Forte pé-d’água às 17h. Chuva mais ou menos a noite inteira.

26 fev.	...	...	6h, 26’70 18h, 26’625 21h, 26’70	Cedo, tempo limpo. Neblina baixa. Às 8h30, forte pé-d’água. Até o meio-dia, calor escaldante. Tendência a pés-d’água, toda a tarde abafada. Chuva quase a noite inteira.
27 fev.	...	...	6h, 26’65 22h, 26’675	Cedo, chuva pesada. Frio, nublado, temporais vindos do norte, com intervalos o dia inteiro. Trovões depois das 15h30. Às 21h30, forte vento, chuvisco. Às 22h, chuva forte com vento turbulento.
28 fev.	...	57º ao meio-dia	6h, 26’725 11h30, 26’80 23h, 26’675	Manhã fria, nublada, cinzenta. Entre 7.30 e 11h, chuvisco. Muito frio o dia inteiro, vento frio, sol nublado ao meio-dia.
29 fev.	...	...	6h, 26’675 12h, 26’80 21h, 26’80	Cedo, tempo fechado e frio. Dia magnífico, quente. Não choveu. Noite estrelada.
1 mar.	6h, 52º	...	6h, 26’80	Dia limpo. Noite estrelada.
2 mar.	6h, 52º	...	6h, 26’75 18h, 26’75	*Idem. Idem.*
3 mar.	5h45, 56º	...	5h45, 26’80	Cedo, névoa densa. Dia sem nuvens.
4 mar.	6h15, 54º	...	6h15, 26’75 22h30, 26’70	Outro dia escaldante. Cirros esparsos e estratos-cúmulos. Noite linda. Relâmpagos a sudoeste.
5 mar.	...	...	6h, 26’725 20h, 26’70	Chuva fina e contínua até as 8h. Manhã abafada. Às 14h30, poucas gotas de chuva. Tarde e noite esplêndidas. Às 19h30, chuva muito forte, com relâmpagos. Depois, violenta tempestade com trovões, *uma terrível trovoada*.
6 mar.	...	...	6h, 26’70 18h, 26’65	Cedo, tempo encoberto e frio. Bom ao meio-dia. Às 13h30, chuva. Tarde linda. Noite clara.
7 mar.	...	...	6h, 26’75 18h, 26’70 22h, 26’75	Todo o dia nublado, muito frio. Chuva forte a noroeste toda a tarde, mas nenhuma para nós até as 18h. Depois chuvisco a noite inteira.
8 mar.	...	63º ao meio-dia	6h, 26’75 22h30, 26’75	Cedo, chuvisco, frio. Chuva a cântaros, ininterrupta, o dia inteiro.
9 mar.	...	...	7h, 26’75 22h, 26’765	Chuva contínua, de chuvisco a chuva forte, dia e noite.
10 mar.	...	...	6h30, 26’765	Cedo, tempo nublado, com névoa densa. Tempo bom ao meio-dia. Tarde quente, com sol. Fortes trovões após o pôr do sol. Não choveu.

Data	Fahrenheit-Term. de temp.		Barômetro/ Polegadas.	Observações
	Mínima	Máxima		
11 mar.	...	...	7h, 26'80 22h, 26'82	Névoa densa, desaparecendo às 9h45. Tempo magnífico até o meio-dia. Depois, trovões, chuva forte e vento, com intervalos, a tarde inteira. Noite nublada.
12 mar.	...	...	7h, 26'80	Cedo, névoa densa. Cúmulos-nimbos carregados até o meio-dia, depois, cirros no céu, cúmulos no horizonte. Muito calor. Às 13h30, muito vento, chuva cortante. Tarde com pancadas de chuva. Pôr do sol majestoso, tempestuoso, com reflexos alaranjados posteriores.
13 mar.	...	...	0h30, 26'80 8h, 26'80 23h, 26'80	Chuva torrencial, muito frio, brisa fresca de manhã cedo. Dia inteiro sem sol, com pancadas de chuva. Às 14h30, vento forte e borrascoso. Às 23h, névoa densa. Muito frio.
14 mar.	...	...	7h, 26'825 23h, 26'81	Cedo, tempo fechado e frio. Às 10h30, quente, com sol. Tarde nublada, com brisa amena. Lindos reflexos escarlates após o pôr do sol. Após as 23h, névoa densa.
15 mar.	...	...	7h, 26'81	Névoa densa até as 9h. Ao meio-dia, céu quase limpo. Bela tarde.
16 mar.	...	...	7h, 26'825	Cedo, névoa. Dia frio, bastante nublado. Belo pôr do sol. Noite de céu limpo.
17 mar.	10h45, 71º	...	6h, 26'775	Névoa densa às 6h. O céu começou a limpar às 7h30. Às 10h, céu limpo, brisa agradável. Magnífico pôr do sol, com reflexos posteriores. Bela noite.
18 mar.	...	...	6h30, 26'75 22h, 26'775	Cedo, céu nublado, todo encoberto. Às 9h, céu limpo, brisa. Ao meio-dia, alguns cúmulos. Às 16h, trovões e chuva forte para o noroeste. Às 20h, chuva forte. Trovões muito fortes toda a noite, mas apenas algumas gotas de chuva.
19 mar.	6h, 66º 22h, 68º	11h, 95º	6h, 26'675	Cedo, névoa ligeira. Dia claro. À noite, muitos relâmpagos a sudoeste e a sudeste.
20 mar.	6h30, 61º	...	6h30, 26'875	Céu inteiramente coberto. Névoa densa, aumentando até as 8h. Às 8h30, céu limpo. Dia magnífico, crepúsculo sem nuvens. Relâmpagos ao leste.

21 mar.	...	...	6h30, 26'90 22h, 26'875	Tempo encoberto. Brisas fortes, frescas. Ar muito fresco. Mas pouco sol. Pôr do sol sem nuvens.
22 mar.	...	...	6h, 26'775	Tempo encoberto. Névoa nos vales. Às 8h30, céu quase limpo. Sol escaldante, brisa forte. Lindo pôr do sol. Noite sem nuvens.
23 mar.	...	...	7h, 26'875 14h30, 26'80	Névoa densa até as 8h. Magnífico dia limpo. Noite estrelada.
24 mar.	6h, 53º	...	6h, 26'875 9h30, 26'875 23h, 26'8	Névoa densa até as 8h30. Às 11h, 73º dentro de casa. Tempo bastante nublado, com brisas. Belo pôr do sol. Estrelas.
25 mar.	6h, 56º	11h, 100º	6h, 26'85 22h, 26'825	Cedo, tempo frio e nublado, com nuvens baixas. Lindo dia, com belos reflexos após o pôr do sol.
26 mar.	...	...	7h, 26'825 22h, 26'80	Céu inteiramente coberto, manhã fria, com brisas. Bom tempo depois das 11h, com alguns estratos-cúmulos. Das 12 às 14h, brisas fortes e tempestuosas. Belo pôr do sol, com reflexos posteriores.

Data	Fahrenheit-Term. de temp.		Barômetro/ Polegadas.	Observações
	Mínima	Máxima		
27 mar.	6h, 55º	...	6h, 26'80 12h, 26'80 22h, 26'80	Tempo frio, com vento, chuvisco até as 10h. Às 14h, ligeira pancada de chuva. Depois, tempo frio e turbulento, com muito pouco sol. Às 15h30, chuva cortante do oeste. Pancadas de chuva à tardinha e à noite.
28 mar.	6h30, 60º	meio-dia, 96º	6h30, 26'80 12h, 26'80	Dia frio, nublado, com vento. Ao meio-dia, sol, ameaça de tempestade, mas belo pôr do sol.
29 mar.	7h, 63º	....	7h, 26'775 20h30, 26'75	Céu limpo até às 11h. Tarde nublada.
30 mar.	7h, 63º	...	7h, 26'80 15h, 26'725 21h, 20'80	Tempo muito bom o dia inteiro, mas com muitas nuvens. Noite clara, relâmpagos a sudoeste.
31 mar.	6h30, 58º	...	6h30, 26'80 22h, 26'80	Céu limpo, com densa névoa baixa, cedo. Dia muito quente. Bela noite, relâmpagos a sudoeste. Belos reflexos do pôr do sol.

1 abr.	...	...	7h, 26’80 12h, 26’75 17h30, 26’75	Cedo, névoa densa. Dia claro, muito quente. À tarde, vento forte e turbulento. Tempestades e trovões ao norte. Algumas gotas de chuva. Nublado depois das 17h.
2 abr.	54º 6h30, 56º	11h, 110º	6h30, 26’80	Cedo, céu nublado. Limpo, às 10h. Tarde bastante nublada. Bela noite.
3 abr.	50º 6h30, 57º	10h30, 96º	6h30, 26’80	Tempo fechado: densa neblina nos vales. Às 10h, céu quase limpo. Tarde com brisa e pancadas de chuva. Noite nublada.
4 abr.	50º	meio-dia, 85º	6h30, 26’725 12h, 26’725	Enxurradas durante a noite. Cedo, névoa. Bela manhã. Tarde fria, nublada, com chuvas. Magnífico pôr do sol, com reflexos posteriores.
5 abr.	50º 6h30, 53º	...	6h, 26’725	Alvorada sem nuvens, tempo bom o dia inteiro.
6 abr.	44º	...	Às 7h, 26’80	Dia limpo, Belos reflexos do pôr do sol.
7 abr.	46º 7h, 55º	...	15h, 26’70 7h, 26’80 12h, 26’75 21h, 26’75	Névoa densa às 7h. Céu bem limpo às 9h. Dia e noite com céu claro.
8 abr.	46º 7h, 56º	...	6h, 26’75	Céu inteiramente coberto, densa névoa nos vales. Dia frio e nebuloso. Ao meio-dia, chuva ligeira. Entre 17.30 e 18h30, chuva forte, com trovões.
9 abr.	56º 6h30, 60º	66º ao meio-dia	6h30, 26’75 22h, 26’775	Chuva fina até o meio-dia. Tarde nublada. Belo pôr do sol.
10 abr.	54º 6h30, 61º	...	6h30, 26’775 22h, 26’825	Cedo, névoa densa. Dia muito bonito a partir das 10h. Magnífico pôr do sol com reflexos posteriores. Relâmpagos a sudeste.
11 abr.	53º 6h30, 63º	...	6h30, 26’875	Manhã encoberta. Tarde e noite magníficas.
12 abr.	54º 7h, 61º	73º às 11h	7h, 26’90 11h, 26’95	Dia muito frio e tempestuoso, encoberto e nublado.

Data	Fahrenheit-Term. de temp.		Barômetro/ Polegadas.	Observações
	Mínima	Máxima		
13 abr.	46º 9h, 56º	...	9h, 26’90	A partir das 11h, céu limpo. Belo pôr do sol. Relâmpagos ao sul.
14 abr.	53º 6h30, 56º	...	6h30, 26’875 22h, 26’825	A partir do meio-dia, céu limpo. Tarde fria, encoberta. À noite, relâmpagos para o sudoeste, muitos nimbos.
15 abr.	53º 7h, 56º	...	7h, 26’825 12h, 26’80	Chuva fina e constante até as 13h. Tarde e noite com céu encoberto.
16 abr.	50º 7h, 56º	98º às 11h	7h, 26’825 11h, 26’78	Cedo, dia encoberto. Às 11h, tempo magnífico. Por volta das 13h, muita chuva em toda a vizinhança. Chuva forte a partir das 17h, com relâmpagos e trovões à distância.
17 abr.	50º 7h, 56º	11h, 96º	7h, 26’83 11h, 26’80	Cedo, névoa densa. Tempo muito bom lá pelas 11h, que continuou o dia inteiro.
18 abr.	44º 7h, 48º	11h, 86º	7h, 26’84	Céu limpo o dia inteiro, brisa forte mas agradável.
19 abr.	41º 7h, 51º	11h, 86º	7h, 26’80 11h, 26’73	Dia encoberto e frio, com muita névoa cedo. Depois, céu limpo. Brisas frescas soprando do sul.
20 abr.	43º 8h, 55º	15h, 85º (à sombra)	8h, 26’86	Cedo, névoa densa. Dia claro. Belos reflexos após o poente.
21 abr.	48º 7h, 50º	meio-dia, 95º (à sombra)	7h, 26’83	Cedo, névoa densa, que se acentuou até as 8h30. Às 9h30, céu sem nuvens e muito claro, que durou o dia inteiro, com brisas suaves. Reflexos após o pôr do sol.
22 abr.	45º 7h, 55º	...	7h, 26’83	Cedo, névoa densa. Céu limpo lá pelas 10h30. À tarde, algumas nuvens, brisa ligeira. Belos reflexos, com raios carmesim após o pôr do sol.
23 abr.	43º 7h, 56º	...	7h, 26’90	Névoa espessa, cedo. Cerca de 10h, céu limpo. Poucas nuvens após o meio-dia. Depois do pôr do sol, belos reflexos com esplêndidos raios carmesim.
24 abr.	47º 7h, 57º	11h, 86º	7h, 26’85 11h, 26’80 22h, 26’80	Névoa densa até as 10h. Depois, céu limpo, com brisas mansas até o pôr do sol, com reflexos magníficos. No poente nuvens espessas, com relâmpagos a sudeste.

25 abr.	47º 7h, 55º	11h, 85º	7h, 26’82 18h, 26’70	Cedo, névoa densa. Dia bonito, mas frio e nublado. Céu limpo à noite.
26 abr.	46º 7h, 56º	11h, 95º	...	Céu inteiramente coberto. Pesados nimbos com brisas frescas o dia inteiro. Belos reflexos após o pôr do sol, com oito largos raios de sol.
27 abr.	45º 8h, 60º	...	8h, 26’80	Céu limpo o dia inteiro. Pálidos reflexos após o pôr do sol.
28 abr.	42º 7h, 47º	11h, 82º	7h, 26’88 23h, 26’80	Cedo, céu limpo. A partir das 11h, mais ou menos nublado. Brisas frescas o dia inteiro. Belo pôr do sol, com céu limpo.
29 abr.	44º 7h, 54º 17h, 60º	meio-dia, 90º	7h, 26’85	Névoa pesada nos vales, céu limpo às 6h. Ao meio-dia, sol quente, vento fresco e tempestuoso.

Data	Fahrenheit-Term. de temp.		Barômetro/ Polegadas.	Observações
	Mínima	Máxima		
30 abr.	41º 7h, 48º	11h, 88º	7h, 26’85 11h, 26’80 20h30, 26’80	Névoa densa até as 9h; depois, céu limpo até o meio-dia. Tarde fria e nublada. Céu limpo cerca de 20h30.
1 mai.	41º 7h, 53º	11h, 96º	7h, 26’85	Névoa densa. Às 10h, o tempo começou a clarear rapidamente. Céu bem limpo por volta de 10h30. Brisas ligeiras. Belos reflexos difusos após o poente.
2 mai.	45º 7h, 55º	11h30, 85º	7h, 26’875	Céu inteiramente coberto. Nuvens muito baixas. Um pouco de sol. Brisas à tarde. Às 17h, trovoadas muito fortes, com nuvens por toda parte. Muita chuva a sudoeste. Pôr do sol tempestuoso. Às 21h, céu limpo, todo encoberto às 23h. Não choveu aqui.
3 mai.	53º 7h, 60º	...	7h, 26’90	Céu totalmente coberto, com nuvens e vento o dia inteiro. Céu limpo às 22h.
4 mai.	41º 8h, 55º	...	8h, 26’88 22h, 26’80	Cedo, névoa densa. Dia e noite com céu quase limpo.

5 mai.	40º	11h, 86º	7h, 26’80	Às 7h, névoa densa, muito frio, umidade penetrante. Às 10h30 a névoa se dispersa, nuvens no céu. A partir das 11h, céu limpo, brisas frescas.
6 mai.	44º 6h, 55º	...	6h, 26’80 21h, 29’63	Cedo, névoa densa. Dia e noite com céu limpo.
7 mai.	39º 7h, 48º	meio-dia, 88º	7h, 26’785 meio-dia, 26’73	Céu limpo o dia inteiro.
8 mai.	45º 6h30, 50º	...	6h30, 26’80	Dia encoberto, nublado, abafado. Entre 11 e 12h, tempo ensolarado, depois nublado. Ligeiras pancadas de chuva entre 17 e 18h.
9 mai.	45º 6h30, 50º	...	6h30, 26’90	Dia inteiramente encoberto. Brisas fortes. Noite fria.
10 mai.	45º 7h, 54º	...	7h, 26’80	Às 3h, céu limpo, luar brilhante. Céu inteiramente encoberto o dia inteiro, com vislumbres de sol até as 17h30. Depois, céu limpo.
11 mai.*	...	...	8h, 26’90	Névoa cedo. Dia sem nuvens. À tarde, alguns cúmulos.
*O termômetro foi roubado, recuperado no dia 1; mas não pude deixa-lo ao ar livre e registrar os dados durante o dia.				
12 mai.	...	...	6h, 36’80 21h, 26’80	Às 6h, névoa densa, tempo áspero, úmido, muito frio. A partir das 9h30, céu limpo, brisa forte. Às 21h, luar claro.
13 mai.	49º 6h30, 53º	...	6h30, 26’85	Cedo, céu todo encoberto. A partir das 9h, tempo muito bom, com nuvens ocasionais.
14 mai.	49º 7h, 56º	...	7h, 26’85	Cedo, céu totalmente coberto. Belo dia, mas frio, com sol quente, intermitente. Noite muito escura, nimbos espessos.
15 mai.	50º	...	6h30, 26’85	Nuvens espessas a manhã inteira. Dia frio. À tarde, um pouco de sol. Às 23h, tempo muito frio, áspero, neblina densa.
16 mai.	53º 7h, 56º	...	7h, 26’85 22h, 26’80	Até as 10h, céu inteiramente encoberto. Dia bonito e quente. Noite fria.
17 mai.	47º 7h, 53º	...	7h, 26’80	Cedo, névoa densa. Dia muito bonito e quente. Noite muito escura, muitos nimbos.

Data	Fahrenheit-Term. de temp.		Barômetro/ Polegadas.	Observações
	Mínima	Máxima		
18 mai.	55º 8h, 55º	...	8h, 26’80 15h30, 26’70	Céu totalmente coberto. Temperatura amena. Chuva pesada às 14 e às 17h. Relâmpagos a oeste às 22h. Chuva pesada, com intervalos, a noite inteira.
19 mai.	55º 17h30, 26’70	...	6h, 26’775	Chuva forte e fina a noite inteira. Tarde encoberta, vislumbres de sol. Céu limpo ao ocaso. Às 22h, tempo nublado, com relâmpagos nas vizinhanças.
20 mai.	45º 7h, 55º	...	7h, 26’765 21h, 26’80	Nimbos pesados, todo o dia frio e encoberto. Noite nublada, muito fria.
21 mai.	40º 7h, 48º	...	7h, 26’80 17h, 26’84	Cedo, céu limpo, frio. Cirros o dia inteiro. Ao meio-dia, sol quente, tarde fria e nublada. Céu limpo e estrelado à noite. Vento austral muito frio.
22 mai.	29º 7h, 44º 18h, 37º	...	8h, 26’93 12h, 26’88 22h, 26’88	Cedo, tempo sem nuvens, muito frio. Dia inteiro sem nuvens; brisas austrais, mansas e suaves. Ao meio-dia, 55º dentro de casa. Às 18h30, muito frio, 50º dentro de casa. Pôr do sol lindo, sem nuvens, alaranjado. Ligeiro reflexo carmesim depois.
23 mai.	26º 7h, 41º	11h, 93º	7h, 27’04	Às 7h, muito frio, céu limpo. Vento sudeste forte e turbulento. Às 11h, 53º dentro de casa.
24 mai.	25º 8h30, 55º 20h30, 37º	...	8h30, 27’09 20h30, 26’98	8h30, frio, céu limpo. Dia magnífico, sem nuvens, brisas suaves.
25 mai.	30º 8h30, 55º	...	8h30, 27’04 15h, 26’90	Às 8h30, névoa densa, mais amena. Dia magnífico, sem nuvens.
26 mai.	32º 7h, 38º	...	7h, 26’95	Céu limpo, mas, cedo, densas névoas nos vales. Dia magnífico. Belos reflexos rubros do sol poente.
27 mai.	31º 5h, 37º	...	5h, 26’90	Às 5h, frio e úmido. Cerca de 6h, névoa densa e penetrante, muito fria. Às 11h, céu limpo.
30 mai.*	61º 7h, 61º 22h, 68º	...	*† 7h, 29’80 18h, 29’78 22h, 29’825	Dia quase sem nuvens. No Observatório Imperial, máxima de 23.9º C, mínima de 17.5ºC.

* Estando sem o termômetro de temperaturas máximas e permanecendo na cidade o dia inteiro, não pude anotar os dados. As temperaturas máximas anotadas são registradas pelo Observatório Imperial do Rio de Janeiro. Para converter leituras do sistema centígrado para o sistema Farenheit, se x= centígrados, então 9/5x + 32º = graus Fahrenheit.

31 mai.	63º 7h, 63º 21h30, 70º	...	7h, 29’825 21h, 29’87	Cedo, névoa ligeira. Fortes tempestades de manhã. Dia sem nuvens.
1 jun.	67º 7h30, 68º 22h, 68º	...	7h30, 30’00 22h, 30’06	Céu inteiramente encoberto. Nimbos espessos. Muita chuva entre 10 e 12h. Depois chuva fina até as 18h. Pesadas e repetidas pancadas de chuva a noite inteira.
2 jun.	63º 22h, 64º	...	7h30, 30’06 22h, 30’05	Às 7h30, céu totalmente encoberto. Chuviscos, pancadas de chuva e chuva forte entre 8 e 19h. Céu limpo por volta de 21h.
3 jun.	58º 7h30, 60º	21.7 ºC	7h30, 30’02 23h, 29’96	Dia sem nuvens.

Data	Fahrenheit-Term. de temp.		Barômetro/ Polegadas.	Observações
	Mínima	Máxima		
4 jun.	50º 7h30, 64º 18h, 61º	12h, 98º 22.5º C	7h30, 29’96 14h, 29’87 18h, 29’87	*Idem.*
5 jun.	52º 7h, 53º	...	7h, 29’89 18h, 29’95 23h, 30’90	Céu limpo pela manhã. Cirros à tarde. Noite sem nuvens.
6 jun.	50º 7h, 53º	...	7h, 30’02 18h, 29’95	Dia sem nuvens. Às 17h, nuvens espessas, brisa suave. Às 22h, céu nublado.
7 jun.	53º 7h, 60º	...	7h, 30’00	Cedo, névoa densa, depois, céu limpo. Tarde nublada.
8 jun.	54º 7h, 56º	22º	7h, 30’02 14h, 29’08	Céu limpo. Nuvens entre 18 e 21h, depois limpo.
9 jun.	54º 7h, 56º	25.5º	7h, 29’87 23h, 29’85	Céu limpo.
10 jun.	56º 7h, 60º	23.4º	7h, 29’89 23h, 29’96	Cedo, tempo nublado, Entre 8 e 10h, céu limpo. Depois do meio-dia, céu encoberto.
11 jun.	56º 7h, 61º	23.3º	7h, 29’96 22h, 20’87	Céu limpo pela manhã. Leves cirros à tarde e à noite. Lua nublada.

12 jun.	58º 7h30, 63º	26.8º	7h30, 29’82	Sol nublado, alternando mais e menos nuvens.
13 jun.	58º 7h15, 66º	26.3º	7h15, 29’82 18h, 29’82	Cedo, céu limpo. Depois, nublado até as 12h. Tarde nublada, brisas, luar sem nuvens.
14 jun.	58º 7h, 64º	24.6º	7h, 29’5 22h, 29’95	Dia totalmente encoberto. À noite, chuva ligeira, brisas intensas.
15 jun.	58º 8h, 62º	30.3º	8h30, 29’97 22h, 30’07	Às 8h, chuva forte. Manhã nublada. Tarde bela e brisas intensas.
16 jun.	47º 7h30, 52º	20.1º	7h30, 30’12 23h, 30’13	Céu sem nuvens. Belos reflexos após o pôr do sol.
17 jun.	48º 7h30, 57º	22.1º	7h30, 30’06 21h, 30’00	Céu sem nuvens. Fracos reflexos após o pôr do sol. Noite nublada.
18 jun.	53º 7h30, 58º	23.3º	7h30, 30’00 22h, 30’07	Até as 9h, céu nublado. Limpo depois das 11h.
19 jun.	58º 7h, 60º	22.4º	7h, 30’00 22h, 30’02	Nimbos espessos o dia inteiro. Cedo, muita chuva.
20 jun.	55º 7h, 60º	23.5º	7h, 30’00 22h, 29’90	Dia sem nuvens. Ligeiros reflexos do pôr do sol. Noite de céu limpo.
21 jun.	54º 7h, 63º	24.5º	7h, 29’90 22h, 29’85	Dia de céu limpo.
22 jun.	54º 9h, 97º (ao sol)	26.8º	9h, 29’85 18h, 29’83	*Idem*.
23 jun.	63º 8h, 66º	25.1º 22h, 29’90	8h, 29’96	Cedo, céu inteiramente coberto. Cerca de 10h, céu limpo. Dia muito quente e abafado.

Data	**Fahrenheit-Term. de temp.**		**Barômetro/ Polegadas.**	**Observações**
	Mínima	**Máxima**		
24 jun.	62º	24.8º	7h, 29’86	Linda manhã. Forte vento turbulento. À tarde, cúmulos esparsos. Pôr do sol totalmente encoberto.
25 jun.	59º 7h, 59º	19.6º	7h, 29’93	Às 7h, chuva a cântaros. O dia inteiro com pancadas de chuva, chuvisco e chuva forte, a intervalos. À note, chuva muito forte com vento turbulento.
26 jun.	50º 7h30, 52º	19.8º	7h30, 30’03	Ligeiros chuviscos ocasionais.

27 jun.	50º 7h, 55º	19.1º	7h, 30’06	Vento muito fresco, cedo, muito encoberto. Dia frio e nublado. Às 17h, espessas nuvens de tempestade.
28 jun.	54º 7h, 55º	...	7h, 30’15	À noite, choveu a cântaros. Às 8h, tempo bom, mas nublado com nuvens e névoas sobre as montanhas. Chuviscos o dia inteiro. Belas nuvens rosadas ao pôr do sol. Linda noite.
29 jun.	50º 9h, 80º (ao sol)	...	9h, 30’00	Céu limpo durante o dia e a noite.
30 jun.	46º 8h, 65º	...	8h, 30’13	Manhã fresca, céu limpo. Lindo dia. Reflexos após o pôr do sol.
1 jul.	47º 7h, 53º	...	7h, 30’11	Manhã fresca, céu limpo. Todo dia sem nuvens. Céu limpo à noite.
2 jul.	46º 7h, 56º	...	00h30, 30’10 7h, 30’16	Às 7h, névoa densa. Céu limpo durante o dia.
3 jul.	56º 7h30, 60º	...	...	Dia de céu limpo. Leves reflexos após o pôr do sol.
4 jul.	56º 7h30, 65º	...	7h30, 30’06	Cirros até as 12h, depois céu limpo. Reflexos após o por do sol.
5 jul.	54º 7h30, 63º	...	7h30, 30’08 22h, 30’08	Céu claro durante o dia. Fracos reflexos após o por do sol.
6 jul.	52º 9h, 96º (ao sol)	...	9h, 30’16	Dia sem nuvens.
7 jul.	51º 7h30, 72º	...	7h30, 30’05	Cedo, névoa ligeira. Dia de céu limpo.
8 jul.	54º 7h30, 65º	...	7h30, 29’98 21h, 29’87	Cedo, tempo fechado, abafado. Cerca de 9h, céu limpo.
9 jul.	54º 7h30, 65º	...	7h30, 29’87	Dia sem nuvens.
10 jul.	56º 7h30, 68º	21.4º	7h30, 29’21	Céu totalmente encoberto. Densos nimbos por toda a tarde. Muita chuva à tardinha e a noite inteira.
11 jul.	58º 8h, 75º	21.0º	...	Chuva a cântaros. Ao meio-dia, estiou um pouco.
12 jul.	60º 8h, 65º	...	Às 8h, 29’82 Às 20h30. 29’85	Céu totalmente encoberto. Chuva às 16h30. Aguaceiro a noite inteira.

Data	Fahrenheit-Term. de temp.		Barômetro/ Polegadas.	Observações
	Mínima	Máxima		
13 jul.	58º 8h, 63º 17h30, 55º	21.4º 8h, 29’88 19h30, 29’81		Chuva fina e constante. Tarde fria, úmida, com vento. Às 19h30, noite fria, céu claro. Relâmpago ao norte. Chuva de 16’40 mm.
14 jul.	50º 8h, 56º	21.9º	8h, 29’95 23h, 30’07	Muitas nuvens, brisa fresca. Bela noite.
15 jul.	51º 7h30, 60º	...	7h30, 30’07	Cedo, céu fechado. Bastante nublado até as 14h. Depois céu limpo até o ocaso.
16 jul.	50º 7h30, 56º	...	7h30, 30’12 22h, 30’04	Cedo, tempo frio, totalmente fechado. Gradualmente, as nuvens se dispersam. Perto do meio-dia, tempo limpo.
17 jul.	50º 7h30, 65º	...	7h30, 30’11	Cedo, neblina. Tempo fresco e limpo. Nublado até o meio-dia. Depois, claro.
18 jul.	53º 8h, 67º	...	...	Cedo, ligeira neblina. Céu limpo durante o dia. Algumas nuvens à noite.
19 jul.	53º 7h30, 65º	...	...	Cedo, ligeira neblina. Céu limpo durante o dia.
20 jul.	54º 9h, 95º (ao sol)	...	...	Céu limpo durante o dia.
21 jul.	53º 7h30, 75º (ao sol)	...	...	Sem nuvens até o meio-dia; depois, cúmulos dispersos.
22 jul.	56º 7h, 61º	...	7h, 30’05 22h30, 27’55	Cedo, densa névoa sobre os morros. Céu limpo durante o dia. Brisa mansa. *Em Petrópolis*. Às 22h30, 60º. Senti muito frio.
23 jul.	...	...	8h, 27’55 18h, 27’55	*Em Petrópolis*. Às 8h, 80º. Cúmulos e nimbos. Todo o dia frio e nublado.
24 jul.	...	...	6h, 27’55 9h, 30’10	*Em Petrópolis*. Muito frio. *No Rio de Janeiro*. Dia frio e nublado.
25 jul.	...	...	...	Dia de céu limpo.
26 jul.	...	...	22h, 30’04	Cedo, tempo nublado. Dia de céu limpo.
27 jul.	...	...	9h, 29’94	Cedo, totalmente encoberto. Durante o dia, céu limpo.

N.A. Ao apresentar estas observações meteorológicas, e responsabilizando-me por sua exatidão, lamento que sejam poucas e imperfeitas. Minhas desculpas serão forçosamente a falta de experiência neste trabalho, a falta dos nstrumentos necessários e a pressão de outras obrigações.

BREVES NOTAS SOBRE ANIMAIS, PÁSSAROS E RÉPTEIS

MACACOS (*Quadrumana*)

Os primatas são representados na atualidade por muitas espécies, mas poucos vestígios de seu gênero podem ser encontrados nos depósitos rupestres do Brasil. O traço mais notável é o número de espécies com caudas prêenseis, característica inexistente em qualquer dos macacos do Velho Mundo.[1] Todos os macacos da América do Sul incluem-se na família *Cebidæ.*

Só tive a oportunidade de observar de perto os saguis, que se assemelham aos lêmures. Esses (*Jacchus*) existem em abundância nas florestas perto de Brumado (Entre-Rios de Minas) e até nas densas matas vizinhas ao Corcovado, perto do Rio de Janeiro. Trouxe para casa dois dos *Jacchus pencillatus* ou saguis de orelhas negras que comprei na Bahia. Ficaram muito mansos. Um morreu no princípio de junho e outro no dia 24 de junho de 1885. A bordo do *Valparaíso* havia também muitos do tipo *Jacchus vulgaris,* que têm bigodes brancos em vez de pretos. O nome local para esse macaco é sagui.

MORCEGOS (*Cheiroptera)*

Não colecionei espécimes de morcegos, mas, examinando os do Museu Britânico, reconheço uma espécie de *Phyllostoma* (não *spectrum*) e *Desmodus rufus.* Encontrei o último muitas vezes e disseram-me que atacava o gado. Já contei que meus cavalos foram atacados por um vampiro. Pode ter sido o que estou mencionando agora.

Diz o Capitão Burton,[2] durante sua permanência em Barroso, perto de São João del-Rei:

> Levantando-nos antes do nascer do sol... descobrimos pelo couro dos cavalos, manchado de sangue coagulado, que tinham sido muito mordidos pelo "vampiro" *(Vespertilio naso,* ou *Phyllostomus spectrum)...* chamados localmente de "morcego", "andira" ou "guandira". Esses grandes morcegos castanhos avermelhados, de voo fantasmagórico e de gostos canibais, estão confinados no continente americano e, inexplicavelmente, preferem certos lugares...

1 . N.A. Liais, *Climats, Faune, etc*., p. 554, 555.

2 . N.A. *Highlands of Brazil*, vol. I, p. 107, 108.

Em São Paulo e Minas, não tive notícia de um único caso de homem mordido pelos "feios morcegos-fantasmas"... Contudo... Cabiza de Vaca (1543) foi ferido pelo monstro de nariz semelhante a uma folha, perto do lago Xarayes. Os Srs. Bates e A.W. Wallace e... Charles H. Williams, da Bahia, foram pessoalmente atacados no Amazonas, onde o rinófilo parece francamente antropófago. Recentemente, o estilo de ataque do morcego tornou-se matéria de controvérsia. A ferida é infligida de forma suave e hábil. Nunca vi meus cavalos ou mulas assustados por causa disso. O príncipe Maximilian de Neuwied afirma que o morcego usa os dentes, Gardner acha que a picada é feita com a unha afiada do polegar. O Tenente Herndon acha que as presas dão a mordida, ao passo que as narinas são adaptadas para a sucção... A estrutura da mandíbula, entretanto, fala por si mesma. Deve ser como uma visão do Juízo Final acordar de repente e descobrir, na ponta do próprio nariz e no ato de sugar o sangue vital, aquela face demoníaca, de nariz deformado, orelhas de sátiro, e olhos fixos, semelhantes a discos, completos por um corpo que mede dois pés entre as extremidades das asas.

H. W. Bates[3] diz que "o chamado vampiro é o mais inofensivo dos morcegos, sendo o fato bem conhecido pelos habitantes da região do Amazonas... Abri os estômagos de vários desses morcegos, e descobri que continham polpa e sementes de frutas, misturados com restos de insetos".

CAPIVARAS E PACA (*Rodentia*)

A capivara, *Hydrochærus capybara* (Cavidæ) é aparentada com o porquinho-da-índia. É o maior dos roedores vivos, atingindo um comprimento de três a quatro pés. É um animal sul-americano, que leva uma vida semiaquática, sendo incompletas, por isso, suas membranas natatórias. É um animal inofensivo e sem inteligência, de aparência bem semelhante à de um pequeno porco.[4]

Não vi esse animal, mas ouvi falar de que apareciam frequentemente às margens do rio Pará perto de Pitangui. Há muitos lugares com nomes derivados dele. O Capitão Burton[5] diz ter visto o animal às margens do Paraibuna, perto do majestoso precipício de Pedra da Fortaleza, na

3 . N.A. *The naturalist on the River Amazons,* vol. II, p. 333.

4 . N.A. Alleyne Nicholson, *Manual of zoology*.

5 . N.A. *Highlands of Brazil*, vol. I, p. 43.

fronteira entre Minas Gerais e o Rio de Janeiro. O nome indígena é capi-uara, de *caapíim,* que quer dizer grama, e *guára,* comedor. É um animal gregário. Liais o chama de cabiai ou capiguara. Em nossos dias, só existe uma espécie. Em depósitos do período terciário tardio foram encontrados restos de uma espécie maior do que a anta.

A paca. Referi-me a esse animal mais de uma vez, considerando-o excelente como alimento. É *Cælogenus* (F. Cuvier) ou *Cælogenys* (Illiger) *paca.* Liais observa que ambos os nomes são errôneos, primeiro, etimologicamente, e segundo, por não serem característicos da espécie.[6] Assim, supõe-se que o nome *Cælogenus* seja derivado de *koilos,* que significa bolsa, e *genus,* mordente. Se fosse assim, o nome deveria ser *Genys-cælus.* Mas, por outro lado, existem outros roedores com essa característica. A espécie, que é a única do gênero, deveria, de acordo com Liais, chamar-se *Paca Americanus.* Existe em todo o Brasil, nas Guianas e no Paraguai. Depois de estender-se descrevendo sua anatomia, Liais disse:

> Correm muito rápido, saltam obstáculos, nadam e mergulham de uma forma que chama a atenção. Procuram geralmente florestas úmidas e margens de rios. Não cavam a terra, nem cobrem a entrada de sua toca com palha, como já se disse. Aproveitam os buracos cavados por outros animais, especialmente por tatus... Visitam as plantações de cana-de-açúcar, campos de milho e de batata. Sua carne é muito delicada *(très recherché)* e são muito cobiçadas por caçadores, havendo cães especialmente treinados para esse objetivo.

QUATI (*Plantigrada*)

Esses animaizinhos são parentes próximos de ursos verdadeiros. Já disse ter visto dois espécimes: um na floresta perto de Paraopeba, o outro trazido a bordo para ser vendido em Pernambuco. O primeiro era muito bravo, tendo sido capturado há pouco tempo, e dava guinchos altos, enquanto mordia tudo que estava ao seu alcance; o último era uma criaturinha mansa e muito atraente, com uma pele linda. Ambos tinham olhos muito bonitos.

As principais características do gênero são de acordo com Liais o nariz muito comprido, que na verdade é uma tromba, e uma cauda muito cabeluda, que não é preênsil. Os dois espécimes que vi enrolavam a cauda em volta de qualquer objeto próximo; mas, como estavam presos, não

6. N.A *Climats, faune, etc.*, p. 537 etc.

pude observar se a usavam para ajudar na locomoção.

O nome indígena é *cuati,* de *cua,* cinto, e *tim,* nariz, que parece indicar a flexibilidade do órgão. Liais recomenda *Cuati*, como nome genérico; *Nasua* é a denominação consagrada.

Há duas espécies: *C. socialis,* "quati de bandas", uma espécie gregária, que foge quando perseguida, e C. *solitaris,* "cuati mondé", uma espécie solitária, feroz, que ataca e mata cães. O príncipe Maximilian de Neuwied distingue as duas espécies; Azara só admite uma.

ONÇAS (*Digitigrada)*

Onça suçuarana (*Felidæ*). A etimologia brasileira é fonética,[7] de modo que quase não me surpreendeu encontrar esse nome escrito de formas diferentes por Liais e pelo Capitão Burton. O primeiro usa *suçuarana,* o último *çuçuaranna* ou *çuçurana.*

M. Liais, depois de descrever o jaguar, passa aos pumas ou suçuaranas *(Felis concolor,* Linn.), que se aproximam do leão. Diz ele:[8]

> No Brasil esses animais são conhecidos com o nome de suçuarana, reconhecendo-se duas espécies distintas; a verdadeira suçuarana, também chamada de onça vermelha (red ounce), e a suçuarana do lombo preto (*with black loins*). A primeira é a maior das duas.
>
> O nome suçuarana resulta de uma alteração de Çucuacuára ou Guazouara (de Azara) e Soasoarana, Cougouacouara, Çuguacarana, Cougouora etc. trazidos da Guiana por outros viajantes; e também deu origem ao nome alterado de Cougouar.
>
> Esse nome Çucuacuára é derivado de *çu,* comida, *cuacu,* cobrir, e *ara,* sílaba final muitas vezes usada para descrever um hábito. A palavra significa, portanto, *aquele que cobre sua comida*, e é outro exemplo do cuidado com que os índios observam os hábitos dos animais e o interesse dispensado à preservação dos nomes que lhes dão. A suçuarana tem de fato o hábito de esconder a presa debaixo de um enorme monte de folhas secas, depois de ter comido uma parte, e de voltar à provisão quando está novamente faminta. É o único dos grandes felinos da América do Sul que tem esse hábito, do qual, para minha surpresa, os viajantes

7. Por exemplo, escrevem *cachaça* ou *caxaça*, para a palavra que indica a aguardente branca.

8. *Climats, faune, etc.*, p. 459, *et seq.*

não têm falado... Conservaremos, naturalmente, o nome indígena, tão característicos de seus hábitos, chamando o animal de *Felis suçuarana.*

Além do que já citei, o Capitão Burton diz:[9]

> Há quatro grandes variedades desses felinos:
> 1. A onça çuçuaranna ou çuçurana (a sassú-arána, ou o falso veado, de Bates), de onde a bárbara corruptela "Cougouar", derivou do "Gouazouara" de Azara. Tem nomes diversos, como *Felis onça,* ou *brasiliensis,* ou *concolor,* sendo o último o melhor. É uma das maiores onças. Já vi uma de pele vermelho-acastanhada com cinco pés e oito polegadas de comprimento, sem incluir a cauda, e, contudo, é a menos perigosa. Os locais habitados por esse puma ou leão vermelho parecem abranger todas as zonas tropicais e temperadas do Novo Mundo. É evidentemente a pantera (*panther*) dos Estados Unidos.
> 2. Canguassú ou Cangassu, a variedade maior, com manchas redondas menores, de cor mais clara sobre uma pele castanho-avermelhada. O príncipe Maximilian de Neuwied informa que na Bahia o nome aplica-se a um animal pequeno, cujo pelo é marcado por manchas pretas menores.
> 3. Onça pintada (*painted ounce*), também chamada jaguaráté ("grande" ou "verdadeira devoradora"). Esse *Felis discolor* é um belo animal, especialmente quando o campo branco de suas manchas tem um tom ligeiramente rosado...
> É a onça mais temida; causa muito maior preocupação e destruição do que o necessário, e, depois de empanturrar-se com o sangue, volta para comer com calma a carne da vítima.
> 4. O "Tigre" ou onça preta é o jaguar negro, animal agora raro no Brasil, mas ainda encontrado às margens do rio Paraguai, segundo estou informado.

M. Liais faz um relato sobre o jaguareté dentro da categoria dos jaguares,[10] atribuindo-lhe o nome brasileiro de onça verdadeira ou pintada; menciona igualmente o Jaguarápara (jaguar ri-

9. Vol. II, p. 21, nota.
10. N.A. *Climats, faune, etc.*, p. 445*, et seq.*

beirinho), animal menor, também chamado de onça pintada, que, segundo ele, é muito mais feroz que a precedente. O nome indígena era jaguará tyrye ou jaguar, o que deve ser evitado; daí, por fácil transformação, o termo popular, 'tigre', do Capitão Burton.

> Ambas as espécies de Suçuarana sobem em árvores. Ambas evitam homens e cachorros. Assustam-se até com uma criança a cavalo. Não são vistas perto de lugares densamente habitados. Perseguem no campo os veados,[11] e ocasionalmente atacam os rebanhos, especialmente a Suçuarana do lombo preto. Frequentam grutas mais do que outros felinos e entram nelas ao perseguir pacas e certos cavídeos.

Das quatro espécies de onças mencionadas pelo Capitão Burton, duas são classificadas como jaguares por Liais, uma entre os pumas, e a espécie restante (número 2) é o ocelote.

OCELOTE

Consegui duas peles do ocelote cinzento, *Felis grisea,* em Pernambuco, lugar perto do qual o animal existe com relativa abundância. É conhecido no Brasil com o nome de Canguçu, ou Acanga-assú (cabeça grande).

LOBO (*Digitigrada*)

Canis jubatus (Desm.), Canidæ. Os seguintes extratos do volume de Liais[12] podem ser interessantes no tocante a esse animal, cuja voz ouvi ocasionalmente e que passou perto de minha barraca uma noite, mas do qual eu vi apenas as pegadas.

> Do ponto de vista dos hábitos de alimentação (*régime alimentaire*), as duas espécies do gênero *Canis* mais afastadas entre si são o lobo europeu comum, animal feroz e sanguinário, o mais carnívoro de todas as espécies do gênero, e o lobo Aguará ou Guará do Brasil, *Canis jubatus* de Desmarest, muito inadequadamente chamado de lobo (a palavra portuguesa para *Wol*') em Minas Gerais e descrito na maior parte de obras sobre mamíferos como o lobo do Brasil.

11. N.A. A única coisa que vi do veado foi a pata dianteira de um, que me enviaram de Pitangui.
12. N.A. Páginas 469, 471.

É, contudo, o menos carnívoro de todos os cães conhecidos, e o alimento que prefere são substâncias vegetais... O nome de Aguará, dado pelos índios ao animal, imita, seu uivo, que consiste em três notas sucessivas e distintas, que quase representam as sílabas "a-gua-ra" e se assemelham ao latido de um cão... Na província de Minas Gerais, onde o animal é comum, aguará transformou-se em guará; mas, devido ao desaparecimento da raça indígena, o nome é geralmente substituído pela palavra portuguesa "lobo". Nota-se a supressão do *a* inicial no Brasil, não apenas nessa palavra, mas em muitos outros nomes indígenas de animais, tais como aperca, acuti etc., agora preá, cutia (ou quati) etc., provavelmente devido aos hábitos de abreviação frequentes entre outras tribos no Brasil.[13]

Ouve-se o uivo do guará a enormes distâncias; e nas belas noites de luar, quando o animal sai a vaguear pelas campinas, não é raro ouvir as três fortes entoações de seu latido. É mais raro ver os próprios animais, pois evitam cuidadosamente o homem, e se escondem nos arbustos; nem crianças eles atacam; o menor dos cães os põe para correr com seu latido... O guará caça pequenos mamíferos e as galináceas da campina, mas prefere os insetos grandes, algumas vezes até serpentes. Alimenta-se especialmente da casca de árvores e frutas, e aprecia particularmente o sabor da fruta *Solanum lycocarpum,* chamada pelos nativos de fruta do lobo (*wolf-fruit*).

Essa árvore é muito abundante nas extensas campinas, e muitas vezes atinge as dimensões de uma macieira grande. É belíssima, e muito visível. As flores, frequentemente com mais de uma polegada de largura, são de uma bela cor púrpura, com um centro alaranjado vivo. As folhas são grandes, de um verde azulado, e a fruta tem cerca de seis polegadas de diâmetro, de uma bela cor verde-mar. Ao ser partida, a fruta tem um cheiro muito semelhante ao da maçã, e muitas vezes tive vontade de prová-las, mas informaram-me que era muito ruim de se comer; contudo, os porcos, ubíquos e onívoros, as devoram quando caem. É a maior das *Solanaceæ* que já observei. As árvores dessa espécie são raras.

13. N.A. Muitas vezes tive considerável dificuldade em compreender os nativos, mesmo quando estava razoavelmente *au fait* com a língua, devido ao hábito de suprimirem a sílaba final, de omitir prefixo, e, em geral, à pronúncia pouco clara. É tanto semelhante ao dialeto de Lancashire, onde a frase "*The nearest way is over the stile on the right*" foi uma vez pronunciada para mim como "*T'next way's o'er t'steel on t'reet*".

O guará é um animal dos campos; não habita as florestas. Frequenta geralmente aquelas partes das campinas onde numerosos arbustos crescem sobre a grama, e durante o dia abriga-se nos arbustos. Devido a seus hábitos tímidos e ao fato de evitar as habitações humanas, só posso imaginar que visitou nosso acampamento – a umas duas milhas da aldeia mais próxima – na primeira noite, quando todos nós já tínhamos nos recolhido, à procura de nossas galinhas. Como fizemos barulho, ficou tão assustado que nunca mais apareceu. Nenhum de meus homens o viu, mas ouvi seu uivo, e então, depois de pouco tempo, o ruído de seus passos em volta da barraca.

EDENTADOS

Os edentados ou desdentados formam o grupo inferior dos mamíferos monodelfos. A classe é representada por três grupos, que só existem na América do Sul: o tamanduá, o tatu e o bicho-preguiça, enquanto no Velho Mundo os tamanduás escamosos (*Manidæ*) da África e da Ásia, e o protelo completam o número de famílias existentes dessa estranha ordem.

TAMANDUÁS (*Myrmecophagidæ*)

M. Liais afirma que "o nome desdentado aplica-se realmente a essa família, devido à total ausência de dentes".

Há três espécies:

1. *Myrmecophaga jubata,* Linn.; *Tamanoir*, Buffon; Tamanduá-bandeira. Tamanduá é o nome indígena para o gênero; bandeira significa "flag" ou "standart" em português. Ela refere-se a sua cauda. Tenho uma bela cauda volumosa de um espécime morto no vale do Pará. Tem uma jarda de comprimento e cada fio de cabelo tem de dez a doze polegadas de comprimento.

2. *M. tetradactyla,* Linn.; M. *tamandua,* de Desmarest; *Tamandua,* Buffon; *T. mirim*, ou tamanduá pequeno.

3. M. didactyla, Linn.*;* Fourmilier, Buffon.

M. Liais dá uma longa e interessante descrição da anatomia e dos hábitos dos tamanduás; mas, como não os vi, devo remeter todos os estudantes a seu minucioso livro.[14]

TATUS (*Dasypodidæ*)

Os tatus ou armadillos formam claramente uma família, embora esta possa ser dividida em diversos gêneros.[15] Esses animais, em vez de serem cobertos por pele ou pelo, têm uma espécie

14. N.A. *Climats*, *faune, etc.,* p. 355*, et seq.*

15. N.A. *Ibid*., p. 343, *et seq.*

de carapaça, formada por uma caixa óssea, composta de placas poligonais. Além disso, as placas, colocadas em fileiras transversais, formam um escudo sobre a cabeça, um extenso broquel entre os ombros, e outro no traseiro. Entre esses escudos há tiras diagonais, móveis, mais ou menos numerosas, dependendo da espécie, de modo a permitir ao animal curvar o corpo. A cauda, também, na maioria das espécies, é coberta de placas; mas em algumas espécies as placas se reduzem a uma espécie de tubérculo. Em sua forma geral todos os tatus se parecem; têm o corpo grosso, as pernas curtas, a cabeça pequena, o focinho comprido, e a parte superior do crânio achatada; os olhos são pequenos, e colocados bem de lado; as orelhas, em forma de chifre, são pontudas, bastante compridas, e movediças. Têm sempre cinco dedos nas patas traseiras, e quatro ou cinco nas dianteiras, dependendo da espécie; e todos os dedos são armados de longas unhas semelhantes a ganchos, para cavar a terra.

Por seu sistema dental dividem-se em três gêneros: Priodontes, Dasypus e Tatusia. Os priodontes têm uma espécie apenas e são o maior animal existente na família do tatu, o tatu-gigante – *Dasypus gigas* (G. Cuvier), *Priodontes giganteus* (Lesson), tatu-canastra ou tatu-assu dos nativos. É bastante raro, não sendo encontrado no vale do São Francisco, exceto ao norte dos 19° de latitude sul. Habita também as províncias do Mato Grosso e de Goiás, e o norte do Paraguai. Cava grandes tocas. Como os outros tatus, seu alimento principal consiste de insetos (especialmente as multidões de larvas nos formigueiros e os grandes ninhos dos térmitas), e das tuberosas, abundantes nos campos; mas também devora a carne de animais mortos que encontra.

Dasypus gilvipes, Iiliger (*Dasypus* de pés cor de cinzas), tatu-poyu, conhecido no Brasil como tatu-peba. O nome índio *peba* deriva aparentemente das numerosas galerias que ele cava rapidamente sob o solo... Buffon o chama de *encoubert* (do português *encoberto* ou covered). Desmarest também o chama de *Dasypus encoubert,* Lineu, de *D. sexcinctus...* Essa espécie é comum em Minas Gerais e em todo o vale do rio São Francisco. Não é, contudo, a espécie mais amplamente espalhada nessas regiões. É também encontrado em todo o sul do Brasil e no Paraguai. Seu alimento consiste de frutas, raízes tuberosas e insetos. Sua carne é pouco apreciada e é muito inferior à do tatuetê. Corre com rapidez moderada e pode ser apanhado quando caçado; mas cava tão rapidamente e tem tantas galerias que geralmente desaparece primeiro. É impossível apanhá-lo nas galerias; elas são múltiplas e com várias ramificações. Sai durante o dia e à noite, mas especialmente à noite. No cativeiro, quando não pode desaparecer dentro da terra, achata-se contra o chão, de forma a se proteger com a armadura.

Os tatus restantes pertencem ao gênero Tatusia de F. Cuvier. Portanto, nessa classe colocamos o tatu mais comum e mais amplamente distribuído pelo Brasil, que é chamado na língua indígena de tatuetê (real tatu), nome que os brasileiros substituíram pelo equivalente português, chamando-o de tatu verdadeiro.

Tatuetê de Buffon, *Dasypus octocinctus* de Lineu. O Príncipe Maximilian de Neuwied deu-lhe o nome de tatu-da-cauda comprida, *Tatu longicaudatus...* Encontra-se em todo o Brasil, bem como nas Guianas e no Paraguai. Caçam-no por causa de sua carne, que é de muito boa qualidade; e em função dessa peculiaridade, é frequentemente chamado no Brasil de tatu-veado ("venison tatu"), e mais geralmente de tatu-galinha ("chicken tatu"), sendo o último nome também usado para outra espécie ainda mais delicada, o tatu-mirim, cuja carne branca assemelha-se à da galinha, especialmente pelo gosto e pela aparência.

O *Dasypus uroceras* de Lund foi amplamente reconhecido por esse autor como idêntico ao tatuetê.

O alimento do tatuetê consiste especialmente de raízes e insetos. Nas plantações ataca especialmente as batatas, a mandioca doce e até a mandioca comum. Também come cana-de- açúcar, milho e frutas silvestres que caem das árvores.

Essa espécie é muitíssimo abundante nas campinas. No vale do Alto São Francisco, embora não cave tantas galerias como o tatu-peba, encontramos suas tocas a cada passo. É também visto em lugares mais habitados, mesmo nas vizinhanças do Rio de Janeiro.

O tatuetê corre com grande velocidade, mas não tão rapidamente como o tatu-peba. Nos campos eles desaparecem muito depressa nas numerosas cavidades com que esburacam o chão. Têm hábitos mais noturnos que diurnos, embora muitas vezes apareçam durante o dia. Certa vez agarrei pela cauda um desses animais, que estava começando a cavar um buraco para fugir. Toda a minha força foi insuficiente para arrastá-lo para fora, e precisei da ajuda de um negro forte. O tatu-peba é até mais forte do que o tatuetê.

O tatu-mirim ("*small tatu*") que mencionei há pouco é também chamado pelos brasileiros de tatu-de-folhas ("*tatu of leaves*"), porque vive nas matas no meio das folhas secas, sob as quais se esconde, sem cavar tocas como os outros tatus... É largamente espalhado pela província de Minas Gerais, mas apenas nas florestas, e não é encontrado nos campos como o tatu-eté. Seu comprimento mal atinge a metade do tatuetê... A cor é um cinza chumbo quase preto... As unhas, de acordo com Lund, nunca estão sujas da terra argilosa, como as dos outros tatus. Esse fato confirma a afirmação dos nativos, de que ele não cava buracos.

Outra espécie que habita as províncias do Rio de Janeiro, de Minas Gerais e mesmo de todo o Brasil até a Guiana, e também o Paraguai, é o Tatuay de Azara, também chamado no Brasil de tatu-de-rabo-mole (*tatu with a soft tai*'). É o *Dasypus unicinctus* ou *D. duodecimocinctus* de Lineu, *D. gymnurus* de Illiger, e *Xenurus nudicaudatus* de Lund. Seus hábitos são quase idênticos aos

do tatuetê, mas habita florestas de preferência aos campos. Vi um espécime bem empalhado dessa espécie na rua do Ouvidor, Rio de Janeiro, ao preço de oitenta mil-réis.

Outro tatu comum no norte do Brasil é conhecido no Império com o nome de tatu-bola (*ball tatu*), porque ele contrai a cabeça e as pernas para debaixo da carapaça e rola, formando uma bola, inteiramente protegido por essa forma de seu casco. Vi essa espécie na bacia do São Francisco, na Vila da Barra do rio Grande; mas não se encontra ao sul da bacia. É comum na província do Piauí. Essa espécie é o Apar de Buffon, *D. tricinctus* de Lineu... Foi chamado de tatu apar pelos índios, *apar* significando 'embolado', na língua deles. Portanto, retenho o nome de Tatu apar... Quando encolhido em forma de bola, a força de duas pessoas não basta para desenrolá-lo, como pude provar, por experiência própria... O alimento desse animal consiste em frutas, grãos e insetos. Quando enrolado pode ser jogado à distância, com a mão, como uma bola, sem que ele desembole ou sofra com isso.

O tatu-vela de Azara, conhecido pelo nome de tatu-veludo na banda oriental, o *D. villosus* de Lineu, é provavelmente encontrado nos limites extremos ao sul do Brasil.

O tatu-mulita de Azara, *D. hybridus* para Desmarest, encontra-se na mesma região que o anterior... É menor do que o tatu-veludo... e pode ser a única variedade de tatuetê.

O tatu-pichy de Azara existe também no mesmo local que as duas espécies precedentes... Seu habitat parece estender-se até 42° de latitude sul, onde o frio no inverno chega a 50º na latitude norte. É, talvez, a única raça anã do tatu-peba, ao qual muito se assemelha.

BICHO-PREGUIÇA (*Bradypodidæ*)

Os bichos-preguiça formam um grupo único; alimentam-se de vegetais e, na aparência geral, assemelham-se muito aos macacos.

> Os bichos-preguiça foram feitos para passar a vida dependurados na superfície dos galhos das árvores entre as quais vivem, e sua estrutura é singularmente adaptada a esse objetivo. Os membros dianteiros são muito mais compridos que os traseiros e os ossos do antebraço são notavelmente flexíveis. Todos os pés, mas especialmente os dianteiros, são providos de garras curvas, extraordinariamente longas, com a ajuda das quais consegue mover-se livremente, suspenso, com as costas para baixo, entre os ramos. Essa é não apenas a forma normal de movimento entre as preguiças, mas, até dormindo, o animal parece reter essa posição aparentemente anormal. Devido ao tamanho desproporcional dos membros dianteiros se comparados com os traseiros, e devido ao fato de que os pés traseiros são tão curvos que se torna impossível pôr no chão a sola dos pés, a preguiça é um animal extremamente desajeitado no chão e, por isso, só anda na terra quando absolutamente obrigado. Enquanto o nome de "preguiça" pode, por isso, parecer merecido, do ponto de vista de um mamífero terrestre, é totalmente injusto quando se considera o animal como especialmente adaptado a uma existência arbórea.[16]

Waterton[17] diz que, na floresta, o bicho-preguiça "movimenta-se com boa velocidade, e se alguém o visse, como eu, passando de uma a outra árvore, nunca lhe ocorreria chamá-lo de preguiça".

M. Liais[18] observa que há duas famílias – a Unau (*Cholæpus*, Illiger) e a Aï (*Achcæus*, F. Cuvier). A Unau de Buffon tem duas espécies, das quais apenas uma se espalha pelas florestas do Brasil, especialmente ao norte, *Bradypus didactylus* (Linn.), sendo preguiça (idleness) o nome local. É a maior das preguiças, com trinta polegadas de comprimento. Consegue atravessar grandes rios a nado. Nunca deixa os galhos de uma embaúba sem antes ter devorado todas as folhas. As fêmeas carregam os filhotes no ventre. É geralmente um animal noturno; quando se movimenta durante o dia, é muito mais vagaroso que à noite.

Do gênero Aï (Buffon), a espécie conhecida há mais tempo é a *Bradypus tridactylus* (Linn.), cujo nome local é preguiça ay-ay.[19] Seu comprimento é cerca da metade da Unau. Encontra-se ao norte do Brasil e nas Guianas. A "Aï de costas queimadas", *B. ustus* (Linn.), é menor do que a última citada, e sua pele é mais preta.

A preguiça-de-colarinho é a *B. torquatus*, Illiger, *B. collaris,* Desm., *Achcæus torquatus,* do príncipe Maximilian de Neuwied.

As duas últimas espécies encontram-se nas florestas de Minas Gerais, Espírito Santo, Bahia e Pernambuco. Ouvi dizer que habitam as regiões baixas do rio Pará, perto do rio São Francisco.

Toda a família das preguiças pode ser considerada parasita das imbaúbas,[20] pois as folhas dessas árvores constituem quase seu único alimento. No cativeiro podem ser levadas a comer folhas de figueiras, de aipo e de vegetais macios, mas é muito difícil mantê-las vivas, pois passam fome muito tempo antes de aceitar comer as folhas oferecidas.

---

16. N.A. *Manual of zoology*, Dr Alleyne Nicholson, p. 409.

17. N.A. *Wanderings in South America.*

18. N.A. *Climats, faune, etc.*, p. 338, *et seq.*

19. N.A. Assim chamada por causa do grito lamentoso, "ai-ai".

20. N.A. São chamadas de bicho do imaúba pelos nativos. H. W. Bates, *The naturalist on the River Amazons*, vol. II, p. 56.

Durante o dia, a Aï pode ser apanhada facilmente; nas florestas, costuma cair sobre a gente, e é necessário matá-la para que solte as garras.

O Visconde de Prados contou a Liais um curioso incidente acontecido com ele. Passando um dia a cavalo por uma floresta com taquaras (bambus) pendentes sobre a estrada, sentiu que lhe arrancavam o manto de viagem que levava aos ombros. Uma Aï, suspensa nos bambus, tinha-se agarrado à peça de vestuário e ele não conseguiu forçá-la a largá-la. Resolveu deixá-la ficar enquanto bem entendesse. Mas a Aï continuou agarrada ao manto durante as duas léguas (oito milhas) que o Sr. Prados percorreu até chegar em casa e seus homens tiveram imenso trabalho para fazer o obstinado animal soltar a roupa.

AVES

Os gêneros e espécies de aves são tão numerosos no Brasil que, embora eu tenha muito pouca oportunidade de fazer mais do que observá-las *en passant,* tenho condições, por observação pessoal, e com as notas que tomei sobre os nomes locais, de dar uma lista das espécies mais notáveis. Procurei conservar algumas peles, mas a maioria foi destruída pela umidade e por insetos.

Consegui encontrar os nomes mencionados abaixo, por causa dos espécimes no Museu de História Natural em South Kensington ou por gentileza do Sr. Sharpe, curador daquele departamento, ou a partir dos seguintes livros: *Beiträge zur Naturgeschichte von Brasilien von Maximilian Prinz zu Wied*, Weimar, 1825-1833; e *Systematische Uebersicht der Thiere Brasiliens... Provinzen von Rio de Janeiro und Minas Geraes,* etc., do Dr. Hermann Burmeister, Berlim, 1854-1856.

A classificação é a de *Nomenclator avium neotropicalium*, de P. L. Sclater e O. Salvin, Londres, 1873.

Turdus rufiventris, Viell., *Turdidæ.* Zorzal obscuro y roxo, Azara; Sabiah, Príncipe Max. Sabiá. Encontrei ninhos com ovos em 26 de outubro de 1883.

Calliste tricolor, Gmel., *Tanagridæ.* Abundante em Paquetá, na baía do Rio de Janeiro. É o sanhaço verde-azul-amarelo.

Orchesticus capistratus, Max., *Tanagridæ.*

Ramphocælus brasilius, Linn., *Tanagridæ. Ramphocælus,* Desm.; *Tanagr*a, Linn.; *Tije piranga*, Burm.; Sangue de boi ou pitangui ou tapiranga, nomes locais; Tion krän, em botocudo (Príncipe Max.); "Prachtvoll kochenillroth", Burm. É o sanhaço encarnado.

Ostinops cristatus, Gmel., *Icteridæ. Cassicus,* Vieill.; *Oriolus,* Linn. É o japé emplumado. *Cacicus cristatus,* ver *Homes without hands*, Rev. J. G. Wood, p. 244. Nomes locais, japé ou japu; Jakereiuñ gipakin, na língua dos botocudos (Príncipe Max.). Constrói ninhos pênseis ou pendentes, com seis polegadas de largura por três ou quatro de comprimento. O Capitão Burton[21] diz que as árvores perto de Bom Jardim, a 12° de latitude sul, no rio São Francisco, "estavam enfeitadas com borlas nas extremidades dos galhos: eram ninhos de dois ou três pés de comprimento, montes de galhos secos e espinhosos, com uma entrada estreita na extremidade superior, confortavelmente forrados de grama macia... Aqui o morador é chamado "casaca-de-couro" ou "leather coat"." Ele não viu o pássaro.

Cassicus persicus, Linn., *Icteridæ. C. icteronotus,* Vieill., e Swains.; O*riolus persicus,* Linn.; Japuí, Príncipe Max.; Jakereuñ, botocudos; merlo, Minas Gerais. O papa-fígo preto e amarelo.

Milvulus tyrannus, Linn., *Tyrannidæ.* O rabo-de-tesoura. Um pássaro pequeno comum nos campos, com duas penas pretas muito compridas na cauda.

Furnarius rufus, Gmel., *Dendrocolptidæ. F. fuliginosus,* Rev. J.G. Wood; Hornero, Azara; João-de-barro, Minas Gerais. O oven bird. A cor é um castanho claro avermelhado. O Rev. J. G. Wood[22] diz que geralmente frequenta as margens dos rios sul-americanos. Encontrei-o abundantemente em toda parte. Nos campos, nos galhos de quase todas as árvores, veem-se seus ninhos, totalmente desprotegidos; assemelham-se a uma pequena colmeia, feita de uma argila vermelha muito lisa; daí o nome John Clay (*barro* = *clay* ou *mud*). O ninho divide-se em três andares. Para mais detalhes, ver *Homes without hands*.

Xiphorhynchus trochilirostris, Licht. *Certhiadæ. X. procurvus,* Temminck; Der Sichelspecht mit dem Colibrischnabel, Burmeister. Pica-pau com bico de beija-flor. São tão numerosos e difíceis de classificar que preciso restringir-me àqueles cujas peles eu trouxe para casa, geralmente encontrados perto do Rio de Janeiro.

Heliodoxa leadbeateri, Bourc., *Lephornis magnificus,* Vieill.; *Gouldia langsdorffi,* Vieill.; *Calliphlox amethustina,* Gmel.; *Chrysolampis mosquitus,* Linn.; *Bellona exilis,* Gmel.; *Clytolæma rubiginea,* Gmel.

Os nomes locais são bonitos, e, como sempre, característicos: beija-flor = flower-kisser; pica-flor = flower-pecker; chupa-mel = honey-sucker.

Celeus flavescens, Gmel., *Picidæ.* Pica-pau-de-cabeça-amarela, Minas Gerais. *The woodpecker with a yellow head*. A cabeça tem um penacho de penas amarelas e o macho também tem penas vermelhas nas faces. O corpo e as asas têm manchas marrons e brancas.

Ramphastos toco, Gmel., *Rhamphastidæ.* Tucano. Bico amarelo com uma mancha preta circular na base. Tucano, Azara.

Ramphastos ariel, Vig.; *R. temmmskii,* Príncipe Max. Tucano. Bico preto, com base amarela. Peito vermelho e amarelo.

---

21. N.A. *Highlands of Brazil,* vol. II, p. 316.

22. N.A. *Homes without hands*, pp. 310, 311. Desenho muito errado do ninho com o pássaro chocando.

Ramphastos dicolorus, Linn.; Tucai, Azara. Muito comum em Minas Gerais. A voz é extremamente estridente e áspera, soando como "râac-râac".

Ara ararauna, Linn., *Psittacidæ. Macrocercus a.,* Linn.; *Psitacus a.,* Príncipe Max. A arara azul. Só a vi no mercado da Bahia.

Chrysotis levaillantii, Gray, *Psittacidæ.* Grande papagaio verde-amarelo e vermelho do Pará. Vi em cativeiro no Rio de Janeiro e na Bahia.

As poucas peles de papagaios que colecionei foram destruídas pela umidade, de modo que é impossível indicar a espécie.

Pholeopterynx cunicularia, Mol., *Strigidæ. Noctua c*., D'Orbigny; *Strix c.,* Príncipe Max. Die eule des Campos (Príncipe Max.), a coruja dos campos. Nome local, coruja. Uma bela coruja emplumada, que vive em tocas, presumivelmente abandonadas por tatus. Fora dos ninhos encontrei restos de Bupreestidæ, Phanæus, e outros coleópteros, evidentemente sobras de um repasto.[23]

Milvago chimachima, Vieill., *Falconidæ. M. ochrocephalus,* Spix. El Chimachima, Azara; Caracaraï ou gavião, Minas Gerais. Um gavião ao qual já me referi muitas vezes, que aparece sozinho ou na companhia de urubus.

Cathartes urubitinga, Pelzeln, *Cathartidæ. Vultur atratus,* Wilson; C. *fætens,* Illig.; C. *urubú,* D'Orbigny; Der grauköpfge Urubu, Príncipe Max.; Urubu, Minas Gerais. Urubu-de-cabeça-vermelha, uma ave que já mencionei muitas vezes.

Querquedula brasiliensis, Gmel., *Anatidæ. Anas b.,* Briss e Linn.; Maréca, Pato Ipecutiri, Azara. Um pato silvestre observado em pântanos perto do rio Camapuã.

Chamæpelia talpacoti, Temm., *Columbidæae. Columba* t., Príncipe Max.; Köuemm-cudgi, na linguagem dos botocudos. Uma pomba pequena, castanho-avermelhada, abundante em Minas, onde é chamada de pomba-rola. É alimento excelente e foi chamada de Ortulan por nós.

Há muitas outras pombas, chamadas de pomba, juriti etc.

Penelope jacucaca, Spix (de acordo com Sclater e Salvin), *Cracidæ. Peristata,* Linn. e Gmel.; P. *jacuaçu,* Spix (de acordo com Burmeister); jacuguaçu, Minas Gerais. Muito boa de comer.

Odontophorus dentatus, Temm., *Tetraonidæ. Perdix dentata,* Príncipe Max.; Capueira; Uru, Azara; Hazarat, na língua dos botocudos; codorna, em Minas Gerais. O príncipe Maximilian de Neuwied diz que os ovos são brancos e menciona que Azara se refere a eles como azul-violeta. Algumas vezes há mais de doze ovos em um ninho. Em 10 de dezembro de 1883, descobri um ninho com seis ovos, em uma grama comprida perto de um pântano. Disseram-me que eram dessa ave. Os ovos eram de um castanho-arroxeado escuro. O príncipe Maximilian de Neuwied, contudo,

23. N.A. Ver "On the burrowing or coquinbo Owl, *Athene cunicularіae*", in *Homes without hands*, p. 24.

aludindo à descrição de Azara, diz: "Talvez ele os tenha confundido com ovos de nhambu, observação já feita por Temminck".

Cariama cristata, Linn., *Cariamidæ. Rhea Americana,* Burm. e Príncipe Max. *Dicolophus cristatus,* Illig.; *Palamedea cristata,* Capitão Burton; Cariama, Ceriema, Príncipe Max.; Nhambu guassú, Marcg.; Emu, Burm.; Siriema, Minas Gerais. Falei nesse pássaro muitas vezes.

O Capitão Burton diz: "Tem o tamanho de um pequeno peru, com o qual é muitas vezes confundido; corre como um avestruz novo; geralmente anda aos pares e faz o ninho em árvores baixas. Sua voz não é desagradável e é facilmente domesticado". Já o vi em alguns dos lindos jardins particulares em Botafogo, Rio de Janeiro.

Crypturus tataupa, Temm., *Tinamidæ.* Inambu, Príncipe Max.; Ampmering, na língua dos botocudos; Injambu, Burm..; Nhambu, Minas Gerais. Muito bom de comer, assemelhando-se um pouco à galinha brava.

Observei também os seguintes pássaros, dos quais, infelizmente, só tenho os nomes locais, de forma que, evidentemente, não posso classificá-los. Tordilho, semelhante a um tordo. Alma-de-gato (*cat's soul*), um pássaro grande castanho-avermelhado. O Capitão Burton diz que é uma espécie de *Coprophagus* (?). Tico-tico-rei, cabeça vermelha (*red head*), galo campino. Também diversos canários (*Fringilidæ).* Fiquei especialmente impressionado com o canto de um pássaro que nunca mais ouvi cantar, cujo nome meus homens não sabiam. Era abundante na floresta virgem perto da Serra do Curtume (de cerca de 3400 pés de altura) e só canta plenamente na primavera (outubro). Registradas com a possível exatidão, as notas são as seguintes:

M. Liais[24] diz dos pássaros do Brasil: "Além do gênero *Rhea,* característico da fauna ornitológica americana, à qual pertencem espécies muito antigas, há dois gêneros notáveis e muito especiais: o gênero *Cariama (Dicholophus,* Illiger; *Mirodactylus*, Geoffroy), a seriema do Brasil; e o gênero *Tinimou (Tinamus*, Lath.; *Crypturus,* Ill.), nhambu do Brasil. Cada um desses corresponde a uma espécie na era quaternária... Os urubus são também um gênero essencialmente americano, como as perdizes, corujas e outros. De fato, a fauna ornitológica quaternária do Brasil aproxima-se da atual no que diz respeito aos gêneros, e no maior desses gêneros mostra-nos uma espécie notavelmente superior em tamanho às espécies existentes". Entre outros restos fósseis, pode ser citada também a existência de beija-flores, papagaios, andorinhas, curiangos, aves trepadoras e frangos-d'água.

Henry W. Bates oferece algumas notas muito interessantes sobre os hábitos dos beija-flo-

24. N.A. *Climats, faune, etc.,* p. 302, 303.

res na narrativa de sua permanência de onze anos nos distritos do Amazonas[25] e, referindo-se à extraordinária semelhança do pássaro e da mariposa desse nome (*Macroglossum*), diz que todos os residentes locais, mesmo brancos cultos, acreditam firmemente que um pode transformar-se no outro. Tendo observado a metamorfose de lagartas em borboletas, acham que a transformação da mariposa em beija-flor não seria mais extraordinária.

Bates[26] aludindo aos urubus, diz:

> Minha cozinheira não podia sair um momento da cozinha aberta, no fundo da casa, enquanto estava preparando o jantar, por causa da tendência deles para o roubo. Alguns estavam sempre vagabundando por ali, esperando a oportunidade, e no instante em que a cozinha ficava sem vigia, os atrevidos assaltantes entravam e com os bicos levantavam as tampas das caçarolas para roubar o conteúdo. Os meninos do povoado ficavam à espreita e, com arco e flecha, arremetiam contra eles; consequentemente, os urubus adquiriram tal pavor dessas armas que podem muitas vezes ser mantidos à distância por arcos dependurados nas vigas da cozinha.

Bates dedica várias páginas[27] a uma descrição cuidadosíssima de suas observações de tucanos e declara que "as pessoas de Ega vivem quase exclusivamente de tucanos refogados e assados durante os meses de junho e julho.[28] Nessa época essas aves estão muito gordas e a carne é muito doce e macia". Ele diz que "as frutas são indubitavelmente o principal alimento dos tucanos, e é em relação a seu modo de apanhá-las que se deve entender o uso de seus estranhos bicos. As flores e os frutos nas copas das grandes árvores das florestas sul-americanas crescem principalmente perto das extremidades dos galhos esbeltos, que não suportam qualquer peso apreciável;" a extremidade do bico do tucano permite-lhe, portanto, "alcançar e devorar enormes quantidades de frutas, estando empoleirado, e assim seu corpo pesado e apetite voraz não representam obstáculos para a prosperidade da espécie. É especialmente digno de nota que o filhote do tucano tem um bico muito menor que o do pássaro adulto".

---

25 . N.A. *The naturalist on the River Amazons,* vol. I, p. 163, 180, etc.

26 . N.A. *Ibid.*, vol. I, p. 296.

27 . N.A. *Climats, faune, etc.,* vol. II, p. 336-344.

28 . N.A. Refogados e assados são os pratos habituais a que me referi alhures e fiquei tão enjoado deles que mesmo agora (doze meses depois) não posso ver um refogado ou um frango assado.

Os tucanos podem ser amansados facilmente e se tornam interessantes animais de estimação.

Várias observações sobre pássaros encontram-se dispersas em todo o meu diário, mas concluirei este artigo com quatro breves notas tiradas dele.

26 de outubro de 1883 – Achei um ninho com dois ovos de tico-tico no capim rasteiro da ladeira de um morro. Os ovos já estavam chocando, tendo dentro o pássaro totalmente formado.

Até dezembro, descobri muitos ninhos de pássaros com ovos.

3 de dezembro – Descobri um ninho notável entre os caniços de um pântano; o ninho tinha a forma de um grande bule de chá em formato de glóbulo, e estava lindamente coberto com gravetos. Entrava-se pelo bico do bule, para conservar o símile. Espreitando por essa abertura, vi um leito com um forro macio, no qual havia cinco ovos esbranquiçados. O pássaro estava num caniço vizinho, observando com ciúme meu comportamento; era pequeno, de um castanho claro avermelhado, com pescoço e peito brancos, e um bico preto bem comprido.

3 *de dezembro* – Observei um verdadeiro viveiro, numa pequena árvore nua morta, perto de um brejo – oito canários, três papa-figos (*Cassicus persicus*), dois rabos-de-tesoura (*Milvulus tyrannus*), um John Clay (*Furnarius rufus*), um pica-pau castanho e amarelo (*Celeus flavescens)* e dois pequenos pássaros pretos de peitos brancos.

31 de dezembro – Às 6h15 da manhã vi um lindo beija-flor pequeno, com cerca de polegada e meia de comprimento, chupando as flores roxas de uma espécie de alfazema. A cor dele era castanha, com uma listra de penas brancas brilhantes no peito.

RÉPTEIS

Essa classe de vertebrados divide-se em nove ordens, das quais quatro são representadas por formas ainda vivas, enquanto outras estão extintas.

LAGARTOS (*Lacertilia*)

Essa classe de vertebrados é abundante em toda parte. Comi alguns e tenho outros conservados em álcool, mas nenhum de suficiente interesse para registrar aqui.

COBRAS (*Ophidia*)

No dia 7 de julho de 1883, descobri no hotel da estação de Paraopeba um livro sobre medicina,[29] que parece uma obra de valor. Dela extraí algumas notas sobre carrapatos e, descobrindo

---

29 . N.A. *Dicionário de medicina popular*. Pedro Luiz Napoleão Chernoviz, Paris, 1878.

uma lista de cobras do Brasil, verifiquei com o dono do hotel os nomes das que ocorrem naquele distrito. Até onde pude verificar pelos nomes locais, são as seguintes: cobra cascavel (*a rattle-snake*), boiquira ou boicininga; o último é um nome indígena – como sempre, altamente científico – *boi,* ou *boya* = serpente, sino, = *a bell*; que é o *Crotalus horridus,* de Darwin. Jiboia, abundante nas florestas perto de Pitangui. Surucucu, *lachesis rhombeata.* Surucucu-bico-de-jaca, *Lachesis muta.* Jararaca, *Cophias jararaca.* Cobra-coral, *Elaps maregravii.*

Referi-me em outro lugar à cobra-coral e a uma cobra chamada jararacuçu, que encontrei ocasionalmente, como também à jararaca, mas tive a sorte de evitar a cascavel, embora alguns membros de nossa equipe a tenham encontrado. Em 20 de dezembro de 1883, vi uma serpente comprida, muito fina, de cor azul esverdeada no lado superior, e amarelo vivo na parte de baixo. A cobra tinha acabado de apanhar uma grande rã e imaginei o que faria com ela. Fui atraído pelo coaxar aterrorizado da rã, e, desmontando do cavalo, aproximei-me para observar os acontecimentos. A cobra fixou os olhos frios e vítreos em mim, quando cheguei à proximidade de uma jarda, mas continuou engolindo a rã, engrossando assustadoramente à medida que esta desaparecia aos poucos. Quando o último pé da rã entrou na garganta da cobra, dei-lhe uma pancada na cabeça e a rã foi imediatamente expelida, com todos os ossos do corpo quebrados, coberta de gosma, mas ainda respirando e se movendo. Depois de matar a cobra, fui obrigado a liquidar igualmente com a rã.

Lamento muito não ter conservado nenhuma cobra, mas o instinto de autoconservação, talvez infelizmente, sempre falou mais alto; por isso, os répteis estavam sempre tão desfigurados e machucados que, como espécimes, tomaram-se inúteis.

A respeito da cascavel, Liais[30] diz que não habita as florestas do litoral, mas sim, especialmente, a região dos campos altos, como o planalto de Barbacena.

> Felizmente, essa cobra de veneno tão ativo é muito preguiçosa, e não ataca. Só morde quando é tocada ou picada. Meu erudito amigo, o Visconde de Prados, teve a oportunidade, perto de Barbacena, de observar vários casos de mordida dessa serpente e me ofereceu informações interessantíssimas sobre seu veneno. A morte sobrevém quase imediatamente após a picada, precedida pela cegueira. O mal é geralmente incurável, especialmente quando a picada atinge partes muito irrigadas por veias. Algumas vezes, entretanto, a *Crotalus* tem só um pouco de veneno, certamente quando tenha recentemente mordido outro animal, e, neste caso, que é raro, pode ocorrer a cura. O efeito do veneno é dissolver os glóbulos brancos e, aumentando sua fluidez, produzir hemorragia.

30 . N.A. *Climats, faune, etc.,* p. 305.

Liais menciona outra cobra do mesmo gênero, *Crotalus urutu.*

Ocasionalmente, ouvi contar casos de pessoas que haviam sido picadas, mas só me falaram em duas curas. A primeira e mais comum, fácil de obter, consegue-se embebedando o paciente; a outra é por injeção de permanganato de potássio. Sempre carreguei no bolso um pequeno estojo contendo um frasco desse líquido, uma seringa etc., para injeção hipodérmica; mas sou gratíssimo por nunca ter tido ocasião de usá-lo. Fui informado uma vez de um homem picado de cobra que queria a injeção; o farmacêutico da povoação tinha o necessário, mas, nunca tendo tentado o procedimento, recusava-se a dar a injeção, e um mensageiro me foi enviado com esse objetivo. Não pude ir, mas mostrei ao homem meu equipamento e expliquei como devia ser usado, estimulando-o a fazê-lo sem demora. Mudei de acampamento no dia seguinte e não tive mais notícias do caso.

Os que se abstêm de bebidas alcoólicas ficarão provavelmente chocados com a cura por embebedamento, mas o Capitão Burton[31] diz: "este é o segredo da cura; restauram-se os batimentos do coração, o veneno é expelido, e o cérebro volta a suas funções normais".

M. Liais cita o caso de outras cobras cuja picada coagula o sangue. Assim é a surucutinga, *(Trigonocephalus brasiliensis),* aparentada com *Trigonocephalus rhumbeatus (Lachæsis rhombeata,* Lacépède). Ele afirma que essa é a única cobra brasileira que ataca o homem.

No caso da jararacuçu (*Trigonocephalus atrox*), a mordida frequentemente causa gangrena.

M. Liais[32] afirma que as outras cobras venenosas do Brasil pertencem a gêneros de tamanho menor que as precedentes, geralmente menos temíveis que a *Crotalis* e a *Trigonocephalus,* e que a amônia anula os efeitos das picadas de muitas delas.

TARTARUGAS (*Chelonia)*

Em 24 de dezembro de 1883, descreveram para mim um animal fantástico, uma verdadeira maravilha de quelônios antediluvianos, desenhando seu retrato. Disseram-me que o animal era abundante nos pântanos e que sua picada era mais mortífera que a da cobra – sendo impossível a cura. Uma dessas criaturas me foi trazida no dia seguinte, uma pobre tartaruguinha inofensiva de seis polegadas de largura e pescoço extraordinariamente comprido, que se metia dentro do casco quando a olhavam ou tocavam. Os habitantes do lugar ficaram muito assustados quando me viram pegá-la.

SAPO CORNUDO (*Amphibia)*

31 . N.A. *Highlands of Brazil*, vol. II, p. 183.

32 . N.A. *Climats, faune, etc.,* p. 307.

A única espécie de anfíbio da qual conservei um espécime é o bonito sapo cornudo, com as cores castanho e amarelo vivo, *Cratophsys granosa* – um notável exemplo de colorido protetor, já que é impossível enxergá-lo a um ou dois pés de distância, sem tocá-lo, quando ele está descansando nas folhas mortas caídas na floresta.

CONCHAS (*Mollusca)*

Segue uma lista de conchas colhidas num breve passeio pela baía de Botafogo, no Rio de Janeiro.

Devo à gentileza de J. Cosmo Melvill, membro da Sociedade de Lineu, os nomes dos espécimes.

A classificação é do *Conchylien Sammlung* de Paetel, de 1883; do *Manual of Mollusca*, de H. e A. Adam, 1858; e do *Manual of the Mollusca*, de G.P. Woodward, 1880.

Classe – GASTEROPODA.
Ordem – PROSOBRANCHIATA, M. Edw.

Família – MURICIDÆ.
Murex, *Linn.*
Salleanus*[33] A. Ad.
esp.[34] *.
Triton, *Lam.*
vestitus, *Lam*.

Família – BUCCINIDÆ.
Purpura, *Lam.*
biserialis, *Blaine*.
deltoïdes (?), * *Linn.*

Família – NATICIDÆ.
Natica, *Lam*.
dubia, *Ruhy.*
ruficollis, *Reeve.*

Família – CERITHIADÆ.
Cerithium, *Brug.*
semi-ferrugineum, *Lam*.
striatissimum, *Sowb.*

Família – CALYPTRÆIDÆ.
Crepitula, *Lam.*
aculeata, *Gmel.*
hystrix, *Brod.* (= aculeata α)
plana, *Linn*.

Família – TURBINIDÆ.
Omphalius, *Phil.*
brasilianus, *Mke.*

Família – FISSURELLIDÆ.
Fissurela.
esp.*.

Família – PATELLIDÆ.
Patelloida, *Quoy*.
sabrugosa, *D'Orb.*

33 . N.A. Os espécimes cujos nomes estão assinalados com * encontram-se muito gastos.

34 . N.E. espécime.

Ordem – PULMONIFERA.

Família – HELICIDÆ.
Bulimus, *Scop.*
oblongus, *Mül.* (= haemastoma, *Amt.*)

Essa concha é muito comum em toda parte em Minas Gerais, mas nunca achei uma com o molusco dentro. H.W. Bates diz que "os moluscos terrestres são os únicos animais que estivam,[35] eles são encontrados em cachos *(Bulimi* e *Helices*), escondidos em árvores ocas, com a boca das conchas lacradas por uma membrana de muco".

Ordem – OPISTHOBRANCHIATA.

Família – BULLIDÆ.
Bulla, *Lam.*
maculosa, *Mortzu.*

Classe – CONCHIFERA, *Lam.* = ACEPHALA.
Secção – ASIPHONIDA.

Família – ARCADÆ.
Arca, *Linn.* (= Bysso-arca)
esp.
Arca, *Linn.* (= Scaph-arca)
brasiliana, *Lam*.

Família – CARDIADÆ.
Cardiam, *Linn.*
dois espécimes (quebrados)

Família – LUCINIDÆ.
Lucina, *Brug.*
divaricata, *L.*
fíbula, *Reeve.*

Família – VENERIDÆ.
Caryatis.
espécime próxima de lacta, *Linn.*
Anaitis.
cypria, *Sowb.*

35 . N.E. Estivar: passar um período quente ou seco em um estado prolongado de torpor ou dormência.

INSETOS

Ordem – LEPIDOPTERA.

Secção I. – RHOPALOCERA.

Lista de borboletas colecionadas por H. C. Dent no Brasil.

Todos os insetos foram apanhados na província de Minas Gerais, exceto os marcados com asterisco (*) que, em quase todos os casos, vieram da província do Rio de Janeiro.

A nomenclatura é a de espécimes no Museu Britânico e nas Coleções Hewitson, no Museu de História Natural, South Kensington, em Londres.

A classificação é de W. F. Kirby, em *Synonymic catalogue of diurnal Lepidoptera, with appendixes,* 1871-1877.

Família I. – NYMPHALIDÆ, *Swains.*

Subfamília. *Daninæ*, *Bates.*

Danais, *Letr.*

Plexaure, *Godt.*

Erippus, *Cram.*

Xanthippus, *Feld.*

Lycorea, *Doubl.*

Atergatis, *Doubl., Hew.*

Dircenna, *Doubl.*

Dero, *Hübn.*

Ceratinia, *Hübn.*

Daeta, *Boisd.*

Eupompe, *Hübn.*

Mechantis, *Fabr.*

Lysimnia, *Fabr.*

Polymnia, var.[1], *Hew.*[2]

Ithomia, *Hübn.*

Phono, *Hübn.*

Erruca, *Hew.*

Meliæa, *Hübn.*

1 . N.E. variante.

2 . Uma variante sem nome, em Hew. Coll.

Paraiya,* *Reak.*

Ethra, *Godt.*

Subfamília II. *Satyrinæ*, *Bates.*

Pierella, *Westw.*

Nereis,* *Dru.*

Euptychia, *Hübn.*

Periphas, *Butl.*

Electra, *Butl.*

angularis, *Butl.*

marmorata, *Butl.*

orchracea, *Butl.*

Atalanta, *Butl.*

Eöus, *Butl.*

Vesper, *Butl.*

Phares, *Butl.*

Necys, *Godt.*

Quantius, *Godt.*

esp.

Taygetis, *Hübn.*

Xantippe, *Butl.*

Andromeda,* *Cram.*

Subfamília IV. *Morphinæ, Butl.*

Morpho, *Fabr.*

Anaxibia,* *Esp*.

Laertes, *Dru.*

Menelaus, *æ.*

Achilles, *Linn.*

achillæna, *Hübn.*

Subfamília V. *Brassolinae, Bates.*

Brassolis, *Fabr.*

Astyra, *Godt.*

Opsiphanes, *Westw.*
Opsiphanes Syme,* *Hübn.*
Batea, *Hübn.*
Inviræ, *Hübn.*
Dynastor, *Westw.*
Darius,* *Fabr.*
Caligo, *Hübn.*
Demosthenes,* *Perry.*
Amphimedon,* *Feld.*
Dasyopthalma, *Westw.*
Rusina,[3] *Godt.*
Creusa,* *Hübn.*

Subfamília VI. *Acræinæ, Bates.*
Acræa, *Fabr.*
Thalia,[4] *Linn.*
Alalia,[5] *Feld.*
esp.

Subfamília VII. *Heliconinæ, Bates.*
Heliconius, *Latr.*
Eucrate,* *Hübn.*
Apseudes,* *Hübn.*
Besckii,[6] *Mén.*
Satis,* *Weym.*
Eueides, *Hübn.*
Dianasa, *Hübn.*

Subfamília VIII. *Nymphalinæ, Bates.*
Colænis, *Hübn.*

3. Só há um espécime no Museu Britânico. Tenho dois.
4. Muito abundante.
5. Muito abundante.
6. Muito abundante perto de Entre-Rios, Brumado.

Dido, *Linn.*
Phærusa, *Linn.*
Phærusa, var.[7]
Julia, *Fabr.*
Agraulis, *Boisd.*
Juno, *Cram.*
vanillæ, *Linn.*
Atella, *Doubl.*
Claudia, *Cram.*
Phyciodes, *Hübn.*
Liriope, *Cram.*
Claudina, *Esch.*
Mazaria, *Feld.*
Eresia, *Boisd.*
Langsdorfii, *Godt.*
Hypanartia, *Hübn.*
Zabulina, *Godt.*
Pyrameis, *Hübn.*
Myrinna,[8] *Doubl.*
brasiliensis, *Moore.*
Junonia, *Hübn.*
Lavinia, *Cram.*
Anartia, *Hübn.*
Jatrophæ, *Linn.*
Amalthea, *Linn.*
Eunica, *Hübn.*
Margarita, *Godt.*
Myscelia, *Doubl.*
Orsis, *Dru.*
Epicalia, *Westw.*
Numila,* *Cram.*

7. Variante pálida, Coleção do Museu Britânico.
8. Muito próxima de *P. Cardui.*

Sabrina,[9] *Hew.*
Eubagis, *Boisd.*
Agacles, *Dalm.*
Tithia, *Hübn.*
Mylitta, *Cram.*
Callicore, *Hübn.*
Eluina,[10] *Hew.*
Candrena, *Godt.*
Catagramma, *Boisd.*
Hydaspes, *Dru.*
Hydarnis, *Godt.*
Sorana, *Godt.*
Gynecia, *Doubl.*
Dirce,* *Linn.*
Ageronia, Hübn.
Feronia, *Linn.*
Ferentia, *Godt.*
Amphinome, *Linn.*
Arete, *Doubl.* e *Hew.*
Didonis, *Hübn.*
Biblis,* *Fabr.*
Marpesia, *Hübn.*
Thetis, *Fabr.*
Victorina, *Blach.*
Steneles,* *Linn.*
Heterochroa, *Boisd.*
Syma, *Godt.*
Gerona,[11] *Hew.*
esp.[12]
Aganisthos, *Boisd.*

9. Localidade: Minas Gerais. Duas na Coleção do Museu Britânico, quatro na coleção Hew.
10. Descrita por Hewitson como uma das mais belas do gênero.
11. Apenas um espécime na Coleção Hew.
12. Pode ser a forma diminutiva de Gerona.

Orion, *Fabr.*
Acheronta, *Fabri.*[13]
Prepona, *Boisd.*
Demophon,* *Linn.*
Smyrna, *Hübn.*
Blomfieldia,* *Fabr.*
Hypna, *Hübn.*
Clytemnestra, var. α Hübneri,* *Butl.*
Paphia, *Fabr.*
Halice,* *Godt.*
Psammis,* *Feld.,* var.
Siderone, *Hübn.*
Rogerii, *Godt.*
Isodora, *[14] *Cram.*

Família II. – LEMONIIDÆ, *Kirby.*
Subfamília II. *Nemiobiinæ, Bates.*
Eurybia, *Hübn.*
Dardus, *Fabr.*
Halimede, *Hübn.*
Mesomeia, *Hübn.*
Eumene, *Cram.*
esp.

Subfamília IV. *Lemonninæ, Kirby.*
Panara, *Westw.*
Thisbe,* *Fabr.*
Lymnas, *Blach.*
Unxia,* *Hew.*
Lycisca, *Hew.*

13. Megistanis Cadmus, *Cram.* (Museu Britânico).
14. Esses dois insetos têm um maravilhoso colorido protetor, com o lador inferior exatamente igual a uma folha seca.

Diorhina, *Mar*.
Butes,* *Linn.*
Emesis, *Fabr.*
fastidiosa, *Mén.*
Calydna, *Westw.*
castanea, *Pritho.*
Charis, *Hübn.*
Theodora, *Feld.*
Avius, *Cram.*
Cadytis, *Hew.*
Cæneus, *Linn.*
Perone, *Doubl.* e *Hew.*
esp.
Apodemia, *Feld.*
Epulus, *Cram.*
Echenais, *Hübn.*
densemaculata, *Hew.*
Nymphidium, *Fabr.*
Calyce, *Feld.*
azanoides, *Butl.*
Lamis, *Cram.*
Stalachtys, *Hübn.*
Phlegia, *Cram.*
phlegethetiza, var.
Susanna, *Fabr.*

Família III. – LYCÆNIDÆ, *Steph*
Cupido, *Schrank.*
Thius, *Hübn.*
Catalina (?), *Fabr.*
Cassius, *Hew.*
duas espécies não classificadas.
Tmolus, *Feld.*
duas espécies não classificadas.

Thecla, *Fabr.*
imperialis,* *Cram.*
Hemon, *Cram.*
Marsyas, *Linn.*
Phaleros, *Linn.*
Palegon, *Cram.*
Melibæus, *Fabr.*
Melibæus,var.
Tarania, *Hew.*
Thecla Herodotus, *Fabr.*
esp.

Família IV – PAPILONIDÆ, *Leach.*
Subfamília I. *Pierinæ, Swains.*
Euterpe, *Swains.*
Tereas, *Godt.*
Hesperocharis, *Feld.*
anguitia, *Godt.*
Dismorphia, *Hübn.*
Methymna,* *Godt.*
Melia,* *Godt.*
Melite,* *Linn.*
Thermesia, *Godt.*
Critomedia,* *Hübn.*
Psamathe, *Fabr.*
Nehemia, *Boisd.*
Cyra, *Doubl.*
Leucidia, *Doubl.*
Elvina, *Godt.*
Eurema, *Hübn.* (= Terias, *Swains.*).
xanthochlora, *Koll.*
Deva, *Doubl.*
Neda, *Godt.*
Palmyra, *Poey* (aparentada).

Lydia, *Feld.*
Elathea, [15] *Cram.*
Platæa, *Feld.*
Mycale, *Feld.*
Rhodia (?), *Feld.*
Albula, var. a Sinöe, *Godt.*
Cerca de dezesseis espécies ou variedades não classificadas.

Daptonoura, *Butl.*
limnoria, *Godt.*
Ilaire, *Godt.*
esp.

Pherrhybris, *Hübn.*
Iphigenia, *Godt.*
Pyrrha, *Fabr.*

Catopsilia, *Hübn.* (= Callidryas, *Boisd.*).
Eubule, *Linn.*

Catopsilia Leachiana, *Godt.*
Philea, *Linn.*
Argante, *Fabr.*
Cipris, *Fabr.*
neocypris, *Hübn.*
Trite, *Linn.*
Statira, *Cram.*

Gonepteryx, *Leach.*
Clorinde, *Godt.*

Subfamília II. *Papilioninæ,* Swains.

Papilio, *Linn.*
Polydamas, *Linn.*
Harrisianus,* *Swains.*
Lysithous, *Hübn.*
Asius, *Fabr.*

15. Esse espécime e os gêneros aparentados são muito abundantes no vale do Rio Brumado, perto de Entre-Rios, à altitude de cerca de três mil pés.

Cixius, *Gray.*
Nephalion, *Godt.*
Æneides (?), *Esp.*
Zacynthus,* *Fabr.*
Dardanus,* *Fabr.*
Agavus,* *Dru.*
Proneus, *Hübn.*
Bunichus, *Hübn.*
Ascanius, [16]* *Cram.*
Ascanius, [17]* var.[18]*.
Perrhebus,* *Boisd.*
Grayi, *Boisd.*
Evander, *Godt.*
Androgeos, *Cram.*
Lycophron, *Hübn.*
Mentor,* *Boisd.*
Torquatinus, *Esp.*
Torquatus,* *Cram.*
Thoas,* *Linn.*
Deileon,* *Feld.*
Bellerophon, *Dalm.*
Protesilaus, *Linn.*

Família V. – HESPERIDÆ, *Leach.*

Thymele, *Fabr.*
Simplicius, *Stole.*

Thymele Eurycles, *Latr.*
undulatus, *Hew.*
Catillus, *Cram.*
Proteus, *Linn.*

16. Sem espécime ♂ no Museu Britânico, apenas na Coleção Hew.
17. Nenhuma na Coleção do Museu Britânico, apenas na Coleção Hew.
18. Variante amarelo-tostado, não existente na Coleção do Museu Britânico ou na Coleção Hew.

Exadeus, *Cram.*
Aunus, *Fabr.*
Telegonus, *Hübn.*
fulgerator,* *Walch.*
Naxos, *Hew.*
Anaphus, *Cram.*
Spathelepia, *Butl.*
Evelinda, *Butl.*
Pyrrhopyge, *Hübn.*
Phidias, *Linn.*
Acastus, *Cram.*
Xanthippe, *Latr.*
versicolor, *Latr.*
Erycides, *Hübn.*
Palemon, *Cram.*
Carystus, *Hübn.*
Sinon, *Cram.*
Corydin, *Fabr.*
Pamphila, *Fabr.*
Epictetus, *Fabr.*
Æpitus, *Hübn.*
umbrata (?), *Esch.*
esp., *Hew. Col.*
Phlebodes, *Butl.* (?)
duas espécies.
Pyrgus, *Hübn.*
Omrina, *Butl.*
Syrichtus,[19] *Fabr.*
Leucochitonea, *Wallengr.*
Arsalte, *Linn.*
esp.
Butleria, *Kirby.*
Calcius? *Hew.*

19 . Muito abundante.

Achlyodes, *Hübn.*
Sebaldus, *Fabr.*
Hadina, *Butl.*
Begga, *Prittw.*
obscurus (?), *Hübn.*
esp.
Antigonus, *Butl.* (?)
Erosus, *Hübn.*
Phagesia, *Hew.*
Helias, *Butl.* (?)
Phalænoides, *Hübn.*
Helias palpalis, *Latr.*
Lacæna, *Hew.*
esp. Col. Museu Britânico.

e s p .

224 espécies classificadas.
35 " não classificadas.
Total 259 espécies

Lista de borboletas descritas como sendo de Minas Gerais, mas que não estão em minha coleção.

Citadas a partir do *Catalogue of the collection of diurnal Lepidoptera, formed by the late W.C. Hewitson*, de W. F. Kirby, 1879; e de *A synonymic catalogue of diurnal Lepidoptera, with appemdixez,* de W. F. Kirby, 1871-1877. As marcadas com * são da Coleção Hewitson.

Família I. – NYMPHALIDÆ, *Swains.*
Subfamília I. *Danainæ, Bates.*
Ituna, *Doubl.*
Ilione,* *Cram.*
Ithomia, *Doubl.*
Jessica, *Hew.*

Acilla, *Hew.*
Melinæa, *Hübn.*
fenella, *Hew.*

Subfamília II. *Satyrinæ, Bates.*
Pronophila, *Hew.*
Phanias,* *Hew.*
Eteona, *Westw.*
Tisiphone,* *Boisd.*
Lymanopoda, *Westw.*
esp.*
Tisiphone, *Hübn.*
Hercyna,* *Hübn.*
Euptychia, *Hübn.*
vestigiata, *Butl.*
armilla, *Butl.*
peculiaris, *Butl.*
stelligera, *Butl.*
straminea,* *Butl.*

Pedaliodes, *Butl.*
Phanias, *Hew.*

Subfamília V. *Brassolinæ, Bates.*
Opsiphanes, *Westw.*
esp.*
Penetes, *Westw.*
Pamphanis, *Doubl.* e *Hew.*
Caligo, *Hübn.*
Hemichroa, *Butl.*

Subfamília VIII. *Nymphalinæ, Bates.*
Phyciodes, *Hübn.*
Orthia, *Hew.*

Cybdelis, *Hew.*
Tatila,* *Herr Schäff.*
Epiphele, *Doubl.*
Merione,* *Fabr.*
Hübneri,* *Hew.*
Catagramma, *Boisd.*
Clymena,* *Cram.*
Thamyras, *Mén.*
Selima,[20] *Guén.*
Ageronia, *Hübn.*
Fornax,* *Hübn.*

Pyrrhogyra, *Hübn.*
Ophni,[21] *Butl.*
Heterochroa, *Boisd.*
Abia,* *Hew.*
Apatura, *Fabr.*
Laurentia,* *Godt.*
Paphia, *Fabr.*
Ateo,* *Druce.*
Appias, **Hübn.*
Otrere,* *Hübn.*

Família II. – LEMONIIDÆ, *Kirby.*
Subfamília II. *Nemobiinæ,Bates.*
Mesosemia, *Hübn.*
Odia,* *Godt.*
Veneris,* *Butl.*

Subfamília IV. *Lemoniinæ, Kirby.*
Panara, *Westw.*

---

20 . Cynosura,* *Hew.*
21 . Thipus,* *Cram.*

Aureizona, *Butl.*
Lymnas, *Blanch.*
Xenia, *Hew.*
Amarynthis, *Hübn.*
Bocchoris,* *Hew.*
monogramma,* *Bates.*
Emesis, *Fabr.*
Fatimella,* *Westw.*
esp.*
Nymphidium, *Fabr.*
Erymanthus, *Mén.*
Ethelinda, *Hew.*
Theope, *Moore.*
Tisiphone,* *Westw.*
pieridioides,* *Feld.*

Família III – LYCÆNIDÆ, *Steph.*
Thecla, *Fabr.*
Badeta, *Hew.*
Cydia,* *Hew.*
Argerona, *Hew.*
Scoteria, *Hew.*

Família IV. – PAPILONIDÆ, *Leach.*
Subfamília I. *Pierinæ, Swains.*
Euterpe, *Swains.*
Swainsonii,* *Gray.*
Dismorphia, *Hübn.*
acræoides, *Hew.*
Terias, *Swains*
duas espécies sem nomes, *N.S.

Família V. – HESPERIDÆ, *Leach.*
Thymele, *Fabr.*
Aminias, *Hew.*
Eudamus, *Swains.*
Apastus,* *Cram.*
Spathelepia, *Butl.*
Elaites, *Hew.*
Pyrrhopyge, *Hübn.*
Charybdis,* *Westw.*
Amyclas,* *Cram.*
Antias,* *Feld.*
Socrates, *Mén.*
Rhacia, *Hew.*
Myscelus, *Hübn.*
variicolor, *Mén.*
Proteides, *Hübn.*
Phalestra, *Hew.*
Leucochitonea, *Wallengr.*
Leucola, *Hew.*

Secção II. – HETEROCERA

Listas de mariposas colecionadas por H.C. Dent no Brasil.

Todos os insetos foram apanhados na província de Minas Gerais, exceto as indicadas pelo sinal *, que foram colecionadas nas vizinhanças do Rio de Janeiro.

A nomenclatura é de espécimes da Coleção do Museu Britânico. Consultei também *Wiener Entomologischer Monatschrift*, vol. VII, de Lederer.

A classificação é a da *List of the Lepidoptera Heterocera in the collection of the British Museum*, de 1854, de Francis Walker, membro da Sociedade de Lineu. Também examinei com maior cuidado *Histoire naturelle des insects. Species général des Lépidoptères Hétérocères*, Paris, 1852-1857, de M. M. Boisduval e Guénées. Esse livro, entretanto, está incompleto. Em 1854, Dr. J. A. Boisduval publicou o volume *Sphingidæ, Sesiidæ, and Castniidæ,* mas devido a sua morte, as partes sobre *Zygænidæ* e *Bombycites* nunca foram publicadas.

Família I. – SPHINGIL.
Subfamília. *Sphingidæ.*
Eupyrrhoglossum.
Ceculus,* *Cram.*
Chærocampa, *Dup.*
tersa,* *Drury.*
Pachylia, *Boisd.*
ficus,* *Linn.*
Macrosila, *Boisd.*
Hannibal,* *Cram.*
Amphonyx.
Tapayusa,* *Moore* (N.S.).
Sphinx, *Linn.*
espécie aparentada com gordius (?)*

Família III. – CYDIMONIL.
Sæmatura, *Dalm.*
Diana,* *Guén.*
Urania, *Latr.*
brasiliensis,* *Swains.*

Família IV. – CASTINII.
Castania.
Fons-columbii,* *Latr.* e *Godt.*
Euphrosyne, *var.* (?) *
Ardalus,* *Dalm.*
Chremes,* *Jones*.

Família V. – ZYGÆNIDES.
Isanthrene.
icendiaria,* *Hübn.*

Chalciope,* *Hübn.*
Cosmosoma.
erubescens, *Butl.*
Eurota.
picta, var.
Charidea.
jucunda, *Walk.*
Saurita.
cassandra,* *Linn.*

Família VI. – BOMBYCITES.
Subfamília. *Lithosiidæ.*
Scea.
auriflamma, *Hübn.*
esp.
Eucyane.
melaxantha,* *Hübn.*
Chrysauge.
chrysomelas, *Walk.*

Melanchoria.
Asteria, *Hübn.*
tepens, *Walk.*
Deiopeia.
ornatrix, *Linn.*
pura, *Butl.*
Eudule.
invaria, *Walk*.
Phæochlæna.
tendinosa, *Hübn.*

Subfamília. *Arctiidæ.*
Idalus.
Erythronotus, *Herr. Sch.*
Paracles.
tricolor (?).
Halesidota.
strigulosa, *Walk.*
bipunctata, *Walk.*
duas espécies.
Phægoptera.
breviuscula, *Walk.*
Claphe.
esp.
Massicyta.
fusca, *Walk.*

Subfamília. *Liparidæ.*
Penora.
diaphana, *Cram.*

Subfamília. *Saturniidæ.*
Attacus.
esp.
Automeris.
illustris,* *Walk.*
melanops,* *Walk.*
convergens,* *Walk.*
cruenta, *Walk.*
Hyperchiria.
esp. Mus. Britânico.
Dirphia.
esp.
Arsenura.
xanthopus, *Walk.*

Phricodia.
ursina, *Walk.*
esp.
Eacles.
Laocoon, *Cram.*

Subfamília. *Bombycidæ.*
Megalopyge.
undulosa.
esp.
Gasina.
esp.
Macromphalia.
esp.
Adelocephala.
jucunda,* *Walk.*
Colla.
glaucescens,* *Walk.*
Trilocha.
esp.
Olceclostera.
esp.
Leptosphetta (?).
esp.

Subfamília. *Cossidæ.*
Langsdorfia.
Franckii, *Hübn.*

Subfamília. *Hepialidæ.*
Phassus.
esp.*
esp. N.S.

Família VII. – NOCTUITES, *Walk.*
Subfamília. *Leucanidæ, Gn.*
Leucania, *Ochs.*
rivorum (?), *Gn.*
três espécies não classificadas.

Subfamília. *Hadenidæ*.
Dysodia, *Feld.*
esp.

Subfamília. *Episemidæ*.
Perigea, *Gn.*
subaurea,[22] *Gn.*

Subfamília. *Noctuidæ*, *Boisd.*
Agrotis, *Ochs,*
três espécies não classificadas.

Subfamília. *Bolinidæ*, *Gn.*
Bolina, *Dup.*
fasciolaris, *Walk.*
esp.

Subfamília. *Hypocalidæ*.
Hypocala, *Gn.*
Andremona, *Gn.*

Subfamília. *Ophideridæ*.
Ophideres, *Boisd.*
scabellum, *Gn.*

22. Abundante em dezembro e janeiro.

Subfamília. *Erebidæ, Gn.*
Letis, *Hübn.*
Alauda, *Gn.*
Thysania, *Dalm.*
Agrippina,*[23] *Gn.*
Erebus, *Latr.*
Odora, *Drury.*

Subfamília. *Poaphilidæ, Gn.*
Phurys, *Gn.*
helvina, *Gn.*
lineolaris, *Gn.*
duas espécies não classificadas.

Subfamília. *Remigidæ*, *Gn.*
Remigia, *Gn.*
subsignata (?), *Walk.*

Família VIII. – PSEUDODELTOIDÆ, *Gn.*
Subfamília. *Thermedidæ.*
Capnodes, *Gn.*
turtur, *Feld.*

Família IX. – DELTOIDITES, *Latr.*
Subfamília. *Platydidæ, Gn.*
Geroda, *Walk.*
esp.
Hypena, *Treit.*
pilosalis, *Gn.*

Subfamília. *Herminidæ, Duponch.*

23. A maior mariposa conhecida, com doze polegadas entre as asas.

Bocana, *Walk.*
pharusalis, *Walk.*
esp.
Palthis, *Hübn.*
hammatifera, *Hübn.*
duas espécies não classificadas.

Família X. – PYRALITES, *Gn.*
Subfamília. *Pyralidæ*, *Gn.*
Pyralis, *Linn.*
esp.

Subfamília. *Asopidæ, Gn.*
Samea, *Gn.*
ecclesialis, *Gn.*
castellialis, *Gn.*
Agathodes, *Gn.*
designalis, *Gn.*
Leucinodes, *Gn.*
elegantalis, *Gn.*

Subfamília. *Margarodidæ*, *Gn.*
Glyphodes, *Gn.*
sybillalis, *Walk*.

Subfamília. *Botydæ*, *Gn.*
Botys, *Latr.*
scillalis, *Walk.*
ostræalis, *Gn.*
helcitalis, *Walk.*
amplalis, *Gn.*
dryalis, *Walk.*
illutalis, *Gn.*

dorysalis, *Walk.*
duas espécies não classificadas.
Pionea, *Gn.*
scripturalis, *Gn.*

Família XI. – GEOMETRITES,[24] *Newm.*
Subfamília. *Ennomidæ*, *Gn.*
Gynoperyx, *Gn.*
calbisaria, *Walk.*
rhombaria, *Gn.*
esp.
Eurymene, *Dup.*
esp.
Azellina, *Gn.*
crocallaria, *Gn.*
Synemia, *Gn.*
esp.
Cannagara, *Walk.*
esp.

Subfamília. *Urapterigidæ*, *Gn.*
Dysdæmonia, *Hübn.*
Boreas,*[25] *Hübn.*

Subfamília. *Boarmidæ, Guén.*
Boarmia, *Treits.*
illaudata, *Walk.*
Tephrosia, *Boisd.*
esp.

---

24. Phalenites, *Gn.*

25. Representada por um desenho apenas na Coleção do Museu Britânico (colocado entre as *Saturinidæ*); mas é certamente uma Geômetra, e apresenta similaridades com a *Ennomidæ* e a *Boarmidæ*. É aparentada com o gênero Chorodna do Hindustão; assemelha-se à Semiothisa, *Feld.*

Cerotricha, *Gn.*
licornaria, *Gn.*

Subfamília. *Geometridæ*, *Gn.*
Geometra, *Linn.*
esp.
Subfamília. *Acidalidæ*, *Gn.*
Acidalia, *Dup.*
cinco espécies não classificadas.
Arcobara, *Walk.*
microniata, var.

Subfamília. *Macaridæ*, *Guén.*
Macaria, *Steph.*
enotata,[26] *Gn.*

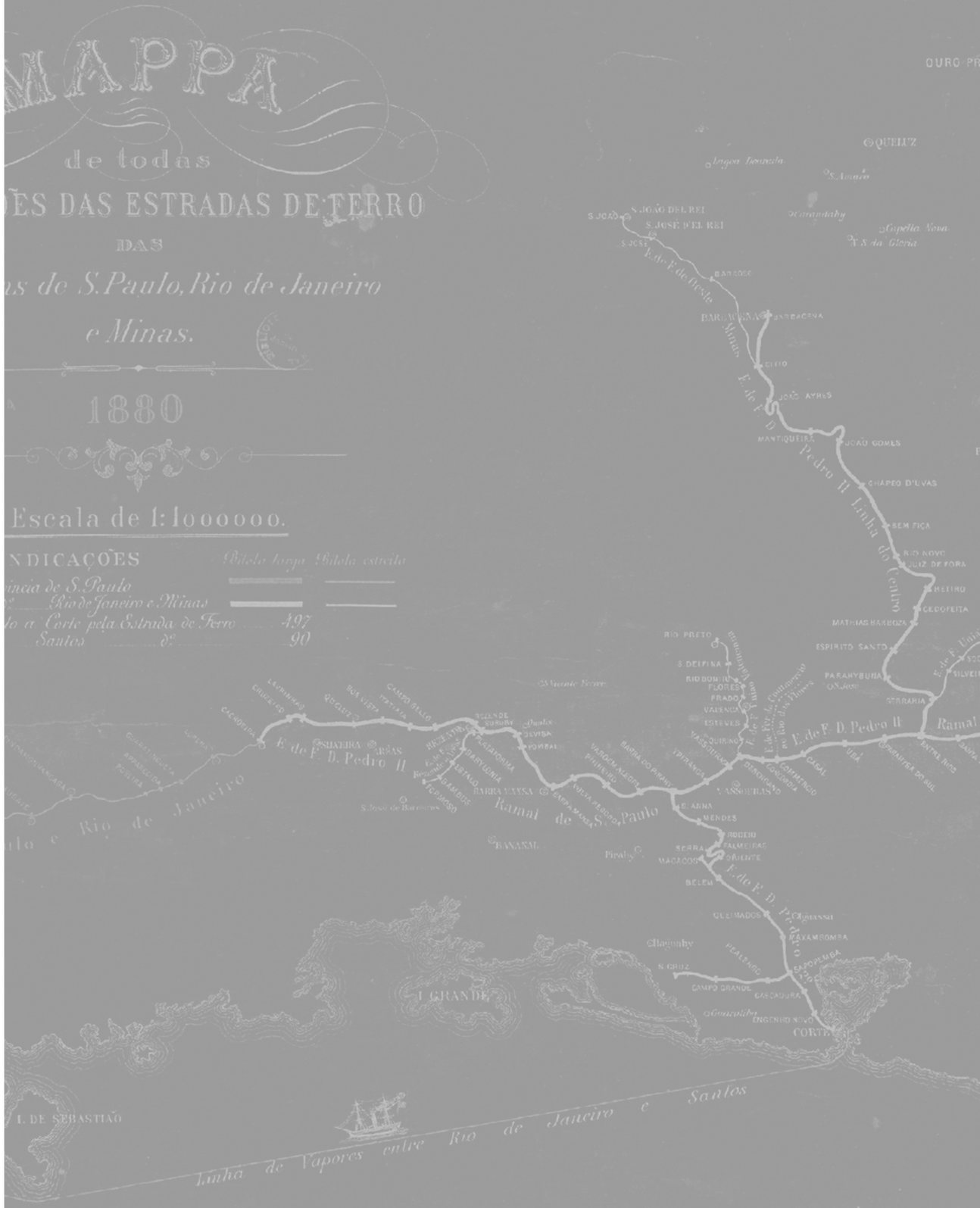
Subfamília. *Zerenidæ*, *Guén.*
Panthera, *Hübn.*
pardalaria, *Hübn.*

Subfamília. *Larentidæ*, *Guén.*
Scordylia, *Guén.*
conduplicaria, *Gn.*
Scotosia, *Steph.*
esp.
Pterocypha, *Herr. Sch.*
esp.

Subfamília. *Hedylidæ*, *Guén.*
Venodes, *Gn.*
napiaria, *Gn.*

---

26. Parece muito com a inglesa *M. notata.*



W. C. Hewitson[1] refere-se a um artigo da autoria de Roland Trimen,[2] no qual ele diz, falando das maravilhosas metamorfoses de uma espécie de Papílio:

> Os entomologistas, geralmente não menos que os naturalistas, pareciam contentar-se com um encantamento infantil diante desse e de outros fatos semelhantes e os deixaram passar como coisas inescrutáveis até que Darwin nos deu uma explicação racional desses fenômenos.

Hewitson observa:

> Devo dizer e espero poder fazê-lo sem ofender ninguém que prefiro a atitude infantil dos naturalistas anteriores às hipóteses pueris da escola de Darwin. Trimen, se bem o interpreto, dá esse (posso chamá-lo de sonho?) como mera suposição. Bates, em seu pronunciamento como Presidente da Sociedade Entomológica, fala como se fosse um fato estabelecido.

Tenho constantemente lutado por combater a teoria da evolução, agora tão amplamente aceita, e, por este motivo – embora haja os que, acreditando na revelação, consideram a evolução uma das leis naturais estabelecidas pelo Criador, há outros que apoiam essa teoria para afastar a ideia da criação para uma distância incomensurável e, assim, mesmo se não chegam ao ponto de não crer no Ser Supremo, abrem caminho para a negação de um Deus pessoal que de qualquer forma influencie a ordem atual da natureza e de quem, portanto, dependemos individualmente. Isso destrói todos os fundamentos da religião pessoal.

Há um Deus. Ele nos deu dois Livros. Revela-se à parte espiritual de nossa natureza por Sua Palavra e às nossas capacidades físicas e intelectuais por Suas obras – pela Natureza. As duas revelações, vindas de uma fonte única, têm de se harmonizar.

Há, contudo, hoje em dia, um número infinito de matizes de opiniões sobre esses assuntos e há também um conflito entre a ciência e a religião, que é muitíssimo deplorável, especialmente porque, receio, tem levado muitos à descrença ou, pelo menos, à dúvida honesta; e embora seja difícil explicar a origem de todo mal, é mais difícil corrigi-lo.

Todas as vezes que os homens de ciência tentaram negar certas verdades ou doutrinas

1 . N.A. Em *Exotic Butterflies,* vol. IV.

2 . N.A.Tradução da Sociedade de Lineu.

espirituais, tais como a eficácia da oração, a possibilidade de milagres etc., trataram de coisas fora de seu âmbito de conhecimento. A matemática, a física, a biologia não podem explicar o mundo espiritual. A mente finita não pode compreender o infinito, mas pode apreendê-lo, aceitando a verdade revelada.

Por outro lado, sempre que o dogmatismo eclesiástico decretou certas explicações de fenômenos ou circunstâncias do mundo natural, explicações que descobertas científicas mostraram contradizer os fatos; nesses casos os dogmas são manifestamente errôneos e resultam de interpretações humanas da Escritura; tais textos foram inspirados não para ensinar ao homem o que ele poderia descobrir por si mesmo ou para instruí-lo em ciências naturais, mas para revelar como a criatura pode chegar ao Criador.

Em ambos os casos, portanto, os apologistas de cada partido vêm argumentando do conhecido para o desconhecido e o resultado tem sido uma confusão de ideias geralmente, se não invariavelmente, resultado de um intelecto distorcido ou fanático.

Entretanto, é apenas na medida em que recebemos a verdade revelada que podemos realmente apreciar as maravilhas do mundo natural.

A unidade da concepção, a variedade na execução, está evidente em toda parte, em toda a natureza orgânica e inorgânica.

Não se trata de e-volução, mas de re-volução. Tudo gira em círculo: o sistema solar, entre dez mil outros, move-se rapidamente pelo espaço. A Terra, com seu maravilhoso movimento duplo, girando ao mesmo tempo em seu eixo (que tem não apenas o movimento que produz as estações, mas outro muito mais complexo – a precessão dos equinócios), e também girando em torno do sol, sem que sintamos coisa alguma; a vida orgânica, em nosso mundo, a semente, o crescimento, a reprodução, a deterioração. A teoria da evolução, aplicada a esses fenômenos, é muito mais inconcebível do que as proposições da teologia. No que diz respeito à vida orgânica, posso citar uma frase que encontrei há alguns anos: “Supondo que o ciclo da vida seja uma espiral em vez de um círculo, pode descer ou subir, expandir-se ou contrair-se; mas isso não a relaciona com outras espirais semelhantes, cuja origem separada tem de ser explicada separadamente”.

É um axioma fundamental dos evolucionistas que os organismos vêm se aperfeiçoando em complexidade e forma. O registro inspirado da criação declara o fato, que os geólogos só recentemente comprovaram, da introdução sucessiva de formas superiores, terminando com o homem. Mas as famílias originais continuam hoje em dia mais ou menos nas mesmas condições de quando foram introduzidas pela primeira vez. Tem havido uma multiplicação de gêneros, de espécies, também infinita degradação e degenerescência, mas nenhuma evolução no verdadeiro sentido, de um tipo inferior produzir um superior.

Surpreende-me que homens racionais, cientistas, que se recusam a aceitar algo não realmente comprovado, sejam dogmáticos como são a respeito da evolução. Concordo que a teoria é atraente, mas nego enfaticamente que, mesmo com as descobertas mais recentes, tenham qualquer base para afirmar que a teoria está provada. Portanto, é extraordinário que, enquanto exigem de seus seguidores fé em teorias que são, no mínimo, insatisfatórias – embora atribuam o peso principal desse ônus à imperfeição dos registros geológicos, esses cientistas neguem a seus opositores o consolo da fé em coisas que são invisíveis e eternas.

É evolução ou degeneração? Os evolucionistas tudo atribuem à natureza e, exigindo eras infinitas para que a natureza opere, podem jogar poeira nos olhos de seus discípulos e descartar os incontáveis elos perdidos necessários para comprovar sua teoria, reportando-se simplesmente à imperfeição dos registros geológicos, aos quais tudo confiam.

A degeneração exige somente o reconhecimento de uma lei que pode ser vista funcionando em nosso meio, começando, pelo menos, com a mesma premissa de atribuir tudo à natureza.

Durante o período histórico – período demasiado curto para que os evolucionistas atentem para ele – todos os aperfeiçoamentos em animais ou plantas ocorreram devido a seu cultivo – sendo que as formas aperfeiçoadas, abandonadas a si próprias, rapidamente voltam a sua forma original.

Só o homem tem dentro de si um poder que nenhum evolucionista pode explicar e para o qual só a revelação pode dar uma razão satisfatória – um poder que lhe permite avançar, enquanto ao mesmo tempo tem dentro de si os elementos de degeneração que, se não forem dominados, o rebaixam à condição de mero animal, mesmo que não o degrade a uma posição inferior à da fera bestial, cujos únicos pensamentos dizem respeito ao dia de hoje.

A vida é demasiado curta, seus deveres demasiado graves para que dediquemos nossos poucos dias à especulação. Uma coisa é evidente: o homem *tem* um corpo e *é* um espírito que viverá para sempre. A revelação ensina como se preparar para essa vida futura.

Entretanto, há milhares que, conhecendo, amando, e acreditando nessa grande verdade, dispõem ocasionalmente, na luta crescente pela existência, de algumas horas para dedicar ao estudo da natureza. Se se acercarem dela com o sentimento do salmista – "Senhor, quão variadas são as Tuas obras! Com sabedoria criaste-as todas", o estudo tem para eles não só o mais profundo interesse em si mesmo, mas, aumentando seu conhecimento e apreciação das obras maravilhosamente intricadas do grande Criador, garante que, se Ele pode tão cuidadosamente prover os complicados ajustes necessários ao bem-estar de todo o mundo orgânico e pode velar pelos menores organismos que criou, quando mais não o fará por aqueles que foram formados à Sua imagem e semelhança e são objeto de Seu cuidado especial. Assim, no meio dos milhares de males que porventura sofram, podem, por meio da natureza, ser novamente conduzidos ao Deus da natureza e reconhecer que Ele, o Onisciente, o Onipresente, o Onipotente, "fez tudo bem feito".

Dr. J. C. Shairp[3] diz:

> O fundamento de toda religião, que a torna possível, é a relação da alma humana com Deus. Essa relação é a básica e determina o que o homem realmente é. Como À Kempis diz: "O que és aos olhos de Deus é o que realmente és". O reconhecimento prático dessa relação como a mais profunda, a mais vital, a mais permanente, como aquela que regula e inclui todas as demais – essa é a religião. E cada homem é religioso apenas na proporção em que reconheça na prática esse laço que o liga a seu Criador.[4]

---

3. N.A. *Culture and religion in some of their relations,* p. 14-15.

4. N.A. O senhor Arthur Vianna de Lima, filho de Sua Excelência o Barão de Iauro, ministro brasileiro em Berlim, acaba de publicar (dezembro de 1885) um livro denominado *Exposé sommaire des théories transformistes de Lamarck, Darwin at Hæckel.* O *Morning Post* em um longo telegrama de seu correspondente em Viena, datado de 7 de dezembro, conclui que: "O livro de Lima está fadado a criar sensação nos meios científicos e literários e contribuirá poderosamente para jogar no ridículo uma escola moderna de filósofos que fizeram muito pouco pelo aperfeiçoamento do homem e o progresso da ciência".
É muito lamentável que o *Morning Post*, um jornal claramente religioso, tenha louvado tão irrestritamente um livro evidentemente escrito por um ateu confesso. Sinto-me obrigado, portanto, a fornecer um ou dois estratos, que imediatamente mostrarão a tendência da obra.
Depois da mais violenta vituperação contra a credibilidade da Sagrada Escritura e uma alusão blasfema ao nosso santo Senhor, "um dos filhos de Maria" (p. 275), o autor continua (p. 276): "A observação constante da natureza leva a esta conclusão necessária e a única verdadeira: a eternidade da matéria em movimento". Considera que decidiu a questão e não vê dificuldade na afirmação ilógica que se segue (p. 278): se admitirmos a "Criação é necessário supor que ela seja a obra de um artesão todo poderoso (*artisan tout puissant*). Deveremos, então, perguntar "Quem, então, foi o pai de Deus?" Quanto a admitir que o próprio Criador não tenha princípio, que existiu não criado desde toda a eternidade, seria uma hipótese supérfula... É, então, muito mais simples e muito mais natural supor que o universo sempre existiu, que o material ilimitado que o compõe sempre esteve em movimento e que vem eternamente se metamorfoseando." E lendo isso, um pensamento ocorre à mente, aquela palavra "Deus lhes mandará forte ilusão para que acreditem numa mentira". (2 Thess. II, 11). *Domine dirige nos in viam veritatis*.
Esta nota, com exceção da última frase, foi inserida no *Morning Post* de 6 de janeiro de 1886.

Gostaria de ter podido fazer uma longa exposição sobre esse assunto interessantíssimo, mas tive muito poucas oportunidades de estudar mesmo os casos que se ofereceram à minha observação.

Entre os exemplos mais visíveis de coloração protetora, devo mencionar o gênero Ageronia das borboletas. Essas invariavelmente descansam com a cabeça inclinada e as asas totalmente abertas, agarrando-se contra os troncos cobertos de líquen das majestosas palmeiras. Essas borboletas são abundantes no Rio de Janeiro e, embora sejam um inseto grande – umas duas polegadas de asa a asa estendida, podem passar despercebidas à distância de algumas jardas, tanto que se assemelham a líquens.

O gênero Siderone também é digno de nota. Essas sempre descansam, com as asas dobradas debaixo do corpo, em galhos: a marca e o colorido da parte inferior das asas assemelham-se exatamente a folhas secas castanhas ou amarelas. A espécie *S. Isidora* (Cram.) também tem duas manchas visíveis na parte superior das asas, imitando buracos feitos por insetos.

Referindo-se ao mimetismo das mariposas, Bates[1] diz: "Diversas vezes alvejei por engano uma borboleta-beija-flor em vez do pássaro."

> Entre as picadas estreitas das florestas, encontra-se, durante o dia, um imenso número de borboletas de asas transparentes, em geral com as cores de vespas, abelhas, moscas icêumans e outros insetos himenópteros. Algumas espécies da mesma família têm asas opacas e parecem diferentes espécies de besouros; estas mantêm as asas fechadas em repouso, fechadas sobre o corpo, de modo que parecem o élitro dos besouros que enganadoramente imitam.[2]

O axioma de que o inseto que pratica o mimetismo deve ser mais raro que seu modelo nem sempre se realiza, como por exemplo, o *Euterpe tereas* (Pierinæ), que copia a *Papilio nephalion.* É muitas vezes comum, enquanto o último é raro. O *Colænis Julia* (Nymphalinæ) é muito mais comum do que o *Eueides aliphera,* enganadoramente semelhante, mas menor (Heliconinæ).[3]

1 . N.A. *The naturalist on the River Amazons*, vol. I, p. 185, 105.

2 . N.A. Thomas Belt, em *The naturalist in Nicaragua* dá exemplos de formigas mordedoras que são muito semelhantes, pela forma e movimentos, a aranhas Hemiptera e Coleoptera. Vi um exemplo no gênero Mutila, que é imitado perfeitamente pelo besouro *Cyptus Lineu,* Sch.

3 . N.A. *Proc. Ent. Soc,* 1879, p. XX etc.

Devo me reportar a seguir às subfamílias Danainæ e Heliconinæ, nas quais o mimetismo entre vários gêneros é tão mais notável por não parecer necessário para fins de proteção. Dr. Fritz Müller[4] comenta que:

> as Ithomiæ do Amazonas e as espécies próximas, por exemplo, Mechanitis, como Bates observa, são imitadas por tantas borboletas pertencentes às mais diversas famílias, que podem ser acertadamente consideradas como totalmente resguardadas da perseguição dos insetos, por causa de sua aparência desagradável... Entre as numerosas praticantes de mimetismo estão os enxames de *Acrcæa thalia.* Juntas ou individualmente, as *Eueides Isabella* e *Hiliconius eucrate,* que têm um cheiro forte, adquirirem uma semelhança com a *Mechanitis lysimnia,* inseto para nós inodoro; entre as numerosas borboletas que se assemelham suficientemente às três espécies citadas, para serem ocasionalmente confundidas com elas, estão as espécies pertencentes ao grupo Ithomia (*Melinæ*) e às verdadeiras Danaides *(Lycorea).* Thyridia e Ituna (*Danaidæ*) pertencem ambas ao tipo de caso em que as duas espécies semelhantes entre si parecem igualmente protegidas por sua aparência desagradável. A primeira, pertence ao grupo Ithomia, cuja aparência repelente já foi mencionada; e a segunda, às Danaides, que representam o mesmo papel como modelos de espécies imitativas do Velho Mundo, como a Ithomiæ no Novo Mundo. Mesmo após a morte parecem desafiar os estragos do tempo e os ataques dos acarinos etc. em virtude de sua feiura.

Bates, discutindo esse artigo, disse:

> Os numerosos casos de espécies que são elas próprias claramente protegidas por suas secreções repulsivas, evidentemente imitando outras espécies protegidas de forma semelhante, ainda constituem um grande obstáculo à compreensão; a excessiva complexidade da questão toma-se evidente para quantos leiam os escritos do Dr. Fritz Müller sobre o assunto... Os fenômenos em relação às Heliconidæ são os seguintes: sabe-se que na América do Sul tropical uma numerosa série de borboletas e mariposas de coloridos alegres, pertencentes a famílias muito

4 . N.A. *Ibid.*, p. XXV *et seq*.

> diferentes, que ocorrem com abundância em quase todas as localidades que um naturalista possa visitar, mudam suas linhas e marcas completamente, como que ao toque de uma varinha de condão, a cada centena de milhas, sendo a distância mais curta perto das escarpas orientais dos Andes do que mais próximo ao Atlântico. A semelhança em cerca de meia dúzia de espécies (de gêneros muito diferentes) torna-se tão grande a cada mudança, que ele (Bates) as tinha visto classificadas e designadas respectivamente como uma só espécie em grandes coleções.

Ituna e *Lycorea* são elos de ligação entre as Danaides e as Ithomiæ.

Entre os besouros (coleópteros) posso mencionar o gênero Chlamys, do qual Bates[5] diz que consiste "de pequenos besouros de formato cúbico e aparência grotesca, sendo a superfície superior de seus corpos salpicada de tubérculos. Parecem qualquer coisa, menos insetos; alguns são imitações exatas de bolinhas de excrementos de lagartas nas folhas" (por exemplo, o *Chlamys Nattereri,*[6] Kollar; *C. arcula,* Germ. etc.). "Outros imitam insidiosamente pequenos botões de flores, galhas e outras excrescências vegetais, enquanto alguns tipos grandes são como fragmentos de minérios metálicos" (por exemplo, *Poropleura bacca,* Kirby; *P. monstrosa,* Oliv.[7]). "Têm movimentos muito preguiçosos e vivem das maneiras mais expostas na superfície das folhas. Seus formatos curiosos constituem, portanto, outros tantos disfarces para protegê-los do olhar agudo de pássaros e lagartos insetívoros".

> Um grupo bem próximo, Lamprosomas [dos quais tenho várias espécies] tem corpos convexos, perfeitamente lisos; cintilam como pedras preciosas sobre a folhagem e assim parecem ser protegidos pela excessiva dureza de seus tegumentos...
>
> Os Chlamydes existem quase exclusivamente nas partes mais quentes da América e a espécie, embora extremamente numerosa (conhecem-se cerca de trezentos em coleções), inclui tipos quase todos muito raros.
>
> Vale a pena notar que os insetos praticantes do mimetismo são geralmente muito escassos, isto é, ocorrem poucos exemplos de cada espécie nos locais onde são encontrados, e esses constituem grupos notáveis por sua extrema diversidade e pelo pequeno alcance de suas espécies.

5 . N.A. *The naturalist on the River Amazons*, vol. I, p. 346, 347.

6 . N.A. Colhido por mim em Minas Gerais e perto do Rio de Janeiro.

7 . N.A. Encontrei todos esses em Minas Gerais e/ou perto do Rio de Janeiro.

Apanhei um lindo gorgulho – *Heilipus trachypterus* (Germ.) – em Minas, cujo élitro, preto e cor de creme, pontilhado de rugosidades e tubérculos, assemelha-se a líquens nos troncos das árvores. Achei também alguns besouros de areia que tinham coloração protetora.

Muitos outros besouros, que não podemos considerar protegidos dessa forma contra seus inimigos, na verdade o são quando se encontram nos locais que habitualmente frequentam por parecerem uma folha escura, morta ou grão seco.

Posso também mencionar os gafanhotos. Alguns são compridos e estreitos, simulando com exatidão folhas de grama; outros são maiores, tendo cerca de duas polegadas de comprimento por meia de largura. Um espécime em meu poder é *Steirodon citrifolium* (Serv.). Esses são exatamente iguais a folhas verdes.

Para maiores detalhes, indico o livro de A. R. Wallace, *Tropical nature*; também um ensaio muito interessante, *Protective resemblances and mimicry in insects*, de Roland Trimen, Membro da Royal Society, nos números de fevereiro e março do *Entomologist* de 1885; também um artigo, "The habits of the butterflies of the Amazon Valley", de A. R. Wallace.[8]

Não há dúvida de que os insetos exibem coloração protetora e mimetismo para ajudar os que são comestíveis a evitar seus numerosos inimigos, ao passo que os gêneros de colorido vistoso podem exibir-se à vontade, pois, sendo intragáveis, não precisam esconder-se.

A teoria sobre esses fenômenos tem sido discutida com tal frequência que basta uma referência ao assunto; mas vejo-me forçado a confessar que não posso concordar com a hipótese do desenvolvimento gradativo dessa proteção; não só porque não consigo compreender como os insetos, durante o processo necessariamente prolongado durante o qual essa vantajosa condição estava sendo desenvolvida, poderiam aproveitar-se dela, mas também e especialmente por causa das perigosas deduções tiradas a partir da teoria da evolução.

É desnecessário detalhar todos os argumentos pró e contra apresentados quase *ad nauseam.* Mas posso recomendar enfaticamente a todos os estudantes que examinem as teorias da seleção natural e da sobrevivência dos mais aptos juntamente com as exigências extravagantes de seus partidários e que considerem se a teoria contrária, da criação especial, não se mostra pelo menos igualmente sustentável e funcional.

Como se pode aceitar ou mesmo considerar possíveis teorias tranquilamente propostas pelos evolucionistas que já ultrapassaram Darwin e que apresentam, como conclusões bem pesadas, a afirmação de que todo organismo existente evoluiu por acaso, a partir de um germe primordial, e que a primeira partícula de matéria animada foi "uma confluência fortuita de átomos"?

Pelo menos, o abismo imenso e intransponível existente entre certas famílias não pode,

8 . N.A. *Trans. Entom. Soc.,* 1853.

no meu entender, ser explicado por nenhuma teoria exceto o axioma da criação especial, em certos períodos, por mais remotos que sejam.

Darwin[9] disse: "São os que sabem pouco, e não os que sabem muito, que afirmam tão categoricamente que este ou aquele problema nunca será resolvido pela natureza".

Portanto, peço novamente moderação na expressão de pensamento, tanto dos cientistas como dos teólogos. Mas mantenho que, pelo menos, podemos começar com a teoria fundamental de um Ser Supremo que, por infinita condescendência, tem uma relação especial com todos e que, enquanto faz estupendas revelações de Seu poder e onipresença no mundo natural – onde cada movimento é objeto de seu cuidado especial, revela-se de forma muito mais transcendente e miraculosa ao homem, feito à Sua imagem e "do qual vivemos, agimos e derivamos nosso ser".

Concluo com um extrato da obra do Professor P. J. van Beneden, *Animal Parasites*:

> Todas as adaptações mútuas são pré-organizadas e, quanto a nós, não podemos renunciar à idéia de que a terra foi preparada sucessivamente para as plantas, os animais e o homem. O Criador, ao inicialmente programar a matéria, tinha em mente aquele ser que um dia elevaria os olhos para Ele e O louvaria... O artista que modela a argila para formar seu modelo já concebeu a estátua que vai produzir. Assim é com o Supremo Artista. Seu plano para toda a eternidade está presente em Sua mente; executará a obra em um dia ou em mil eras; o Tempo nada é para Ele; a obra é concebida, é criada, e cada uma de suas partes é apenas o reconhecimento do pensamento criativo e de seu desenvolvimento pré-determinado no tempo e no espaço. "Quanto mais avançamos no estudo da natureza", diz Oswald Heer,[10] "tão mais profunda é também nossa convicção de que só a crença em um Criador Onipotente e em uma sabedoria Divina, que criou o céu e a terra de acordo com um plano eterno e pré-concebido, pode resolver os enigmas da natureza, bem como os da vida humana. Continuemos a erigir estátuas aos homens que foram úteis a seus irmãos e se distinguiram por seu gênio; mas não nos esqueçamos daquilo que devemos. Àquele que pôs maravilhas em cada grão de areia, um mundo em cada gota de água."

9 . N.A. *Descent of man*, vol. I, p. 3.
10 . *Le Monde Primitif*, 1876.

Colecionados por mim no Brasil. Todos os insetos foram apanhados na província de Minas Gerais, exceto os assinalados por asterisco (*), que vieram da província do Rio de Janeiro e vizinhanças.

A nomenclatura é a de espécimes da coleção do Museu Britânico, bem como do Museu de História Natural, de South Kensington, em Londres.

A classificação é de *Histoire naturelle des insects, genera des coléoptères*, também de Th. Lacordaire, Paris, 1854, doze volumes. Examinei também cuidadosamente o *Catalogus coleopterorum*, do Dr. Gemminger de B. de Harold, Munich, 1869-1876.

Ordem. – COLEOPTERA.

Família – CICINDELIDÆ.

Sub-família. *Megacephalidæ, Lac.*

Oxycheila, *Dej.*
tristis,* *Fabr.*

Família – CARABIDÆ.

Sub-família. *Lebiidæ, Lac.*

Calleida, *Dej.*
decora (?), *Fabr.*

Cymindis, *Latr.*
esp.
Lebia, *Latr.*
bifasciata, *Dej.*

Sub-família. *Scartidæ, Lac.*
Scarites, *Fabr.*
rugicollis, *Dej.*
corvinus, *Dej.*

Sub-família. *Stomidæ.*
Pelecium, *Kirby.*
cyanipes, *Kirby.*

Sub-família. *Cratoceridæ.*
Melanotus, *Dej.*
impressifrons, *Dej.*

Sub-família. *Harpalidæ.*
Harpalus, *Latr.*
fulgens, *Dej.*
amethystinus, *Dej.*

Sub-família. *Feronidæ.*
Marsyas, *Putzeys.*
æneus, Putz.

Família. – STAPHILININÆ.
Sub-família. *Staphilinidæ.*
Staphilinus, *Linn.*
esp.

Philonthus, *Curtis.*
amœnus, *Guér.*

Família. – HISTERINÆ.
Sub-família. *Histeridæ.*
Saprinus, *Erichs.*
esp.

Família. – NITIDULAIRES.
Sub-família. *Cychramidæ.*
Camptodes, *Erichs.*
duas espécies não classificadas.

Família. – TROGOSITAIRES.
Sub-família. *Trositidæ.*
Trogosita, *Oliv.*
fulgidivittata, *Blach.*

Sub-família. *Cucujidæ.*
Catogenus, *Westw.*
cataneus, *Perty.*

Família. – DERMESTIDÆ.
Dermestes, *Linn.*
esp.
Família. – PECTINICORNES.
Sub-família. *Passalidæ.*
Passalus, *Fabr.*
furcilabris, *Esch.*
striatopunctatus, *Perch.*

Família. – LAMELLICORNES.
Sub-família. *Copridæ.*
Gymnopleurus, *Illig.*
    Mac Leayi (?), *Reiche.*
Canthon, *Hofftmannsegg.*
    fasciatus, *Mann.*
    virens, *Sturm.*
    três espécies não classificadas.
Coptorhina, *Hope.*
    deplanatus, *Reiche.*
Chæridium (?), *Serv.*
    esp.
Canthidium, *Erichs.*
    decoratum, *Perty.*
    atro-cœruleum (?), *Reiche.*
    viridi-obscurum (?).
Copris, *Geoff.*
    bos, *Lac.*
    agenor, *Dej.*
    bituberculata, *Klug.*
    Æneas, *Reiche.*
    crinicollis, *Germ.*
    esp.
Pinotus, *Erichs.*
    Eridanus, *Oliv.*
Phanæus, *Mac Leay.*
    principalis, *Dup.*
    mimas, *Fab.*
    floriger, *Kirby.*
    splendidulus, *Fab.*
    Kirbyi, *Vigors.*
Dendropemon, *Perty.*
    esp.

Onthophagus, *Latr.*
    esp.

Sub-família. *Aphodiidæ.*
Aphodius, *Illig.*
    esp.
Atænius (?), *Harold.*
    esp.

Sub-família. *Hybosoridæ.*
Cœlodes, *Westw.*
    gibbus, *Perty.*
    castaneus.

Sub-família. *Geotrupidæ.*
Athyreus, *Mac Leay.*
    parvulus, *Reiche.*
Bolboceras, *Kirby.*
    striato-punctatus, *Casteln.*

Sub-família. *Trogidæ.*
Trox, *Fabr.*
    esp.

Sub-família. *Melolonthidæ.*
Astæna, *Erichs.*
    esp.
Athlia, *Erichs.*
    esp.
Macrodactylus, *Latr.*
    suturalis, *Mannerh.*
    affinis, *Casteln.*
    angustatus, *Beauv.*

agustatus, var. lineatocolis,
Chevr.
pilivittatus, *Reiche.*
três espécies não classificadas.
Isonychus, *Mannerh.*
albicinctus, *Mannerh.*
esp.
Dicrania, *Serv.*
esp.
Ceraspis, *Serv.*
maculosa, *Waterh.*
duas espécies não classificadas.
Plectris, *Serv.*
esp.
Hadrocerus, *Guérin.*
castanei-pennis, *Guér.*
Liogenys, *Guér.*
esp.
diversas outras espécies obscuras.

Sub-família. *Rutelidæ.*
Antichira, *Esch.*
pantochloris, *Blanch.*
dichroa, *Mann.*

Antichira thoracica, *Mann.*
Cnemida (?), *Kirby.*
esp.
Rutela, *Latr.*
lineola, *Linn.*
Pelidnota, *Mac Leay.*
prasina, *Burm.*
sumptuosa, *Vigors.*

lucida, *Burm.*
punctulata, *Chev.*
Plusiotis, *Burm.*
auripes, *Gray.*
Bolax, *Fischer.*
flavolineatus, *Mannerh.*
Leucothyreus, *Mac Leay.*
mutabilis, *Burm.*

Sub-família. *Dynastidæ.*
Cyclocephala, *Latr.*
sanguinicollis, *Burm.*
melanocephala, *Fabr.*
Erioscelis, *Burm.*
striata.
Stenocrates, *Burm.*
humilis, *Burm.*
Bothynus, *Hope.*
Ascanius, *Kirby.*
Deiphobus, *Burm.*
esp.
Scaptophilus, *Burm.*
cœnobata, *Dej.*
esp.
Corynoscelis, *Burm.*
glaucons, *Perty.*
Acerus, *Burm.*
esp.
Megacerus, *Hope.*
esp.
Cœlosis, *Hope.*
biloba, *Linn.*
bicornis, *Fabr.*
sylvanus, *Fabr.*

Heterogomphus, *Burm.*
Thoa, *Dej.*
duas espécies não classificadas.
Enema, *Hope.*
infundibulum, *Burm.*
Pan, *Fabr.*

Strategus, *Hope.*
Antæus, *Fabr.*
esp.
Megalosoma, *Burm.*
Typhon,* *Oliv.*
Agaocephala, *Serv.*
cornigera, *Mannerh.*
Phileurus, *Latr.*
didymus, *Linn.*
duas espécies não classificadas.

Sub-família. *Cetonidæ.*
Cotinis, *Burm.*
mutabilis, *G* e *P.*
Gymnetis, *Mac Leay.*
undulata, *Vigors.*
reticulata, *Kirby.*
albiventris, *G.* e *P.*
pantherina, *Burm.*
hieroglyphica, *Vigors.*
Euphoria, *Burm.*
lurida, *Fabr.*
Família. – BUPRESTIDÆ, *Marseul.*
Sub-família. *Chalcophoridæ.*
Euchroma, *Solier.*
gigantea, *Linn.*

Psiloptera, *Solier.*
attenuata, *Fabr.*
inconstabilis, *Perty.*
dives, *Germ.*

Sub-família. – *Buprestidæ genuinæ.*
Conognatha, *Esch.*
princeps, *Gory.*
pretiosissima, *Chev.*
Geralius, *Harold.*
mucorius, *Klug.*
Agrilus, *Steph.*
tuberculatus, *Klug.*
diversas espécies não classificadas.

Família. – ELATERIDÆ.
Sub-família. *Chalcolepidiidæ.*
Chalcolepidius, *Esch.*
zonatus, *Esch.*
Semiotus, *Esch.*
ligneus,* *Linn.*
Sub-família. *Elateridæ genuinæ.*
Cyathodera, *Blanch.*
longicornis, *Blanch.*
Monocrepidius, *Eschs.*
stigmatus, *Cand.*
três espécies não classificadas.

Família. – MALACODERMES, *Kiesenw.*
Sub-família. *Lycidæ.*
Calopteron, *Guérin.*
esp.

Blessenus,
Lacordairei, *Kirsch.*

Sub-família. *Lampyridæ;*
Lucidota, *Casteln.*
lampyris.
esp.
Photinus, *Cast.*
esp.
Aspidosoma, *Cast.*
pallidum, *Oliv.*
Lampyris (?).
esp.

Sub-família. *Telephoridæ.*
Chauliognathus, *Hentz.*
esp.
Telephorus, *Schäff.*
axillaris, *Fisch.*
três espécies não classificadas.
Pyrophorus.
noctilucus, *Linn.*
ocellatus, *Germ.*
candelarius, *Germ.*
esp.

Família. – BOSTRYCHIDÆ, *Kratz.*
Bostrychus, *Geoff.*
equalis, *Waterh.*
inequalis, *Dej.*
três espécies não classificadas.

Família. – TENEBRIONIDÆ, *Kratz.*

Sub-família. *Epitragidæ.*
Epitragus, *Latr.*
fuscus, *Latr.*
esp.
Sub-família. *Zopheridæ.*
Nosoderma.
duas espécies não classificadas.

Sub-família. *Tenebrionidæ Genuinæ.*
Nyctobates, *Guér.*
maxima, *Germ.*
Zophobas, *Blach.*
laticollis, *Reiche.*
tridentata.
duas espécies não classificadas.

Sub-família. *Cnodalonidæ.*
Camaria, *Serv.*
elongata, *Dej.*
esp. (Museu Britânico).

Sub-família. *Helopidæ.*
Sphærotus, *Kirby.*
curvipes, *Kirby.*

Sub-família. *Strongiliidæ.*
Dicyrtus, *Lac.*
binodosus, *Lac.*
Pœcilesthus.
esp.
Stenochia, *Leconte.*
duas espécies não classificadas.

Família. – CISTELIDÆ.

Allecula, *Fab.*
patruilis, *St.*
Cistela, *Fab.*
esp.
Prostenus, *Latr.*
violaceippenis, *Dej.*
esp.

Família. – NILIONIDÆ.
Nilio, *Latr.*
duas espécies não classificadas.

Família. – MELANDRYIDÆ, *Muls.*
Orchesia, *Latr.*
esp.

Família. – LACRIIDÆ.
Statira, *Serv.*
esp.
Família. – MELOÏDÆ.
Sub-família. *Cantharidæ, Lec.*
Lytta, *Fabr.*
punctata, *Germ.*
quatro espécies não classificadas.

Família. – CURCULIONIDÆ.
Sub-família. *Brachyderidæ.*
Naupactus, *Schönherr.*
vittatus, *Mannerh.*
rivulosus, *Fabr.*
scintillans, *Bohem.*
bellus, *Bohem.*

esp., *Dupont.*
duas espécies não classificadas.
Cyphus, *Germ.*
Gibber,* *Pall.*
argillaceus, *S.*
nigropunctatus,* *Dej.*
Germari,* *Sch.*
augustus,* *Illig.*
Hancocki,* *Kirby.*
gloriandus, *S.*
Platyomus, *Schönh.*
tuberosus, * *J.*
niveus, *Fabr.*
duas espécies não classificadas.
Eustales, *Germ.*
adamantinus, *Germ.*
Thurnbergi, *Dalm.*
ambitiosus, *Bohem.*

Sub-família. *Otiorhynchidæ.*
Hyphantus, *Germ.*
esp.
Pyctoderes (?), *Schönh.*
esp.

Sub-família. *Leptopsidæ.*
Entyus, *Schönh.*
auricinctus, *Germ.*
Lordops, *Schönh.*
Gyllenhalli, *Dalm.*
Hypsonotus, *Germ.*
Faldermanni, *Sahlb.*
Rhigus, *Germ.*
irroratus, *Bohem.*

Entimus, *Schön.*
splendidus,* *Fabr.*
imperialis,* *Forster.*
nobilis,* *Oliv.*

Sub-família. *Molytidæ.*
Anchomus, *Schönh.*
esp.

Sub-família. *Cleonidæ.*
Lixus, *Fabr.*
obliquatus, *Deyr.*
bicaudatus, *Dej.*
esp.

Sub-família. *Hylobiidæ.*
Heilipus, *Germ.*
maculosus, *Bohem.*
Freyreissii, *Bohem.*
trachypterus, *Germ.*
nævulus, *Mannerh.*
fallax, *Bohem.*
strator (?), *Bohem.*

Sub-família. *Rhinomaceridæ.*
Rhynchites, *Herbst.*
esp.

Sub-família. *Cholidæ.*
Dionychus, *Germ.*
parallelogrammus, *Germ.*

Sub-família. *Cryptorhynchidæ.*
Collabismus, *Schönh.*
citellæ, *Bohem.*
Cryptorhynchus, *Illig.*
esp.
muitas espécies não classificadas.

Sub-família. *Zygopidæ.*
Cratosomus, *Schönh.*
lentiginosus (?), *Germ.*
flavofasciatus, *Guér.*

Sub-família. *Baridiidæ.*
Diorysomerus, *Schönh.*
auritus, *Bohem.*
altus, *Germ.*

Diorysomerus bicolor, *Chev.*
Pradieri, var.
Barycerus, *Schön.*
collaris, *Gylh.*
Baridius, *Schön.*
metallescens, *Bohem.*
duas espécies não classificadas.
Centrinus, *Schön.*
esp.
Cylindrocerus, *Schön.*
azureus, *Bohem.*

Sub-família. *Calandridæ.*
Rhyncophorus, *Herbst.*
Palmarum, *Linn.*
Sphenophorus, *Schön.*

crenatus, *Sch.*
duas espécies não classificadas.

Família. – LONGICORNES.
Sub-família. *Prionidæ.*
Parandra, *Latr.*
mandibularis, *Perty.*
Ctenoscelis, *Serv.*
acanthopus, *Germ.*
Navosama, *Blach.*
triste, *Blach.*

Sub-família. *Cerambycidæ.*
Achryson, *Serv.*
signatipenne, *Dej.*
duas espécies não classificadas.
Hammaticherus, *Dej.*
Batus, *Linn.*
esp.
Criodion, *Serv.*
corvinum, *Germ.*
esp.
Xestia, *Serv.*
confusa, *Dej.*
Chlorida, *Serv.*
festiva, *Linn.*
costata, *Serv.*
Eburia, *Serv.*
didyma, *Oliv.*
esp.
Elaphidion (?), *Serv.*
duas espécies não classificadas.

Sphærion, *Serv.*
esp.
Mallocera, *Serv.*
esp.
Ibidion, *Serv.*
bivulneratum, *Thoms.*
esp.
Compsocerus, *Serv.*
jucundus, *Dej.*
Stenygra, *Serv.*
conspicua, *Perty.*
Lophonocerus, *Serv.*
hirticornis, *Gyllh.* var. Museu Britânico.
Dorcacerus, *Latr.*
auricomus, *Germ.*
auricomus, var.
Trachyderes, *Dalm.*
succinctus, *Linn.*
Solieri (?), *Dej.*
lineolatus, var.
Megaderus, *Serv.*
stigma, *Linn.*

Sub-família. *Lamiidæ.*
Pteroplius, *Serv.*
nodifer, *Serv.*
Oncoderes, *Serv.*
basalis.
Acrocinus, *Illig.*
longimanus,* *Linn.*
Steirastoma, *Serv.*
depressum, *Linn.*
lacerta,* *Cast.*
Acanthoderes.

cinco espécies não classificadas.
Três Longicorns, gêreneros e espécies não classificados.

Família. – PHYTOPHAGA.
Sub-família. *Crioceridæ.*
Lema, *Fabr.*
fasciata, *Germ.*
quadricolor, *Lac.*

Sub-família. *Megalopidæ.*
Agathomerus, *Lac.*
sellatus, *Germ.*

Sub-família. *Clytridæ.*
Megalostomis, *Lac.*
gigas, *Lac.*
obesa, *Lac.*
grandis, *Försb.*
Euryscopa, *Lac.*
terrebellum, *Lac.*
Tellena, *Lac.*
varians, *Lac.*
Pnesthes, *Lac.*
instabilis, *Lac.*
Dachrys, *Lac.*
cruciata, *Lac.*
Stereoma, *Lac.*
concolor, *Lac.*
angularis, var.
esp.

Sub-família – *Cryptocephalidæ, Stuff.*
Scholochrus, *Suffrian.*

prætextatus, *Stuff.*
Metallactus, *Stuff.*
decumanus, *Stuff.*

Sub-família – *Chlamidæ, Lac.*
Chlamys, *Knoch.*
Nattereri, *Kollar.*
flaveola, *Dej.*
arcula (?), *Germ.*
Poropleura, *Lac.*
monstrosa,* *Oliv.*
bacca,* *Kby.*

Sub-família. *Lamprosomidæ, Lac.*
Lamprosoma, *Kby.*
chamœleon, *Lac.*
cœruleum, *Lac.*
smaragdinum, *Lac.*
lepidum, *Lac.*

Sub-família. *Eumolpidæ.*
Metaxyonycha, *Marshall.*
suturalis, *Dej.*
Colaspis, *Fabr.*
trivialis, *Boh.*
prasina, *Dej.*
crenata, *Fabr.*
assimilis, *Dej.*

Colaspis smaragdina, *St.*
cupripennis, *Dej.*
violacea, *Dej.*
Cerca de dez espécies não classificadas.

Chalcophana, *Chev.*
- aurata, *Oliv.*
- viridipennis, *Germ.*
- ruficrus, *Germ.*
- esp.

Cychræa, *Baly.*
- cerasina, *Pery.*
- livida, *Dej.*
- esp.

Eumolpus, *Weber.*
- nitidus, *Fabr.*
- ignitus, *Fabr.*

Typophorus, *Erichson.*
- sanguinicollis, *Dej.*

Endocephalus, *Chapnis.*
- bigatus, *Germ.*
- 10-maculatus, *Germ.*
- sex-lineatus, *Chev.*

Colaspoïdes, *Cast.*
- cyanella, *Dej.*
- blanda, *Dej.*

Sub-família. *Chrysomelidæ.*

Phœdon, *Latr.*
- pertinax, *Stål.*

Calligrapha, *Erichs.*
- polyspila, *Germ.*

Zygogramma, *Chev.*
- fulvocincta, *Stål.*
- rivulosa, *Stål.*

Deuterocampta, *Erichs.*
- mutabilis, *Stål.*

Doryphora, *Ill.*
- reticulata, *Stål.*

- aurantiaco-maculata, *Blach.*
- cincta, *Germ.*
- Fairmairei, *Stål.*
- esp.

Strichosa (?), *Chev.*
- esp.

Sub-família. *Galerucidæ.*

Cacoscelis, *Chev.*
- famelica, *Clark.*

Cacoscelis Feldneri, *Ill.*
- esp.

Disonycha, *Chev.*
- lineata, *Dej.*
- esp.

Omophoita, *Chev.*
- sex-guttata, *Ill.*
- argus, *Chev.*
- sex-notata, *Dej.*
- transversa, *Germ.*
- angula-notata, *Clk.*
- submaculata, *Clk.*
- episcopalis, *Ill.*
- quatuorfasciata, *Chev.*
- dicipiens, *Clk.*

Œdionychus, *Latr.*
- 5-punctatus, *Chev.*
- opimus, *Germ.*
- circumcinctus, *Dej.*
- humeralis, *Ill.*
- pallidipennis, *Clk.*
- cruciger, *Clk.*

libenturus, *Germ.*
areatus, *Germ.*
quadrifasciatus, *Reiche.*
tricruciatus, *Germ.*
esp.

Sub-família. *Hipidæ.*
Uroplata, *Baly.*
três espécies não classificadas.
Alurnus, *Fabr.*
nigripes, *Guér.*

Sub-família. *Cassididæ.*
Calyptocephala, *Booh.*
nigricornis, *Germ.*
Desmonota, *Hope.*
variolosa, *Fabr.*
cariosa, *Boh.*
Canistra, *Erichs.*
rubiginosa, *Guér.*
Batonota, *Hope.*
monoceras, *Germ.*
illudens, *Bohem.*
Coptocycla, *Boh.*
elatior, *Klug.*
duas espécies não classificadas.

Mesomphalia, *Hope.*
conspersa, *Germ.*
subreticulata, *Boh.*
contubernalis, *Boh.*
esp.
Pœcilaspis, *Hope.*

esp.
Omoplata, *Hope.*
aulica, *Dej.*Omoplata dichroa, *Germ.*
generosa, *Boh.*
esp.
Slenis, *Hope.*
spirifex, *Linn.*

Família. – COCCINELLIDÆ.
Diversas espécies não classificadas.

271 espécies classificadas
131 espécies não classificadas
Total 402 espécies, além de vinte ou trinta espécies obscuras.

NOTAS SOBRE ALGUNS DOS COLEÓPTEROS RELACIONADOS ACIMA

Entre tantos grupos interessantes, é extremamente difícil selecionar alguns para observações especiais; mas posso destacar os vaga-lumes (*Lampyridæ* e *Telephoridæ*) e o gênero Lytta (*Cantharidæ*), que são usados como remédios. “O gênero Cyphus, restrito à América do Sul, é um dos mais belos da família; alguns dessa espécie, por exemplo, os Hancocki, são os maiores e mais magníficos Curcilionidæ conhecidos.”[11]

> Quatro espécies esplêndidas constituem o gênero Entimus; são eles *imperialis*, Fors., *splendidus,* Fabr., *nobilis,* Oliv. do Brasil, e *granulatus,* Linn. de Cayenne. Já são conhecidos há muito tempo e são mais ou menos comuns em coleções. Com exceção de *splendidus,* que é enfeitado com pastilhas – confluentes em parte, de um verde acobreado brilhante – todos são cobertos de modo uniforme com placas de um lindo verde dourado. São próprios da América do Sul e geralmente são encontrados juntos, em bandos mais ou menos numerosos. No Brasil, já vi muitas vezes mimosas cobertas de espécimes de *imperialis,* de

11 . N.A. Lac., VI, 115.

modo que os galhos vergavam sob seu peso.[12]

O lindo besourinho metálico azul, *Compsocerus jucundus,* Dej., merece ser mencionado, pois tem curiosos tufos pretos cabeludos no meio de suas longas antenas delicadas. Bates[13] refere-se a outro Longicom, *Coremia hirpes,* que tem um tufo de cabelo nas pernas traseiras, e observa:

> Ocorrem-nos reflexões curiosas quando vemos um ornamento semelhante à pena do quepe de um granadeiro situada em uma parte do corpo em uma espécie, e numa parte totalmente diversa em espécies muito próximas. Tentei em vão descobrir a utilidade desses curiosos ornamentos semelhantes a pincéis.

Já me referi aos gêneros Chlamys e Poropleura em meu artigo sobre mimetismo. Posso acrescentar outro, pertencente ao gênero Batonota, que, como alguns dos Horaoptera, se assemelha a espinhos.

Outro besouro brasileiro típico de Minas Gerais, ao qual devo referir-me, é *Hypocephalus armatus,* Desm. O Reverendo Hamlet Clark,[14] numa carta de Constância, na Serra dos Órgãos, em 1856, escreve:

> Creio que só se conhecem três exemplos de *H.armatus* ou Anglice, o besouro grilo-toupeira, por causa de sua estranha semelhança com o grilo-toupeira. Bem, encomendei uns desenhos dessa criatura a partir da figura que Smith me deu e os distribuí aqui entre alguns escravos de aparência inteligente, com a promessa de três mil-réis (cerca de seis ou sete xelins) por espécime que me trouxessem. Mas esses negros têm imaginações tão exuberantes! Sim, todos os tinham visto, tinham visto com frequência, conheciam-no *bem,* um o tinha encontrado debaixo de madeira podre, outro o tinha visto frequentemente em sua plantação, outro o vira, outro dia mesmo, no caminho; mas tudo não passava de conversa (três mil-réis seria uma fortuna para qualquer deles) e nenhum Hypocephalus jamais apareceu.

12. N.A. *Ibid*., 283.
13. N.A. Vol. I, p. 209.
14. N.A. *Letters home,* p. 141. Londres, 1867.

Desmarest[15] diz: "É um besouro grande, estranhíssimo, da região das minas no interior do Brasil, cujas relações naturais têm estarrecido todos os entomologistas subsequentes". J. O. Westwood observa: "O inseto exibe, como Desmarest bem observa, alguma analogia com o grilo-toupeira, pelo tamanho grande do protórax, pelas grossas pernas traseiras e pelas antenas curtas". O comprimento do espécime de Westood era de três polegadas e meia linha; ele acreditava que esse era o espécime único existente nas vitrines metropolitanas daquela época (1845). O espécime de M. Desmarest tinha duas polegadas e um quinto de comprimento, ao passo que o comprimento do espécime descrito por Gistl era duas polegadas e um doze avos. Westwood menciona que um espécime foi comprado para o Museu de História Natural de Paris pelo preço de 700 francos. O Professor Burmeister considera "o curioso animal Phypocephalus" um longicórneo da sub-família Prionidæ. Meu amigo Melvill comprou recentemente (1885) um espécime do Sr. Janson, de Little Russell Street, que lhe escreveu como se segue:

> Dois espécimes foram enviados pelo Senhor de Laenda, da Bahia, que os obteve do interior; um desses, o menor, vendi a M. van de Poll, de Amsterdam, em julho do ano passado (1885); o outro, que agora lhe envio, eu pretendia conservar, pois acredito que, além de um espécime no Museu Britânico e um na coleção de Alexander Fry, não haja outros em Londres ou provavelmente na Inglaterra.

C. O. Waterhouse do Museu Britânico confirmou a informação.

O *Catalogus coleopterorum* dá os nomes de mais de 73.000 espécies de besouros, sendo os Curculiionidæ e os Chrysomelidæ representados, cada um, por mais de 10.000 espécies, os Geodephaga e Lamellicomes por 8.000 cada, e os Longicomes por 7.500.

15. N.A. *Guérin's Magazin de Zoologie*, 1832, vol. I, p. 24.

NOTAS SOBRE OUTROS INSETOS

Nas notas anteriores coloquei os lepidópteros em primeiro lugar porque, certamente, as borboletas são os mais conhecidos e os preferidos pelo fato de se exibirem em toda parte e por seu colorido vibrante. Na realidade, a ordem mais elevada dos insetos é a dos himenópteros, seguida pelos coleópteros, que são sucedidos pelos lepidópteros. Vou agora reportar-me aos himenópteros e depois passar às outras ordens na sequência adequada.

HIMENÓPTEROS

Abelhas e Vespas – Em meu diário, aludi frequentemente a abelhas e vespas e, como não os colecionei (apesar de ter cerca de uma dúzia de espécies), julgo desnecessário dizer mais de uma palavra sobre eles. Em uma ocasião, na primavera (3 de setembro de 1882), encontramos numa árvore um ninho de vespas de forma curiosa e, desejando conservá-lo, mandei que expulsassem os insetos, tirei o ninho e o coloquei em outra árvore a umas cem jardas de distância. Voltando à noite, vimos que as vespas tinham descoberto o ninho, cuja posse elas tinham recobrado. Eram vespas das que picam e seu ninho era feito de um material cinzento, semelhante a papel.

Mais adiante na mesma estação (dia 5 de novembro), uma colônia de vespas negras muito pequenas fez um ninho de argila em nosso rancho, sendo a entrada através de um caminho coberto construído na parede de toras de árvore. Dr. Gardner[1] dá uma lista de dezoito abelhas, com os nomes locais apenas. Geralmente, pertencem ao gênero *Melipoma.* Illig. Bates[2] também se refere com algum detalhe a abelhas e vespas.

Formigas – Entre os muitos espécimes entomológicos que colecionei, há algumas bonitas formigas cabeludas de um tom vermelho-amarelo-preto. São *Mutilla tristis,* Klug; M. *perspicillaris,* Lug; *M. spinosa,* var. e uma outra. São ferozes e agressivas e são imitadas com exatidão por um besouro rinocóforo do gênero Cyphys (C. *Lineu.*Sch.).

Devo dedicar mais algumas linhas a uma formiga já mencionada com algum detalhe com o nome local de cabeçuda e tanajura. Essas formigas excepcionalmente trabalhadoras e de cabeça extraordinariamente grande levaram minhas provisões e destruíram minhas camisas de flanela, de modo que me vinguei fritando e comendo as fêmeas gorduchas e dentuças. As trabalhadoras são as cabeçudas, *Atta cephalotes,* Lin.; *A. sexdentata,* Latr.; os machos e fêmeas de corpos grandes são *A. abdominalis,* Smith. As fêmeas têm o dobro do tamanho dos machos e têm mais de duas polegadas

1 . N.A. *Travels in Brazil*, p. 248.

2 . N.A. *The naturalist on the River Amazons*, vol. II, p. 40.

entre as asas. O nome inglês é umbrella ou formiga carregadora.[3] Bates as chama de formigas saúva, e dedica dez páginas à descrição de seus hábitos; fornece desenhos das trabalhadoras e das fêmeas. Vi repetidas vezes exércitos de trabalhadoras subir uma árvore e pelar todas as folhas; essas caem ao chão e são depois picadas em tamanhos adequados, e carregadas por outra legião de formigas até o ninho. Disseram-me que as formigas formam canteiros de fungos subterrâneos e alimentam as larvas com o fungo que se forma nas folhas apodrecidas. Muitas vezes as formigas lutam com um pedaço de folha presa à mandíbula doze vezes maior do que elas e fazem isso, tão eretas e firmes, que se pode levantar a folha do chão sem que elas a larguem. É divertido ficar observando o que parece ser uma longa fila de folhas animadas atravessando uma estrada ou andando perto de algum tronco de árvore caído sobre um riacho. Ao examiná-la, percebem-se duas filas de formigas – um exército marchando em direção ao ninho, cada indivíduo com seu fardo de folha; o outro correndo muito mais rápido em direção oposta e voltando ao campo de trabalho. Todas as vezes que uma formiga deixou cair o fardo a caminho de casa nunca a vi apanhá-lo de novo; ela invariavelmente voltava em busca de outro. Assim, em alguns lugares, tais como a marca profunda deixada por uma roda, onde muitas formigas haviam deixado cair suas cargas ao subir os flancos escarpados, havia um montinho significativo de fragmentos de folhas. Descobri que meu cão gostava de pegar e comer as trabalhadoras, que cheiravam a limão. Os ninhos são abundantes em toda parte nos campos, e apresentam o espetáculo de grandes montes de bolinhas de terra, algumas vezes com muitas jardas quadradas de extensão e dois pés de altura. Esses montes são formados com a mesma terra escavada de suas galerias subterrâneas, cada bolinha individual tendo sido moldada e carregada para cima nas mandíbulas das trabalhadoras. Muitas vezes observei esses insetos batalhadores cambaleando com seus fardos até a entrada de suas galerias, depois correndo para a extremidade dos diques, deixando cair de lado sua carga e voltando alegremente para sua faina subterrânea.

No dia 28 de novembro descobri um pequeno ninho de formigas no galho de um arbusto; tinha a forma de esfera, uma polegada e meia de diâmetro e era feito de terra vermelha.

NEURÓPTEROS

Cupins – Entre todos os insetos de aparência desagradável, creio que são mais repulsivos os trabalhadores têrmites de corpo mole, semitransparente, de um branco-acinzentado sujo. Felizmente, nunca sofremos muito com seus estragos, embora no acampamento ocasionalmente descobríssemos um bando atravessando o assoalho de nosso rancho e achássemos sua trilha encoberta, feita de uma crosta fina de terra vermelha, subindo por um lado da parede, construída de forma a

3 . N.A. *Insects abroad*, p. 441, Rev. J.G. Wood.

alcançar despistadamente o objeto de seu ataque; mas como logo os destruímos e, também, suas galerias, não tive a oportunidade de observá-los dentro de casa. Seus imensos ninhos cônicos, parcialmente coloridos, que são muito abundantes, constituem uma das principais características da paisagem nos planaltos. A cor dominante é o vermelho, mas frequentemente são feitos acréscimos de terra branca ou cinzenta; e, como o ninho é frequentemente aumentado, no final perde a forma de hemisfério ou cone debaixo das numerosas elevações construídas em todas as direções. O Prof. Drummond publicou um artigo muito interessante[4] sobre o "Papel dos cupins na economia da natureza". Argumenta que cumprem nos trópicos uma função semelhante à que é desempenhada nas zonas temperadas pela minhoca.

DERMÁPTEROS OU ORTÓPTEROS

Francis Walker declara, no fim de seus catálogos, que o nome Dermáptero dado a esses insetos por De Geer tem prioridade; são depois chamados de Ortópteros por Olivier. A respeito de sua distribuição geográfica, diz que se limitam geralmente mais às regiões quentes do que as outras ordens de insetos, que também mais ou menos os precedem quanto à época de seu aparecimento anual. Sobre a maneira como ramificações dos dermápteros das regiões tropicais têm convergido para os pólos, algumas tribos parecem ter abandonado sua primeira habitação sempre à medida que o calor e a aridez crescentes os privaram de condições essenciais à existência, e alguns parecem ter aumentado em número e variedade depois de sua migração. A marcha em direção ao norte, partindo das regiões equatoriais, pode ser incluída em quatro casos principais; primeiro, através da China até o Japão; segundo, das Índias Orientais, e pelo Himalaia e outras cadeias de montanhas até a Ásia e a Europa Ocidental; terceiro, da África Central até a África e Europa Setentrionais; quarto, da América Equatorial até a América do Norte. As regiões ao sul do Equador incluem três divisões principais: primeiro, a América do Sul, onde a vida de insetos é muito abundante; segundo, a Austrália e as numerosas ilhas vizinhas; terceiro, a África do Sul, onde os insetos são menos numerosos. Brunner de Wattenwyl, em seu ensaio sobre a distribuição geográfica dos Blatários, dividiu o globo em dezesseis regiões – nove ao norte do Equador, duas ao sul, cinco em ambos os lados, sendo um a América do Sul, em direção ao Atlântico. Walker dá uma lista dos gêneros especiais de todos os Dermópteros encontrados em cada uma dessas dezesseis regiões.

4. N.A. *Good Words*, maio de 1885.

Colecionei umas trinta espécies de blatários, incluindo *Petasodes dominicana,* Sauss; *Brachycola vittata* (?). *Epilampra agathina,* Sauss.; E. *subconspersa,* Clk.; *E. caliginosa,* Clk.; *Pseudomops femoralis,* Clk. Os nomes foram tirados dos espécimes e as autoridades são as do *Catalogue of the specimens of Blattariæ, in the Collection of the British Museum*, de Francis Walker, F.L.S., 1868, de cujos livros estas notas foram extraídas.

Em um resumo ao fim do volume, Walker diz:

> Neste catálogo, estão registradas 686 espécies de blatários e há muitas ainda por classificar. Não é fácil avaliar corretamente sua distribuição geográfica. Algumas espécies passam de uma a outra região e se multiplicam excessivamente em circunstâncias artificiais. Outras espécies são de ocorrência rara e sua sobrevivência pode ser parcialmente garantida por elas parecerem ser o que não são ou por seu mimetismo de várias espécies de Coleópteros e Fasmidos, bem como de Miriápodes e de crustáceos Isópodes... As asas dianteiras são notáveis devido a suas várias camadas... Os grupos não podem ser classificados de acordo com as afinidades numa série linear ou circular; em outras palavras, diversas classificações diferentes podem igualmente expressar o sistema natural.

Secção II – LOCUSTAS E GAFANHOTOS *(Saltatórios)*

Colecionei umas vinte espécies, incluindo, entre os gafanhotos (*Gryllidæ*), *Gryllus capensis,* Lin; e entre as locustas (*Locustidæ*), *Meroncidius varius,* Bates; *Steirodon citrifollium, Serv.; Diplophyllus mundus,* Clk*; Pterochroza pictifolia,* além de espécies não classificadas dos seguintes gêneros: *Concephalus*; *Phylloptera*, Serv.; Cephlosœma, Serv.; Mesops, Burm.; *Minorissa, Macrolyristes* (?), *Caloptenus,* Burm.; e *Stenobothrus,* Fisch. Os nomes foram tirados dos espécimes e do *Catalogue of the specimens of Dermaptera Saltatoria in the collection of the British Museum*, de Francis Walker, Membro da Sociedade de Lineu, 1868-71. O autor declara que o gênero Pterochroza, com os Cycloptera que lhe são muito próximos, "superam todos os outros saltatórios pela beleza de suas asas". São insetos grandes, com maravilhoso mimetismo de folhas secas ou verdes. O *Steirodon citrifolium,* Serv. é outro exemplo de mimetismo, como também o gênero *Phylloptera.*

Os Fasmidos e Mântidas pertencem a essa ordem.

HOMÓPTEROS

Os insetos dessa ordem que colecionei são os da seguinte lista:

Família – STRIDULANTIA.
Zammara.
tympanum, var. *Am.* e *Serv.*
Cyclochila.
honesta, *Walk.*
Fidicina.
picea, *Walk.*
mannifera, *Faber.*
opalina, *Am.*
maculipennis, *Lap.*
Cicada.
compacta, *Walk.*
triupsilon, *Walk.*
esp.

Família. – FULGORINA.
Dyctiophora, *Germ.*
esp.
Phenax.
variegata, *Germ.*
Pterodictya.
ephemera, *Burm.* (Rio de J.)Família. – MEMBRACINA.
Membracis.
lunata, *Fab.*
c-album, *Fairm.*
Hoplophora.
porosa, *Wlk.*

Família. – CICADELLINA.
Æthalion.
albinervosum, *Blanch.*
Tomaspis.
nigricans, *Amyot.*
Monecphora.
radiata, *Walk.*
duas espécies não classificadas.
Sphenorhina.
marginata, *Fabr.*
liturata, *St. Farg.*
compressa, *St. Farg.*
quatro espécies não classificadas.
Tettigonia.
duas espécies não classificadas.
Proconia.
esp.

Os espécimes receberam os nomes da coleção e a classificação é a da *List of the specimens of Homopterous Insects in the collection of the British Museum* (quatro volumes, com suplemento, Londres, 1850-1858), de Francis Walker, Membro da Sociedade de Lineu.

As cicadas são devoradoras de árvores. O seu nome nativo é cigarra. "Os machos fazem-se notar pelo ruído alto e agudo que produzem por meio de um órgão chamado tímpano, colocado no lado inferior do tórax, coberto com uma membrana córnea que pode melhor ser vista da superfície superior do inseto."[5] São abundantes nas moitas e arbustos nos campos e seu típico canto estridente atrai tanto mais a atenção porque é só quando o inseto está em repouso e invisível que o som é produzido. Bates[6] diz:

> Um tipo grande, empoleirado no alto das árvores perto de nosso pequeno refúgio, soltou um chilro muitíssimo penetrante; começando com o tom habitual, áspero e dissonante, de sua tribo, o qual gradativa

5. N.A. *Insect world,* de Figuier, p. 732.
6. Vol. II, p. 142.

e rapidamente se tornou mais agudo até que terminou numa nota prolongada e alta semelhante ao assobio de uma locomotiva a vapor.

Bates refere-se a outro tipo, perto de Ega, como:

> muito bonito, tendo as asas adornadas com manchas de um verde vivo e escarlate [provavelmente *Zammara tympanum*]. Era muito comum... Aproximando-se de uma árvore cheia deles, podia-se ver uma porção de pequenos jatos de um líquido claro esguichado lá do alto. Muitas vezes recebi essa descarga certeira bem no rosto; mas o líquido é inofensivo, tem um gosto adocicado e é expelido pelo inseto... provavelmente em defesa própria ou por medo.[7]

HEMÍPTEROS HETERÓPTEROS

Colecionei em Minas Gerais os indicados abaixo. Os espécimes receberam os nomes da coleção, e a classificação é do *Catalogue of the Specimens of Heteropterous Hemiptera in the collection of the British Museum*, de Francis Walker, Membro da Sociedade de Lineu, em oito partes, Londres, 1867-1873.

Família. – PACHYCORIDÆ
Pachycoris.
nitens, *C.H.*[8]
Fabricii, *C.H.*
esp.

Família. – ASOPIDÆ.
Oplomus.
esp.
Família. – PHLÆIDÆ.
Chlorocoris.

7. Vol. II, p. 227.
8. C.H. refere-se à lista de hemópteros no Museu Britânico, de Dallas.

complanatus, *C.H.*
Macropygium.
atrum, *C.H.*

Família. – PENTATOMIDÆ.
Loxa.
flavicollis, *C.H.*
Proxis.
victor, *C.H.*
Euchistus.
esp.

Família. – EDESSIDÆ.
Peromatus.
notatus, *C.H.*
Aceratodes.
cruentus, *C.H.*
três espécies não classificadas.

Família. – SPARTOCORIDÆ.
Spartocera.
fusca, *C.H.*

Família. – NEMATOPIDÆ.
Metapodius.
latipes, *C.H.*
Pachylis.
esp.

Família. – ACANTHOCORIDÆ.
Camptischium.
spinosum, *Serv.*
Machtima.
crucigera, *C.H.*

Família. – LARGIDÆ.
Dysdercus.
ruficollis, *Stål.*

Família. – PYRRHOCORIDÆ.
Largus.
lineola, *Stål.*
rufipennis, *Burm.*
esp.

Família. – PIRATIDÆ.
Pirates.
esp.

Família. – REDUVIDÆ.
Spiniger.
limbatus, *Burm.*
Conorhinus.
porrigens.
duas espécies não classificadas.

Família. – APIOMERIDÆ.
Apiomerus.
elatus, *Stål.*

Família. – HARPACTORIDÆ.
Saica.
esp.

Família. – GALGUILIDÆ.
Galgulus.
esp.
Mononyx.
raptorius, *Fabr.*

ARACNÍDEOS

Aranhas – As únicas aranhas interessantes que colecionei e que são dignas de nota são duas notáveis espécies dos gêneros Acrosona e Gasteracantha. Em ambos os casos o corpo fica encerrado num invólucro perfeitamente duro. No caso da Acrosoma, este é triangular e piramidal, ao passo que na Gastercantha ele tem a forma de uma carapaça de caranguejo. Também aprisionei diversas espécies de Mygales de vários tamanhos, tendo o corpo da maior cerca de duas polegadas de comprimento, com sete polegadas de perna a perna, sendo corpo e pernas cobertos de um cabelo castanho-avermelhado. Bates[9] refere-se a uma espécie semelhante e assim descreve sua forma de matar pássaros:

> Fui atraído por um movimento do monstro em um tronco de árvore. Estava logo abaixo de uma greta funda na árvore, sobre a qual se estendia uma densa teia branca. A parte inferior da teia estava rompida e dois pequenos pássaros (tentilhões) estavam enredados nos pedaços da teia; eram mais ou menos do tamanho de um tentilhão inglês e achei que os dois eram macho e fêmea. Um deles já estava morto e o outro, sob o corpo da aranha, ainda moribundo, estava todo lambuzado com a saliva ou secreção imunda expelida pelo mostro. Espantei a aranha e retirei os pássaros, mas o segundo morreu logo. Algumas Mygales são imensas. Um dia vi as crianças de uma família indígena que catava espécimes para mim com um desses monstros, amarrado por um cordão em volta da cintura, sendo conduzido pela casa como um cachorro pela coleira.

9. N.A. Vol. I, p. 161.

O carrapato, ou *bush-tick*, a que tanto nos referimos é uma aranha degenerada (Acaridæ, Arachnida).[1] O desconforto que causava excedia muito o trazido por qualquer outro animal ou réptil ou inseto com que nos deparamos. Chernoviz[2] cita três espécies: *Ixodes ricinus*, Latr; *I. plumbeus* e *I. reticulatus,* Latr. Mas achei mais de três espécies: as menores são do tamanho de nosso pulgão e as maiores têm cerca de três quartos de polegada de diâmetro. O Capitão Burton[3] diz que

> o inseto era chamado pelos antigos de κροτον e *ricinus*, por causa de sua semelhança com fava madura da *Palma Christi.*[4] É a vinchucha do Paraguai, o tique da Guiana Francesa e o ricinus dos autores antigos. Esse acarídeo, examinado ao microscópio, mostra uma cabeça armada com um tridente, serrilhado para dentro; quando entram na carne, as duas lâminas externas dobram-se, formando um triângulo, com a base para fora e para baixo, tornando difícil remover a praga. Os três pares de pernas curtas e o de pernas compridas são dotados de garras afiadas, em forma de ganchos... Na maior parte de Minas e São Paulo essa praga é geral; parece estar no ar; cada folha de grama tem sua colônia; feixes de centenas agarram-se aos galhos; encontram-se miríades em moitas de arbustos. Fino e achatado enquanto cresce nas árvores, o carrapato pega o homem ou o animal que nelas esbarra, engorda rapidamente e, ao fim de uma semana de boa vida, cai *plena cruoris.*

Chernovitz declara que "os carrapatos põem um número enorme de ovos, não nos corpos dos animais onde viveram, mas no chão. Os filhotes que emergem deles sobem nas plantas, agarrando-se às árvores e esperam até passar um animal". Bates[5] menciona que, para catá-los, levava uma hora inteira, depois de suas andanças diárias, e continua: "Quando sobem às pontas das finas folhas de grama ou às extremidades das plantas seguram-se apenas com as patas dianteiras, ficando os três outros pares estendidos para se agarrar a qualquer animal que passe por seu caminho".

1 . N.A. "Carra" é uma palavra indígena de uso comum; aparece, por exemplo, em carrapicho, caramujo ou caracol (*Bulimus*).

2 . N.A. *Dicionário de medicina popular.*

3 . N.A. Vol. I, p. 158.

4 . N.A. Inversamente, no Brasil a semente da mamona ou rícino é chamada de "carrapato".

5 . N.A. Vol. I, p. 291.

"Os cavalos e o gado[6] muito sofrem com os ixodídeos, chegando a morrer de exaustão". Vi frequentemente, sob a crina de cavalos que passaram alguns dias pastando, montões de doze a vinte carrapatos imensos, cada um do tamanho de um grande grão de feijão.

> O viajante logo carrega um cinto de mordidas, como as erupções cutâneas de Lancashire. O carrapato ataca os lugares mais inconvenientes e a irritante ferida envenenada costuma causar febre carrapateira, como a febre pulicídea na Rússia... A emoção das viagens diurnas torna a praga relativamente suportável; mas quando se deita para dormir, a vítima é perseguida pelo formigar dos pequenos bandidos rastejantes e o calor da cama aumenta a atribulação.

Tudo isso, infelizmente, é mais do que verdadeiro. "O habitat predileto do carrapato é a capoeira ou *second growth*" (vegetação que cresce depois de a floresta virgem ter sido desmatada), "onde pasta o gado. Os arbustos baixos... são também excelentes viveiros. Os incêndios anuais nas pradarias destroem milhões, mas os capões ou *bouquets de bois* agem como proteção e os galhos ficam crivados deles." Descobri que ficam quase exclusivamente confinados em locais onde pastam animais domésticos. Em um pasto havia miríades incontáveis, de tal forma que meus homens o batizaram de Fazenda dos Carrapatos.

Um consolo, pelo menos, da estação das chuvas é que os aguaceiros tropicais os expulsam dos arbustos, de modo que de outubro a abril fica-se livre deles. Saí para trabalhar uns dias em maio, voltando para a cidade todas as noites. Os desgraçados tinham acabado de chocar, sendo ainda tão pequenos como cabeças de alfinetes. Todas as noites, catava uns oitenta a cem, antes que tivessem tempo de penetrar e desaparecer no corpo, pois esse tipo minúsculo se oculta inteiramente sob a pele. Na estação das secas costumava lavar-me duas vezes por dia com ácido carbólico diluído, cobrindo-me com Keating's powder. O resultado foi bastante benéfico, pois descobri que, depois do trabalho diário, embora fosse hospedeiro de centenas, eles estavam ainda andando pelo corpo, não tendo encontrado um lugar onde se enterrar ou, na pior das hipóteses, não se tinham ainda agarrado com firmeza. Meus homens recomendaram diversos tratamentos – pomada de mercúrio, cortar em dois cada carrapato com uma tesoura (o que não é recomendável, pois a cabeça, se ficar na pele, infecciona), cauterizar com um alfinete incandescente, lavar com cachaça e água de fumo. O Capitão Burton menciona um francês que ficou desagradavelmente embebedado depois de usar o último tratamento. As siriemas e muitas outras aves são grandes destruidores dessas pestes e, por essa razão, nunca são abatidas pelos nativos.

6 . N.A. *Highlands of Brazil*, vol. I. p. 159.

Bichos-de-pé – Os "*jiggers*" são chamados pelos nativos "bichos-do-pé", ou *foot beasties*. A palavra "bicho" é um termo muito amplo no Brasil. Quando eu mostrei aos nativos o retrato do elefante branco de Barnum no *Graphic*, eles disseram: "Oh, que bicho!" ("*Oh, what a creature!*"). Outro, falando do meu cachorro, disse: "O cachorro é o bicho mais amoroso que há" ("*The dog is the most affectionate animal that exists*").

O bicho-de-pé é o *Pulex irritans* ou *subintrans* ou *minimus* ou *penetrans* (Aphniptera, Kirby), também conhecido como chigre, cheger, chgre, dhegve, chigo, cnigoe, chigger, jigger, nigua (Esp.), chie, chique (Fr.), tungua, tumbyra, pique e chigua. Esse infeliz é por demais conhecido para tornar necessária sua descrição. Geralmente só se pega em casas velhas e sujas e nunca o tinha encontrado até que aluguei minha própria casa em Brumado; então eu logo o fiquei conhecendo, mas descobri que era por andar de chinelos sem meias. De janeiro a junho só tive cinco nos pés. Como se espera que eles penetrem sob as unhas dos dedos dos pés, posso mencionar o habitat de meus pequenos hóspedes – o primeiro no dedo grande do pé direito, o segundo e o terceiro no calcanhar direito e esquerdo, e dois debaixo da sola do pé esquerdo. Eu mesmo extraí todos. Nunca senti a presença deles, mas, examinando o pé, vi uma manchinha preta e dura. Então, com uma faca afiada, cortei a cutícula cuidadosamente, em toda a volta, e retirei o intruso, com a ferida sempre sangrando profusamente, de modo que invariavelmente rompi a pele; depois, limpei bem o interior da cavidade circular, para ter a certeza de que não ficariam ovos no lugar. Nunca senti dor, na hora ou depois, e a ferida sempre cicatrizou perfeitamente, sem a aplicação de amônia ou de qualquer coisa que não fosse água.

Bernes – O Capitão Burton teve a grande sorte de não sofrer com esses insetos. São, na verdade, o pior dos tormentos. Diz ele:

> O gado forma um doloroso espetáculo, roído e cheio de cicatrizes feitas pela mosca branca que vem a ser a tsé-tsé local. Chama-se berne. Explica-se a palavra geralmente como uma corruptela de verme (*worm*), mas creio que seja de origem guarani. O berne é mencionado por Azara, que acredita que ele penetra na pele. O Príncipe Max. (I, 29) duvida disso com razão. Contam-se muitas histórias de negros que perderam a vida em consequência de a larva ter sido depositado no nariz ou em outros lugares; se o espremerem para matá-lo, e não for extraído, pode, evidentemente, trazer sérias consequências. O tratamento usual é com pomada de mercúrio.[7]

Meu cachorro ficou tão mal com ataques deles que temi ter de matá-lo; mas a pomada de mercúrio mostrou-se eficiente. Ele foi atacado novamente e eu mandei lavá-lo com água de fumo, resultando disso que os bernes morreram e saíram aos poucos, tendo o cachorro depois se recuperado e engordado. No caso de animais, os bernes sempre causam um inchaço grande e duro, de modo que, neles, o berne talvez não passe da pele; mas com os membros de nossa equipe que foram atacados, foi diferente. Um deles extraiu, ao todo, trinta bernes, três outros também sofreram com eles; um quinto teve um berne, tentou extraí-lo antes de estar no ponto, e assim fazendo matou-o; tendo deixado-o no braço que infeccionou, e, finalmente, devido a tratamento errado feito petos nativos, que puseram um dreno no braço, o homem quase ficou inválido. Vi também um bebê de apenas três meses do qual extraíram dois bernes. Eu sofri com um desses bandidos sob meu joelho esquerdo. A princípio achei que era apenas uma mordida inflamada de carrapato e, estando eu crivado deles como um pudim de ameixa, esqueci do caso. Contudo, não sarava e em cerca de três semanas passou a doer muito; então apareceu um buraquinho, que estava sempre expelindo um líquido, os músculos endureceram, incharam e ficaram doloridos, e finalmente entendi que devia ser um berne. Tinha ouvido meus amigos relatarem o hábito cruel dos nativos, que aplicavam um graveto aceso à ferida para matar o berne, de modo que resolvi silenciar sobre o assunto; também não quis usar a pomada de mercúrio ou a água de fumo, com medo de que o remédio fosse pior do que a doença. Finalmente a dor ficou intolerável em certas horas que eu deduzi fossem aquelas em que o bicho estava comendo. Sondando a ferida com uma agulha comprida de cerzir, senti que ela penetrou mais de uma polegada antes de atingir a criatura na extremidade da cavidade. Espremi o berne, extraindo-o vivo, e verifiquei que era muito grande, com três quartos de polegada de comprimento e um quarto de polegada de diâmetro. Pelo sofrimento que esse espécime solitário me causou posso compreender como meu pobre cão deve ter ficado, pois suas costas eram um monte de feridas. Dava pena vê-lo. Quando corria, costumava virar-se a cada momento, com um ganido, para morder as feridas, até ficarem em carne viva. Ele sofreu muito também com os bichos-de-pé.

7 . N.A. *Highlands of Brazil*, vol. I, p. 36.

NOTAS SOBRE A BOTÂNICA

Como já é bem sabido, a flora dos planaltos do Brasil deve ser dividida em dois grupos distintos: (1) dos vales e bacias hidrográficas; e (2) dos campos.

Essas diferenças são muito mais marcantes que todas as existentes em nosso país entre as plantas dos vales e montanhas ou planaltos. Mas preciso restringir-me a algumas observações superficiais. Não tive a oportunidade de conhecer o país além do sistema intricado das bacias dos rios Pará e Paraopeba, exceto por uma viagem a cavalo – até cerca de trinta milhas de Pitangui, onde a constituição do terreno muda consideravelmente. Os vários divisores hidrográficos da bacia estão todos mais ou menos no mesmo nível, de três mil a três mil e duzentos pés, com uma massa isolada de extensão considerável (a Serra do Curtume). Dei esboços dessa massa de colinas a partir de dois pontos: da Casa Grande para o leste, e do vale do rio Camapuã em direção ao sul. Essa serra deve ter cerca de cinco mil pés de altura. Em direção ao sul, as colinas são cobertas de florestas e, ao norte, estão as verdadeiras regiões banhadas pelos rios, vastos trechos de declives arredondados muito interrompidos por gargantas e intercaladas por vales profundos. Os campos são de dois tipos: "campos abertos", ou *open downs*, com grama baixa e "caatingas" ou grama salpicada de arbustos. No fundo de todos os vales, perto dos divisores, há "capoeiras" ou "mato" (constituídos pelas árvores que crescem depois da queimada da floresta original) e "mata virgem", ou *virgin forest*; estas, algumas vezes, sobem pelos desfiladeiros até a extremidade das colinas. Há também "carrascos", bosques de arbustos e pequenas árvores, entre os quais algumas vezes se ergue o monarca da floresta. Quando os riachos, depois de atravessar os desfiladeiros, chegam aos vales cada vez mais largos, têm geralmente um cinturão de árvores e arbustos crescendo nas margens; e à medida que os vales se dilatam, há geralmente uma considerável extensão de marsh ou "brejo", onde algumas vezes cresce capim e, outras, mato trançado. Esses brejos estão sempre alagados na estação das chuvas. As clareiras são chamadas de "roças". Os dois desenhos poderão, talvez, dar uma idéia da paisagem; e em todos os casos o fundo dela se constitui de morros arredondados cobertos de floresta virgem. A vista de Casa Grande mostra várias clareiras, que (quando o desenho foi esboçado em julho de 1883) estavam nuas, mas, em dezembro do ano seguinte, estavam cobertas de um milharal com dez pés de altura, pés de mamona, de algodão, cana-de-açúcar, feijão preto e abóboras. A vista do vale do Camapuã exibe um brejo largo, com um cinturão de árvores e arbustos a cerca de uma milha de distância, pelo qual corre o rio. Elevando-se por detrás, está um campo arredondado e descoberto, no qual se formou uma garganta cavada por cursos de água. Apesar dos defeitos artísticos que possam ter, os desenhos pelo menos reproduzem com fidelidade a natureza; por outro lado, lamento dizer que muitas das ilustrações que vi nas *Viagens de Gardner* e outros livros são muito criativas, mas mal se podem reconhecer.

Com relação a meus espécimes botânicos, lamento fazer apenas uma descrição muito sucinta, pois a maioria das plantas colhidas foi destruída pela extrema umidade da estação chuvosa. Os temporais contínuos – durando não raro uma semana ininterrupta – na estação das chuvas são suficientemente deprimentes, mas uma barraca impermeável basta mais ou menos como proteção. Quando, entretanto, o sol termina por aparecer e toda a atmosfera se satura de um vapor quente, que penetra os recessos de todas as caixas, todos os objetos nas barracas ficam impregnados com o vapor condensado e torna-se excessivamente difícil proteger os espécimes. A estação das chuvas é a adequada para recolhê-los, mas seu trato diário e as mudanças frequentes de papel para conservá-los secos exigem um espaço de tempo do qual eu não dispunha. O resultado foi que só umas cento e cinquenta espécies chegaram à Inglaterra, muitas das quais não puderam ser identificadas.

Nos *dry downs*, ou campos abertos, a uma altura de cerca de três mil pés, achei a Byrsonima, Cabessedesta e outras Melastonáceas anãs, gencianas, cactos, eriocauláceas, crótons, Labiatæ, Verbenaceæ, Iris, Polygala, Convolvulaceæ, roxa, azul, rosa e branca, Erythroxylon, Baccharis, Vermonia e outras Compositæ, Myrtaceæ – incluindo a gabiroba ou groselha espinhosa, *(Psidium cinereum,* Mart.), algumas vezes tão abundante como o mirtilo ou airtela na Inglaterra, Leguminosæ, Solanaceæ etc. As Solanaceæ incluem, além de espécies pequenas e arbustos, a grande árvore *Solanum lycocarpum.* Em algumas das espécies menores, as folhas e hastes cobrem-se de longos espinhos finos.

Nas caatingas, colhi Erythroxylon, Styrax, Lythariæ, acácias, Vochysiæ, begônias, Convolvulaceæ, Malgiphiaceæ, Melastomaceæ etc.; essa última família existe no Brasil em toda parte exceto nas montanhas muito secas do norte. Também achei, perto de Brumado, uma nova orquídea rasteira (*Habenaria*), descrita mais adiante; outra orquídea que colhi é provavelmente nova, mas está em muito mau estado.

Nas capoeiras, encontrei bambus, palmeiras, samambaias, samambaias-arbóreas; Cassia, Crotalaria, Ingá e outras Leguminosæ; flor-da-paixão etc. Árvores leguminosas com flores escarlates e trepadeiras são muito numerosas. O ingá, de várias espécies, chama muito a atenção; é abundante nas faixas de florestas ao longo das margens dos rios, e forma grandes moitas, com folhas semelhantes à acácia, ficando os galhos escondidos sob uma massa de lindas flores semelhantes a plumas, escarlates ou brancas. Há também muitas espécies de lindas flores-da-paixão, roxas e brancas. As Compositæ são igualmente muitíssimo abundantes; muitas são arbustos ou pequenas árvores de dez ou quinze pés de altura, muito frequentadas por borboletas, especialmente Acræ e Heliconeus.

As florestas desafiam qualquer descrição, mas posso mencionar Cecropia, Melastomaceæ, uma infinita variedade de palmeiras, Bromeliaceæ, Myrtaceæ; Ingá, Acácia e outras Leguminosæ;

Euphorbiaceæ, Malpighiaceæ, Smilax, Vanilla, muitas orquídeas e outras epífitas; emaranhados de trepadeiras, líquens, lianas gigantescas; begônias e uma infinidade de samambaias – polypodium, Adiantum, Anemia etc. – e fetos arbóreos.

Nos brejos colhi Begoniæ, Juncaceæ, Cyperaceæ, Compositæ, Zinziberaceæ, Amaryllideæ etc.

Acrescento uma lista das poucas plantas que salvei da umidade que estragou minha coleção; essas receberam nomes por gentileza dos senhores J.C. Melvill, M.A., F.L.S., James Britten, F.L.S., H. N. Ridley, M.A., F.L.S., e William Carruthers, F.L.S. A classificação é do *Genera plantarum* de G. Bentham e Sir J.D. Hooker, Londres, 1862-1883, e da *Synopsis filicum* de Sir W.J. Hooker e J.G. Baker, Londres, 1874.

Todas as plantas indicadas foram colhidas no vale do rio Camapuã, um pequeno afluente do rio Paraopeba, Minas Gerais, nos planaltos perto do vale.

RANUNCULACEÆ.

Anemone decaptela, *L.*

VIOLARIÆ.

Sauvagesia erecta, *H.B.K.*

POLYGALEÆ.

Polygala paniculata, *L.*
diversas outras espécies.
Monnina esp.

MALVACEÆ.

Pavonia esp.
Hibiscus esp.
Abutilon esp.
Sida esp.

TILIACEÆ.

Corchorus esp.

LINEÆ.

Erythroxylon esp.

Byrsonima esp. LEGUMINOSÆ.
Crotalaria anagyroïdes, *H.B.K.*
Desmodium, duas esp.
Stylosanthes esp.
Zornia diphylla, *Per.*
Periandra coccinea, *Mart.*
Phaseolus esp.
Collæa spreciosa, *D.C.*
Cassia, duas esp.
Mimosa dolens, *Vell.*
Calliandra sp.
Inga semialata, *Mart.*
Inga esp.
Æschynomene falcata, *D.C.*
Rhyncosia esp.
Indigofera esp.

ROSACEÆ.

Rubus rosæfolius, *L.*

MYRTACEÆ.

Psidium cinereum, *Mart.*
pyriferum (guava).
esp.
Myrcia, três esp.

MELASTOMACEÆ.

Cambessedesia ilicifolia, *Tr.*
Microlicia subsetosa, *D.C.*
Microlicia esp.
Acisanthera esp.
Desmoscelis esp.
Miconia esp.
Pleroma gracile, *DC.*

Diversas outras espécies obscuras.

LYTHRARIEÆ.

Diplusodon virgatus, *Pohl.*
Diplusodon esp.

SAMYDACEÆ.

Casearia esp.

PASSIFLORIÆ.

Passiflora, diversas espécies; nome nativo “maracujá” ou “erva da paixão”.

BEGONIACEÆ.

Begonia esp.; nome nativo “azedinha”.

CACTEÆ.

Echinocacteæ, diversas espécies.

UMBELLIFERÆ.

Eryngium esp.

RUBIACEÆ.

Oldenlandra esp.

COMPOSITÆ.

Veronia scorpioïdes, *Pers.*
Baccharis esp.

CAMPANULACEÆ.

Campanula esp.

STYRACEÆ.

Styrax punctatum, *D.C.*

APOCYNACEÆ.

Macrosiphonia velame, *Müll. Arg.*

CONVOLVULACEÆ.

Convolvulus, diversas espécies.

SOLANACEÆ.

Solanum lycocarpum, *St. H.*
Cestrum esp.

BIGNONIACEÆ.

Jacaranda tormentosa, *R. Br.*

ACANTHACEÆ.

Chamæranthemum esp.

VERBENACEÆ.

Lantana velutina, *L.*
Stachytarpheta esp.
Vitex esp.

LABIATÆ.

Leonurus sibericus, *L.*

NYCTAGINEÆ.

Mirabilis esp.

EUPHORBIACEÆ.

Croton esp.
Manihot, diversas espécies.

ORCHIDEÆ.

Stenorhynchus orchioïdes, *Rich.*
Habenaria Melvillii, *Ridley, N.S.*

SCITAMINEÆ.

Calathea bicolor.
Canna edulis.

IRIDEÆ.

Sisyrinchium iridifolium, *H.B.K.*
Mariana vel Cypella esp.
esp.

AMARYLLIDEÆ.

Hypoxis decumbens, *L.*

LILLIACEÆ.

Smilax esp.

CINNELINACEÆ.

Commelina nudiflora, *L.*
Dichorisandra aulilitiana, *Michan.*
Tradescantia elongata, *L.*

PALMÆ.

Oreodoxa olerosa, *Willd.*

CYPERACEÆ.

Dichromena nervosa, *Michx.*
Fimbristilis communis, *Kuntz.*

FILICES (Ferns).

Adiantum subcordatum, *Sw.*
trapeziforme, *L.*
hirtum, *Klosch.*
capillus-Veneris, *L.*
Polypodium Filicula, *Klf.*Anemia hirta, *S.W.*
Phyllitidis, *S.W.*
coriacea, *Grisb.*
Lygodium venustum, *S.W.*

LYCOPODIACEÆ.

Lycopodium carolinianum, *L.*

MUSCI (Mosses).

Neckera Lindigii, *Hampe.*

Agora todas essas plantas estão no herbário de J.C. Melvill.

Observar-se-á que há na lista acima uma orquídea até agora desconhecida da ciência, que colhi num morro perto da cidade de Brumado, agora chamada Cidade de Entre-Rios. Ridley descreveu-a como se segue, no *Journal of Botany*, de junho de 1885, vol. XXIII, p. 170:

> *Habenaria Melvillii, sp.* n. – Tubera lanata clavata. Folio duo, ovata obtusa patentia petiolata, 7-nervia; lamia majoris 2-uncias longa, 1 ½ lata, petiolus vix uncialis. Scapus brevissimus 1 ½ uncia longus. Flores duo magni. Sepala ovata obtusa, lateralia parum obliqua patentia. Pétala bifida, lacinia antica erecta, ligulata obtusa falcata, postica longior recta linearis multo angustior, acuminata. Labellum trifídum, laciniæ laterales lineares acuminatæ, media brevior, obtusa. Calcar longissimum 4-unciale, pendulum rectum, apice paullo dilatato. Columna brevis lata. Anthera haud apiculata, apices longæ curvæ.

Cidade de Entre-Rios, Minas Gerais, Brasil, coll. H. C. Dent.

> O Herbário do Museu Britânico deve esta interessante planta a J. Cosmo Melvill, cujo nome associo ao meu com grande prazer. É notável pelas folhas de um pecíolo amplamente ovalado e pela haste muito curta que sustenta uma (ou duas) flores roxas e brancas, bastante grandes, e com uma raiz cujo comprimento é mais que o dobro da haste. A sépala dorsal tem cinco oitavos de polegada de comprimento, sendo as laterais um pouco mais compridas. As pétalas são bífidas; o lóbulo lateral tem um pouco mais de uma polegada de comprimento e é muito mais estreito, afinando-se até terminar numa ponta estreita. A orla tem a base curta e estreita, terminando com três estreitos lóbulos lineares; os dois externos têm quase uma polegada e um quarto de comprimento, afinando-se gradativamente até a ponta, sendo a do meio obtusa, mais larga e mais curta. As compridas protuberâncias das anteras, curvando-se para cima, têm quase três oitavos de polegada de comprimento.

Em sua passagem por Brumado, Gardner[1] menciona "uma aldeia comprida, espalhada, em acentuada decadência".

NOTAS SOBRE AS PLANTAS, VEGETAIS E FRUTAS

Fumo – O fumo de Rio Pomba, a quinze léguas de Barbacena e do Rio Novo ganharam a medalha da Exposição Industrial do Rio de Janeiro; o de Baependi, especialmente o *fumo crespo*, é uma folha escura e forte, adequada para se fazer fumo prensado em tabletes. O solo será muito melhorado por adubo composto e o produto, se for tratado à moda de Virgínia – deixado a secar delicadamente em paióis fechados aquecidos com fogueiras (Capitão Burton). Depois de algum tempo tomei gosto pelo fumo de Pomba e trouxe uma boa reserva para casa. Meus amigos, geralmente, o consideram soberbo.

Bananas – Há pelo menos seis tipos: banana-ouro, São Tomé e prata, que são comidas cruas; banana-maçã, da terra e velhaca, que são geralmente fritas ou cozidas, por não serem muito doces ou suculentas. A banana-da-terra é conhecida como plantain. A bananeira geralmente cai com o peso da própria fruta e é sempre cortada depois de colhida a fruta, crescendo outra vez no ano seguinte. A banana-ouro é a menor e a velhaca a maior.

Cana-de-açúcar – Além do açúcar em pó amarelo, comum, há um produto abundantemente usado, chamado rapadura. Consiste em açúcar escuro não cristalizado, com formato de um tijolo, do qual não se extraiu melado. O Capitão Burton diz que só é encontrado na América do Sul.

Mencionei frequentemente a cachaça, ou caxaça, dando os diferentes nomes locais pelos quais é conhecida. Essa bebida alcoólica é destilada do melado, acreditando-se que é pura; mas o cheiro e o gosto são muito desagradáveis, embora a gente se acostume. O preço é cerca de 4 xelins por aproximadamente meio litro. Achei-a muito útil e inofensiva quando bebida em pequenas quantidades, embora um copo de qualquer meia dúzia de bebidas holandesas vendidas em Brumado invariavelmente fizesse mal a nós todos. Não tive tempo de estudar os efeitos relativamente nocivos dessa ou de qualquer outra bebida alcoólica sobre os nativos, mas o fato de que os viciados morrem precocemente talvez não se deva a nenhuma propriedade especialmente maléfica da cachaça, mas simplesmente ao fato de que todas as bebidas, tomadas em excesso, são nocivas, especialmente nos trópicos. É útil misturá-la com

1 . N.A. *Travels in the interior of Brazil,* p. 385. Londres, 1849.

água para abluções, produzindo um efeito refrescante e estimulante, e para tratar mordidas de mosquitos.

Restilo, ou ristiri, como o próprio nome sugere, é uma cachaça duplamente destilada, embora o nome algumas vezes se aplique à bebida comum. Quando incolor é também inodora e é muito mais forte do que a cachaça e também mais cara, mas geralmente excelente. A boa senhora idosa de Camapuã tinha um razoável Restilo do Reino, de bela cor castanho-claro; e uma bebida do mesmo nome, comprada em Brumado, semelhante ao bom rum da Jamaica. O preço era de 800 réis (1 xelim e 4 *pennies*) a garrafa de aproximadamente meio litro.

Chillies, *Pimentas* – Há de muitos tipos, todos excelentes. Algumas são muito fortes, outras, brandas; há pimentas doces, com sabor de limão, ou aromáticas. Os mineiros gostam muito delas; são boas para a digestão.

Quince, *Marmelo* – São transformados numa espécie de geleia, que se chama marmelada.

Gooseberry, *Gabiroba* – Trata-se da *psidium cinereum* (Mart.), *P. gabiroba,* e outras, desse gênero variado. Na primavera (em outubro), os campos ficam inteiramente brancos com a linda flor desse arbusto muito abundante, que atinge cerca de um ou dois pés de altura; nas proximidades do Natal, os arbustos curvam-se ao peso da saborosa fruta dourada, que, no gosto, tamanho e aspecto, assemelha-se à nossa groselha espinhosa.

Goiaba, *Psidium pyriferum* – É fruta silvestre abundante, intragável crua, quando tem um cheiro peculiar, pungente e desagradável. É usada principalmente para fazer goiabada, que se come com queijo. Isso me lembrou o hábito, frequente em Lancashire e Yorkshire, de comer torta de maçã ou de uma espécie de pequena ameixa roxa, também com queijo.

Potato, *Batata da Índia* – Dá duas colheitas por ano.

Sweet Potato, *Batata doce*, *Ypomæa batatas,* L. – Dá quatro colheitas por ano.

Mandioc, *Mandioca* ou *Maniva*, *Jatropha manihot,*L. – Euphorbiaceæ – Planta de galhos espalhados, originalmente africana, cultivada na Índia e na América, do Estreito de Magalhães à América do Norte. Como alimento, corresponde no Brasil ao trigo para os europeus e norte-americanos. A raiz é grande, tuberosa, carnuda, branca internamente e cheia de um líquido branco muito picante e venenoso. As folhas são alternadas, divididas em três, cinco ou sete lóbulos em forma de lança, com extremidades muito entalhadas e pontudas, bastante sinuosas, verde-escuro do lado superior e leitosas no inferior. As flores machas são separadas das fêmeas, mas ambas crescem na mesma planta.

A raiz da mandioca é a parte mais importante da planta. Algumas atingem um tamanho considerável, chegando a pesar quinze quilos (trinta libras). A raiz é quase inteiramente composta de amido, com adição de um suco branco venenoso. Esse veneno, que é muito sujeito a mudanças, parece ser ácido cianídrico ou uma substância facilmente transformável nesse ácido. Contudo, é fácil livrar a mandioca de sua qualidade ácida venenosa pela ação do calor ou por sucessivas lavagens. A raiz torna-se então um alimento saudável, como também universal. É usado para a preparação da farinha de mandioca (*mandioc flour*), um dos alimentos mais valiosos no regime alimentar dos brasileiros. O processo empregado para a produção da farinha (pronunciada *farinya*) é o seguinte: primeiro, com uma faca, raspa-se bem a raiz, que é transformada em pasta com uma roda vertical e depois espremida para livrá-la do líquido venenoso. É então torrada, o que extrai os restos do veneno e dá a aparência de farinha branca granulada quando vista à mesa. É também chamada farinha de pão (*wood flour or sawdust*).

Deixa-se água na qual a pasta de mandioca foi lavada até ficar no fundo da vasilha um sedimento branco, que é amido puríssimo. Este, quando seco, chama-se de tapioca, um alimento muito delicado e nutritivo.

O suco da mandioca é um veneno poderoso. Uma pequena dose é mortal para homens e animais depois de causar vômitos e convulsões. O veneno da mandioca é muito volátil, pois, se o suco for exposto ao ar, perde os efeitos deletérios depois de trinta e seis horas. O mesmo ocorre quando o suco é fervido. Quando destilado, dá um líquido venenosíssimo; algumas gotas colocadas na língua de um cachorro bastam para matá-lo em dez minutos.

Dá-se o nome de manipueira ao líquido resultante da raiz espremida, depois colocado no tipiti (espécie de cesto ou vasilha feita de taquá russú ou bambu cortado e trançado). Apesar de tão venenoso, o suco é empregado para preparar tucupi – um molho muito usado no Pará, no Amazonas e no Maranhão. Para prepará-lo, ferve-se o líquido com pimenta e alho ou então esses ingredientes são apenas amassados e depois expostos ao ar e ao orvalho noturnos.

Quando a tuberosa é amassada e colocada na água, começa a fermentar, perde suas propriedades venenosas e, depois de lavada em várias águas, é usada para fazer bolos.

Dá-se o nome de mandioca à raiz, e maniva, geralmente, à planta, da qual há muitas espécies.[2]

Black beans, os feijões [pretos] (singular *feijão*), a que me refiro tantas vezes, é *Phaseolus vulgaris.* Cozido com toucinho (*lard*), forma, com a farinha, a dieta habitual dos habitantes. Outro prato predileto é a feijoada, um refogado de carne e feijão preto que é também coberto de farinha e transformado numa espécie de massa espessa – de aparência desagradável, mas excelente. A feijoada é um dos pratos constantes em todas as refeições de Sua Majestade, o Imperador. Quando estive no Rio, falaram-me de um grande jantar dado em Paris por ocasião de uma festa nacional oferecida pelo ministro brasileiro aos brasileiros residentes na cidade. O jantar devia ser *au brésilien.* Serviu-se prato após prato, mas nada de feijoada. Os convidados ficaram aborrecidos e o anfitrião mandou buscar o cozinheiro. Este declarou que nenhum poder sobre a terra o faria servir um prato tão nojento!

Há, naturalmente, centenas de palmeiras silvestres usadas como alimento, como remédio, para tingir tecidos etc. A pressão de outras tarefas me impede de desenvolver o assunto como gostaria de ter feito, mas posso mencionar o anil, *Tadigofera tinctoria,* a salsaparrilha, *Smilax sarsaparilla,* e a ipecacuanha, *Cephcelis ipecacuanha,* também chamada de zucaquenha ou picanha. O nome *ipecacuanha* é derivado da expressão indígena *ipé-caá-goêne,* "a plantinha que causa vomitório", ou de *ipé-cá-cunhã,* "a plantinha da mulher" (cunhã), sendo muito usada para males femininos (Capitão Burton, vol. I p. 164, nota).

Erythroxyloa – uma espécie desse gênero, a célebre coca, que agora está ficando medicinalmente famosa na Inglaterra; é muito "usada no Peru por seu notável poder de estimular o sistema nervoso, aspecto em que se assemelha muito ao ópio. As folhas são usadas com uma pequena mistura de talco moído bem fino".[3]

Melastomacceæ são belas árvores, arbustos ou plantas herbáceas; as folhas têm cinco ou três nervuras; as flores são roxas ou amarelas.

---

2. N.A. *Dicionário de Botânica Brasileira,* de Joaquim de Almeida Pinto.
H. W. Bates declara (em *The naturalist on the Amazons,* vol. I p. 194, nota) que "muitos produtos vegetais úteis foram regatados, e deve-se aos índios a descoberta da utilidade da mandioca, que, crua, é altamente venenosa, e exige uma longa preparação para torna-la própria para o consumo. É cultivada em toda a América Tropical... mas somente nas planícies, não sendo vista, de acordo com Humboldt, em altitudes maiores do que a de seiscentos a oitocentos metros, altitude na qual cresce nos Andes Mexicanos. Acredito que não se conhece a região de onde a planta é originária. Não se encontra em estado silvestre.

3. N.A. *The vegetable kingdom,* p. 381, John Lindley, 1853.

Há muitas plantas e arbustos que produzem excelentes frutas, cujos nomes sou incapaz de dar. Uma (encontrada em 10 de dezembro de 1883) cresce num arbusto de cerca de um pé de altura; é chamada de pitanga e é uma fruta de um vermelho vivo, muito saborosa, com gosto semelhante ao da nossa *egg-plum,* e um caroço grande em forma de feijão. Outra boa fruta, chamada caju, é muito curiosa. A forma é como a de uma pequena maçã amarela, e, embora bastante adstringente, tem um gosto semelhante ao de uma maçã americana madura demais. A semente, em forma de feijão, cresce do lado de fora, no alto da fruta (*Spidium sp.*).

NOTAS SOBRE A GEOLOGIA DOS DISTRITOS VISITADOS[4]

Como não tive a oportunidade de examinar os distritos de pedra calcária do vale do rio Paraopeba, onde quer que ocorram, nas cavernas, nos restos de homens e de animais em circunstâncias semelhantes às de nossas próprias grutas calcárias, e como não pude visitar os distritos metalíferos de Pitangui, Ouro Preto ou São João del-Rei, embora estivessem todas a algumas horas de viagem a cavalo, vou restringir minhas observações às formações gnáissicas e a sua desintegração.

Gnaisse estratificado forma a massa total do solo em todas as partes elevadas perto do Rio de Janeiro e em vastas áreas do Império do Brasil, apoiando-se a terra vegetal imediatamente no alto desses estratos. Observei os mesmos estratos na Bahia. Gardner achou-os na província do Ceará, quinhentas milhas ao norte da Bahia; e "Humbolt descreve o granito-gnaisse em uma imensa área da Venezuela e até da Colômbia".[5] A composição mineral do gnaisse – que consiste de quartzo, feldspato e mica – é a mesma dos componentes do granito, sendo a única diferença a textura foliforme do primeiro, de onde pode-se descrever o gnaisse como granito xistoso. O gnaisse projeta-se sempre num ângulo agudo e, embora a base seja de feldspato, os diferentes estratos têm importantes diferenças estruturais de composição; o granito e o anfibólio estão presentes em diferentes localidades e modificam consideravelmente a composição das rochas. Entrar na estrutura litológica desse grupo ultrapassa o âmbito de um breve artigo; eu teria de descrever porfírios, granito, sienita, diorito, pegmatite, eurito, quartzito, gnaisse, xistos de mica, ferro magnético, granadas, caolin (argila de porcelana) e numerosas outras combinações de quartzo, feldspato, mica (vermelha, preta ou amarela), anfibólio etc. com outros depósitos segmentários metamorfoseados.

A característica mais saliente desse gnaisse é seu estado de desintegração, que já ocorreu numa escala imensa. Nem os Estados Unidos apresentam tal intensidade de fenômenos notáveis como o das rochas do Brasil. Não é raro achar o gnaisse completamente transformado em argilas

4 . N.A. Liais. *Geologie du Brésil*, referido frequentemente, *Climats, Faune*, etc., p. 1-38.

5 . N.A. *Geological observations,* Charles Darwin, p. 424.

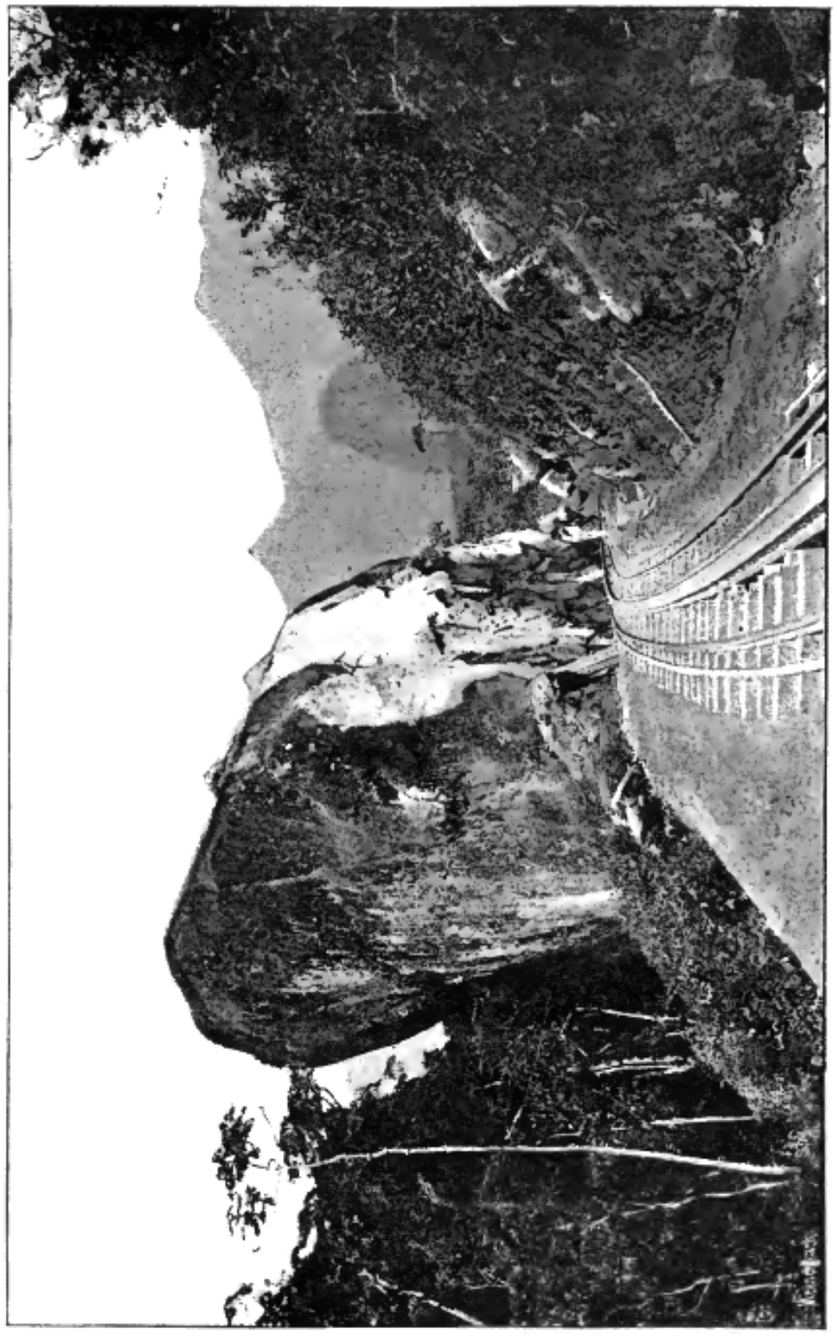
até uma profundidade superior a trezentas jardas. As barrancadas ou cânions, cavados pelas chuvas, dão a mais clara prova dessa desintegração. As fortes chuvas, especialmente após longos períodos de seca persistente, produzem um efeito maravilhoso. Como exemplo, posso citar (Liais) as tempestades de março de 1859, quando cinco polegadas e meia (quatorze centímetros) de chuva caíram no Rio de Janeiro em *duas horas,* causando grande erosão no Morro do Castelo e na multidão de morros argilácies do lado de Niterói. É necessário ter visto as torrentes nas regiões montanhosas para compreender o papel decisivo que, no decorrer de séculos, esses fenômenos podem representar para a configuração do solo. Já mencionei como os vários divisores hidrográficos em que trabalhei (quatro dentro de vinte milhas) têm todos mais ou menos a mesma altura (3.200 pés) e como esses morros têm grande número de cânions cavados por cursos de água e são separadas por vales escarpados, de centenas de pés de profundidade, algumas vezes com mais de uma milha de largura. Boa parte da erosão pode ser demonstrada pela vista. O Visconde de Prados descreveu a Liais como ocorreu, há uns quarenta anos, um exemplo de erosão perto de Barbacena. Havia uma brecha com uma área de cerca de sete acres e meio, seiscentas jardas de comprimento, cinquenta e cinco de largura e mais de trinta pés de profundidade. Portanto, de quatrocentos a quinhentos mil jardas cúbicas desprenderam-se do flanco do morro e a terra escavada desapareceu completamente, sendo levada pelas águas. Como essas gargantas muitas vezes têm de cem a trezentos pés de altura, elas mostram o poder de desintegração de agentes atmosféricos sobre o gnaisse, sendo essa uma operação ainda ativa hoje em dia.

Esses fenômenos explicam o desnudamento dos vales; revelam como as bacias hidrográficas mudaram, de forma que os afluentes originais do Paraíba do Sul ou do Rio da Prata podem agora correr para o rio São Francisco; e mostram como os vales podem ser formados muito mais rapidamente do que à primeira vista se pensaria. É importante lembrar a resistência variável oferecida pelos estratos à desintegração. Essa é a razão das características irregulares e pitorescas tão frequentes nas cadeias de montanhas, das quais a Serra dos Órgãos constitui um exemplo notável. O nome Serra dos Órgãos foi dado por causa da suposta semelhança de seus picos com os tubos de um órgão, especialmente quando vistos do Rio. No relato de minha viagem a Petrópolis, mencionei as muralhas verticais de rocha cercando o imenso e profundo anfiteatro, agora coberto por floresta virgem, que a ferrovia escala triunfalmente. As pirâmides e massas de rocha contêm as partes mais duras dos estratos originais que foram empurrados para cima como as ardósias do Longmynd, em Shropshire, com um ângulo muito agudo, sendo os estratos mais moles gradativamente levados para longe. Formas extraordinárias como o Pão de Açúcar, a Pedra da Gávea e o Corcovado e outras perto do Rio, bem como a Pedra da Fortaleza perto do Paraíbuna, são exemplos do mesmo fenômeno; os panoramas de sublime beleza oferecidos por esses picos, com a vegetação luxuriante

que cobre seus lados menos abruptos e os vales em sua base, atraem simultaneamente a atenção e encantam a vista até mesmo do mais *insouciant* dos viajantes.

Minhas várias visitas à ferrovia em construção na subida do Corcovado permitiram-me compreender melhor a desintegração do gnaisse. Mencionei que a ferrovia atravessa enormes despenhadeiros e depois mergulha em tremendos cortes. Os últimos, algumas vezes com quase cem pés de profundidade, ocorreram muitas vezes em estratos desintegrados, reduzidos a uma argila que podia ser raspada com o dedo, e na qual as linhas de estratificação, contorção de estratos, eixos anticlinais e sinclinais, são marcados de forma bastante distinta, com a argila intercalada com veios de quartzo duro e, algumas vezes, massas de granito cinzento que tinham de ser destruídos com cargas de dinamite. A fotografia da ferrovia Príncipe do Grão-Pará, para Petrópolis, dá um exemplo dessas massas de rocha que se projetam do gnaisse desintegrado. Esses fenômenos ocorrem em todo o curso da Estrada de Ferro Dom Pedro II até Queluz de Minas e na nossa linha para Pitangui, sendo fortemente marcados nos divisores hidrográficos. Para o engenheiro, essas características geológicas são inconvenientes. As massas de rocha dura exigem curvas muito agudas seguindo o curso dos rios perto dos divisores hidrográficos, passando, especialmente, pelas frequentes cachoeiras (*cataracts* ou *waterfalls*), quando o rio, após atravessar um vale plano de meia milha de largura, pode precipitar-se de repente por um desfiladeiro de vinte a cinquenta pés de largura, com paredes verticais. Depois, novamente, os xistos argiláceos são muito traiçoeiros, tanto nos cortes quando nas margens. Nos primeiros, a largura da formação tem que ser consideravelmente maior que a linha, levando em conta a grande quantidade de argila erodida nos lados durante as chuvas e isso é tão sério que chega ocasionalmente a parar o tráfego. Ao se fazer a terraplenagem, tem-se que ter muito cuidado com o material usado, sendo também obrigatórias grandes escavações laterais e precisando-se, algumas vezes, de recorrer a uma ladeira vizinha para se obter material adequado; mas mesmo com todas as precauções, as margens podem ceder ou ser levadas durante as chuvas. Isso aconteceu com o então recém-inaugurado prolongamento da Estrada de Ferro Dom Pedro II até Queluz de Minas em janeiro de 1884, e uma longa rampa teve de ser refeita, interrompendo o tráfego durante algumas semanas. Liais atribui a desintegração do gnaisse totalmente a causas atmosféricas. Darwin acha que ocorreu em um período de sedimentação sob o oceano, antes de se cavarem os vales.[6] C. F Hartt, que acompanhou Agassiz em suas explorações no Rio, Bahia e no vale do Amazonas, acredita "que ocorreu somente em regiões antigamente ou atualmente cobertas de florestas", e diz: "Esta desintegração resulta, em minha opinião, da ação da água quente da chuva penetrando na rocha e levando consigo ácido carbônico, derivado não apenas do ar, mas da vegetação que apodrece no solo, junto com ácidos orgânicos, nitrato de amônia etc". Declara que

6. N.A. *Geological observations*, p. 428.



Estrada de Ferro para Petrópolis

o mesmo fenômeno é observado perto de Nova York e nas Neilgherries. Agassiz em seu *Diário no Brasil*[7] atribui grande importância à ação glacial. Esse é um assunto que, por sua superior importância, merece algumas observações.

Nunca observei blocos transportados ou estriamentos ou *roches moutonnées* ou coisa alguma que se possa considerar resultado de um deslizamento glacial. Agassiz é obrigado a admitir que nunca viu estriamentos, tão característicos de fenômenos glaciais, mas atribui seu desaparecimento à desintegração atmosférica. Hartt começou suas explorações fortemente contrário à teoria glacial, mas o resultado de seus exames e o relacionamento com Agassiz levaram-no a concordar plenamente com a teoria de glaciação do professor. Devo contentar-me com resumir em poucas palavras a declaração de Liais, e confesso que inclino-me fortemente a aceitar seus pontos de vista. Posso também afirmar que o Dr. G. S. de Capanema, em sua obra, *Decomposição dos penedos do Brasil*, não acredita na origem glacial dos depósitos superficiais que o Professor Agassiz e.Hartt consideram depósitos de aluvião trazidos pela água ou por geleiras, preferindo considerá-los resultado apenas da desintegração. Hartt enfatiza a ausência de estratificação perto da superfície, atribuindo isso ao depósito de aluviões glaciais. Liais explica que nesses casos a ação da vegetação, dos animais, insetos, estações secas e chuvosas, vento etc. bastam para destruir a evidência da estratificação. O artigo do Professor Drummond sobre o trabalho dos cupins[8], no qual afirma que, nas regiões intertropicais, esses insetos desempenham um papel semelhante ao das minhocas nas zonas temperadas, pelo menos permite uma confirmação das opiniões de Liais; e fiz referência aos montes parcialmente coloridos que constroem e que constituem talvez a característica mais perceptível dos campos. Isso prova quantos estratos diferentes entram na composição de um único ninho, e a escavação desses insetos, mais a das formigas cabeçudas *(Atta cephalotes*) e dos tatus, deve forçosamente destruir todos os vestígios de estratificação até uma profundidade considerável.

> Belt calcula que a vasta quantidade de água retirada do oceano e presa nas montanhas de gelo em volta dos dois pólos abaixaria o nível geral do oceano em cerca de dois mil pés. Isso equivaleria a uma elevação da terra na mesma proporção, e assim tenderia a agravar o frio. E o abaixamento do oceano produziria uma área de planícies com a largura média de algumas centenas de milhas acrescida a toda a costa oriental das Américas do Sul e Central. À medida que lentamente se formasse, essa área certamente se cobriria de florestas, teria um clima perfeita-

7 . N.A. *Geological and physical geography of Brazil,* p. 25.

8 . N.A. "The Work of the Termites", *Good Words*, maio 1885.

> mente tropical e forneceria assim um amplo espaço para a existência prolongada e o desenvolvimento da típica fauna sul-americana, mesmo se as geleiras descessem até lugares agora tão baixos como é hoje o nível do oceano. [9]

Gostaria de sugerir que a diferença de dois mil pés no nível das montanhas acima do mar não bastaria para a produção das supostas geleiras. Essa presunção de um período glacial nos trópicos apresenta grandes dificuldades. Primeiro, é necessária uma vasta expansão de terreno em formação, a considerável altitude, para que a neve se consolide em geleiras a uma altitude menor; segundo, seria necessário um período muito prolongado de temperatura muito baixa nas regiões intertropicais, o que presumivelmente significaria um frio tão intenso em climas hoje temperados que nenhuma vida poderia lá existir. Não consigo enxergar a comprovação de qualquer das duas premissas, especialmente por meio de restos osteológicos. Liais discute longamente a teoria glacial, mas, para uma consideração plena do assunto, tenho que remeter os leitores a seu livro. Ele sustenta que, longe de a região equatorial ter sido menos quente em qualquer época passada, a temperatura foi, pelo contrário, muito *mais elevada,* de modo a permitir a formação da imensa quantidade de vapor necessário para produzir as neves e o gelo da zona temperada, o que causou nosso período glacial. Além disso, a rotação da terra em tomo de seu eixo jamais poderia tornar polares as regiões equatoriais, mesmo temporariamente. Liais também cita a existência de restos de animais nas cavernas cobertos pela mesma argila vermelha que Agassiz considera depósitos de aluvião deixados por geleiras. Esses animais devem ter vivido antes da suposta época glacial; são, contudo, idênticos às espécies agora encontradas nos mesmos lugares.

Liais mostra também que os chamados blocos erráticos estão muito próximos à rocha virgem da qual se originaram. Esse é também o caso dos seixos de quartzo angulados descritos por Hartt como pedras carregadas pelas águas deixadas sob a argila depositada; muito próximo, existem sempre veios minerais. Liais diz: "quando nos convencemos de que esses blocos realmente se originaram nas regiões onde se encontram; quando os vemos algumas vezes ainda parcialmente fixados no gnaisse desintegrado com sua estratificação primitiva" (como descrevi nas ferrovias de Petrópolis e do Corcovado), "quando, finalmente, observamos a vasta escala em que a desintegração das rochas pela ação atmosférica ocorre no Brasil, esses fenômenos têm uma explicação simples e natural, excluindo inteiramente a ideia do deslocamento". A forma arredondada apresentada por alguns desses blocos é também atribuída à ação atmosférica. Agassiz até descreve rochas *in situ* com as mesmas peculiaridades.

---

9 . N.A. *Geographical distribution of animals*, vol. I, p. 151. A. R. Wallace.

É muito difícil calcular a espessura da formação de gnaisse no Brasil. Na cordilheira do Corcovado, Liais calcula que seja de mil metros. Nas cordilheiras dos Órgãos e da Mantiqueira, na província do Rio de Janeiro e ao sul de Minas Gerais, de seis mil metros.

OBRAS CITADAS[10]

Explorations of the Highlands of the Brazil, Captain Richard F. Burton, F.R.G.S, agora Sir Richard F. Burton, K.C.M.G.

Climats, Géologie, Faune, et Géographie Botanique du Brésil, Emmanuel Liais. Paris: 1872.

Hydrographie du haut San-Francisco e du rio das Velhas, Emmanuel Liais. Paris: 1856.

The Naturalist on the River Amazon, H. W. Bates.

Travels in the Interior of Brazil, George Gardner, M. C., 1849.

Letters Home from... Brazil, Rev. Hamlet Clark, 1867.

A Voyage to South America etc., G. J. e D. A. de Ulloa, 1758.

History of Brazil from 1808-1831, John Armitage.

Journal in Brazil, Louis Agassiz. Boston, U S A: 1868.

The Naturalist in Nicaragua, Thomas Belt. London: 1874.

Geology and Physical Geography of Brazil, C. F. Hartt.

Geographical Distribution of Animals, A. R. Wallace.

Geographical Observations during Voyage of H.M.S. Beagle, Charles Darwin.

Structure and Distribution of Coral Reefs, Charles Darwin.

Narrative of the Surveying Voyages of H.M.S. Adventure and *Beagle,* vol. III.

Report on the Scientific Results of the Voyage of H.M.S. Challenger, Narrative, vol. I. pt. I,1885.

10. N.E. As referências bibliográficas foram mantidas de acordo com a obra original.

Brazil; its Provinces and its chief Cities etc., William Scully.

Wanderings in South America, Waterton.

Revista Brasileira, V.

Guia do Viajante no Rio de Janeiro. Rio: 1882.

Unity of Nature, Duke of Argyll.

Culture and Religion in some of their Relations, J.C.Shairp.

Magasin de Zoologie, Guérin, 1833.

A Manual of Zoology, Dr. Alleyne Nicholson.

Arcana Entomologica, J.O. Westwood. London: 1845.

Homes without Hands, Rev. J.G. Wood.

Insects Abroad, Rev. J. G. Wood.

The Insect World, Figuier.

Beiträge zur Naturgeschichte von Brasilien, Prince Maximilian.

Systematische Uebersicht des Thiere Brasiliens, Dr. H. Burmeister.

Exposé sommaire des théories transformistes, Dr. A. Vianna de Lima. Paris: 1886.

The Descent of Man. Charles Darwin.

Le Monde Primitif, Oswald Heer.

Animal Parasites, Professor P. J. von Beneden.

Diccionario de medicina popular, P.L.N.Chernoviz. Paris: 1878.

Nomenclator Avium Neotropicalium, P.L.Sclater e O. Salvin.

Conchilien Sammlung, Paetel.

Manual of Mollusca, H. e A. Adams, 1858.

Manual of the Mollusca, Sp. Woodward, 1880.

A Synonymic Catalogue of Diurnal Lepidoptera, with Appendixes, W. F. Kirby.

Catalogue of W.C. Hewitson's Collection of Diurnal Lepidoptera, W. F. Kirby.

Exotic Butterflies, W.C. Hewitson.

Wiener Entomologishe Monatschrift, vii., Lederer.

List of the Lepidoptera Heterocera in the Collection British Museum, F. Walker.

Species général des Lépidoptères Hétérocéres, Boisduval et Guénée.

Transactions, Linnean Society.

Proceedings, Entomological Society.

Tropical Nature, A. R. Wallace.

Genera des Colôptères, etc. Th. Lacordaire. Paris: 1854.

Catalogus Coleopterorum, Dr. Gemminger e B. de Harold. Munich. 1869.

Catalogue of the Specimens of Blattariæ *in the Collection of the British Museum*, F. Walker.

Catalogue of the Specimens of Dermaptera saltatoria in the *Collection of the British Museum*, F. Walker.

Lists of the Specimens of Homopterous Insects in the Collection of the British Museum, F. Walker.

The Insect World, Louis Figuier.

Catalogue of the Specimens of Heteropterous-Hemiptera in the Collection of the British Museum. F. Walker.

Genera Plantarum, G. Bentham et J. D. Hooker.

Synopsis Filicum, Sir. W. J. Hooker e J. G. Baker.

The Vegetable Kingdom. John Lindley, 1853.

Journal of Botany. June, 1885.

Diccionario de Botanica Brasileira. Joaquim de Almeida Pinto. Rio de Janeiro.

O orçamento do Império desde sua fundação, Senador Liberato de Castro Carreira. Rio de Janeiro: 1883.

Apontamentos pra a geographia da Província de Minas Geraes, H. Laemmert e Cia. Rio de Janeiro: 1883.

Jornal do Commercio, Rio de Janeiro (jornal diário).

Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro (jornal diário).

Gazeta da Tarde, Rio de Janeiro (jornal vespertino).

O Brazil, Rio de Janeiro (jornal diário).

Revista de Engenharia.

Le Brésil, Paris.

Rio News, Rio de Janeiro.

The Times, Londres.

The Morning Post, Londres.

The South American Journal, Londres.

The Entomologist, 1885.

Good Words, May 1885.

The Statist.

ÍNDICE

ASSUNTOS

A

Abacaxis, 85, 162-173, 245

Abastecimento de água, 227-228, 236, 304

Abelhas, 36, 115, 127-128, 402, 432

Abelhas, resina, 128

Abóboras, 105, 162, 273, 446

Aborígenes, 294

Acampamento, cotidiano, 91, 106-108, 112-118, 121-125, 130-150, 154-156, 164-167, 183-192, 322, 329, 357-369, 433

Acampamento, preparações noturnas, 101, 116-117, 126-133, 142

Acomodações, descrição, 70-81, 102-108, 112-116, 121-127, 140-156, 181-192

Açúcar, 80, 91, 104-110, 123, 153

Agassiz, 460-465

Agricultura (plantações), 81, 146, 163, 188, 259, 272-282, 285-290, 317, 352, 359

Aipim (mandioca), 88-92, 100-111, 114, 157-163, 261-273, 359, 455-457

Alfândegas, 66, 78-80, 209, 247-252

Algodão, 81, 93-107, 113, 129-139, 153-157, 162-170, 189-192, 223-224, 261, 318, 446

Algodão, planta, 93-99, 162-163, 189, 261

Americanismos, 66-69, 72-85, 93, 99, 105, 112, 117, 121-129, 130-137, 140-145, 150, 161-170, 172-183, 186-195, 201-207, 216-228, 235-247, 265-270, 300-302, 318, 354-365, 443, 444, 456-460

Anaconda, cobra, 112-114

Angu (mingau), 163, 188, 264

Animais, vida futura, 400

Anjinhos, 177-180

Anta (tapir), 352

Aparelho de direção, vapor, 64

Aquedutos, 67, 175, 227-236

Aranhas, 402, 441

Arco-íris lunar, 175

Armazéns (lojas), 66, 95-109, 154, 170-181, 193, 216, 220-240, 251, 296

Arroz, 88-91, 106-108, 123-133, 140, 157, 162-165, 181-187, 261, 272

Árvores frutíferas, 80, 105, 124, 216, 356-366

Árvores tropicais, 77-80, 104, 118-132, 158-161, 172, 189, 194-220, 225-250, 317-321, 355-371, 405, 437-447, 458

Asma e bronquite, 177-192

Assassinato público, 202-203

Assentamento huguenote, 230

Atrasos, 85-93, 136, 154, 188-192, 268, 284

Atrasos, funeral, 136

Aveia (mingau), 61, 188

Avestruz, 90, 365

Azara, José Nicolás de, 353-365, 444

B

Bacalhau, 91, 181, 238

Bagagem, 79-87, 91-93, 116-122, 155-166, 184-210, 230-236, 264

Ballantyne, R. M., 198

Balsa de Niterói, 196-208

Bambus, 80-89, 129-133, 144, 161-167, 189-198, 226, 362, 447-456

Bambus, selva, 80-81, 129-133, 161, 362, 447

Bananas, 78-95, 111, 168-173, 195, 204, 216, 247, 273, 454

Baratas, 435

Barrancas (cânions), 89-99, 193, 459

Batata-doce, 162, 273, 455

Batatas, 108, 128, 157-187, 246, 352-359, 455

Bates, Sr. H. W., 57, 301, 351-361, 457

Batismos, 82

Beija-flores, 102, 116, 155, 363-367

Berne, 140-148, 170, 444-445

Bertrand, William, 70

Besouros, 140-148, 155, 402-407, 430-432

Bibliotecas, 107-112, 129

Bibliotecas, sacerdotes (padres), 107-112

Bicho-de-pé, 90, 170, 203, 444-445

Bicho, aplicação do termo, 125, 444

Bithell, John Joseph, 97-101, 139, 186, 226-230

Blocos erráticos, 464

Bócio, 88, 92, 108

Bondes, 63, 79, 209, 216, 229, 230, 235

Borboletas, 58, 80-87, 115, 129, 130-155, 174, 185-225, 237, 366, 372-383, 402-403, 432, 447

Borboletas, áreas de caça, 174, 189, 372

Borboletas, enxame, 174, 185-197, 237, 402-403

Bosques, 158, 212-219, 226, 446

Bosques ornamentais, 236

Botânica, 58-59, 129-148, 446, 457

Brejos, 102, 121, 147-154, 166, 367, 446-448

Brejos (pântanos), 102, 121, 130, 147-154, 161-166, 210, 273, 364-369, 446, 448

Buriti, 107, 130,

Buriti, fibra, 130

Buriti, rede, 107

Burton, Richard F., 57, 81, 126, 127, 162, 194, 261-267, 299, 301, 350-369, 442-457

C

Cabaças, 113, 140, 189

Cabanas de pobres, 94, 146, 174

Cabelo, corte, 141, 144

Cabritos, 103, 172, 179

Cachaça, 89, 102-106, 112, 123-125, 132, 158, 182, 353, 443-455

Cachoeiras, 94, 110, 133, 194, 214, 223-228, 237, 260, 460

Cachorros, 61, 100, 127-139, 143, 144, 325, 355, 441-456

Cactos, 67, 101, 168, 220, 447

Café, 61, 78-84, 89-109, 110-123, 132-136, 153, 162, 163, 164, 168, 170-190, 191-212, 216, 225-246, 261, 283-287

Café da manhã, 78-95, 191-194

Café, plantações, 81-111, 153-168, 194, 204, 261, 287

Caixões, 136-138, 177-185, 210, 217

Calor (temperatura), 67-117, 133-164, 170-195, 196-226, 325-338, 434-443, 456

Calvário, 180

Campos, João Luiz de Oliveira, 103

Cana-de-açúcar, 78, 81-111, 163, 245, 272, 317, 352-359, 446-454

Cânions (barrancas), 89-99, 193, 459

Canoas, 217, 232

Canto, emigrantes, 69

Capacidade humana, 278-295, 398-401

Capanema, G. S., 463

Capoeira, 121-129, 148-158, 161, 193, 218, 443-447

Cará, 125

Caracóis, 130-135, 442

Carnaval, 237-238

Carne bovina, 61, 88, 168-177

Carne de porco, 103-106, 123-125, 261

Carne seca ao sol, 90, 106

Carrapatos, 85-90, 117-126, 133-147, 168, 189, 367, 442-445

Carrapatos, precauções, 85, 133, 147, 442, 443

Carro de boi, 84-92, 102-110, 116-122, 135, 142, 153-164, 167-179, 188-191

Carro de boi pequeno (carrinho), 164

Carro de boi, apresentação musical, 135

Carroça, cabras, 103, 179

Carroça, negros, 241

Carroça, ovelhas, 103, 179

Carroças, 92, 216

Carros Pullman, 80

Carta, curiosa, 97-98

Carvão, 91, 145-150, 247-249, 261

Casamentos, 63, 82, 101, 114, 169, 182, 275, 276

Casamentos mistos (crítica), 169, 276

Castanhas, 246

Castanhas, exportações, 246

Catamarãs (jangadas), 242, 273

Cavalos, 71, 82-99, 101-114, 121-125, 136-155, 163-170, 182-192, 205, 212, 283, 350-355, 362, 368, 443-446, 458

Cavalos, tratamento, 350, 351

Cavernas 237, 295, 458

Cavernas de calcário 237, 295, 458-464

Cavernas de calcário, fósseis 251, 295, 458

Cebolas 85, 140, 157-164, 172

Celibato, clero 274

Cestaria 101, 154, 155, 165, 456
Chegada da família real portuguesa 234
Chuvas, 100-128, 158-189, 240-271, 320, 443-463
Chuvas, efeitos no trabalho de campo, 89, 103, 135, 148-149, 164
Ciência 56, 95, 261, 294-296, 398-401
Cigarras 129-132, 437
Cigarros, fabricação, 105, 137
Clima, 70, 163, 190
Clima (temperatura), 70, 83, 96, 271, 275, 321, 464
Cobras, 83, 367-369
Cobras, cascavéis, 83, 368
Cobras, cura para picadas, 369
Cobras, espécies perigosas, 369
Colônia alemã, 163, 224
Colonização, 295, 305
Coloração protetora e mimetismo, 197, 370, 402, 430, 435
Comemoração da tomada da Bastilha, 215
Comércio, 286, 301, 308, 312
Cometa, 157, 168, 334
Conchas, 61, 209, 247, 370-371
Condição financeira, Brasil, 302-308
Confisco de propriedade, 201-202
Constelações do sul, 132, 186
Construção de casas, 65, 81-86, 146, 209-216
Coqueiros, 246
Correios (serviço postal), 66, 94-98, 167-181
Correntes marítimas, 71, 253, 321
Corrêa, Cavalheiro A. de Souza, 292
Corrupção, 203-209
Costumes, 103, 107, 122, 163-164, 179, 190, 205, 274-277, 295
Costumes religiosos, graça nas refeições, 87, 107
Costumes religiosos, apelo aos sentidos, 274
Costumes religiosos, comportamento na igreja, 107,122, 179, 205, 277
Costumes religiosos, expressões, 124
Costumes religiosos, reverências, 78, 107, 163-164,190, 205
Costumes, visitantes, 103, 107-108
Covardia, 122-123, 234
Cozinheiros, 87, 116-143, 167-192, 281, 366, 457
Crianças,71-114, 124-144, 165-183, 192-226, 355-356, 441
Crianças, pedido de benção, 143
Criminalidade, 153, 176, 202-203, 234, 280-283
Crueldade, com animais, 92, 114
Culinária (comida), 60-92, 103-130, 156, 171-177, 251, 457
Culinária, livro, 130
Culinária, molho de menta, 172
Culinária, molhos, 171-172, 456
Culinária, refeições vegetais,103-107,157
Culinária, sopas inglesas em conserva, 156
Culinária, tortas picadas, 456
Cultivo, escasso, 70-92, 162-163
Cupins, 172, 433-434, 463
Cupins, ninhos, 172
Cupins, ninhos usados como forno, 172
Curiosidade, 97, 126, 175, 215-219, 263-266, 300, 321, 430, 458
Custo de vida, 122, 163, 302

D

Damascos, 61, 137, 144, 168-180
Darwin, Charles, 242, 270-273, 295
Degeneração, teoria, 294-296
Degradação, teoria, 294-295
Delinquência, 98
Depreciação, mil-réis, 66, 146, 209-210, 300
Desfiladeiros, 101, 129, 446-460
Dilúvios tropicais, 134
Dívida externa e interna, 302-313
Divisão eclesiástica, 266
Dixie, Florence, 226
Doenças e febres, 112, 133-136, 169, 173, 210, 283
Dr. Bento (engenheiro), 211
Duque de Albany (S.A.R.), 188

E

Efeito atmosférico, 175, 191, 248, 320
Embaúba, 361
Engenheiro fiscal, 172-186
Epifania, 158
Escorpiões, 123
Escravidão, 145, 278-294
Escravidão, abolicionismo, 145, 157, 282-290
Escravidão, abolicionismo, Amazonas, 285
Escravidão, abolicionismo, Ceará, 284
Escravidão, canto dos escravos, 157
Escravidão, custo dos escravos, 279
Escravidão, discurso do Imperador, 290
Escravidão, emancipação gradual, 290-291
Escravidão, emancipação, projeto de lei, 290
Escravidão, ensino socialista, 283
Escravidão, familiaridade, 279-280
Escravidão, fundo de emancipação, 281
Escravidão, Gabinete Saraiva, 291-294
Escravidão, imprensa, 279-282, 284-294
Escravidão, libertação dos escravos, 284-285
Escravidão, nascimento livre, lei, 278
Escravidão, número de escravos, Brasil, 281-292
Escravidão, tratamento dos escravos, 282
Escravos, resultados do ensino, 285
Espinhos, 115, 158-161, 183, 218, 363, 430, 447
Esportes atléticos, 79
Estação chuvosa, 84, 128, 193, 246, 267, 320-321, 443-447
Estação seca, 135, 321, 443
Estrada antiga, de carruagens, 162, 223
Estradas, 63, 79, 84-90, 101-121, 124-135, 155-165, 191, 212, 218-229, 240-248, 262, 283
Estradas de ferro, 80,106, 118, 267-269, 460-461
Estradas intransponíveis, 92, 103, 155
Estradas, cruzamentos, 99
Estudantes, 266
Eucaristia, 274
Exército, 70, 106, 176, 202-203, 275, 284
Exército, baixa estima, 203
Expedição francesa, 231-234
Expiação
Exploração ferroviária, 60, 88-93
Exportações, 106, 163, 245-246, 261

F

Fábrica de algodão, 223-224
Fábrica de azulejos, 105
Facas, tipos, 105-108
Família, 108, 137-139, 169, 188-192, 220-234, 441, 447
Familiaridade, costumes, 190
Fazendas, 71, 99, 104, 164, 188, 248
Febre amarela, 210, 211
Febre amarela, tratamento, 210, 211
Febre amarela, vacinação, 211
Feijão preto, 88-91, 107, 162, 182, 261, 446, 457
Feijoada, 457
Ferrovia, 56-65, 80-97, 103-106, 113-125, 135-143, 153-172, 178-194, 204-213, 217-229, 267-270, 312, 459-464
Ferrovia, exploração, 87, 115, 142-143, 165, 172, 204, 212-219, 229, 267-270, 459-460
Ferrovia, linha proposta, 84, 106, 114, 135, 172, 178, 186-194
Ferrovia, para Ouro Preto, 83, 193, 268
Festas religiosas, 156-157, 172-191, 207
Festas religiosas, dia da Ascensão, 191
Festas religiosas, dia da Purificação, 172
Festas religiosas, Domingo de Ramos, 178
Festas religiosas, Natal, 156-158
Festas religiosas, Páscoa, 177-185
Festas religiosas, Sexta-feira Santa, 178
Fiação, 223-224
Finanças públicas, Império, 201, 269-270, 302-310
Fios telefônicos, 216, 220
Fios telegráficos, 216
Flores, 90, 124-134, 139, 168, 187-189, 218-228, 273, 366-367, 447, 453-458
Floresta tropical, 77, 159
Floresta virgem, 81, 129, 161, 197, 218-219, 365, 443-446, 459
Florestas, 77-81, 129, 159-161, 197- 219, 365, 443-459
Fogo-fátuo, 154
Fogos de artifício, 80, 207
Formalismo e racionalismo, 277

Formigas, 117, 123-129, 140-141, 432-433, 463
Formigas, tanajura, 130-131, 432
Fornos, 105, 172, 182
Fósforos, 123,140
Fósforos, suecos, 123
Fósseis, 295, 365
Fruta-de-lobo, árvore, 396
Frutas, 78, 155, 162, 172, 204, 247, 271, 351-366, 454-458
Funerais, 135-138, 162, 177, 188, 210

G

Gabiroba, 155, 447, 455
Gafanhotos, 405, 435
Galinha ensopada, 156
Galinhas, 90, 100, 123-126, 140-143, 154-157, 217, 225, 357-365
Galinhas, método de embalagem, 154
Gato (esperto), 99
Gavião (falcão), 81, 125-126, 364
Gentileza, de um escravo, 164
Geologia, 89,148-150, 252-270, 399-400, 458-465
Geologia, gnaisses, 458-465
Geologia, rochas, 71, 83-99, 121-128, 208-225, 247-277
Geologia, rochas expostas, 99, 121
Glover, William H., 95, 217
Goiaba, 95, 123, 162, 176, 252, 455
Goiaba, doce de, 95, 123, 176, 252, 455
Granito, 209, 224-236, 458-460
Granizo, 157, 319-320
Grilos, 132, 142, 430-431
Groselha, 447, 455
Groselha (gabiroba), 155, 447, 455
Guará, lobo, 126, 356-357

H

Habitação, aluguéis, 167, 202
Habitação, construção de casas, 86, 94, 121, 146, 273
Hábitos, 71, 103, 107, 122, 163-179, 190-210, 246, 274-295, 353-356
Hammond, Walter, 190, 289
Hargreaves (Sr.), 83, 193
Harmonia (entre revelação e natureza), 398-399
Hartt, C. F., 460-464
Hector, William, 216, 227
Hidrografia, bacias, 446-459
Hidrografia, divisas, 57, 103, 220
História, 110, 233-234, 285-295, 300, 362, 431
Hoffmann, Robert G., 216
Homem, desenvolvimento, 294, 398
Homem, gênero, 294
Hospitalidade, 90, 100-109, 113, 124
Hostilidade, à ferrovia, 135, 292-293
Hotéis, 60-63, 81-86, 97, 115, 167-176, 193-197, 209, 214, 219, 226, 250

I

Igreja, 111, 169, 178, 233, 274-278
Igrejas e capelas, 66-102, 107, 124, 137-149, 170-192, 207-231, 233-242
Igrejas, adros, 95, 137
Imigração, 163, 305
Imigrantes e emigrantes, 60-71, 249, 305, 317
Imperador do Brasil, S. M. D. Pedro II, 79, 203-224, 234, 269, 289-290, 309, 457
Importação de alimentos, 92, 198, 246, 313
Imprensa (jornais), 190, 203, 211,276 279-282, 284-294
Incêndios em plantações, 104, 443
Indígenas (índios), 78-112, 128, 229-233, 295, 441
Indolência, 172, 285
Indulgências, 276
Inhames, 108, 111, 114, 125
Insetos, 56-58, 85, 117, 130, 140, 148, 170, 203, 372-396, 402-407, 431-438, 442-463
Insinuações, 146, 241
Inundações, 132, 161, 166, 328-329
Inverno, 70, 83, 94, 128-132, 201, 220, 316-319
Investidores, perspectivas, 309
Invocação e culto aos santos, 275-277
Ipecacuanha, 457

J

Jacu (pássaro), 122, 364
Jaguatirica, 355
Jangadas (catamarás), 242, 273
Jantar, 60-92, 103-130, 156, 171-177, 251, 457
Jardins, 79-89, 110-111, 156, 168-170, 190-198, 209-228, 236-250
Jardins botânicos, 75, 79, 209, 214, 229, 235-236
Jardins públicos, 236, 237
Jejuns, 78-108, 112-138, 155-196, 220-223

L

Lagartos, 128, 367, 404,
Lagartos, carne, 130, 367
Lâmpada antiga, 88, 104, 155
Lâmpadas, 215, 219
Lâmpadas, óleo de mamona, 88, 104, 155
Laranjas, 78, 99, 105, 112, 124-130, 162-163, 204, 245
Laranjas, da Bahia, 204
Laranjas, jardim, 105
Laranjinha (licor de laranja), 123
Lareiras, inexistentes, 170
Large, Thomas W., 171-227
Latitudes, 70, 246, 259-260, 270, 316-319, 358-363
Lattmann, A., 216
Legumes, 103-112, 157, 198
Leite, 91, 130, 170-173, 210
Leituras termométricas, 70, 81, 94, 124, 132, 147-148, 190-191, 219, 316-317, 325-348
Liais, M. Emmanuel, 57, 262-263, 316-319, 352-369, 459-465
Lianas (trepadeiras, cipós), 101, 129, 133, 161, 213, 218, 236, 447-448
Lianas, uso na construção, 101
Limas, 158
Limões, 114, 162, 433, 455,
Limpeza, 143, 251
Língua, brasileira, 61, 173, 358-360
Língua, intercâmbio, 66-69, 72-85, 93, 99, 105, 112, 117, 121-129, 130-137, 140-145, 150, 161-170, 172-183, 186-195, 201-207, 216-228, 235-247, 265-270, 300-302, 318, 354-365, 443, 444, 456-460
Liteira (palanquim), 241
Lobo, 126-127, 355
Lobo guará, 126, 356-357
Lobo guará, nome indígena, 356
Locomotivas, 80, 85, 93, 194, 217-219, 267-268
Lojas (armazéns), 66, 95, 109, 154, 170-181, 193, 216, 220-240, 251, 296
Lojas de vinho, 67, 107, 251
Longevidade, 104
Loterias, 238-239
Lua, magnífica, 326

M

Macacos, 350
Madeiras, 86, 88, 129, 145, 164-177, 198, 204, 225, 235, 241, 247, 283,
Madeiras, fins ornamentais, 129
Mandioca (aipim), 88, 92, 100, 102, 106, 108, 111, 114, 157, 162, 163, 261, 273, 359, 455, 456, 457
Mandioca, farinha, 261, 456
Mandioca, polvilho, 92, 109, 125
Mandioca, tapioca, 92, 261, 456
Mangueiras, 80, 197, 226
Manteiga, 189
Manteiga, máquina, 188-189
Marimbondos (vespas), 83, 125, 132 150, 402, 432
Mariposas, 129, 250, 366, 387, 402
Marmelo, 106, 162, 455
Marmelo, doce (marmelada), 455
Mascates estrangeiros, 153, 198
Matagais, 129
Mecânica, talento, 164
Medicina, 196
Melões,157-162
Mendigos, 95
Mendigos a cavalo, 105
Mercado negro, 241
Mercados públicos, 208, 229, 241
Mês de Maria, 186

Meteorologia, 322-348
Milho, 71-114, 142-163-164, 188-190, 261, 273, 359
Milho indiano, 67, 100
Milho, biscoitos e broas, 163
Milho, canjica, 163
Milho, crescimento luxuriante, 163
Milho, farinha (fubá), 125, 163, 188
Milho, grande produção, 163, 261
Milho, joeiramento, peneiramento, 112
Milho, palha para cigarros, 105
Milho, palha para colchões, 100, 145
Milho, pipoca, 106
Milho, plantações, 153, 352
Milho, ração para gado, 114
Milho, turbinas para moer, 164
Mineração, 261-263, 298
Mingau (aveia), 61, 188
Ministério Lafayette, queda, 201
Missa cantada, 107, 178
Missas, 118, 124, 176-191, 274
Mobília, casas, 87-88, 111, 114, 145, 167, 177, 193
Mocotó, 108
Moeda, dinheiro (mil-réis), 83-113, 123-153, 167-217, 238, 246 268, 281, 284, 300-311, 360, 430
Moinho de água (monjolo), 164
Montanhas (serras), 64-72, 77-78, 87, 94, 99, 102, 142, 225, 229, 240, 247, 259, 267, 269, 316, 434, 446, 459, 463
Morcegos, 350-351
Morritt, John M., 223
Morros (colinas), 195-217, 227-236
Mosca tsé-tsé, 444
Mosquitos, 80, 95, 150, 164, 166, 203, 455
Móveis austríacos, 177, 193
Mulas de carga, 66, 79-80, 84, 92, 109, 135, 139, 143, 145, 170, 179, 184, 214, 236, 241, 351
Mulheres e moças, 102, 107-108, 122, 124, 162, 165, 191, 241, 245, 266, 283, 291-292
Mulheres, isolamento, 153, 165, 180-181, 183
Mulheres, negras, 78, 108, 113, 153, 162, 241
Mulheres, no jantar, 187
Mulheres, reclusão, 90
Mulheres, senhoras no jantar, 219
Mulheres, uso de tabaco, 88
Música, 92-93, 107, 112-113, 135,145-146, 172, 177-179, 181-182, 228
Música, bandas, 107, 137, 177-179
Música, cantos, 69, 112-113, 145-146, 181-182
Música, danças, 107, 146, 238
Música, funerais, 162, 177
Música, noites musicais, 145-146
Música, tocando violão, 112-113
Músicos estrangeiros, 69

N

Nabuco, Joaquim, 287
Nativos pobres, presentes, 130
Nativos, boas qualidades, 103, 124, 165
Natureza, estudo, 400
Negros libertos, 284-287
Nhambu, pássaro, 125, 365
Nomes de pessoas, 57-59, 70, 78-79, 83, 95, 97, 103, 117, 125, 135, 168, 171, 186, 190, 198, 201, 211, 216, 223, 226, 242, 287, 364, 460, 463
Novo Testamento, distribuição, 183

O

Ociosidade, 142, 150-153
Óleo de rícino, 210
Olho de vidro, 96, 173
Oliveira, Joaquim Ribeiro de, 168, 173, 174, 175, 178, 180
Onças, 83, 112-130, 353-355
Origem das espécies, 398-407
Orioles (pássaros), 100
Orquídea, uma nova, 447, 451, 453
Orquídeas, 80, 90, 129, 195, 213, 225, 447-448
Ovos, 61, 85, 106, 121, 123, 132, 164, 166, 181, 272, 362-367

P

Pacas, 101, 130, 237, 351-352
Pacas, carne, 101, 130

Palmas em leque (palmeiras), 89, 195, 209
Palmeiras, 75-79, 101, 104, 130, 179, 195-197, 209-215, 237, 402, 447, 457
Pântanos (brejos), 102, 121, 130, 147, 149, 150, 153, 154, 161, 166, 210, 273, 364, 367, 369, 446, 448
Pão de ló
Papagaios, 126, 141, 166, 213, 226, 364-365
Papagaios, carne,126
Paróquias, nomes curiosos, 263-266
Pássaros, 56-90, 105, 126, 128-129, 155, 189, 213, 229, 241-242, 250, 350, 360-367, 402-404, 441
Pássaros, espécies fósseis, 365
Pássaros, ninhos, 105, 141
Pássaros, ninhos de barro, 105
Pássaros, ninhos pendurados, 105
Patriarcalismo (vida patriarcal), 103, 133
Peixe, envenenado, 113
Peixes, 69-78, 91, 109-113, 198, 245-247
Peixes voadores, 69-70
Pepinos, 157-166
Período glacial, 463-464
Pescadores, 198, 273
Pesos e medidas, 296-298
Pêssegos, 156-165
Piada, 249
Pianista, esplêndido, 172
Picadas, 107, 114, 121-125, 141, 149, 158, 164, 176, 194, 267, 402
Pica-paus (pássaros), 128
Pílulas de Cockle, 169
Pimentas, 67, 130, 157, 162, 459
Piqueniques, 185
Pobres, 92, 95, 101, 111, 308-309
Pobreza, 95, 101, 103, 109, 143, 162-163, 174, 176, 186, 191, 236, 271, 309
Poeira, 93, 131, 400
Polidez, 109
Política, 106, 169, 185, 289-293, 309
Política, conservadores, 106, 144, 169, 289-294
Política, liberais, 106, 169, 194, 289-293
Polvilho, biscoitos, 92, 109, 125
Ponchos, 81, 93, 114, 117, 149, 192, 283
Pontes, 80-90, 102, 109, 121, 155, 166, 193, 212, 220, 227
Pontes, tipos, 102, 121, 155, 166, 175, 189
População (povo), 111, 143, 172, 203, 241, 259, 261, 266-284
Pôr do sol, um soberbo, 131, 327
Porcos, 71, 100-106, 143-144, 165
Preguiças, espécies, 360-362
Primavera, 128-134, 365, 432, 455
Pulgas, 95, 141
Pumas, 353-355

Q

Quati, 87, 245, 352-353, 356

R

Ransom, George, 125
Rapaz, termo nativo, 156
Rãs-touro, 130, 142, 370
Rebouças, André, 78, 84, 125, 147, 172, 174
Rede de fibra de palmeira, 130
Religião, 238, 273-274, 294-295, 398, 401
Religião, comungantes, 176-177, 184, 274
Religião, missas e serviços religiosos, 138, 121-124
Religião, observação das horas, 138
Religião, oratórios, 179
Religião, palestra, 401
Religião, preparação para a Semana Santa, 181
Religião, procissão para evitar a varíola, 121-124
Religião, procissões, 121, 124
Religião, proibição da leitura da Bíblia, 276
Religião, quaresma, 176-178, 238, 276
Religião, relacionamento espiritual, 274
Religião, sentimento religioso, 274
Religião, sermões, 118, 138
Religião, sexos separados em igreja, 181
Religião, ver festas religiosas
Religião, zelo protestante, 276
Repartições públicas, 201, 289

Representação política, 201, 209, 263-266, 289-293, 309
Répteis, 367-370
Revolução, 194, 215, 292, 292
Ridículo, situação, 217, 401
Rios intransponíveis, 153, 166
Riquezas, cálculo, 143
Roberts, Richard, 132-148, 165-171
Rola (pássaro), 122, 125
Ross, Leathom Earle, 139, 156
Rum nativo (cachaça), 89, 102-106, 112, 123-126, 132, 158, 182, 353, 443, 454-455

S

Sacerdotes (padres), 107-112, 118, 122, 124, 136-139, 146, 163, 165, 173-183, 187, 190, 238, 274-276
Saguis, 114, 197, 213, 241, 350
Sal, 106, 130, 135, 156-157
Sal importado, 156
Salsaparrilha, 457
Salubridade, 83, 86, 94, 104, 163, 220, 246, 251
Samambaias, 89, 104, 129-133, 161, 189, 447-448
Sapos, 370
Sapos, com chifres, 370
Selos postais, 66, 128, 312
Serras (montanhas), 64-72, 77-78, 87, 94, 99, 102, 142, 225, 229, 240, 247, 259, 267, 269, 316, 434, 446, 459, 463
Sistema decimal, 298-299
Sistemas hidráulicos, 227, 235, 262
Sociedade de Pesquisa Psíquica, 148
Sociedade de Pesquisa Psíquica, um caso para, 148
Solo, ação da vegetação, animais etc., 85, 131, 148, 271, 318-319, 358, 454-459
Souza, Cavalheiro A. Corrêa de, 292
Souza, João Batista de Oliveira e, 89
Souza, Joaquim Gonçalves de, 155, 164
Souza, Joscelino Pacheco de, 173
Suborno, 209

T

Tabaco (fumo), 88, 95, 99, 130, 134, 137, 156, 162, 242, 245, 261, 312, 443, 445, 454
Tabaco, uso por mulheres, 88
Tabaco, vendido por metro, 105, 106
Tamanduás, 357
Tatu, carne de, 124, 125, 130
Tatu, espécies não comestíveis, 165
Tatus, 14, 130, 165, 357-360
Teatros, 95-96, 204, 215, 237
Tecelagem, 101, 165, 170
Telefone, 216, 220, 226, 246
Tempestades, 100-128, 158-189, 240-271, 320, 443-463
Tendas (acampamentos), 91, 106-108, 112-118, 121-126, 130-150, 154-156, 164-167, 183-192, 216, 322, 329, 357-369, 433
Teoria da evolução, objeções, 398-407
Teoria glacial, 463-464
Tintura de Warburg, 169
Tomates, 157, 162, 166
Toucinho, 117, 125, 142, 457
Touradas, 204-207
Trabalhadores, 56, 87, 104, 121, 132, 142, 165-166, 179, 268, 282, 285
Trabalhadores livres, 282, 285
Trabalhos de engenharia, dificuldades, 118, 154, 262, 271
Trabalhos de engenharia, escritório, 84, 167, 172-192, 203-204, 216-226, 230
Trabalhos de engenharia, experiências, 63, 83, 114, 173, 271
Trabalhos de engenharia, levantamentos, 91, 262-263, 271
Trabalhos de engenharia, projetos, 118
Trabalhos de engenharia, projetos aprovados, 118, 178
Tráfego, estradas principais, 79, 89-90, 164-165, 207, 212, 267
Transportes, 71-82, 84-99, 101-110, 116-125, 135-155, 157-164, 167-179, 182-192, 205, 212-216, 241, 283, 350-355-368, 443-458
Trenó, puxado por boi, 104
Trepadeiras (lianas, cipós), 101, 129, 133, 161, 213, 218, 236, 447-448
Tribos selvagens, 112, 294-296
Trovões, 319, 323-341
Tubarões, 70, 245
Tucanos, 99, 126-130, 141, 241, 363-367

U

União e Indústria, companhia, 224
União e Indústria, estrada, 224
Urubus (abutres), 113, 124-126, 364-366
Uvas, 113, 158, 162-166

V

Vaga-lumes, 117, 132, 159, 429
Varíola, 118, 121-124, 211
Varíola, procissão para evitar, 121, 124
Vegetação luxuriante, 460
Veículo, curioso, 179
Velas, 64, 91, 137-143, 177-183, 249
Vendedores itinerantes, 153
Vespas, 83, 125, 132 150, 402, 432
Vestuário (roupas), 90, 107, 139, 162, 192, 205
Vestuário, secagem das roupas, 90, 141, 155, 162, 216
Vestuário, calções de couro, 104, 109
Vestuário, roupas de lã, 192
Vida doméstica, 113, 153, 162, 167
Vinho, 67, 81-88, 95-109, 111, 125, 167, 182, 186
Vinho, branco português, 67, 111, 123-125
Vinho, nativo, 249
Visita, bispos, 266

TOPONÍMICO

A

Abrolhos, farol (Bahia), 72
Acarapi, 284
África, 69, 279-295, 357, 434
África do Sul, 434
Alagoas, 57, 260
Almas da Barra do rio das Velhas (hoje Barra de Guaicuí), 265
Alsace-Lorraine, rua (Bordeaux/França), 63
Amazonas, 259, 285, 296, 301, 351, 366, 403, 456
Amazonas, rio, 78, 242,
Amazonas, vale, 460
América, 148, 407, 455
América do Norte, 156, 434
América do Sul, 70, 350-357, 403, 429-434, 454
Amsterdam (Países Baixos), 431
Andes (Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia, Equador, Peru, Venezuela), 319, 404
Antilhas, 69
Antofagasta (Chile), 203
Aqueduto, rua (Rio de Janeiro), 228
Argentina, 125, 309
Ásia, 357, 434
Atalaia, 316
Austrália, 251, 262, 295, 434

B

Babilônia, morro (Rio de Janeiro), 209
Baependi, 261, 454
Bahia, 57, 69, 204, 231-233, 240-243, 258-266, 275, 316, 350-354, 361, 364, 431, 458-460
Barbacena, 57, 93, 106, 113, 169, 259-261, 316-319, 368, 454, 459
Barra do Espírito Santo, 264
Barra do Piraí, 81
Barroso, 350
Battersea, parque (Londres/Inglaterra), 208, 237
Baturité, 284
Bel Île (França), 251

Belém (Portugal), 249
Belém, 242
Belém, torre (Lisboa/Portugal), 65-66
Berlim (Alemanha), 362, 401
Bettwsy-coed, vale (hoje Betws-y-Coed) (Clwyd/País de Gales), 133
Bico do Papagaio, montanha (Rio de Janeiro), 78, 226
Birkenhead (Inglaterra), 196, 251
Biscaia, baía (França, Espanha), 250
Boa Morte, serra (Minas Gerais), 193
Boa Vista, fazenda (Minas Gerais), 89, 134, 150
Boa Vista, ilha (Cabo Verde), 248
Boa Vista, morro (Rio de Janeiro), 197
Bom Jardim, 363
Bom Senhor Jesus do Bom Jardim, 275
Bordeaux, 61-63, 71, 250
Bosworth, parque (Market Bosworth/Inglaterra), 226
Botafogo, bairro (Rio de Janeiro), 79, 195-197, 208, 212-217, 229, 235, 241, 322, 365, 370
Botafogo, baía (Rio de Janeiro), 195-208
Bretanha (França), 230
Brumado do Suaçuí (hoje Entre Rios de Minas), 88-99, 115-130, 134-150, 155-165, 167-193, 203, 238, 316, 324-350, 444-455
Brumado, estação (Minas Gerais), 165
Buarque Macedo, estação (Minas Gerais), 193
Buenos Aires (Argentina), 97, 268

C

Cabo Frio, 77
Cabo Verde, arquipélago, 70, 248, 253
Cachoeira, rio (Minas Gerais), 187
Caiuaba, rio (Minas Gerais), 187
Cajuru (hoje Carmo do Cajuru), 98-112
Calcutá (Índia), 320
Califórnia (Estados Unidos), 262
Camapuã, povoado (Minas Gerais), 329, 455
Camapuã, rio, (hoje Camapuã) 364, 446-448
Camapuã, vale (Minas Gerais), 151, 446
Campo da Aclamação, jardim (Rio de Janeiro), 237
Campo Novo, fazenda (Minas Gerais), 100
Canária (Grande Canária) (Canárias/Espanha), 68, 69
Canárias, arquipélago (Espanha) 68, 69, 249, 253
Capel Curig (Clwyd/País de Gales), 248
Capela Nova, 100, 103, 114
Capela Nova de Nossa Senhora do Desterro (hoje Desterro de Entre Rios), 100
Carandaí, 80-97, 135, 196, 267
Carandaí, estação, 80, 267
Carioca, aqueduto (hoje Arcos da Lapa) (Rio de Janeiro), 228, 236
Carioca, largo (Rio de Janeiro), 229
Carioca, rio (Rio de Janeiro), 228
Carlsbad (Karlovy Vary) (República Checa), 156
Carrapatos, fazenda, 443
Carril (Espanha), 64-65, 253
Carril, baía (Espanha), 64
Casa Grande, 116, 119, 142-147, 188, 322, 446
Cascatinha, cachoeira, 223-224
Castelo, morro (Rio de Janeiro), 207, 217, 233
Cayenne (Guiana Francesa), 429
Ceará, 244-246, 284-304, 458
Champéry, vale (Suíça), 223
Cheyne Walk, estrada (Londres/Inglaterra), 208
Chile, 65, 242, 309
China, 128, 156, 434
Cobras, ilha (Rio de Janeiro), 207
Coligny, forte (Rio de Janeiro), 230
Colômbia, 458
Colorado (Estados Unidos), 89
Conceição, morro (Rio de Janeiro), 216
Conde d'Eu, praça (Ibiraçu/Espírito Santo), 241, 269
Conselheiro Lafaiete (antes Queluz), 77, 79, 82, 83, 84, 85, 87, 94, 116, 153, 192, 193, 267, 269, 460
Constituição, largo (hoje Praça Tiradentes) (Rio de Janeiro), 78
Corcovado, morro (Rio de Janeiro), 77-79, 196-199, 208-218, 227-241, 350, 459-465
Córrego Seco, rio (Petrópolis/Rio de Janeiro), 220
Cosme Velho, rua (Rio de Janeiro), 217
Cristiano Otoni, estação (Minas Gerais), 83, 174, 193, 269
Cruzeiro, 269
Curtume, fazenda (Minas Gerais), 150, 266
Curtume, serra (Minas Gerais), 56, 99, 116-121, 133-138, 151, 187, 322, 365, 446

D

Diamantina, 259-266
Direita, rua (Rio de Janeiro), 234
Doce, rio (Espírito Santo, Minas Gerais), 259-261
Dois Irmãos, morro (Rio de Janeiro), 214
Dom José, praça (hoje Praça do Comércio) (Lisboa/Portugal), 66
Dom Pedro II, praça (Petrópolis/Rio de Janeiro), 208, 220
Dordogne, rio (França), 62
Duque de Caxias, praça (hoje Largo do Machado) (Rio de Janeiro), 212

E

Ega (hoje Tefé), 366, 438
Entre Rios de Minas (antes Brumado do Suaçuí), 88-99, 115-130, 134-150, 155-165, 167-193, 203, 238, 316, 324-350, 444-455
Equador, 60, 71, 128, 246, 318, 434
Espinhaço, serra (Minas Gerais), 259-260
Espírito Santo, 72, 231-233, 258, 261, 278, 320, 361
Espírito Santo da Forquilha, 264
Espírito Santo dos Coqueiros, 264
Estados Unidos da América, 77, 215, 263, 302, 354, 459
Estrela, serra (Portugal), 225
Europa, 83, 176, 190, 231, 248-251, 260-262, 278, 305, 434

F

Falkland (Malvinas), arquipélago, 70-71
Farani, rua (Rio de Janeiro), 197
Fer (Hierro), ilha (Canárias/Espanha), 68
Fernando de Noronha, arquipélago (Pernambuco), 71, 153, 242-254
Finisterre, cabo (Espanha), 64
Flamengo, praia (Rio de Janeiro), 195
Fogo, ilha (Cabo Verde), 248
Fortaleza, 284
Fortaleza de Urusumirim (Rio de Janeiro), 233
Fortaleza, pedra (Nova Venécia/Espírito Santo), 194, 351, 460
França, 169, 188, 223, 230-234, 259, 302, 308, 320
Frutuoso, fazenda (Minas Gerais), 108-112
Fuerteventura, ilha (Canárias/Espanha), 68

G

Galícia (Espanha), 65
Garonne, rio (França), 62-64
Gávea, montanha (Rio de Janeiro), 209-214, 227, 459
Genebra (Suíça), 231
Genebra, lago, 223
Gênova (Itália), 231
Gironde, estuário (França), 61-62
Glória, morro (Rio de Janeiro), 195, 208
Goiás, 259, 266, 269, 281, 358
Gomera, ilha (Canárias/Espanha), 68
Governador, ilha (Rio de Janeiro), 196, 208, 217-218
Grande Canária (Canárias/Espanha), 68-69
Grande, ilha (Rio de Janeiro), 214
Grande, rio (Minas Gerais, São Paulo), 259-269
Great Orme's Head, cabo (Clwyd/País de Gales), 60
Greenwich, bairro (Londres/Inglaterra), 270
Grota Funda, serra (Rio de Janeiro), 219-225
Guanabara, baía (Rio de Janeiro), 227-251, 321, 362
Guaratiba, bairro (Rio de Janeiro), 234
Guiana Francesa, 442
Guianas, 352-361

H

Hierro (Fer), ilha (Canárias/Espanha), 68
Himalaia, cordilheira (Butão, China, Índia, Nepal, Paquistão), 434

Holyhead (Gwynedd/País de Gales), 60
Honfleur (França), 231
Horn, cabo (Chile), 69, 71

I

Imperatriz, rua (Petrópolis/Rio de Janeiro), 220-223
Índia, 148, 249, 271, 282, 310, 434, 455
Inglaterra, 56-83, 94-128, 138-150, 157-176, 183-190, 204-219, 226-236, 246-249, 270-302, 431, 447, 457
Itália, 95, 231
Itamarati, rio (Petrópolis/Rio de Janeiro), 223-224

J

Jamaica, 455
Japão, 434
Jardim Botânico, bairro (Rio de Janeiro), 75, 79, 209, 214, 229, 235-236
Jequitaí, rio (Minas Gerais), 260
Jequitinhonha, rio (Bahia, Minas Gerais), 259-260
Juiz de Fora, 57, 96, 169

L

Lafaiete (antes Queluz), 77, 79, 82, 83, 84, 85, 87, 94, 116, 153, 192, 193, 267, 269, 460
Lafitte, castelo (França), 62, 250
Lagoa Dourada, 137
Laje, ilha (Rio de Janeiro), 230
Lancashire (Inglaterra), 156, 356, 443, 455
Land's End, cabo (Cornualha/Inglaterra), 60
Lanzarote, ilha (Canárias/Espanha), 68
Laranjeiras, bairro (Rio de Janeiro), 195-196, 210-212, 217, 227-229, 235
Laranjeiras, rua (Rio de Janeiro), 212
Le Havre (França), 230
Leicestershire (Inglaterra), 226
Leões, largo (Rio de Janeiro), 79
Les Ormonts, vale (hoje Ormont-Dessus) (França), 223
Lisboa (Portugal), 65-69, 83, 169, 249-255, 281
Little Russell, rua (Londres/Inglaterra), 431
Liverpool (Merseyside/Inglaterra), 60-61, 196, 249-255
Londres (Grande Londres/Inglaterra), 59, 70, 85, 95, 138, 148, 155, 164, 169, 235, 270-271, 295, 304, 372, 407, 430-431, 437-448
Longmynd, planalto (Long Mynd) (Shropshire/Inglaterra), 459

M

Madri (Espanha), 65
Maio, ilha (Cabo Verde), 248
Mancha, canal (Inglaterra, França), 60
Manchester (Grande Manchester/Inglaterra), 66, 158
Mangaí, rio (Minas Gerais), 260
Mantiqueira, serra (Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo), 81, 259-269, 465
Mar Vermelho, golfo (Arábia Saudita, Djibuti, Egito, Eritreia, Iêmen, Jordânia, Sudão), 150, 238
Maranhão, 216, 246, 456
Margaux, castelo (França), 62
Mariana, 266
Marselha (França), 61
Mata, fazenda (Minas Gerais), 103, 113
Mato Grosso, 259, 358
Mauá, bairro (Magé/Rio de Janeiro), 218-219
Mesa, montanha (hoje Pedra da Gávea) (Rio de Janeiro), 209-214, 227, 459
Minas Gerais, 56-57, 81, 98-100, 155, 184, 194, 215, 220, 258-261, 263, 266, 270, 276, 295, 316-348, 352, 355-365, 372, 376, 383, 387, 404, 407, 430, 438, 448, 453, 465
Monte Verde, 281
Mucuri, rio (Espírito Santo, Minas Gerais), 259-260
Munique (Baviera/Alemanha), 407

N

Natal, 246
Neilgherries, serra (hoje Nilgiris) (Índia), 463
Neuwied (Renânia-Palatinado/Alemanha), 351-364
New Brighton, balneário (Merseyside/Inglaterra), 251
Niterói, 196, 204-214, 233, 459
Niterói, morro, 195-196
Nossa Senhora Aparecida da Estiva, 264
Nossa Senhora da Abadia do Porto Real de São Francisco, 264
Nossa Senhora da Assunção do Chapéu d'Uvas, 264
Nossa Senhora da Boa Viagem do Curral del-Rei, 264
Nossa Senhora da Cachoeira do Brumado, 264
Nossa Senhora da Conceição das Raposas, 264
Nossa Senhora da Conceição de Catas Altas do Mato Dentro, 264
Nossa Senhora da Conceição do Capivari, 264
Nossa Senhora da Conceição do Laranjal, 264
Nossa Senhora da Conceição do rio Verde, 264
Nossa Senhora da Meia Pataca, 264
Nossa Senhora da Venda Nova, 264
Nossa Senhora das Dores do Monte Alegre, 264
Nossa Senhora das Necessidades do rio do Peixe, 264
Nossa Senhora do Bom Conselho dos Serranos, 264
Nossa Senhora do Patrocínio da Marmelada, 264
Nossa Senhora do Rosário da Pimenta, 264
Nossa Senhora do Rosário do Sumidouro, 264
Nossa Senhora dos Prazeres do Milho Verde, 264
Nossa Senhora Madre de Deus do Angu, 264
Nossa Senhora Mãe dos Homens da Bagagem, 264
Nossa Senhora Mãe dos Homens de Turvo, 264
Nova Cintra, morro (Rio de Janeiro), 195
Nova York (Estados Unidos), 214-216, 463
Novo, rio, 454

O

Olhos d'Água, 57, 137, 147, 175
Olhos d'Água, serra (Minas Gerais), 88, 322
Orano, rua (Bordeaux/França), 63
Órgãos, serra (Rio de Janeiro), 77-94, 207-227, 430-459, 465
Ouro Branco, serra (Minas Gerais), 173, 193, 316
Ouro Preto, 83-82, 172-193, 261-296, 316, 458
Ouro, rio (Rio de Janeiro), 236, 304
Ouvidor, rua (Rio de Janeiro), 235-236, 360

P

Paineiras, morro (Rio de Janeiro), 228
Paineiras, 213
Palácio do Governador (Rio de Janeiro), 234
Palácio Imperial (Petrópolis/Rio de Janeiro), 220
Palácio Real (Rio de Janeiro), 66
Palma, ilha (Canárias/Espanha), 68
Palmas, morro (Rio de Janeiro), 231
Panamá, 71
Pão de Açúcar, morro (Rio de Janeiro), 77, 196-198, 208-209, 214, 218, 225-233, 459
Papagaio, pico (Rio de Janeiro), 78, 226
Paquetá, bairro (Rio de Janeiro), 362
Pará, 242, 246, 259, 301, 364, 456
Pará, rio (Minas Gerais), 99-111, 169, 173, 187, 194, 260, 351, 446
Pará, vale (Minas Gerais), 267-269, 357-361
Paraguai, 103, 301-303, 314, 352-359, 442
Paraguai, rio (Argentina, Bolívia, Brasil, Paraguai), 354
Paraíba do Sul, rio (Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo), 194, 220, 259, 281, 459
Paraíba, rio (Paraíba), 258-268
Paraíba, vale (Rio de Janeiro, São Paulo), 194, 223
Paraibuna, estação (Minas Gerais), 194, 267
Paraibuna, rio (Minas Gerais, Rio de Janeiro), 194, 351
Paraibuna, vale (Minas Gerais, Rio de Janeiro), 194, 223
Paraná, rio (Argentina, Brasil, Paraguai), 78, 259-260, 268
Paraopeba, 85-105, 108-115, 155
Paraopeba, estação (Minas Gerais), 82-83, 174, 187
Paraopeba, rio (Minas Gerais), 90, 173-193, 269, 295, 446-448
Paraopeba, vale (Minas Gerais), 173, 458
Parati, 214
Pardo, rio (Bahia, Minas Gerais), 259-260
Paris (França), 169, 287, 387, 407, 431, 457
Passeio Público, parque, 78, 208, 236-237
Pauillac (França), 61-62, 249-255
Paulo Afonso, cachoeira (Minas Gerais), 57, 260

Pedra Branca, fazenda (Minas Gerais), 99, 115
Pedregulho, morro (Rio de Janeiro), 227
Penedo, 260
Pen-y-Gwryd, vale (Gwynedd/País de Gales), 223, 248
Pernambuco, 91, 141, 194, 242-246, 255-270, 321, 352-361
Perthshire, condado (Escócia), 223
Peru, 457
Petrópolis, 57, 163, 212-213, 217-226, 251, 279-281, 348, 459-464
Piabanha, rio (Petrópolis/Rio de Janeiro), 220-224
Pitangui, 56, 83, 91, 104-134, 170-175, 262-281, 351, 355, 368, 446, 458-460
Pitcairn, ilha (Reino Unido), 203
Pompeia, 197-209
Porto Novo (hoje Além Paraíba), 268
Portugal, 169, 232-234, 261, 271
Praia Vermelha, 232
Prata, rio (Argentina, Uruguai), 459
Presídio, 268
Princesa Dona Januária, rua (Petrópolis/Rio de Janeiro), 220
Q
Queensbury (West Yorkshire/Inglaterra), 226
Queluz (hoje Conselheiro Lafaiete), 77, 79, 82, 83, 84, 85, 87, 94, 116, 153, 192, 193, 267, 269, 460
Quitandinha, rio (Petrópolis/Rio de Janeiro), 220-223

R

Raiz da Serra (Rio de Janeiro), 218
Ré, ilha (França), 62
Retiro do Bulhões, cascata (Petrópolis/Rio de Janeiro), 224
Recife, 242
Regent, rua (Londres/Inglaterra), 235
Reino Unido, 291
Reno, vale (Alemanha, Áustria, França, Liechtenstein, Países Baixos, Suíça), 223
Riachuelo, rua (Rio de Janeiro), 227-228
Rio de Janeiro, 57, 68, 77, 93-106, 130, 138-141, 174-195, 230-235, 249, 258, 266-275, 281-301, 316-322, 331, 345, 350-360, 362-402, 404-407, 454-465
rio do Peixe (hoje Piracema), 101, 114
rio do Peixe, vale, 102
Rio Pomba, 261, 454
Roca, cabo (Portugal), 65
Rochelle, comuna (França), 231
Rodrigo de Freitas, lagoa (Rio de Janeiro), 79, 214
Rolland, castelo (França), 251
Roma (Itália), 274
Rússia, 302, 443

S

Sabará, 267-269
Sal, ilha (Cabo Verde), 248
Sandy (Malvinas), 71
Santa Ana de Capivari, 264
Santa Bárbara do Monte Verde, 264
Santa Catarina, 97
Santa Cruz (Canárias/Espanha), 68
Santa Luzia, 267
Santa Teresa, rio (Rio de Janeiro), 236
Santa Teresa, bairro (Rio de Janeiro), 95
Santa Teresa, morro (Rio de Janeiro), 212, 227
Santa Teresa, reservatório (Rio de Janeiro), 228
Santiago (Chile), 68
Santiago, ilha (Cabo Verde), 248
Santo Amaro (hoje Queluzita), 88-90, 118, 121, 136-139
Santo Antônio, 275
Santo Antônio da Olaria, 264
Santo Antônio dos Patos (hoje Patos de Minas), 175, 269
Santo Antônio, ilha (Cabo Verde), 247-248
Santo Antônio, rio (Rio de Janeiro), 227
Santo Francisco das Chagas do Monte Alegre, 265
Santo Francisco de Assis do Capivara, 264
Santo Gonçalo de Catas Altas da Noruega, 265
Santo Sebastião dos Lençóes, 264
Santos, 57, 204, 232
São Caetano, 93, 187
São Cristóvão, bairro (Rio de Janeiro), 227-228, 235
São Francisco, 284
São Francisco, baía (Estados Unidos), 77
São Francisco, rio (Alagoas, Bahia, Minas Gerais, Pernambuco, Sergipe), 57, 78, 99, 111-112, 258-260, 361-363, 459
São Francisco, vale (Alagoas, Bahia, Minas Gerais, Pernambuco, Sergipe), 111, 358-360
São George, canal (Irlanda, País de Gales), 65
São Gonçalo do Pará, 108-111
São João del-Rei, 106, 113, 175, 267-270, 350, 458
São Nicolau, ilha (Cabo Verde), 248
São Paulo, 81, 214, 258-259, 266, 269, 316, 351, 442
São Pedro e São Paulo, arquipélago, 71, 80
São Sebastião da Cachoeira Alegre, 264
São Vicente, vila (Madeira/Portugal), 141, 247-255
Sapecado, fazenda (Minas Gerais), 103
Saudades, gruta (Petrópolis/Rio de Janeiro), 223
Sergipe, 57, 260
Shropshire, condado (Inglaterra), 459
Sintra (Portugal), 65, 249
Snowdon, montanha (Yr Wyddfa) (País de Gales), 223
South Kensington, bairro (Londres/Inglaterra), 129, 362, 372, 407
Southampton (Hampshire/Inglaterra), 169
St. Estephe, comuna (França), 62
St. Julien, comuna (Saint-Julien-en-Genevois) (França), 62
Suaçuí (hoje São Brás do Suaçuí), 88-89, 192
Suíça, 223, 231

T

Talence, bulevar (Bordeaux/França), 63
Tâmisa, rio (Inglaterra), 208
Teatro Haymarket (Londres/Inglaterra), 95
Teatro Imperial Dom Pedro II (Rio de Janeiro), 95
Teatro São Luiz (Rio de Janeiro), 215
Tejo, rio (Portugal), 65-67, 249
Tenerife, ilha (Canárias/Espanha), 68
Tenerife, pico (Canárias/Espanha), 68
Tijuca, bairro (Rio de Janeiro), 78, 226-227, 233-235
Tijuca, morro (Rio de Janeiro), 226-228
Tijuca, serra (Rio de Janeiro), 217-218, 227
Tondu, bulevar (Bordeaux/França), 63
Torre de Belém (Lisboa/Portugal), 65-66
Três Corações, 269
Três Corações de Jesus, 264

U

Uruguai, 309-314

V

Valparaíso (Chile), 68
Valparaíso, embarcação, 209, 226-229, 240-254, 350
Velhas, rio (Minas Gerais), 57, 260, 265-269
Venezuela, 458
Verde Grande, rio (Bahia, Minas Gerais), 260
Verde, rio (Minas Gerais), 269
Vertentes, serra (Minas Gerais), 259-260
Vigo (Espanha), 64-65, 253
Vila-da-Barra-do-Rio-Grande, 360
Virgínia (Estados Unidos), 454
Vista Chinesa, parque (Rio de Janeiro), 227
Vitória, 240-241
Viúva, morro (Rio de Janeiro), 195, 198, 208, 236
Volga, rio (Rússia), 260
W
Westfália, rua (Petrópolis/Rio de Janeiro), 223
Westminster, bairro (Londres/Inglaterra), 204
Wicklow, cordilheira (Irlanda), 251
Wolf Rock, farol (Cornualha/Inglaterra), 60

X

Xarayes, lago (Xaraiés) (rio Paraguai), 351

Y

Yorkshire (Inglaterra), 455
Yr Wyddfa, montanha (Snowdon) (País de Gales), 223

Rio 2
8-1 919

MAPPA

de todas

AS ESTAÇÕES DAS ESTRADAS DE FERRO

DAS

Provincias de S. Paulo, Rio de Janeiro e Minas.

BIBLIOTECA NACIONAL Rio de Janeiro
2,1320,00 AA
1354

1880

Escala de 1:1000000.

INDICAÇÕES

	Bitola larga	Bitola estreita
Estradas de Ferro da Provincia de S. Paulo		
do do Rio de Janeiro e Minas		
Distancia de São Paulo a Corte pela Estrada de Ferro	497	
do do Santos	90	

S. Simão · Araraquara · S. Rita · Porto de João Ferreira · Casa Branca · Carmo · Belem do Descalvado · Carlos de Pinhal · Pirassununga · Sertãosinho · Caiuby · S. João de Boa Vista · Itaquary · Leme · Guabiroba · Matto Secco · Espirito Santo do Pinhal · Rio Claro · Araras · Corgeiros · Limeira · Mogy Guassú · Mogy Mirim · Tatú · Piracicaba · S. Barbara · Rio das Pedras · Ressaca · Jaguary · Cavalheiros · Pedreira · Amparo · Mombuca · Boa Vista · Serra Negra · Tuquinho · Capivary · Campinas · Anhumas · Tietê · Monte Mor · Indaiatuba · Italicy · Jundiahy · Louveira · Bethlem · Bragança · Bacaetava · Ytanhaem · Villeta · Sorocaba · Ipanema · Campo Largo · S. Roque · Guayo · Ibiraçoiba · Ibiraçoiba · Cabreuva · Perús · Agua Branca · Norte · Barra · Braz · S. Paulo · Lagoa · Mooy das Cruzes · Guarehema · S. Bernardo · Rio Grande · Alto da Serra · Raiz da Serra · Cubatão · Santos · S. Vicente · Ilha Grande · I. de Sebastião · Ilha Queimada Grande · Ilha dos Alcatrazes

Estrada de Ferro de Sorocabana · Estrada de Ferro de Ituana · Estrada de Ferro Bragantina · Estrada de Ferro de Santos a Jundiahy · Estrada de Ferro de Mogyana · Estrada de Ferro de S. Paulo e Rio de Janeiro · Estrada de Ferro D. Pedro II

Ouro Preto · Marianna · Queluz · Angra Teixeira · S. Amaro · S. João · S. João del Rei · S. José · S. José d'El Rei · Carandahy · Capella Nova · N. S. da Gloria · Barroso · Barbacena · Entre Rios de Minas · Estrada de Ferro de Oeste de Minas · Entre Rios · Ilha · João Ayres · Mantiqueira · João Gomes · Chapeo d'Uvas · Bem Fica · Rio Novo · Juiz de Fora · Retiro · Cedofeita · Mathias Barboza · Rio Preto · S. Delfina · Rio Bonito · Flores · Prado · Valença · Estrella · Vassouras · Espirito Santo · Parahybuna · S. José · Socego · Silveira Lobo · Mar d'Hespanha · Serraria · Estrada de Ferro União Valenciana · Estrada de Ferro de Commercio e Industria · Estrada de Ferro D. Pedro II · Ramal do Porto Novo · Ramal de S. Paulo · Conceição do Turvo · Dores do Turvo · S. José do Barreiro · Coimbra · S. Rita do Turvo · D. Geraldo · Presidio · Ubaense · Ubá · Diamante · Pomba · Paraopeba · Pomba · S. Antonio · D. Eusebia · Sinimbú · Rio Novo · Porto de S. Antonio · Catacuazes · D. João Nepomuceno · Roça Grande · Vista Alegre · Leopoldina · Campo Limpo · Providencia · Recreio · S. Isabel · S. Luiz · Volta Grande · Mar · Mercurios · Pirapetinga · Sicas · S. Helena · S. Pedro · Entre Rios · Santa Fé · Santa Rita · Santa Luzia · Guapy Mirim · Porto Novo do Cunha · Cangaiba · Concordia · Desengano · Conservatorio · Casal · Ubá · Barreiras do Sul · Entre Rios · Santa Fé · Espirito Santo

Map of the
WATERSHEDS AND UPPER VALLEYS OF THE RIVERS
PARÁ, PARAOPÉBA, AND DAS VELHAS
(Corrected according to our Surveys)

H.C.DENT.

English Miles 0 5 10 20 30

Kilomètres 0 5 10 20 30 40 50

Natural Scale, 1:908,000.

2° 1°

20°

21°

S.LUZIA
S.Antonio do R.Abaixo
Rocas Novas
Cuiaba
Morro Vermelho
SABARÁ
Rapoxos
Congonhas
Ste Rita
S.Antonio do R.Acima
Palmita
Bahú
Rio das Pedras
S.Gonçalo do Monte
Casa Branca
S.Bartholomeu
MARIANNA
OURO PRETO
Caxoeira
Bassão
Lagoa do Netto
Ouro Branco
Soledade
Passagem
Congonhas do Campo
Ste Cruz
Redondo
Suassuhy
LAFAYETTE (Queluz)
Ste Amaro
CHRISTIANO OTTONI (Paraopeba)
Pinheiros
S.Caetano
Ventania
Boa Vista
CARANDAHY
Ressaquinha
Prados
Lagoa Dourada
Pedra Branca
Fortuna
Capella Nova
BRUMADO
Salto Grande
Campo Grande
Passa Tempo
Rio de Peixe
Piedade
Boa Morte
S.Gonçalo
Ermida
Contenda
Mariana
Aranha
Rio Manso
Itatiaya-assú
Morro e porto do Calhão
Cajurú
Espirito Santo
Ermida do Campo
Os Freitas
Matheus Leme
Matta de Cego
Pará
Capella Nova
Nunes
Cap.n Luiz
Guarda
Onça
Ponte de Miranda
PITANGUI
Barra do Lombarry
R. dos Paulistas
Saudade
Conceição
Ribeirão
S.Francisco de Paulo
OLIVEIRA
Rio Jacaré
Caxambu
Candade
Imparo
S.João Baptista
S.Thiago
Lago
Ste Rita do Rio Abaixo
Conceição da Barra
S.Gonçalo
Bom Jesus dos Perdões
Santos
Macaio
Ibituruna
Palmital
N.S. do Nazareth
LAVRAS
Rosario
Rio das Mortes
S.JOÃO D'EL REI
S.JOSÉ D'EL REI
Rio das Mortes Pequena
Rio das Mortes Barroso
BARBACENA
SITIO
Itheos
Rio Verde
Japão
ITAPECERICA (Tamanduá)
Villella
Porto do Picapau
Vargem
Serrinha
Rio Manso
Rio das Velhas
Rio Paraopeba
Rio Macombas
Rio D.Pinto
Rio Paraopeba
Rio Paraopeba
Rio Paraopeba

Coleção
MINEIRIANA
Série Clássicos

FJP
FUNDAÇÃO
JOÃO PINHEIRO